

Pianhy, no Brejo, na Vargem, e outros pontos, é verdade que os grupos inimigos vão minando e se dissolvendo cada dia; mas esta crise favorável pode ainda ser perdida como o foi outra em Setembro; em todo caso teremos ainda de sofrer por longo tempo os incalculáveis males inerentes à occupação militar; e momentaneamente ameaçados d'uma recessão que pretende substituir os crimes, horribes sim, mas como espontaneos e nascidos só do nosso estado excepcional e de crise, por crimes artificiaes, friamente premeditados, gerados em odio e má fé, pelo espirito de partido e de vingança. Em vão, nos dias do grande perigo, parecia que uma feliz unanimidade reinava na parte mais illustrada da população; em vão os promotores das divisões, em vão esses delatores infatigáveis, patronos da policia secreta, se retrahiram então ao silencio; aquillo era meio, paixão baixa e vergonhosa, e não sacrificio sublime e desinteressado dos proprios resentimentos. Desastrosos communs (que os rebeldes a ninguém poupam) chamavam à reconciliação todos os prejudicados, e um perigo universal nos ordenava a união e alliança. Mas não o querem assim os homens ambiciosos de um predomínio exclusivo; no seu aceno, e mediante as suas perdidas manobras, e a constancia despejada das suas delações tantas vezes convencidas de impostura, lá se vão por toda a parte derramando as suspeitas, as desconfianças, e os odios; a columna não respeita nem a posição elevada de cidadãos honestos, a quem a sua fortuna, uma carreira honrosa, doutrinas não equivocadas em favor da ordem, serviços, fidas gloriosas, parecem preservar da mais atrevida maledicencia. E por esta maneira (exclama eloquentemente Benjamin Constant, no seu opusculo sobre as reacções, onde bebemos muitas destas ideas), é por esta maneira que se accumulam causas de desgraças, todos os laços se quebram, todos os partidos tornam-se igualmente culpados, não ha limite que se não transponha, não ha nada que se não desmante, os crimes são punidos por outros crimes; o sentimento da innocencia, que faz do passado o fador do porvir, esse sentimento desaparece de toda parte, e uma geração inteira, pervertida pelo arbitrario, é arremanhada para longo das leis por todos os motivos, pelo temor e pela vingança, pelo furor e pelo remorso.

"Eu não creio (continua o mesmo publicista) nestas supostas conspirações, e nessa profunda cumplicidade, a favor das quaes o odio aguçou novos punhais, no mesmo momento em que se fazem pedacos os punhais antigos. Creio sim, mas é na ignorancia obstinada, na cega e enganadora segundade, no despreso das luzes, e na aversão ao talento, signaes característicos e inseparáveis de um poder sem limites, ou d'aquelles que o ambicionam exclusivamente. Mas os nossos delatores creem com fé robusta na potencia da eplumina perseverante, sabem manejar e conduzir a seus fins a ignorancia presumptiva, e como a análise os rala, e a satisfação d'ella é a sua primeira necessidade, que lhes importa o sacrificio do talento e da instrucção, que lhes vai embarcarem se tranquilos e seguros num mar de desconhecido, quando até, se for preciso, elles excitaram as tempestades?

Como os retores d'outros tempos, e d'outros paizes, os nossos aborrecem sobre tudo os seus adversarios honestos e

moderados; por quanto a reputação e a virtude lhes quebra os olhos, o seu furor redobra á proporção que se mallogram as ciências que armam para sacrificá-las, e para elles maior que o assassinato, a pillagem, e o incendio, é o crime de ter uma opinião, e de sabê-la defender com firmeza e devoção. Vede os contra-revolucionarios inglezes de 1660 como vociferavam! Os Presbyterianos foram os primeiros que accenderam a guerra, os primeiros que concitaram o povo á desordem. Zelo, influencia, luzes e talentos, tudo empregaram para produzi-la, e si por desgraça, protestaram com uma voz desacreditada contra os excessos com que não contavam, e de que foi victima a parte da sociedade, desculpa é essa que não pode aproveitar aos verdadeiros auctores dos nossos males. Alguns serviços haõ prestado, assim é, nestes ultimos tempos tardios e tão arrependimento! não vem isso de sincera afflicção que tenham á causa da ordem, mas de haverem fallado os seus calculos, e por que também foram victimas dos furores que excitaram? Ouçamos os contra-revolucionarios francezes de 1794, a sua linguagem é a mesma: "Todos os que prestaram o juramento do jogo da pella trahiram, sem excepção, o estado; foram culpados de lesa magestade, e como taes deviam ser julgados. Já para elles não ha arrependimento que os possa absolver; não é aos Marats, aos Dantons, aos Billauds que se deve tomar conta de tantos horrores e calamidades, mas aos constitucionaes, aquelles enjos nomes figuraram nos principios da revolução. O que seria da França, ó grande Deus, se as atrocidades dos jacobinos houvessem de fazer esquecer e perdoar os crimes dos constitucionaes!"

Quem no ler estas furibundas declamações de tempos tam remotos, se não espantará da perfeita analogia que ha entre ellas e as calculadas provocações da Revista, e seus commoços? Para elles é crime maior ter feito opposição constitucional ás preferencias, do que ter sido atacado com mão armada, por quanto o ultimo crime é resultado do primeiro; para elles a linguagem vehemente da opposição contra a anarchia, e os serviços de muitos dos seus membros, não são senão effeitos de um tardio arrependimento que imaginam, já não basta; e no ardor do seu zelo sanguinario, empunhados em mostrar que a razão sufficiente dos incendios, e matanças praticadas hoje, se acham nesta e naquella frase, escripta ha 15 ou 20 mezes, e illos que se esqueçam dos assassinos e incendiarios! Esquecem-nos? não, elles perdoam a taes monstros, acariolam-nos, investem-nos em força e auctoridade, citam-nos como provas indetectiveis, honram as suas palavras como oraculos, sob a simples condição de prestarem os seus nomes para se auctorisarem calumnias, e de prestarem os seus braços ensanguentados para se derramar mais sangue. Estranha cegueira é a da vingança (exclama o genio contristado com a observação destas deploraveis tendencias das reacções) extranha vingança, que perdão os homens que a excitaram, com tanto que elles a dirijam não só contra os instrumentos dos seus crimes, mas sobre tudo contra adversarios generosos, que os desaprovaram energeticamente. E não diremos: estranho legalismo é o d'aquelles que se vão identificado com os Coques, Balanços, e Mulunguetas, e certo

se identificarão com o proprio Raimundo Gomes, se a occasião se apresentar! Estranho legalismo o que não só perdão a homens de sangue, mas se allia com elles, e dessa alliança busca tirar provas para condemnar os homens puros! Como se tam infames manobras podessem illudir a ninguém e não inspirassem antes um profundo horror para essas reacções, cuja justiça monstruosa alcança apenas alguns culpados, fere a muitos innocentes, e eterniza o reinado do crime, assegurando a impunidade aos mais depravados dos criminosos, por que estão sempre promptos a selo em todos os sentidos!

Por ventura serão tidos por exagerados os nossos presentimentos, e ainda mais, a idea que fazemos do nosso actual estado; mas ali estão para justificar-nos essas eternas accusações, essas obstinadas denuncias com que a facção mancha as columnas dos seus jornaes. A impudencia e o furor tem subido a tal ponto, que quando um homem grosseiro e feroz chega a vociferar n'um impresso: *Ataque a intriga, cete a cossa alima, ate que vma vingança justa cos embargue a carreira dos desatinos, até que a Providencia imponha silencio aos detractores, inimigos da verdade*, (*) a Revista com um sangue frio horrivel se dirige a seus adversarios, e lhes diz triumphante: *Respondei aos martyres da legalidade que vos accusam!* Oh! os martyres, os seus adoradores, a Justiça e Providencia que invocam, tudo harmonica com as barbaridades de que está sendo theatro e victimia esta terra desventurada, e pesados de ter produzido taes fillos.

Pois já era tempo de se abrir mão dessa politica tortuosa, que faz da decepção um meio de governo, da diffamação um systema regular, e põe a força na violencia, a justiça nas vinganças. O espectáculo que temos diante dos olhos mostra claro que essa desastrosa politica não adianta a nenhum partido, nem evita a uns os males que desejam a outros. A justiça e a moderação, a verdade e a boa fé, eis o com que se governa, e se pode obter poderosa e salutar influencia; a tam santas virtudes é que devemos cultivar.

Mas cream bem os nossos adversarios que não estamos resignados a soffrer impassiveis as suas insolentes provocações; bem que nos custe, venceremos as nossas repugnancias, e saberemos affrontar a sua cholera, e os mostraremos a população em toda a hedionda nudez dos seus furores e de sua aquerosa ambição! Não pensam? não meditam bem sobre a natureza dos meios que empregam? não consideram que na rapida e incalculavel successão das circunstances não ha partido tam poderoso que não possa ser victima da applicação das proprias doutrinas, e que não venha a ser atravessado pelas proprias armas? Concluamos por hoje.

(*) Veja-se a correspondencia do sr. Severino, em o n.º 2 da Revista.

AVISO AOS SENHORES ASSIGNANTES.

Com este n.º principia o 2.º trimestre, e o 3.º anno da redacção da Chronica; rogamos aos senhores assignantes queiram renovar as suas assignaturas.

Aquelles que por incuria dos distribuidores deixaram de receber as folhas, queiram reclamar ao agente deste jornal, Olegario José da Cunha, morador na calçada sobre o Ribeiro nas casas do fallecido Biston.

MARANHAO: IMPRESSO NA TYPOGRAPHIA IMPARCIAL MARANHENSE. ANNO 1840.

CHRONICA MARANHENSE.

VOL. II.

QUINTA-FEIRA 9 DE JANEIRO DE 1840.

N.º 202.

Assigna-se em casa do Redactor, rua do Egypto n.º 12, e na Fabrica de Chapcos de Vidigal Irmão & C., rua Grande: preço por trimestre 3\$000, por semestre 5\$500, e por anno 10\$000 reis, pagos adiantados. As folhas aculsas tendem-se a 160 reis na sobredita Fabrica, e os artigos imprimem-se a 60 reis por linha, mas os dos assignantes, gratuitamente, com tanto que não excedam a 20 linhas.

MARANHÃO: IMPRESSO NA TYP. IMPARCIAL MARANHENSE. ANNO DE 1840.

PARNATYBA.

Artigos Officiaes.

ILL.º e Excm.º Sur.— Bem certo que v. exc. está ao facto de ter-se aclamado a legalidade na villa da Tutoia pelo povo, e tropa da mesma villa commandada por José Nogueira Barata, e que naquella districto a dita tropa, tem sustentado as armas da legalidade batendo os malvados rebeldes até o fim do seu termo, pela margem do rio Parnatiba pois o prefeito deste município de tudo deve ter intelligenciado a v. exc.

Ea aqui me tenho conservado depois que fui a ilha proxima a Tutoia onde se achavão refugiadas as familias de aquella mesma villa e a guarnição de povo armado, quem fiz ver a inteireza de v. exc. e o dever sagrado que todos temos de sustentar a legalidade e o governo legitimo; e persuadido-me que os povos reunidos hoje pela legalidade são firmes, não só por terem dado provas nos combates que os mesmos tiveram com os rebeldes, como por estarem convencidos de que o governo legal he quem garante os direitos de S. M. I. e Constitucional.

Os rebeldes animados pelos filhos do finado Joaquim Diniz Pereira de Castro a pouco acabão de arrasar a infeliz villa da Tutoia que deixarão em hum estado o mais desgraçado possível, e conhecendo eu a necessidade de hirem para dentro da mesma villa as autoridades judicias, e proprietarios que ali tinham suas fortunas para arrecadarem alguns restos de seus bens, tenho tencionado convidalos para esse fim e todos reunidos com a tropa que comanda o dito Barata pertencente a mesma villa hirmos fazer alli a reunião da dita força e operar-se na melhor conformidade, pela tábem lembra-me que praticando-se assim não só se anima a tropa legal como aproveitaremos a presença das pessoas alli estabelecidas, para chamarem a ordem alguns rebeldes pouco aferrados ao partido malvado: julgo ser de urgente necessidade para segurança d'aquelle município que v. exc. mande finalizar na barra da Tutoia hum barco de guerra, e este que nos traga o soccorro de farinha, armamento e munição possível, e cazo v. exc. possa dispensar tambem alguma tropa commandada por hum bom official, e uma peça de campanha com a precisa munição e artilheiros, grandes vantagens tirará a legalidade; e persuadido-me que com esta providencia se pacificará grande parte d'aquelle territorio. Os povos mais rebeldes são os habitantes das margens dos rios Preguicas, Magú, e das Chapadas: por isso he vantajosa a marcha de algumas

forças da Maritima para Tutoia vindo pelas Preguicas afim de derrotar e capturar os influentes rebeldes.

Os legalistas da Tutoia ate hoje, reunidos os enigrados que estão nesta villa, montão a 200 homens.

Precisa-se auctorização de v. exc. para compra de gados e mais necessarios para sustentação e transporte das tropas. O prefeito desta villa com desvello se tem prestado com alguns soccorros bellicos para o nosso município, e se não fosse a sua grande energia e prestação os tutoienses tinham sido victimas d'anarquia e a legalidade sacumbida. Espero que v. exc. attenda a esta minha requisição, filha do grande desejo que tenho de ver quanto antes restaurado o socego que infelizmente perdemos, e o imperio da lei na nossa provincia, na certeza de que as ordens que v. exc. se servir dirigir eu serei incansavel em as cumprir e fazer executar. Deos guarde a v. exc. por muitos annos. Parnatiba 24 de Dezembro de 1839.—Ill.º e Excm.º sur Presidente da provincia do Maranhão Manoel Felizardo de Souza e Mello.—*Joaquim Antonio Gomes da Silva*, juiz municipal e interino de direito da villa da Tutoia.

—Illustrissimo Senhor.—Hontem 8 do corrente passarão as nossas tropas commandadas pelo capitão Pedro Paulo de Moraes Rego, e atacarão aos rebeldes, que se achavão no lugar das Arcas, em cujo ataque ouve grande resistencia da parte dos malvados, que se agitavão em guerrilhões pelos matos; de maneira, que pela grande coragem de nossas tropas, sempre destroçaram aos rebeldes d'aquelle lugar, e correrão todos quantos ali se achavão, e deixarão a poção e meterão-se nos matos; e como fosse já tarde a nossa volta para este acampamento, deixando toda a povoação em ciúza, e mortos não se sabe ao certo o seu numero; porem de certo virão-se dez mortos, e tres que se prisionarão, e o mais tudo correu, e da nossa parte morrerão dois e dez feridos levemente, e dois que estão perigosos, que é o tenente José Garcia da tropa de Caxias, e Gabriel da Silveira. Mandando este proprio a toda a pressa para v. s. me soccorrer com a munição que for possível; pois por falta deste artigo tem soffrido o publico, e os particulares immensos prejuizos, e até nos achamos em risco de vida, si não formos por v. s. soccorridos de munição, e as armas que for possível. Os rebeldes se achão bastante atrevidos e furiosos; e como se achão de posse das roças e o mais que diz respeito a sustentação; por isso estão sem vexame porque nada lhes falta; e as nossas tropas alem de estarem em ruim posição para serem fornecidas de mantimentos, occorre mais

que bem poucas pessoas se querem prestar voluntariamente ao serviço, e antes muitos se desviam até de prestarem os seus bens, por cujo motivo he que tudo vai com demora; porem por mim só pouco posso fazer. Eu me acho prompto para em tudo cumprir o que for abem da ordem. Deos guarde a v. s. Acampamento na Sapucaia 9 de Dezembro de 1839. Ill.º sur. José Francisco de Miranda Ozorio, prefeito do município da Parnatiba.—Valerio Alves de Souza, capitão-mór e commandante da força legal do Brejo.

MARANHÃO.

Quartel do Commando em Chefe das Forças Expedicionarias na Villa do Itapicuri-mirim 23 de Dezembro de 1839.

ORDEN DO DIA N.º 114.

—O Tenente Coronel Commandante das Forças Expedicionarias tem a satisfação de communicar, que a acção sobre a Villa do Codo de que foi encarregado o Sr. Capitão Ernesto Emiliano de Medeiros teve lugar a 25 do corrente, para o que tomamos os pontos principais, e a retaguarda do inimigo, principio o combate ao romper do dia, e levado até as 6 horas da manhã, abandonarão emfim a Villa deixando 2 mortos, 3 prisioneiros, 400 caruchos, 12 armas de diferentes adarmes, uma boa quantidade de chumbo, ballas, pólvora, pedrneiras, e parte da bagagem. Depois desta acção a Cavallaria commandada pelo Sr. Tenente Coronel Francisco Dias Carneiro seguiu os malvados até ao Bom Jezus, e ali carregando sobre elles ficaram 6 mortos, e outros tres prisioneiros, e 12 armas, com tres caixas carregadas de despojos, e mulheres, entre as quaes a do Commandante d'aquelle ponto Raimundo Antonio de Amorim; por tão felizes resultados accete o Sr. Capitão Ernesto Emiliano de Medeiros os meus agradecimentos, e do mesmo modo os Senrs. Tenentes Coronéis Francisco Dias Carneiro, e Severino Dias Carneiro, que tambem desempenhãrão o que estava a seu cargo. Os Senrs. Capitães Francisco José Viana, e Francisco Raimundo Quadros, o Sr. Tenente Francisco Afonso Xavier Bastos, recommendado já pelos seus serviços, assim como os Senrs. Tenentes Fernando Antonio Carneiro, e Honorio Pereira de Burgos, e Alfores Antonio de Sampaio, e Theofilo Lopes da Costa. O prejuizo de 4 feridos levemente pode considerar-se nem hum em uma acção com mais de 200 rebeldes enguerrilhados e conhecedores do terreno.

Não menos satisfatoria foi a cam-
minicação que me fez em data de 26 do

corrente o Sr. Major José Thomaz Henriques, Commandante da 2.^a Brigada, da retirada em boa ordem que do Barro Vermelho, fôzera o Sr. Tenente do 2.^o Batalhão Expedicionário Sebastião Lopes Guimarães que com 70 praças sustentou por espaço de tres horas o fogo de mais de 300 rebeldes, que tiveram a perda de 4 mortos e muitos feridos, e não apenas um Prisioneiro morto, e 5 feridos: receba pois também o Sr. Tenente os meus agradecimentos pelo bem que se portou, e o Senor Alferes Francisco José do Rosário, e Camillo Francisco Madeira, do 2.^o Batalhão Expedicionário; bem como o Sargento André Accioli Pinheiro que fez prodígios de valor. O Sr. Major Commandante da 3.^a Brigada, passará revista esta tarde no Corpo de Cavallaria, mandando nesta occasião trocar-lhe todo armamento de adarme 17 pelo de 13. Assignado=Francisco Sergio d'Oliveira.

CHRONICA MARANHENSE.

I

Já não tem conta as vezes que havemos sido accusados pela Revista e Investigador, por occasião das actuaes diligências; repellindo constantemente essas aggressões, não segundo o rigia a justiça da nossa causa, mas como no-lo permitiam os nossos fracos meios, fizemos algumas vezes mais do que uma simples defesa, accusamos os nossos turnos. O publico estará lembrado de que o nosso adversario ordinariamente conserva-se em silencio, ou foge da questão, respondendo a raciocínios com a eterna delação de que as doutrinas da Chronica acenderam a guerra civil. A uma das nossas mais vehemente accusações, a relativa aos abusos mandados praticados nas ultimas eleições, sustentada com uma representação, e numerosos documentos, e hoje coronada com a decisão favoravel do Senado, respondem o Investigador apenas que a representação era filha do espirito de partido, que continha muitas falsidades, e que logo lhe responderia. A um artigo em que assignalamos as numerosas violações feitas na nova lei da guarda nacional, pelo seu executor, o sr. Camargo, não se respondeu uma palavra sequer. Quando assignalavamos a indigência das escolhas do sr. Camargo, a sua acintosa parafusidade, tem estranhado e tem fora das ideias recedidas, que o proprio Amigo do Paiz não a pode negar, o que nos responde o Investigador? Apenas com sedícios logares communs sobre as maiorias e minorias, como se essas doutrinas alambicadas, torcidas, e torturadas, podessem dar honra, instrucção, e aptidão, a quem a não tinha. A quanto publicamos sobre a inconstitucionalidade de alguns actos da assembleia provincial, fossem ideas nossas, fossem extractos de jornaes da corte, acreditados e não suspeitos, fossem finalmente decisões dos poderes supremos, nunca a menor resposta, nem ao menos a apparencia della para evitar o descredito, e o convencimento das grandes criminosas que usurpam scientemente poderes que lhes não competiam. Pois bem, quando a Revista reproduz, repeto até á saciedade e no enjão as suas monotonas delações, unica refutação que ha feito das accusações que lhe fazemos, pretende que se lhe não responde, nem a ella, nem aos Sereninos, nem aos Coqueiros, cujas cartas, escriptas ao bel prazer de um transfuga da opposição e de todos os partidos, cau-

saram grande impressão no publico, segundo o sentir da mesma Revista!

Mas ja que quer novas respostas, respondamos, não parcialmente, e na proporção dos acometimentos subitos, e emboscadas do contemporaneo, senão passando francamente uma revista geral aos acontecimentos, e examinando as causas que poderiam predispor os animos, nas classes inferiores, a se lançarem avidamente no golpão da rebelião. Antes porem de examinarmos o estado das cousas em fins de 1838, e de lançarmos uma vista d'olhos sobre os acontecimentos anteriores, sigamos a rebelião nos seus progressos, e vejamos as resistencias que encontrou; isto é mais importante, por que em verdade, se os nossos males tocaram ao excesso, se a mais rica e maior parte da provincia foi devastada, a que outras causas o devemos senão á temeraria segurança e fôra presumpção do partido dominante, á incapacidade, coardia, e criminoso desmazelo de muitos dos seus agentes?

Em 13 de Dezembro de 1838, uns nove homens, capitaneados por Raimundo Gomes, entraram sem opposição pela villa da Manga, apoderaram-se das armas e munições que encontraram no quartel do destacamento, soltaram alguns presos e recrutas que acharam retidos, fizeram requisições sediciosas, ali se demoraram cinco dias, sem serem nem levemente incommodados, e por fim partiram para a Chapadilha por não terem encontrado o menor apoio. Eis o começo da espantosa rebelião que abalrou o Maranhão!

Supposto não queiramos narrar por ora senão os acontecimentos passados depois de 13 de Dezembro, é forçoso aqui dizer o que impelliu Raimundo Gomes a dar este primeiro passo. Na Manga se procedia ao recrutamento, com extorsões e violências, ja antes mesmo de montadas as prefeituras; individuos malquistos por tres motivos foram investidos nos cargos crecidos por essa lei omittida: com essa mudança de posição, não mudaram elles de systema, antes se desforçaram a um tal ponto que o sub-prefeito mandou recrutar varios homens cãidos, chamados a jurar n'um processo de morte, recusou dar esclarecimentos a tal respeito o juiz de paz, insultou-o, e ordenou-lhe que se contivesse, e visse bem a distancia que se ia de um insignificante juiz de paz a um sub-prefeito! Raimundo Gomes vivia neste tempo em boa harmonia com o coronel Coqueiro, e com o sub-prefeito José Egypto, e até se honrava de ser seu parente, como este ultimo senhor confessou n'uma pretendida defesa que ultimamente publicou; era o seu braço direito para a execução de algumas diligências; mas quiz o acaso que protegesse, e acobertasse em sua casa a um desertor, e recusasse acceder ás requisições do sub-prefeito para que o entregasse; o senhor Jozé Egypto communicou o facto ao prefeito da comarca, que lhe dá em resposta que prenda tanto o desertor como o seu patrono. Mas neste tempo, Raimundo Gomes ja inteirado de que trazavam prendendo-o, e como homem que nada tinha que perder, e empenhado em negocios de gado muito ruinosos, premeditava também um golpe de mão, e fazia clubs com individuos de pouca importancia, entre outros, um cidadão que depois ha prestado grandes serviços á legalidade, e um pardo, que igualmente não nomearemos, que então muito concorreu com os seus conselhos para que o

caudilho soltasse o grito da revolta, mas que depois retirou-se, e absteve-se de tomar parte nella. O sub-prefeito, e o coronel Coqueiro, seja que começassem seriamente a recar algum desaguisado, seja que quisessem captivar o seu parente e guarda-costas com uma prova não equivocada de affeição e generosidade, com a mesma humilde com que outrora pediram passaportes ao famoso João-Bunda, lhe escreveram lembrando-lhe as suas relações de parentesco e amizade, levando o sr. José Egypto a condescendencia ao ponto de mandar-lhe copia do officio em que o prefeito ordenava a prisão, tomando dahi occasião para asseverar a Raimundo Gomes que ficasse tranquillo, que tal ordem não seria executada. Este facto é confirmado, não só pelas confissões do sr. José Egypto, no seu appenso á Revista, onde diz ingenuamente que Raimundo Gomes beijava a mão a seu respeitavel pae, o coronel, e que ambos tiveram conferencias com elle cinco dias antes da desordem, mas por cidadãos a quem o caudilho mostrou essas cartas, no Penteado, em Caxias, e outros pontos que dominou com as suas forças victoriosas. A surpresa da Manga, que ja referimos, mostra como elle foi rebelde a esses meios de persuasão empregados pelos senhores Coqueiros.

Raimundo Gomes passou cinco dias sem ser incommodado, e retirou-se quando bem quiz, acompanhado de cerca de vinte homens, e desacompanhado por falta de apoio; e o sub-prefeito, que estava apeas a tres legoas de distancia na sua fazenda, e em menos de dois dias reuniu 40 homens, força dupla da dos rebeldes, conservou-se em inação por mais dous, e no quinto, depois de saber da retirada do inimigo, e que a villa ja se achava occupada por uma porção de paisanos ao mando do digno juiz de paz Coelho, atreveu-se a marchar para ella com os seus 40 homens, e chegando ás 9 horas da noite, em lugar de dispor as cousas para perseguir os rebeldes, que elle mesmo, em o seu officio ao prefeito confessa que estavam pouco distantes, occupou-se em questionar com o juiz de paz, e logo nessa madrugada (do dia 18) retrogradiou para a fazenda de seu pae, donde escreveu para Itapucurá-mirim, pedindo que lhe acodissem com 50 homens de 1.^a linha, que os rebeldes eram muitos, e que muitos mais se esperavam de Campo-maior! De Campo-maior, que ficava a mais de cem legoas, e onde nem ao menos era sonhada a existencia de tal motim!

De Itapucurá-mirim partiu uma força de 60 homens commandada pelo tenente Fortunato; mas em lugar de ser empregada em perseguir o inimigo, estacionou-se no Penteado, e ali se deixou ficar, em quanto Raimundo Gomes engrossava o seu bando. Este facto é tanto menos incontestavel que no fim da primeira excursão do caudilho rebelde, o sr. Camargo, como para castigar o tenente Fortunato da sua inação no Penteado, o dimittiu da sub-prefeitura de Itapucurá-mirim, e do commando da 1.^a companhia de Ligeiros; mas o que necessita explicar-se é que a inação deste official deve-se ás ordens terminantes que teve das prefeituras para não avançar, ordens que conserva para que em todo tempo lhe sirvam de defesa e justificação. No entanto Raimundo Gomes, chegando á Chapadilha deveu ao acaso a prisão de um cãido e varios outros parentes do prefeito do Beje, o qual sabien-

do desse acontecimento, expediu immediatamente uma partida de 70 homens para os libertar; o commandante desta porém, informado em caminho que os prisioneiros haviam sido soltos, sem receberem offensa, voltou, sem mais lhe importar de avistar-se com o inimigo! O facto é incrível, mas infelizmente succedeu. Outra expedição se apromptou para ir bater Raimundo Gomes, que já então se achava na Quimada, lugar distante do Brejo umas 20 legoas; mas esta tropa em vez de guiar direito e com rapidez ao inimigo, foi praticando pelo caminho toda a casta de disturbios, entre os quaes tem distincto lugar o roubo e arrombamento da casa do Vigário Proença, de modo que para vencer esses 20 legoas gastou oito dias, e quando chegou ás Quimadas já o inimigo era partido para a Miritiba.

O presidente da provincia, como lhe iam chegando noticias, fazia daqui sair pequenas expedições de 20 a 30 homens, mas desses mal combinados movimentos se não colheu o menor resultado.

Restava-nos fallar da marcha da capitão Pedro Alexandrino, que foi nomeado commandante em chefe de todas as forças legaes, por se fazer uma magnifica ideia da sua capacidade, e talentos militares. Este official, que depois foi victima dos mesmos rebeldes que perseguiram tão fructuosamente, só partiu do Urubá em princípios de Janeiro de 1839, quinze dias depois de ter recebido o primeiro aviso do ataque da Manga, e para desculpar tamanha demora, allegava as noticias vagas dadas por particulares de que Raimundo Gomes havia fugido. Pondera-se a final em marinha, á testa de 280 homens, pela maior parte de 1.ª linha, seguia o caudillo rebelde que pouco mais de cem homens tinha, quasi todos mal armados, e quando havia conseguido aproximar-se-lhe á distancia de sós duas legoas, quando com mais um pequeno esforço podia alcançar e aniquillar o inimigo, entrou na Tatoya, onde se demorou cinco dias, occupado em polemicas com o juiz municipal, em comprar farinhas, em matar e secar rezes! Os rebeldes no entretanto tiveram todo o vagar para adiantar-se, e dirigiram-se para a Parna-hyba; e o capitão Pedro Alexandrino, em lugar de os seguir ou com o grosso da sua gente, ou simplesmente com metade, desviou-se para a parte do Brejo para onde marchou, deixando livre a retaguarda do inimigo, e francas as estradas por onde elle podia voltar aos mesmos lugares em que fizera as suas primeiras excursões! A unica desculpa deste inaudito procedimento foi um officio do prefeito do Brejo (cujo valor então não brillou muito) em que lhe dizia que Raimundo Gomes poderia dirigir-se para aquella villa, e por isso se apressava o capitão em ir defendê-la.

No dia 31 de Janeiro foi Raimundo Gomes batido e o seu bando inteiramente disperso; mas esse feito não se deve ao governo do Maranhão, nem aos seus agentes e generaes; os 800 homens que poseram em movimento nunca chegaram a avistar-se com o inimigo, se exceptuarmos a partida de paisanos que em uma escaramuça junto ao Prata foi repellido. Quem em quatro dias ajuntou 120 homens e bateu o inimigo foi o benemerito prefeito da Parna-hyba, que não era agente do sr. Camargo, por pertencer á provincia estranha, e que o não seria igualmente, ainda que pertencesse ao Ma-

ranhão, porque então seria opposicionista de facto como hoje o é por suas affeições e sympathias. (Continuar-se-ha.)

Neste, e nos anteriores numeros da Chronica, temos publicado varias peças officiaes, e artigos extractados e communicados, onde se dá conta dos successos das nossas armas em varios pontos desta e da provincia do Piahy; e de todos elles vós se que nestes ultimos tempos tem os rebeldes soffido muitos revizes, sendo maiores os do Brejo e Tatoya, attenta a fraqueza dos meios que tem a legalidade naquelles lugares. O capitão mór Valério e o juiz municipal da Tatoya expõem a penuria em que se acham de todo o necessario; é verdade que pelas ultimas embarcações tem o governo mandado munições, medicamentos, e outros soccorros, mas nós entendemos que ainda muito resta a fazer a favor desses cidadãos que tantos serviços hão prestado á ordem. O cidadão João Nogueira Barata, que com forças inferiores combateu seis dias successivos, e a final derrotou o inimigo, causando-lhe grande perda, merecia ser considerado com particular distincção, tanto mais que elle não é desses rebeldes convertidos, a quem crimes anteriores e atrozes devem tollir a estima e as recompensas da sociedade offendida.

Entre os assignallos los serviços que ha prestado o prefeito da Parna-hyba, é bem importante o de haver tão promptamente soprado a rebellião de uns 60 soldados do Ceará que quiseram antes seguir a cafreira do roubo, que defender a causa da lei. O digno prefeito refere os attentados praticados por essa gente ja na expedição de Marquitos; se a Chronica tivesse sabido delles, e os tivesse publicado, quantas reflexões judiciosas não faria a tal respeito o contemporaneo da Revista! Como não enxergaria nas nossas consciências um evidente desejo de tirar a força moral aos defensores da lei, e uma mal disfarçada connivencia com os rebeldes! Mas agora provavelmente se hade callar; nós nos callaremos tambem, e deixaremos ao tempo o cuidado de provar muitas infamias e extorsões que ora se estão fazendo, e não só por soldados e sargentos amotinados.

Corre que na Belia-Agua se está reunindo um novo grupo rebelde; as forças legaes estacionadas em Miritiba e Icatú podem promptamente dissolvê-lo, e a ser certo o boato, é de crer que o governo tenha expedido ordens nesse sentido.

A Revista diz que ha hum carta do tenente coronel, Diogo Lopes de Araujo Salles, em que elle diz que batera ja em Pastos Bons um grupo de 150 rebeldes, matando-lhes 6, ferindo-lhes muitos, e tomando-lhes 15 escravos furtados. O digno official tinha ja reunido 300 homens, mas diz que aquella commarca era infestada de numerosas bandas rebeldes. Segundo a Revista, a carta é de 6 de Dezembro ultimo.

VARIÉDADE.

O Parlamento Inglez.

A Camara dos Pares e a Camara dos Communs.

Ha 151 annos que o governo britânico descança sobre a sua base actual, contando desde o anno de 1688, e cuja

época chamão os Ingleses a sua revolução: com effeito, naquella anno he que fundaram os longos e continuados combates entre o povo e o trono, e que fixaram irrevogavelmente os respectivos direitos de cada hum. Apesar disto, não se julga que a constituição inglesa seja hum código escripto de hum só vez, e dividido em livros, titulos e artigos; ella data de muito mais longe, e foi-se desenvolvendo successivamente e em diferentes épocas. A origem da constituição inglesa, segundo alguns, foi no anno de 1215, quando João Sem-Terra decretou as *cartas das florestas* e a *magna carta*. Pelo tempo adiante, as doações e privilegios dos principes, os progressos da civilização e os conselhos da experiencia estenderão ou limitarão a constituição da nação, conforme os tempos e as necessidades do povo. Daqui se vê que tudo isto não foi obra de hum só dia ou de hum momento; e para o complemento de tão grande obra forão precisos não menos de seis seculos de lutas parlamentares, e o mais formal conhecimento da vontade unanime de todas as ordens de cidadãos, sem excepção de classe ou de fortuna. Assim, a constituição inglesa he fructo da continuação dos tempos, e por isso não forma hum corpo particular, porém existe aqui e ali, quer nas tradições, quer nos monumentos legislativos ou politicos dos seculos passados.

O poder legislativo da Inglaterra compõe-se de tres ramos distinctos, a saber: o rei, a camara dos pares e a camara dos communs. Estes tres corpos do estado reunidos chamão-se o *parlamento*. O rei e os pares tem assento em hum mesma camara, a qual se chama indifferente-mente *camara alta*, *camara dos pares* ou *camara dos lords*; quando o rei não assiste pessoalmente ás sessões, o que raras vezes succede, então deve haver sempre na camara quem represente a sua pessoa, porque de outra sorte não haveria parlamento.

O terceiro ramo do poder legislativo, isto é a *camara dos communs*, que tambem se chama *camara baixa*, tem as suas sessões em outra sala separada da dos lords.

O poder e a jurisdicção do parlamento são absolutos, e de nenhuma sorte podem ser limitados, ou seja relativamente ás causas ou relativamente ás pessoas.

O parlamento em consequencia de sua autoridade illimitada e mais que soberana, tem o direito de confirmar, de promulgar, de emendar, de crear, de revogar, ou de restabelecer todas as leis ecclesiasticas ou temporaes, civis ou militares, maritimas ou commerciaes; e assim, não só pôde mudar a base da sua existencia politica e da sua constituição, mas até a mesma constituição do estado: d' aqui provem o dizer-se a *omnipotencia parlamentar*. Emfim, o parlamento, disse os ingleses, pode fazer tudo o que quizer, menos o mudar o homem em mulher e a mulher em homem.

Nos debates e questões do parlamento os membros que o compõem tem toda a liberdade de declarar as suas opiniões, se não ellas quaes forem, e talvez que este seja o privilegio de que se mostrem mais zelosos. Por isso, quando se abre uma nova sessão, o presidente (*the speaker*) dos communs nunca deixa de pedir ao rei a liberdade de fallar, como a primeira das prerogativas da camara baixa.

Tanto n'hum como na outra camara, a maioria he que faz a lei, e se mani-

feita por votos tirados publicamente em escrutínio.

Quando se leva á camara dos commons um bill de interesse particular, hum dos membros apresenta antes uma petição, a qual explica os motivos da proposta; mas se o bill trata de interesse geral e publico então basta só a simples proposta de hum membro da camara.

Quando o bill de interesse particular dinama da camara dos lords, estes o enviam sempre a dois juizes, que estão ás ordens da camara, os quaes, depois de examinarem o bill, devem declarar á camara o conteúdo d'elle, e o seu voto.

Depois, lê-se o bill duas vezes, com determinados intervallos. Em cada hum das leituras o presidente expõe a substancia do bill, e põem a votos se deve ou não continuar a ter apudamento. Nos negocios de pouca monta remette-se o bill, depois de lido segunda vez, a hum commissario particular, composta de varios membros do parlamento; porem quando os negocios são de grande importancia, a mesma camara se forma em commissão geral. Então o presidente levanta-se da cadeira, e tira a *maissa de armas*, a qual não deve estar posta sobre a meza senão quando a camara está constituída em assembleia deliberativa: o lugar de *escrivaõ* he occupado por hum presidente *ad hoc*, o qual se chama *chair-man*; durante esta assembleia, os membros podem ter a palavra sobre a questão tantas quantas vezes quizerem; mas, quando estão em sessão parlamentar, só a podem ter duas vezes. Depois de declarado o estado do negocio, a camara reassume a sua forma ordinaria, e começa a deliberar.

Depois de votado o bill por ambas as camaras, o rei cujas respostas são dadas sempre na lingua franceza, dá a sua sanção, e responde assim, quando se trata de um bill de interesse particular: *Faça-se como desejo*; porem, se o bill diz respeito a interesse publico, então responde: *El-rei o quer*. A resposta pela qual mostra que recusa a sua sanção he dada deste modo: *El-rei cogitara*.

A iniciativa da lei sobre os impostos pertence exclusivamente á camara dos commons: a camara dos pares só tem sobre isto a approvação ou a recusação, pura e simples; e o príncipe lhe dá o seu consentimento e sanção por estas palavras: *El-rei o agradece a seus leaes subditos, accêta a sua benevolencia, e assim o quer*.

O rei não pôde propor nem fazer com que se proponha explicitamente uma lei nova. Ora se um ministro, obrigado por uma urgente circumstancia, fizesse uma semelhante proposta á camara, então era preciso que hum membro d'elle a adoptasse como sua, e pedisse que se determinasse dia certo para conferir com os seus collegas sobre o objecto em questão: qualquer proposta que fizesse a este respeito tornaria-se hum pessoal, e assim se apresentaria privada da magestade real e da ostensiva influencia do governo.

Todas estas precauções foram introduzidas para assegurar a inteira independencia de hum e outra camara.

No principio de cada reinado, e antes que o rei seja coroado, ambas as camaras se formão em conjunção, para rever os actos do precedente reinado, corrigir os abusos e restituir á constituição sua primitiva pureza. Isto he o que succede depois dos reinados dos Henriques. Todas as barreiras que defendião o povo contra as invasões do poder haviam sido destruidas: o mesmo parlamento, aterra-

do e temeroso, chegára a estabelecer que as simples proclamações reais terião a força de lei; a constituição esteve a ponto de perecer. Todavia, na primeira occasião de hum novo reinado, a liberdade tornou a renascer; a nação sahindo repentinamente do seu lethargo, levantou a voz, e as antigas leis do paiz occuparão o lugar dos abusos que se haviam accumulado e arreigado durante cinco reinados successivos.

A camara dos lords forma-se algumas vezes em tribunal de justiça, e isto he quando se trata de julgar hum membro do parlamento, ou de pronunciar sobre algum enorme crime contra a segurança do estado. Nestes casos he a camara dos commons que promove a accusação, e nomina commissarios para sustentarem perante a camara alta, a qual se intitula então *supremo tribunal do parlamento* ou *camara do secul rei em parlamento*.

Nesta occasião, devem comparecer todos os pares, e estes preenchem as funções de juizes e de jurados, sob a direcção do lord chanceller. As sentenças dos pares são dadas á maioria de votos; cada par pondo a mão sobre o peito diz: *Juro pela minha honra que o accusado he ou não culpado*. Nestas solennas occasiões, o parlamento tem as suas sessões na sala maior de Westminster (*Westminster-Hall*).

Doze juizes principaes, assistidos pelo conselho do rei, isto he, o procurador e advogados geraes e guarda-mór dos archivos, são os que instruem estes processos, e têm voto consultivo.

Além disto, ha outra maneira de julgar hum par, a qual só tem lugar na ausencia do parlamento: os processos correm então perante o *supremo tribunal do grande intendente da Inglaterra*. Este tribunal forma-se somente quando o par he accusado de hum crime capital. Quanto ao mais, o processo segue a mesma forma que diante dos juizes ordinarios.

Os talentos sublimes e os grandes serviços dos cidadãos inglezes são premiados com a dignidade de par: assim, a camara dos pares he composta do melhor da nação, tanto em generaes de terra e mar, como em homens que se tem distinguido em todos os generos. A camara dos commons offerece hum campo mais brilhante aos honras de estado. Posto que ella seja inferior em dignidade á camara dos pares, e até de alguma sorte lhe seja sujeita pela etiqueta, todavia he muito maior a sua importancia, e muitos membros preferem a popularidade nesta camara a hum favor precario e enganador. He tambem raro que os ministros, ou chefes da opposição, consintam em trocar o seu lugar desta camara para outro da camara dos pares, salvo quando procurão hum refugio na camara alta, por verem que têm perdido a sua popularidade, ou que o seu talento envelhece; então elles vão ali morrer em paz, e depositar a herança de seus filhos: he a isto que os inglezes chamão *centero de hum homem de estado*.

A camara baixa he electiva, e a alta hereditaria, e só ao rei compete a prerogativa de nomear os pares. A dignidade do pariato divide-se em cinco ordens: duques, marquezes, condes, viscondes e barões. O seu vestuario consiste em hum beca escurilato, forrada de setim branco: hum determinado numero de guarnições de armilho e de rendas de ouro dá a conhecer o grão de nobreza de cada membro. He costume servirem-se somente deste vestuario quando o rei está presente. Quando hum novo par he introduzido pela

primeira vez na camara, os commissarios nomeados para a cerimonia da recepção costumão usar neste acto de seu vestuario talar, assim como os commissarios reais, quando vão levar á camara a sanção do rei a algum acto do parlamento. Os pares não põem suas coroas senão na sagração dos reis.

A camara dos commons não tem vestido particular e proprio.

Os direitos e prerogativas dos membros da camara alta são de não poderem ser julgados por crime capital senão pelos seus pares, e não poderem ser prezos por dividas. O privilegio dos membros dos commons consiste na inviolabilidade de suas pessoas quarenta dias antes e depois de cada sessão ou prorogação.

(Archivo Popular.)

Estatística da Povoação de Argel

—Segundo o ultimo censo feito, resulta que no 1.º de abril do presente anno, havia no territorio de Argel 21526 europeos, a saber: 9032 francezes, e 12474 estrangeiros. A 30 de junho subia a população Europeia a 22607 pessoas a saber: 9708 francezes, 2583 inglezes, 6969 hespanhoes, 2304 italianos, 1093 alemães, russos &c. De todas estas pessoas 11815 são homens, 4535 mulheres, 6257 meninos.

Esta povoação está dividida assim: Em Argel 14181, em Oran 4694, em Bona 3185, em Bugia 301, e em Mustaganem 246.

(Do Diario do Rio.)

Post-scriptum.

—No lugar de S. Raimundo (município do Iguará) houve um combate entre uma partida de 170 legalistas ao mando do valeroso tenente Cabral, e cerca de 400 rebeldes, que foram batidos e repellidos com perda, depois de haverem incendiado a fazenda.

A força legal existente no Codó se tem apresentado um avultado numero de rebeldes das immediações, e de Caxias.

AVISOS.

—Preciza-se de uma ama de leite que não tenha cria, e que esta goze saúde; quem a tiver e quizer alugar, e se for pessoa livre que se queira prestar a este trabalho dirija-se a Victorino Jose Rodrigues para tratar de seu salario na rua do Giz casa n.º 36.

—Antonio Francisco Lisboa vende uns chões, sitos na rua do Passeio, ficando canto para a do Cimiterio velho, com 6 braças de frente, e quinze de fundo. Quem quizer comprar os procure o annunciante na rua das Violas, casa n.º 39.

—No escriptorio de Manoel Pereira da Costa vende-se muito bom rapé arêa preta vindo de Pernambuco no brigue escuna Carolina, recentemente chegado.

—Manoel Joaquim Lopes da Silva, tem farinha de mandioca para vender, na casa da sua rezidencia.

ERRATA.

—Em o nosso numero passado, na nota da ultima columna, em lugar de ler-se n.º 2 da Revista—leia-se n.º 2 do Militar.

MARANHÃO: IMPRESSO NA TYPOGRAPHIA IMPARCIAL MARANHENSE. ANNO 1840.

CHRONICA MARANHENSE.

VOL. II.

DOMINGO 12 DE JANEIRO DE 1840.

N.º 203.

Assigna-se em casa do Redactor, rua do Egypto n.º 12, e na Fabrica de Chapcos de Vidigal Irmão & C., rua Grande: preço por trimestre 3\$000, por semestre 5\$500, e por anno 10\$000 reis, pagos adiantados. As folhas avulsas vendem-se a 150 reis na sobredita Fabrica, e os avisos imprimem-se a 60 reis por linha, mas os dos assignantes, gratuitamente, com tanto que não excedam a 20 linhas.

MARANHÃO: IMPRESSO NA TYP. IMPARCIAL MARANHENSE. ANNO DE 1840.

MARANHÃO.

Palacio do Governo do Maranhão 9 de Janeiro de 1840.

Ordem do Dia.

—S. Exc. o Sr. Presidente da Província manda publicar para conhecimento da guarnição desta cidade que hum nova victoria veio assignalar as armas Imperiaes no dia 27 do mez de dezembro proximo passado: humna partida de 170 praças da 2.ª brigada, commandada pelo mui valente tenente Miguel Ferreira Cabral desbaratou, e poz em fuga 400 rebeldes no lugar denominado Maravilha. Estes malvados, que tinham ficado senhores do Barro Vermelho e S. Raimundo, com a retirada do destacamento de 70 praças no dia 25, segundo já foi publicado, receberam o ataque da nossa força com a maior intrepidez e extraordinaria audacia; apresentaram-se a descoberto, e tendo o fogo principiado ás 9 horas do dia, só cessou ás 2 da tarde; então debandando-se os facinorosos, os nossos soldados os perseguiram com muito valor até o referido lugar S. Raimundo, dahi por diante porém não foi mais possível harem em seu seguimento, pelo cansaço dos nossos bravos, que sem terem comido desde o principio do dia haviam caminhado 8 leguas, sustentado 5 horas de combate. Neste ataque verdadeiramente renhido, a nossa força tornou-se credora do maior elogio, atacando e sustentando o choque dos rebeldes que procuravam rodeal-a: o tenente Cabral mostrou-se digno de commanda, e os alferes Francisco Joze do Rozario, Joaquim Guedes de Quinhones, e ajudante João Gonçalves da Silva do 1.º batalhão pernambucano, o alferes João Marino Cavalcanti de Albuquerque do 2.º, e o tenente Conrado Joze de Lorena Figueiredo da companhia de artilheria daquela provincia, bem como o sargento quartel mestre João Augusto Cezar de Almeida, os 2.º sargentos André Accioli Pinheiro já conhecido pela coragem que desenvolveu no Barro Vermelho, Antonio Domingues, Antonio Joaquim Ramos e Procopio Antonio Rodrigues cumpriram com as obrigações de militares brasileiros, portando-se com decidido valor. A partida legalista perdeu um soldado e teve oito feridos, quatro dos quaes gravemente; o inimigo deixou no campo 6 mortos, e numerosos vestígios de sangue que se foram encontrando, indicão que não he pequena o numero dos seus feridos. O destacamento do Gaiola tem explorado pelos lugares Thoá, Camapú, e lagoa Preperá, Bonfim, e Agua-fria, e não en-

controu o inimigo. A cha-repois dissolvida ou retirou-se para outra parte a reunião de escravos que existião neste ultimo lugar. No dia 28 ao amanhecer para 29 do mez passado, em hum fazenda junto a Pirapemas foi batido por humra escolta do destacamento desse lugar enviado pelo commandante respectivo Joze Feliciano Cardozo, hum grupo de escravos, ficando feridos tres.

Os rebeldes vivamente perseguidos pelas forças da legalidade se vchem reduzidos a implorar a clemencia do vencedor! Existem 300 aprezentados no acampamento do Codó, e entre estes Joze Joaquim da Silveira, Manoel Maxado Vieira Violeto, membros da junta provisoria de Caxias, Bernardo Antonio da Silveira, e João Antonio Dias de Lima, commandante de quadrilhas; os que ainda defendem com as armas na mão a causa do roubo e assassinato soffrem continuadas derrotas, e os incendios com que em Aguiar, Bonfim, Barro Vermelho, e S. Raimundo se tem vingado das repetidas victorias dos valentes legalistas parecem denotar os ultimos arrancos da luta fratricida que ensanguenta o Maranhão.

Outro sim ordena mais S. Exc. que as praças dos contingentes do 1.º batalhão de cassadores e do corpo policial que estiverem em circumspectas de marchar, estejam promptas ás 6 horas da manhã nos seus quartéis, no dia 11, e allí tomará o commando de todas ellas o sr. tenente Alexandre Francisco Augusto, e as fará marchar até á frente de palacio para S. Exc. lhes passar revista, de donde seguirão os seus destinos para o acampamento da villa do Icatú. Averte-se ao sr. tenente commandante do contingente do 7.º batalhão de cassadores, que o sr. tenente Alexandre só vai á villa do Icatú, entregar ao sr. tenente coronel commandante da 1.ª brigada a força que marchará até lá de baixo do seu commando, depois do que se recolherá á capital. Averte-se mais ao sr. tenente commandante do contingente do 7.º batalhão de cassadores, que não são contemplados os estrangeiros engajados nem as praças do batalhão de Pernambuco, por terem estas de marchar com o sr. capitão Benedito para o acampamento do Itapicuru mirim a reunirem-se a seus corpos. S. Exc. tem visto com o maior dis-sabor as praças da 5.ª companhia de artilheria andarem em serviço humas com as correias sobre a pelle, outras sem chapatos, e outras bem esfarrapadas de roupa; pelo que manda estranhar ao sr. 1.º tenente commandante da dita companhia. Assignado *Joaquim Joze de Santana Albreca*, tenente ajudante de ordens do governo.

Correspondencia.

Sr. Redactor.

—Publicou-se hum Appenso para ser distribuido com a Revista n.º 8, cuja parte jocosa he a que me obriga a escrever as seguintes linhas, a que Vm. fará o favor de dar publicidade na sua Chronica.

He o escripto a que respondo hum composto d'ignorancia, e de maldade, como farei ver, e he facil crer, pelo simples facto de que o seu author não se animou a assignalo, depois de ter manifestado tão grande e antigo desejo de se dirigir a mim. Como se poderá factar esse quem quer que he, de se ter dirigido a mim, quando apenas s'intitula —Hum que via a Fortificação do Alto da Carneira, e veio agora de ver a do Icatú!— Quantas centenas d'individuos não podem por semillante titulo ser suspeitos de ter escripto aquella multidão de estupidas jocosidades! Mas se aquelle Sr. que tanto desejava dirigir-se a mim, entende que o fez naquello seu escripto, he sem duvida pela illação que se pôde tirar á vista do objecto em questão, e das suas antecedenças, que he obra do Sr. Pavilla. Se m'engano accuso este Sr. ao seu amigo que emprehendeu castigar-me por ter achado hum falta de logica em hum de seus officios que me dizia respeito.

Sr. Redactor, vio as trincheiras do Alto da Carneira, que foram feitas com serventes de favor que trabalhavam quando e como queriam? mas que comtudo estão capazes de defender a cidade com 800 a 1000 praças, contra 10 a 12000 rebeldes? Pois as do Icatú estão melhores, porque aquellas são de atirar á barbeta, e estas cobrem o soldado todo. Diz o Sr. F.... que foi preciso inutilisalas: que fossem inutilisadas não duvidos; mas que o devessem ser, carece de prova; quem teria mais razão, quem as fez ou quem as inutilisou? O voto do Sr. F.... (he o inutilisador) teve mais juizo, mas isso não augmenta nem diminue o merito da obra.

Em principio d'Agosto, fui da cidade para o Icatú, em companhia do commandante das forças, e em meado de Setembro já eu estava na cidade, onde fui atacado de febres intermitentes: como pois levei mais de tres mezes a construir as trincheiras! De mais, quantos trabalhadores tinha eu para esse serviço? quatro pretos diariamente, e 10 a 20 soldados, nem sempre; e quanto serviço se não fez com esta gente? A minha resposta teria de ser muito extensa, se fosse tão miudiciosa; passemos adiante. O Sr. Anti-Logico imaginou que

em pretendia fazer minas offensivas; supoz que estas só se podem fazer amarrando os atirantes; e concluiu que o *Major Logico* he nada em Engenharia. Eu não fui encarregado d'attacar trincheiras inimigas, que nem se quer existião ali, e sim de fortificar a villa: attendendo ao pequeno numero dos nossos combatentes, lembrou-me distribuir em torno das nossas trincheiras alguns fuzilhos, que cortassem o passo ao inimigo que se atrevesse avançar; e julga o Sr. Engenheiro occulto que isso seria asneira! Suppondo mesmo que eu quizesse uzar das minas offensivas, contra as trincheiras inimigas, ignora o habil mas occulto Engenheiro os meios que ha para isso sem ser preciso preliminarmente amarrar os inimigos, como rediculamente o inculca!!! Seja-me licito contar tambem a minha historietta: Hum vilão, entrando por huma sala bem mobiliada, e fixando a vista em huma manga de vidro, exclamou, — Oh meu Deus, que copo tamanho! quem terá ventre para tanta agua! — O sulto que lhe causou aquelle copo era bem concebido, pois poderião querer obrigalo a beber por elle; mas he que não era copo. Assim tambem, hum militar, vendo humas latas, a que chamou barriz ardentes; imaginou logo que o filho obrigaria a minar a ceca aberta, as trincheiras do inimigo, estremeceu, e disse como o vilão — não tenho estomago para tanto — mas he: que não erão minas offensivas, e sim defensivas, que se faz sem perigo do defensor.

Os taes squinhos de brião, não eraõ para envolver estopins, e sim para fazer isto a que em Minas se chama salchicha; e por tanto, todo o seu castello de rediculas cabes sobre quem o edificou. Logo que as suas hypothèses o levarão a suppor-me capaz de taes enormidades absurdas, como que o brio seja impermeavel á agua &c. devia o Sr. se fosse Logico, desconfiar de si proprio, a não ser que a facilidade que tinha de conservar-se incognito o animou a imprimir tanta parvoice.

Eu não tenho feito outra correspondencia, pelo prelo, se não essa que se lê na Chronica n.º 187, e esta que agora faço, ambas em defesa minha; mas pergunto ao Sr. Appenso (que tambem ha homens appensos): Lá pela campanha, tambem não ha tempo de se fazer correspondencias, e até gazetas? não se cospõe hymnos, não ha bailes, não ha pescarias, caçadas, e outros divertimentos innocentes?

Lamenta o Sr. quem quer que he, o soldo que recebe, esquecendo-se de certo sujeito, que teve dois postos como premio adiantado das proezas qu'inda hade fazer, e que fará ou não! he tão zeloso do dinheiro da Nação, que julga que não mereço o ar que respiro, e não se atreve a dizer huma palavra sobre o mais interessante como: bois que pesão tres arrobas, saques que se tem dado a titulo de que os proprietarios são rebeldes, generos que se tem tirado a seus donos, a pretexto de ser para municiamento da tropa, sem se lhes dar hum documento, &c. &c. Ignora, ou cala-se com tudo isto o Sr. Appenso, e quer que se creia ser o zelo pelos dinheiros da Nação, que o obriga a dirigir-se a mim! O Sr. Acoca (*) parece que veio recentemente ao mando: parece-lhe que só

a seu lado se acha a honra e a gloria, tudo o mais he nada.

A ferramenta com que se fazia o serviço das trincheiras, guardava-se diariamente no meu proprio quartel, e eu mesmo a distribuia e recolhia; e antes de vir para a cidade mandei-a recolher toda ao Commissariado, acompanhada pelo Cabo d'Esquadra que feitorisava os pretos; he pois falso o Appenso, quando diz que eu deixei tudo entregue aos pretos, e que estes a levarão.

He falso tambem o Appenso, quando diz que arranquei portas no Icatú; e se algumas se achão nas trincheiras, são das que servião á muito de cama aos soldados, e isso mesmo não foi inda á 1.ª nem 2.ª ordem que tive, foi seguramente á 5.ª ou 6.ª; foi depois de sofrer as ironias de hum militarismo que faz consistir a sua grande arte em ser anti-constitucional, em não respeitar direito algum de propriedade nem de segurança individual. Bem longe estou eu de merecer dessas arguições.

Quem fez as trincheiras, não forão pretos, forão soldados; os pretos só servirão para roçar o campo, cujo serviço certamente não foi inutilizado; logo, o grande prejuizo da nação foi de proposito exagerado, para ostentar hum zelo apparente.

He falso que eu conduzi peças de calibre 9, para o Alto da Carneira; he falso que eu levei 15 dias a conduzir tres peças; e he falso que eu tivesse para isso mais de 60 pessoas á minha disposição. O menor calibre das peças que conduzi foi 12; depois que obtive a conclusão da factura dos aparelhos e carretões necessários (que foi em que se consumio a maior parte do tempo) cada peça foi ao seu destino em duas horas; nunca tive mais de 30 pretos, humas vezes ou 40 soldados, em outras; mais pretos havia ao serviço do Alto da Carneira, mas eu tinha ordem superior para os não desviar dali. A proposito desta ordem superior: S. Exe. o Sr. Presidente da Provincia quando m'a deu, disse-me que estava informado de que eu tinha 60 pretos na conducção d'artilharia, ao que lhe respondi que nunca tive mais de 30: notavel coincidência, entre o que me disse S. Exe. naquelle tempo, e o que avança agora o encantado Engenheiro Acoca; seria este Sr. quem informou tão mal a S. Exe.? he de crer, pois confessa que desd'aquelle tempo já me tinha boa vontade. Vamos adiante. Que importava que eu tivesse 60 ou 100 homens? queria o Anti-logico, que eu mandasse carregar huma peça daquelle pezo ao hombro! e se eu tal o fizesse, e acontecesse hum fracasso, do qual morresse algum, faltaria o Sr. Acoca a reprehender-me por tão grande imprevidencia? não acharia então melhor o que agora reprova: que eu esperasse pela promptificação dos carretões?

He falso em fim, que eu deixasse desguarnecido hum morro, que dominava os nossos pontos no Icatú. Se tal o fizesse, poderia ser suspeito de traição, ou da mais brutal ignorancia: o Sr. Acoca, poderá admitir esta segunda hypothese; mas como poderá haver quem me faça o obsequio de me não suppor tão estúpido, segue-se que haverá quem admita a primeira; e então torna-se mihi grave o grão do Sr. Incognito. Mihi claramente o digo: o morro que domina sobre a villa do Icatú, foi fortificado por mim, antes de retirar-me, digão o que quizerem todos os incognitos do mundo.

Em resumo: o Sr. Favilla, disse que as minas trincheiras herão tão mal construidas, que algumas forão abandonadas, pela má colocação em que se achavão; eu disse que raciocinar assim, hera ter falta de Logica; e a resposta que se me dá a isto, he chamar-me Major Logico, nada em Engenharia, Inactivo, Desleixado, Indigno do soldo que percebo &c. &c. He muito; mas estou satisfeito, porque o author destas injurias, envergou-se de assignar o seu proprio escripto. Ha cousas que apparecem impressas sob hum nome supposto, e que não apparecerão se a lei obrigasse a todos os que escrevem pela imprensa, a declarar o seu verdadeiro nome. Hum que tio aquellas, e que acaba de ver estas!!! Sabemos o papel que faz na Sociedade este homem? terá elle vergonha, brio, honra, &c. &c. Será digno de que eu lhe responda aos despropósitos? Porque não teria elle, assignando o seu Appenso, a mesma franqueza que eu tive, assignando a minha carta do n.º 187 da Chronica? Só huma cousa posso inferir, e he: que houve naquelle Appenso asneira e calumnia, mas ao menos não houve descaramento; o Anti-Logico fez bem em occultar-se, porque em geral o não até certo ponto, inda s'envergonha de o ser. Este he o tributo que o vicio paga á virtude.

Sr. Redactor, sou
Seu Att.º leitor.
Fernando Luiz Ferreira.

CHRONICA MARANHENSE.

Referimos já os successos da primeira campanha de Raimundo Gomes; compete ver agora que attude tomaram os dois partidos no tempo que ella durou. A opposição, que pelo objecto do seu jornal sempre recommendara a paz, apontando os inconvenientes das desordens, que ordinariamente pedem aquelles que as empregam, e se servem de consolidar mais e mais a oppresão; a opposição que via mais que tudo nesse obscuro movimento um pretexto para as declamações e calumnias dos seus adversarios, não podia hesitar um momento, stygmatisou a revolta, o seu chefe, e os seus proselytos; bradou aos cidadãos de todas as crenças e opiniões que auxiliassem o governo, como quer que este lhes fosse odioso, o vencendo todas as suas repugnancias, sem se limitar a accusa-lo somente, aconsellou-o como devia empregar as suas forças contra o inimigo commum, por mais de uma vez recommendou, (sem todavia nomea-lo) o senhor Falcão para commanda-las, fez-lhe ver a facilidade com que esse movimento poderia generalisar-se nas classes inferiores, e quantos perigos nos ameaçavam seriamente. Cada qual, avivando as suas reminiscencias, hade lembrar-se que não foi outra a linguagem da Chronica Maranhense.

E o que fazia neste tempo o partido dominante? Recebeu a noticia da surpresa da Manga com um grito de alegria; o movimento não lhes inspirou o menor receio, e parecia-lhes facilissimo sopea-lo quando quizessem; mas a occasião era optima para accusar a opposição desse espirito anarchico que tam constantemente, e com tanta falsidade lhe attribuiam, e assim em vez de esclarecer o governo sobre a naturca dos perigos que nos ameaçavam, em vez de esclarecer a população chamando-a a um centro de união,

(*) Acoca. E' expressão usada no Appenso.

e inspirando-se a confusão a todos, a facção, pelo órgão dos seus jornaes, nas correspondencias particulares, nas reuniões, e nas conversações, tomou a peito pintar aquelle movimento como resultado de uma conspiração politica, confiada em obter por essa manieira uma geral explosão de odios contra a opposição, porque os homens são tanto mais credulos quanto maior é o seu medo. Dahi essas fabulas absurdas, e esses argumentos de partido, onde a força da paixão substitue a da razão; ora denunciavam-se umas pretendidas proclamações impressas, distribuidas pelos rebeldes, ora que elles haviam nomeado seu vice-presidente a um distincto opposicionista, ora que as suas grosseiras e estupidas requisições denotavam superior capacidade em quem as havia imaginado, semas escripto!

O governo, que da sua parte não soubera dar por si direcção ás forças, e menos escolher um habil commandante, para decausar na sua escolha, levou a imprevidencia a ponto de recusar o offerimento feito pelo presidente do Pará—de mandar-lhe 500 homens, logo que fossem requisitados, e despresou os conselhos que a este respeito lhe deu a opposição! Que diremos dos seus agentes no interior? A mais rematada ineptia, a pasmosa habilidade com que nullificaram as numerosas forças de que dispunham, ao terror que os tomava á só idea do bando sedicioso, uniam a maior audacia em violar a liberdade individual de cidadãos inermes e pacíficos, em ataques á propriedade, e uma sultura e descomedimento de linguagem de que não ha muitos exemplos na correspondencia official. Houve tal que escreveu ao governo: "Não me fio na camara da Manga porque é toda de benteris, os mais acerrimos são taes e taes, um que pretende ser empregado, e outro que é um *malato muito prejudicial*, e que bem merece ir para bordo de uma embarcação de guerra!"

Derrotado e disperso o inimigo por forças de outra provincia, começou na nossa um grotesco concerto de louvores; os agentes do senhor Camargo deram-lhe os parabens do feito devido ás suas sabias medidas, e o sr. Camargo louvou a todos as assignalladas provas que deram de bravura, zelo, actividade, e alta intelligencia! Mas desta vez a força servia de prologo á tragedia; se o bando maior fora disperso, outros menores, de 10 a 12 homens permaneciam em alguns pontos, e a irritação proveniente dos antigos agravos cubria de ponto em ponto as arbitrariedades que relesbram com os commoções, com os attentados praticados nas suas excursões por algumas partidas de paizanos, que á pillagem uniram violências fisicas de mais de um genero. Um ex-sargento de policia se assignallou pelos estropos que praticou. Acrescentemos a isto os vexames inherentes ao serviço militar para que foi chamada tanta gente que não estava affeita a elle; acrescentemos a falta de pagamento dos soldados, ou a fraudulenta subtração de parte delles; e sobretudo a convicção da propria força que devia apoderar-se das classes interiores, quando notassem que só ellas compunham a quasi totalidade das fileiras opostas, e que os caudilhos legalistas não podiam ser mais ineptos.

Talvez nos tenhamos demasadamente demorado nestas considerações; mas é que nada reputamos superfluo de quanto possa provar que se houvesse mais actividade, previdencia, e politica, teriamos evitado

tantas desgraças. Assim, os que padeceram nesta espantosa tormenta, os que viveram submergidos no naufragio ou a fortuna, ou os parentes e amigos, devem momentaneamente lembrar-se que houve um governo, que houve um partido intolante e perseguidor, que estando na posse exclusiva de todos os empregos, que dispunha, sem o menor embaraço, de todas as forças da provincia, não soube afogar á nascença uma revolta de 10 homens, nem aproveitar-se da victoria alcançada no Parna-hyba, e que regeitando os auxilios offeridos pelo Pará, entregou-nos de mãos atadas aos furores de uma população feroz, que nem ao menos sabria á campo pela segunda vez, se tivessem noticia de que nos haviam chegado os 500 homens do Pará.

Continuemos com a triste narração dessa serie de desacertos, e desleixos. Vinte dias, pouco mais ou menos, depois da dispersão dos rebeldes no Parna-hyba, começaram de apparecer numerosos bandos nos logares de Miritiba, Espigão, Bella-Agua, Queimadas, e Chapadinha, e ainda aqui foi tal a pouca actividade dos prefectos que o presidente da provincia (que já então era o sr. Manoel Pelsardo) só veio a receber taes noticias quasi em meados de Março.

A demora juntou-se a inexactidão ou a falsidade, fazendo-se-lhe crer que o inimigo era fraco, e nenhum receio devia inspirar. A correspondencia dos prefectos, e os artigos do Investigador eram unisonos a este respeito, por que a vaidade de todos interessava em que se fizesse alta idea da sua influencia, avasaz poderosa para assegurar a tranquillidade. Foi como fundamento de ser o inimigo fraco que se fez daqui partir o major Falcão com só 40 homens a 17 de Março, e tal foi o auxilio que recebeu das auctoridades do interior que em 15 de Abril, quando bateu e dispersou o bando do Coque, pouco mais tinha de 80 praças. No entanto havia em Itapicuru-mirim uma numerosa reunião de paizanos, e eram de mais a mais apenas para o serviço da fortificação as tripulações das canoas grandes; no entanto o senhor José Egypto, tendo uma força não pequena na Manga, retirou-se, como já da primeira vez o fizera, para uma de suas fazendas, sem que nunca lhe fuisse possível avistar-se com o major Falcão, por que diz o digno sub-prefeito, o inverno ao qual consentir na sua junção! Em uma palavra, boa hora de receber o menor auxilio, o major Falcão teve de lutar com forças reunidas por ordem dos legalistas dominantes; mandando dissolver um grupo de 50 homens, ao mando de um certo Gustavo, respondeu-lhe este que aquella gente se achava reunida por determinação da auctoridade competen-

(5) Temos restabelecido neste, e no passado numero todos os factos que assignallaram a sub-prefeitura do sr. Joze Egypto durante as desordens; resta-nos dizer que por fim S. S. *retirou-se* para esta cidade, deixando o sr. Falcão a braços com a anarquia excitada por alheios despotismos. O senhor Joze Egypto, em sua defeza, nos revela que escapou miraculosamente a uma *toada* que lhe armaram na bahia do Munim, que é muito rico, que foi esdete na sua meninice; e para tornar mais brilhante o relatório das suas façanhas, introduziu-lhe, por citação, um verso da *Martinhada*, e uma tal abundancia de insultos, que chegou a despertar ciúmes no senhor Leonel.

te, o tenente-coronel Raimundo do Rego.

No Brejo o prefecto nada fez em favor da legalidade, supposto tivesse ás suas ordens 100 praças de 1.^a linha, tanto do destacamento, como das que trouxera o capitão Pedro Alexandrino, e cerca de 250 paizanos que havia reunido. Tendo os rebeldes começado a apparecer em grande numero, pouco mais ou menos em 20 de Fevereiro, quasi em meados de Março é que sahio do Brejo uma pequena expedição para vir bater um grupo que se achava nas Larangeiras; mas aos primeiros tiros abalou o commandante, Antonio Pereira; o posto foi mantido por algum tempo, mediante os esforços de um official, e varios sargentos da policia, e a final abandonado, por ser o inimigo muito superior em numero. A pequena expedição recolheu-se no dia 16 de Março, deixando ao inimigo o campo, e a força moral e o entusiasmo de um primeiro triumpho. De então até 5 de Abril dia em que sahio a expedição do capitão Pedro Alexandrino, nenhuma outra se fez, conservando-se em todo esse tempo o prefecto do Brejo na mais completa inação.

Em verdade, foi desastrosa, foi fatal á causa da ordem essa mal-combinada expedição; todos os erros e desacertos anteriores podiam ainda ser remediados, se a prefectura do Brejo estivesse então confiada a sujeito de maior capacidade e prudencia. Demoremo-nos sobre este desagradavel assumpto, até hoje pouco conhecido. No 1.^o de Abril, o sr. Severino dispondo as couzas para a marcha da força, referiu que um tal Fideles, morador nas Arcas (a um quarto de legoa da villa) havia conseguido escapar-se do poder dos rebeldes, na Chapadinha, e dava a noticia que estes andavam por pouco mais de 30, e em geral, mal armados; que por consequencia não havia tempo a perder, que a expedição devia sair, para ir fazer junção com a força do major Falcão. Em vão lhe representaram o infeliz Pedro Alexandrino, e outros cidadãos que era imprudente arriscar a força em tal tempo, e por taes caminhos, sem haver mais exactas informações sobre o estado, numero, e posição do inimigo; que não havia que fiar em ditos de gente pouco conhecida; que era mesmo necessario saber-se a direcção do major Falcão. O sr. Severino reatou que o encontrariam sem falta na Chapadinha, e fez effectivamente partir no dia 5 a força composta de 110 praças de 1.^a linha, e 60 paizanos, ditos guardas nacionaes, quasi sem munhões de guerra e de boca; cada soldado trasia na patrona apenas uma meia dúzia de cartuchos, e o tenente-coronel João José Alves conduzia de sobresselente 200 massos, de dez cartuchos cada hum! Os mantimentos limitavam-se a alguns paneiros de farinha, e a cinco ou seis rezes pequenas, que logo se extranallaram no segundo dia de viagem; mas a este respeito assegurava-lhes o prefecto que o alferes Valentim de Torres, homem de bem, e da sua confiança, não só os proveria do necessario, mas lhes daria guias e amplas informações acerca dos rebeldes, com quem se communicava não só para observa-los, como para escapar ás suas violencias. De resto, como para tudo previu-se, o tenente-coronel João José Alves ia auctorizado para comprar mantimentos, *onde os houvesse*, passando os vales e clarezas, que fossem precisos! Quando nos lembramos que a provincia deve a sua perda a incurias deste genero, não podemos assaz admirar o

despejo com que aquelles que são culpados dellas, accusam os seus adversarios das desgraças que elles não preveniram! A expedição chegou no dia 9, ás 4 horas da tarde, á casa do *homem de confiança*, Valentim de Torres, que era morador no lugar denominado—*Burity do Esterão*—, a 12 legoas de distancia do Brejo. Em lugar das promettidas abundancias, acharam a esse malvado, que depois se collocou á frente dos rebeldes, reservado e ambiguo; tudo ignorava, por mais que o instassem para que desse algumas noticias. No dia 10, marchou a expedição para a Chapadilha, que ainda distava 3 legoas; a 500 braças de distancia do citio, começa uma estreita vereda que se prolonga por espaço de meia legoa, e mal que a nossa força entrou-se nella, foi a guarda avançada a commettida, e depois toda a linha restan-te, durando o fogo, que foi vivo, até saber-se no campo descoberto. Neste avançou-se perto de duas legoas, e como estivessem exaustas as patrões, foi necessario distribuir pelos soldados os poucos cartuchos que tinham vindo de sobresselente. Foi ainda necessario metterem-se por outra vereda, se bem que menos extensa que a primeira; foram novamente atacados, e soffreram fogo até sabirem novamente a um campo, d'onde se avistava a povoação da Chapadilha. Fez alto a força, em quanto o commandante expedía um officio aos rebeldes com o fim ostensivo de ordenar-lhes a evacuação da povoação, e que resguardassem as mulhi-res das consequências do combate que ia ter lugar, mas verdadeiramente para observa-los. Voltando porem o portador com a noticia de que não encontrara viva alma, avançou a força, e entrou ás 4 h 2 da tarde na povoação, tendo nos dois combates soffrido a sensivel perda de tres soldados mortos, dous officiaes, dous cabos e 19 soldados feridos. Tal era a vantagem das posições do inimigo, que combatia sempre coberto pelos matos.

Acampada a nossa tropa na Chapadilha, exploraram-se minuciosamente todas as casas, e apenas encontraram-se um homem mentecapto, e na que servira de quartel aos chefes rebeldes, umas tres libras de pólvora e chumbo corresponden-tes; e tal era já então a penuria de munições, que se aproveitou avidamente esta pequena porção, bem como a que havia derramada nas patrões, e os cartuchos arruinados, para se fazerem outros de menor dimensão, os quaes juntos aos que restavam dos sobresselentes, apenas deram para distribuir-se cinco e seis a cada praça. Fez-se depois conselho para assen-tar-se se convinha avançar, ou reuar para o Brejo; o capitão, a quem não faltou coragem nos diferentes ataques em que se achou, arrastou os votos, e fez decidir que se avançasse, mas ou por fatalidade, ou por inconvenientes que ignoramos, ou por falta de tino para conhecer que só a rapidez das marchas os poderia salvar, demorou-se ali inutilmente por tres dias, e só a 14 pelas 10 horas da manhã é que continuou a marcha para os Angicos. Ao entrarem na primeira mata, por estreitas veredas, foram incontinenti saltados, e soffreram fogo por espaço de tres quartos de legoa. Nestas criticas circumstancias foi admiravel o valor e a disciplina dos nossos bravos, extenuados de fadigas, quasi sem munições, atallados a cada passo pelas aguas e lamas, barrancos profundos, arvores derribadas pelo inverno, ou mui de industria

pelos rebeldes; vendo cair mortos dous dos seus companheiros, e embatacados com o grande numero de feridos que então chegaram a trinta e tantos, elles avançavam resolutos, e com uma intrepidez digna de melhor sorte. As 4 horas da tarde chegaram aos Angicos, restando a poucos soldados um a dous cartuchos, e a outros, apenas a arma carregada.

Em taes apuros, fosse fadiga, fosse descoroamento, o capitão Pedro Alexandrino, alcançado aquelle ponto, não quiz passar adiante, não obstante a opiniao contraria de alguns officiaes que lhe fizeram ver que sem meios de fazerem uma retirada em ordem por terra ou em balsas para passar o Munim, nesse tempo extraordinariamente cheio, toda a demora só teria em resultado faze-los acabar á mingoa. Na manhã seguinte aventuraram-se dous soldados a ir ter com o major Falcão, e pedir-lhe socorro; mas consta que foram surpreendidos e mortos pouco alem do acampamento. Foram terriveis os dias 15, 16, e 17! Os nossos, encommodados pelos continuos ataques dos rebeldes, tendo gasto os seus ultimos cartuchos, passaram todo esse tempo sem comer, e quasi sem beber; que os soldados que se aproximavam á fonte eram levados á tiro, e até as crianças e mulhi-res da situação que a principio conseguiram tirar alguma agua, foram a final ameaçadas pelos rebeldes com o mesmo tractamento, se continuassem. No dia 18, ao amanhecer, conhecida a impossibilidade de prolongar-se a resistencia só no interesse de uma vã e dolorosa esperança de socorro, mandou o capitão Pedro Alexandrino fazer proposições aos rebeldes, que as acceitaram promptamente, e depois de algumas conferencias com o chefe Antonio Joze de Couto Pinheiro (o Mulunguá) e das apparencias de uma capitulação, formou-se a nossa brava mas infeliz tropa, entregou as armas, e rendeu-se prisioneira. As 5 horas da tarde, sahindo o capitão Pedro Alexandrino da casa onde se achava para ir ao aquartelamento dos chefes rebeldes, foi assassinado com tiros; o tenente-coronel João Joze Alves, que jazia molesto e quebrantado numa rede, foi cosido a facadas, e os tres officiaes restantes, dous, alferes de policia, e um ajudante de 2.^a linha, taziaram a mesma sorte, se lhes não valessem os seus proprios rogos, os pareceres contrarios dos rebeldes em disputa, e por ventura o seu capricho singularissimo já satisfeito por então com duas victimas. Foi este o desfecho da malfadada expedição do Brejo. (Continuar-se-ha.)

VARIEDADE.

CIRCULAÇÃO DO SANGUE.

Quem não tiver attentamente examinado este assumpto ficará maravilhado ao saber a quantidade de sangue que corre pelo coração do homem, ou de qualquer animal de mediocre tamanho, no espaço de vinte e quatro horas. A porção de sangue que contem o corpo de um homem adulto é de trinta e quatro libras; a cada pulsação passa pelo coração onça e meia d'elle, tres colheradas, por exemplo; e se multiplicarmos esta soma por setenta e cinco [numero de pulsações de qualquer pessoa em estado de boa saúde] acharemos que em cada minuto giram pelo coração nada menos de sete libras de sangue; isto é, quatrocentas e vinte libras por hora, ou dez mil cento e setenta e seis

libras por dia: o que equivale a tres milhoes setecentas quatorze mil duzentas e quatro libras por anno—270.681 arrobas de sangue circulam em nosso corpo no espaço de um anno! o que acontecerá, pois á baléa? O coração daquelle grande massa animada, derrama, segundo o calculo dos naturalistas, 5 arrobas de sangue em cada pulsação; e ainda que se lhe deem tão somente 20 pulsações por minuto, circularão no corpo daquelle cetaceo 100 arrobas de sangue em um minuto; 6.000 em uma hora; 144.000 em cada dia; e 52.560.000 em cada anno. Prodigio! Mas quão admiravel é a obra da criação! Apesar disso, o espantoso curso e quantidade de sangue nas veias, arterias, e outros vasos menores do corpo animal, não nos admira tanto como o mecanismo necessario ao coração para conservar o sangue em movimento constante e regular, n'um corpo saudavel, desde o começo da existencia até a sua dissolução: sem fadiga imperceptivel, quando não sobrevinha alguma agitação corporea, ou mental. Desta forma o coração d'uma pessoa de sessenta annos deverá ter dado 2.365.200.000 pulsações, sem deterioração sensivel das valvulas.

Qual será, pois, a mola, ou causa de movimento tão regular? Os anatomicos tem ideado varias theorias, e neste mysterio a mais plausivel é a seguinte. Suppondo que o cerebro é uma massa electrica, que está em acção constante, é natural que descarregue em intervallos regulares [quando a tenção da electricidade chegue a certo ponto] pelos nervos que se dirigem ao coração, excitando por esta forma as pulsações deste orgão. Semilhante idea foi suggerida pelosapparelhos electricos, nos quaes successivas accumulações de electricidade passam a um globo suspenso, que se conserva annos inteiros no estado de oscillação regular. Alguns dos nossos leitores dirão talvez que a theoria é mais obscura que o phenomeno:—a isso responderemos que não é dado ás creaturas penetrar os arcanos da natureza; mas que á mente intellectual do homem é permittido julgar das cousas invisiveis, comparar os effeitos, e investigar as causas, confessando todavia a sua incapacidade. Se ao homem fosse dado tudo descortinar, cessaria então de ser creatura, e viria a igualar o seu creador.

(Do Panorama.)

Estatistica das Colonias Francêzas.

—Na Martinica é a população de 16.473 individuos livres, e 97.787 escravos. A população de Guadalupe é de 25.310 individuos livres, e 99.039 escravos. Os individuos livres da Guiana são 2.970 e os escravos 11.321. De maneira que em todas estas colonias ha 75.994 homens livres, e 278.624 escravos. Em S. Pedro e Miquelon ha 903 individuos livres. Nos estabelecimentos da India ha 1.199 europeos, e indios naturaes 151.901.—Total da população das Colonias 508.534.—*Guarnições de infantaria e artilheria.* Na Martinica 2.053. Na Guadalupe 2.080. Em Bourbon 571. Na Guiana 435. E na India 9. Total 5.118. (Diário do Rio.)

A VISO.

—Antonio Francisco Lisboa, vende um chão cito na rua do Passeio, fazendo canto para a do Cemiterio velho, com 6 braças de frente, e 15 de fundo, quem quizer comprá-lo procure o annunciante na rua das Violas casa n.º 33.

MARANHÃO: IMPRESSO NA TYPOGRAPHIA IMPARCIAL MARANHENSE. ANNO 1840.

CHRONICA MARANHENSE.

VOL. II.

QUINTA-FEIRA 16 DE JANEIRO DE 1840.

N.º 204.

Assigna-se em casa do Redactor, rua do Egypto n.º 12, e na Fabrica de Chapcos de Vidigal Irmão & Co, rua Grande: preço por trimestre 3\$000, por semestre 5\$500, e por anno 10\$000 reis, pagos adiantados. As folhas aculsas rendem-se a 100 reis na sobredita Fabrica, e os azisos imprimem-se a 60 reis por linha, mas os dos assignantes, gratuitamente, com tanto que não excedam a 20 linhas.

MARANHÃO: IMPRESSO NA TYP. IMPARCIAL MARANHENSE. ANNO DE 1840.

MARANHÃO.

Palacio do Governo do Maranhão 10 de Janeiro de 1840.

Ordem do Dia.

S. Exc. o Sr. Presidente da provincia, manda publicar para conhecimento da guarnição desta cidade, que huma partida que sahio do acampamento do Icatú sob o commando do major Eorralho, e tenente Sudré, afim de explorar pelo lado da Ribeira e seus contornos, recolheu-se no dia 6 do corrente, conduzindo: 11 prezos, 5 armos, 1 patrona, 3 cavallos, porção de roupa vermelha, e chapcos com o distinctivo de que usão os facciosos. Tere esta partida de cercar de noite uma caza, onde constava ter não pequeno numero destes malvados, mas logo que elles presentiram a chegada da nossa força deitaram a fugir por huma porta onde acabava de postar-se 10 soldados, que lhe fizeram fogo donde resultou a morte de 4 bandidos, e ferimento d'alguns.

O digno commandante da brigada que ordenou esta exploração e os dois valentes officiaes que tão bem a desempenharão tornão-se dignos de elogios.—*João José de Santa Anna*, tenente ajudante d'ordens do governo.

Correspondências.

Sr. Redactor da Chronica Maranhense.

—He a primeira vez que lhe peço o obsequio de inserir na sua folha esta pequena carta, e hum officio a mim dirigido, do que lhe ficarei agradecido, e prompto a satisfazer o seu trabalho; não he mais que cumprir a minha gratidão aos Guardas Nacionais de que he chefe o muito benemerito Ilm.º Sr. Tenente Coronel José Leandro Ribeiro, cuja maneira de moderar ao serviço prestado neste Districto pela commissão de que se acha encarregado, he digno de estima, e louvores. Depois de haver varias opiniões que os habitantes deste Districto não se apresentariam voluntarios para serem alistados Guardas Nacionais deste Municipio de S. Bento, he que chegando neste lugar a 11 do corrente Outubro o dito senhor, vindo de S. Bento velho, parte onde principia primeiro o alistamento das ditas Guardas, que conseguiu alistar ali todos os habitantes, segundo se vê pela copia do officio junto: era para não se acanhar pelo boato que corria se eu não tivesse conhecimento da actividade, prudencia, e presteza do mesmo Ilm.º Sr.

Tenente Coronel Commissario alistador, e verificando pelo proprio alistamento. No dia seguinte de manhã communicando-me as ordens que do Exm. Sr. Presidente tinha para o dito fim, disse-me que convocasse os meus Districtanos mais visinhos, e bastaria virem 8, ou 10 que por fim não seria mais necessario convocar ninguém, porque logo que se alistassem estes, elles mesmos convidavam os outros para comparecerem, e se alistarem, como de facto assim aconteceu, alistados os ditos receberam as ordens e comprirão convocando uns aos outros 16 que alistaram-se todos, a excepção de uns 8 inclusive doentes, e os que não se deitavam no Districto; e qual o tempo decorrido? Sr. Redactor dois dias, com a distancia de duas leguas, ficando 82 alistados; eu proprio persuadi-me não ser tão facil obter a promptidão voluntaria, mas no mesmo tempo certifiquei-me com o effeito, e devida estima que vai ganhando o Ilm.º Sr. Commandante das Guardas Nacionais do Municipio. Fico sendo com consideração.

De Vm.º

Patriotic Ode e Co.

Porto de Cajapió 4.º Districto 14 de Outubro de 1839.

Augusto Cezar da Serra.

—Tendo sido nomeado pelo Exm. Sr. Presidente da Provincia, por officio de 29 de Agosto p.p., Commissario alistador das Guardas Nacionais em todo Municipio da villa de S. Bento, na conformidade do regulamento de 15 de Outubro de 1837, e querendo quanto antes dar execução as ordens que me foram transmitidas; (neste lugar onde ainda não chegou) vindo de S. Bento parte onde abri o 1.º alistamento, o que conseguia alistar ali a todos os habitantes, que se prestaram com promptidão e heio, cujos louvores merecem os alistados Guardas Nacionais daquelle lugar, e os Inspectores que os dirigiram; a vista do art. 3.º do exemplar, nem só Vm.º subministrará como Inspector do Quarteirão, todas as informações para o que se apresentará neste Quartel com todos os homens habitantes do seu Districto, amanhã que se conta 12 do corrente, as 4 horas da tarde, para o alistamento, como fica dito, cuja promptidão espero da sua actividade e patriotismo a prol da legalidade.

Porto de Cajapió 11 de Outubro de 1839.

Joze Leandro Ribeiro, Tenente Coronel e Commissario alistador do Municipio da Villa de S. Bento.

Ilm.º Sr. Augusto Cezar da Serra, Inspector do 4.º Districto do porto de Cajapió.

Sr. Redactor da Chronica Maranhense.

—A qualidade, merecimento, e prudencia que tem patentado neste Districto de S. Bento Velho o Ilm.º Sr. Tenente Coronel José Leandro Ribeiro, Commandante e Commissario alistador das Guardas Nacionais da villa de S. Bento, na commissão em que se acha encarregado, he todo o motivo que me obriga a pegar na penna pela primeira vez, para rogar-lhe o obsequio inserir na sua folha esta mal arranjada carta do que peço desculpe-me as faltas, ficando-lhe obrigado, e prompto a satisfazer o seu trabalho. Ainda não tinha a nomeação de Inspector de Quarteirão deste Districto; havia hum boato que os Guardas Nacionais se não prestarão para o alistamento, o que tanto magoou-me depois da minha nomeação e antes de ver acabado o alistamento deste Districto, e hoje tanto prazer posso asseverar a V. S. que tenho na minha alma por ver esta tarefa finalizada com a unanimidade da reunião dos meus Districtanos, os quaes estão alistados Guardas Nacionais com leão de patriotismo, e nada mais posso de que chegar neste Districto o Ilm.º Sr. Tenente Coronel Commandante das Guardas, e Commissario, e na qualidade de Inspector officio-me, e dando o exemplo aos meus Districtanos com promptidão recebi as ordens, e puz em execução, e no seguinte dia principiarão a se reunir os individuos deste lugar, e alistaram-se dando por acabado no 3.º dia com 53 Guardas Nacionais, a excepção de uns que não estavam no Districto, e outros doentes, e qual o merito de prudencia, Sr. Redactor no digno Tenente Coronel Commissario do Municipio de S. Bento o Sr. José Leandro Ribeiro, em todo o decurso de tempo na sua tarefa, por mim julgo que foi reunir em todos os habitantes deste Districto de Quarteirão hum só estima para com os meus Districtanos: louvores sejam dados ao Sr. Ribeiro por suas boas maneiras, e os brizos Guardas Nacionais que abrirão o exemplo em todo Municipio seja reconhecido como tal; adeus Sr. Redactor até outra occasião que tiver de louvar o merecimento dos que tiverem de merecer, e sou.

S. Bento Velho 11

de Outubro de 1839.

De Vm.º

Att.º e C.º

Raimundo Acclino de Barros.

Sr. Redactor da Chronica Maranhense.

—Rogo-lhe o obsequio inserir na sua folha o seguinte:—Depois de correr por este Districto hum boato, que os habitantes não haviam obediencia a convocação alguma para se alistarem Guardas Nacionais do Municipio da villa de S. Bento,

foi que constando-me tanto por noticia como por officio do Ilm. Sr. Tenente Coronel José Leandro Ribeiro, Comissario alistador dos Guardas Nacionais do Municipio da villa de S. Bento, que já haviam sido alistados, os habitantes de São Bento Velho e Cajapió em o dito officio determinava-me que como Inspector do Quarteirão convocasse os habitantes do meu Districto para se alistarem, e convocando eu aos que achei no Districto acudiram com promptidão e se alistaram; não pude com tudo conseguir a convocar todos por ter havido demora do portador em me entregar o dito officio, mesmo pelo dito Sr. ter marcado o alistamento em outros pontos e ficar por isso parado por em quanto o alistamento no meu Districto; não julguei com tudo a ser facil conseguir tam promptamente a marcha da convocação, mas os brizos habitantes deste 3.º Districto do meu Quarteirão merecedores de elogios, devidos ao bom conceito, prudencia, e merito do Ilm. Sr. Tenente Coronel José Leandro Ribeiro, que por suas boas maneiras tem chamado aos individuos dos mencionados Districtos aos seus deveres, que tanta estima e merecimento vai tendo para com os seus subordinados no curto espaço de tempo, de se fazer reconhecido da estima dos Guardas Nacionais do Municipio, cuja testemunha sou, por ter transitado do meu Districto ao já alistado 1.º Districto de Cajapió, e outro tanto asseverar-me, em creio prevalecer nos animos dos Guardas Nacionais do Districto de São Bento Velho, em cuja ordem tem de rivalizar os meus Districtanos. Não lhe quero ser mais opportuno e peço-lhe desculpe-me algumas faltas de escripta, o que lhe rogo compunha como he de dever, asseverando-lhe o meu agradecimento e prompto a pagar-lhe o seu trabalho, por ser

De Vm.º Patrício e

Att.º Co.

Pimenta 3.º Districto
18 de Outubro
de 1839.

Bento José Lauro de Lemos.

CHRONICA MARANHENSE.

Dando-se tao frequentemente noticias da campanha, não será fora de caso darmos tambem algumas do acompanhamento do Itapucurú mirim.

Nos ultimos dias do mez de Dezembro viu aquella villa reproduzir-se a scena odiosa das visitas domiciliares, meio que se se tem atrevido a empregar os governos revolucionarios ou despoticos. O pretexto era descobrir-se se havia munições escondidas, e foram por isso revistadas sem remissão todas as lojas e quitandas, bem como as casas onde ellas se achavam estabelecidas. Prenderam-se tres individuos, a dois por se lhes achar em casa uma pequena porção de pólvora, e ao outro, uma porção de roupas de soldados, furtadas, compradas, ou obtidas por outro meio qualquer; porem nem um só delles foi metido em processo. Pelo contrario, o de nome Manoel, preto livre, e estabelecido com quitanda e padaria, depois de ter estado tres dias á ferroz n'uma embarcação, foi solto sem mais averiguação alguma, como para provar-se que ali se exerce uma dictadura que castiga, absolve, e perdoa como bem lhe apraz! Não é raro verem-se homens livres, presos, ou prisioneiros na guerra, soffrem publicamente o supplicio da chicotada. Eis o fructo das desordens! Vi-

lencias contentados taes pouca sensação produzem, e parece que até a primeira auctoridade da provincia ignora a existencia delles!

Quediremos da remessa dos presos para esta capital? Em negocio algum se observa tanta ligeireza e negligencia, como neste em que vai interessada a liberdade de cidadãos brasileiros, e a sorte de suas familias abandonadas. Sabemos como se fazem muitos prisioneiros; uma boa parte são presos em suas casas, mediante denuncias vagas, ou táfismos, mediante o capricho do commandante da força; e sem mais indagação, sem processo, mesmo nos lugares em que todas as auctoridades estão no livre exercicio das suas funcções, são remetidos para Itapucurú-mirim, e de lá para esta capital, e desta capital para outras provincias! Assim, em quanto alguns cabecas da desordem, cujos crimes não soffem duvida, estão á frente da força legal, uma multidão de homens obscuros, entre os quaes necessariamente haverá muitas victimas da intriga, do capricho, ou simplesmente da indifferença e desmazelo, são tractados com o ultimo rigor! Aqui já não diremos simplesmente: *Eis o fructo das desordens!* mas tambem: *Eis a causa de futuras desordens!*

E pois no interesse do nosso futuro repouso, no interesse da justiça e da Bona-fide que desejariamos ver algumas providencias a tal respeito. Se é impossivel executar-se a lei a risca, se as circunstancias tem posto o governo na necessidade de a esquecer, estabeleça-se embora um outro meio temporario de apurar-se a verdade para que não continuem a soffrer a innocencia, e ainda mesmo a imprudencia, confundidas com o crime. O major Ribeiro quando remetter cento e tantos prisioneiros, feitos no Bebedouro, declarou que entre ellos vinham alguns cidadãos que os rebeldes haviam sequestrado, e obrigado a se unirem a elles. No entanto nem o major, nem outra alguma auctoridade deu-se ao trabalho de separar os rebeldes dos que haviam sido suas victimas, e que nesse caracter eram dignos de todo o interesse! mas ainda lhes ylleu, soffreram dos rebeldes, e depois foram tratados como rebeldes, e remetidos de mista com elles para o Sul! Isto é verdadeiramente intoleravel, e não deve continuar assim.

Noticias.

No dia 8 do corrente sahio do acampamento da Miritiba a fazer explorações o bravo alferes Anselmo com uma escolta; a causa de uma legião, no lugar dos Tocum, foi atacado pelos rebeldes, que foram repellidos; mais adiante soffreu a nossa tropa outro ataque, e o inimigo, sendo novamente repellido, foi perseguido á distancia de quatro legoas, perdendo 6 mortos, muitos feridos, (ao que se suppõe) 8 cavallos, farnas, e bagagens. Dos nossos foram feridos levemente 4 soldados, e o alferes. E a terceira vez que este bravo Maranhense recebe gloriosas feridas, combatendo pela patria.

A Revista n.º 10 veio a lume bem interessante! O *Amigo do Paiz* occupalla umas oito columnas, nas quaes teve a pouca caridade de repetir-nos tudo quanto havia dito nos seus artigos anteriores, acrescentando-se tam somente uma terna invocação ao general Andrea, para que venha fazer uma visita a Maranhão, e ex-

terminar o Lisboa, porquanto em si mesmo acharia o illustre general as medidas necessarias para esses e outros feitos. Conclue o joven asseverando que o anno corrente não hade ser como o passado, que as cousas hão de tomar um novo aspecto, porque o *Amigo do Paiz*, que até agora não era apparecido, *estará sempre alerta para conter o senhor Lisboa na orbita dos seus deceres*. O nosso respeitavel antagonista é modesto de mais, e presume muito pouco da salutar influencia dos seus escriptos.

O redactor da Revista occupou-se particularmente com o nosso artigo sobre as reacções; diz que encontrara nelle sentimentos nobres, a devoção mais sublime, os principios mais sãos; porem grita que a Revista não é que produziu a *reacção*, que esta é filha immediata da *acção* revolucionaria, que apenas o innocente periodico tracta de fazer accusações, baseadas em provas *moraes*, a fim de que os seus adversarios soffram ao menos uma pena *moral*. Que bem conhece, pela imperfeição de nossas leis, que hão de subtrahir-se ao merecido castigo! Mette do o estado do contemporaneo, nem ao menos o sustenta a esperança que tem o seu correspondente—de que o general Andrea nos venha fazer uma visita!

De resto para que ninguém se engane com o que tem a apparencia de bom na Chronica, o contemporaneo tem o cuidado de attribuir tudo a artificio e manha. E como a carta dirigida ao Silveira, em que nada havia que não fosse nobre e generoso, segundo confessou, mas que todavia serviu-lhe admiravelmente para confirmar as suas accusações. E como a nossa linguagem, que diz haver melhorado depois do começo da desordem, mas de que se serviu para provar que favorecíamos a desordem, indirectamente "*Que contraste!*" (exclama o contemporaneo, cheio de boa fé). A *Chronica lamenta agora o nosso estado presente, moralisa sobre as tristes consequências das dissensões civis, sobre a estagnação da renda, paralisção do commercio, e destruição da lavoura, sobre as rivalidades, ringanças, &c. Que contraste! Quem diria que esse artigo é obra da mesma penna que redigiu a Chronica em 1828, e 1839!*

Tudo são passins da parte do contemporaneo, pela nossa pretendida metamorphose, pela subtil mudança da nossa linguagem; mas nós é que não podemos assaz admirar o despejo com que elle assim falla, adiante de uma população que tem lido os nossos escriptos! O contemporaneo resignado a soffrer todas as consequências do seu systema regular de diffamação, parece que já pouco se embaraça em que as suas imposturas, forjadas n'um dia, sejam logo no outro desmascaradas. Não desdobre tanto de impaciencia; depois que houvermos concluido a narração dos progressos da desordem actual, até a perda de Caxias, analysaremos uma por uma todas as suas accusações, embora por isso venhamos a cahir em repetições enfadadas; nam havemos esquecer a nossa pretendida correspondencia com os rebeldes; mas por agora veja o publico como escreviamos ha dois annos; a nossa linguagem em nada mudou, lamentavamos, como hoje, os tristes resultados das dissensões civis, a destruição das riquezas publicas e particulares, as rivalidades, os odios, e as vinganças. Lea-se o artigo abaixo transcrito, e publico em o n.º 2 da Chronica, em 5 de Janeiro de 1838, por occasião da

revolta da Bahia. Sirva elle de confusão ao redactor da Revista, se é que o calumniador por systema é susceptivel de pejo; sirva elle igualmente de resposta ao *Amigo do Paiz* que copiando peridos nossos destacados, pretendeu com elles provar que pregamos a favor da republica.

Extracto da *Chronica* n.º 2, de 5 de Janeiro de 1838.

Como quer que seja, a rebellão existe, e pouco importa o seu fim, e a bandeira que ha de arvorar, quando, desta ou daquela maneira, os males serão sempre os mesmos; a rebellão existe, e nenhum bom Brasileiro poderá deixar de lastimar as suas fataes consequências, e de indignar-se contra os seus perversos ou tresloucados auctores. Ou a rebellão seja abafada á nascença, como é provavel ou consiga, não triumphar completamente, mas lavar pelo interior, e prolongar-se por muito tempo, grandes serão as desgraças; as perseguições e a intolerancia do partido que a final ficar vencedor, qualquer que elle seja, os morticínios feitos nos combates, as emigrações, o abalo e paralisação que ha de soffrer o commercio e a industria, o desbarato e roubo dos dinheiros publicos, a diminuição ou extincção das rendas, as despezas extraordinarias a que se verá obrigada a administração geral com a manutenção do exercito e esquadra da legalidade, e em resultado dellas, o augmento da dívida publica, já tamanha, tudo são males, ou actuaes ou futuros, com que forçosamente se ha de affligir os amigos da humanidade e do Brasil.

Ah! e quaes foram os justos motivos que obrigaram os revolucionarios a arriscar sua patria a tantas desventuras? cuida algum que toos motivos existem? não, apenas se dão vagamente algumas razões banaes e futeis contra uma imaginaria opressão e desprezo com que o governo central tracta as provincias!

Mas vejamos se ao menos algum fim nobre que tiveram em vista, pôde attenuar o seu crime. Acaso se perscrutaram esses homens que a liberdade do Brazil estava em risco de perder-se? quizeram porventura salvá-la, e nesse proposito proclamaram um novo systema, ou tentaram contra as pessoas do actual governo? Se assim praticassem, elles seriam da mesma forma criminosos perante a lei, e o seu crime produziria os mesmos pessimos resultados que ainda ha pouco apontamos, não menos, poder-se-hiam desculpar com a pureza das suas intenções, e com os seus sentimentos de generoso patriotismo; mas quando vemos que, praticando um attentado contra a unidade nacional e contra a integridade do nosso territorio, só procuraram realisar a idea mesquinha e deploravel da separação das provincias e conferindo postos e augmentando soldos, só procuraram contentar ambições tão apoucadas quam desordenadas, não podemos deixar de reconhecer que andam aqui á la par a mais profunda ignorancia e a mais rematada perversidade!

Assaz conhecemos a sizerdeza e circunspectação politica do povo maranhense; cobradas provas tem elle dado do seu amor á paz, e do seu horror ás desordens; e dahi não podemos erar que haja nesta provincia um só pessoa que não negue o seu deseno, e as suas sympathias a uma rebellão feita pela solidadesa, insubordinada e corrompida por promessas, e pela plebe ignorante, que ainda em 1833, guiada

por irmandades ainda mais ignorantes, destruiu o cemiterio que na Bahia se originou de uma plebe finalmente, que hoje, em nome de uma liberdade que desconhece, e de uma independencia que não comprehende, e amania, guiada por outros chefes, e invocando outros nomes absolutamente contrarios, estará sempre prompta a se manchar com todos os excessos, e irá sempre adiante de todas as perseguições.

VARIEDADES.

LUTHERO.

—Martin Luthero, creador de uma religião de príncipes e de aristocratas, era filho de um camponez. Elle conta em poucas palavras sua historia com essa humidade impudente que prova dos triumphos de toda a sua vida.

"Eu sou filho de hum camponez; meu avô, meu bisavô eram verdadeiros camponezes. Que eu viria a ser bacharel, doutor, não estava por certo nas estrelas. Não assombrei tanta gente, fazendo-me frade? Attilio-se meu pai com isso; e depois lutei braço a braço com o papa; despozei uma freira, tive filhos della. Quem vio tues couzas nas estrelas?"

Nascido em Eisleben, nos 10 de novembro de 1483, enviado logo na idade de seis annos á escola, em Eisenach, cantava de porta em porta para ganhar o pão: "e eu tambem, diz elle mesmo, fui pobre mendigo; recibi o pão á porta das cazas." Humm senhora caridosa, Ursula Schweickard, apiedou-se delle, e mandou-o educar. Entrou em 1501 na universidade de Erfurth; e ali o pobre e obscuro menino abriu essa nova era para o genero humano, era que com elle começa, e que tantas revoluções e calamidades devião tornar indolevel na memoria das homens.

De principio deo-se Luthero ao estudo do direito; aborreceo-se delle; occupou-se de theologia, de musica, de litteratura; vio um dos seus compaheiros morto de raiz; prometteo a Santa Anna fazer-se frade, e nos 17 de julho de 1505, entrou de noite no convento dos Augustinhos, em Erfurth; encerrou-se no claustro com um Plauto e hum Virgilio, para mudar o mundo christão. Deus annos depois ordenou-o. Quando disse a primeira missa, estava quasi morto, por que não tinha fe "alguma; vierão depois os desgostos, as doalhas, as tentações." Afim de firmar suas crenças, Luthero partiu para Roma. Ali achou a incredulidade assentada sobre o trono de S. Pedro, e o paganismo resuscitando no Vaticano. Julio II, de capacete na cabeça, não sonhava sem combates; e os cardeaes, Ciceros de linguagem, estavam transformados em poetas, diplomatas e guerreiros. O papismo tinha, sem o saber, abdicado a autoridade temporal; o papa fazendo-se príncipe, á moda dos outros príncipes, cessava de ser o representante da república christã, renunciava a esse terrivel tribunal dos povos, de que fora antes investido pela eleição popular.

A Julio II succedeo Leão X, rival de Luthero; o seculo achou-se bem depressa dividido entre o papa e o frade; Leão impoz-lhe o seu nome, e Luthero a sua potencia. Tratava-se de finalisar a formosa igreja de S. Pedro, e não havia dinheiro. Sem ter o que se produzia thesauros na meia idade, alguém lembrou-se em Ro-

ma dos tempos em que a christandade contribuía com esmolas para a construção das cathedraes e das abadias. Leão X mandou vender na Alemanha, pelos Dominicanos, as indulgências que vendião os Augustinhos. Luthero que era então vigario provincial destes ultimos, ergueu-se com força contra o abuso de semelhantes indulgências. Dirigio-se immediatamente ao bispo de Brandebourg, ao arcebispo de Mayença; do primeiro só teve uma resposta evasiva; o segundo não lhe respondeu. Então, propoz publicamente theses que ia sustentar contra as indulgências. A Alemanha foi abalada; Petzel queimou as theses de Luthero; os estudantes de Wittenberg queimaram as proposições de Petzel. Leão X enviou ao longo hum estrondo, que se levantava do outro lado dos Alpes. "Ravaldade de frades, diz elle? Os Athenienses mofavão dos barbaros da Macedonia."

Ogosto do príncipe da Igreja para as letras dominava qualquer outra consideração. Elle tinha para si que trez Lutheros era um insigne talento. *"Foi Martinho acerca hum bellissimo ingegno?"* Todavia, para concilienciar com seus theologos, mandou intinar ao bellissimo ingegno, que comparecesse em Roma. Luthero não no apoio do elector da Saxonia, illudiu a ordem. Leão X exigio deste que lhe entregasse Luthero: Frederico resistio. Luthero, tranquillizado, escreveu ao papa: "Tomo por testemunha Deos e os homens de que nunca, quiz, nem quero hoje, a tropellar a igreja romana nem vossa santa autoridade: reconheço plenamente que esta igreja está acima de tudo; e que de tudo quanto ha no céu e na terra, nada se-lhe pode preferir a não ser Jesus Christo." Luthero era sincero, posto que as apparencias fossem contra elle, porque ao mesmo tempo que assim se explicava com o papa, dizia a hum palatim: "Não sei ainda se este papa não he o Anti-Christo, ou o apostolo do Anti-Christo."

Bem depressa publicou o seu livro do *Catheiro da Babilonia*. Elle ali declarava a igreja captiva, o Christo profanado na idolatria da missa, desconhecido na dogma da transubstanciação, e prisioneiro do papa.

Tomando a peito mostrar que atacava antes o papismo do que o papa, escreveu hum carta a Leão X, todo occupado com Michel-Ange a levantar o templo de S. Pedro, e a escrever a Raphael: "Vós fareis a honra do meu pontificado." Os grandes germanicos e barbaros de Luthero importunavão os Mediceis na meia do luxo das artes, e sob o bello céu da Italia. Não podendo persuadir-se que se tratava de hum seismo, mas para suffocar rumores obscuros, Leão X lança a bulla da condemnacão. A bulla chegou á Alemanha; o povo sublevoa-se, foi lançada á agua, queimada em Wittenberg; primeira labareda de hum incendio que da Europa devia espalhar-se a todas as partes do globo.

A Alemanha he o paiz da honestidade, do genio e dos sonhos; quanto mais as abstracções dos espiritos nebulosos são intelligíveis, tanto maior enthusiasmo excitao entre os sonhadores que cuidão em tmdo-las.

A dieta de Worms foi o triumpho de Luthero; ali compareceo perante Carlos V, seis electores, hum archiduque, dois landgraves, vinte e sete duques, um grande numero de condes, de arcebispos e de bispos. Entrou na cidade em hum magnifico

carro, escoltado de com gentis-homens armados de ponto em branco. Cantava-se este hymno diante d'elle: — *Nosso Deus he humo fortaleza, humo espada e humo braço armellado.* O povo estava apinhado até sobre os telhados, para ver passar frei Martinho. Firme e moderado, o doutor nada quiz retractar do que avançava relativamente ás doutrinas, mas somente do que dissera a respeito das pessoas. Luthero, diz o sr. Michelet, disse *não* ao papa, não ao imperador. Isto prova covardia e coragem, mas uma dessas covardias que não são muito diffíceis, quando se está bem defendido, ebeio de renome, e excitado pela ambição de vir a ser um chefe de seita. Luthero era apoiado no seio mesmo da dieta: nobres e condes o vinham visitar. Quando Jesus Christo appareceu diante de Pilatos, estava ali, abandonado até mesmo dos seus doze discipulos; todavia a potencia da terra conspirava contra elle. A dieta publicou o decreto imperial contra o reformador e seus adherentes. Luthero retirou-se; e o elector da Saxonia, para subtrahir a qualquer perigo, mandou-o segurar á força, e encerrou-o no castello de Warthburg.

Do alto da sua cidadella, lançou elle humo multido de escriptos ardentes, imitando Athanasio, que combatia pela fé do fando das grutas do Egypto. Tornando-se impetuoso pelo seu benevolente captivo que lhe dava ares de um martyr, só fallava de *quadrar a terra*, de *implantar Pharaões sobre os endurecidos.* Esperou que elles lhe hão de matar, mas minha — *hara ainda não voltee: he preciso que antes disso eu torne ainda mais feroz esta raça de vitoras.*

Tinha começado a publicar sua traducção da biblia: principia e bispos a prohibi-lo. Como chefe de seita e como autor, Luthero irritou-se; a cofera deu-lhe a previsão do porvir. O povo, escrevia elle, agita-se de todos os lados, tem os olhos abertos: já não quer ser opprimido; os principes fechão os olhos a estas symptomas ameaçadores. Pois bem; o Senhor consumirá tudo; parece-me já ver a Alemanha nublada em sangue.

Entretanto, a imprensa parecia ter sido domada a tempo para a propagação das novas doutrinas: a igreja lutheriana estabeleceu-se. Sabe-se que elle tegeitou, e o que convertera da igreja romana, mas o sistema entrava por todos os lados nesta nova communhão; Calvino appareceu em Genebra; Luthero battia-se com Caristadt, e escrevia contra elle libellos amargos.

Os ampulhosos revoltas do seu contra seus senhores, e arrojaram-se contra os bens dos principes ecclesiasticos; dahi os illustres que consanguentaram a Europa. Era balde o reformador fez o que pôde para desarmar as massas; o alluge estava tirado da balaia, e já não podia entrar nella sem a devida de dois seculos de immolação e de carnagem.

Luthero abriu a porta dos claustros, e dali sahio humo multido de homens e mulheres que não sabião o que fazer. Elle cazon-se, pois, tanto para dar-lhes hum bom exemplo como para livrar-se das suas proprias tentações. Todo aquelle que infringia as regras procura arrastar com si os fracos, e com o exemplo do grande numero, dar feições de justiça e de direito a humo acção que foi unicamente o resultado de um accidente ou de humo paixão reflectida. Os votos santos foram dobradamente violados: Luthero casou-se com uma religiosa. Tudo isto pôs

ser mui bom, mui philosophico segundo a natureza; mas, ha outra natureza mais elevada, a que compete attender. Difficil he, quaesquer que sejam as virtudes de dons esposos, que inspirem confiança e respeito, fazendo o juramento de unio conjugal nos mesmos altars em que pronunciarão votos de castidade e solidão. Numa o christão deporá no coração de hum padre o peso occulto de sua vida, se elle tiver outra esposa que não sir essa igreja mysteriosa, que guarda o segredo das faltas, e consola as dores da existencia. Jesus Christo, pontifice e victima, viveo no celibato, e deixou a terra na aurora da vida.

A freira, esposa de frei Martinho, chamava-se Catharina de Bora; elle a amou; trabalhava com suas proprias mãos para alimentá-la. Aquelle que fez principios e despojou o clero de suas riquezas morrea pobre e honrou-se com a sua indigeneia. Lêm-se estas palavras tocantes no seu testamento: "Certifico que não tenho dinheiro nem thesouro de especie alguma, o que não deve causar admiracão, porque meu unico reddito tem sido meu salario." O fogoso e ardente reformador era cheio de ternura nos sentimentos de sua vida domestica; e suas opinões offerecem excellentes pensamentos sobre a natureza, a biblia, a fé, e a lei. Mui curioso he o que elle diz da imprensa; humo idéa individual conduz a huma verdade geral e a huma vista do porvir. "A imprensa he o ultimo e o supremo dom pelo qual Deus fez progredir as couzas do evangelho; a ultima chamma que reluz antes da extincção do mundo."

Luthero, doente e triste, dizia: "O imperio caher; cahem os reis, e o mundo vacilla, como hum grande edificio prestes a desmoronar-se." A sua morte foi tranquillã, elle deixava morrer.

(Do Bepertador.)

A Cor dos Negros.

—A religião e a razão nos ensinam que todos os homaes descendem de um tronco, e um exame philosophico da especie humana mostra claramente que os europens, pela excellencia de sua organização, e elegancia de suas formas, são os que mais se assemelham áquelle tronco primordial, que devemos suppor como perfeito em sua natureza. Em todos os seculos tem a raça chamada branca gozado da preeminencia, e é hoje incontestavel que os europens dominam o universo. E se algumas nações ha nos confins da Asia, ou em Africa, livres do seu imperio, é porque raças politicas tem embaraçado a sua progressão, ou porque a natureza do clero tornaria a sua conquista de pouca importancia.

A cor e conformação das outras cinco raças humanas (lapões, turtaros, indios, americanos, e negros) são devidas ao clima e modo de vida de cada uma, não por acção de impressões repentinas, senão por graduações imperceptiveis, que sendo transmittidas de geração em geração chegam por fim a formar uma raça distincta.

A pelle do homem compoe-se de tres partes: a epiderme ou cuticula, o *rete mucosum*, e o cutis ou pelle verdadeira, que é a mais interior. A cuticula e a cutis são brancas e transparentes em todos os homens; assim que a differença de cor resulta da substancia coagulada do *rete mucosum* quasi collada áquelle. A vermelhidão instantaneamente produzida, a pallidez causada pelo desmaio, e o azul das veias proximas a transparença da cuticula; a variação da cor do *mucosum*, em dife-

rente zonas, prova que só este é o lugar da cor. Em conclusão, a cor do branco procede de uma substancia da mesma cor espalhada em delgada contextura por todo o exterior do corpo entre a pelle; a das castas *acobreadas* procede da mesma contextura com esta cor; a do negro desta mesma contextura, que pela sua condensação e qualidade faz com que a epiderme não possa transmittir cor alguma, e por consequencia pareça negra. A excepção do *rete* todas as demais partes do corpo são exactamente iguaes nas raças brancas, negra e acobreada. Tem-se visto filhos brancos de pais negros e de outras raças, mas não há um só exemplo de um filho negro ou de cor gerado de pais brancos, a menos que não haja algum ajuntamento clandestino.

Em quanto ás feições do rosto parecem que a variedade é produzida por causas accidentaes, assim como a formação do craneo: uma familia de cabeças compridas e achatadas, sem mescla de qualquer outra, e reduzida ao simplex exercicio das propensões animaes e sentimentos communs, acabará por ser privada de sentimentos moraes e faculdades intellectuaes, a ponto de ser incapaz de civilização; pelo mesmo modo as difformidades artificiaes, praticadas por muito tempo, obrigarão a natureza a conformar-se com uma tal violencia, e a difformidade virá a ser hereditaria.

(Do Panorama.)

AVISO.

—Manoel das Chagas Pereira de Brito, morador estabelecido na cidade de Caxias, possuindo as fazendas de gado — Boritizinho, e Ciganas — citadas á margem esquerda do rio Itapicury no districto da mesma cidade freguezia de N. S. do Nazareth da Trizidella, sabendo por informação dos seus vaqueiros e por pessoas fidedignas, que o gado vacum e cavalos que possuia nas mesmas fazendas foram roubados pelos rebeldes, e por pessoas, que com o especioso motivo de serem bens de cabano, mandavam buscar grandes porções do mesmo gado para negocio seu particular; protesta haver de hums e outros por meio de pessoas competentes os prejuizos causados, e lucros cessantes. — Outro sim protesta o annunciante haver os prejuizos que soffreo nos gados soltos na fazenda — Limoeiro — que ha annos tem alforado nos frades Carmelitas desta cidade, que monta a 1:118 cabeças, não só dos gados que alli soltou em Fevereiro do anno passado vinhos dos certões de Parnagó e Balsas, como do que comprou depois a Manoel Cardozo de Oliveira, e Bento Joze Ribeiro Guimarães, de forma, que este gado com o que havia solto na mesma fazenda o capitão Hermengildo da Costa Nunes, conforme o seu annuncio exarado em o. n.º 194 da Chronica Maranhense por ser o que mais proximo ficava á cidade, fôr o que os rebeldes declarados e desfargados, mais comerto e destruirão.

O annunciante não pode apresentar uma conta exacta do prejuizo que soffreu nas já citadas fazendas — Boritizinho e Ciganas — em consequencia de haver deamparado a sua familia para unir-se ás forças da legalidade pelo que deixou em poder das mesmas todos os seus assentos e escripturações pelo que em tempo competente os apresentará. Maranhão 10 de Janeiro de 1840.

Manoel das Chagas Pereira de Brito.

MARANHÃO: IMPRESSO NA TYPOGRAPHIA GERAL MARANHENSE. ANNO 1849.

CHRONICA MARANHENSE.

VOL. II. f. 202, 203 SABBADO 18 DE JANEIRO DE 1840.

N.º 205.

Assigna-se em casa do Redactor, rua do Egypto n.º 12, e na Fabrica de Chapcos de Vidigal Irmão & Co, rua
Grande: preço por trimestre 3\$000, por semestre 5\$500, e por anno 10\$000 reis, pagos adiantados. As folhas
asculas vendem-se a 160 reis na sobredita Fabrica, e os artigos imprimem-se a 60 reis por linha, mas
os dos assignantes, gratuitamente, com tanto que não excedam a 20 linhas.

MARANHÃO: IMPRESSO NA TYP. IMPARCIAL MARANHENSE. ANNO DE 1840.

CHRONICA MARANHENSE.

Progressos das actuaes desordens.

(Continuado do n.º 202)

O desastre do capitão Pedro Alexandrino infundiu grande terror; os pretendidos influentes do interior ficaram em geral tomados de estupor, e abandonaram quasi todos os lugares onde exerciam funções publicas. Por outra parte, como com a derrota dos Angicos os rebeldes ficaram bem providos de armamento, e cresceram extraordinariamente em numero e audacia, viu-se o major Falcão necessitado a recuar com os seus 80 homens, a fim de que em lugares mais seguros que as matas onde se achava, pudesse fazer junção com outros destacamentos que desta capital haviam sahido, já bem tarde, em seu auxilio. Referindo estes successos ninguém pode esquivar-se ao pensamento de que se o major Falcão tivesse daqui marchado oito dias mais cedo, poderia ter feito junção com o infeliz Pedro Alexandrino, evitar a sua derrota, e preservar a provincia de tantos horrores; mas a justiça também pede que se declare que dessa demora, e de tantos outros erros não podia ser inculcado o sr. Manoel Felizardo de Souza e Mello. Nomeado por uma administração que por ventura lhe fez insinuações para continuar a manter a influencia dominante, empessado ha pouco do governo que sem duvida recebeu do seu antecessor com informações menos exactas, e complicado com uma guerra aberta, e com todas as outras consequências de uma administração parcial e caprichosa, o sr. Manoel Felizardo lutava com todas as difficuldades desse desvantajoso legado. Demais não havia um coronel ou um sargento da guarda nacional, um prefeito ou um commissario de policia, que não fosse creatura da facção. Merecem pois desculpa os erros provenientes das informações dessa gente, e a confiança quasi exclusiva, nella oficialmente depositada. Assim não nos fossem tam fataes!

O que se passava no Brejo depois da marcha da tropa, e o que se passou depois que se soube da derrota della? O prefeito, Severino Alves de Carvalho, mandou por vezes alguns espias para observarem os successos; mas esses individuos, fosse incapacidade ou negligencia, fosse impossibilidade real de desempenharem a commissão, fosse finalmente que inclinassem ja para o partido rebelde, voltavam sempre ou contando patranhas, ou dizendo que de nada poderiam saber. Mas o que ha de estranho é que escapando-se um guarda nacional, depois do

primeiro combate no Burity do Estevão, e apresentando-se ao prefeito, no Brejo, a quem deu conta da critica situação da força, ja com pouca munição, e quasi sem mantimentos, e continuamente perseguido por um inimigo invisivel, este o tractou de impostor e tráfuga, e o mandou prender. Assim, sem ter noticias da tropa, desprezando as que o necesse lhe dava, e desprezando igualmente as observações de alguns cidadãos do Brejo, que depois clamaram para se desculpar, nem mandou instruções ao commandante da expedição sobre o que devia fazer, nem se resolveu a fazê-la voltar, nem a socorrê-la, com quanto tivesse então cerca de dassetos homens, entre os quaes uns 50 de 1.ª linha; a expedição foi abandonada aos seus tristes destinos! Todavia a falta absoluta de noticias, e um surdo rumor, que começou a correr, não deixaram de inquietar o prefeito, e os da sua intimidade, e pretende-se, não sem fundamento, que elles, em tempo, fizeram transportar e pôr a bom recado o que tinham de mais valor, sem informarem a pessoa alguma, nem mesmo o capitão-mór Valério, dos perigos que antolhavam. No dia 22 das 8 para as 9 horas da manhã chegou a fatal noticia, ao menos foi quando o prefeito e os seus a publicaram a grandes brados pelas ruas, e com mostras de extraordinario terror e desatino. O prefeito porem, ainda no meio das suas angustias, e sem saber dar-se a conselho para salvar a causa publica, não perdia com tudo o cuidado da sua fortuna; tendo ja despojado a sua casa do mais precioso, fez passar objectos quasi de nenhum valor para a do capitão-mór Valério, seu cunhado, combinando com este que se deixasse ali ficar para ver se conseguia salvar os bens e familia que ficavam, visto que *seu pertencer a horda sanguinaria e rebelde, o capitão-mór tinha lido a fortuna ou a desgraca de obter della uma tal qual confiança.* (1)

O exemplo dado pelas autoridades não foi esteril; tudo fugiu em desordem, os 150 guardas nacionais dissolveram-se quasi completamente; o prefeito e os da sua parcialidade fugiram ao meio dia, esculptos pelo destacamento de 1.ª linha. Uma grande parte da gente que ainda

(1) Isto parecerá estranho a quem souber do que por cá disse o prefeito Severino contra o honrado capitão-mór, mas ja nós tivemos occasião de dizer que o illustre prefeito teve a bondade de escrever da Parnahyba a seu cunhado duas cartas em que usa quasi das mesmas expressões que sublinhamos, e onde lhe pede que não faça caso do que dizem os intrigantes e calumniadores!

ali ficou se foi escapando durante o resto do dia, sendo dos ultimos a retirar-se, ás 6 horas da tarde, o cidadão Domingos José Gonçalves, e o respeitavel ancão padre Proença Ribeiro. (2)

Em nossa humilde opinião, o prefeito, se entendia que lhe era impossivel sustentar a villa do Brejo, devia por força ou por vontade fazê-la evacuar por toda a população mais grada, e inutilizar todos os recursos, que tam sem providencia, se abandonaram ao inimigo; com 200 homens bem armados, e bem municionados, podia ainda resistir por alguns dias, e mais ficando-lhes o Parnahyba para onde podia retirar-se, e embarcar-se, apenas a uma legoa de distancia. Quem sabe, se, attento o valor de que se jacta, a sorte das armas não lhe seria favoravel? O que se não pode negar é que a resistencia impediria por algum tempo o inimigo de avultar tanto em numero, e entreteendo-o por mais tempo naquelle ponto, daria occasião á reunião de forças em Itapucará-mirim, e a chegar o socorro a Caxias, antes do dia em que ella tivesse de render-se. Meanto nesta infeliz cidade talvez se organisassem mais meios de defesa. Mas o prefeito Severino não o quiz assim; ouviu a noticia ás 8 horas da manhã, e ao meio dia fugiu, deixando ampla liberdade aos seus administrados para fugirem como podessem. O certo é que os rebeldes não contavam entrar tam facilmente no Brejo, como se verá do que fraços expõem.

No dia 19 (immediato ao do assassinio dos officiaes) o commandante Malungueta reuniu a sua gente; fez saber uma expedição, commandada por um desertor da artellaria, para as Larangeiras, a fim de impedir a passagem de qualquer tropa legalista que se dirigisse por ali, e com o resto da força marchou para a Chapadilha, onde se achava o commandante em chefe Pedro Alexandrino dos Santos. No dia 20 partiu Malungueta novamente para a povoação de Santana do Burity, onde fez junção com o feroz Getirana. Ali se demoraram quatro dias, occupando-se em officiar aos commandantes Balala, Pedreira, Ruivo e outros, para que se preparassem em marcha para o Brejo, a fim de atacarem todos a um tempo. Tam personados estavam de que o prefeito faria o seu dever, resistindo, que mandaram á villa alguns espias para observarem a força e posição dos rebeldes; certificados porem de

(2) O sr. Leonel disse em um dos seus avulsos que o vigário Proença se deixara ficar no Brejo, onde cantara Te-Deum pelas victorias dos rebeldes! E o Amigo do País que protestou de defender todos os velhos, não deitando a este, antes elogia o seu caluniador!

que ella fora precipitadamente abandonada, passaram-se em marcha, e occuparam-na no dia 26, ás 5½ horas da tarde, quatro dias e meio depois da retirada do prefeito. Ali se demoraram até 6 ou 7 de Maio em que partiram para Caxias, e no entanto vinham cada dia chegando novos grupos, commettiam-se horribes assassinatos, que passaram de 40, e alguns com circumstancias horribes, saqueavam-se todas as casas, e destruíam-se portas, janellas, tranças, e tudo quanto não podiam roubar para seu uso.

No entanto no Coratá foram cercados pelo Coque oitenta e tantos cidadãos que tiveram a coragem de resistir a torrente da sublevação, e não quiseram abandonar aos fúrios do inimigo as suas famílias e haveres. Estes também foram abandonados ao seu destino; nem de Itapacurá-mirim, nem de Caxias foram soccorridos, porque uma força que sahia desta ultima cidade avançou somente até o Codó, e depois recolheu-se, a pretexto de ir prevenir o ataque dos rebeldes que do Brejo para ali se dirigiam. Note-se que o presidio do Coratá rendeu-se num dos cinco primeiros dias de Maio, que os rebeldes sahiram do Brejo a 7, e só chegaram a Caxias em 24! Ainda emitiremos aqui a nossa humilde opinião; se o Coratá fosse soccorrido a tempo, não só se salvaria uma força efectiva de 80 homens, e se privava a rebeldia de um novo triunfo, e de muito armamento e munição, mas ainda se conseguiria conservar a força moral, persuadindo-se todos que as autoridades auxiliariam a quantos se desviassem pela causa da lei. Mas o triste desfecho da luta do Coratá, sustentada por simples cidadãos, sem missão da autoridade publica; o facto d'elles escaparem nos horribes tractamentos que nullohavam, só por um acaso, ou pelo capricho e favor do inimigo, paralisou todos os esforços individuais, e desacorçoou esses cidadãos do interior, que então como depois foram accusados ja de inercia, ja de connivencia, porque se absteram desses sacrificios que servindo somente de irritar os rebeldes, a cuja mercê caza abandonados, punham em maiores riscos as suas vidas, honras, e fazendas.

No meio de tantos desastres, e do desanimo geral, quando o Brejo estava ja abandonado, o capitão Pedro Alexandrino morto, o Coratá rendido, e o prefeito Severino refugiado na Parnahyba, o Investigador annunciava uma grande victoria obtida na Chapadilha pelos dous Severinos, e levando a perversidade a um refinamento pouco commum, até nos imputava a crime a exactidão com que annunciavamos as nossas desgraças, que n'ouvido, tram suppostas, e inventadas para animar os partidistas da revolta. Quando o inimigo ja era tão forte, pelas suas victorias, pelo seu numero, e pelo nosso descoroamento, o Investigador e os seus adherentes pareço que tonaram a seu cargo torção mais audaz, fazendo por todos os meios propagar a idea de que a revolta tinha muitos e poderosos fautores. Quando ja eramos tão fracos, e só na união e mutua confiança podiamos deparar com alguma esperanza de salvagão, o Investigador e os seus adherentes espalhavam as suspeitas ás mãos cheias, e se esforçavam por fazer crer á metade das classes superiores que a outra metade conspirava contra ella. Foi então que a Chronica Maranhense, sem deixar de rebater com vigor e energia, as perfidas insinuações dos seus contra-

rios, e de assignalar os que, primeiro pelas suas violencias, depois pelo seu desmazelo e incapacidade, crearam e deixaram progredir a revolta, convidou, nada menos, todos os cidadãos a se unirem, a adiarem os seus ressentimentos, e recordou o dito sublime do almirante Blake: *Sireamos o nosso país, quiescer que sejam aquelles que se tenham apoderado de todos os empregos.* E levando mais adiante o nosso zelo, até fizemos sentir aos que se quizessem involver na desordem, a sorte que os aguardava. Em o nosso numero 125, de 19 de Maio de 1839 nos occupamos particularmente desse objecto; ao passo que nos desfogávamos das mais atrozes calumnias, empregamos todas as nossas forças para bem aconsellar os nossos concidadãos, para apartar os irrascíveis, da carreira do crime, e para inspirar coragem nos tímidos e despoitados. E como a Revista tem a impudencia de asserer que a nossa linguagem de hoje é bem differente da que tinhamos ha um anno, venho-mos obrigados a copiar mais um extracto desse artigo para refrescar a memoria enfraquecida do contemporaneo, do *Amigo do País*, e dos outros adherentes da facção.

Extracto de um artigo da Chronica de 19 de Maio ultimo, acerca das desordens.

—Se a opposição interessa nas desordens, porque mais aguarda ella que já se não declara, não a protege com todas as suas forças, e não estende o braço para colher os fructos que essa arvore de morte lhe poderia offerecer?

Se a opposição protege a desordem, que projectos tem na mente? Separar a provincia, torna-la independente? ou obter a paz, e por meio de violencia que ella tanto tem reprovado, um triumpho momentaneo contra os seus adversarios? Planear a independencia de uma provincia tão aturada como a nossa, e sobretudo, tão falta de forças, (e mais fraca fora ainda estando sobre si) é loucura rematada, que ninguem teve a ousadia de nos attribuir. Se as nossas vistas fossem triumphar momentaneamente dos nossos adversarios, que utilidade podiamos dali tirar? O exemplo do Pará nos está altamente respondendo; depois de ficar tudo assolado a ferro e fogo, de extinto o commercio, arruinada a lavoura, roubados os cofres publicos, mortos e derribados a manha os illaentes de hoje, o que teriam a esperar os que escapassem, auctores e rethiquos do miserando naufragio? Um nome deshonrado, o odio de todas as victimas, e a final, todos os vexames e horrores da conquista. O remate da anarchia seria o despotismo; os Vinagres e Eduardos seriam substituidos pelos Andreus; não se mataria mais pelas ruas com o ferro e com o fogo; mas do convez das prosangas se lançariam diariamente ao mar dezenas de cadaveres.

E é esta a sorte á que nos accusam de aspirar!

Cumpra que cessem todas as desconfianças e receios da parte daquelles nossos concidadãos, a quem o zen character, os seus habitos, e a natureza das suas occupações não consentem que tomem na politica uma parte immediata e activa: todos devem e podem desconsoladamente salír o campo para defender as suas vidas e propriedades, e certo encontrarão a seu lado, companheiros da mesma fortuna e solidos da mesma bandeira, aquelles a

quem a mais despejada calumpnia pretende, mas em vão, macular.

E aqui nos dirigiremos particularmente aos nossos amigos politicos, aos que cheios de desinteresse, coragem, e resignação, tem sabido fazer constante opposição á serie de desvarios que nos levaram á borda do abismo; invocaremos o seu generoso e nunca desmentido patriotismo para que, esquecidos todos os agravos, acudam aos reclamos que fez o governo provincial aos cidadãos Brasileiros em geral; alistemo-nos todos, preste cada um os serviços que forem compatíveis com as suas forças. Temos a defender os objectos mais sagrados, e os nossos mais claros interesses. Quanto maior for o nosso ardor e devoção, tanto maior será o nosso triumpho, e a vergonha de nossos calumniadores. Sempre bradamos contra os oppressores e contra a oppresão que gera a anarchia; mas quando esta se desenvolve, nos votamos á delieza, da ordem, embora o escudo que embaracarmos cubra igualmente os nossos proprios inimigos.

Um ou outro poderá dizer: *Não quero empunhar as armas para defender indivíduos que symbolisam toda a oppresão, e todos os crimes.* Engano cego! O odio sempre foi mau conselheiro; o dever só bastaria para fazer callar todas as considerações; mas agora, defendendo agora os nossos inimigos, não esquivaremos os horrores da anarchia eminente, e não a apartaremos a futura oppresão?

“O cumprimento severo dos nossos deveres nunca nos poderá elucpecer; (copiemos aqui um dos mais illustres, e conscienciosos escriptores da epocha actual); se combatermos somente contra a injustiça, cedo ou tarde cantaremos a victoria; e afim de termos o triumpho certo, não queramos renio a que for justo. *Respeitai os direitos daquelles mesmos que calcaram os vossos debaixo dos pés.* Olhai como coisas sagradas a segurança, a liberdade, e a propriedade de todos, *sem uma só excepção*, por quanto o dever abrange a todos igualmente. Se postergaes um só que seja, hei medo que não continuéis nessa carreira precipitosa. Não é com desordens que poderemos remediar os males que soffimos, e a desordem em que laburamos. De que nos accusam os nossos inimigos? De querer tam somente substituir a nossa dominación pela delles, para abusar della como elles tem abusado; de alimentar pensamentos de vingança e projectos de tyrania; e dali vem que andam os espiritos civis de uns certos tempos vagos e indefinidos de que se elles aproveitam destramente para ir perpetuando a nossa escravidão. Eia pois, dissipemos esses fantasmas sinistros evocados por detestaveis impostores a fim de intimidar os homens simples e bons, e de apartar-las das vias do porvir. Proclamemos o dever sempre á la par do direito, para que nunca andem separados em nós mesmos, e estejam sempre unidos assim na nossa interna consciencia, como nas mostras do fora, e nas obras que fizermos. Então veremos removido o maior estorvo que se oppõe ao que desejamos e devemos desejar.”

A Revista e o Sr. Secesino.

—Quer por força a contemporaneo que respondamos a um trecho da correspondencia do sr. Severino, em que se accusam varios cidadãos de Caxias: 1.º de terem tido intelligencias com os rebeldes durante o cerco daquela cidade; 2.º

de terem sido empregados pelos rebeldes em juntas, comissões, &c., depois da entrada dellos; 3.º de se terem vindo hostilizar a esta capital &c. Quando á terceira accusação, em verdade que abrangia a provincia inteira, amigos e inimigos do senhor Severino, os que fugiram nos primeiros e ultimos tempos. O *mar-tir da legalidade* refere-se aos que fugiram por ultimo—diz elle que porque a rebellião ia declinando, nós advertiremos que a sua accusação é de Novembro, e que a segunda perda de Caxias, e as horribes matanças que a acompanharam, tivera lugar em Outubro. O senhor Severino não quer que ninguém se entenda com os rebeldes, nem que delles se fuja!

Quem foram os que tiveram intelligencias com o inimigo? refere-se o sr. Severino aos que se uniram abertamente com o inimigo? quem lho contesta? mas não advirte que entre elles se encontram muitos dos seus amigos, políticos e privados, os Moraes, Dourados, Firmos, Correia, Borges de Paula, e Almandas? ou refere-se vagamente áquelles a quem odia, e contra quem não tem a menor prova, tanto que as não apresenta? como é que sendo comandante da praça, sabia de sua intelligencia, e não as tolia? E quer a Revista que *refute-mos* seriamente as accusações ou a má fé de um homem que accusa sem prova? Desde quando uma accusação atroz, só por ser proferida, sem designação dos indivíduos, nem dos factos criminosos, com todas as suas circumstancias, necessitou uma deliberação? O que nos diria a Revista se asseverássemos que tales e tales indivíduos são malvados, que tem praticado tantas mortes? Talvez se contentasse de responder:—*são nos honrados legalistas, e isto de fazer mortes é já um habito inculcado do cretão!*

Resta a grande accusação de serem alguns cidadãos empregados pelos rebeldes. Ainda o repetimos, é preciso distinguir os que adheriram abertamente á revolta, como muitos amigos do senhor Severino, e os que exerceram empregos por tres ou quatro dias, e tractaram de escapar-se para esta cidade, alguns dos quaes tiveram de fazer viagens arriscadas, e trabalhosas, atravessando matas, e descepo pelo Mearim. Outrosim já tivemos occasião de observar que tendo sido muitos opposicionistas auctores horribilmente durante o cerco, pelos ultra-legalistas (que bem mereciam outro nome mais significativo) devia isso concorrer para que, nos primeiros dias, fossem mais bem tractados pelos rebeldes. Durante os primeiros dias, dissemos nós, porque a final não houve distincção, as suas casas foram roubadas como todas as mais, sendo inteiramente fútil a asserção contraria do sr. Severino.

Mas o que nos dirá o sr. Severino, se lhe provarmos que S. S.ª também foi empregado, e elogiado pelos rebeldes, e exerceu effectivamente o seu emprego, promovendo os progressos da causa rebelde? Dir-nos-ia que estava cocto! Não o duvidamos, supposto que quando recebeu e escreveu os officios abaixo transcriptos (cujos originaes estão em nosso poder) Raimundo Gomes tinha apenas uns 40 annos no Coroa, em quanto que os outros cidadãos, logo depois da tomada de Caxias, obedeciam a 3000 homens, exasperados por uma resistencia recente. A coacção! Pode ella acaso ser invocada a favor de uns, e de outros não,

conforme o capricho do mais desenfreado espirito de partido?

Aqui responderemos, *em parte*, ao contemporâneo da Revista, que nos atormenta todas as semanas, por causa de uma carta de Raimundo Gomes, em que este caudillo diz positivamente que desde Maio de 1839 que nos escrevia, sem nunca obter resposta, carta que julgamos que nos cauepa tam pouco, que nós mesmos nos apressamos a publicá-la. Ora usando das suas mesmas expressões acerca da correspondência do sr. Severino com Raimundo Gomes, diremos que se este ultimo tem confiança no primeiro, *é porque sympathisam, se sympathisam, é porque os seus principios são identicos, e se são identicos, é porque ambos eram rebeldes!* Tacs foram os raciocínios que contra nós empregou o Investigador; o facto agora é semelhante, deve pois tirar com o mesmo rigor, as mesmas consequências! Mas não, o facto não é semelhante em tudo; nós apenas recebemos uma carta, que nos consta ter sido relogida pelo sr. Fernando Mendes de Almeida (então prisioneiro) que foi conduzida pelo sr. P. Rocha Vianna, e que a final nos foi enviada pelo Exm. presidente da provincia, e á qual não damos a menor resposta; mas o sr. Severino recebeu e respondeu, accitou e exerceu o cargo para que fora nomeado pelo chefe rebelde! Ainda aqui virá a coacção; seja embora, nós o cremos firmemente; mas se Raimundo Gomes era tam estúpido que tinha por sinceras as demonstrações arrancadas pelo medo, e se chegou a acreditar que o sr. Severino estava votado á sua causa, a ponto de o nomear comandante de uma força, e de o deixar apartar-se da sua companhia, sem suspender o seu projecto de fuga, como é que quando se tracta de outros cidadãos, quer-se figurar a Raimundo Gomes (que não sabe ler) com sympathias, provenientes de identidade de principios, e como um filho do espirito de erro que presidi á redacção da Chronica, cuja leitura desviava a cabeça desse pobre homem? A não conhecermos a má fé do contemporâneo, diríamos que elle desistia! Ah! comettemos ás suas judiciosas observações esses dois officios, advertindo que o sr. Severino quando diz que tinha de acompanhar o comandante em chefe, é porque estava nomeado tenente-coronel de um batalhão de rebeldes, que devia vir, organizar na Vargem-Grande.

Correspondência entre Severino Dias Carneiro, e Raimundo Gomes Julahy.

—Ilmo. Sr.—A bem da nossa causa, o illustre Conselho Militar em Sessão de hoje assentou nomear uma comissão composta de tres cidadãos encarregando a mesma comissão avisar, e convidar, a todos os Proprietarios d'agua, e outra parte do rio, para comparecerem nas fileiras do Exercito Bontexi onde esteja abarracado o Sr. Commandante em chefe a fim de prestarem seus serviços, outro sim authorisa a mesma comissão despenhar todos aquelles que mostrarem molestia pessoal, e bem assim de qualquer pessoa que muito exija a presença, e ouve por bem nomear a V. S. como Presidente, sendo os mais Membros de Srns. Joaquim Fabricio de Moraes Rego, e Joaquim José Cantanhede, os quaes V. S. fará sciencia para que principiem com brevidade a dar cumprimento aos seus espiulhe-zos deveres. O zello, e Patriotismo de V. S. fará com que não se exime deste

dever. Secretaria do Governo no Coroa-tá 26 de Agosto de 1839.—*Raimundo Gomes Vieira Julahy*, Commandante em Chefe das Forças.—Ilmo. Sr. Tenente Coronel Severino Dias Carneiro, Presidente da comissão avisatoria.

—Ilmo. Sr.—Sendo nos encarregado pelo Conselho Militar em Sessão de hoje de hoje de irmos convocar a todos os Cidadãos proprietarios, lavradores e peo-zeiros respectáveis pela posição que occupam na Sociedade, para o fim de se reunirem ás Forças do partido Bontexi, a que pertencemos, nós julgando-vos animados de um sincero espirito patriótico, e votados á esta mesma santa causa, vos supplicamos em nome de nossa Patria, e de nossos Conciudadãos que vencendo todos os obstáculos compareceis com vossas pessoas, certos de que vossa intelligencia, e de vossos nomes muito fará augmentar o Partido, e dar-lhe aquella luz brilhante que todos desejão, e até obrigará o Governo da Provincia a encarrar-vos como merecemos, e com aquella dignidade de que somos merecedores. Não sendo possível em razão da marcha do Presidente desta comissão, com o Commandante em Chefe das Forças, elle da sua parte confia no zello dos mais membros, que elles vos mostrarão razões tão fortes que vos convencerão da utilidade deste nosso trabalho. Deos vos Guarde como havemos mister. Coroa-tá 26 de Agosto de 1839.—*Severino Dias Carneiro*, Tenente Coronel, e Presidente da Comissão.—*Joaquim Fabricio de Moraes Rego*.—*Joaquim José Cantanhede*.

NOTÍCIAS MARITIMAS.

Resumo das Embarcações entradas neste porto em todo o anno de 1839.

Navios Brasileiros	59
Ingleses	21
Portuguezes	16
Americanos	11
Espanhoes	10
Franceses	7
Dinamarquezes	4
Hamburguezes	2
Belgas	2
Sardo	1
Merccantes	132
Paquetes de Vapor	20
Navios de Guerra Brasileiros	17
" " Franceses	2
" " Ingleses	1
Total	172

(Do Correio d'Annuncios.)

AVISOS.

—AO PUBLICO—

—W. L. Ryan primeiro discipulo do Celebre e sem competidor.

MAGICO MORAVIA

SENHOR ANTONIO BLITZ.

—Respeitosamente aviza aos habitantes desta Cidade, que a sua segunda e Penultima execução terá lugar Domingo 19 de Janeiro e espera merecer a approvação que lhe he prometida de hum Publico tao iluminado, em que tanto se confia, não poupando fadigas para o bom desempenho de sua Arte, e agrado dos Expectadores.

Maranhão 14 de Janeiro de 1840.
W. L. Ryan.

—Antonio Francisco Lisboa, vende um chaço eito na rua do Passeio, fazendo canto para a do Cemiterio velho, com 6 braças de frente, e 15 de fundo, quem quizer comprar-lo procure o annunciante na rua das Violas casa n.º 39.

—Quem tiver escravos para alugar proprios para serviço de roça, dirija-se a esta Typographia.

—Dezeja-se fallar, ou saber da moradia de José Fernandes de Almeida, filho de Maria de S. José, natural da Freixezia de Carvalhães lugar de Passos digo muinho velho, para seu interesse.

Preços correntes dos generos na praça em 17 de Janeiro de 1849.

IMPORTAÇÃO.

Aço de Milão...	15\$000 a 16\$000	qil.
Agoardente do es-		
treito 35 gr.	\$	não ha garr.
De Portugal...	\$	não ha frasc.
De França...		não ha garr.
Pernambuco de 22 gr.	55\$000 a 60\$000	pipa
Antiz garrafão...	5\$000 a 5\$500	garr.
Azeite doce do es-		
treito...		não ha barr.
De Portugal...	38\$000 a 40\$000	
De Peixe...	\$	a \$900 gal.
Azeltonas...	\$	não ha ase.
Assucar branco...	3\$000 a 3\$200	arr.
Mascavado...	2\$000 a 2\$200	
Alfazema roxa...	3\$200 a 4\$800	
Archotes Portug.	5\$000 a 7\$000	daz.
Amarras de pias-		
soba...	2\$500 a 4\$000	polg.
Bocallão...	10\$000 a 12\$000	arr.
Bezerros de		
França...	20\$000 a 35\$000	daz.
Brin da Rússia...	12\$000 a 17\$000	res.
Inglez...	9\$000 a 10\$000	
Café em casca...	\$	a 7\$000 40 L.
descascado...	5\$800 a 6\$000	(2)
Cera em telhas...	\$300 a 1\$800	L.
em pó...	\$850 a 890	
Cia perola...	1\$600 a 1\$800	
Algon...	1\$000 a 1\$200	
Grav da Pará...	\$400 a 8\$00	
Cabeça de ferro...	\$	a 8\$00
Cabo em velles...	\$220 a 8\$40	
Condições...	\$	a 5\$000 arr.
Chouriços...	\$	não ha ha.
Charutos...	2\$500 a 7\$000	milh.
Cabo Inglez...	24\$000 a 25\$000	qil.
Calco...	28\$000 a 30\$000	
Chumbo em grão...	15\$000 a 16\$000	
em pasta...	13\$500 a 14\$000	
Chapéus finos de		
Seda...	2\$000 a 3\$500	hum.
ordinários de		
Braga...	\$450 a 5\$50	
Capatos bezerro		
de Lisboa...	1\$100 a 1\$200	per.
de seda para S.	1\$200 a 1\$400	
Cordão e dura-		
que...	\$740 a 1\$000	
Carne seca de		
Sannata...	2\$000 a 2\$400	arr.
Fuchadas gran-		
des...	\$500 a 6\$00	uma.
pequenas...	\$400 a 4\$50	
Erva doce...		não ha. arr.
Estridos...	\$480 a 8\$00	par.
Espingardas La-		
zarinas...	3\$500 a 4\$800	uma
Farinha Ameri-		
cana...	16\$000 a 18\$000	barr.
Inglez...		a 16\$000

Hamburgueza...	13\$000 a 14\$000	"
Françesa...	16\$000 a 18\$000	"
Folha de Mandiões	18\$000 a 20\$000	caixa
Ferro da Succia...		10\$000 arr.
dito Inglez...	\$	a 7\$500
Fio Porrete...	12\$000 a 13\$000	"
de vella...	\$400 a 5\$00	L.
de capatelo...	\$400 a 5\$00	L.
Folhas de roça...	\$450 a 5\$00	uma
meia dita...	\$360 a 4\$00	"
Fritas estanhadas...	\$560 a 5\$60	um.
Fexaduras de		
porta...	\$280 a 5\$60	uma
de broca...	\$700 a 9\$60	"
Faixas d'espia-		
garda...	\$800 a 1\$000	um.
Genebra...	5\$000 a 6\$000	garr.
borijas...	\$240 a 5\$260	uma.
Garrações cupa-		
lhados...	\$900 a 1\$000	hum.
Gangas fizes da		
India...	2\$900 a 3\$200	ress.
Amurellos...	\$900 a 1\$000	ress.
Guarand...	\$	a 8\$000 um.
Licor surtido de		
Lisboa em garr.	5\$000 a 5\$500	daz.
Linha de variz...	2\$000 a 2\$400	mass.
Linhax surtidas...		a 1\$50
Lona da Rússia...		a 30\$00 pess.
Ingleza...	18\$000 a 20\$000	"
Massas surtidas...	4\$000 a 5\$000	32 L.
Machados de		
rosna...	4\$80 a 5\$00	hum.
de meia dita...	4\$00 a 4\$40	"
Maneira Inglez...	4\$00 a 4\$50	L.
Prezanto Portu-		
guez...		não ha. arr.
Papel de peso...	2\$400 a 4\$000	resma
Ataço 1. sorte...	3\$800 a 4\$000	"
dito de 2. e 3.	3\$080 a 3\$600	"
dito Branco...	2\$200 a 2\$400	"
dito Florido...	1\$800 a 2\$000	"
dito d'embrulho...	\$800 a 1\$000	"
dito marca grã...	1\$200 a 1\$400	"
Polos de Lisboa...		não ha. daz.
Pasas...	3\$640 a 4\$000	caixa.
Panno de Linho		
da fita...	5\$00 a 5\$60	vare.
dito de Toloens...	4\$00 a 4\$50	"
Pregos de Caxar...		não ha milh.
de meia dita...		idem
de ferro...		a 10\$000
de mio dito...		a 5\$800
de Inglez...		a 3\$000
de mio dito...		a 2\$900
de Ripor...		a 1\$100
de Calivar...	4\$500 a 5\$000	"
de Caxar...		a
Pimenta da India...	2\$00 a 2\$20	L.
Polvora...	4\$50 a 5\$20	"
Queijos Flamen-		
gos...	900 a 960	hum.
De pinha...	320 a 400	L.
Rayé Princeza		
de Lisboa...		não ha.
de Pernambuco...	1\$500 a 1\$600	"
Rolhos surtidas...	7\$50 a 8\$00	milh.
Retroz...	7\$000 a 7\$500	L.
Sabão Inglez e		
Americano...	120 a 125	"
Hespanhol...		a
Salsa parrilha...		não ha arr.
Servija Ingleza...	3\$200 a 4\$400	daz.
Françesa...		não ha
Spermaceti em		
vellas...		a 7\$50 L.
Sal de Portugal...	400 a 500	alg.
Tamanços surti-		
dos...	2\$80 a 5\$00	par.
Tercados...	600 a 640	hum.
Tubico em pó da		
Bahia...	2\$80 a 3\$20	L.
Tubo de flandres	300 a 360	pé.

Tonclinho de S...	3\$200 a 3\$400	arr.
de Portugal...		a 7\$000
Tapioca do Pará...	1\$600 a 2\$000	"
Violas...	4080 a 490	por ojo calx.
Vinagre Portug.	48\$000 a 60\$000	pipa.
Vinho P. RR.		
Lisboa...	90\$000 a 95\$000	"
outras marcas...	80\$000 a 90\$000	"
Branco...	85\$000 a 90\$000	"
Porto...	90\$000 a 100\$000	"
Cette...	75\$000 a 80\$000	"
Barcellona...	65\$000 a 70\$000	"
Porto cugarras...	5\$500 a 6\$000	daz.
Muscatel...	4\$000 a 4\$200	"
Champagne...	14\$000 a 16\$000	"

EXPORTAÇÃO.

Alg. 1.ª qualid.		a 7\$000 arr.
Serra...	5\$400 a 5\$800	"
Agoardente da		
terra...	55\$000 a 80\$000	pipa.
Arroz de vapor...	1\$650 a 1\$700	arr.
d'outras fabricas...	1\$300 a 1\$400	"
em casca...	900 a 1\$100	alg.
Atanados...		a
Azeite de Carra-		
pato...	5\$80 a 6\$00	qil.
Carne seca do		
Miam...		não ha boa. arr.
Acaracá...		idem.
Chifres de Boi...	2\$000 a 2\$200	cent.
Couro salgado...	135 a 140	L.
Cabra curtido...	160 a 200	um.
Farinha de Man-		
doca...	1\$200 a 1\$280	alg.
Folha da terra...		a 2\$000
Fumo de molho...	8\$000 a 12\$000	arr.
Fumo de corda...	12\$000 a 15\$000	arr.
Gengibre ama-		
vella...		a
Gomma...	3\$600 a 4\$000	alg.
Grude de peixe...	400 a 600	arr.
Milho...	1\$600 a 2\$000	alg.
Mel de cana da		
terra...	160 a 170	qil.
Panno d'algodão		
largo...	27\$000 a 30\$000	roll.
estrito...	26\$000 a 28\$000	"
Sabão da terra...		a 3\$400 arr.
Sal pannerio...	300 a 400	alg.
Tubo de co-		
tado...	260 a 240	pal.
Bacori...	16\$000 a 20\$000	daz.
Cedro...	14\$000 a 16\$000	"
Louro...	10\$000 a 14\$000	"
Papaya...	5\$000 a 5\$500	"
Vaquetas...	1\$400 a 1\$700	uma.

CAMBIOS.

Londres 31 por 1000 reis.	
Portugal 80 por 85.	
França 310 por franco.	
Rio de Janeiro, 2 por ojo.	

AGIO DE MOEDAS.

Moedas de 6400...	14\$000 a 14\$900
Ditas de 4000...	7\$000 a 7\$900
Oncas Hespanholas...	25\$800 a 26\$200
Ditas Mexicanas...	25\$600 a 26\$000
Soberanos...	7\$000 a 7\$900
Prata Brasileira...	64 a 66 por ojo.
Dita d'America Hes-	
panhola...	64 a 66 dito.
Pezos columnarios...	66 a 68
Cobre...	2 a 3 por ojo de desconto.

Maranhão, Impresso na Typ. Imparcial
Maranhense. Anno de 1849.

CHRONICA MARANHENSE.

VOL. II.

QUARTA-FEIRA 22 DE JANEIRO DE 1840.

N.º 206.

Assigna-se em casa do Redactor, rua do Egypto, n.º 12, e na Fabrica de Chapcos de Vidigal Irmão & Co, rua Grande: preço por trimestre 3\$000, por semestre 5\$500, e por anno 10\$000 reis, pagos adiantados. As folhas avulsas vendem-se a 160 reis na sobredita Fabrica, e os artigos imprimem-se a 60 reis por linha, mas os dos assignantes, gratuitamente, com tanto que não excedam a 20 linhas.

MARANHÃO: IMPRESSO NA TYP. IMPARCIAL MARANHENSE. ANNO DE 1840.

RIO DE JNEIRO.

Artigos Officiaes:

Decreto N. 89 de 12 de Outubro de 1839.
Autorisa o Governo para alterar o Contracto celebrado, em data de trinta e hum de Março de mil oitocentos e trinta e sete, com a Companhia Brasileira de Paquetes de Vapor, admitindo as condições no mesmo Decreto declaradas.

O Regente, em Nome do Imperador o Senhor D. Pedro Segundo, tem Sancionado, e Manda que se execute a Resolução seguinte da Assembleia Geral Legislativa.

Art. 1.º O Governo fica autorizado para alterar o Contracto celebrado, em data de trinta e hum de Março de mil oitocentos e trinta e sete, com a Companhia Brasileira de Paquetes de Vapor, admitindo as condições seguintes:

1.ª A Companhia será obrigada a fazer sair hum Paquete de viate em vinte dias; e a fim de que esta condição comece a ter inteiro cumprimento, marcará o Governo hum prazo razoavel, continuando no entretanto as viagens mensaes, como actualmente se fazem.

2.ª A consignação, que se acha estabelecida, será elevada a quantia de dez contos de reis por viagem redonda. As que se tiverem feito até a data desta Lei, a contar da terceira em diante, serão pagas a oito contos de reis cada hum.

3.ª Os Paquetes tocarão tambem no porto da Parahiba, e na Provincia do Rio Grande do Norte. O Governo poderá permittir que toquem em qualquer outro ponto intermedio, além dos designados no Contracto, se a Companhia o requerer.

4.ª A Companhia será obrigada a fazer transportar gratuitamente até o numero de quatro passageiros do Estado, quando aconteça não ter havido taes passageiros em duas viagens successivas; bem como quaisquer sommas de dinheiro, que por ordem do Governo se houver de remetter de hum para outros portos.

5.ª Os Paquetes de Vapor serão tripulados pela marinha, porque o são as embarcações Nacionais.

Art. 2.º O Governo mandará examinar as contas da Companhia de cinco em cinco annos, e poderá então diminuir a consignação do Thesouro, se assim o julgar conveniente.

Art. 3.º Fica lreito de direitos de importação no Imperio o carvão de pedra.

Art. 4.º Substituirão em seu pleno vigor as multas, e condições estipuladas no Contracto celebrado com a Compa-

nhia, que não ficão modificadas, ou alteradas pela presente Lei.

Art. 5.º Ficão revogadas as disposições em contrario.

Manoel Antonio Galvão, Ministro e Secretario d'Estado dos Negocios do Imperio, assim o tenha entendido, e faça executar com os despachos necessarios. Palacio do Rio de Janeiro em doze de Outubro de mil oitocentos e trinta e nove, decimo oitavo da Independencia e do Imperio.—Pedro de Araujo Lima.—Manoel Antonio Galvão.

Decreto N. 91 de 23 de Outubro de 1839.
Autorisando o Governo para despende a quantia de seis mil quinientos e sessenta e dois contos setecentos e trinta mil cento e setenta e tres reis, além da despesa fixada para o presente anno financeiro, e providenciando sobre os meios de a supprir.

O Regente, em Nome do Imperador o Senhor D. Pedro Segundo, Tem Sancionado, e Manda que se execute a seguinte Resolução da Assembleia Geral Legislativa.

Art. 1.º Fica supprida na Lei de vinte de Outubro de mil oitocentos trinta e oito, e em cada hum das rubricas de despesa dos respectivos Ministerios, as sommas constantes da Tabela A, annexa a esta Lei.

Art. 2.º O Governo he autorizado para despende no corrente anno financeiro a quantia de seis mil quinientos e sessenta e dois contos setecentos e trinta mil cento e setenta e tres; além da despesa fixada para o mesmo anno na Lei de vinte de Outubro de mil oitocentos trinta e oito.

Art. 3.º Este credito será dividido pelos Ministerios, na forma prescripta na Tabela B, annexa a esta Lei, e em cada hum delles exclusivamente applicada para os ramos do serviço mencionados na mesma Tabela, não podendo ter qualquer outro destino.

Art. 4.º Para supprir o deficit de seis mil cento e doze contos setecentos e trinta mil cento e setenta e tres, no corrente anno financeiro, fica o Governo autorizado a emitir Notas á porporção que as necessidades do Thesouro o exigirem, e bem assim a contrahir hum emprestimo com o Cofre dos Orphãos do Municipio da Corte, e com quaisquer Corporações de mão morta, não excedendo o juro de seis por cento.

Art. 5.º Se durante essa emissão as Apolices sabirem a oitenta, o Governo venderá quantas bastem para completar o restante do deficit, e mais as que forem precisas para resgatar hum somma de Notas igual á que já houver sido

emitida em virtude do artigo antecedente.

Art. 6.º Se o Governo puder contractar lreia do Imperio hum emprestimo, que mais vantajoso seja aos interesses Nacionais, do que a venda das Apolices internas na razão de oitenta, poderá verificar na mesma importancia, ou em parte da que se lre permite, a resgate das Apolices internas, para o mesmo fim.

Art. 7.º O producto da differença entre o antigo e novo direito dos vinhos fica applicado ao resgate das Notas em circulação.

Art. 8.º O Governo nomeará hum Commissão de Negociantes para assignar as Notas, que, na conformidade do Art. 4.º, tem de ser postas em circulação, e fará publicar pela imprensa a emissão circunstanciada, dando de tudo parte ao Corpo Legislativo em a proxima Sessão.

Art. 9.º As novas Notas, antes de entrarem na circulação, serão marcadas na Caixa da Amortisação com hum carimbo, que designe a data da presente Lei, abrindo-se na mesma Caixa competente escripturação, relativa tanto á emissão, como á queima das mesmas Notas.

Art. 10. Na primeira Sessão do Corpo Legislativo o Governo informará: primeiro, quaes foram os Saldo em digheira que do anno financeiro de mil oitocentos trinta e oito passaram para o corrente no Thesouro, em Londres, e em todas as Thesourarias; segundo, qual a divida passiva existente no fim daquelle anno, e proveniente de despesas proprias delles, com declaração da origem de que provieram; terceiro, qual a somma paga nullo de conta de annos anteriores.

Art. 11. Fica revogado o artigo dezoito da Carta de Lei de onze de Outubro de mil oitocentos trinta e sete, que autorisa o Governo a emitir bilhetes do Thesouro, e bem assim todas as Leis e disposições contrarias á presente.

Manoel Alves Branco, do Conselho de Sua Magestade o Imperador, Senador do Imperio, Ministro e Secretario de Estado dos Negocios da Fazenda, e Presidente do Tribunal do Thesouro Publico Nacional, assim o tenha entendido, e faça executar com os despachos necessarios. Palacio do Rio de Janeiro em vinte e tres de Outubro de mil oitocentos trinta e nove, decimo oitavo da Independencia e do Imperio.—Pedro de Araujo Lima.—Manoel Alves Branco.

Ministerio do Imperio.

—Maranhão.—Ao Presidente da Provincia, accusando a recepção do seu Officio de 21 de Agosto ultimo, em que participa as vantagens que as armaz Impetrias tem conseguido contra as forças rebeldes; e approvando as providencias

dadas para o restabelecimento da tranquillidade na dita Província; recomendo-se para esse fim a maior actividade, bem como toda a circumspecção em desmoralizar as pessoas que se encontrarem armadas por motivos alheios ao movimento revolucionario, e não tiverem crimes daquellas que pelo contrario o tiverem coadjuvado.

(Do Correio Official.)

MARANHÃO.

Quartel do Commando das Forças Expedicionarias sobre a cidade de Caxias no Acampamento da Villa do Codó 7 Janeiro de 1840.

Ordem do Dia.

—Faz-se publico para conhecimento de todas as forças legaes, que hontem 6 do corrente pelas 5 e meia horas da manhã foi surpreendida na fazenda Guararê Grande pelas nossas forças em operações huma hora desses salteadores, que em numero de mais de duzentos, e guiados pelos assassinos Dionizio, Tempestado, Lamego, e Pio, viam de Caxias rio abaixo pelo lado direito, atacar-nos neste ponto; e desbaratados elles completamente fugiram d'aquelle lugar onde se acoviavam, deixando desacetos mortos e cinco presos, incluindo neste numero humo intitulado major por nome José Francisco Correa. O commandante saptofeito com este tão relevante serviço que á cauza da legalidade acaba de prestar o digno commandante de guerrilhas Manoel Rodrigues Ferreira, sob as ordens de quem operão os nossos soldados, com o mesmo se congratula pela victoria que obtiverão nossas armas; porem ao mesmo tempo com as delle mistura suas lagrimas sobre o cadaver de um companheiro, Antonio José de Queiroz, que valerosamente acabou no campo da honra, comprando-nos com o seu sangue as vantagens deste novo triumpho. Mas se este digno camarada expirou para os seus amigos, elle ainda mesmo depois do morto existe para sua familia que soccorros encontrará na beneficencia das nossas leis provinciais, que tanto liberalizam em favor dos caros penhores que deixão aquelles que morrem pela patria; por isso haja o sr. commandante do corpo policial de mandar tomar as verbas necessarias afim de em todo o tempo constar, assim como fôlhem as notas essenciais sobre os soldados Manoel Benedicto d'Almeida, e Benedicto José Ribeiro, que nesta gloriosa neção obtiverão honrosos ferimentos. Si as nossas operações pela margem direita tiverão tão bons resultados, também vão prosperando as nossas armas na margem esquerda; o sr. tenente Bastos, unido com o sr. tenente coronel Francisco Dias Carneiro, no dia 4 do corrente puzerão em debandada os malfeitores, que ouzaro esperolas na passagem do riacho Croatá, distante meia legoa da fazenda S. Roque. Estes successos de nossas armas me encham de esperanças para o futuro; de sorte que como commandante das forças em operação sobre a cidade de Caxias atrevo-me desde já a prometter-lhes a restauração desta infeliz cidade, e o fim de nossas fadigas. Convido desde já previr quaes quer deserções, que possa haver nas forças de meu commando; ordeno que sejam dispensados de to'o o serviço aquelles policias que capturerem algum desertor qualquer, e que sejam remunerados com oito mil reis na conformidade da lei, aquelles sol-

dados de 1.^a linha, que prestarem o mesmo serviço.

Outro sim ordeno que as familias recolhidas neste acampamento em virtude do convite que lhes fiz, sejam ragoadas com ração de Carne, sal, farinha ou arroz e para que haja quem lho administre, e tome sobre si esta tarefa, nomeio para este fim o sr. alferes do 3.^o batalhão João Severiano Baima do Lago, que á vista de valles por elle feitos, e rubricados pelo sr. capitão mandante, receberá do vago niestre o que for mister para o ragoamento diario das mesmas familias.

Outro sim ordeno, que o soldado Paulo Jose Correa da 4.^a companhia do 3.^o batalhão tenha desde já passagem para a 1.^a, o que se faz publico para conhecimento e execução dos srs. commandantes das mencionadas companhias. Assignado Ernesto Eudiano de Medeiros, capitão commandante.—Está conforme.—Theophilo Lopes da Costa, alferes ajudante do 3.^o batalhão.

Palacio do Governo do Maranhão 14 de Janeiro de 1840.

Ordem do Dia.

—Sua Exc. o Sr. Presidente da Província manda fazer publico para conhecimento da Guarnição d'esta Cidade, que no dia 8 do corrente um piquete do destacamento de Miritiba pertencente a 1.^a Brigada, teve um encontro com os rebeldes, á quem rechaçou, e perseguio pelo espaço de quatro legoas, matando-lhes seis, ferindo-lhes muitos, e tomando-lhes 8 annas, seis armas finas, e bagagem. Quando se recolhia o piquete dispararam-se alguns tiros de dentro de uma mata, ficando tres praças graves e seis levemente feridas, entre as quaes o commandante o alferes Manoel Jose dos Santos Amaral. A vantagem que se acaba de referir, que foi alcançada com tão pouca gente contra numerozissimo inimigo torna digno de louvor este Official, que já nas Areas, e Paulica verteu seu sangue em defesa da Legalidade.—Assignado—Joaquim José de Santa Anna Abreu, Tenente e Ajudante de Ordens do Governo.

Correspondencia.

Sr. Redactor da Chronica.

—Eu não sou Bentevi, nem sou Cabano; sou Brasileiro, amigo da prosperidade do meu paiz. Sustento o equilibrio da neutralidade entre os dois partidos, porque estou convencido que esta divergencia de opiniões politicas, que esta odiosa desuniao entre hum povo nascente, que devera esforçar-se antes por apertar os laços da fraternidade para assegurar os meios do seu bem estar, he que tem occasionado os males, que hão dilacerado o Brasil, e que produzirão ultimamente a ruina da minha Província: mas não posso com tudo por hum principio de gratidão, e justiça deixar de emitir a expressão dos meus sentimentos sobre as repetidas accusações, com que, pelo orgão de hum jornal, se tem querido incuicar á Vinc. como o principal auctor, ou promotor da desordem, que nos flagella, e condemnallo por isso á execração de toda a Província. Pergunto pois aos seus accusadores: em que fundas, senhores, as provas da accusação? A veracidade dos vossos juizes? Dissestes: nas antecedentes doutrinas subversivas. Na

correspondencia com os revoltosos. Ora isto já he mais que futil; porque tem sido victoriosamente refutado pelo proprio Redactor da Chronica, por muitas vezes. Mas, não obstante, diizei-me: se o senhor Lisboa, porque estigmatizou algumas Leis da Assembleia, alguns actos do Governo de então, deve de ser taxado de auctor da revolução, e como tal votado á odiozidade publica: qual seria o destino, que marcaris á aquelles, que, na administração do Sr. Costa Ferreira, não cessava de apregoar pelo prelo: que o povo estava sujeito á hum Governo de ferro; que a innocencia gemia; que o crime pavoneava &c. &c.; se por acaso huma pequena faísca tivesse apparecido então, e sublevado a população, que se achava disposta, como agora acaba de acontecer com a revolta de Raimundo Gomes? E não seriam também aquellas doutrinas anarchicas, e subversivas? E tidas por planos de escravidão? Não scrião elles também tachados de apetececerem a desordem; de a terem promovido; quando (todos o sabem) não era isso, que meditavão?

E como he, Srs., que podia o Redactor da Chronica influir para a rebelião; e ser elle o primeiro, que, mal ella se manifesta, se pronuncia contra os seus chefes; indica as providencias para ser contida; e, em seu progresso, fortifica a força moral do Governo, já então o do Sr. Manoel Felizardo; e he finalmente o homem, que, na crize mais arriscada, que atterrou a Capital, unio os seus esforços, elevou a sua voz com a do mesmo Sr. Presidente, e fizeram desaparecer o desanimo, afugentaram as suspeitas, que gerão a desuniao; sendo o mesmo Sr. Lisboa o apologeta de huma medida de segurança, que fora mister ao Governo, e que poderia servir de base aos mal intencionados? (Oh triste, e incorrigivel obstinação de partidos! Quid non mortalia pectora cogit! A' quanto não obriguem o coração do homem!)

Srs. da accuzação: a experiencia nos tem mostrado, mesmo nesta Província, como he que se dá impulso, e se protege á huma revolução. Se o Sr. Lisboa, em vez do que presenciámos, quizesse especular na desordem, não usaria elle das armas favoritas de deprimir o Governo; de incutir desconfianças ao povo; e de encaminhar as classes para os seus fins? Meus caros patriotas, sejamos gratos, e justiceiros. Não sacrificemos ao furor dos partidos os sentimentos do coração. Confessemos em alto som: que, se a Província pôde evadir-se á huma conflagração total, ella o deve ás relevantes virtudes, que singularisam a administração do Exm.^o Presidente, que nos deo a fortuna em huma colisão tão triste. Ella o deve ao Redactor da Chronica, que com seus escriptos coadjuvou o Governo, influio a população, e combateu a cauza da rebeldia. Ella o deve finalmente aos bravos defensores da Legalidade, que, já hoje mais amestrados no conhecimento do terreno, tem obrado prodigios de valor, com que tem aterrado, e quasi que dispersado as filas revolucionarias.

Eis, Srs., o que he ser imparcial; o que he differenciar o merito livre de paixões privadas.

Sr. Redactor, toquei o fim á que me propuz: emitti o que me dita a minha consciencia sobre as accusações, que contra Vinc. se tem propagado. Não escandalizei á ninguém. Não criminei a totalidade de algum partido, quanto aos

sentimentos puros, que lhes divizo pelo bem da Patria, e só sim por o facto da desunião; não me afastei por tanto dos meus princípios; e se hoje defendo neste quanto me sugiere a razão, amanhã pagarei por aquelles, se for demovido por iguaes estímulos.

Sou, Sr. Redactor
Seu Venerador e Creado
O Imparcialista.

CHRONICA MARANHENSE.

Progressos das desordens: cerco de Caxias.

(Continuado do n.º antecedente.)

Caxias estava em completo abandono, quanto a meios de defesa. Desde meados de 1838 que se aciaava decretada pela assembleia provincial a reforma da guarda nacional; mas a sua organização no interior se foi demorando, e os officiaes eram nomeados mais tarde ou mais cedo, segundo mais convinha para o bom exito das cabalísticas eleições; e certo é que só no principio de 1839, quando já a desordem assolava parte da provincia, é que o governo offendeu ao tenente-coronel José Dias Carneiro para que se desse pressa em alistar o batalhão de Caxias. Mas como por então foi dissolvido o bando de Raimundo Gomes, esta tardia recomendação foi despresada, e não produziu o menor effecto: tanto o prefeito, como o tenente coronel Severino, em quem, quasi exclusivamente confiava a facção dominante, andavam pelas suas fazendas; e a 20 de Abril, tempo em que se perdeu o Brejo, e foi derrotada a força do capitão Pedro Alexandre, havia apenas na segunda capital da provincia uns 40 paisanos reunidos. Depois é que se começou a reunir alguma gente, de modo que o tenente coronel Severino desceu para o Codó com perto de 300 homens, além de bater os rebeldes do Coroa, e outros quaisquer que podesse alcançar; porém ainda não tinha feito talvez metade do caminho, quando teve ordem para voltar, e postar-se no Limoeiro, não longe da cidade, porque tanto o prefeito como outros individuos do partido dominante haviam recebido noticias aterrorizadoras dos attentados, que se praticavam no Brejo, e entenderam que deviam fazer recolher as unicas forças que havia para a defesa. Postada essa tropa no Limoeiro, lá foram ter Raimundo da Cruz e Silva, e outros, e determinaram o tenente coronel Severino a vir para a cidade, não obstante as ordens em contrario que tinha. O prefeito, desobedecendo nesta parte, ordenou-lhe que fosse occupar o ponto denominado — Bariti do Lamego —, mas foi novamente desobedecido, como continuou a sê-lo muitas vezes durante todo o cerco. Demoramo-nos nestas particularidades, porque a Revista, publicando no seu primeiro numero uma pretendida historia deste cerco, onde a falta de datas torna tudo confuso e intelligivel, pretende que foi uma desgraça para a legalidade o abandonar-se o Limoeiro, que isso teve lugar contra a vontade do tenente coronel Severino, e por ordem do prefeito, que foi talvez guiado por insinuações de algum proleto! E cousa singular que a Revista, querendo accusar o coronel João Paulo de uma desgraça, não assim despresasse a occasião de calumniar algu'n membro da opposição; um talvez foi o poderoso argumento de que se serviu. Até os erros, faltas, e crimes que estes senhores imputam ao prefeito de

Caxias, vem a recahir sobre a opposição! No entanto deve aqui dizer-se que a Revista estava muito mal informada quando disse que na volta do tenente coronel Severino, do Codó, podiam os rebeldes ser aniquilados, pois que então só tinham 800 homens mal armados e desprovidos de munições. É falso; e nesse tempo não havia grupo algum nas vizinhanças de Caxias, e se dessa cidade saísse alguma força para ir encontrarlos para a parte do Brejo, a muitas legoas de distancia, não só se exporia a ser cortada, como apressaria a perda de Caxias.

Foi só em principios de Maio que o prefeito, depois de receber ordens instantes e positivas desta capital para se defender, offendeu ao prefeito de Pastos-bons, e ao presidente do Piahy, reclamando socorros, que como se vê, muito tarde lhe deviam chegar. Nesse mesmo tempo tractou tambem de obter por empréstimo algum dinheiro para pagamento da tropa, porque daqui não foram mais do que autorizações. Nestes, e outros arranjos se foi passando o mez, sem que nem ao menos se fizessem trincheiras, ou outras quaisquer fortificações. No dia 22 soube-se que o inimigo se aproximava, e no dia 23 sahiu uma forte partida, para reconhecer o commandado pelo tenente João Paulo de Miranda; no lugar denominado — Raiz-doram — com um piquete rebelde, que se retirou aos primeiros tiros, sem fazer resistencia; e nessa mesma manhã recolheu-se o sr. tenente João Paulo a Caxias, dando vivas e tiros, e assegurando que tinha batido o inimigo, e morto o Getirana! Mas no dia 24 ás 10 horas da noite, sem que as forças da cidade soubessem como, porque andava tudo á ventura, foi ella effectivamente cercada por todos os lados, occupando Getirana o ponto da Olaria, L. J. Teixeira e o Ruivo, o do Atoleiro, Balho, o do Pandagua, Mulunguita, o da Pedreira, e Silveira, o da barra de S. José.

Ainda aqui nos occuparemos um pouco com o 1.º numero da Revista. Narra elle longamente as alegrias, os ardis, as correspondencias, os preparativos de varios habitantes de Caxias que se lançaram na desordem, e como o seu fim era só accusar a opposição, citou os nomes dos Silveiras, Violetes, Groás, Panos de Linho, e outros, no todo doze, que eram ligados ao partido da opposição. Deste facto argumentou ella então, e ainda hoje argumenta para provar que toda a opposição favorecia a desordem; e com effecto, como desde o principio da desordem muito contra as esperanças e votos ardentes do collega, nenhuma opposição, se tinha lançado n'elle, não pôde elle esconder o seu jubilo, posto seja grande legalista, quando soube que o inimigo tinha fortificado as suas fileiras com estes auxiliares. Ora nunca pessoa alguma negou que taes individuos se lançassem voluntariamente na desordem, e ponha duvida temos de que elles se correspondessem com os rebeldes antes do cerco, e até determinassem o Livio a vir invadir a sua provincia. Não; não tinha medo a Revista e consciões de que nos identifiqemos com criminosos, principalmente com os que se mancharam com conhecimento de causa, e a despeito de muitas admoestações que se lhe fizeram para que se conservassem na orbita dos seus deveres. Mas esses homens, que foram a excepção da regra, podem acaso provar alguma coisa contra os que cumpriram os seus deveres, contra os opposicionistas que, mesmo em Caxias, permaneceram firmes até a perda da cidade, contra os que, em

defeza della, empunharam as armas e combateram, dando que vissem os seus dias ameaçados pelo furor de desalmados faccionarios! (1) Não, não foram os principios politicos, foi a turbulencia de uns, o desejo de pilhagem em outros, quem os lançou na revolta, como mais que muito o provam os acontecimentos posteriores. — O que ali se viu foi a destruição, e o saque de uma opulenta cidade, para o que concorreram mais ou menos, quasi sem excepção, os chefes todos; o que não appareceu no meio daquella espantosa desorganisação foi o menor symptoma de um plano regular, de previsões do futuro, em summa, de um partido politico. Mas infelizmente para as intrigas da Revista, não foram só indignos opposicionistas os que adheriram á revolta; muitos dos seus fizeram outro tanto, durante o cerco, como depois d'elle, o que ainda é mais uma prova de que eram demovidos por outros estímulos, que não os politicos. Antonio, e Roberto de Moura, que ajudaram a cercar a cidade; quasi todos os outros membros dessa grande familia, que mandaram os seus contingentes para o exercito rebelde; Policarpo, e Bento José de Almada, Domingos, e Gervazio Vieira Chaves, João Rodrigues da Silveira, Joaquim Francisco de Seixas Dourado, Antonio Borges de Padua, Firmino José Correia, eram todos fieis alliados do Investigador e da Revista, e nada menos adheriram á revolta, serviram-na, e aproveitaram-se della. (2)

Reletem os leitores estas anticipações, e continuas digressões, necessitadas pelas accusações da Revista: continuaremos aqui com a narração do cerco. Logo no dia 25 foi o Getirana batido, e desalojado do ponto da Olaria; mas como faltasse aos sitiados um habil commandante, nem seguiram o inimigo que fugia em completa debandada, nem fortificaram

(1) A Revista diz que Silveira, Groá, e outros, antes de saírem da cidade, espalharam que os queriam assassinar. Dado que seja uma verdade innegavel que ali se não gozava de muita segurança, não é desses riscos, verdadeiros ou fingidos, de que tractamos; referimo-nos a outros cidadãos, que nunca se ligaram aos rebeldes, contra cuja vida se conspirou durante o cerco, e que talvez escapassem, pela resistencia que fez a esses planos sanguinarios o coronel João Paulo.

(2) Dourado até servia de amanuense, ás vezes, ao prefeito, e Firmino José Correia, durante o cerco, e quando se fallava no assassinato de vinte e tantos opposicionistas, ostentava-se um furioso matabentevi. Até dous dos membros da primeira Junta-Provisoria, Severino d'Oliveira e Costa, e Domingos Antonio da Mesquita, sempre em todas as epochas, pertenceram ao partido que é hoje dominante, mas em abono da verdade devemos dizer que aceitaram taes cargos, por coacção, bem como João Baptista Vianna, tanto que mui pouco aturaram nelles, e se retiraram para as suas fazendas, sob diversos pretextos. Não é impossivel que estivessem igualmente coactos alguns dos outros individuos citados, tanto d'um como d'outro partido. No Codó, o cidadão Raimundo Pereira e Souza, eleitor do partido dominante, poz-se á testa de uma força que denominou *bentevi*, e reconheceu a supremacia da junta rebelde; outro cidadão, opposicionista, fez o mesmo, ambos com o fim de manterem a ordem naquella districto. O Investigador accusou a um, e guardou profundo silencio acerca do outro.

o ponto abandonado, que no dia 26 foi novamente occupado pelo mesmo caudillo.

No dia 27 chegaram Violeto, que occupou o ponto da Trizidella, Moura, que foi unir-se aos do Atoleiro, e Coque, que occupou o de S. José, e que foi o primeiro chefe que officiou, (nesse mesmo dia) ao prefeito para que entregasse a cidade. Foi no meio do tumulto, estranheza, e terror dos primeiros ataques que se cuidou em inutilizar algumas casas nos arrabaldes, e em elevar á pressa algumas trincheiras para cobrir a cidade, até então sem defesa alguma, mas cada qual comprehendendo facilmente de que natureza seriam essas fortificações feitas em taes circumstancias. Ráto começou essa longa serie de combates parciais (que nunca os rebeldes atacaram todos os pontos a um só tempo) em que os sitiados apenas colheram alguns triumphos momentaneos, e sem resultado, em quanto cada vez mais se fatigavam, e iam desanimando, com a diminuição dos mantimentos, frequentes deserções, e nenhuma esperança de soccorro. Faltou-lhes, tornamos a diz-lo, um habil commandante; os rebeldes não só se viram por vezes obrigados a abandonar alguns pontos, como também a cessar o fogo, porque houve dia em que toda a sua munição se reduzia a pouco mais de 200 cartuchos; mas como não eram encommodados, tornavam a occupar os pontos abandonados, e tinham todo o vagar de expedir pequenas patrulhas que iam arrebatando quantos polvora e armamento encontravam pelas fazendas, mormente as situadas do lado interior pelo gentio. O tenente João Paulo de Miranda é assaz conhecido; pode pois cada qual avaliar de que proveito seria elle; quanto ao tenente-coronel Severino, homem destituído de intelligencia, assaz é dizer-se que commandava as forças e a praça, trazendo por uniforme chapéu de palha, chinellos, calça e jaqueta de hollanda, e um lenço encarnado á cinta; n'alguns combates (não em todos) batia-se com coragem, e de resto nada de plano, nada de providencias de qualidade alguma.

Por outra parte, o unico soccorro que recebeu Caxias foi o do prefeito de Pastos-Bons, que sahindo da sua commarca com cerca de 300 homens, viu-se abandonado de quasi todos na viagem, e apenas entrou com 50 a 60 por um ponto que os rebeldes haviam abandonado. Estes porém eram continuamente soccorridos, assim pelos numerosos proselytos que encontraram naquella commarca, como pelo Livio, que disse trouxera de Campo-Bonito 600 homens, e Milioni, que trouxe de Pastos-Bons uns 200 a 400 (3). Soccorros tam poderosos, quando os sitiados se achavam já entregues nos horrores da fome, e tinham as suas forças consideravelmente diminuidas pela deserção, haviam de necessariamente conduzir Caxias á sua perda. Reconhecia geralmente a impossibilidade de continuar a defesa,

(3) Cumpre notar que este Milioni é tio, e amigo do honrado chefe legalista, o tenente-coronel Diogo Lopes. Bem podia a Revista, deste parentesco e amizade, tirar fortes argumentos para accusar e intrigar. O que vale ao senhor Diogo Lopes, é que elle não creve um periodico que tanto encomenda a Revista e consuetos; senão, estava irremediavelmente condemnado como rebelde. Outros o tem sido por muito menos!

officiou o prefeito no dia 21 de Julho aos commandantes rebeldes, pedindo-lhes um salvo-conduto para uma deputação que fosse com elles entabular negociações; a deputação, composta dos doutores Fernandes Junior, Villena, e outros, atravessou com effeito para a Trizidella, no dia immediato, mas voltou sem nada concluir; no dia 26 tornou a ir, sem obter melhor resultado, e no dia 27 não a deixaram mais voltar. A 28 remetteram os rebeldes por escrito ao prefeito as condições de uma capitulação vergenhosa e dura; a 30 de manhã propoz o prefeito varias modificações, ao que não se dignaram de responder-lhe. Nessa mesma noite dissolveu-se a força legal per si mesma, tractando cada um de fugir, segundo podia.

Voltaremos novamente ao primeiro numero da Revista; pretende ella que durante o cerco, eram os rebeldes informados de tudo quanto se passava na praça, e demais soccorridos com munições que lhes mandavam os traidores. Não resta a menor duvida de que o contemporaneo atrai os seus golpes contra adversarios politicos, que do contrario não tomariam esse trabalho; mas que é das provas? o que fazia o commandante da praça que não tolhia, não tanto as communicações, mas as remessas de munições? Todavia se considerarmos que os Correas e Lourados, furiosos legalistas de principio; fizeram depois causa commum com os rebeldes, não recusaremos de todo acreditar nessas dilações feitas, não por nós, mas pelo contemporaneo, cujas bandeiras seguiam esses miseraveis. Mas aproveita-se elle simplesmente de boatos vagos para nodar alheias reputações, para accumular as suspeitas, e dar pasto ao odio? Nesse caso também nós diremos que correram boatos de que quando já não havia esperança de salvar-se a cidade, um ou outro commandante de ponto traçou salvar a vida, abrindo communicações criminosas com o inimigo, e a este proposito citaremos um facto positivo. No principio do cerco, por suspeitas bem ou mal fundadas, foi preso por ordem do tenente-coronel Severino o ajudante Pedro Martins, irmão do assassinado Thomaz Cardoso, e oito dias pouco mais ou menos, antes da perda da cidade, não só foi solto, como teve liberdade para ir todas as manhãs ao quartelamento do Coque, donde voltava á noite para a companhia do sr. Severino. Ora muito depois o Coque, ainda rebelde no Coratá, não queria tractar senão com o sr. Severino, por ser, dizia elle, *pessoa com quem se entendia*, e agora que se passou para a legalidade, tem-lhe valido tanto a amizade e protecção deste individuo, que já o Coque teve a honra de misturar as suas lagrimas com as do senhor capitão Ernesto. Tudo isto prova que se os rebeldes tinham intelligencias na praça, os amigos da Revista não estão isentos de ter concorrido para ellas; mas o contemporaneo que accusa os seus contrarios tam sem piedade, por meio de *provas moraes*, como Robespierre, e de *antecedentes e consequentes*, tem um nome magico, que só pode ser exclusivamente invocado a favor dos seus, a *coacção*! Podem os seus amigos entender-se afoutamente com os rebeldes, fornece-los de mantimentos e munições, cartear-se com elles, aceitar e servir empregos; estão *coactos*; os opposicionistas, sim, são altamente criminosos, ainda que façam muito menos.

(Continuar-se-ha.)

VARIÉDADE.

O homem e o mundo.

—Os philosophos antigos chamaram ao homem mundo pequeno.... Não é o homem um mundo pequeno, que está dentro do mundo grande; mas é um mundo, e são muitos mundos grandes, que estão dentro do pequeno. Baste por prova o coração humano, que sendo uma pequena parte do homem excede na capacidade a toda a grandeza e redondeza do mundo. Pois se nenhum homem pôde ser capaz de governar toda esta machina do mundo, que difficuldade será haver de governar tantos homens, cada um maior que o mesmo mundo, e mais difficiloso de temperar que todo elle? A demonstração é manifesta. Porque nesta machina do mundo, entrando também nella o céu, as estrellas tem seu curso ordenado, que não prevtem jamais: o sol tem seus limites e tropicos, fóra dos quaes não passa; o mar, com ser um monstro indomito, em chegando ás arças, pára: as arvores, onde as poens, não se mudam: os peixes contentam-se com o mar; as aves com o ar; os outros animais com a terra. Pelo contrario o homem, monstro ou chimera de todos os elementos, em nenhum lugar pára, com nenhuma fortuna se contenta, nenhuma ambição, nem appetite o farta: tudo perturba, tudo prevte, tudo excede, tudo confunde, e como é maior que o mundo não cabe nelle. — Vieira. Sermões. [Do Panorama.]

AVISOS.

—Aluga-se por preço commodo o armazem grande pegado as Diversas Rendas na Praya-Grande, quem o pertender dirija-se a Theodoro José Correia, Praya de Santo Antonio, que está resolvido a aluga-lo com commodidade e vantagem ao alugador.

Maranhão 4 de Janeiro de 1840.

—Joze Rodrigues Vidal está authorizado para vender duas datas de terras no rio Gajau, e huma dita no rio Meirim já demarcadas, quem as quizer dirija-se ao annunciante na rua Formosa N.º 43.

—Quem tiver escravos para alugar proprios para serviço de roça, dirija-se a esta Typographia.

—Dezeja-se fallar, ou saber da morada de Jozé Fernandes de Almeida, filho de Maria de S. Jozé, natural da Frequezia de Carvalhães lugar de Passos digo meuinho velho, para seu interesse.

—Antonio Joze de Souza Machado roga a todos os seus credores hajão de apresentar suas contas para serem pagas, assim também todas as pessoas que tiverem seus penhores na mão do mesmo, hajão de os tirar até 30 do corrente, pois que o annunciante pretende retirar-se para o reino de Portugal no 1.º de Fevereiro proximo vindouro. Maranhão 29 de Janeiro de 1840.

Antonio Joze de Souza Machado.

MARANHÃO: IMPRESSO NA TYPOGRAPHIA IMPARCIAL MARANHENSE. ANNO 1840.

CHRONICA MARANHENSE.

VOL. II.

SABBADO 25 DE JANEIRO DE 1840.

N.º 207.

Assigna-se em casa do Redactor, rua do Egypto n.º 12, e na Fabrica de Chapcos de Vidigal Irmão & Co, rua Grande: preço por trimestre 2\$000, por semestre 5\$500, e por anno 10\$000 reis, pagos adiantados. As folhas avulsas vendem-se a 160 reis na sobredita Fabrica, e os avisos imprimem-se a 60 reis por linha, mas os dos assignantes, gratuitamente, com tanto que não excedam a 20 linhas.

MARANHÃO: IMPRESSO NA TYP. IMPARCIAL MARANHENSE. ANNO DE 1840.

MARANHÃO.

Artigos Officiaes:

SE em meu officio de 6 de Novembro ultimo n.º 324 censurei a infracção que commetteu, condemnando a Anna Maria do Nascimento a deixar o Districto, quando o Codico de Processo no art. 12 § 3.º marca pena differente para as prostitutas, que perturbam o socoço publico, foi porque cuidei que assim tinha V. S. obrado por ignorancia, e que nem huma intenção o assistia de transgredir a Lei: mas do contrario me convenci com o seu officio de 11 do corrente, em que á despeito das mesmas advertencias, declara V. S. estar disposto a repetir actos contrarios a nossa Legislação: estranho pois severamente a resolução que manifesta; e usando eu da faculdade que me dá o art. 5.º § 8 da Lei de 3 de Outubro de 1834 suspendo-o do exercicio das funções de Juiz de Paz a fim de fazer efectiva a sua responsabilidade pelo Promotor, a quem nesta data officiei para semelhante fim, devendo V. S. logo que este receber passar a Vara ao seu immediato. Deos Guarde a V. S. Palacio do Governo do Maranhão em 18 de Dezembro de 1839.—Manoel Felizardo de Souza e Mello.—Sr. Joaquim Manoel da Cunha, Juiz de Paz do 2.º Districto.—Ilm. e Exm. Sr.—Mandei seguir a força para o Olho d'água, na conformidade das Ordens de V. Exc. extrahidas em seu officio de 24 de Dezembro do anno p. p., a qual já se recolheu sem encontrando ali rebelde algum, nem tão pouco noticias de existirem por aquellas immedições. Tivemos a infelicidade de o Guarda Nacional Gerardo da Silva Roza, do 1.º Batalhão Destacado, quando foi a subir em o tronco de huma arvore disparar-se-lhe a arma entrando-lhe a bala em a cabeça ao pé da fonte, resultando de tal ferimento a morte immediatamente. Releva dizer a V. Exc. que na Capital quasi em geral as noticias que dão são mentirozas.

Hum dos serviços que eu tenho aqui mais em vista é as explorações, só para ver se apanho algum rebelde, que ande escondido pelos matos, como para colher noticias d'alguma pequena reunião que haja, e só por surpresa chegam os malvados, e volta logo, em alguma fazenda como aconteceu em a do Major Marcelino. Tenho alem das continuadas explorações, homens mesmo fora, filios destes sitios, com licença, só para me darem parte assim que lhe constar que algum grupo de rebeldes por ali anda, sendo bastante assíduos em cumprir com a sua

missão, pela certeza que tem, de, no caso d'elles por ali apparecerem sem que me participem, serem bem castigados; e por isso julgo bem difficiloso que por aqui se reúnam, sem que eu seja sabedor e dê logo as providencias. Pela falta de gente, e cavallos, que espero do Rozario, inda me não foi possível fazer marchar a expedição para a Agua-fria; o que farei tão depressa chegarem; e julgo (pelo costume) graças ao valor dos meus Soldados, que terei em pouco tempo de dar noticias agradaveis a V. Exc. do resultado da expedição, não obstante sermos poucos comparativamente ao n.º de negros que ali se acham. Deos Guarde a V. Exc. Quartel do Commando da 1.ª Brigada no Icatú 4 de Janeiro de 1840.

Ilm. e Exm. Sr. Manoel Felizardo de Souza e Mello, Presidente desta Provincia.—Luiz Antonio Facilla, Tenente Coronel Commandante da 1.ª Brigada.

N.º 98.—Ilm. Sr.—Nesta occasião segue o Sr. Cavilão Castro, a quem V. S. entregará o Commando da força ali destacada; ficando desta arte V. S. desonerado desse serviço; podendo retirar-se quando lhe convier. Muito sinto que V. S. tivesse alteração em sua saúde, na occasião que mais podia prestar á Patria, os serviços que ella nesta crize reclama de todos nós; ficando certo que logo que V. S. obtenha melhoras, não parará dos sentimentos de alguns meus Cidadãos, que esperão com a maior calma possível o resultado desta luta, se n.º se pejam de serem, no meio da occasião de mais espectadores da differença desta rica Provincia. Respondo a V. S. dizer em seu officio que não faz caso das suas requisições, tanto a dizer-lhe, que sou militar, e assim he a minha praticação, e não sei deixar de fazer caso em objecto de serviço. Mandei-lhe farinha, aguardente, armas, munições de peço, e de fuzil, pólvora, pás de ferro, enxada, foice &c., não mandando mais gente, por estar certo, como ainda agora estou, que não precisa esse ponto de ser mais fortificado do que está, pois que foi tomado aos rebeldes, estando elles ali intrincheirados, tendo nós igual numero de praças, das que actualmente lá existem; e não sei como depois de estar a povoação muito mais fortificada, esses mesmos rebeldes que fugirão das trincheiras, as poderiam hár bater, não tendo munições: o que bem fica provado com o resultado dos 40 homens que V. S. mandou á exploração, que levarão os rebeldes de rijo em distancia de mais de 4 legoas, e que mais adiante hirão se levassem guia como V. S. mesmo diz em o seu officio n.º 10. Não foram os remedios, por não terem ainda chegado da

Capital, tendo-os eu immediatamente requisitado, por haver aqui falta d'elles.

Não mandei Cirurgião, pois só existe aqui hum, que mal pode com o trabalho que tem do curativo de innumeros doentes, que existem no Hospital deo Acampamento. Deos Guarde a V. S. Quartel do Commando da 1.ª Brigada na Villa do Icatú 11 de Janeiro de 1840.—Ilm. Sr. Tenente Coronel João Gualdino Cutrim.—Assignado.—Luiz Antonio Facilla, Tenente Coronel e Commandante da 1.ª Brigada. Conforme, Eduardo Joaquim Pereira d'Oliveira, Alferes Secretario do 1.º Batalhão de Guarda Nacional Destacado, servindo de Secretario da 1.ª Brigada.

CHRONICA MARANHENSE.

A Revista, e o Amigo do Paiz se vão de tal modo identificando em ideas, em denuncias, e na tactica que empregam contra a Chronica, que não será maravilha se daqui a mais algum tempo virmos no mesmo numero da Revista dous artigos em tudo semelhantes, um proprio, e outro conatuniente. Veja-se o n.º 11, e admire-se o feliz acaso por que os dous respeitaveis mestres combinaram até em expressões. Será a pobreza da materia, que faz que assim dispute as mesmas mesquinhas ideas; virá isso das continuas e intimas praticas que devem ter?

O redactor da Revista, que sempre é mais habil que o companheiro, disse com tudo mais em duas columnas, que este em cinco. Em quanto toma folego (perde-nos o plágio) promette o bon do contemporaneo que ha de pôr em pratica logo toda esta ordem de inferior; que ha de mostrar como se seguiu o executava o plano della em diferentes partes da provincia, e que plano!! de *atenção premeditada!* que a revista tinha seus *oradores e patronos* nesta cidade, *missionarios e apostolos* pela interior; que as instruções para ella partiam da capital, que daqui iam planos de campanha, e munições aos rebeldes. Que por consequencia á vista de tudo isso, a Revista se faz forte de provar, por meio da *concepção dos factos, e das antecedentes e consequentes*, que a opposição, ou talvez (por em quanto) a Chronica Maranhense só de per si, é que mandou fazer a desordem! E' força confessar que nem um cumplice convertido pela policia podia estar mais bem informado dos segredos de uma conspiração; o contemporaneo sabe de tudo a palmo, da insurreição tramada em diferentes pontos, das munições, dos planos de campanha,

das instrucções, e não só dos patronos e oradores, mas ainda dos apostolos e missionários! O que porém nos espanta, a mais não poder ser, é o silencio da collega acerca de todas essas particularidades, ha mais de hum anno que a desordem começou, ao passo que tem feito tantas accusações parciais, futeis, e ridiculas, por causa de umas pretendidas proclamações impresas, de cartas que nós mesmos publicamos, e de doutrinas propagadas em jornais da opposição! Pois não era mais interessante ter logo declarado quizes os pontos diversos em que se tramou a insurreição, os nomes dos seus puctores, bem como desses oradores da cidade, dos meios e agentes dessas conduções de munições? Nós o convidamos a que saia a campo, nem espere que a Chronica acalhe em começo o seu relatório, que nada tem uma coisa com outra; appareça desembugado, ponha de parte as ambiguidades, as reticencias, e as duvidas, declare as cousas e as pessoas pelos seus nomes, mas apresente provas, e deixe-se de contrições moraes á Robespierre. *Fal lá desses um conviction morale* é muito boa razão para mandar um homem á guilhotina, ou para indica-lo á facha de ponta dos assassinos, mas não é prova nem diante dos tribunaes judicarios, nem diante do tribunal da opinião.

Mas a Revista, em quanto não recapitula os factos antecedentes e consequentes, que tem conexão, isto é, em quanto não *toma fôlego* (perdoe-nos o plágio) aponta-nos varias tremendas contradicções, entre o que agora escrevemos, e o que escreviamos á proporção que os factos iam occorrendo. Examinemos isso.

A Chronica, quando *rebelou a desordem na Manga*, defendeu o pardo Manuel Francisco, a quem o coronel Coqueiro accusava como um dos mais furiosos agentes da rebelião; a Chronica agora o crimina, sem o nomear. Se o não nomeamos, como ámbria que é elle a quem alludimos, e porque, referindo-nos nós a dois individuos, assenta a Revista sobre um somente as suas observações? Demais, quando fallamos desse Manuel Francisco, foi para rebater o coronel Coqueiro que aconselhava o presidente a recrutar para grumete esse individuo (a quem elle dava como um dos vendedores da Camara) pelos crimes de *ser bentezi acerrado, mulato prejudicial, seductor da gente de cor, e intilular-se tenente das pretas*. Verdade seja que mediante informações vagas, e a supposição em que estavamos de que esse homem era vereador, conforme o asserverou o senhor Coqueiro, para poder melhor calomniar a camara, fizemos uma ideia inexacta da sua importancia e posição social; porém, mais bem informados depois por amigos nossos, e especialmente pelo sr. João Juliano de Moraes Rego, de quem publicamos uma correspondencia, tivemos por vezes occasião de corrigir o que tínhamos dito de menos exacto, muito antes que sabissemos a lumen as observações da Revista. *Este emissario da revolta* (continua o contemporaneo), referindo-se ao mesmo individuo *retirou-se para Alcantara, segundo nos informam*. Eis um facto digno de figurar entre os antecedentes e consequentes, o proprio para se nelle basearem as *taes contrições moraes*! Ora quanto a nós, sabemos que o Manuel Francisco, recusando alguma violencia dos senhores Coqueiros, recusou-se para o Codó, no tempo em que

elles o ameaçavam, e consta-nos que lá se metheu de feitor, e que ora se acha servindo á legalidade, na tropa dos paisanos. A Revista teve no entanto quem a informasse que elle fora para Alcantara!

Segunda contradicção. *A Chronica a principio attribua a desordem, ás violencias e despotismos dos prefeitos, e hoje diz que se a provincia foi detastada, deo-se isso á temeraria segurança do partido dominante, e á incapacidade e cobardia de muitos dos seus agentes*. Grande contradicção! Que tem de comum as causas que predisposeram uma parte da população á revolta, com a incapacidade e desmazelo, que depois de rebentar a desordem, não soube combater-la, nem oppor-se aos seus progressos? A legião do contemporaneo é toda absorvida pela sua má fé.

Terceria ou quarta contradicção. *A Chronica dizia que o recrutamento era o pretexto para as violencias dos prefeitos, fallava em troncos e vira-mundo, accusava, os prefeitos do Brejo, Iguaçu, e Iapucurú, disse que Raimundo Gomes soltara um irmão que se achava preso; e agora só accusa a dois prefeitos em lugar de tres, e não tracta do irmão com que então se occupava!* Deveria que estas são mais contradicções de nova especie! Demais querera o contemporaneo que quando escrevermos uma recapitulação dos acontecimentos, reproduzamos, um por um, todos os factos, todas as circumstancias, mencionadas e publicadas no espaço de um anno? Zomba acaso com nós, com os seus leitores, ou consigo mesmo!

Fallava, e já não falla em troncos! Mas isso não obsta a que elles fossem usados, até n'uma dos districtos da subprefeitura do Riozinho. Poderemos até citar os humores do Publicador, em que se acham exaradas os officios do senhor Camargo, mandando entregar a autoridades do interior, vira-mundos para se segurarem facinorosos. *Fallava e já não falla no irmão de Raimundo Gomes*. E por que isso vinha fôr a propósito como os vira-mundos, alem de que houve inexactidão em dizer-se que o irmão de Raimundo Gomes estava preso. Como porém é certo que o candidato relêdo subito outros presos e recrutados (entre os quaes provavelmente se achavam as testemunhas legalmente convocadas para jurar n'um processo crim.) a circumstancia da serem elles ou não seus irmãos e parentes, nada influencia sobre a natureza da questão, e o collega, apellidando-se em tais occasias, bem mostra a fraqueza dos seus meios. *Fallava, e já não falla no recrutamento!* Mas hize-mos de fallar, descanse; e para que não continue a vozeir que o recrutamento é meramente um pretexto para declamações, nós citam-lhe-hemos a opinião do prefeito do Itapucurú, o sr. Joaquim José Gonçalves, que não pode ser suspeito, mormente concordando elle em parte com a Revista. Em o seu officio de 16 de Dezembro de 1838, em que participava ao sr. Camargo, o motim da Manga, assim se expressa: *Estou reunindo paisanos a toda a pressa para irem debellar a nascente hydra da revolta, antes que se uniam a ella os inconsiderados inimigos da boa ordem, o que não é muito difficil, á vista dos descontentes que existem, apegos á nova ordem de cousas, e outros stigmatizados por effeito do recrutamento forçado*. Esta opinião é respeitavel, porque pertence a hum homem que na qual-

idade de prefeito, fallava com conhecimento de causa, e não havia de levantar calumpnias contra os seus collegas, e contra si proprio. E preciso que o contemporaneo o tenha bem em vista: foi um prefeito o primeiro que asseverou que a revolta podia tornar-se em breve formidavel, fortalecendo-se com os muitos descontentes que havia, *por effeito do recrutamento forçado*.

Ficaremos aqui por ora, pedindo ao collega novamente que appareça com essa sua formidavel recapitulação, e quanto antes, porque muito terá que esperar, se aguarda que primeiro ponhamos termo ao exame e discussão em que nos mettemos, e que a mesma Revista tanto forceja por tornar interminavel, a fim de que também os odios e as intrigas não tenham termo.

VARIEDADES.

A. Minha Amada.

I.

—O cardeal de Richelieu he muito conhecido, mas, o que talvez nem todos saibão he o systema de galanteio que empregava este celebre estadista. Systema, dizemos, porque era impossivel applicar ao amor mais methodo e regularidade. Richelieu atitava o coração das mulheres com diplomacia e strategia. Empregava esta namorando tres ou quatro damas ao mesmo tempo, para subjugar huma dellas com mais segurança, e a sua habilidade consistia em occultar a todas as intenções que tinha acerca de cada huma dellas, intitulado-se amante unico e fiel, entretanto que era hum incógnito de profissão. Era amante diplomata quando empregava nos seus namoros huma serie de intrigas, combinadas de antemão naquella cabeça profunda, e interfezadas com as suas occupações quotidianas, com a ordem que huma boa empresa nas suas reas, ou hum mestre de ceremonias no arranjo de huma recepção. Muitas vezes, para não se esquecer ou enganar, escrevia n'hum livro de lembranças os seus projectos amorosos; era, a bem dizer, huma lista minuciosa de meios de seducção de toda a qualidade, calculados segundo o caracter das pessoas, e collocados no seu devido lugar, deste modo: Segunda feira, mandar hum bracelete de ouro a Madame de Saure, que quer mostrar a sua mão delicada no almoco de S. M. — No mesmo dia, ás duas horas, visitar a condeza de Marigny, em quanto o marido anda á caça com el-rei; contar-lhe a infidelidade do marquez de Sade, que despreza os seus atractivos pelos de Madame de Namur. — Quinta feira, ás cinco horas, quando a rainha sahir do seu quarto, fallar á duqueza de Soubise da proxima execução de Biron, e dar-lhe a entender que só eu posso fazer que não acentege o mesmo ao irmão. — Domingo, quando for á capella real, dar ordem ao camarista que demore o duque de Buckingham na sala de espera, para que não entre senão depois do Beijamão de Anna de Austria, e não possa ella notar a sua presença ao mesmo tempo que a minha. —

Anna d'Austria foi, pelo espaço de muitos mezes, o objecto desta tactica amorosa; era ella a mais severa e a mais amada de todas as mulheres que tiveram a desgraça de agradao ao terrivel ministro. Anna d'Austria era então muito moça, e não podia dar attenção a hum

amor que não fosse fiel e ardente, e por isso Richelieu, para ser ouvido, apresentou os sentimentos mais exaltados que se podem imaginar, e houve-se com tanta habilidade, que começava já a fazer impressão no coração fraco da rainha, quando um incidente veio descobrir a infidelidade do seu amante.

Em dia de recepção no paço, depois de se ter acabado de vestir a rainha, saíram as damas; humas delas, porém, ficou parada á porta do quarto, como para se fazer lembrada e ver se a chamavam; conseguiu com effeito o que pretendia; a rainha disse com a sua bondade costumada:

—O que heis, madame de Salignac? queis-me pedir alguma coisa?

A marquez de Salignac era humas das mais formosas damas da corte, casada com hum cavalheiro gascão, notavel tambem pela sua formosura. Era muito estimada da rainha, e por isto contava alcançar o que pretendia.

—Ah! respondeo ella, só V. M. me pôde salvar de hum grande desgraça!

—Oh! meu Deus, disse Anna d'Austria, que desgraça he essa?

—Eu digo, Sra.: apesar que não he cousa de admirar neste tempo em que são tantas as victimas; mas, V. M. não ha de consentir que humas familia que prosa entre neste numero.

—Eston vendo que se trata do cardeal?

—V. M. o disse, replicou a dama. Meu marido he suspeito ao Sr. cardeal, e sem saber porque motivo, desde hontem está preso na Bastilha, por hum ordem assignada por el-rei.

—Sempre assignada por el-rei, replicou a rainha. Este homem extraordinario era capaz de obrigar a Luiz XIII a assignar a minha morte, assim como já obrigou a assignar o desterro de sua desgraçada mãe! E apesar de tudo, acrescentou ella, tem coração para amar.

—Marqueza, continuou Anna, depois de hum pequena pausa, esta prisão talvez não seja tão severa como o pensais. Apesar do rigor do cardeal, estou certa que algum cugano hontem nesse acontecimento, e que não daviará emenda-lo, apenas niso lhe fallardes.

—Orali que assim fosse! Mas só V. M. assim falla do ministro, que tantos innocentes tem mandado condemnar: delle não espero eu nem indulgencia, nem reparação.

—Como? Pois já lhe fallastes nesse negocio?

—Duas vezes, e sem resultado.

—Sem resultado?... Mas, ao menos, sempre vos disse porque motivo mandou prender o Sr. de Salignac?

—Não m'o disse; mas, por isso mesmo, deo-me as mais fortes razões para desconfiar qual elle seja.

—Como?

—Madame de Salignac que já estava muito corada e envergonhada, perturbou-se de todo, e não deo resposta.

—Calais-vos! replicou a rainha; he indispensavel saber tudo, para poder fallar a vossa favor ao cardeal.

—Ao cardeal! Apesar do vosso valimento e da vossa autoridade, não obtiveis a favor de meu marido... Ao rei he que vos imploro, roguis a sua sultura.

—Pobre mulher! disse Anna d'Austria, não sabeis que o rei não he nada sem o cardeal de Richelieu, que só elle dispõe das graças, assim como das condemnações...

—Esperava que obtivesse hum excoção a meu respeito: se esta esperança

se não poder realisar, estou perdida.

Acabando de pronunciar estas palavras, cobrio o rosto com as mãos, e deram copiosas lagrimas.

—Vamos, marqueza, não exagereis nem o vosso receio, nem as vossas penas. O vosso marido não se ha de demorar muito na Bastilha.

—Lá ha de morrer, se a bondade do rei o não salvar.

—Santo Deus! E donde provém esse receio?

—Dos motivos que teve o cardeal para assim obrar.

—Mas, dizei-me esses motivos, que he indispensavel sabê-los, replicou a rainha; a quem a hesitação da marqueza já começava a dar vagas suspeitas.

—Não o posso dizer, acudio a marquez, depois de ter feito hum movimento para fallar.... Se o cardeal lezes na minha alma a desconfiança que tenho, meu marido era de certo sentenciado.

As rainhas são mulheres como as outras; Anna de Austria tambem era curiosa, e exigia, como condição indispensavel da sultura de Salignac, a declaração do segredo.

—Sabei pois, Sra., que meu marido está preso porque he seu fiel.

—Porque he seu fiel, exclamou a rainha pallida de raiva. Então o cardeal ama-vos?

—Ha tres mezes que m'o anda dizendo todos os dias.

—Tres mezes! exclamou Anna com o sorriso da desesperação.

Havia justamente tres mezes que o cardeal andava rostando a rainha, mas ella não lhe tinha dado grande liberdade, e por isso a colera, e não o ciúme, era o que a atormentava neste momento: pedia á dama que continuasse.

—Sim, disse ella, ha tres mezes que o cardeal me persegue com as suas pretensões de amor. Repellido muitas vezes, como o devia ser, não tem desanimado, e lebram-se antes de hontem de me pedir humas entrevista na cadeia, tendo tido antes a prevenção de confiar a meu marido hum importante missão para Fontainebleau. Pedi ao marquez que fosse de manhã muito cedo e voltasse logo; elle que não tem vontade diversa da minha, veio ainda a horas de me acompanhar na cadeia.... Daqui provem todo o rigor do Richelieu, que se vingou desta justa lica mandando prender meu marido. Não posso saber que pretexto elle impoz a el-rei; mas he natural que inventasse alguma conspiração, como costuma.

O certo he que meu marido está preso em quanto durar a minha fidelidade.

—Sereis mulher fiel, e vosso marido ficará livre, respondeo a rainha com indignação. Vinde amanha a esta hora, e tereis satisfação do vosso insulto, como se fora feito a mim.

—Oh! niso confio eu a bondade de V. M. Fico, desencanada, entrego-me nas vossas mãos; porém, permitteis que vos diga que o cardeal não he homem que fique sem se vingar de mim, e achará novo meio de me perseguir. Talvez seja melhor mudar a prisão do marquez em hum desterro momentaneo; acompanhando-o seja para onde for, para longe de Richelieu e do seu odioso amor.

—Está bem, descansai. Vinde amanha.

E madame de Salignac retirou-se encantada com o bom successo inesperado do passo que acabava de dar, em quanto Anna d'Austria entrava para as salas e procurava o cardeal ministro.

II

A frente de hum grupo de cortesãos, satellites de Richelieu, estava elle encostado á cadeira em que a rainha se devia assentar, lugar em que elle costumava prodigalisar as suas ternuras, hypocritas. Dissimulando a sua perturbação, Anna d'Austria mostrou-lhe olhos mais ternos do que de costume lhe mostrava, e prestou maior attenção ás suas proclamações, que por isso foram mais ouzadas.

—Como passa de saude a minha amada? Perguntou elle, encostando-se ás costas da cadeira.

A minha amada era a periphrase emblematica e discreta pela qual Richelieu designava a rainha, e deste modo fallava com ella em publico, parecendo sempre que se referia a outra pessoa; nas cartas e nos versos que lhe dirigia, tambem sempre empregava esta especie de rodeio. O ar agradável da rainha animou nesta occasião o cardeal, que se atreveo a pedir hum conferencia particular.... O modo de olhar da rainha foi tal, que o terrivel ministro julgou achar nelle humas dessas promessas mudas, que valiam mais do que as palavras.... Já se retirava triumphante, quando a rainha o fez demorar com hum gesto familiar, que ainda mais enthusiasmo offereceu ao amante.

A respeito de favor, sr. cardeal, disse ella com grande familiaridade, ouvi dizer que haveis mandado habitar a Bastilha, á custa do el-rei, a hum certo marquez de Salignac. Que motivo teve v. emencia para tratar com tanta attenção este pobre cavalheiro?

—Segredo de estado, respondeo Richelieu com ar muito profundo.

—Está bem, disse a rainha, mas he couza que muito me tem affligido.

—Affligido, senhora, e porque?

—Porque tinha pensado no marquez de Salignac para certa missão, e por que este acontecimento me priva do prazer de vos dever um obsequio.

—Disci antes, senhora, que me priva da ventura de vos poder servir, respondeo o cardeal com o mesmo de dar fugida. Mas dizei-me, continuou elle, perturbado com a palavra mossa.... o que tencionaveis encarregar ao marquez de Salignac?

—He muito dizello, uma vez que não podeis fazer-me este obsequio.

—Fallai, fallai.... que eston prompto a fazer tudo por aquelle que amo.

—Pois bem, replicou Anna d'Austria, agitando o loque que tinha na mão, redobrou tudo a certeza que tenho que Salignac muito desejaria fazer parte da embaixada que á minha parte para a Italia.

—Não duvido, disse o cardeal, que o cavalheiro Salignac seja muito habil, mas creio que V. M. tem grande affeição a sua mulher.

—Muito grande, he verdade; madame de Salignac he hum dos mais preciosos ornamentos da minha corte.

—He o que todos dizem, mas o que me admira he que quereis privar-vos desse ornamento precioso, porque he muito provavel que a marquez queira acompanhar seu marido a Roma.

—Nada, disse a rainha dissimulando a sua colera, está ajustado que a marquez fique em Paris.

—Oh! disse Richelieu com agradável surpresa.

Afastar o marido da corte ficando nella a mulher, e isto sem scandalisar nem hum nem outro, era tactica que não tinha lembrado ao habil ministro, que pela primeira vez recebia uma lição. Julgando que

tudo, era sem segunda tenção da parte da rainha, fingio reflectir, e depois de largar hum profundo suspiro, exclamou:

—A minha vida está toda consagrada ao serviço de V. M. Salignac não he culpado, he perigoso, partirá á manhã para Roma, e assim fica commutada a sua prisão em desterro... esta noite receberá V. M. o decreto de perdão junto com outro da sua nomeação.

—Não haveis esperar muito pelo meu agradecimento...

—Mandai-me escripta pela vossa propria mão, disse elle, alludindo ao peditório da conferencia.

—Assim se é, respondeu a rainha, dando-lhe a mão a beijar.

III

Poucas horas depois, já Anna d'Austria tinha em seu poder o decreto da soltura, e a nomeação de addido á embaixada de Italia para o Marquez de Salignac, tudo competentemente assignado pelo rei. Richelieu não esperou muito pela recompensa, e recebeu nessa mesma noite o bilhete seguinte:

“A vossa amada estará á manhã, ás duas horas, no quarto da rainha, onde ella vos dará os seus agradecimentos em audiência particular.”

O cardeal escreveu logo no livro das lembranças.—A manhã, ao meio dia, previu o camarista de serviço para que não deixasse o rei no quarto da rainha das duas ás quatro horas.—A hum hora vestiu-se de corte sem levar nenhuma insignia sacerdotal, e perfumou o cabelllo com aquella essencia de que tanto gosta a rainha.—Depois de sair do quarto da rainha, procurar madame Salignac e provar-lhe que não teve parte alguma na prisão do marido, e que muito me custou alcançar do rei o decreto da sua nomeação.—Não pronunciou hum palavra de amor e affecto, o maior desinteresse; topar até um ar de despeito vencido e passar provisoriamente por amante magnânimo.

O cardeal passou toda a noite a sonhar delicias, esperando a boa hora da conferencia real. Mas, no dia seguinte, entrando á hora indicada no gabinete da rainha, ficou muito admirado por não encontrar ninguém, e a sua surpresa foi muito maior quando lhe appareceu madame de Salignac.

—O que quer isto dizer, disse elle consigo, suspeito já algum engano.

—Sar. cardeal, disse a marquiza, a rainha acaba de me participar o obsequio que me fizestes, e me ordenou que viesse eu agradecer-vos, encaregandome ao mesmo tempo de o fazer em seu nome pela parte que nelle vos deve S. M.

E ao mesmo tempo entregou ao cardeal hum bilhete fechado, que elle leu rapidamente com o despeito e vergonha que só se pôde conhecer com a leitura destas linhas.

—Tinhe-vos promettido hum conferencia particular com a vossa amada, ahi a tendes, cumpri a minha palavra.—Quando souber que tendes outros aiores far-vos-hei o mesmo obsequio. Escusado he procurar descobrir como eu cheguei a saber o que valem os vossos protestos.—Sabei só que madame de Salignac não he minha complice, por que ignora tudo: o passo que ella dá neste momento vo-lo provará. Pelo que respeito á figura que estais fazendo nesta occasião, ollhai que vos observe e esento de perto.”

Richelieu com hum volver de olhos se convenceo que a rainha estava por detrás de hum repellido, e com hum volver

de olhos se capacitou tambem que a Marquezza não era mais da que hum instrumento de Anna d'Austria. Os agradecimentos sinceros de madame de Salignac não o deixavam daviar desta verdade, e o cardeal vio-se obrigado a escuta-la com agrado, até que ella lhe annunciou a sua partida com seu marido. Apenas recebeu esta noticia, acelerou elle o termo da conferencia, temendo arrebatarse involuntariamente. A rainha correu logo á Marquezza, a quem contou toda a conspiração que tinha tramado. Para ficar mais segura do effeito da scena que acabamos de referir, Anna d'Austria tinha dito hum hora antes á Marquezza de Salignac que o perdão de seu marido provinha do sincero arrependimento do Cardeal. Instruida depois de toda a verdade, annullou o ministro com tanta mais violencia, quanta tinha sido a sua credulidade em o suppor capaz de ceder a hum movimento de generosidade.

Richelieu fez nesse dia vãos esforços para dirigir o seu instrumento real a derogar o decreto da vespera, mas Anna d'Austria teve a habilidade de segurar pelo espaço de 24 horas a mão de Luiz XIII, e o Marquez de Salignac, livre e vingado, partiu alegremente com sua mulher para a Italia.

Nó a rainha he que ficou exposta á vingança do cardeal, que perseguio, como todos sabem, até a morte aquella que tinha amado com tanta fidelidade.

—De uma obra recentemente publicada pelo celebre Châteaubriand, intitulada *Considerações sobre o genio dos homens, dos tempos e das revoluções*, extrahimos hum texo do seguinte brilhante parallello entre Cromwell e Bonaparte.

“Salva das mãos rusticas, a revolução cahio em mãos guerreiras. Bonaparte lançou-se sobre ella e a entendeu. Resta dizer, se em Inglaterra, o Protector não lhe pôde ser comparavel. Cromwell tinha as qualidades reunidas do padre, do tyranno e do grande homem: o seu genio fez as vezes da liberdade no seu paiz. A desastrosa energia d'alma não lhe permitia criar outra potencia que não fosse a sua mesma: elle arruinou as instituições que achou ou que quiz dar á Inglaterra, como Michel Angelo quebrava o marmore sob o seu cinzel. Transportado sobre o theatro de Napoleão, o vencedor dos Irlandezes e dos Russos teria sido por ventura tambem o vencedor dos Austriacos, dos Prussos e dos Russos? Cromwell não creou instituições como Napoleão, não creou leis nem codigos.

Napoleão obrrou com hum força desmedida, e tinha por desculpa a necessidade de matar a desordem; a pujança de seu braço enterrou a espada muito avante, e varou a liberdade que achava-se por detrás da anarchia.

Os povos vencidos o chamáram hum flagello: os flagellos de Deos conservão alguma coisa da eternidade e da grandeza das celestes iras, de que dimanão. *Ossa erida, dabo vobis spiritum, et rictis.* Osses aridos, dar-vos-hei meu sopro, e vivereis.” Este sopro ou esta força conservou-se em Napoleão tanto que viveo. Lançado em hum ilha, no meio dos mares, onde Camões pareceo prophetis-lo, collocando alli o genio das tempestades... Bonaparte não podia revolver-se sobre a sua rocha sem que a Europa estremecesse. O movimento das pisadas do novo Adamastor no outro polo fazia-se sentir necto. Sey, arrevido das mãos de seus guar-

das, houvesse-se retirado para os Estados-Unidos, seus olhos fixados sobre o oceano terião bastado para turbar a alma dos povos do antigo mundo. Sua presença sobre a plaga americana do Atlantico forçaria a Europa a acampar sobre a plaga opposta.

Quando Napoleão deixou a França pela segunda vez, alguém pretendeo que deveria antes ter-se sepultado sob as ruínas do seu derradeiro campo de batalha. Lord Byron, na sua ode satyrica contra Napoleão, dizia:

To die a prince, or live a slave,
Thy choice is most ignobly brave.

“Entre o morrer principe e o viver escravo, tua escolha foi ignobilmente intrepida.”

Lord Byron mal julgava da força de esperanza em hum alma acostumada á dominação, e ardente de futuro. Elle cuidou que o dictador dos reis havia abdicado a fama com a espada, e que ia perecer olvidado. Lord Byron devia saber que o destino de Napoleão era hum Musa, como todos os grandes destinos; e que esta Musa soube mudar hum desfecho abortado em hum peripécia que renovava e remocava seu heroe.

A solidão do exilio e do tumulto do Napoleão espargio, sobre hum memoria brilhante, mais outra especie de prestigio. Alexandre não morreo sob os olhos da Grecia, desapareço nos longes pompas de Babilonia; Bonaparte não morreo á vista da França, foi perder-se nos fastos horizontes da zona torrida. Sua vida, que pertence á historia, exhalou-se na poesia de sua morte. Elle dorme para sempre, como hum eremita, ou como hum Paris, á sombra de hum salgueiro, em hum estreito valle, rodeado de escarpados rochedos, na extremidade de hum trilhado deserto. A grandeza do silencio que o comprime iguala a immensidade do estrondo de sua vida. A ave dos tropicos, pomposamente atada no carro do sol, precipita-se do astro da luz para pousar hum momento sobre as cinzas cujo peso fez vergar o globo.

Bonaparte atravessou o Oceano, para chegar a seu ultimo exilio; e pouco importava-se elle com esse bello cêo que extasiou Christovão Colombo e Vasco da Gama. Recostado á popa da não, nem attentava a que constellações desconhecidas scintillavam acima de sua cabeça e desafiavam-lhe o poderoso ollhar. Mas, que interesse tinham essas estrelas para elle, que nunca as viu dos seus *bicouques*, o nem haviaõ brilhado sobre o imperio francez. E todavia, nenhuma estrela faltou ao destino de Napoleão: metade do firmamento esclareceo seu berço; a outra metade estava reservada para a illuminar-lhe o tumulo.

(Do Despertador.)

—AVISOS.—

—T. U. W. J. Ryan. Faz sciente ao publico, que a sua ultima noite de trabalho, tem lugar Domingo 26 do corrente mez de Janeiro, e não omitirá esforços para o bom desempenho de sua arte, o agrado do respeitavel auditorio; os trabalhos que tem de por em pratica serão annunciados nas noticias e cartazes.

Maranhão 23 de Janeiro de 1840.

—Vende-se o Sitio denominado da Machadinha, quem o pertender falle com seu dono José d'Oliveira d'Abreu Machado.

MARANHÃO: IMPRESSO NA TYPOGRAPHIA IMPARCIAL MARANHENSE. ANNO 1840.

CHRONICA MARANHENSE.

VOL. II.

QUINTA-FEIRA 30 DE JANEIRO DE 1840.

N.º 208.

Assigna-se em casa do Redactor, rua do Egypto no 12, e na Fabrica de Chapcos de Vidigal Irmão & Cs, rua Grande: preço por trimestre 3\$000, por semestre 5\$500, e por anno 10\$000 reis, pagos adiantados. As folhas aculsas vendem-se a 160 reis na sobredita Fabrica, e os avisos imprimem-se a 60 reis por linha, mas os dos assignantes, gratuitamente, com tanto que não excedam a 20 linhas.

MARANHAO: IMPRESSO NA TYP. IMPARCIAL MARANHENSE. ANNO DE 1840.

RIO DE JANEIRO.

Discurso com que S. Ex. o Sr. Visconde de S. Leopoldo abriu a Sessão solenne anniversaria da fundação do Instituto Historico.

SENHORES.—Elevado á esta cadeira pelos suffragios da vossa generosa benevolencia, antes do que pela minha propria valia, confundo-me todas as vezes que me contemplo presidindo a huma associação por tantos titulos recommendavel, seja pela sublimidade dos assumptos que tomou por empresa, seja pelas illustrações nacionaes e estrangeiras que a compõe; e por cumulo de felizes auspícios, pela auréola de dignidade e consideração de que Sua Magestade o Imperador cingio-a, annuindo benigno a nossos votos e outorgando sua immediata protecção.

Da minha parte, pobre de merecimento para corresponder tão graciosas escolhas, estremei-me no niuez em imitar vosso zelo na criação do nosso interessantissimo Instituto: e como era possível que deixasse de apertar tornamente em meu peito o filho daquella que nasceu em meus braços, quando o immortal Fundador do Imperio se dignou soprar-lhe vida!

Senhores, se forte e perseverante he vossa vontade, se dispoñes de copiosos recursos de talentos e lozes, cumpre não dissimular que tambem he mui ardua a empresa, a que titais de *colligie, melho disar, publicar ou archivar os documentos necessarios para a historia e geographia do Brasil*: arcanos fazem reservas e aherollados pela mão do tempo, que só na sua marcha lenta e insensível os vai largando, e entrega á sagacidade e estudo do sabio os vestigios dos povos que já passaram; estão ainda em começo, e quem, apesar dos seculos que tem decorrido, será capaz de prever e marcar as raizs de seus vastissimos domínios?

No ramo—historico—há pouco ainda era hum problema: *Quando e como foi povoada a America de homens e animaes?*—A sociedade real dos antiquarios, do norte, em Copenhague, superando montes de difficuldades na infatigavel investigação de inscrições e monumentos, evocando os manes de gerações que já não existem, e forçando-os a revelar factos que derramam clarões de luz inesperada sobre huma epoca que parecia para sempre submergida em noite profunda, ha demonstrado a ponto de evidencia—que remonta ao decimo seculo a descoberta da America; que á esouteza dos Escandinavos se deve este feliz successo; e que Colombo,

discipulo da escola portugueza de marinhagem na Madeira, visitando em 1477 a Islandia, instruiu-se ali de se notavel acontecimento, o qual servia de poderoso incentivo para suas futuras expedições.—Se tal circumstancia lhe quebranta os creditos até então logrados de original concepção, e das previsões do genio, nada murchará o laurel que o caracteriza da mais inabalavel constancia, coragem, e de elevada intelligencia com que, solicitando e offerecendo de corte em corte seus serviços, sujeitando-se aos mais rigorosos exames e provas, desprezado e tratado de visionario... obteve por fim fragil baixel, em que salpau estranhos mares, arrojando a cada momento a morte até descobrir novo mundo para Arago e Castella: ah! Seu nome será acatado em quanto variar a bussola no desviar-se do polo amado! Em quanto pontes volantes unirem os dois hemisphérios!

Nosso Instituto, emulando aquella assembleia de sabios, pesquisa já em toda a vastidão do Imperio, pelos seus socios correspondentes, estas testemunhas mudas, os hieroglyphicos, as inscrições, os vestigios da passagem ou do assento dos povos, e a memoria das acontecimentos; outro tanto que, favorecido generosamente por hum Governo illustrado, agentes instrui dos emprehendidos manuscritos e documentos concernentes a este paiz, que sepultados se acham nos archivos principaes da Europa. Dalem mar pacifica sem da vida os primeiros navegantes, conquistadores, nos primitivos tempos, foz os primeiros viajantes; mercedores aulicos os primeiros exploradores; uteis cruzadas aquelles com a espada, estes com o caduceo em punho, trouxeram melhoramento social: assim a civilização brota do commercio e da guerra.

Na divisa—geographica—em vós, senhores, realçada se achá a sublimidade de Lord Bacon, quando em seus sonhos philosophicos medita hum associação de observadores votados a examinar a verdade do que existe no globo, e incontestavelmente a geographia abrange em sua esphera a mór parte dos conhecimentos scientificos. Neste solo virgem aonde tudo he maravilhoso, encontra-se agglomerada a povoação no maritimo, reconhecidos e assinalados com mais ou menos exactidão seus portos, abras e ilhas adjacentes; calculadas as alturas e situações, reguladas as divisões politicas e civis, já em relação de humas para com outras Provincias, já com attenção ao systema e ordem administrativa; porém á porporção que se avança para o interior, atravessam-se solidos fustidiosos, acanhadas povoações disseminadas de longe em longe, o bem que em ponto de vista geral o aspecto

do paiz seja risonho, todavia, huma vegetação em força e huma frescura eterna na vida organica, o assombro de inextricaveis e dilatadissimas matas, guarida e parada de innumereis tribus selvagens, ás quaes docil cathequesse, unico meio que repato eficaz, deveria com infatigavel solicitude ter attrahido a nosso gremio; matas tão antigas como o mundo, que ainda acobertão e nos escondem as origens, o curso e a confluencia dos rios, pontos capitais em que se baseão nossos tratados de limites, porém que por mal explorados ou imperfectamente reconhecidos, tornão as demarcações duvidosas e interminavelmente disputadas.

Se consideramos a geographia physica, ella permanece aqui em embrião: acaso já sabemos qual a elevação da cordilheira que affigura o espinhaço da terra de Santa-Cruz? Quaes as leis que regem as rochas, ossos do mundo, para determinar-se a idade de sua formação successiva, e sua identidade nas regiões mais remotas? E como observadas na plaza occidental deste continente, contra as conjecturas de geognostas celebres de que não passarão a leste dos andes, sairão d'entre nós? A disposição relativa das camadas que formão a superficie do globo terrestre? As substancias que encerrão as montanhas em seu seio? As conchas marinhas e fluviais nellas inerustadas, que revelão os cataclysmos e revoluções pelos quaes tem passado nosso planeta? As oscillações periodicas do fluido eminentemente transparente e leve que nos envolve? A intensidade variavel das forças magneticas? E tantos outros phenomenos que influem poderosamente nas formas e nos habitos dos entes organizados?

Sobretudo, senhores, ninguém ousará contestar-vos que no Instituto legaos á posteridade deposito inestimavel de preciosidades litterarias, exaustivo de capacidades selecto e esperançoso, cujo progresso facil he de calcular, pelo quanto se tem já avantajado com hum anno apenas de existencia; cuja duração he affiançada pela sua indisputavel utilidade: suas relações e produções scientificas no actual periodo social, os primores do talento, os feitos d'alta ventura vão ser explanados pela elegante locução do nosso benemerito consocio e secretario perpetuo o Sr. Januario da Cunha Barbosa.

Proseguí com o mesmo fervor, respeitaveis consocios, na alta missão a que vos dedicastes; diffundi instrução geral pela publicação de vossos estudos; destarte contribuireis para o desenvolvimento e perfeição da historia e da geographia, e para credito e gloria da patria.

(Do Jornal do Com.)

MARANHÃO.

RENDIMENTO

Da Alfandega do Maranhão nos annos de 1838 e 1839.

	1838	1839
Janeiro....	50:437\$693	69:531\$441
Fevereiro....	36:023\$064	52:073\$491
Março....	73:282\$346	36:413\$016
Abril....	62:814\$385	42:810\$188
Maió....	71:898\$705	50:262\$816
Junho....	54:735\$615	49:200\$870
Julho....	47:388\$027	51:343\$691
Agosto....	66:199\$320	34:058\$591
Setembro....	65:480\$238	46:209\$759
Outubro....	57:579\$184	40:973\$447
Novembro....	51:754\$174	29:973\$016
Dezembro....	71:695\$676	42:455\$306
	709:260\$027	545:305\$402

RENDIMENTO

Da Recebedoria de Rendas internas do Maranhão nos seis ultimos mezes de 1838, e em todo o anno de 1839.

	1838	1839
Janeiro....	2663\$165	2663\$165
Fevereiro....	2:259\$515	2:259\$515
Março....	1:715\$054	1:715\$054
Abril....	4:043\$298	4:043\$298
Maió....	2:361\$925	2:361\$925
Junho....	1:924\$751	1:924\$751
Julho....	4:884\$266	2:255\$888
Agosto....	2:672\$959	1:906\$297
Setembro....	3:358\$384	1:566\$860
Outubro....	2:013\$452	2:776\$596
Novembro....	1:365\$283	1:826\$200
Dezembro....	2:366\$255	1:026\$206
	16:610\$549	26:408\$165

CHRONICA MARANHENSE.

Noticias.

—Vimos cartas escriptas de Campo Largo (comarca de Pastos-Bons) por pessoas fidedignas, em data de 5 do corrente, contendo algumas noticias daquelles certões. A legalidade ja contava cerca de 600 homens a seu favor, porém dispersos por diferentes logares, e não bem armados. Os rebeldes também tinham diferentes grupos. O tenente-coronel Diogo Lopes conseguiu bater um no lugar do Moquem, matando-lhes 10 homens, e ferindo 16—O capitão Bento José Moreira tinha partido com 140 homens a perseguir outro grupo que lhe havia assaltado e roubado a casa. Raro ha sido o estabelecimento daquelle extensa comarca que os rebeldes não tenham roubado e destruido, matando muitos dos proprietarios, e famulos. A villa de Pastos Bons foi rigorosamente saqueada, como todas as outras povoações que tem caído em poder de semelhantes malvados.

Noticias do Icatú dão por morto o facinoroso Cosme, que se havia escapado da cadeia desta capital, e se fora por á testa da insurreição que lavrou pelo Caiolá, e vizinhanças da Manga.

Pede-se-nos a publicação do seguinte
ANNUNCIO.

—Tendo o Sr. Bruno Antonio Meirelles, em 22 de Março do anno passado, feito presente ao respeitavel Publico, e principalmente á todas as pessoas não só deste Imperio do Brasil, como de todos os Imperios, Reinos, e Republicas da Europa, que tem transações com a casa do Commendador Antonio José Meirelles, (Correio de Annuncios de 22 de Março de 1839, n.º 32) que sendo elle e os mais parentes collateraes os verdadeiros herdeiros do Commendador, protestava contra todos aquelles que, reconhecendo a legitimidade de D. Joanna e D. Maria de Meirelles e Sá, com ellas realissem á final, ou contrahissem novas transações, por estarem estas intrusos herdeiras, illegalmente empossadas do casal de seu Pai, por effeito de hum Despacho espoliatio do Juiz de Orphãos, o Dr. Filipe Joaquim de Macedo, devo como Procurador das senhoras D. Joanna e D. Maria de Meirelles e Sá, participar ás mesmas pessoas d'este Imperio do Brasil, e de todos os Imperios, Reinos, e Republicas da Europa, á quem se dirigio o Sr. Bruno Antonio Meirelles, que no dia 23 do corrente meez unanimemente confirmou a Relação, e sem Embargo dos Embargos, o mandado do Dr. Juiz de Orphãos, em virtude do qual entregou o Sr. João Gualberto da Costa ás senhoras Meirelles a herança que seu Pai lhes deixou, e que elle administrava na qualidade de Curador.

E como nem do Imperio do Brasil, tenha a casa das senhoras Meirelles transações com outras Nações da America, e tenha igualmente relações na Africa, Asia, e Oceania, comprehendendo também o meu annuncio á todos os habitantes d'esses diversos lugares, espedidos pelo Sr. Bruno; e á todos tenho a honra de apresentar a certidão dos Acordãos da Relação, onde clara e patentemente se vê a injustiça e má fé com que fzerão o Sr. Bruno illudir ao Publico de ambos os Hemisphérios, unicamente para prejudicar suas sobrinhas, á fim de vingarem o odio, notando, e horroroso crime de quererem ellas succeder á seu Pai, nos bens que com tanto trabalho elle adquiriu, para por sua morte lhes deixar, como é publico e notorio.

Podem pois todos ou d'esta ou d'aquella Nação, Reino, Imperio ou Republica negociar com as senhoras Meirelles, sem o menor receio de que possa o Sr. Bruno annullar seus tratos, e responsabilizar á pessoa alguma. Não posso também deixar de pedir encarecidamente ao Sr. Bruno, e á seu genro o Sr. Manuel Joaquim de Azevedo, que não me ponhão mais embaraços e tropeços no andamento da casa, no que muito lucrarão suas Senhorias, huma vez que estão crentes que esta herança lhes hade ser algum dia restituida, e á seus parentes de Portugal.

Maranhão 26 de Janeiro de 1840.
Como Procurador das S.^{as} Meirelles.
José Jansen do Paço.

—REQUERIMENTO.—

Ilm.º e Exm.º Sr.
Passo. Maranhão 23
Janeiro de 1840.
Presidente—Duarte.

—Dizem D. Joanna, e D. Maria de

Meirelles e Sá filhas legitimadas do falecido Commendador Antonio José Meirelles que precisão que o Escrivão d'appellações José Pereira de Sá revendo os Autos d'Appellação entre partes appellantes Bruno Antonio Meirelles e appelladas as Supplicas lhes passe por Certidão os Acordãos, que as Supplicas tiverão tanto no grão d'appellação como nos Embargos no tranzito da Chancellaria, tudo de forma que faça fé as Supplicas, portanto

P. a V. Exc. Illm.º Sr.
Conselheiro e Presidente da
Relação seja servido assim
o mandar.

E. R. Mercê.

—CERTIDÃO.—

José Pereira de Sá, Escrivão das Appellações cíveis e crimes da Relação, legalmente Provisonado &c.

—Certifico que os Acordãos proferidos nos Autos de que faz menção a Petição supra, e que as Supplicas podem são do teor seguinte.—Acordão em Relação et cetera—Vistos e relatados estes autos, bem julgado foi pelo Juiz dos Orphãos desta Cidade em sua decisão a folhas duas, porque não estando a herança do Commendador Meirelles na razão daquellas a que não he achado herdeiro, pois que em Juizo se achão hum Irmão, e duas filhas, e não comprehendida por isso na disposição da Ordenação L.º primeiro titulo noventa paragrafo primeiro não podia ser conservada em poder do Curador sem manifesto esbulho daquelles a quem o Alvará de nove de Novembro de mil setecentos e cincoenta e quatro concede a posse civil com todos os effeitos da natural desde a morte do intestado Irmão, e Pay dos Appellantes e Appelladas: ora tendo sido a posse natural daquelle herança denegada aos Appellantes no despacho constante do documento a folhas trinta a que acquiescerão, visto que de tal não recorrem, era consequencia defor-se esta posse as Appelladas que a requererão fundadas na carta de folhas quatro, a folhas nove, a qual não podia deixar de ser considerada já em execução no tempo dos embargos transcritos no documento a folhas cento e cinco attenta a sobredita disposição legal, e actos successivos de reconhecimento da autoridade publica competente nos despachos de folhas sessenta e quatro verso, folhas sessenta e cinco, e portaria folhas cincoenta e oito verso, do Inventariante, genro dos Appellantes no auto de folhas cincoenta e seis verso; e dos proprios Appellantes no tempo de tutela a folhas cincoenta e nove. Por tanto, e mais dos autos confirmão o despacho recorrido, e condemnão aos Appellantes nas custas. Maranhão vinte sete de Julho de mil oitocentos e trinta e nove. —Presidente Duarte.—Rebello.—Sabino.—Vellozo.—Azevedo.—Mariani.—Acordão em Relação et cetera—Vistos e relatados os autos, sem embargo dos embargos, que não recebem por sua materia, a vista dos autos, o Acordão embargado subsista, e a Sentença transite livremente pela Chancellaria pagas em dobro as custas pelos Embargantes. Maranhão vinte tres de Janeiro de mil oitocentos e quarenta.—Presidente Duarte.—Rebello.—Sabino.—Vellozo.—Azevedo.—Mariani.—Nada mais se continha em ditos Acordãos aqui fielmente transcritos, e a elles

e autos me reporto. Maranhão 24 de Janeiro de 1840.—E eu José Pereira de Sá, Escrivão que a subscreevi e assignei. C. e-C. por mim Escrivão.

José Pereira de Sá.
C. C.—Joaquim José Gonçalves Junior.

VARIEDADE.

DA MORTALIDADE E DA LOUCURA NO REGIMEN PENITENCIARIO.

Publicou-se em França, no n. de 23 de julho dos *Annales de hygiene e de medicina legal*, huma memoria escripta por M. Moreau Christophe, a respeito da influencia dos diversos systemas penitenciarios na saude dos presos. Esta interessantissima memoria foi analisada por M. Monneret, e nós nos apressamos a publicar a analyse.

“Huma das mais graves questões que os medicos tenham agitado com os economistas, e com os homens que se consagram ao interesse da sociedade, he o melhoramento do systema penitenciario. Com effeito, he este hum dos objectos que mais merecem fixar a attenção dos philantropos, tanto por causa da importancia das altas questões que a elle se prendem, como pelas difficuldades sem numero que até hoje se tem opposto á inteira solução do problema. Huns querem a todo o custo adogar a sorte dos culpados que definham nas prisões, e não temem propor reformas que, a serem adoptadas, fariam das prisões huma morada mais feliz do que a habitada pelo pobre, e mesmo por muitos officiaes de officio. Sustentão outros que muitos dos propostos melhoramentos são de alguma forma premios dados ao crime, que destróem quasi inteiramente os effeitos da lei, e arrancam o culpado á justa punição que lhe ella inflige. Os homens que abraçaram esta opinião, hum pouco rigorosa em apparencia, citão factos que nos parecem proprios para produzir a convicção. Vamos patear aos leitores os numerosos documentos que foram a respeito colligidos por M. Moreau Christophe, na memoria interessante que foi inserida no ultimo numero dos *Annales de hygiene e de medicina legal* (23 de julho de 1839). O autor he já conhecido por algumas publicações deste genero, sendo dellas muito notavel a obra acerca do *Estado actual das prisões em França*, onde teve occasião de desenvolver algumas das idéas reproduzidas em sua ultima memoria. Vamos fazer huma analyse circumstanciada desta memoria, por conter huma descripção completa dos diferentes systemas penitenciarios do regimen adoptado nas mais importantes prisões da França e dos paizes estrangeiros.

He M. Moreau partidista dos melhoramentos que se fizeram neste ramo de serviços publicos, não quer, porem, que se diminua o rigor da pena a ponto de torna-la illusoria; pensa que a desmoralização actual do regimen de nossas prisões provém de se instruirem os presos mutuamente no vicio, e sahirem ainda mais criminosos do que eraõ antes de sua entrada. He para espantar o saber-se que ha 108,000 individuos, pouco mais ou menos, presos nas prisões, absorvendo em prejuizo nosso 10,050,000 fr. (3,015,000 rs.) por anno, e sommas a que legalmente fazem face os impostos que pagamos, es-

perando que venhão elles proprios lançar os impostos sobre nossas pessoas e bens. Maior espanto causará ainda, quando se souber que todos os annos mais de 50,000 presos por toda a casta de crime são soltos, e disseminados pelas cidades, e campos, por onde derramão o terror, e os exemplos de perversidade e depravação.

Para pôr hum termo a este estado de cousas, muitos systemas foram propostos, entre os quaes deve-se principalmente citar o adoptado em Philadelphia, que, no passo que satisfaz á vindicta publica, corrige o culpado. Consiste este systema em conservar os presos inteiramente separados huns dos outros, por todo o tempo de sua detenção, de dia e de noite, em cellas pequenas, onde podem trabalhar e ser visitados pelas pessoas da casa, ou por aquellas que tem licença para visita-los.

Outro systema he o adoptado em Auburn. Alli separão-se os presos somente de noite; obrigão-os a trabalhar, comer e passear em commun de dia, somente com a condição de guardar absoluto silencio.

Na penitenciaria de Cherry-Hill, ou de Philadelphia, foram tomadas todas as precauções na construcção do edificio, para que reinem ali constantemente as mais salutaras influencias hygienicas. Cada preso está separado de seu camarada, mas he visitado pelos empregados da casa, obrigado a trabalhos que são para elle improductivos. A comida he abundante e substancial; os presos que habitão ao rez da calçada são os unicos que podem passear; aos outros não he permitido sair de suas cellas. Só se admittem nesta penitenciaria os presos de ambos os sexos que são condemnados a hum anno de prisão pelo menos. Os castigos que ali se usão são a reclusão em logar escuro, alimentar-se a pão e agua, e a pressão que supprime a faculdade de mover-se.

Em Auburn todos os presos trabalham em officinas communs, e quanto ganha o preso he para o estabelecimento. O mais absoluto silencio he prescripto em todas as partes da casa, em todos os exercicios, e em todas as horas do dia e da noite. A violação desta regra dá lugar aos castigos mais frequentes; consistem estes na separação absoluta com cessação de trabalho, ou em obrigar os delinquentes a estar em trevas com redução de sustento; na goibha, principalmente para as mulheres, e em açoites.

Não são permitidas visitas, correspondencias, nem passeios. O numero dos condemnados deste estabelecimento elevava-se em janeiro de 1837 a 634 homens e 16 mulheres.

Pasaremos agora á descripção de duas outras penitenciarias, onde hum dos systemas que acabamos de indicar he seguido com algumas modificações. A primeira he a de Genebra, a segunda a de Lausanne. A penitenciaria de Genebra he construida em ponto pequeno, e só tem cincoenta e seis cellas; por isso M. Moreau dá-lhe o titulo de microscopio. Depois de 1833, o regimen que se assignellava antes ao de Auburn, sem ter os acoites, tornou-se mais severo; logo que entra o preso, he obrigado á solidão absoluta por tres ou oito dias, hum mez, e até tres, conforme he condemnado em reincidencia, ou pela primeira vez. Os alimentos são abundantes e de boa qualidade; as quintas feiras e domingos dá-se a cada preso huma meia libra de carne. Em Genebra os condemnados tem hum peculio: a metade he para o estado, e a

outra metade para elles. No inverno tem tres horas de repouso por dia; no verão tres e meia, divididas pelas occasiões da comida, somente nos dias de trabalho; os passeios tem lugar nos pateos, e os condemnados seguem-se huns aos outros em silencio. Ha dez horas e meia de trabalho por dia no inverno, e onze horas e meia no verão. A maior população da penitenciaria nunca excede de sessenta pessoas.

O regimen disciplinar seguido em Lausanne, em 1834, consiste em cinco pontos principaes: 1.º, o trabalho he obrigatorio a todos os condemnados pela primeira sentença, com direito á metade do producto do seu trabalho; 2.º, reclusão solitaria com trabalho aos condemnados em primeira reincidencia, que tem soffrido pelo menos hum anno de detenção, com o mesmo peculio que os outros, e tres horas de exercicio ao ar por semana, ou meia hora por dia; 3.º, reclusão solitaria com trabalho forçado aos condemnados em segunda e terceira reincidencia, e sem peculio; 4.º, reclusão solitaria por tres a doze dias a todos os condemnados, logo que entraõ para a casa; 5.º, silencio absoluto para todos, e em qualquer parte, tanto de dia como de noite. Os que não estão reclusos solitariamente comem em commun, em huma parte da officina que serve de refeitório. Os castigos são redução de comida, prisão em calabouço, prolongação de reclusão solitaria, privação de passeio.

O que mais attenção excita ao observador que visita estes estabelecimentos he a limpeza extrema que ali reina, e a excellente conservação de todas as partes do serviço. Entretanto, tem-se perguntado se estas condições, em apparencia tão favoraveis á saude dos presos, não podem produzir o desenvolvimento de algumas enfermidades. A respeito desta questão, como de muitas outras relativas ás penitenciarias, não estão de accordo os economistas: sustentão huns que he mui grande a mortalidade e a loucura commum; pensão outros que assim se reúnem todas as necessarias condições para manter a saude. Se os presos perdem a saude e a razão, diz M. Moreau, deve-se admittir como consequencia constante que o excesso de bem-estar faz enlouquecer ou adoececer; e por isso recusa prestar credito aos males que se pretendem attribuir ao systema das penitenciarias dos Estados-Unidos contra a saude.

M. Gosse, de Genebra, que ha publicado trabalhos uteis sobre as casas de detenção, diz ter-se admirado da grande proporção de alienações mentaes que se desenvolvem em Cherry-Hill; e se alguns dos casos fossem provenientes da acção das causas predisponentes á loucura, que não sejam a reclusão, parece provado, acrescenta este medico, que a solidão he huma causa bem real de loucura, e que ella prolonga ou agrava esta molestia. (*Exame medico e philosophico do systema penitenciario.*) A commissão nomeada pelo senado para examinar o estado sanitario da penitenciaria de Cherry-Hill affirma, pelo contrario, que são tão raros os casos de loucura, senão mais, na penitenciaria de Philadelphia, do que em qualquer outra: os relatores considerão como falsa a asserção emitida por muitos medicos, a saber, que a solidão continua tende necessariamente ao desarranjo do cerebro dos presos. M. Moreau, que se declarou defensor do systema adoptado na prisão de Philadelphia, rean-

todas as provas que soccorrem sua opinião, e releva dizer que são convincentes, por consistirem no testemunho quasi unânime de quantos visitaram este estabelecimento.

Quanto ao estado sanitario de Auburn, todos os relatorios lhe são favoráveis. As molestias predominantes são as dos pulmões. Huma observação de grande importancia para a etiologia da phthisica pulmonar foi feita pelo medico da prisão. Elle observou que os presos que estão doentes morrem mais de presso pelo facto de estarem em prisão. A vida sedentaria, accrescenta com razão, tendo por effeito enfraquecer o corpo, e dispor-lo a contrahir a enfermidade, deve obrar á maneira das paixões debilitantes, e apressar singularmente os progressos da phthisica pulmonar.

M. Coindet esforçou-se por provar que, na penitenciaria de Genebra, a saúde e a razão dos presos se vão alterando cada vez mais, á medida que se faz mais severo o regimen dos presos, e mais completa a solidão. M. Moreau refuta a opinião de M. Coindet com argumentos que tem grande valor, mas que seria longo referir em seus pormenores. Diremos somente com o autor que he preciso separar com cuidado, em semelhantes calculos, os numerosos elementos que compõem o problema, ou antes não attribuir á causa cuja influencia se quer demonstrar todas as circumstancias que obrão ao mesmo tempo sobre os individuos.

Huma das causas de cuja influencia funesta não he possível duvidar he a falta de exercicio e as occupações sedentarias. Entretanto, MM. Beaumont e Tocqueville sustentão que os presos que não tem nem campos em que passeiem nem recreações possam melhor, e morrem menos do que nas prisões em que lhes he facultado o exercicio no campo. M. Moreau adopta este modo de ver, que entretanto está em opposição flagrante com o que nos ensina a hygieine e a etiologia das diversas affecções, entre outras da enfermidade escrophulosa. Que se ha de responder porém, dizem, a exames feitos em muitos estabelecimentos dos Estados-Unidos, que previão que nas prisões ordinarias morria hum individuo por dezesseis, entretanto que a mortalidade he infinitamente menor nas novas casas fundadas sobre o principio da solidão? Póde-se dizer que as condições hygienicas, infinitamente superiores ás que existião anteriormente, fazem mais do que contrabalançar os máos effeitos da falta de exercicio. As razões dadas pelos autores acima mencionados, tomadas, he verdade, em huma ordem de considerações muito elevadas, pouca impressão farão nos espiritos que interpretão rigorosamente os factos.

“A razão destas differenças he com-mesinha: as communicações que nascem da reunião dos presos são huma fonte de terrivel corrupção; ora, nada ha tão homicida como o vicio. A cella em que o condemnado trabalha e descansa na solidão he mais humana do que o campo onde, sob a forma de huma recreação innocente, só encontra criminosos divertimentos.”

M. Moreau não hesita em reconhecer, com todos os medicos, que huma cella em que se não póde andar altera mais a saúde do que a cella donde não se sabe. Seria com effeito huma asserção singular a que tivesse por fim sustentar que homens, cuja maior parte tem pas-

sado a vida em trabalhos manuaes e em exercicios activos e muito tempo prolongados, não soffrem de maneira alguma de hum repouso quasi absoluto. São estas opiniões exageradas, formalmente desmentidas pela razão, e sem valor nos olhos dos homens reflectidos, que tirão da natureza e não da theoria as observações sobre que fundão suas crenças. Não podemos por isso conceder a M. Moreau que penitenciarias para detenção de alguns annos somente, que prisões departamentais podem muito bem passar sem passeios, á excepção dos necessarios aos enfermos; mas, então, se o exercicio não he util, para que accrescentar que mesmo nessas prisões departamentais, e nas outras, seria bom que cada cella fosse provida, independente do lugar occupado pelos instrumentos de trabalho de cada preso, de hum instrumento mecânico, proprio para dar exercicio a seus braços e a suas pernas? Que despeza fará o estabelecimento com essas machinas? Compreendemos muito bem que o autor deveria aconsellar este meio, para ser fiel a seu systema de solidão completa e absoluta dos presos; não acreditamos, porém, que seu projecto possa realisar-se com menores despezas.

Em Inglaterra, estabelecerão-se nas casas de correcção machinas, moinhos, rodas para andar, que são postas em movimento pelos presos, e lhes proporcionão hum exercicio salutar. Estas machinas não são applicadas a trabalho algum, porque o interesse da classe pobre e do commercio faz proscrever o trabalho productivo das prisões. Em França e nos paizes em que a mão he procurada, e os trabalhadores ainda achão occupação, poder-se-hia utilizar os exercicios dos presos, e emprega-los como motores de algumas machinas.

Ha ainda outro ponto que merece fixar a attenção dos medicos e dos economistas. M. Coindet, que tão bem estudou as influencias hygienicas boas e más que obrão sobre os presos, observou que o silencio absoluto enfraquece consideravelmente os organos da respiração, da voz e da digestão. Sabe-se com effeito que os homens que dão grande exercicio aos organos da voz sentem huma influencia salutar sobre todas as suas funcções, e mais especialmente sobre a da digestão. He esta huma consideração mais a que se deve attender quando se pesão as vantagens e os inconvenientes das penitenciarias onde o silencio he rigorosamente observado.

O regimen alimentar de que usão os presos exerce tambem grande influencia sobre sua saúde. Os homens que se tem occupado desta questão não partilham a mesma opinião. M. Dupin, medico que foi da prisão de Lausanne, não hesita em declarar que he preciso augmentar a proporção de sustento animal, por causa somente do facto da prisão, ou em outros termos, que, quanto mais substancial, abundante e animal he o sustento, tanto melhor passão os presos, e tanto menor he a mortalidade.

Em Inglaterra, os exames feitos por ordem do governo nos dizem, coisa verdadeiramente absurda e subversiva de todo o sentimento de moralidade e de penalidade, que o regimen alimentar de todas as prisões he o duplo do dos agricultores independentes, e as mais das vezes melhor do que o das casas de trabalho. Eis-aqui hum quadro que fornece a prova, e que falla mais alto do que

todas as dissertações feitas a este respeito:	
Os lavradores consomem....	122 onças.
Os officiaes de officios, cujos salario he mais elevado....	140
Os pobres.....	150
Os soldados.....	163
Os indiciados em custodia....	181
Os condemnados nas casas de correcção.....	217
Os condemnados nos pontões.....	236
Os deportados.....	330

Não he immoral ver mendigos e criminosos comerem mais que os lavradores e os artifices laboriosos? Que se diria se accrescentassemos com hum Inglez, M. Coode, que os mendigos e presos comem carne em seus jantares, entretanto que hum pedaço de pão branco he objecto de luxo para huma grande porção da população da Gran-Bretanha?

Finalmente, preciso he não acreditar, segundo o autor inglez que acabamos de citar, que a saúde dos presos seja melhor por isso; elle pretende, segundo os quadros estatísticos da memoria de M. Moreau, que nas prisões em que o regimen alimentar he maior, e se tem diminuído a quantidade de carne para augmentar a quantidade de vegetaes, a somma das enfermidades soffreo huma redução analogá. Da mesma forma nas prisões em que o sustento intermediario foi augmentado augmentou-se a somma das enfermidades na mesma proporção. Os relatorios sobre os effeitos do regimen alimentar em 41 prisões apoião estas conclusões. Hum medico inglez, M. Farr, concluiu tambem de suas observações que os ataques de enfermidades são mais frequentes onde o sustento he mais abundante. A mortalidade varia pouco, he porém mais elevada onde o sustento he dado em maior quantidade.

M. Moreau Christophe, em seu trabalho consciencioso, examinou successivamente, debaixo de seus differentes pontos de vista, os diversos systemas adoptados nas penitenciarias de Philadelphia, de Genebra e de Lausanne. Combatendo algumas das opiniões emitidas a respeito das duas ultimas por MM. Coindet e Gosse, não deixa de reconhecer que estes dous medicos fizeram hum serviço real, instituindo a hygieine das prisões, que antes delles estava apenas esboçada, e sobre a qual muito ha ainda por fazer.

(Le Temps.)

THEATRO.

—Mr. Ryan faz saber aos Illustres Habitantes desta Cidade, que por lhe constar que não pequeno numero de Familias ficão privadas de ver os seus trabalhos por lhes não ser possível obter camarotes, e tambem por condescender com a vontade de muitas pessoas, que lhe fazem a honra de apreciar a sua Arte, e que desejão que elle continue por mais uma noite a exercer as suas sortes cabalísticas, se delibera a demorar-se por mais algum tempo, e allança que não omitirá esforços assim de se fazer digno dos encinhos, que tão generosamente lhe tem prodigalizado os seus Illustres Protectores.

W. J. Ryan.

MARANHAO: IMPRESSO NA TYPOGRAPHIA IMPARCIAL MARANHENSE. ANNO 1840.

CHRONICA MARANHENSE.

VOL. II.

DOMINGO 2 DE FEVEREIRO DE 1840.

N.º 209.

Assigna-se em casa do Redactor, rua do Egypto n.º 12, e na Fabrica de Chapéus de Vidigal Irmão & Co., rua Grande: preço por trimestre 3\$000, por semestre 5\$500, e por anno 10\$000 reis, pagos adiantados. As folhas avulsas vendem-se a 160 reis na sobrelita Fabrica, e os artigos imprimem-se a 60 reis por linha, mas os dos assignantes, gratuitamente, com tanto que não excedam a 20 linhas.

MARANHÃO IMPRESSO NA TYP. IMPARCIAL MARANHENSE. ANNO DE 1840.

MARANHÃO.

Artigos Officiaes.

ILL. Sr.—Em data de 11 do corrente, em consequencia do officio que me foi dirigido por V. S. Sellado com o n.º 99, dei a Vella de Acaampamento, pelas 11 horas da noite, chegando a esta Povoação no dia 16 portande, pelas 9 horas do dia seguinte tomei posse do Commando deste ponto. A Força actual que faz sua defeza, Armamento, e munições, e mais petrecho de guerra, e de boca, consta do mappa anexo. O Estado de defeza em que achou este Ponto, é o seguinte, o Campo que faz a face da Campailla, achou-se ruído em distancia de 60 passos; circulla toda a Povoação um muro intrincheiramento, com pouca segurança o qual vou reparar. Pontos que os rebeldes occupam em nossas immedições pelo rio assina, ao lado da margem esquerda confrontado com a povoação do Piria, há 1.º Ponto Guardado, com 30 rebeldes, intrincheirados, distante daqui uma legua. 2.º Ponto, seguindo o rio Piria da parte direita no lugar Tucum, achou-se 60, em distancia de 2 leguas. 3.º no lugar Mapary, denominado rampa, ha um Piquete de 20; julgoi fazer esta pesquisa necessaria dos rebeldes que mais recentemente se tem apresentado, conpcedores de taes reuniões, não restando-me por isso duvida alguma que os rebeldes, que hoje nos cercam, não passem de 200. No dia 21 pertendo seguir a bater o 1.º ponto, e será logo, e logo, V. S. informado do que occorrer a respeito. Deos Guarde a V. S. Quartel na Povoação da Miribá 19 de Janeiro de 1840.—Ilm. Sr. Luiz Antonio Fávila, Tenente Coronel e Commandante da 1.ª Brigada.—Assignado—João Luiz de Castro da Gama, Capitão e Commandante.—Conforme. E. deodoro Joaquim Pereira d'Oliveira, Alferes e Secretario do 1.º Batalhão de Guardas Nacionais Destacados, servindo de Secretario da 1.ª Brigada.

—Os traficantes, ou pequenos negociantes foram em todo o tempo considerados como o flagello da ribeira do Itapucurú, pela grande desmoralisação, que promoverão entre os escravos, excitando-os a furtar generos para lhes serem dados em troca de caxaca, ou artigos senão nocivos, ao menos de muito menor valor do que aquellos, que pelos pretos lio erão clandestinamente dados. Homens de taes sentimentos são capazes agora, apesar das medidas que tenho tomado, de confusir polvora, e outras munições de guerra para serem vendidas ao rebeldes, e deven-

do empregar-se todos os meios possíveis para evitar commercio tão danoso: recomendo a V. S. que faça proceder aos mais minuciosos exames nas Canoas que navegarem para o interior, recomendando aos Commandantes dos Pontos, a que ellas aportarem, que sem escapar velozes, façam com que nem hum deixe de ser revistado, devendo desde já ficar certo que d'aqui temido polvora em garrafas, garrafas, e dentro de barricas de bolaxa. Como as pessoas em poder de quem forem encontradas munições de guerra não podem na epoca actual dar-lhes outro destino, que fornecer-las a rebeldia, e reanimar a desta arte, V. S. determinará que sejam prezas em flagrante, e me dará logo parte do que houver occorrido, e com toda a minuciosidade, afim de poder resolver.—Deos Guarde a V. S. Palacio do Governo do Maranhão em 23 de Janeiro de 1840.—Mansel Felizardo de Souza e Mello.—Sr. Prefeito Supplente do Itapucurú-mirim.—Iguez ao Sub Prefeito da Comarca de Vianna, e ao Commandante das Forças Expedicionarias.

Communicado.

—No dia 23 de Janeiro deste anno a portou a cidade do Maranhão, o Exm. Bispo D. Fr. Joaquim de N. S. de Nazaré; este illustre prelado peregrinou pelo seu constante e reconhecido caracter, victima da mais atroz ambição, cheio de trabalhos, fadigas, e privações veio procurar hum exilio espontaneo no meio de suas antigas ovelhas, nos braços de hum povo que sempre amou, e que ainda pressa as suas virtudes. S. Exc. foi recebido com as maiores demonstrações de regozijo, e aplauso publico; numerooso concurso de pessoas de toda a qualidade, condição, sexo, e idade correrão a misturar a sua saudade com as provas de amor por tão distincto varão, e a dar-lhe os parabens por tão feliz vinda. Conduzido ao paço episcopal por grande acompanhamento civil, religioso, e militar á sua antiga habitação, a essa casa onde desde 1817 até 1823 em que dirigio o clero Maranhense, praticou os mais reconhecidos actos de religião, e beneficencia, em tempos que para enlugar as lagrimas da esposa inconsolavel, do pai adicto, e do orfão que lhe pedia o pai, S. Exc. até se desprovia do necessario, e assim tudo quanto adquiria era repartido pelos pobres, a essa morada dissemos nós, em que ainda se recordão as suas virtudes pessoais, ali tem S. Exc. recebido constantemente seus amigos, que á porção se numeroo, e dispensa a primeira de seus serviços, e que

recebem pela segunda vez o seu bem vindo pastor.

O Exm. Sr. D. Fr. Joaquim nomeado por D. João 6.º Rei de Portugal, Bispo do Maranhão, occupou distincto lugar entre nós; foi presidente da Junta Provisoria no tempo da Constituição portugueza, e esta importante commissão lio foi conferida pelo povo que então fitava nelle todas as suas esperanças; convidado por D. Pedro 1.º para adherir ao proclame e á causa da nossa emancipação politica, S. Exc. ao receber os directos e repetidos convites do monarcha Brasileiro, hesitou por algum tempo, pela obediencia que como subdito portuguez havia prestado nas mãos de D. João 6.º; no partir para a nova Diocese, e sem quebrar a sua dignidade, jamais os seus principios sempre conscienciosos, e a sua mesma gratidão por quanto de monge da Arrabida fora pelo seu bemfeitor mandado ao Maranhão para apascentar o rebanho do Senhor; S. Exc. pois prometteo ao Principe que regressaria a Portugal para pedir licença ao seu monarcha a fim de o dispensar do juramento que lio dera; e então voltando ao Brasil, elle reconheceria como subdito brasileiro os direitos da Independencia; e era tal a sua tenção de voltar ao seu povo, que deixou nomeado para o substituir o Conego Luiz Maria da Luz e Sá.

Sua partida se effectou em Novembro de 1823; porem dirigindo-se ao monarcha portuguez, este cioso de seu poder e desconfiado então dos actos de seu filho, não lhe concedeo a graça pedida reprovou um semelhante acto de submissão; o respeito, e o nomeia Bispo de Coimbra com o titulo anexo de conde de Argani, Senhor de Coja, e Alcaide-mór d'Ave, lugar que a V. Exc. tenho reservado— proprias expressões do monarcha—Assim pois, combatido por huma merecida insepultura, firme na obediencia de verdadeiro subdito portuguez, e muito escrupuloso, decahido assim, se não cumpre as ordens soberanas, do agrado real que muito pressava; S. Exc. não trahindo sua consciencia, julgou mais acertado obedecer; foi tomar posse das novas ovelhas que o oco lhe havia destinado, deixando o povo do Maranhão na orfandade de um digno prelado. Amante dos Maranhenses, reconhecido á amizade do povo que amou, e que o recebeu por entre arcos triunfaes S. Exc. nunca se esqueceu do quanto devia á gratidão, e sempre em Coimbra foi um decidido protector dos seus Maranhenses (como elle chamava) filios os que se applicarão á Universidade, e o coração neste momento dos bem acolhidos, jamais poderá deixar de se aplaudir com tal verdade.

No regaço de huma paz espiritual, na distribuição do pão celeste em que todo se empregava, o Exm. Bispo conde rego a S. de Coimbra até 1834 tempo em que perseguido pelo seu caracter resolutivo e firme, começou a beber o fel da inconstancia humana, ganhando por esta arte a palma do martirio. Como Bispo, foi Par do Reino na Constituição de 1826; e teve assento na Camara dos Escelidos da Nação portugueza.

O unico crime porque foi accusado o Exm. Bispo conde, o crime porque era perseguido foi unicamente a sua convicção pessoal ao reconhecimento do thronarcha, a sua constancia ás instituições da monarchia independente; mas esta causa que em nada influia no ministerio episcopal, se tornou agravante uma vez que a ambição lançada o seu imperio inaudito, quiz que S. E. renunciasse o Bispado de Coimbra em favor de hum agraciado, e protegido pelo governo. A renuncia, e só a renuncia prostrou o digno varão á vingança. Convencido sempre de q. já mais poderia dmittir de si caracter tão importante, tão impresso poder sacerdotal, poderes que a Igreja Catholica lhe auferio, S. E. sempre se negou ás pretensões do governo, e o genio do mal de mãos dadas com a sede de vingança desfecho todos os golpes contra o animo distincto do firme pastor da Igreja Coimbricense. Levado ás cadeias publicas, tratado com o maior despreso por Ministros ambiciosos, e potentes de orgulho, confundido com o mais vil e abjecto criminoso, S. E. no tempo de suas desgraças mostrou sempre hum sentimento evangelico, e nunca succumbio ás perseguições do homem cívico de paixões. Lin honra nossa S. E. teve sempre a seu lado um Maranhense grato, que lhe servia de consolo em tantas atribulações do espirito, este Maranhense saudoso tem hum jus á febrebrança de seus concidadãos que o virão acabar ás mãos dos malvados que assolam a Provincia, defendendo os direitos da uniao do Imperio!

Furagido pois por grande tempo, entre sustos, e sobressaltos, até procurado a troco de premios avultados, pelo punhal do assassino, foi obrigado a despir-se das vestes sagradas, trocando os habitos episcopales pelo gibão do homem do mar, e descalço pelas ruas publicas de Lisboa e disfarçado assim nestes trajes, procurou a salvação de seus dias já prestes a findarem-se.

Transportado por mão protectora á Inglaterra, o cfo ansioso de nos restituir o verdadeiro simbolo da Religião de Jesus Christo, o modelo dos Sacerdotes, e Padres da Igreja, e o homem das afeições publicas, o condusio ás nossas praias inesperadamente, e quando menos o pensavamos; bem digamos nós os Maranhenses á Providencia que vela sobre os nossos destinos!

A vinda de S. E. á nossa Provincia nos convence mais do mérito deste insigne patriarcha; porque esquecendo-se de todos os perigos das nossas dissensões politicas, do seu lastimoso estado, e das desgraças que antolhamos, tudo lhe foi indifferente, e desasombrou o animo de S. E. cfo que se aventura ao Oceano para nos abraçar nesta crise melindrosa.

O Exm. Sr. Bispo Conde, perseguido, exilado e até despojado das considerações que devia receber na sua Diocese, que chora a sua ausencia, despojado sim das riquezas caducos do seculo, mas rico nas da graça espiritual, merece toda a aten-

ção de hum povo que o recebeu com os braços abertos, e a quem elle procurou, e protesta viver esses poucos dias que lhe restão. He por tanto um signal de verdadeiro agradecimento, de todas as provas de amizade, de todas as demonstrações da nossa hospitalidade, que os Maranhenses se unão para garantir huma parca subsistencia aos dias preciosos de S. E.; a nossa Assembleia Provincial que se vai reunir não se deve jamais esquecer dos serviços prestados pelo antigo pastor da Igreja Maranhense, e o Exm. D. Marcos pôde dar não equivoocos signaes de consideração que cumpre ter áquelle a quem substituiu na cadeira de S. Pedro. A Assembleia Provincial por conseguinte, pelo mui bem conceder huma pensão annual ao Exm. Sr. Bispo Conde D. Fr. Joaquim de N. S. de Nazareth, o qual como hum méro particular vai habitar, segundo consta, no Convento de S. Anta, onde com a escolha da vida retirada, dedicado ao serviço da Igreja, pôde prestar esses auxilios ao Estado, que procurou, á Provincia que o recebeu com satisfação, e ao povo de todos os credos que se abrigar no seu apel apostolico, e ao seu conselho evangelico. Os Maranhenses gratos fazeis votos ao cfo pela conservação de S. E. Assim Deus nos ajude.

Hum Maranhense.

CHRONICA MARANHENSE.

Noticias.

—Tem corrido esta semana a noticia de haverem entrado em Caxias as forças legaes. Diz-se que não encontraram a menor resistencia, e que não acharam ali viva alma; mas ja corre tambem que depois de ter sabido essa força que entrou em Caxias, foi o Urubú subitamente acometido por um grupo rebelde, que arrasou varios estabelecimentos. Não affiançamos a veracidade destes boatos.

Cartas da Vargem-Grande, de 10 de Janeiro, attestam que ha numerosos grupos rebeldes nos Mutuns, Chapadinhos, e Alto Mutun, e que por ordem do commandante das forças se acham as que tiñhamos na Vargem divididas em destacamentos, um na Vargem, outro no Pau-destado, e outro de 200 em S. Raimundo, onde se achava o major José Thomaz Henriques. A capacidade e bravura deste distincto commandante, bem como de muitos dos seus subordinados, nos tranquillizam; mas quer nos parecer que as nossas forças divididas em destacamentos, sobre não serem avultadas, correm não pequeno risco, a ser certo o que se diz do grande numero de rebeldes que lhes estão proximos. No entanto como não temos cabal conhecimento das circunstancias, aventuramos apenas uma reflexão, e não um juizo.

VARIEDADE.

I CARBONARI.

I.

Não estavam na parte do cemiterio em que dormem á sombra dos cyrestes, debaixo de fastosos mausoleos de mármore, os principes, os barões, os *monsignori*, mas no campo desolado em que se deita á noite da vida, abrigado por tosca cruz de pão, o lazzarone, esse philosopho esfarrapado, por sua pragueja desle-

xado como Diogenes, silencioso como Pythagoras, sobrio e desligado dos bens deste mundo como hum monge do Oriente. Huma só estrella não scintillava no céu. Dificis que sobre vossa cabeça viajavão o se apinhavão huma multidão de sombras lastimosas, tão dolorosamente sibilava o vento, tanta era a tristeza que apresentava o coração, ouvindo baterem-se hums nos outros os ramos das arvores despidas de suas folhas. A direita e a esquerda movião-se ao longe, como se fossem demónios embalsados pela refega, longas fileiras de luzes, tendo cada huma sua aureola de esbranquiçado vapor; era a iluminação de Napoles, dessa Babilonia infatigavel, que offerece em grande copia o vinho da orgia a todos os epicuristas afortunados do universo. De outro lado apparecia as cumeadas do Vesúvio, illuminadas pelos reflexos de sua poeira incandescente, que o vento soprava a seu alvedrio pelo espaço, como tiras de fogo. A claridade de hum crepusculo pallido, diffundida pelo horizonte em zona circular, corria pelas ondas, e formava hum rico caixillo de prata á costa de Pouzozos, tocava ligeiramente nos zimbórios aereos da cidade, nos terraços de suas casas com sacadas lavradas, e vinha alumiando dous homens que erravão por entre os tumulos. Hum delles, trajando meio a paisana e meio a militar, com huma sobrecasaca curta com alamares, e tendo na cabeça o *berlto nazionale*, parecia pertencer á classe rica da sociedade; o outro era hum pobre coveiro, embrulhado como hum Cesar em seu manto esburacado, tendo atirado para o hombro o derradeiro farrapo, que lhe cabia pela aba de hum grande chapéo; porque deveia saber que ninguém no mundo ostenta mais pitorescamente sua miséria do que o mendigo napolitano.

Entre as irregularidades do terreno, que accusão cadaveres symmetricamente justapostos, estes dous individuos procurão hum quadrado pequeno de terra recentemente revolvida, onde a morte terá vindo haverá pouco tempo sepultar hum de seus finestros tropheos. O lazzarone para alguns instantes depois, e batendo no hombro do companheiro que o precede, diz:

—Mestre, he aqui

Larga a capa, agarra huma pá com as duas mãos e cava com actividade. O signor Marcellini pára, e contempla em silencio a terra que Rubamorto atira para outro lado da cova. Este levanta logo hum caixão em seus braços do esqueleto, atira-o rudemente ao chão, e, saltando do fosso, agacha-se sobre elle com huma *goule* esfaimada.

Ao mesmo tempo cahio o vento com violencia, e não se ouviu mais do que grandes pingos de chuva batendo nas folhas sussurrantes dos cyrestes, e a vaga gener quebrando-se no angulo dos cães, e nas pontas dos rochedos.

Se algum dia contemplastes o admiravel quadro em que se representa Vindicius escutando com horror o projecto de conspiração dos fillos de Bruto, tereis huma idéa da posição do lazzarone, tendo na mão huma grande faca posta na junctura das taboas do caixão. Seu rosto mostrava-se, nesta posição, baixo, deprimido, abatido pela miséria, á fraca luz que cabia em cheio sobre ella. Olhava para Marcellini e tinha nos labios o sorriso da cobicia. Marcellini atirou-lhe huma moeda de ouro; Rubamorto abaixou os olhos para ella e levantou-se para dizer:—Mais—

Marcellini deixou cahir outra; as taboas rangerão ao esforço da faca do cozeiro, e suas mãos callosas tirarão do caixão o corpo de hum recém-nascido.

Marcellini accendeu huma vela e inclinou-se para o cadaver. Vio em volta do pescoço huma profunda contusão; si- nizes não equivocou de estrangulamento.

—Está bom, murmurou! Eu o pensava... E retirou-se. O lazzarone deixou cahir o morto de que não precisava mais, e atirou sobre elle sem attenção as taboas do caixão e a pouca terra que a relíquia dá ao pobre que nunca teve nada, e ao rico que possuía tudo. Depois, apañou seu ouro, pegou nelle com o pollegar e com o index, persignou-se devotamente, e, voltando para sua casa, pensava pela primeira vez no dia seguinte. Elle dividia seus ducados em huma quantidade indefinida de limonadas geladas e de varas de macarroni.

II.

Nada igualava a ventura do coronel Gennaro Paleone. Morava na ladeira do Paustippo, em hum quinta pequena, muito elegante e bonita, cujas janellas com grades douradas deixavam penetrar por todas as partes o ar, o fresco e a luz, e com suas delicadas esculpturas servião de moldura a huma paisagem deliciosa. Dahi descobria-se á esquerda as ultimas casas de Napolos, arredondando-se em semi-circulo, e perdendo-se ao longo da praia da antiga Parthenope; a ponte da Magdalena, curvada como huma linha negra sobre o secho com seus illotes de escuma; depois a estrada de Portici, o Vesuvio com suas mil cores de cobre, de ouro e de bronze, e a admiravel costa de Sorrent, tumultuoso aggregado de montanhas, cada huma das quaes tem sua aldéa coroando-a com huma torre néria. No fundo desta havia immensa de violas, de sementeiras e de verdura, dormião a seus olhos as aguas do golfo de Napolos, algumas vezes enrugadas pelo sulco de hum navio.

Vivia com Gennaro nesta habitação huma familia como desejamos ter algumas vezes aos trinta annos, quando a solidão pesa sobre a alma, quando sentimos a necessidade de unir a outras existencias nossa existencia errante e desolada. A signora Emilia Paleone pertencia a essa classe de mulheres raras, que esparzem em torno de si não sei que perfume de paz, de alegria, de felicidade, que por instinto amão o que he bom ou conveniente amar, Deus, seu marido, seus filhos; cujo sorriso consola, cuja voz harmoniosa acalma as paixões e purga a virtude. A alvura virginal de sua tez, seus olhos azues, os cabellos loiros que adornavam seu rosto cahindo pelos lados em espiraes douradas, revelavam sua origem franceza: era a mulher do norte em toda a sua belleza seductora e melancolica. Junto della crescia duas meninas quasi da mesma idade, huma loira e pensativa como sua mãe, a outra sentindo ferver em suas veias o sangue italiano de Gennaro. Nos olhos desta havia chammas volcanicas, inevitaveis seduccões em seu sorriso, e em seus attractivos amadurecidos antes da idade, os olhos ademans do Meio-Dia. Era hum laço bem querido e poderoso ao mesmo tempo entre Paleone e sua mulher este duplicado typo, tão graciosamente formulado de seus desejos mais santos, de seus mais castos pensamentos.

Finalmente para que o coronel não tivesse nada que desejar neste mundo, ti-

nha hum amigo verdadeiro, cuja alegria augmentava sua alegria, cuja tristeza dava allivio a sua dor: havia dez annos que huma affeição fraternal o unia a Marcellini Lanucci.

O dia seguinte ao da scena do cemiterio, em huma bella tarde de primavera, em quanto o sol desenhava no occidente huma banda immensa e radiosa de purpura, e fazia cahir seus raios sobre os cumes ora verdejantes, ora torrados do Apennino, Gennaro e Marcellini entretinham-se em voz baixa no jardim suspenso que corcava a casa daquella. Hum movimento geral ameaçava a Europa; estava abalado o imperio fundado por Napoleão; os innumeraveis batalhões das potencias colligadas o combatião por todos os lados. Na italia o vice-rei não era bastante para resistir á Inglaterra, á Austria, ao proprio Murat, cuja falta aqui memoramos com pesar, porque a historia lhe perdoará em consideração da difficuldade dos tempos, e mais ainda por amor a sua gloria, por compaixão a suas desgraças. Todavia, posto que estivesse em armas toda a Peninsula, apenas re-soava a artillheria em Civita-Vecchia, em Ancona; de parte a parte estavam em observação; negociavão, conspiravão surdamente, até o dia em que a França cahisse traspassada de mil golpes, ou se levantasse do campo de batalha para retomar suas conquistas com seus grandes braços ensanguentados.

—He essa vossa ultima palavra, Paleone? (perguntou Marcellini)

—Sim (replicou o coronel seccamente). Estou determinado a evitar qualquer intriga politica e a aceitar o governo que nos impoz a guerra. Além disso, o papel que devo representar neste mundo he envelhecer tranquillo no centro de minha familia, e assegurar a meus filhos antes de morrer huma existencia feliz.

—Entretanto (continua Marcellini com voz commovida) vós pronunciastes em outro tempo o terrivel juramento dos carbonarios.

—He verdade; mas, nesse tempo, estavamos para sustentar Joachim e não para restituir o poder ao papa e a vosso pretendido rei constitucional Fernando de Bourbon. Moralmente a renda que prometti servir já não existe hoje.

—Não me interrompaeis Gennaro, pois que fostes admitto nessa familia sempre perseguida, deveis saber que os irmãos que a compoem nunca revelão imprudentemente a ultima palavra de seus projectos...

—Que quereis dizer?

—Que antes de communicar seus segredos ao homem que julgádo digno de sabê-los, tomão a precaução por garantia algumas dessas iniquidades mysteriosas que se occultão muitas vezes na vida mais tranquilla em apparencia e na mais santa...

—Sim, sim, sei de todos esses meios, e tenho-os por infames, signor Marcellini.

—De sorte que aquelle a quem a renda disse:—Tu me pertencerás—pertence-lhe com effeito em corpo e alma, mesmo antes de pensá-lo.

—O que queres concluir?

—Provar-te que, no ponto em que estão as cousas, he preciso escolher entre nós...

—E o patibulo? accrescentou Marcellini abaixando a voz.

O coronel sorriose, mas de uma maneira horrivel, onde havia mais terror ainda do que ironia.

—Sim, continuou o carbonario, entre nós e o patibulo. Tu soubestes nossas conspirações, mas eu sabia teus crimes, Gennaro. A mãe de tuas duas filhas he a unica mulher a quem amas? Não, presentemente amas outra, e tu a escondes a todas as vistas em huma pobre casinha do monte San-Martino. Tens hum filho que o mundo não sabe, e esse filho deveo a vida e a morte a hum duplificado crime: a vida ao adulterio, a morte ao infanticidio. Serás capaz de desmentir-me?

—Miseravel! exclamou o coronel, tu inventas atrozes calumnias!

—Calumnias que confirmarão com juramento Rubamorto, o lazzarone, eu Marcellini, que examinei o cadaver, e o medico Poverino, que não foi corrompido por teu ouro. Até a vista, signor Paleone; se desejardes voltar á renda de Napolos esta noite na quinta Torrione, até meia noite.

III.

Entre essas montanhas aridas da Calabria, que se podem comparar a huma companhia de gigantes feridos do raio, que correm hums apoz dos outros para se precipitarem no estreito do Messina, ha huma a que os devotos habitantes do paiz pozerao o nome de Monte-Sacro, sem duvida em memoria de huma madona miraculosa que alli tinha seu trono e seu altar: Ella se estende de oeste para leste em hum vasto semi-circulo; do lado meridional da montanha, ha, entre rochas quebradas, huma gruta immensa, asilo ordinario dos pobres cabreiros. Dahi percebe-se no fundo das gargantas, nas bordas das torrentes, miseraveis choupanas, que talvez a manha sejao destruidas por algum terremoto; o monte Sagittario d'onde sale o vento abrasador da Africa; ao longo o Mediterraneo com suas grandes laminas azuladas.

Havia hum mez que Gennaro, temendo as revelações de Lanucci, tinha renovado seus juramentos á assemblea da quinta Torrione. Neste espaço de tempo tinha havido em Napolos duas revoluções subitas. O reino de Napolos, revoltado desde a Calabria até Abruzzo, depois de ter inutilmente offerecido a coroa a Fernando de Bourbon, tornára a cahir, por falta de quem o governasse, em poder de Joachim. Este comprehendia a magnitude do perigo de que o salvaria a fortuna; perseguia os carbonarios, autores da insurreicção, como vencedor justamente irritado; Paleone, arruinado, proscripto, fugia com elles.

Huma lampada ardia, collocada no chão no meio da gruta; sua luz avermelhada ondulava pelo solo, e perdia-se por toda a parte nas negras profundidades; apenas fazia que se distinguissem aqui e alli algumas formas incertas. Todavia, nã andructuosidades da pedra estavam escondidos muitos homens, porque ouvia-se bater seus corações, seus peitos aspirarem o ar, e todos esses rumores inarticulados que trahem a vida. Então vio-se apparecer sobre a lampada, na abobada, huma sombra de desconhecida grandeza, e ouviu-se huma voz repetir o grito de alarmas: *Gli sbirri, gli sbirri!*

No mesmo instante, dessas trevas silenciosas que parecião dormir derramadas em torno da caverna salirão cem pessoas tremulas: erão os restos dos carbonarios.

—Que faremos?—perguntou Barberino, seu chefe.

—Combater e morrer—responderão elles, puxando por seus styliques.

Hum delles postou-se diante da lampada, estendendo os braços sobre sua cabeça; e, dirigindo para os carbonarios seu olhar espantado, disse:

—Sim, sim, dizeis bem, morrer todos aqui como maldito ou bestas ferozes, porque a policia de Joachim está de guarda em todos os desfiladeiros da montanha, porque ha entre vós dous traidores que vos entregarão, que vos venderão.

Era para ver essas faces de Italianos, com seus olhos lebricos, chammeando odio e vingança á palavra traidão. Com suas compridas barbas pretas, seus labios se uniam hum no outro, se contrahiam, desdentando-se mostrando seus dentes de madreperola. Neste momento do perigo supremo, antes de cair nas mãos implacaveis dos esbirros, tinham sede de vingança e de sangue.

—Irado, disse Barberino, apertando a mão do homem que acabava de fallar, conhecees esses traidores? E ligeiramente inclinado para a esquerda, fitava seus olhos na terra, na postura grave de hum propheta que pede ao eco hum inspiração.

—Oh! sem duvida, conheço-os, respondeu, o carbonario com exaltação. Hum vivia longe das intrigas tenebrosas, com hum espessa adorado, brandamente alagado pelas caricias de dous anjos vindos do céu para amegalar-lhe e embellecer-lhe as dias da velhice; e vós, cobardes inimigos de todo o poder ameaçado, vós cuja existencia se passa tramando nas trevas revoltas que vos fazem empallidecer em pleno dia, procurastes em sua vida, descolastes hum crime, hum crime arrancado a sua fraqueza por hum necessidade que o desesperava; e com esse crime vós o ligastes, agulhastes, arrastastes a vossa vida infame, onde por ameaças comprais detestaveis juramentos. Depois que lançastes sobre sua consciencia a venda do fanatismo e do medo, atirastes a elle, a seus filhos e a sua mulher em hum arena ensanguentada; e elles, infelizes, furão alli encontrar a miseria, o exilio, a morte. Perdido seu reposso, seu nome, sua fortuna, morta sua mulher, morta amaldiçoando o futuro, e seus filhos sem mais alevantando-se ao sol dos luzzaronis; tal he vossa obra, glorioso soldado da constituição.

Agora que arruinastes, decimastes, disperdestes a familia, matai o chefe; porque elle dirigiu contra vossos peitos a espada dos esbirros de Joachim; porque vendo-vos em torno de si espantados, elle saboreia o prazer da vingança; porque vós não sabeis vencer, mas ao menos sabeis assassinar. E esse, esse traidor, esse perjuro, he Gennaro Paleone, sou eu!... O outro entregou-vos por ouro e chama-se Marcellini, acrescentou o coronel com hum sorriso infernal.

A sentinella inclinou-se de novo para o fundo da caverna, veio escoregando pela roca em que estava de observação, e cahiu no meio dos proscripitos.

—Fugamos, dispersemos-nos! gritou a sentinella. Elles vem subindo pelo caminho de San-Pietro, e estendem-se em linha em torno de nós. Mais hum minuto e estaremos cercados, perdidos.

Barberino saltou, examinou os esbirros que manobravão a seus pés; e batendo no hombro de hum de seus carbonarios mais robustos, designou-lhe os culpados com hum gesto feroz.

—Em primeiro lugar está a justiça, disse elle; depois a fugida.

—Perdão, perdão, eu sou innocente, victima de hum vingança atroz, bradava Marcellini. Esse monstro que me accusa, eu o devia ter citado perante vossa justiça, eu que o conheci adultero, infanticida, e que cancelei sua ruina executando tuas ordens, Barberino.

—Vamos, apressa, o tempo urge, interrompeo este. Signor Mario, mãos a obra! O cano de hum pistola foi apontado para o peito de Marcellini. Elie cahiu de joelhos, com os olhos desgarrados, a boca entristecida, as faces inchadas e tremulas de terror.

—Irados, repetia elle, cala meu sangue sobre vossas cabeças, porque de vós todos o mais devotado, o mais fiel, vós o mais innocente.

Barberino fitou nelle seu olhar feroz.

—E's innocente?

—Não, e não annuillou-me já a justiça divina.

—E Paleone he culpado?

—Elle se accusou a si mesmo.

—Pois bem, eu, chefe supremo da renda de Napoles, eu o condemnó a morte; e ordeno-te que executes a condemnção.

—Nunca, nunca, disse Marcellini, torcendo as mãos apertando. Com dez annos seu pó... Ah, muita-hol!... Ah! antes a morte, mil e mil vezes a morte....

—Faz-se segundo tua vontade, disse o implacavel Barberino, mostrando os condemnados a Mario. Mas, no momento em que, cobrado sobre si mesmo, Lannelli espera o ultimo golpe que lhe prepara, sente avivar-se essa paixão atroz, esse fatalismo irresistivel que se chama amor da vida, que dá ao eclairde hum coragem desenfreada, e suscita em seu coração todas as más paixões. Levantando-se, armou-se com seu punhal e com o braço estendido para Paleone, mediu com os olhos o lugar em que deve ferir. Pela estranha expressão de seu sorriso, pela irregularidade de sua respiração que fez arquejar-lhe o peito violentamente, pela pandeação que contrahia seus membros, adivinhava-se as agônias de sua alma, conhecia-se que elle excitava a audacia, o odio, o amor do sangue, e que sua vontade cede a cada instante ao peso horrivel de crimes e remorsos que ella queria poder levantar. Gennaro considerava seu carrasco que se prepara e que treve; seus dedos apertão tambem o punhal de hum adaga; Barberino e seus companheiros permanecem espectadores impassiveis deste duelo de morte que vai principiar.

E quando os dous adversarios emminhavam hum para outro, quando seus olhos mal seguros faziam correr mil faiscas sobre o aço de seus punhaes, appareceu na entrada da gruta os esbirros de Murat, e o general francez Montigny intimou aos carbonarios que se rendessem. Estes refugiaram-se nas trevas; os soldados não virão diante da lampada senão Paleone ferido, nas convulsões da agonia, e seu assassino Marcellini com os braços estendidos, conservando machinalmente na mão a arma ensanguentada e procurando hum encosto como homem embriagado.

—Preparar, disse o general logo que reconheceu o cadaver de Paleone; a quem tinha ordem de salvar... apontar... fogo!!

Hum detonção surda abalou a caverna; Marcellini cahiu; aqui e alli ouvia-se gemidos, gritos lamentaveis; e hum instante depois rapidos relampagos brillavam nas trevas, humas descargas res-

põdo a aggressão da policia, e começou hum luta desesperada.

Tres vezes novas linhas de esbirros substituirão as que a morte tinha decimado, tres vezes apontarão suas espingardas e balearão os proscripitos. A cada descarga respondião longos lamentos, gemidos, blasphemias, tiros dirigidos pela desesperação e sempre mortiferos. Mas, os primeiros não crescendo em numero, e os segundos, pelo contrario, não ficando em menor numero, como as pulsações do coração quando vai terminar a agonia do moribundo. Na retguarda de sua força, Montigny contava as sinistras claridades do combate os corpos que cahião, quando se tradusão em estrondos repentinos, em clamores agudos, suas palavras de sangue. Finalmente, quando a maior parte dos carbonarios havia já mordido a terra, o tambor tocou a avançada, e os vencedores carregarão para colher na ponta de suas bayonetas os restos de carne viva que o chumbo tinha poupado.

Houve por alguns minutos humas dessas scenas espantosas em que a raiva se sacia em silencio na coragem vencida e que não pode graça. Barberino e alguns amigos, encostados ao rochedo, vão aproximar-se essa massa compacta de algozes, cujas sombras já os cobrião. Nenhum sopro sahia de sua boca; comprehendendo qual devia ser sua sorte, e estavam resignados. Dispostos em linha, parecião-se com algumas dessas figuras sublimes de desesperação que Gericault pintou em sua jaugada. Os esbirros chegarão ao alcance de seus golpes, cada qual enterrou seu stylete em hum peito, e sentio vinto bayonetas pregarem-o ao rochedo. Alguns gritos inarticulados sahirão de suas bocas; seus braços, suas pernas agitaram-se em movimentos convulsivos; cahirão por terra inanimados, aubelantes... e tudo estava concluido.

Assim acabou, no meado de julho de 1814, a primeira insurreição contra Joachim, excitada inopinadamente pelas desgraças de França, pela chegada do papa em Roma, e, sobretudo, pelas intrigas dos Ingiezes.

FELIX DERIEGE.

(Do Despertador.)

NOTICIA.

THEATRO UNIAO.

M. W. J. RYAN.

Magico Americano.

—Respeitosamente informa aos habitantes do Maranhão que Domingo 2 do Fevereiro HE A SUA POSITIVA NOITE ULTIMA de trabalho de sua arto nesta Cidade, por ter de seguir para o Pará no primeiro Vapor.

AVISO.

—No Escriptorio de Manoel Pereira da Costa, vendem-se Talas de polimento com ferragens douradas para Officiaes Militares.

MARANHÃO: IMPRESSO NA TYPOTRAFIA IMPARCIAL MARANHENSE. ANNO 1840.

CHRONICA MARANHENSE.

VOL. II.

SEXTA-FEIRA 7 DE FEVEREIRO DE 1840.

N.º 210.

Assigna-se em casa do Redactor, rua do Egypto n.º 12, e na Fabrica de Chapcos de Vidigal Irmão & C., rua Grande: preço por trimestre 3\$000, por semestre 5\$500, e por anno 10\$000 reis, pagos adiantados. As folhas avulsas vendem-se a 160 reis na sobredita Fabrica, e os avisos imprimem-se a 60 reis por linha, mas os dos assignantes, gratuitamente, com tanto que não excedam a 20 linhas.

MARANHÃO: IMPRESSO NA TYP. IMPARCIAL MARANHENSE. ANNO DE 1840.

RIO DE JANEIRO.

Promogões no Exercito.

Relação dos officiaes de 1.ª linha des-pachados, por decreto da data desta, para preencher os postos vagos no Batalhão de caçadores N.º 7 de linha.

Tenente-coronel commandante:—O major da provincia de Pernambuco José Thomaz Henriques.

Major:—O capitão da corte Luiz Antonio Favilla.

Alferees ajudante:—O 1.º cadete José Antonio Falcão.

Alferees quartel-mestre:—O 1.º sargento vago-mestre José Saturnino Gaspar.

Alferees secretario:—O 1.º sargento Francisco de Assis Harboza de Godoy.

Cirurgião-mór:—O cirurgião-mór Silvestre Marques da Silva Ferrão.

Cirurgião-ajud.:—José Teixeira Pinto.

Capitão da 1.ª companhia:—O capitão Manoel José Rodrigues Pontadilha.

Capitão da 2.ª:—O tenente-ajudante João Paulo de Miranda.

Capitão da 3.ª:—O capitão Francisco Joaquim Ferreira de Carvalho.

Capitão da 4.ª:—O tenente de Pernambuco Francisco Affonso Xavier Bastos.

Capitão da 5.ª:—O 1.º tenente de artilharia do Pará José Jansen Müller.

Capitão da 6.ª:—O capitão Antonio de Souza Mendes.

Tenente da 1.ª companhia:—O tenente Simão Antonio Alves.

Tenente da 2.ª:—O alferees Firmino José da Silva Braga.

Tenente da 3.ª:—O alferees Antonio Saupito.

Tenente da 4.ª:—O alferees do Ceará Luiz Xavier Torres.

Tenente da 5.ª:—O alferees do Ceará João Baptista e Mello.

Tenente da 6.ª:—O alferees de Pernambuco Joaquim Guedes de Quinhones.

Tenente da 7.ª:—O alferees Victorino José de Carvalho.

Alferees da 1.ª companhia:—O 1.º cadete Joaquim Eloy de Queiroz.

Alferees da 2.ª:—O 1.º cadete José Henriques da Silva.

Alferees da 3.ª:—O 1.º cadete do Ceará Domingos João Torres.

Alferees da 4.ª:—O alferees de commissão do Ceará Raimundo Remigio de Mello.

Alferees da 5.ª:—O 1.º sargento Manoel José do Amaral.

Alferees da 6.ª:—O 1.º cadete de Pernambuco José Thomaz Henriques Junior.

Alferees da 7.ª:—O 1.º cadete Henrique José de Carvalho.

Alferees da 8.ª:—O 1.º cadete Guilherme Leopoldo de Freitas.

Palacio do Rio de Janeiro, em 2 de dezembro de 1839.—Conde de Lages.

(Do Jornal do Commercio.)

RIO GRANDE.

—24 de Novembro.

Sabio a barca de vapor para o Rio Grande, com o Grenfell, ás sete horas da manhã.

A tarde sabio o batalhão 8.º, a companhia dos Allemaes e mais algumas praças de cavallaria, 2 canhoneiras, e foi o Philippe Nery para o mesmo destino. Da primeira dizem ser para proteger a retirada do Juca Ourives, que sendo apresentado ter entrado no Faxinal, se achá cercado sem poder seguir a seu destino para Santo Antonio.

—30 de novembro

Parte da expedição que seguiu á villa do Rio Pardo chegou á Picada no dia 28; e sabemos com toda a certeza que os expedicionarios foram muito felizes na sua empreza.

Resgatarão os 20 musicos do segundo batalhão, inclusive o mestre Mendanha; uma banda de cornetas, e muitos soldados dos nossos, caçadores e guardas nacionaes, que tinham sido prisioneiros no Rio Pardo, no todo hums 60 e tantos homens!! Que triumpho conseguiu a legalidade!! Ainda isto não he tudo: baterão primeiramente a policia que ali se achava ao mando do famigerado Ornelas, tomarão-lhe 4 peças d'artilleria humma de calibre 3, 2 de 6, todas de bronze, e humma caronada de ferro de 24, 200 e tantas armas de infantaria, a grande barca de transportar annaes, que ali havia ficado no ataque do dia 23 de abril, humma porção de ferragem, lanças e muitas outras couzas. Tudo isto ja está na Picada, bem como humma caouza grande, que ia de Taquari carregada de farinha, feijão, milho, etc. capitão Bacellar, com a sua companhia de caçadores do 1.º batalhão, he o que ja chegou á Picada; foi elle quem primeiro atacou a villa; o brigadeiro Philippe Nery com o grosso da força vem por terra, e a esta hora ja devem ter chegado com o major Francisco Pedro de Abreu, que foi quem de seguida ao capitão Bacellar, também atacou a villa com 80 guardas nacionaes de cavallaria, tomando grande porção de cavallos e gado de municiõ. Contarão os musicos que estavam para ser degollados pelos rebeldes na occasião que foi a villa acommettida, por não quereem fugir com elles; que maldade que

ingratidão!! quebrarão-lhe os instrumentos. Também veio o Reverendo capellão do segundo batalhão.

O Exm. Sr. commandante da guarnição tem brilhado, inquietando constantemente aos rebeldes, e conseguindo vantagens humas após outras. Mandar humma expedição a 30 legoas de distancia, certo de conseguir taes resultados he ate onde pode chegar seu genio empreendedor. Ansiosos esperamos pela parte do Exm. brigadeiro Philippe Nery para a publicarmos; no entanto he dever nosso desde já dar os devidos parabens aos Exms. Srs. presidente da provincia, commandante da guarnição e a todos os Srs. benemeritos officiaes e distinctos soldados legalistas que fizerão parte da expedição e alcançarão tão grande victoria. Salvarão a seus irmãos prisioneiros, e por 8 mezes victimas do furor dos rebeldes. Com taes soldados a legalidade ha de sempre triumphar.

(Do Jornal do Commercio.)

MARANHÃO.

Communicado.

—A injustiça é o ferro, que mais dolorosamente penetra o coração humano: as feridas, que ella abre custão á cicatrizar, e deixão por longo tempo sensativa recordação. O homem bem intencionado não deve consentir, que ella afflija impunemente ao seu semelhante.

Na Chronica Maranhense de 5 de Dezembro do anno p. passado vem transcripta uma carta escripta d'esta cidade para a corte em Setembro, e extrahida do Despertador, na qual desabonando-se o Sr. Commandante em Chefe das Forças expedicionarias n'esta Provincia, se trata também do Sr. Major Commandante do 2.º Batalhão de Pernambuco Antonio Gomes Leal.

Quanto ao Sr. Major Leal de quem só nos occuparemos convem dizer, para que o publico se não illuda, e nem acredite de leve que o tal escriptor da carta não parece ser Maranhense: por quanto o Sr. Leal é muito estimado, e conceituado pelos bons filhos do Maranhão, e com toda a justiça merece essa estima, e conceito.

O Sr. Leal é Pernambucano, na sua Provincia commandava a Fortaleza do Brum, a mais importante: merecia a maior confiança do Governo, e do publico; e com effeito era digno d'ella por seu affeiro, e fidelidade ás instituições do Paiz, por seus sentimentos eminentemente

te monarchicos, por seu amor a ordem publica; e por sua honradez, actividade, e outras muitas excellentes qualidades: se o Sr. Leal quizesse esquivar-se de marchar para a defeza do Maranhão, uma sua palavra bastava para isso o eximir; pois que foi consultada a sua vontade para esta marcha: o Sr. Leal tem sido o creador dos 2 Corpos de 1.^a Linha, que d'ali marcharão para a presente guerra; alem da Fortaleza, elle commandava, instrua, e disciplinava sempre um Batalhão nella aquartelado.

Que motivos teria o escrevente da carta para o Rio de Janeiro para dizer, que o Sr. Leal era melhor para Missionario do que para Militar de coragem? seria porque o Sr. Leal commandando as forças da Vargem Grande escreveu ao Chefe rebelde acampado na Boa-Vista, pretendendo desenganar-lo, e promover a sua apresentação ou a de alguns de seus sequeiros? Mas o escrevente se esqueceu do Edital e proclamação do Sr. Commandante em Chefe, que promete perdão aos rebeldes que se apresentarem, esqueceu-se das recommendações do Governo Provincial para chamar os sediciosos a seus deveres por meios brandos, esqueceu-se da politica do Governo Supremo, que em diversos Avios tem ordenado, que se ponha em pratica com preferencia os meios suaves para afiançar a população da carreira dos crimes, e da revolta; esqueceu-se de que o Governo não tinha nem ainda tem as forças precisas para chamar á ordem os revoltosos só com o apparato da Força; esqueceu-se de que centenas de legiões eram occupadas por rebeldes, que toda a população do interior da Provincia adheria á rebelião por vontade, ou á força; e de que esses homens audazes por seus ultimos successos em Caxias, e sobre a força commandada pelo finado Capitão Pedro Alexandrino, não podião ser desbaratados da noite para o dia por um numero mais de dez vezes menor do que o de seus sequeiros: esqueceu-se finalmente, que não é da politica de nenhum Governo e muito menos do Governo Brasileiro sacrificar a população inteira de uma Provincia, antes de por em pratica todos os meios para desenganar os illudidos, e ignorantes.

O escrevente da carta ignorava, que o Sr. Major Leal em quanto commandou as forças da Legalidade acampadas na Vargem Grande perseguia constantemente os rebeldes, com os quaes honraram combates no Retiro, Cocos, Campos novos, o Riacho do Soldado em diferentes dias, e posições; ignorava, que durante o seu commando é que foi morto um dos mais audazes, e influentes chefes dos rebeldes de nome Manoel Joaquim d'Oliveira, que entre elles tinha o titulo de Tenente Coronel, no dia 18 de Setembro, em que em grande numero vinhão sitiá-lo acampamento, o que não conseguiram: n'esse dia é que foi gravemente ferido com 4 balas o valente Alferes do Batalhão d'aquelle Sr. Major, Pedro Afonso Ferreira, e ferido o Alferes da Guarda Nacional, João Sabino da Fonseca e Castro, nesse dia foi, que o Sr. Leal em pessoa marchou com a Artilharia á bater os rebeldes pertinazes nas proximidades do riacho do Soldado, onde ao pé d'elle cahio morto um seu Soldado á tiro das emboscadas nos matos. O Sr. Leal tinha Officiaes, que podia mandar, e foi mesmo em pessoa: o Sr. Leal obteve á que o inimigo o sitiava, e chegasse ao

acampamento, e pode-se dizer d'elle, que não é Official de coragem?

Alludirá o escrevente da carta á retirada, que fez o Sr. Leal da Vargem Grande para o Matto Grosso? Talvez; mas saiba-se que não havia ordem positiva para occupar a Vargem Grande; pelo contrario o Commandante estava authorizado para occupar a posição que lhe parecesse mais conveniente segundo as circunstancias, e movimentos do inimigo. Seria erro, seria falta de coragem mudar de posição para 3 legoas e meia abaixo, depois de diferentes combates, da pertinacia do inimigo em numero então de quasi mil homens, tendo diversas paixões, que compunha a força do seu commando desertor, 2 Officiaes feridos, 70 doentes, e pouco mais de 200 Soldados promptos? Seria falta de coragem querer evitar o desanimo, na Tropa composta de recrutas, novas na presente guerra, pois ainda não contava um mez de serviço nella? Se o escrevente da carta assim o julga não são de sua opinião os que estão no facto dos negocios, do caracter d'esta guerra, e das circunstancias em que se viu o Sr. Leal, cuja retirada produziu o melhor effeito; porque o inimigo seguindo dois dias depois na sua retaguarda foi improvizamente batido na Paulica pela mesma força, que se retirara, augmentada pelo 3.^o Batalhão do Capitão Ernesto, que veio em seu soccorro do Itapucurá com o Major Henriques, que assumiu o commando de toda ella: n'esse combate, o Sr. Leal marchou á frente do seu Batalhão, e encanou o perigo como Official de coragem: d'esse combate, em que o inimigo foi completamente destruido, é que principiaram os felizes successos das Armas da Legalidade no Districto do Iguará.

E quem será o escrevente da carta, que tão magistralmente decide do merito de Officiaes superiores? Quem será o que paga com aleives, o injurias os serviços dos que vieram soccorrer o afflicto Maranhão? dos que finalmente bons ou máos, Missionarios, ou não, com coragem, ou sem ella, são os que dirigem as Tropas á victoria, e tem abatido a furia dos milhares de rebeldes d'autes tao ouzados, e contando até com o dominio da propria Capital? Sem duvida é d'esses homens, que sem arredar o pé de casa dão planos de campanha, analysão os movimentos das Tropas, ensinão magistralmente como ellas deão avançar, estender-se, reunir-se, mudar de posição, occupar Caxias, Brejo, Marituba, Ribeiras da Parahyba, e dar o ultimo garrate nos rebeldes; mas tudo isto sem ao menos vir ver as cousas por cá! Nessa não cahem esses senhores! que na Cidade mesmo apenas consta a noticia de um sitio, estão de facto embarcados, e prestes a tomar o tolle!

Deixe o Sr. Major Leal evaporar-se em injurias a maledicencia: os homens sensatos lhe fazem justiça. Os Officiaes que servem debaixo de suas ordens o apreciação, e respeito, e aquellos que o commando conhecem quanto se deve por muitas vantagens obtidas sobre o inimigo, á actividade, previdencia, coragem, e firmeza do Sr. Major Leal.

E' acção baixa, e desleal maltractar sem o menor motivo aquellos que deixaram sua Patria, e familias para correr em soccorro do Maranhão, em cujos campos tantas esposas, e filhas, tem perdido seus maridos, e pais; em cujos campos se tem derramado o sangue de tantos

bravos descendentes dos Vieiras, e Dias. Opprobrio aos ingratos! infamia eterna aos cobardes intrigantes!

Um Maranhense.

CHRONICA MARANHENSE.

—Hontem (4 do corrente) entraram neste porto duas embarcações, conduzindo o exm.^o senhor coronel Luiz Alves de Lima, presidente e commandante das armas nomeado para esta provincia, varios officiaes que o acompanham para servirem na presente guerra, 319 praças. Consta-nos que veio para ser nomeado secretario do governo o senhor doutor Domingos José Gonçalves de Magalhães, que já esteve empregado na legação brasileira em Paris, e é vantajosamente conhecido como litterato e poeta.

Hão de os leitores lembrar-se que quando no nosso jornal começamos a censurar fortemente o senhor Sergio, e a instar pela sua dimissão, accediu a Revista dizendo que os ministros nenhum caso fariam da Chronica. É uma verdade; não foi a Chronica, foi a sua propria incapacidade quem deu causa á dimissão do sr. Sergio, e arrastou na sua queda o sr. Manoel Felisardo. A perda e o abandono de Caxias, as marchas e contramarchas inúteis do sr. Sergio, e a prolongação da guerra, causaram na corte uma sensação desagradavel, e o ministerio julgou do seu dever dimittir não só o chefe militar inepto, mas tambem a primeira autoridade da provincia que não o suspendia, nem o reprehendia, antes em quasi tudo o louvava. Aqui recordaremos tambem que por mais de uma vez tivemos occasião de tratar com o exm.^o senhor Manoel Felisardo para que, no interesse da provincia, e no seu proprio, se não identificasse com o commandante das forças. Enganamo-nos pois redondamente; pois tendo deixado entrever o receio da que as boas informações do sr. Felisardo teriam por effeito a conservação do sr. Sergio, o facto veio provar que não serviriam senão para comprometterem-n'o a elle mesmo!

Como quer que seja, e mau grado a essas fataes condescendencias com o commandante das forças e com outros, é innegavel que o sr. Felisardo prestou um immenso serviço quando no mais forte da crise se collocou no centro dos partidos, cerrou os ouvidos ás sugestões da intriga e da vingança, e pôde assim colligir e dirigir toda a força da sociedade legal contra a desordem. Ao homem particular rendemos esta justiça que por vezes fizemos ao presidente.

Quanto ao senhor coronel Lima, pelos seus actos é que o havemos de julgar. Cumpre nada menos dizer desde já que é um official de immensa reputação na corte, onde ha oito annos commandava a guarda municipal, emprego para que fora nomeado pelo ministro Feijó em 1831; e em que prestou relevantes serviços á ordem.

Fica transcripta a promoção que teve lugar no dia 2 de Dezembro para esta provincia. No mesmo dia, e quando ainda na corte se não sabia dos successos que occorriam nas ultimas mudanças, foi o senhor Sergio promovido a coronel, e o sr. Ernesto, a major graduado! Parecem algumas reflexões sobre estas promoções.

Foram nomeados novos desembargadores para esta provincia, e entre elles,

o senhor deputado Joaquim Vieira da Silva e Souza.

As notícias do Rio Grande, como se verá do extracto que damos, não são de grande importância.

Publicamos com gosto a apologia do sr. major Antonio Gomes Leal, transcripta no presente numero. A carta a que se refere o auctor do communicado, e que doesta o sr. major, é de individuo do partido dominante, e escripta no tempo em que o mesmo partido estava descontente com o sr. Sergio. Em verdade, posto que desaprovamos a correspondencia que se entretinha com o chefe dos rebeldes da Boa-Vista, nunca culpamos por ella o sr. major Leal, que necessariamente obedeceria as insinuações e ordens dos seus superiores. Folgamos de fazer justiça nos officios de merecimento, e a respeito do sr. Leal tanto mais, quanto se tem elle distinguido nos ultimos successos da Vargem, segundo se colhe das ordens do dia do bravo commandante, o sr. José Thomaz Henriques.

—Esta semana tem corrido novos boatos acerca de Caxias. Já se não diz que as nossas forças entraram a cidade sem resistencia, mas que houve um reñido combate junto della, ficando os rebeldes derrotados com grande perda. Não nos parece fora de proposito mencionar estes boatos, mas de nenhum modo afiançamos a sua veracidade.

VARIEDADES.

Um pelo Outro.

—Em um valle, cujo nome não convém dizer, está situada uma pequena casa de campo onde Madame Lavardin vai ordinariamente passar a Primavera. Nomear Madame Lavardin é fazer-lhe obsequio, bem o sabemos; e para que lhe havíamos de recusar este favor? Mas para que ella se não glorie desta circumstancia, vamos depressa apresentar Mademoiselle Cecile, que habita com sua madrastra este lindíssimo campo dez legoas distante de Paris.

Madame Lavardin ficou viúva pelo morte do pai de Cecile, que tinha casado com ella em segundas nupcias. Apesar de ser viúva não era tão deshumana, nem tão esquivada como costumam ser as madrastras, exemplo por certo digno de ser notado. Se a progressão da idade é figurada por duas escadas atadas em uma das extremidades, estas duas mulheres estavam á mesma altura da terra com a differença que Cecile subia e sua madrastra descia. A primeira chegava aos limites que separam a esperança da realidade, e a outra percorria esse espaço que serve de transição entre a realidade e as recordações do passado. Mais claro, Cecile tinha feito os seus dezoito annos, e a sua madrastra apresentava ao publico vinte e nove annos da trinta e nove que guardava para si. Bagatella, era uma economia de dez annos sobre o total que se aproximava da quarentena.

Apesar de todos estes subterfugios quem deixaria de ver que a viúva começava a declinar? Ninguém. Mas é necessário confessar que ella se retirava com toda a tactica das mulheres de experiencia, as quaes a poder de milagres de toucador, conseguem fazer dar dois annos,

os annos que perdem. Uma das fraquezas de Madame Lavardin consistia em vestir Cecile exactamente como ella, exceptuando o chapéo de ha muito tempo usado pelas senhoras viúvas. Esta mania de uniforme, que amenizava a mais velha e envelhava a mais moça, tinha por motivo violentar o galanteio banal ao alcance de todas as intelligencias. — Parecem duas irmãs, minhas senhoras.

Foi em parte devido a uma destas lisonjas, e muito mais á familiaridade da vizinhança do campo, que Mr. Senac e Mr. Francis obtiveram entrada franca, como dizia Moliere, em casa de Madame Lavardin.

Antes de os admitir a um foyor tão elevado, é de suppor que a viúva não deixasse de tomar as devidas informações. Disseram-lhe que estes dois vizinhos que tinham vindo morar na casa de campo fronteira ao outro lado do valle, eram dois primos. O mais velho, Mr. Senac era advogado e tinha fama de rico, o outro era simples bacharel. Mr. Francis tinha perdido pai e mãe, mas não tinha perdido nada do seu patrimonio, porque o não tinha, e pelo mesmo motivo tambem não tinha perdido nenhuma demanda.

As informações a respeito do bacharel não foram bem recolhidas pela viúva, as que diziam respeito ao advogado não podiam ser melhores. Repellido por um, requestada por outros, a vontade de Madame Lavardin fluctuava como uma agulha entre dois imans. Que faria? Quizerá admitir só um dos dois vizinhos; mas elles não estariam por isso. Em fim decidiu-se a admitti-los em globo. Senac foi por consequente causa da introdução de Francis, e a ponte levadiga das conveniencias levantou-se para o bacharel, e foram admittidos os dois amigos.

Não deixará de ser conveniente apresentar aqui as declamações preventivas acerca da pouca experiencia da mocidade, e dos perigos da sedução, com que Madame Lavardin atordia os ovidos de Cecile, para a prevenir dos ataques provocados de Francis. Todos temos ouvido estes lugares communs de moral, e sempre tem obtido o mesmo resultado desde o principio do mundo, e por isso, serão reproduzidos até á consumação dos seculos.

Cecile ouviu-os com aquella attenção hypocrita, que quer dizer—Palla que te estou ouvindo para ir fazer o contrario daquillo que me estás dizendo.

Logo no dia da entrada dos dois primos, Cecile tratou com mais cuidado do seu vestuario, e apurou a sua conversação, que era algum tanto floreada. Sua voz tomou um som mais agradável, e as ternas expressões com que ella a animava, deixavam vir em todo o seu esplendor os encontros com que a natureza adornára esta formosa menina. Cecile buscava a solidão de que até então fugia.

Estes symptomas infalliveis de um amor nascente, não poderam escapar aos olhos vigilantes da Madame Lavardin, que nestas cousas era experta. E quem teve a culpa de que a viúva desse por isso já muito tarde? Mr. Senac, que entrando a com o seu assido e continuado galanteio, a embolia de tal modo que não reparava na enteeda: o ar magistral, os olhos verdes do juriconsulto fizeram sensação no coração da viúva; e tão cega estava ella já, que nem pôde reparar nos defeitos que tinha o enfiado figurão, e tanto que só Cecile reparou a um gesto ridiculo que elle costumava fazer quando cumprimentava: pegava no

chapéo com ambas as mãos, o que denotava vellicio e avareza. E qual seria o maneoço que procuraria com uma circumspecção tão desastrada captar o coração de uma mulher!

Mas de que se serve epilogar sobre os defeitos, sobre os gestos de Mr. Senac, quando Madame Lavardin não faz caso delles! Antes pelo contrario, tanto lhe agradaram, que se deixou de vigiar em sua enteeda.

Infelizes amantes, fizestes bem aproveitar esse intervalo que vos concederam, d'ora avante o vosso espiao se dispõe a fazer aturada e segura sentinella. Cecile será espreitada nos seus passos mais insignificantes, e serão interpretados os seus mais intimos pensamentos. Tal era ao menos a resolução formal de Madame Lavardin. Dez dias depois da applicação desta alta espionagem, o novo regimen produziu o seu fructo, amargo como lides vôr pela carta que a viúva descobriu remecendo uma caixinha de Cecile. Eis aqui o seu conteudo:

—Onde teriam a cabeça os nossos antepassados quando inventaram o nome de madrastra! não sei como não procuraram um nome mais agradável para exprimir cousa tão má. Vossa madrastra me causa a maior e mais vehemente desesperação. Que odiosa inquisição! Que intoleravel tirannia! Não posso aventurar uma palavra, ou um volver d'olhos, sem que não a encontre logo, surpreendendo-me. Ha oito dias que por causa d'ella vos não tenho podido dizer uma palavra em particular. Oh! maldita mulher! detesto-a tanto quanto vos amo! Julgai que tal é o meu odio! E o mais é que folheando no Codigo, vejo que vossa madrastra não tem sobre vós os direitos que presume. Uma madrastra não é nem má legitimamente, nem má de nossa escolha; o mais que pôde ser é má por acaso; que só se pôde tolerar pela affabilidade e pela indulgencia. Porque motivo virá ella lançar-se entre os nossos corações? Não a deixamos inteiramente livre lançar olhos de dolorida ao bom de meu primo, que tem a loucura de estar namorado d'ella? Bem será que deixe de nos atormentar; dai-lhe este conselho, porque sou homem capaz de tomar boa desforra!

—Dizei-lhe que se continua, eu sei que ainda tem e que pelo menos o direi a meu primo, e que proclamarei por toda a parte que ella tem um dente postico no queixo superior; e se me levar ás do cabo publicarei que todos os dias arranca os cabellos brancos que tem por detraz da orelha direita.

—Mas reparei até onde me levou o meu amor e a minha raiva; desatino e dou-vos aqui conselhos absurdos que não podeis aceitar. Esquecia-me de que esta carta é só para vós. E é mais uma razão de queixa que tenho contra vossa madrastra que me obriga a cobrir de palavras de vingança e odio este papel que só devia ser confidente do meu amor. Adeus, unjo do Coo, adeus.—Francis.

Esta carta que aqui transcrevemos de um facto, foi interrompida com vezes pela leitora. Unas vezes o pé vingativo batia no sobrado; outras lhe sabia a cor ao rosto; outras lhe tremiam os beijos e os olhos chamavam.

Quando chegou ao ultimo paragrafo da carta, Madame Lavardin não se pôde susten; saltou como uma leoa. Oh! que monstro! exclamou ella, que injuria vomita contra mim.

—Insolente. Um ninguém tratar-me

deste modo! uma criança! como está hoje corrompida a mocidade! Não respeitamos nada! Que mal lhe fiz eu a este bacharelzinho! Oh Deus nos livre de semelhante gente! os advogados esses sim são outra coisa! Tem mais respeito á gente pelo menos!

Dedicando-se a estas ideas, a colera de Madame Lavardin decalhia pouco e pouco, e seus pensamentos se hiam encostando á ternura.

—Mr. Senac, faz-me justiça, disse ella, depois de uma pausa, estou certa que me ama! esta carta abominavel não me deixa a menor duvida a este respeito... Que ventura... Sim, mas se esse escomungado Francis se lembrar de o dissiadir do meu amor; se se lembrar de lhe revelar a meu respeito todas essas infames calumnias que me assaca?... Mas quem lhe diria que eu tenho um dente podico!

E Madame Lavardin chegando-se ao espelho apalpava o corpo de delicto como para verificar a sua identidade. Depois accrecentou muito de vagar, para que ninguém a podesse ouvir.

—Maldito dente! cá está no lugar que elle apontou. Mas que prova pode dar um dente contra uma boca que não tem nada que se lhe diga? Conheci uma amiga minha que tinha dezasseis annos, e já com quatro dentes posticos, e um ninguém tal havia de dizer... Falla da minha idade! Isso é que se não pôde aturar! Surprender deste modo o segredo das familias! Penetrar sem pejo no sanctuario da vida domestica! Que indignidade! Que homem tão pernicioso! Parece-me que fallava tambem dos meus cabellos!... Pois se me acusa de os apriar, como é que os vio!... Estou atnirigonda. Foi Cecilia que lhe contou tudo, não ha duvida. Maldita seja ella! Fiem-se lá na candura da mocidade! Ella me pagará, e elle tambem!... Não sei parte de mim!... Arrebento de colera! Cecilia! Cecilia!

A estas vozes acudio Cecilia toda tremula; pela inflexão de voz de sua madrastra conheceu ella que tinha um sermão: Outra em lugar de Madame Lavardin, lhe teria perdoado, tal era o ar resignado e submisso de Cecilia. Não sabia o que havia fazer, dobrava as pontas do lenço com os dedos e aproveitou esta circumstancia para conservar os olhos baixos, em attitude de respeito.

(Continuar-se-ha.)

O Monte de S. Bernardo.

—Ao nordeste da Saboya se eleva, como para separar a França da Italia, uma das mais altas montanhas da Europa. Duma elevação de 7:549 pés acima do nível do mar, ella é erigida de rochedos e cheia de precipícios, que a tornão quasi inacessivel; accrescendo que os seus flancos e cume estão cobertos de eterno gelo. A neve eleva-se, umas vezes, em redemoinhos e se dissipa, outras amontoadas sobre um ponto cresce qual outra montanha, até que por fim esta enorme massa vem a derreter-se, rola com espantoso fragor, despedaçando os rochedos, e deixa sepultado tudo quanto não pôde arrazar. Infeliz do temerario viajante, que a muito custo sobe estas escarpadas veredas, quando retine o eco do horroroso bramido das Neves que se derretem; então já não pôde fugir nem para traz, nem para diante, por todos os lados o cerca

o perigo, e só lhe resta encomendar-se a Deos! Contudo ainda lhe fica uma esperanza de salvação, pois uns intrepidos e compassivos religiosos consagrao a sua vida em soccorrer os desgraçados.

Retirados a um mosteiro situado no cimo da montanha, e que foi edificado no decimo seculo por Bernardo de Menthon, estes homens generosos se tem votado a uma horrivel solidão para prodigalisarem soccorros á humanidade afflicta, e para lutarem contra as Neves e o gelo. O fim da sua instituição e o seu dever consistem em servir de guias aos viajantes extraviados, e procurar aquelles a quem o frio tiver entorpecido, ou a quem as massas de neve tiverem despenhado nos precipícios; deveres estes, que, posto que nimamente penosos, elles cumprem com um zelo e devoção superiores a todo o elogio; seus esforços porem tornar-se-ão quasi sempre inuteis sem o soccorro d'uma raça de cães propria dessas montanhas. Estes cães e nobres animaes reúnem a uma força prodigiosa toda a intelligencia dos cães de gado.—Pela manhã e á tarde sahem do convento, e vão á descoberta; arrojão-se atravez dos rochedos, e correm ás bordas dos precipícios logo que o menor gemido chega a seus ouvidos sempre attentos; dirigem-se para o infeliz que anda lutando com a morte, reanimão-no com as suas caricias, aquecem-no com o seu bafio, e quando o vêem recobrar animo, voltão á toda a pressa para o hospicio. Os religiosos, que estão constantemente á espreita, pendurão ao pescoço destes nobres animaes um cesto com leões corrobóranes, e guiados por elles chegam quasi sempre a livrar d'uma morte certa o imprudente que teve o arrojo de penetrar neste aventuroso terreno. Quando a atmosphera está carregada de densas nevens, que a neve cubre um grande flocos, ou que uma massa de neve faz retumbar a montanha com o estampido da sua queda, todos os religiosos deixão o convento, e percorrem os sitios da maior perigo, guiados mais do que acompanhados pelos seus cães, porque estes os conduzem pelo verdadeiro caminho coberto de neve assim que elles se desviam. Quando os cães esgaravatao na neve dando nivos, é signal de que algum corpo humano alli se acha sepultado; então os religiosos munidos de varas compridas sondão o terreno, e tendo dado com o corpo, o tirão da neve e levão para o hospicio, onde empregão todos seus esforços para o restituirem á vida; porém, infelizmente, raras são as vezes que não tem o desgosto de lhes tributar os ultimos deveres.

No dia 17 de Maio de 1800 appareceu um exercito de trinta e cinco mil homens nas faldas desta montanha, e se dispunha a atravessá-la. Este exercito, que ia vencer em Marengo, era capitaneado pelo General Bonaparte, e confiava na sua fortuna. Lannes, que tambem ia fundar a sua gloria em Montebello, commandava a vanguarda. Do pé da montanha á aldéa de S. Pedro ha caminhos terríveis, cortados por torrentes ou precipícios, sobre os quaes servem de pontes alguns troncos d'arvore atravessados. Estes caminhos, pelos quaes as cabras montezes e o atrevido caçador se avistão tremendo, forão percorridos com ardor por aquellas tropas. Mas de S. Pedro até ao cume da montanha não se encontra mais que um estreito atalho, onde não podem passar dois homens a par. Ora este atalho, umas vezes costea abys-

mos, em cuja profundidade se perde a vista, outras é cheio de espantosos rochedos que parecem estar ameaçando ruína.—E trinta e cinco mil combatentes, carregados com os seus armamentos e bagagens, vencerão este estreitissimo caminho, a um e um! A maior difficuldade consistia no modo de transportar a artilheria. As peças e obuzes desmontados forão collocados sobre troncos d'arvores, e virão-se soldados, officiaes e generaes pucharem, ou antes içarem estes carros de nova especie á maior altura, a que jámais tinha chegado a artilheria. De quando em quando ouvia-se a musica militar, ou as caixas tocarem a avançar, e cada qual sentia renascer as suas forças e a sua coragem. No meio desta chusma de soldados, que trepavão em fileira, notava-se um homem de fraca estatura vestido com um casaco pardo, com um chicote na mão, e cuja phisionomia inculcava uma presença d'espírito e sangue frio, que alguém poderia tomar por indifferença; por quanto só de vez em quando se voltava com rapidez para a linha dos soldados, e d'um lançar d'olhos calculava o progresso da marcha. Este homem era Bonaparte, o vencedor d'Italia e conquistador do Egypto, que ia decidir o seu destino e o da França nas planicies de Marengo. Estava conversando socogadamente com um dos guias das montanhas, e acolhendo a confidencia de todas as suas fadigas e de todos os seus castellos no ar, que se limitavão a ambicionar um casal, um campo e algum gado. Bonaparte chegou ao hospicio entregou um bilhete ao montanhez com recommendação de o levar ao seu destino logo depois de verificada a passagem do exercito, e este bilhete continha as ordens para se realisarem os projectos daquelle excellente maneo.

Passados dezoito annos, e lembrando-se Napoleão desta circumstancia, escrevia sobre o seu rochedo de Santa Helena: "A admiração do joven montanhez devia por certo ser mui grande ao ver tanta gente desvelar-se para satisfazer os seus desejos, e apparecer-lhe a fortuna por todos os lados!!!"

No espaço de muitos seculos dois grandes Capitães ousarão atravessar o Monte de S. Bernardo. Alli perdeu Annibal a metade de seu exercito, e Bonaparte só teve a lamentar a perda de dez homens.

(Do Recreo.)

A V I S O S.

—O annuncio do sr. José Gonçalves Franco sobre a cobrança dos emolumentos do Vice-Consulado de Portugal em moeda papel, sahira, em o numero seguinte, por não ser possível neste.

—No Escriptorio de Manoel Pereira da Costa, vende-se Bonés de panno fino azul com galão d'ouro bordados do mesmo, Cananás e Talins de polimento com ferragens douradas; e Bandas de seda para militares.

Tambem tem nova sortimento de Dóca de calda, e Orçata, assim como de cabo de Cairo &c.

—Vendo-se dois terrenos de 6 braças de frente com 30 de fundo, na rua do Passado, fazendo hum d'elles canto com a rua de Santa Anna; ambos tem muita terra vermelha. Vendo-se igualmente outro terreno de 6 braças de frente com 18 de fundo, no fim da rua Grande, já com obras de pedra e cal; quem os pretender dirija-se a Manoel Gonçalves Ferreira Nina, na rua do Quebra, Costa casa n. 10.

Assigna-se em casa do Redactor, rua do Egypto n.º 12, e na Fabrica de Chapcos de Vidigal Irmão & Co, rua Grande: preço por trimestre 3\$000, por semestre 5\$500, e por anno 10\$000 reis, pagos adiantados. As folhas avulsas vendem-se a 160 reis na sobredita Fabrica, e os avisos imprimem-se a 60 reis por linha, nas os dos assignantes, gratuitamente, com tanto que não excedam a 20 linhas.

MARANHÃO: IMPRESSO NA TYP. INTERC. MARANHENSE. ANNO DE 1840.

RIO DE JANEIRO.

VERSOS

A Sua M. I. o Senhor D. Pedro Segundo, no Faustissimo dia 2 de Dezembro, Anniversario do seu glorioso Natalicio.

Brilha, oh dia de esperança!
Brilha de novo, alma dia!
Cresce, oh nuncio de bonança!
Mensagem de alegria!

Assim do vito não fingidas vozes,
Nobre expansão de amor, que a patria inspira,
Do peito aos labios, entre rios sobem
Para nandar teu dia natalicio!

Entre o suave balsamo das flores,
Que os rios matutinos, hoje foudo,
Ao solto tem caido, e o perfume;
Entre o ledo gorgheio de mil aves,
Que em tres jardins, salta, e se festeja,
Do campo do vale, nos seus corcos
Chega, angustia subor, esta harmonia,
Para com o dia do teu grande aniversario,
Como o canto das aves, innocente.

Olha, senhor.... Mas não.... primeiro sobre
Do teu palacio ao torcido mais alto;
De lá se a tua pta esta cidade
Nas habita molando, e toda afusa
Por ter na frente seu o caro filho,
O anjo que a proteje, o sol que a anima,
A estrella do futuro que a esclarece,
O nome que a conduz ao teu destino!
Ouve a voz deste povo que repete:
Brilha, oh dia de esperança, &c.

Oh principe, não basta; a vista alonga
Do sul ao norte; estende-a além dos mares,
Além das encostas, verda montanhas,
E além de tudo quanto os olhos medem,
Vê esta mente hum imperio que te acenta,
E como esta cidade te revera;
Hum imperio, senhor, como tu, forte,
Que na sua brio incarna se resolve,
E a tua dextra aguarda pra proclamação,
A se erguer, a marchar.... Infante, ali, cresce,
Cresce ligeiro, que o Brasil já chama:
Brilha, oh dia de esperança, &c.

Olha ainda, senhor; além, bem longe,
Nem dos limites do teu vasto imperio,
Acuda gente de estrangeira plebe,
Brilhante estrella usarpa no teu diadema!
Vê infante, este insolto; ouve o suspiro
Que no norte se eleva e ao sul reflecte;
E lá, imperador, has de vingar-mos.

Agora, exultes principe, contempla
O mar que geme de mil naves saltado;
Vê como a industria, as artes e as sciencias
Piquem fontes de bens e de riquezas
Nos climas europaeos e os protogidos;
Dellas a força exorna, a paz, a gloria,
Em regia não sem ellas trema o sceptro,
E o monarca sem fulgor faz peso no throno.
Assim tens visto—Agora ao templo corre,
Curva-te aos pés do altar, aos céos eleva
Teu candida voz, teus olhos feros,
E jura por teu pai, e por Deus jura,
Que em seu imperador Pedro regando
Da de o Brasil achar hum Numa, hum Tito,
Brilha, oh dia de esperança, &c.

Oh! que unive commoção! que arrealo,
Que quasi divina a mente humana,
E excede no vito extenso do vale,
O de hum povo humilhado que entre as vides
E as explosões de amor de hum povo inteiro
Fudo dizem—Eu sou tua esperança!
Seu anjo tutelar! seu pai! seu nome!

Isso dizes, senhor!—Mas, ah! respiza,
Respira ainda da innocencia o aroma,
Gosa da infancia os sonhos perfumados,
Que hum dia subirá que transpõe
Sobre a regia coroa pesa e rouca!

Mas, oh acto do rei! bem certo teito
Nas serve de digno da gloria ao tempo,
Nem quon vida pacifica d-dia
Co' os vapores do trono emporcoido
Faz a lra vibrar impudida.

Monarcha brasileiro, que te importa,
Se así de occulto vito a voz que escutas?
Não só da tua regida he grato o effluvio,
Entre espelhos nascida a flor agreste
Tambem ás vezes embalsama os ares.

Para todos brilha o sol;—ao sol brilha,
Te fa imperador; este a verdade,
E panta no futuro—Responde, imperio,
Para ventura nossa e glorio tua.

Brilha, oh dia de esperança!
Brilha de novo, alma dia,
Cresce, oh nuncio de bonança!
Mensagem de alegria!

D. J. G. Magalhães.

Que a S. M. I. offereça hontem o Sr.
M. O. Mendes, pelo seu aniversario natalicio.

A quatorzena vez (Brasil exulta!)
O alto dia volvou que amigo genio
Das mãos avaras arrancou do tempo.
Apenas reluziu sobre o horizonte,
Hum porvir de paz e de ordem,
A independencia verdadeira ergueu-se,
Noutro em seus projectos a anarchia,
Monstro infernal, varagador da germen
Da nacional grandza, o influxo estranho,
Com riso amargo (hypocrital) o zanda...
Filho d'America, immortal carreira
Traga, principe angusto, acubra a cupressa
Que infeliz pai consolidou não pode!

Herdeiro das virtudes que a mã terna
Do peito no snario agasalhava,
Só tom teu povo compassivo e brando.
Já se aproxima a suspirada aurora
Em que a lei deste imperio magestosa
Te convida a reger com braço herculoo
O esperanoso americano sceptro:
Então, sangue de reis, não te deslumbre
O encanto do poder; ama, aprecia
Ser Brasileiro mais que ser monarcha.

Vejo o engano sagaz lançar-te as redes;
Ah! não te colha nas traidoras malhas!
Pela orla do vito mel suave
Te ministra a lisonja; o fel da angustia
No fundo jaz. O intento que te anime
Seja o firmar teu solio sobre a largo,

Do amor do povo, indestructivel base:
Rodeia os olhos pelo imperio immenso;
Ao marmurar da patria ouvidos presta:
Que vés, que escutas, principe sublime?
O alma terreno por colonos brada;
Pede o senhor dos rios que o navegaes,
Rieas aréas os demais te offortão;
Quem florestas em baixes trocar-se,
Que a fé mentida, o orgulho do estrangeiro,
Auri-verde bandeira aleando, abatao.
As bellas artes teu bafejo esperao.
E as musas te preparo mil grinaldas;
Por se desenvolver sob o teu manto
Arde o vito commercio, a industria sobra.
Novo templo de paz tens de erigir-mos;
Neto d'Alfonso, brandirás a espada.
Quando nos provocar a guerra insana.
Da honra zelador, dos bons costumes,
Serás o esteio da abalada creença...
Quem, quem fará, senhor, prodigios tantos?
Teu coração magnanimo, sustendo
A liberdade e o throno em laço eterno.

Manoel Otavio Mendes.

A politica da conciliação e da exclusão.

—Ha hama idéa que, de envolta com
a pretendida defeza do Sr. Miranda, in-
sinda o nosso collega do *Diario do Rio*,
que deve por certo merecer a mais se-
ria attenção de quantos sinceramente de-
sejem ver firmar-se a ordem do paiz so-
bre a base da concordia publica, e a fi-
são de todos os partidos. Argue o nosso
collega o ministerio pela *fraguza de pro-
curar amigos em todos os partidos, e de re-
habilitar* homens que fizeram parte
da passada administração. Cuidavamos
nós que hum governo deve ser de todos
e para todos; que hama politica verda-
deiramente nacional he só aquella que vivo
em hama regim superior ás paixões mes-
quilhas e ódios dos partidos, que procura
chamar a si todas as sympathias, e
com ellas todos os cidadãos. Cuidavamos
que a imparcialidade he a primeira das
virtudes de hum governo, e a conciliação
dos espiritos dissidentes o maior dos be-
nefícios que pode prestar. Cuidavamos
que o systema que reparte a nação em
duas fracções inimigas, que as divide pela
linha de ferro da desconfiança e da sus-
peita, e priva assim o estudo dos servi-
ços dos seus melhores cidadãos, he hama
systema do rancor implacavel e de ex-
clusão, nas suas fórmulas mais odiosas e
iniquas; miseravel politica que, em de-
trimento dos interesses geraes, só condu-
ziria ao furor das reacções! Mas, o
Diario de outra sorte parece entendê-lo,
e vê hama injustiça naquillo mesmo que
em toda a parte se tem considerado
hama das mais nobres missões dos go-
vernos. E porque? Porque o minis-

terio para a presidência do Pará o Sr. vice-almirante Tristão Pio dos Santos, cuja pericia náutica e bravura valeram-lhe da parte de nossa marinha um sobrenome honoroso; e isto foi de sobejo para que o contemporâneo desse o alarme contra o ministério, como se aquelle illustre veterano da armada brasileira fizesse uma facinora, com quem não pudesse elle ligar-se sem desagrado.

Parecia-nos que, na nossa forma de governo, os ministerios succediam-se uns aos outros, sem que elles e seus politicos adherentes incorressem, pelo facto de deixarem o poder, na perda de seus direitos politicos. Se passasse a doutrina coprária, se cada administração ficasse exposta ás vinganças da que lhe succedesse, pela simples razão, talvez, de differir nos meios praticos de levar a effeito principios em que concordavam, o que seria feito da moralidade do regimen representativo?

Se a diversidade de vistas nas questões, algumas vezes tão obscuras e complicadas, da politica e da administração fosse hum crime, não haveria talvez ministro algum que, em relação a seus antecessores e successores, não merecesse esta qualificação, no sentir do contemporaneo. E pode haver, permitta que lhe perguntemos, doutrina mais anti-social e absurda do que esta, que isola hum governo no meio da nação, fazendo-lhe ver homens suspeitos em toda a parte, privando-o do concurso de grande parte das capacidades do paiz, e que, em ultimo resultado, o reduziria á baixa condição de chefe de facção, em vez de governo geral do Brasil?

Sem duvida, nós não desejamos que o governo, mude de principios, ou mesmo os modifique, como condição de obter o apoio deste ou d'aquelles individuos. Não, a força de qualquer administração consiste na clareza e estabilidade de seus principios, e firmeza na religiosa observancia delles. A maxima opposta he a da transacção, tão preconizada, entre outros, pelo barbeiro *Patridge*. Este digno e jovial companheiro de *Tom-Jones* tinha duas axiomas favoritos: hum, *Tempus eia rerum*; outro, *in transactione virtus*. O primeiro quer dizer: "o tempo tudo consome." O segundo: "a sabedoria consiste na transacção."

Sim, o tempo tudo consome, até mesmo a potencia da decepção. Póde-se enganar os homens huma, duas, tres vezes; os mais credulos deixam-se hir até quatro; mas, com vezes, mais mil vezes, he muito. Ora, conte-se, por caridade, todas as mistificações que o segundo dos axiomas do amigo de *Tom-Jones* tem produzido no mundo, e veja-se depois se ainda tem a potencia de illudir. Ha na sciencia dos numeros transacção possível entre o par e o impar, e na logica, entre o verdadeiro e o falso? Bem sabemos que até se chegou a invocar a agua, o fogo, todos os elementos, para explicar, pela analogia do theoria physica, o axioma do *Patridge*. Mas, o que ha de commun entre o senhor soberano dos elementos, que póde uni-los, dissolve-los ou fazê-los transigir hums com outros, e hum governo que não tem outro poder senão de unir o que he susceptivel de ser honrosamente unido, e que, querendo associar elementos incompatíveis, poderia fazer a triste experiencia de certos aprendizes de chimica, que queimam os dedos manipulando composições perigosas?

Mas, quando essa mudança de principios não he necessaria para obter a

poio, quando, pelo contrario, os homens, para cujo patriotismo appella o ministério, concordam com elle nos principios fundamentais da nossa ordem social, não podemos ver na arguição do *Diario* mais do que huma irreflexão, porque não devemos supor que odios de espirito de partido suggerissem semelhantes idéas, tão oppostas, nós estamos certo, aos seus proprios sentimentos de moderação.

(Do Despertador.)

VARIEDADE.

Continuado da n. antecedente.

—Madame Lavardin interpellou deste modo sua entenda.

—Venha cá menina.

—Aqui estou, minha mãe, disse Cecilia adivinhando alguns passos.

—Parece-me que vos tinha prohibido de namorar Mr. Francis.

—Sim, minha mãe, e não vos desobedecei. Que culpa tenho eu se elle...

—Se elle vos ama, não é assim? Acabai com isso Sr. namoradeira. Eu exigi o contrario, a culpa é vossa. Parece-me não preciso que me ensinem essas cousas.

—Mas que mal tenho eu feito; não tenho fallado a Mr. Francis senão na vossa presença.

—Na minha presença, é esse o palavrão do costume. Confessai que esta presença vos importuna a ambos. Passo por espia, por mulher abominavel, impertinente, que sei eu? Inglaterra, e é para vossa bem, para vos poupar desgraças que assim me tenho portado. Este Mr. Francis não tem nada nem fortuna nem emprego.

—E' Bacharel.

—Que prove as demandas que tem defendido.

—Ha de te-las.

—Nunca as ha de ter, menina. Provavelmente vos diz isso, tambem vos dirá que vos ama e em summa não ama senão o vosso dote.

—Oh! como pensais mal delle. Se o conhecesseis como eu!

—Conheço-o demais. Calai-vos. Sei melhor do que vós aquillo que vos convém. Renunciai esse Sr. Bacharel. Hoje he participareis tambem a elle que não me torne a entrar aqui mais. Ai de vós se tiverdes a ousadia de desobedecer ireis para um convento até que pela vossa idade possais decidir o que mais convier.

E o estrondo da porta que Madame Lavardin fechou quando sahio, servio de ponto de exclamação no fim desta ultima frase.

Cecilia ficou só, perturbada e confusa. Que motivo teria desafiado o raio que acabava de cair? Ella o ignorava. Por um momento lembrou-se de que a carta de Francis teria sido descoberta. Correu logo á caixinha, mas o bilhete estava no seu lugar; porque Madame Lavardin depois de o ter lido, o tinha posto no mesmo sitio conservando-lhe exactamente as dobras que tinha.

Se Cecilia ignorava a causa, o resultado era certissimo. Francis despedido! não lhe tornar mais a fallar, nem vê-lo, quando a sua presença era já uma cousa sem a qual ella já não podia passar! Que afflicção! Que golpe terrivel! e a pobre rapariga entregou a essas tristes reflexões começou a chorar, e seus beijos humidos beijaram uma flor que Fran-

cis tinha colhido no ultimo passeio que deram.

Madame Lavardin volta logo. Cecilia ficou admirada com esta volta inesperada, e sobretudo com a mudança operada no rosto e palavras de sua madrastra. Fora necessario ter assistido ao monologo da leitura do bilhete para explicar esta repentina mudança. Depois de haver despedido a primeira chama e devorado as duras verdades da carta, Madame Lavardin tinha calculado os felizes resultados deste acontecimento em parte desastroso. Era amada por Senac, era cousa certa, era ponto decidido segundo a opinião do seu mortal inimigo. Fora disso era para temer semelhante confidente se não usasse com elle de astucia e diplomacia. Feitas todas as reflexões abrandou o seu furor. O primeiro movimento, é da verdade, isto é, da natureza, o segundo pertence á dissimulação, isto é, á sociedade; porem Madame Lavardin tomou um ar meigo para dizer á entenda:

—Minha querida filha, enganei-me, julguei com severidade demais uma extravagancia da mocidade. Francis e tu sois duas creanças: disse o que costumam dizer a todas as raparigas; que bonitos olhos, que sorriso encantador. E' moceda corrente e desculpo quem se serve della. Tu é que tomaste esse galanteio ao pé da letra; tambem te desculpo; a gente engana-se em todas as idades. Agora que já sabes o que has de fazer, Francis deixa de ser um homem perigoso. E alem disso, gosto muito delle, hei de até dizer-lhe; esta confissão da minha parte não tem inconveniente algum. E tu desconfias de suas palavras doces, e conservas-te sempre na defensiva.

—Oh! minha mãe se d'esse modo ficas descansada, até vos prometto nunca mais lhe tornar a fallar. [A parte] Possa eu vê-lo, e é quanto basta.

—Vamos, nada de extremos, não sou tão rigida como isso. Falla-lhe, pelo contrario, para que não se persuada que to prohibem. Se reservada e seria, mas affável, ouves? Dize-lhe que te recomendei isso mesmo.

—Parei o que me dizes minha mãe.

—Muito bem: a ultima vez que fallei a esses Senhores, tinha razões para não estar satisfeita. Talvez que o meu acolhimento se ressentisse disso, quero agora reparar tudo, e vou mandar convidar os primos, para virem almoçar connosco. Queres?

—Tudo quanto quizer, minha mãe.

Cecilia muito alegre se precipitou nos braços de sua mãe.

A' hora aprasada apresentaram-se os dois primos em casa de Madame Lavardin. Mr. Senac tinha feito a despeza de um par de oculos novos, a sua gravata branca estava arranjada com muita graça, o que dava a entender que Francis o tinha ajudado a vestir. Em summa o accio do advogado bem dava a entender que elle tinha certos projectos na cabeça.

Madame Lavardin recebeu os dois convidados com muita graça, e especialmente Francis, que não sabia o que devia pensar de semelhante mudança, e dizia consigo quem sabe se me veio alguma herança sem eu o saber, de outro modo esta mulher não me tratava tão bem.

Era um gosto interpretar e comprehender esta nova strategia em acção. Nada mais galante do que o jogo de Madame

Lavardin. Obrigada a conduzir dous negócios de tanta diversidade, sacrificando o seu amor proprio ao seu amor; rindo umas vezes com vontade, outras sem ella, mostrava bem quanto pode a mulher presumida.

Francis pediu a Cecilia que fosse tocar piano, a madrastra se reuniu aos rogos do bacharel, e depois com um pretexto habilmente imaginado se chegou á enteada e lhe disse em voz baixa—Vê se achas uma desculpa para recusar.

Mas Cecilia fingiu-se surda a esta recommendação e prestava-se de bom grado ás recommendações de Francis. Daqui se originou novo desespero para a viúva: entregue á conversação sentimental de Mr. Senac, e distraída pelo namoro a bandeiras despregadas dos dous amantes, com o olho nestes, e escutando aquelle, ella se remechia impaciente na cadeira e respondia disparates e outras vezes não respondia nada.

No passeio ainda foi peor. Os dous amantes liam adiante: Madame Lavardin não se podia oppor a isto porque também desejava ir só com Mr. Senac. Na volta de uma rua ella viu bem que Francis apertava a mão a Cecilia. Quiz correr atraz delles, reprehenendo-os, mas com que direito? O advogado também pela sua parte chegava um braço ao coração, e seus labios tocavam a mão da viúva. Foi por um motivo tirado de considerações da mesma natureza, que Madame Lavardin consentio que Francis roubasse impunemente um beijo a Cecilia.

Todos vinham muito contentes de volta deste passeio. O advogado se tinha mostrado tão terno como o joven Bacharel, e a palavra casamento foi ao mesmo tempo ouvida pela viúva e pela donzella.

Não sei que necessidade imprevista fez que viesse um creado chamar muito á pressa Mr. Senac, para um negocio de importancia, que dizia respeito a um individuo, o qual esperava no gabinete do Jurisconsulto.

Senac não ficou muito satisfeito, mas não podia recusar. Desculpou-se com a tyrannia cega da sua occupação, e partiu, lançando no vento alguns suspiros, e revirando os olhos para Madame Lavardin.

Esta ficou parada no seu lugar olhando para Senac que partia. E quando elle desapareceu de todo por entre as arvores apoderaram-se della o despeito e a raiva. O aperto de mão e o beijo de Francis lhe vieram á memoria, e dirigia-se para casa decidida a perturbar a conferencia dos dous amantes, e vingar-se do contratempo que assim a privava da companhia de Senac.

Cecilia e Francis que ignoravam a separação forçada dos seus companheiros, tinham vindo a diante, e havia dez minutos que estavam na sala. Madame Lavardin entrou pé ante pé, sem respirar. Francis estava de joelhos ao lado de Cecilia com as mãos della nas suas, e falando com calor.

—Oh! minha Cecilia, lhe dizia elle, a vida entre dous é um paraíso, offerecem duplicada face á alegria, e duplicado escudo á adversidade, suppondo que a adversidade possa incommodar duas pessoas que se amam. Oh! serás minha eternamente! não é assim Cecilia!

—Sim meu Francis mas tenho medo que minha madrastra...

—De que tens tu medo? Não reparas que já está mais pacifica? Julgues mal. Fallou-me com muito bom modo.

Irei lançar-me a seus pés, implorar com toda a força de eloquencia, e estou certo que o seu coração se não for de bronze, hade acabar por se enternecer.

—Oh! assim o espero porque o desejo de todo o meu coração, mas se ella recusasse?

—Se ella recusasse! Exclamou Francis, levantando-se rapidamente, se ella recusasse, roubar-te-hia, e se necessario fosse commetteria um crime. Que me importa a mim a vida? Sera ti antes quizeras mil vezes morrer! Nem sei de que sou capaz.

—Oh é de mais, exclamou Madame Lavardin, que não se pode conter mais tempo. Ouvi tudo. Minha filha nunca ha-de cazar com um malvado como vós. Heide participar a Mr. Senac o vosso criminoso arrojio. Ainda estou tremendo. Ousastes fallar de roubo de assassinato, Sabei Senhor e não volvereis a entrar nesta casa onde trouxestes a desordem e escandallo.

Esta appareição repentina confundio os pobres amantes que não souberam o que haviam de responder. Madame Lavardin voltando-se para Cecilia a mandou sair e ella dirigio ao pobre Francis um olhar de olhos que bem exprimia a consternação e desespero em que estava.

Quem ficou muito afflicto foi Senac quando soube o que tinha acontecido a Francis, denzou a mais quando elle fez acreditar que Madame Lavardin excluia os dois primos de sua casa. O pobre advogado não pôde dormir, não fallava senão no seu amor, na ingratidão d'aquella que amava, e tanto porque Madame Lavardin tinha assim como sua filha cincoenta mil francos de renda.

A final decidio-se a partir sem se despedir d'ella e mandou apromptar a sege. Já estava tudo prompto quando Francis procurando um pretexto disse a seu primo que já vinha, e deixando a porta a sege que devia levar seu primo, foi-se direito a casa de Madame Lavardin.

Achoa-a bordando ao bastidor. Apenas elle appareceu a viúva assustou-se muito.

—Senhora, disse humilmente Francis meu primo mandou-me aqui—Vosso primo assentou-vos—Sim Senhora meu primo não foi insensivel aos vossos encantos, e não se atrevendo a declarar a veneração e amor que lhe inspirastes servio-se de mim para vos pedir a vossa mão.

El' escusado dizer que foi acolhido, com enthusiasmo por Madame Lavardin, que deu logo o sim. E Francis aproveitando esta occasião, declarou em seguida que também vinha pedir para elle a mão de Cecilia.

A esta proposta extremecem a viúva e disse que não consentiria em tal.

—Pois bem, exclamou Francis, então vou dizer a meu primo, que não quizesse aceitar a sua proposta e partiremos ambos já para Paris, onde o espera uma mulher que o adora: olhai d'aqui, lá está a carroagem á porta.

Madame Lavardin rio-se entre Scylla e Carybdes e tomou o partido de consentir em tudo.

E ficaram logo dispostas as cousas para se celebrarem as duas nupcias.

Quanto pode o desejo de agradar n'uma mulher cujos encantos a idade vai roubando!

Fim.

MARANHÃO.

PROCLAMAÇÃO.

Maranhenses!

—Nomeado Presidente e Commandante das Armas desta Provincia, por Carta Imperial de 12 de Dezembro de 1839 eu venho participar das vossas fadigas, e concorrer quanto em mim couber para inteira e completa pacificação d'esta bella parte do Imperio. Huot puhlado do facciosos, avidos de pilhagem, pôde encher de consternação, de luto e sangue vossas Cidades e Villas! O terror, que necessariamente devia infundir-vos esses bandidos, concorre para que se engrossassem suas hordas: com tudo, graças á Providencia e ás victorias até hoje alcançadas pelos nossos bravos, seu numero começa a diminuir diante das nossas armas. Mais hum esforço e a desejada paz virá curar os males da guerra civil. Qualquer que seja o estado em que se achem hoje os rebeldes, eu espero com os socorros que o Governo Geral vos envia, e com a força que me acompanha fortificar nossas fileiras, e não abandonar-vos em quanto os não houver debellado. Eu passo a fazer os melhoramentos que julgo necessários ao nosso Exercito, o com a maior brevidade possível me collocarei á sua frente. Maranhenses! mais militar que politico, eu quero até ignorar os nomes dos partidos que por desgraça entre vós existão. Deveis conhecer a necessidade e as vantagens da paz, condição da riqueza e da prosperidade dos povos; e confiando na Divina Providencia, que por tantas vezes nos tem salvado, espero achar em vós tudo o que for mister para triumpho da nossa santa cauza.

Palacio da Presidencia na Cidade de S. Luiz do Maranhão, 7 de Fevereiro de 1840.

Luiz Alves de Lima.

CHRONICA MARANHENSE.

—No dia 7 do corrente tomou posse do governo da provincia, o novo presidente, o exm.^o senhor Luiz Alves de Lima, assistindo a esse acto um luso e numeroso concurso. No mesmo dia fez S. Exc. a proclamação que acabamos de transcrever. E' um documento importante, que encerra alguma coisa de positivo, alem das frases costumadas em circumstancias semelhantes.

S. Exc. assegura que passa a fazer os melhoramentos indispensaveis ao nosso exercito, e que quam breve o possa se collocar á sua frente. São necessidades urgentes e manifestas a todos. Nós esperamos que um novo ardor anime os nossos bravos, sendo substituido o sr. Sergio no commando por um official de intelligencia e coração; nós esperamos não ver mais paralisados os esforços de tantos dignos guerreiros, que por tantas vezes marcharam e contramarcharam sem saber a que fim. Quanto a reformas, muitas devem ser; para que tantas pretendidas brigadas, e batalhões, não contando aquellas ás vezes 300 homens, e estes nem 100? para que essas dispendiosas pagadorias e commissariados, se continuarem a produzir os mesmos fructos que até agora? os nossos soldados andam rotos e famintos, e a pessima qua-

lidade dos alimentos não tem concorrido pouco para que tantos tenham perecido, ou jazam enfermos. Haja vista os officios do sr. major Favilla a este respeito. Subretudo, produziria os melhores resultados em beneficio da fazenda um exame rigoroso sobre essas informes reuniões de paizanos, intitulados ou guardas nacionaes ou provisórios. Consta-nos que nas folhas apparece um numero de taes prugas, muito alem do verdadeiro, e que soffrendo os cidadãos mil vexames, e fazendo a nação encruas dispendios, quem vem ganhar são uns pretendidos legistas, que nunca faltam em taes occasiões.

O que significa ter o senhor Sergio requisitado que lhe fosse desta cidade o senhor José Sanches para commandar uma celebre cavallaria de Amajutula? por onde lhe contou que este empregado da fazenda fosse perito em semelhante arma! Ora basta de sinceritas. A proposito, lembra-nos agora que um Fuso Bugia, tenente-coronel arvorado no Moarim para eleições, teve a audacia de remetter ao governo, uma folha de vencimentos de cerca de trezentas prugas da guarda nacional, que dizia elle tinha em serviço; mas felizmente o sr. Manuel Felizardo (honra lhe seja feita) espantou-se de tal cifra, e respondeu ao digno tenente-coronel que bem podia fazer marchar certas pequenas paradas, como se lhe tinha ordenado, sem o que, taes folhas não seriam pagas.

Não é menos para notar o que diz S. Exa. acerca dos partidos que existem na provincia, cujos nomes até deseja ignorar. Isto é, o novo presidente não está disposto a se constituir chefe de um partido de facções, nem a expor os seus edios, o plano de vingança e engrandecimento; nem o chefe da provincia poder ter outra politica que não fosse a do chefe actual do imperio, o qual tem a imparcialidade pela primeira das virtudes de um governo, e a conciliação dos espiritos dissidentes, pelo maior dos beneficios que pode prestar; entendendo que o sistema que reparte a nação em duas facções inimigas, que dividida pela fúria do ferro da desconfiança e da suspeita, e priva assim o estado dos serviços dos seus melhores cidadãos, é um sistema de ranco implacavel e de exclusão, nas suas formas mais odiosas e iníquas; miseravel politica, que, em detrimento dos interesses gerosos, conduziria ao furor das reações! Assim o dá a crer algumas das nomenclaturas do actual gabinete, o assim se exprime o Despertador, que para por seu organo semi-official. Essa politica, é verdade, não agradaria a esse humilde intelectual, que ainda em Novembro ultimo escrevia para a corte, accusando o senhor Felizardo de pactuar com o crime, porque tractava com a mesma benevolencia os cidadãos de todos os partidos, em vez de perseguir a uma, e de avasalar-se inteiramente a influencia de outros; mas por pouco juizo que tinham esses homens, os perigos que ainda corre a provincia, e a mesma necessidade os aconselham a que se submettam, sem murmurar, ao menos por ora, ao tormento de ver o novo presidente, da mesma forma que o senhor Felizardo, mostrar-se por seus actos chefe da provincia, e não chefe de facção!

De resto a opinião publica da provincia, e do imperio todo, o governo imperial e os representantes da nação sabero apreciar devidamente os serviços do ex.º sr. senhor Lima, e de todos os bravos que concorrerem com elle na obra gloriosa da pacificação da provincia, se respeitando todas as opiniões, distribuindo justiça igual a todos, quaisquer que se-

sando severamente os dinheiros do estado, S. Exa. conduzir-nos brevemente a victoria, e por meio della a paz, como firmemente esperamos.

—Hontem [8 do corrente] propagou-se com rapidez por toda a cidade que havia sido surpreendido e derrotado pelos rebeldes o destacamento de S. Raimundo (alem da Vargem) ao mando do major Leal; outros, exagerando ainda mais o revex, pretendiam que fora o proprio commandante da brigada, o tenente-coronel Henriques, o que fora batido. Estas noticias haviam sido trasidas por um official, que viera expressamente para da-las ao governo. Ora pois, é tudo falso; chegaram a verdade, dois officiaes doentes, que saliram de Itapucuru-mirim no dia 6, mas não dão noticia, nem trouxeram participação alguma importante.

É certo que a dispersão das forças da Vargem, repartidas em tres destacamentos, por ordem do sr. Sergio, e quiçá contra o voto do Sr. Henriques, concorreram para tornar inevitavel o heito atterrador, mormente attendendo-se a que na Chapadilha existe um numero grupo rebelde.

—No dia 8 do corrente foi dispensado do cargo de secretario do governo, que exercia, o senhor doutor Atencio Francisco Peretti, e nomeado para o substituir o senhor doutor Domingos José Gonçalves de Magalhães. Desta feita os meus não ha-de o redactor da Revista e do Investigador amesgar o publico com insiduos apodas ao secretario dimitido. A Chronica de certo, o não imitará.

—O senhor tenente-coronel de engenheiros, Antonio Numa d'Aguiar, acompanhou a S. Exa. para servir na qualidade de seu ajudante, e secretario militar. Segundo informações de amigos nossos, da corte, é um official distincto pela sua instrução, bravura, e honradez.

—Vieram da corte 180 contos de reis, que é diminuta quantia para fazer face ás actues despesas da provincia. Mas asseguremos-nos que terão lugar novas remessas com regularidade por todos os vapores.

AVISOS.

—O abaixo assignado apenas tomou posse do lugar de Vice-Consul do S. M. Fidelissima nesta Provincia, tratao logo de examinar quaes eram os Emolumentos, que competiam ao dito Vice-Consulado, porque não ignorava elle, como o não ignora o publico Maranhense, quantas extorsões foram feitas por alguns, que naquella cargo o haviam precedido. Foi facil ao annunciante (pois que mais faz ouzou quer do que quem póde) achar quem lhe emprezassem um Regimento publicado no Rio de Janeiro, em que esses Emolumentos são regulados; Regimento que tambem daveria existir no Archivo; mas que com elle lhe não foi entregue. A respectiva Tabella foi publicada no n.º 19 do *Correio de Annuncios*, em 17 de Dezembro p. p., e por ella tem o abaixo assignado recebido os Emolumentos; e conveuido de que com justiça eram elles pagos em prata aos seus antecessores, cobrados na mesma especie, dirigindo-se todavia aos Consules do Pará, Pernambuco, Bahia, e Rio de Janeiro, pedindo que lhe dicessem não só se aquella Tabella era a porque elles se regulavam; mas qual era a especie em que elles existiam ditos emolumentos. Do Pará teve-se resposta com promessa de vir em outra occasião a Tabella, que não chegou ainda. Hoje porém recebeu o annunciante um officio de Pernambuco, no qual o Consul ali Joaquim Baptista Moreira, em data de 11 de Janeiro, lhe diz o seguinte: "A Tabella dos Emolumentos, que V. S. me pede, e

nenhuma alteração, aquella porque se regulam todos os Consules Portuguezes estabelecidos neste Imperio, e que foi dada com o Regimento Provisorio, a qual deve existir nesse Consulado annexa ao mesmo, e que por minha via foi dirigido ao fallecido Vice-Consul João José de Almeida Junior, enviada do Rio de Janeiro pelo Consul Geral naquella epocha João Baptista Moreira. E' bem de presumir que um tão importante documento não fosse desmarchado do Archivo desse Consulado, e por isso nelle encontrará V. S. a Tabella que deseja, e porque me regulos; sendo neste Consulado, os Emolumentos de que a mesma faz menção recebidos em moeda legal deste Imperio, e o mesmo me consta se pratica no Rio de Janeiro, Bahia, Parahiba, e Ceará." A esta publicação tem o annunciante a juntar, que está prompto como lhe cumpre a fazer o descreto, restituindo a prata que recebeu pelo papel-moeda que lhe foi devido; e que em papel-moeda serão d'ora avante recebidos os Emolumentos do Consulado de Portugal nesta Provincia.

Maranhão 5 de Fevereiro de 1840.

José Gonçalves Franco.

—O abaixo assignado liz publico, que tendo promovido em Caxias no anno de 1827 uma execução contra o casal dos finados João José Pinheiro Homem e sua mulher D. Joaquina Maria d'Almeida, por parte de seu sogro Cactano Francisco Pinheiro de quem é procurador nesta Provincia, e tendo penhorados aquelle casal varios escravos por conta da mesma execução veio a faltar para preencher a divida a quantia de 3:328\$420, pelo que os herdeiros do referido casal José Joaquim Ribeiro e Francisco Ignacio de Brito, d'acordo com o Coronel João Paulo Dias Carneiro Tutor da Orfã Benedicta, concordaram com o annunciante em receber uma ditta de terras denominada —Estrella— para pagamento daquella quantia de que se passaria as diversas clarezas, que fôrto juntas aos autos da execução: Como visse o annunciante que semelhante documento não era sufficiente para dar a seu constituinte o titulo competente de posse daquellas terras, requereu perora nella, o que se fez ficando-lhe por isso, adjudicadas pela referida quantia em ração de uso haverem outros bens. Acontece que passados annos depois d'aquella pinhora, Antonio Joze de Couto Pinheiro Mulungueta (chefe de rebeldes) se chamasse a posse das mesmas terras sem titulo algum fazendo venda de parte dellas a Ignacio Pires; e como chegasse ao conhecimento do annunciante semelhante procedimento, dirigio-se em Agosto de 1838 ao mesmo Pires por meio de huma carta fazendo-lhe ver que de maneira alguma podia fazer aquella compra, e que se a não deslisesse quanto antes o responsabilava por todos os danos, que causasse ás mesmas terras assustado com este aviso fies o mesmo Pires venda simulado da parte que havia comprada a D. Anna Rosa de Jezus e José Mariano de Queirós, a respeito do que fez o annunciante novos avisos sem que de nenhuma tivesse a menor resposta. Como agora se diz que depois que os rebeldes retomaram a infellicidade de Caxias alguns papéis fôrto furtados dos respectivos Cartorios, e outros queimados: o annunciante protesta não só provar o que acima diz, mas tambem haver o vendedor e compradores, todos os danos causados.

Maranhão 27 de Janeiro de 1840.

Hermenegildo da Costa Nunes.

MARANHÃO: IMPRESSO NA TYPOGRAFIA...

CHRONICA MARANHENSE.

VOL. II.

QUINTA-FEIRA 13 DE FEVEREIRO DE 1840.

N.º 212.

Assigna-se em casa do Redactor, rua do Egypto n.º 12, e na Fabrica de Chapcos de Vidigal Irmão & C., rua Grande: preço por trimestre 3\$000, por semestre 5\$500, e por anno 10\$000 reis, pagos adiantados. As folhas avulsas vendem-se a 160 reis na sobredita Fabrica, e os acisos imprimem-se a 60 reis por linha, mas os dos assignantes, gratuitamente, com tanto que não excedam a 20 linhas.

MARANHÃO: IMPRESSO NA TYP. IMPARCIAL MARANHENSE. ANNO DE 1840.

RIO DE JANEIRO.

A POLITICA PARA COM A PROVINCIA DE S. PEDRO DO SUL.

Pouco a pouco se vai levantando hum rumor contra a politica das autoridades no Rio Grande do Sul; e já uma folha desta Corte, com os rodeios e precauções com que ella costuma a tocar as questões a principio, tem mostrado saudades do tempo da politica de terror, com o qual se pertendia levar á escala todos e a tudo, e não contemporisar com pessoa alguma. Nós porém, que estamos persuadidos que tal methodo nada aproveitou, e que antes alienou muitos espiritos, que naquella provincia se hão passando para as filas da legalidade, sentimo-nos obrigados a dizer alguma coisa nesta materia.

Parceceu-nos sempre que, se quando arrebatou a sedição primeira de Porto Alegre, o Governo empregasse todo o vigor e energia, com effeito o negocio não teria chegado aos extremos a que chegou, mas (para sermos justos) diremos que, se por hum parte o ministerio de então teve culpa em não apurar todos os meios que tinha á sua disposição, por outra parte a Assemblia Geral, negando tudo, desconfiando de tudo, e espaçando tudo, concorreu poderosamente para o incremento do mal. Entretanto, o passado já lá vai; só nos toca aproveitar o presente, e prevenir o futuro. Ninguém pode negar que nunca foi mais lisongeiro o estado da questão do Rio Grande, como no tempo do Sr. Araújo Ribeiro; e, se bem muitos affirmem que aquelle Presidente levou o systema de brandura a um ponto excessivo, he certo que o systema opposto produziu a deserção de Bento Manoel, e desde essa fatal epocha todo tem hido de mal a peor. O Sr. Eliziario, fiel executor da politica do medo, só nos ganhou derrotas, como bem disse hum dos nossos oradores; e a condescendencia illimitada que esse General ostentou com os legalistas exaltados (em todos os partidos os ha) animou o roubo e o peculato, a ponto de se tolerarem os maiores escandalos, só para se não offender o melindre de taes legalistas. Ouvimos até na camara dos deputados, quando o ministerio anterior mandou que se restituíssem hums dinheiros mal pagos, hum ex-ministro exclamar que tudo lha perdido; que essa medida lha desanimar a legalidade! Como se he legalidade aquella que negocia com as desgraças da Patria, e nos cava ainda com maior profundidade o abismo das finanças, mais capaz de sorver a nação, do que a propria hedionda anarquia!

O presidente actual, o muito zeloso e fiscal Inspector da Alfandega do Rio de Janeiro, cuja habilidade e honra estão fora de toda a duvida, tem seguido, no nosso humilde conceito, hum vereda acertada, nem afugando os pertinazes inimigos da ordem, nem fechando a porta á toda a esperança de perdão e de reconciliação; e por outra parte, vai cortando pelas enormes ladrocinhas que, sob a capa de legalistas, hão pondo em pratica homens, que com tal modo de obrar são tam prejudiciaes ao Brasil, como os seus maos filhos que o dilacerão tanto no sul como no norte. Ha quem não goste deste proceder, e o attribua á fiel execução do plano do Sr. Candido Baptista; ora, se este cidadão he quem tornou a adoptar o systema de conciliação, e o prescreveu, quando Ministro d'Estado, ao Sr. Saturnino de Souza e Oliveira, esta sua politica em certo modo compensa alguns dos maos passos de que em seu ministerio não se soube tirar com dignidade, e lha devemos por isso perdoar alguns peccados vellos. O que he de notar, he que no Rio de Janeiro a imprensa retratada, de mãos dadas com a vil imprensa de Fructo Rivera, tratam de molestar o Sr. Candido Baptista por não querer para sua provincia natal hum systema de terror e de sangue, que por experiencia não tinha surtido os melhores effeitos. Fructo Rivera e certos dos nossos homens d'Estado lá se entendem humderrão a ganhar a Rivera; este, em retribuição, suspira por elles, e pelo bom tempo em que lha encherão a bolça, e clama em seus papeis contra todos que não lha quizerão dar dinheiro. Mas deve-se reflectir que o Presidente do Rio Grande do Sul não quer o systema de conciliação sem o emprego da força; quer sim força que contenha em respeito os rebeldes, e que os bata, mas busca trazer ao seio da patria os que se arrependem; pois não he possível punir taes ancha multidão de rebeldes, hum vez que larguem as armas.

Pelo que toca á insinuação de mandar o Sr. General Andreas para o Rio Grande, diremos que será a moeda do obediente, honrado, valente e experimentado General Manoel Jorge Rodrigues aplacar sempre as vias por onde o Sr. General Andreas entre ao depois triumphante; já no Pará o Sr. Manoel Jorge, a despeito dos fracos meios que teve á sua disposição, foi quem sustentou a causa da legalidade com os dignos Ecclesiasticos Prudencio e Brito Sanches; e o Sr. Andreas foi ao depois castigar os rebeldes, e colher os louros da victoria; resta agora que, indo as coisas no Rio Grande a tomar melhor face, com a prudencia

e moderação do Presidente, Commandante das Armas, e o da esquadra, se mande o Sr. Andreas com o seu systema duro, mal cabido nas circunstancias daquella Provincia. O Sr. Andreas está fazendo muito bons serviços em lugar onde a ruína ainda não tem lavrado de sobejo, e onde o systema de rigor não pode envolver muita gente na desgraça; mas no Rio Grande, onde a maior parte da provincia está comprometida, seria impraticavel essa crueza e rigidez que tanto se gaba no Sr. Andreas.

Para prova de que o Sr. Saturnino de Souza e Oliveira não adopta hum systema de moleza e froxidão, e sim o de vigor temperado com o espirito de conciliação, aqui damos o extracto de hum carta do Rio Grande em data de 10 do ultimo Novembro.

EXTRACTO DE HUMA CARTA DO RIO GRANDE.

" Vim com o Presidente ao Rio Grande visitar todos os acampamentos das nossas tropas. O Presidente, o General e o Greenfell lhas passarão revista, ficando no acampamento mais distante a 14 legoas daqui. Satisfizeram-se muito com a nossa cavallaria, a qual, reunida á que trouxe Calderon, sobe de 2,000 homens, e entre estes, perto de 800 lanceiros, Indios, de que muito gostarão as autoridades. A cavallaria ainda não está de toda prompta, porém com mais hum mez de invernação ficará capaz; e então teremos quatro cavallos por praça, pois vai chegando a que o Presidente mandou comprar na fronteira e no Estado Oriental: assim, creio que por todo o mez de Dezembro abriremos a campanha com hum esolama de 4,000 homens das tres armadas, ficando gente sufficiente para a defesa dos tres pontos que occupamos. A politica conciliatoria tem sido muito vantajosa para diminuir as forças do inimigo, animar as deserções para os nossos, e ganhar alguns cheles; o Presidente, que a emprega, e com muita habilidade, está com tudo persuadido que só ella, sem hum força respeitavel na campanha, não produziria hum resultado completo; e em consequencia, de accordo e em grande harmonia com o General, trabalha para que a nossa força se mantenha em bom pé e se faça temer. As vantagens que temos conseguido são de feliz agouro, mas precisamos de maior força para animar ainda mais os legalistas, e assegurar os rebeldes que desejão passar para o nosso exercito. Muita gente ali deo a causa quasi por concluida com a retirada do Bento Manoel; porém

engano-se: ella deo-nos muita vantagem, pois com elle já se retirarão outros chefes; mas isso não dispensa o emprego do maior numero possível de força armada, para que outros vão fazendo o mesmo, enfraquecendo-se os rebeldes por todos os lados: Bento Manoel está de todo retirado, e no Estado Oriental. Nos acampamentos o Presidente, o General e o Greenfell receberam todas as demonstrações de estima, e grandes obsequios; e todos mostrão grande enthusiasmo por entrarem já em operações; mas he preciso saber com segurança para não voltarmos atraz: a ultima sahida da columna de... fez-nos grave damno, porque teve de voltar em pouco tempo, sem outro resultado que perderem-se para mais de 1,000 cavallos, e a força moral; o que fez grande brecha na reputação de... a quem aqui muito crimino e achincalhão por essa bravata sem hum fim e sem proveito algum. Todos os chefes da cavallaria nos disserão á hum voz que querião sair, mas de modo que não fossem obrigados a retroceder, como o fizeram aquelles; por isso he forçoso esperar hum mez para sair a columna, forte, segura e prompta de tudo, e com cavallaria bastante a hir a qualquer parte com marchas forçadas, quando fosse necessario. O Presidente he incansavel, já dando providencias e tomando acertadas medidas, já empregando a conciliação, e fazendo... já enfim zurrindo os ladroes, que estão engordando nesta pipincira, e porisso tinham interesse em prolongar a guerra. Esta infame gente bem vontade tem de o intrigar, mas por ora só o fazem surdamente, sem acharem apoio; porque os golpes que lhes deo o Presidente forão seguros e justificados. Grande erro foi não se sustentarem as primeiras amnistias; bem ou mal, estavam dadas, e cumpria sustentá-las, e não perseguir os amnistiados, como se fez: isso tornou os rebeldes desconfiados, e muito tem custado ao Presidente persuadi-los da boa fé e moderação que o dirige; mas vão acreditando, e muitos delles se vão passando para nós, e o bom tratamento que se lhes presta tem conseguido chamar outros e enfraquecer cada vez mais as fileiras rebeldes, &c."

A vista desta carta não sabemos como se possa affirmar que o Presidente do Rio Grande do Sul quer a conciliação sem o emprego da força. O certo, he que suas intrigas surdas só podem vir dos ladroes, a quem elle com justiça tem perseguido; e ladroes, por fatalidade, sempre encontram padrinhos, ou por serem esses padrinhos do mesmo officio, ou por conhecerem aquelles de modo e maneira de atrahirem a falsa piedade de muitos.

(Da Liga Americana.)

MARANHAO.

Artigos Officiaes.

—Ilm. e Exm. Sr.—Tenho a honra de levar a presença de V. Exc. a copia da parte que me remetteo o Capitão commandante do destacamento de Miritiba, pedendo V. Exc. por ella conhecer os acontecimentos do dia 2 do corrente. Continuo a ter a gloria de participar a V. Exc. que a força sob meu commando a-

inda não atacou ponto algum rebelde, que deixasse de sair victoriosa, assegurando que, pode V. Exc. contar sempre, mesmo em as occasiões mais arrisçadas, com o completo aniquilamento dos malvados, attendendo a bravura dos officiaes, e mais praças que me tocarão por companheiros de armas. Deos Guarde a V. Exc. Maranhão em 10 de Fevereiro de 1840.—Ilm. e Exm. Sr. Luiz Alves de Lima, Presidente, e Commandante das Armas desta Provincia.—Luiz Antonio Favilla, Tenente Coronel commandante das forças do Muny.

—Ilm. Sr.—Tendo o Major Baptista de acossar com a expedição sob o seu commando, a grande porção da rebeldes que se achão ainda acantonados em diferentes pontos enjos em grossas partidas interceptão toda a communicação dos campos, de toda utilidade julgamos bater o ponto da rampa, fazendo seguir para ali no dia 2 uma partida commandada pelo Capitão Gralhada, e composta de 100 praças pertencentes a expedição, e 50 das do meu commando. Sou informado que esta partida bateo-se com valentia, e bem cumprirão seus deveres os officiaes que commandarão as divisões, sobre sahirão em valor o commandante da companhia de guerrilhas Demônio José Ayres, e o Alferes Luiz José Moreira muito se distinguio; os nossos braves levarão de roço os rebeldes até as margens do rio Mapary, d'onde sob divididos se debandarão; forão arrasadas suas fortificações, e desaparecerão em breves chamas as cabanas do seu coito. A perca da força que pertence ao meu commando foi de um Cabo, pertencente ao Batalhão destacado, e de um Soldado do corpo expedicionario do Pará; supõe-se que os rebeldes tiveram grande perca porque no lugar da acção sobre o poimento da terra se observou sangue em quantidade. Communiquei a V. S. em meu officio do 1.º do corrente que se devia apresentar 2 rebeldes, assim aconteceu, sendo um destes Manoel Cypriano, bem conhecido por seus feitos nas fileiras rebeldes, onde se fazia conhecer como capitão, é filho este de um dos chefes de nome Matroá; é este mesmo que me assegura estarem divergentes os influentes que outrora figuravão como primeiros chefes; disse-me mais que haverião 20 dias que tinha vindo da Chapadilha, onde se acha Raimundo Gomes, com diminuta força, achando-se já cercado pelas nossas tropas em Barro Vermelho; assevera mais que veio em companhia do chefe Malaquias, e que este trouxera 120 homens para o Priá, e que elle esperava 200 e tantos negros. Finalmente posso assegurar-lhe que a acertada medida tomada pelo Major Baptista, que em meu soccorro veio (bem a tempo) foi a que poz termo ao desabrido desenfio dos grupos rebeldes que ainda ouzão com a audacia resistir as tropas legaes, como aqui os tem feito. O ponto do Priá, e suas margens são occupadas por uma força dos rebeldes, e não pequena; e por isso eu e elle muito nos interessamos em debellala, para cujo fim devemos por em acção a povoação no dia 6, e haremos ambos partilhar com os nossos bravos, a sorte que a campanha destina aos Militares. Deos Guarde a V. S. Quartel do commando militar em Miritiba 4 de Fevereiro de 1840.—Ilm. Sr. Luiz Antonio Favilla, commandante da 1.ª Brigada.—João Luiz de Castro da Gama, Capitão e commandante militar.

CHRONICA MARANHENSE.

—Em o nosso n.º 210 publicamos a promoção que teve lugar no dia 2 do Desembo do anno passado, para o setimo batalhão de caçadores, pertencente a esta provincia. É lástima que em occasiões semelhantes se vejam tantas injustiças, e tam bem fundados queixumes rompam de toda a parte, quando só se deveria ver o merecimento exaltado, e os longos serviços recompensados! Parece que se quiz de proposito justificar as previsões dos oradores e jornalistas independentes, que quando o governo pedio o arbitrio de promover por serviços relevantes, logo assignalaram os numerosos abusos que se haviam de praticar. Não queremos com isto diser que alguns dos promovidos não merecessem sê-lo, pelo contrario nós applaudimos as recompensas justas, como bem depressa se verá, deendo-nos somente que tantos, tam benemeritos e antigos servidores fossem preteridos por afillados de um dia.

Entre os vinte oito nomes que contém a lista dos promovidos, contam-se cinco de officiaes que vieram nos mesmos postos que já tinham; restam vinte e tres, dos quaes dize-se são de outras provincias, e onze apenas desta! Não permita Deos que por nenhum caso excitemos essas apocadas e perniciosas rivalidades, de provincia a provincia, nós que tanto reprovamos e combatemos as intrigas que na nossa se teceram entre comarcas, figurando-se perdidamente a preponderancia da de Alcantara; mas não é para causar extranheza que a maioria dos officiaes d'um corpo do Maranhão seja composta de individuos extranhos a elle? não é para extranhar que os senhores Baptista e Mello, e Torres, que ainda não tiveram occasião de distinguir-se, ao menos nesta provincia, onde estiveram enfermos por muito tempo, fossem promovidos, e ficassem no esquecimento os srs. Cotrim, Fortunato, Carmo, Cunhas, Santana, Simão, Silva e outros que contam tantos annos de serviço, e os senhores Antonio Raimundo e Lupercio, que combateram em S. Miguel, na Vargem, e no Coroaú, e foram mencionados com distincção nas ordens do dia?

Ainda mais. O sr. Sodré é um cidadão que tem prestado serviços nesta guerra, e foi ferido quando no Icatú, em 7 de Novembro obtivemos uma vantagem assignalada, e no entanto só tem uma patente de commissão; o cadete Campos é um moço de talento, fez uma campanha, e esteve mortal das feridas que recebeu no ataque das Azeas, e continua a ser cadete como era ha quatro annos; e no entanto outros que não sabiram ainda da secretaria militar, e o cadete Carvalho que apenas com 6 mezes de praça havia ja sido elevado a alferes de commissão, veio agora confirmado em alferes de 1.ª linha, posto que o seu nome ainda não apparecesse uma só vez nas ordens do dia! (*)

(*) O sr. major Carvalho, pae deste cadete, dizem-nos que veio restituído ao posto de que fora esbaltado em 1831. Na qualidade de secretario do governo, em 1837, tivemos occasião de examinar os documentos desse senhor, e de redigir uma informação favoravel ao seu requerimento. Tam justo foi o governo a seu respeito, como injusto e parcial na graça que fez a seu filho.

O sr. Sampaio, do Ceará, que já fora promovido a alferes, veio agora feito tenente; e o unico militar que na guerra do Maranhão tenha conseguido dois postos! Acaso terá elle mais serviços que outros que apenas alcançaram um, ou ainda nem um? Os serviços do major Falcão são inferiores? São inferiores os do alferes Amaral, que já por tres vezes foi ferido, recebendo no ataque das Areas trinta grãos de chumbo, e uma balla na mão direita, que ficou algum tanto deficiente? São inferiores os serviços do sr. S. Paio, não o duvidamos; mas não sabemos que elle sirva o estado ha 25 annos, nem que por tres vezes tenha vertido o seu sangue nos combates, sendo em alguns dos que entrou foi bem infeliz.

Não foi menor a surpresa que causou o saber-se que o senhor major Falcão não fora contemplado na organização do batalhão, sendo preferido pelo sr. Pavilla, que é maior mais moderno; não que desconheçamos o direito que este senhor tinha a ser promovido, attentos os seus serviços prestados nesta provincia, e em varias campanhas do sul, mas os premios devidos a uns, não deviam importar o esquecimento de outros. O senhor Falcão bateu por varias vezes o inimigo, fez marchas admiráveis no maior rigor do inverno, e ainda agora está padecendo de molestias adquiridas no serviço.

Entre os premendos com justiça notamos o senhor ajudante Falcão, proposto para o mesmo posto desde 1830, o senhor Quinhones, gravemente ferido nas visinhanças da Vargem, e em um ataque onde o inimigo foi repellido, e o senhor tenente-coronel Henriques, antigo e honrado official, a cuja bravura e pericia devemos principalmente as victorias da Vargem e Boa-Vista. Mas visto que no nosso batalhão entraram tantos officiaes do Ceará, e d'outras provincias, porque razão foi esquecido o bravo tenente Cabral, que sem duvida tinha mais titulos á gratidão dos Maranhenses do que alguns outros nomes bem obscuros?

Temos ditos assas sobre esta ingrata materia, que aliás nunca desejariamos tractar. Se algumas reflexões lançamos neste papel sobre as injustiças que se fizeram, ao menos não empregamos virulentas declamações, e nem se quer soltamos uma palavra contra quem promoveu, ou pelo menos não tractou de evitar com as suas informações, tão escandalosas preterições. Até nos esquecemos do sr. João Paulo de Miranda, que foi promovido a capitão, apesar de ainda se não haver justificado da perda de Caxias, e do seu procedimento, pelo menos bem equivoco, nos ataques de Pirangi, e Igarassu. Apesar de tudo, estamos reccosos do *Amigo do País* que não quer que nem as camaras, nem os jornalistas boquejem sobre coisa alguma, e está planejando a remoção desses estorvos (camaras e jornales) para ir tudo ás mil maravilhas.

O Senhor Francisco de Salles Nunes Cascaes que ha tempos descansava do laborioso encargo, de responsavel do Investigador, (escripto pelo senhor Sotero) que por dois annos susteve em seus robustos hombros, apparece agora de novo no tablado, não só tecendo verso e prosa em louvor das magicas habilidades de Mr. Ryan, mas ainda do illustre deputado, o padre doutor Antonio Bernardo. Que magico estupendo! exclama elle agora. Que representante desinteressado o

maguaninio! grita depois, e tudo porque Mr. Ryan cospe as ballas que lhe atiram, e o senhor padre doutor, dizem, recusa o beneficio de conego da capella imperial com que o governo agradecido lhe acenara.

Até aqui não ha nada que tachar no procedimento do illustre redactor do Recreio dos Maranhenses (empreza sublime, que tem mettido no escuro a dos Pannamas, Museus, e Arquivos;) a explosão do seu ingenho entusiastico e admiração pelas virtudes conhecidas do padre doutor, pode ate dar materia para innocentes entretenimentos. Mas não acontece, assim com o resto da sua carta, publicada no n.º 14 da Revista; quer o bom e predilecto amigo do sr. padre doutor que em uma das Chronicas passadas tivessimo dito que o respeitavel presbytero almejava ser conego da capella, mas que não podera saber com seu intento, apesar do quanto nisso trabalhara, e respondendo agora o sr. Cascaes com o facto citado, brada aqui d'elrei contra o atrabilhario, o preverso, o ingrato redactor da Chronica, que assim calunhia o seu antigo protector! Dóramos, cahimos das nuvens quando tal lemos! O senhor padre Antonio nosso protector! cuida o sr. Cascaes que todos nós costumamos receber guirlandas e molinduras em paga de tal ou tal artigo deslavado, ou para solver dividas de imprensa? ja nos viu andar de porta em porta tirando subscrições para comprar typographias? ou consta-lhe que o respeitavel representante nos arranhou lá pela corte algum empreguito de amanuense? Fique por uma vez na intelligencia de que temos, sim, muitos amigos, a quem devemos grandes finezas, mas ate agora, graças á providencia, ainda não precisamos do amparo de protectores, na verdadeira accepção do termo. Ora do senhor padre Antonio, salvo alguns copos d'agua, nada mais recebemos em tempo algum.

Quanto a asserção da Chronica, ainda é pouco exacto o protegido do padre mestre. O que dissemos é que Sua Reverendissima sollicitara o logar de *monsenhor*, não o de conego, que lhe é inferior, e quiz Deus ou o acaso simplesmente que o deputado Hermeto lio prometteu mesmo na occasião em que o desinteressado representante votava a favor do credito de 6500 contos. Mas o sr. Ramiro, ministro da justiça faltou. Grande enluto e arrufamento da parte do padre doutor! Depois, em 2 de Dezembro, para aplacá-lo e chamá-lo á razão, despacho de conego para a capella imperial. Cumpramos todavia advertir que esse despacho não appareceu nos jornaes como tantos outros, e se alguma coisa houve, não passou de offerecimento particular, particularmente regeitado. Louve-se no entanto a humildade e modestia com que aquelle varão verdadeiramente apostolico deu noticia do caso ao redactor do Instincto.

Como quer que seja, é tal a reputação do sr. padre doutor que em diferentes pontos do imperio, a contenda de legos de distancia, apparecem vates que em prosa e verso, o compensam dos juizes temerarios dos seus invejosos detractores. O joven Ignacio Joze Ferreira, que aqui era conhecido pelo nome de padre Ignacio, ou, *Afilhado de todos*, e foi tyrannicamente recrutado para gruniete pelo sr. Camargo, dedica ao Reverendissimo um soneto, publicado no Despertador n.º 505. Como parece inspirado pelo proprio Deus do Parnaso, e ao-

bro tudo a epigraphie quadre bem ao assumpto, não podemos vencer a tentação de publicá-lo, lembrando ao sr. Cascaes que não será mau aproveitá-lo para o seu Recreio. Ei-lo:

—Pede-se-nos a inserção do seguinte soneto, que publicamos tal e qual.

Pela occasião da nomiçãõ de Conego para Capella Imperial, o Deputado pela minha provincia, do Maranhão, Rm. Sr. D. Antonio Bernardo da Encarnação e Silva; graças e louvores sejam dados o Regente, em Nome do Imperador o Sr. D. Pedro 2.º

SONETO.

Plaisirs champêtres et tranquilles
Sous vous êtes les vrais plaisirs.
CHESSE.

O Sagrado Orador do Maranhão a gloria, Honra dos Maranhenses, que teregerão; Embora a inveja escurecer desejo Teu nome escripto na Brazilia historia.

Tu vivo estás no alcançar da memoria; So dos Caxienses, o nome te protege; Por tanto a furia seus ardis manege, Qu'então maior será tua victoria.

Pythagoras talvez razões achasse, Para provar a idéa que tivera S'inda no Mundo por fortuna andasse,

Pois a ouviste fallar, firme dissera; (Se bem que no teu corpo mais ganhasse) Que a tua alma a de Cicero só era.

O Maranhense que hoje é muito obrigado o R.º P.º Mestre
Ignacio Joze Ferreira.

Noticias.

—As de Miritiba colhem-se em parte das participações transcriptas na parte official. O numero dos rebeldes, e dos pretos insurreccionados, é assaz crescido naquelle ponto. Em consequencia do que partiram no dia 11, 360 praças, das que vieram do Rio, e de varios contingentes que aqui existiam, commandadas pelo capitão Luiz José Ferreira. O tenente-coronel Pavilla que aqui se achava ha dias tambem partiu. Esta força parece que se destina a operar de accordo com a que já se acha no Icatú e Miritiba para bater os rebeldes que cercam este ultimo ponto.

—No dia 23 de Janeiro entrou a força legal, composta de 500 praças, nas ruínas de Caxias. Consta-nos que o sr. Sergio participara que os rebeldes, em numero de menos de 300, fizeram resistencia por uma hora, e perderam dois mortos, sem que dos nossos fosse um só individuo offendido; mas em geral, as cartas que se receberam, dizem que nenhuma resistencia houve, e que apenas uma partida que foi adiante do grosso da nossa tropa, encontrou os inimigos já em retirada, e matou-lhes dois homens. Consta-nos mais que o sr. Sergio pretende que os rebeldes que fugiram estão fazendo disposições para o cercarem, com o que está de animo a não avançar, até porque a gente que tem lhe parece pouca para guarnecer uma cidade tamanha como Caxias.

Assevera-se que uma partida de le-

galistas, no mando do tenente-coronel Francisco Dias Carneiro, avançara até o lugar do Monteiro, onde aprisionara alguns rebeldes.

Preços correntes dos generos na praça em 13 de Fevereiro de 1849.

IMPORTAÇÃO.

Aço de Milão...	12\$000 a	15\$000 qtl.
Agoardente de es-		
treito 33 gr.	\$	não ha garr.
De Portugal...	14\$000 a	16\$000 frang.
De França...		não ha garr.
Pernamb de 22 gr.	55\$000 a	60\$000 pipa.
Aniz garrafão...	5\$000 a	5\$500 garr.
Azeite doce do es-		
treito...		não ha barr.
De Portugal...	35\$000 a	40\$300 gal.
De Peixe...	\$	a \$800 gal.
Azeitonas...	18\$000 a	18\$200 anc.
Assucar branco...	38\$100 a	38\$600 arr.
Mascavado...	28\$100 a	28\$200 "
Alfaceira roxa...	38\$200 a	48\$800 "
Archotes Portug.	55\$000 a	78\$000 daz.
Amarras de piar-		
saba...	28\$500 a	48\$000 polg.
Bacalhão...	13\$000 a	14\$000 arr.
Bezerros de		
França...	30\$000 a	35\$000 daz.
Brim da Rússia	16\$000 a	17\$000 ps.
Inglês...	9\$000 a	10\$000 "
Coffe em casca...	64\$400 a	78\$000 40 L.
descascado...	58\$800 a	68\$000 0.
Cera em velas...	18\$050 a	18\$100 L.
em pó...	8\$50 a	8\$900 "
Chá perola...	18\$600 a	18\$800 "
Hysen...	18\$000 a	18\$300 "
Cravo do Pará...	8\$400 a	8\$500 "
Cobre de ferro...	\$	a \$600 "
Cebola em velas...	8\$20 a	8\$240 "
Cominhos...	\$	a 5\$000 arr.
Chouricos...	118\$000 a	128\$000 "
Charutos...	28\$500 a	8\$000 milh.
Cabo Inglês...	20\$000 a	24\$000 qtl.
Catiro...	20\$000 a	24\$000 "
Chumbo em grão...	15\$000 a	16\$000 "
em pasta...	13\$500 a	14\$000 "
Chapéus finos de		
ceda...	2\$000 a	3\$500 hum.
ordinários de		
Braga...	\$450 a	\$550 "
Çapatos bezerro		
de Lisboa...	18\$100 a	18\$200 per.
de seda para S.	18\$200 a	18\$400 "
Cordão e dura-		
que...	\$740 a	18\$000 "
Carne secca de		
Sumaca...	\$	não ha boa arr.
Enchadas gran-		
des...	\$500 a	\$600 uma.
pequenas...	\$400 a	\$450 "
Erva doce...		não ha. arr.
Estridos...	\$480 a	\$500 par.
Espingardas La-		
zarias...	38\$500 a	48\$800 uma
Farinha Ameri-		
cana...	18\$000 a	20\$000 barr.
Inglês...		a 16\$000 "
P'amburgueza...	13\$000 a	14\$000 "
França...	16\$000 a	18\$000 "
Folha de Flandres	18\$500 a	20\$000 caixa
Ferro da Suécia...		a 10\$000 arr.
dito Inglês...	\$	a 7\$500 "
Fio' Porrete...	9\$000 a	10\$000 "
de vella...	\$400 a	\$300 L.
de çapateiro...	\$400 a	\$500 L.
Folhas de roça...	\$450 a	\$500 uma.
meia dita...	\$360 a	\$400 "
Fretos estanhados...	\$560 a	\$600 um.
Traduras de		
porta...	\$290 a	\$560 uma

de broca...	\$700 a	\$960 "
Pedras d'espina-		
garda...	\$800 a	18\$000 um.
Genebra...	5\$000 a	68\$000 garr.
botijas...	\$240 a	\$260 una.
Garrações empa-		
lhadas...	\$800 a	18\$000 hum.
Gangas Azues da		
India...	28\$900 a	38\$100 pess.
Amarelas...	\$900 a	18\$000 pess.
Guaraná...	\$	não ha bom um.
Licor saído de		
Lisboa em garr.	5\$000 a	58\$500 daz.
Linha de roiz...	2\$000 a	2\$400 mass.
Linhas surtidas...		a 1800 "
Louã da Rússia...		a 38\$000 pess.
Inglês...	18\$000 a	20\$000 "
Massas surtidas...		não ha L.
Machados de		
rosa...	400 a	500 hum.
de meia dita...	400 a	440 "
Manteiga Ingl.	400 a	460 L.
Prezuntas Porta-		
guaz...	9\$500 a	10\$000 arr.
Papel de peso...	2\$400 a	4\$000 resma
Amago 1 sorte...	3\$800 a	4\$000 "
dito de 2 e 3...	3\$000 a	3\$600 "
dito Branco...	2\$200 a	2\$400 "
dito Florido...	1\$800 a	2\$000 "
dito d'embrulho...	800 a	1\$000 "
dito marca grd.	1\$200 a	1\$400 "
Polos de Lisboa...	2\$400 a	2\$500 daz.
Passas...	3\$200 a	3\$600 caixa
Panno de Linho		
da febra...	500 a	560 vara.
dito de Talocaz...	400 a	450 "
Pregos de Caxer...		não ha milh.
de meia dita...		idem "
de ferro...		a 10\$000 "
de meio dito...		a 5\$000 "
de Botel...		a 3\$000 "
de meio dito...		a 2\$000 "
de Ripar...		a 1\$100 "
de Calbrar...	4\$500 a	5\$000 "
de Caxar...		a "
Pimentada India...	200 a	2\$00 L.
Polvora...	400 a	520 "
Queijos Flayca-		
gos...		não ha hum.
De vinha...	320 a	400 L.
Rapê Princeza		
de Lisboa...		5\$000 "
de Pernambuco...	1\$400 a	1\$600 "
Rollas surtidas...	750 a	800 milh.
Retroz...	7\$000 a	7\$500 L.
Sabão Inglês e		
Americano...	120 a	125 "
Hispanhol...		a "
Salsa parilha...		não ha arr.
Servija Inglês...	3\$200 a	4\$800 daz.
Françez...		não ha "
Spermaceti em		
velas...	570 a	\$800 L.
Sal de Portugal...		a alq.
Tamancos surti-		
dos...	320 a	400 par.
Tercados...	600 a	640 hum.
Tobuco em pó da		
Bahia...	280 a	320 L.
Tobuco de flandres	450 a	660 pé.
Toucinho de S...	3\$200 a	3\$400 arr.
de Portugal...	7\$000 a	7\$500 "
Tapioca do Pará...	1\$600 a	2\$000 "
Violas...	408 a	409 p. o. o. caiz.
Vinagre Portug.	50\$000 a	54\$000 pipa.
Vinho P. RR.		
Lisboa...	95\$000 a	100\$000 "
outras marcas...	90\$000 a	95\$000 "
Branco...	115\$000 a	120\$000 "
Porto...	90\$000 a	100\$000 "
Cette...	75\$000 a	80\$000 "
Barcelon...	70\$000 a	75\$000 "
Porto engarraf.	6\$320 a	6\$000 daz.

Muscadel...	4\$000 a	4\$200 "
Champagne...	14\$000 a	16\$000 "

EXPORTAÇÃO.

Alg. 1.ª qualid.	6\$400 a	6\$800 arr.
Serra...	5\$400 a	5\$800 "
Agoardente da		
terra...	60\$000 a	80\$000 pipa.
Arroz de vapor...	1\$650 a	1\$700 arr.
d'outras fabricas	1\$300 a	1\$400 "
em casca...	900 a	1\$200 alq.
Atanados...		a L.
Azeite de Carra-		
pato...	560 a	600 qrt.
Carne secca do		
Marim...	4\$000 a	5\$500 arr.
Acaraçú...		
Chifres de Boi...	2\$000 a	2\$200 cent.
Couroz salgados...	135 a	140 L.
Cabra curtidos...	160 a	200 um.
Farinha de Man-		
dioca...	1\$200 a	1\$280 alq.
Filão da terra...	1\$400 a	1\$600 "
Fumo de molho...	2\$400 a	4\$000 arr.
Fumo de corda...	2\$000 a	15\$000 arr.
Gengibre ama-		
rella...		a "
Gomina...	3\$600 a	4\$000 alq.
Grude de peixe L.	400 a	600 arr.
Milho...	1\$120 a	1\$200 alq.
Mel de cana da		
terra...	160 a	170 qrt.
Panno d'algodão		
largo...	27\$000 a	30\$000 roll.
estrito...	26\$000 a	28\$000 "
Sibão da terra...	3\$200 a	3\$400 arr.
Sal penneiro...	300 a	320 alq.
Tobacco de co-		
stado...	200 a	240 pal.
Bacori...	16\$000 a	20\$000 daz.
Cedra...	14\$000 a	16\$000 "
Louro...	10\$000 a	14\$000 "
Paperruba...	5\$000 a	5\$400 "
Vaquetas...	1\$600 a	1\$800 uma.

CAMBIOS.

Londres 30 a 30½ por 1000 reis.	
Portugal 80 por 85	
França 310 por franco.	
Rio de Janeiro 2 por o. o.	
— AGIO DE MOEDAS —	
Moedas de 6400...	14\$500 a 14\$800
Ditas de 4000...	7\$600 a 7\$800
Onças Hespanholas...	23\$600 a 26\$000
Ditas Mexicanas...	25\$400 a 25\$800
Soberanos...	7\$600 a 7\$800
Prata Brasileira...	61 a 66 por o. o.
Dita d'America Hes-	
panhola...	64 a 66 dito.
Pezos columnarios...	67 a 69 "
Cobre...	3 a 2 por o. o. de desconto.

AVISO.

— Os Administradores da Caza do fulecido Lourenço Antonio da Costa Ricardino, fazem sciente ao Publico, que no dia 5 do corrente mez de Fevereiro, foram publicados Editaes e pregões pela primeira vez, para ser arrematada a Botica do mesmo finado, eita no canto pequeno, a quem mais offerecer; o que deve verificar-se no dia 17 do corrente pelas 9 horas da manhã, e previne-se que a arrematação se fará á porta da mesma Botica como assim tem determinado o Illm. Sr. Doutor Juiz de Direito da 1.ª Vara do Civil desta Cidade. Maranhão 6 de Fevereiro de 1849.

Constantino de Mello Pereira.
Luiz Antonio Correia de Brito Telles.

Maranhão, Impresso na Typ. Imparcial
Maranhense. Anu de 1849.

CHRONICA MARANHENSE.

VOL. II.

DOMINGO 16 DE FEVEREIRO DE 1840.

N.º 213.

Assigna-se em casa do Redactor, rua do Egypto n.º 12, e na Fabrica de Chapéus de Vidigal Irmão & C., rua Grande: preço por trimestre 3\$000, por semestre 5\$500, e por anno 10\$000 reis, pagos adiantados. As folhas acedidas vendem-se a 100 reis na sobredita Fabrica, e os avisos imprimem-se a 60 reis por linha, mas os dos assignantes, gratuitamente, com tanto que não excedam a 20 linhas.

MARANHÃO: IMPRESSO NA TYP. IMPARCIAL MARANHENSE. ANNO DE 1840.

RIO DE JANEIRO.

DECRETO.

O regente, em nome do imperador o Senhor D. Pedro II.: Ha por bem convocar extraordinariamente a assembleia geral legislativa, para reunir-se no dia 1.º de Abril do corrente anno. Manuel Antonio Galvão, ministro e secretario d'estado dos negocios do imperio, assim o tenha entendido, e execute os despachos necessarios. Palacio do Rio de Janeiro em dez de Janeiro de mil oitocentos e quarenta, decimo nono da independencia e do imperio.—Pedro de Araujo Lima—Manuel Antonio Galvão.

Extractos de cartas escriptas do Maranhão e publicadas na corte.

Maranhão 14 de Novembro.

—O commandante das forças de certo não he o homem de que precisamos para acabar a guerra que assola esta provincia, porque com a força que tem á sua disposição, se tivesse habilidade e actividade precisa, muito poderia ter feito; entretanto sinto ter de fazer contra elle estas observações só porque a infame *Chronica* falla fortemente contra elle, não porque lhe não faça conta o modo por que tem procedido com os rebeldes, pois que ella e seus bons amigos cada vez estão mais firmes em seus negros planos de acabar com esta provincia, se tanto for preciso, para conseguirem seus damnados fins, mas por lhe não ser affecto e ter tomado a peito o mover certa intriga com o proposito de o fazer substituir por alguém a quem também intriga com o presidente, inutilizando-o de prestar seus serviços nas actuaes circunstancias.

As tropas do Piahy, com a morte do seu bravo commandante o major Clementino de Sousa Martins, ficaram estacionadas na margem do Parnahyba, e dellas nada mais consta. Não se verifica a noticia, que aqui ha tres dias se espalhou, talvez para ir neste vapor, de haverem as forças do Piahy retomado as ensanguentadas ruínas de Caxias, que por não receber daqui o mais insignificante auxilio tornou a ser victima do sanguinario Balsem, inutilizando-se por esta criminosa negligencia os esforços dos honrados legalistas, que á custa de grandiosos sacrificios a tinham restaurado, conservando-se de posse della mais de hum mez.

Dizem que no Brejo houve huma reacção feita pelo Valerio, e que ali se

acha á testa de huma força de rebeldes convertidos de perto de quinhentos homens. Se esta conversão he sincera, muito recio pela sua sorte, pois não sendo o dito Valerio socorrido pelas nossas tropas, he muito de suppor, terá a Villa de Brejo a sorte de Caxias em segunda tomada, se para ali, como he de esperar, se dirigirem as forças rebeldes.

Além de todos estes males também temos de lutar com o que nasce da falta de dinheiro; por que os cem contos que dali vierão não chegarão bem regrados para hum mez. Talvez quizesse o meu amigo saber a minha opinião sobre outras causas que possam ter concorrido para manter este estado de inação em que tem estado as nossas tropas; porém eu, com quanto muito desejo vê-las removidas, tenho resolvido, pela mais grave das circunstancias, guardar silencio a respeito. (Carta Particular.)

—15 de novembro.

As cousas vão por aqui sem esperanza de melhora. As vantagens que se tem obtido são todas de pouca ou nenhuma consequencia, e são parciais. Caxias achase de novo em poder dos rebeldes, o inverno á porta, e tudo muito atrasado. Acredite o meu amigo que tudo depende da cabeça: se tivermos tido hum administrador de vistas menos acanhadas, mais decidido e energico, os meios que temos na provincia teriam sido mais bem aproveitados. A politica mesquinha, antes fraqueza do Manoel Felizardo, o tem levado a contemporisar com os principaes autores das desgraças do Maranhão, isto he, a pactuar com o crime. Elle tem de mais a mais perellido toda a força moral: se manda marchar alguma batalhão de G. N., como aconteceu com o do Jansen, os gardas não vão lá, e ficam impunes; muitas autoridades subalternas não executão as suas ordens e ficam impunes!

Alguns dos facinorosos que entrãrão na revolta de Caxias, que até havião sido presos pelo sub-profeto da comarca, o Dr. Raymundo, passeiam livremente pelas ruas da cidade, e o presidente fecha os olhos e chaina-se á ignorancia! No Maranhão o presidente não he hum autoridade, mas hum nome.

Nós nos achamos n'uma collisãõ terrivel; não temos feito opposição manifesta, vamos moderando o espirito publico, que todos os dias se desenvolve contra elle, e que quasi já não pôde ser comprimido, receosos de perder totalmente as cousas nas criticas circunstancias em que está a provincia pela incerteza de ser elle mudado com os ministros que temos tido. Os pasquins que apparecem todos os dias

pelas esquinas contra o presidente são huma expressão do clamor publico mal suffocado.

Os anarchistas tratão agora de intrigar para a corte a ver se obtêm a demissão do Sergio, e a nomeação do Falcão para commandante das forças. O Sergio não he na verdade grande coisa, mas poderia ter feito mais, se o Manoel Felizardo lhe não tivesse tolhido os rios pela propriedade que tem de entorpecer a tudo quanto está com elle em contacto. A nomeação do Falcão seria hum calamidade nas actuaes circunstancias. (Idem.)

(Do Jornal do Commercio.)

RIO GRANDE.

Quartel do commando da guarnição em Porto Alegre 7 de Dezembro de 1839.

ORDEN DO DIA.

—O marechal de campo commandante da guarnição tendo levado ao conhecimento do Exm. Sr. presidente, o muito que convinha uma sortida a fim de surprehender a cavallada que os rebeldes tinham em um poteiro alem do passo do Bernabé proximo á Aldeia dos Anjos, e sendo esta approvada por S. Exc., forão dadas as ordens para que o Sr. major José Joaquim de Andrade Neves, com o esquadrão do seu commando, 12 praças do 3.º regimento de cavallaria de linha, e o batalhão 11 do mando do Sr. major Francisco Felix marchassem d'esta cidade ás 8 horas da noite do dia 5, seguindo na mesma occasião dois lanchões de guerra e duas barcas de cavallos para protegerem e darem passagem á força de terra no Gravatahy, onde passou a cavallaria commandada pelo Sr. major Neves, que apesar dos obstaculos que encontrou por causa de uma grande serração, e os encontros que ainda de noite teve com alguns paquetes dos rebeldes, contudo conseguiu tomar uma porção de cavallos em muito bom estado, em numero de 80, inclusive 3 bestas, 76 rezes, entre as quaes 16 bois mansos, e ao mesmo tempo dispersou todas as partidas rebeldes, que encontrou, as quaes, com o favor da noite, e da serração, poderão escapar-se pelos mattes, deixando cavallos com arreios a final foz a sua retirada sem a menor perda da nossa parte, quando aliás esta surpresa foi audaz, pois o Sr. major Neves marchou em um riuco sobre o grosso das forças rebeldes, e por entre suas fortes partidas, o que não servio de embaraço ao decampamento da sua commissão, a qual satisfez corajosamente, e com muito acerto, cujo ser-

viço o marechal em sua parte recomen-
dou aos Ex.^{as} Srs. presidente e general
em chefe. O marechal agradecendo ao
dito Sr. major seu brioso comportamento,
igualmente agradece ao Sr. major Fran-
cisco Felix a boa ordem que manteve
em toda a marcha e o bom combinado
apoio que deu, na margem do Gravatahy,
às operações de cavallaria; feitos estes,
que o marechal mencionou em sua parte
aos mesmos Ex.^{as} Srs. louvando muito
aos mais militares que saíram n'esta sur-
tida o seu bom comportamento.—*Thomas
José da Silva.*

Está conforme.—João Antonio Men-
des major da praça.

(Imperialista.)

Deserto, 26 de Dezembro de 1839.

Sabrá que as notícias que acabão
de chegar de Lages transmittirão todos
os planos. O brigadeiro Cunha, que par-
ticipara estar com uma força de 2000
homens, appareceu em Lages apenas com
150 e tantos; e com esta insignificante
força correu a reunir-se ao Candido Ala-
no, que tinha apenas uns 200 cavalleiros,
e andava guerrilhando na Vaccaria. Com
effeito reuniram-se no dia 14 do corrente,
porém n'esse mesmo dia foram inteiramen-
te desbaratados, junto ao registo de San-
ta Victoria, por mais de 700 farrapos do
mando de Canavaro e de um tal Aranha,
perdendo a vida o mesmo Cunha, e quasi
todos quantos o acompanhavam.

Os pobres Lageanos abandonarão lo-
go a villa de Lages, e com Cypriano se
retirarão para o Trombudo, tendo já a-
qui chegado alguns fugidos. Os farrapos
entrarão em Lages assolando tudo. Da
tal columna dos 2000 homens nada se
sabe, e tudo creio que são impetuosos
do louco e desgraçado Cunha. Agora
estão d'aqui marchando forças que An-
dréa manda em socorro dos Lageanos,
comandadas pelo Neves de S. José.

O Andréa não vai, nem quer ir para
o Rio Grande. (Carta particular.)

MARANHAO.

Ilm. e Exm. Sr.

Da fazenda Casével officiei a V.
Exc., e na marcha que fiz para a Limpe-
za, no dia 20 a guarda avançada comman-
dada pelo 1.º commandante do corpo
provisorio do Codó, Honório Pereira de
Burgos, achou no lugar Gerimam parte
da bagagem do rebelde Thomaz Ricardo
Lopes Amado, que mandei conduzir, e
depois de nomear uma commissão com-
posta do dito commandante Honório, do
sob prefeito Raimundo Alves da Cruz,
e do capitão Quadros, foram inventaria-
dos os roubos que estavam nos bahus, e
divididos proporcionalmente pelo solda-
dos. Chegados á Limpeza no dia 21 de-
pois de huma hora, uma partida de re-
belles commandados pelo Tempestade de-
rão tres tiros proximos ao acampamento
em um soldado que colhia gingippos: em
perseguição delles sahirão duas partidas
comandadas pelo Alferes Sampaio, e Co-
que, que os levarão a mais de legoa de
distancia. Uma partida sahida hoje até
á boca da Matta prendeu um rebelde,
dos que hontem vierão com o Tempestade,
e tomou tres armas. Consta que
esse mesmo Tempestade mandara matar
tres tuques que se vinhão apresentar, sem

tem feito alguns outros. Consta mais que
o preto Lamago, e outros diferentes che-
fes se achão na barra da Gameleirinha,
para onde pertendo amanhã marchar, e
creio que em menos de tres dias officiarci
a V. Exc. da cidade de Caxias.

O commissariado de Itapucurú-mirim
ficou sem nenhuma agoardente, e o mes-
mo succede por aqui, onde as sezoens tem
feito muitos doentes. Deos Guarde a V.
Exc. Quartel do commando das forças
expedicionarias no lugar da Limpeza 22
de janeiro de 1840. Ilm. e Exm. Sr.
Manoel Felizardo de Souza e Mello, pre-
sidente da provincia.—Francisco Sergio de
Oliveira tenente coronel commandante das
forças expedicionarias.

—Ilm. e Exm. Sr. — No dia 22 do
corrente escrevi a V. Exc. da povoação
da Limpeza, d'onde sahi na manhã de 23,
e descançando na fazenda Limociro dei a
entrada nesta cidade com a tropa, a meu
commando pelas 10 horas da manhã; pe-
quena foi a resistencia dos rebelles que
sustentaram um tiroteio que durou menos
de hora, no qual felizmente não tivemos
ninguém offendido, e dos rebelles apenas
dois mortos foram achados no morro da
Taboca onde estavam; dose prisioneiros,
e dois bacamartes, que a alguns destes
forão tomados. Para chegar a tão feliz
sucesso muito concorreu a boa disposição
do Capitão Ernesto Emiliano de Me-
deiros na collocação da força de d'usentos
homens que ao mando do Tenente Bas-
tos fez collocar na Trisidella; o Capitão
tent mostrado muita aptidão, coragem, e
desembaraço. Tanto das confissões d'al-
guns rebelles prisioneiros, como dos d'itos
de alguns legalistas hominados, sei que
os rebelles tencionão cercar-nos a força
d'elles que existia aqui montava no nu-
mero de trescentos, e erão commandados
pelo Lamago, Ruivo, Dionisio, Croá, e
Correia; e a nossa força com o corpo
Provisorio do Codó, não excede de qui-
nhentas praças que actualmente reputo
sufficiente para guarnecer esta
cidade que não é pequena, tendo tanto a
fazer com a Piaçaba, Iguaçu, e romper
as communicações com o Brejo e Pa-
nahila; ainda que esperanças alguns ap-
presentados vejo-me sem ter com que os
arme, e V. Exc. como muito interessado
na pacificação da Provincia, digno-se at-
tender aos meus reiterados pedidos acer-
ca de armamento. Não posso tractar d'al-
guns pormenores porque sepo o meu pri-
meiro gosto dar esta noticia a V. Exc.
interrumpo por um momento o meu de-
ver de cuidar do averiguções, no entan-
to que estou acudindo á defesa e policia
da cidade, pelo que fiz publicar o Ban-
do junto por copia. Deos Guarde muitos
anos a V. Exc. Quartel do commando
das Forças Expedicionarias na cidade
de Caxias 24 de Janeiro de 1840.—Ilm.
e Exm. Sr. Manoel Felizardo de Sou-
za e Mello, Presidente da Provincia.—
Francisco Sergio de Oliveira, Tenente
Coronel commandante das forças expedi-
cionarias.

Ordem do dia n. 30.

—O Ilm. Sr. Tenente Coronel Com-
mandante das Forças Expedicionarias—
ordena que no dia 1.º de Fevereiro se
acharão n'este Quartel todos os Srs. Fa-
cultativos para inspecção dos doentes. Os
Srs. Commandantes dos Corpos manda-
rão as praças inspecionadas acompanhadas
d'uma relação nominal.—Huma parti-
da commandada pelo Sr. Tenente Co-
ronel Francisco Dias Carneiro convergiu
debandar no dia 28 d'este mez a força

conclideravel dos rebelles, que sob o com-
mando do Ruivo tinha fugido d'esta Ci-
dade, e se achava reunida na Fazenda
Monteiro: os malvados perderão 18 mor-
tos, e deixarão 8 prisioneiros, 17 caval-
los, 3 Burras, 12 bois e toda a sua ba-
gagem, constante de bacatellas: e mais
consideravel foi para o inimigo essa der-
rota por ter perdido 2 dos seus officiaes
mortos, e um prisioneiro.—Dos nossos bra-
vos ficaram um soldado morto, e 16 fe-
ridos, sendo 9 levemente inclusive o Sr.
Tenente de Artilharia Jozé Alves Pinto
de Almeida, e 7 feridos gravemente.—
No dia de hontem o Sr. Alferes Anto-
nio Sampaio com a pequena partida com
que sahio a explorar as paragens do Ouro,
atacou os rebelles do Bacabal, e cau-
sou-lhes o prejuizo de 3 mortos, tres pri-
sioneiros.—O mesmo Ilm. Sr. Tenente
Coronel Commandante manda communi-
car ás Forças de seu Commando estes
felizes successos de nossas armas para
que partilhem do prazer que sente sem-
pre que as nossas Forças expedicionarias
se cobrem de louro na guerra, e para re-
conhecerem a justiça das seus agradeci-
mentos rendidos ao Sr. Tenente Coro-
nel Francisco Dias Carneiro, e Alferes
S. Paio, e assim ás mais praças que com
taes Commandantes também se distingui-
rão.—Assignado João Paulo de Miranda
Tenente Ajudante de Ordens—

CHRONICA MARANHENSE.

—Em o supplemento ao n.º 14 da Re-
vista, referindo-se a entrada das forças le-
gais em Caxias, não pôde o seu redac-
tor abster-se de revolver o cadaver da
quella lastimosa cidade, que é para elle
como a toga ensanguentada de Cesar, para
excitar as intrigas, as suspeitas, os odios, e
as divisões. Assim querendo mostrar a im-
portancia militar daquelle ponto, trouxe
muito logicamente o facto, alias calum-
nioso, de se haver ali lançado na revolta
quasi toda a opposição em Junho do anno
passado, como se, fora elle embora ver-
dadeiro, semelhante facto podesse ter hoje
a menor influencia na guerra que se faz
a salteadores e assassinos. Não é porém
isso que pretendemos agora examinar na
Revista, são os lauros que liberalism
ao sr. Sergio.

Os seus detractores (diz o contem-
poraneo) e os do sr. Ernesto, não po-
derão escurecer os seus serviços; abis-
tão as victorias do Coroadá, Codó, Bom
Jesus, Gannaré, Piaçaba, e Caxias!

Os detractores do senhor Sergio!
Quem é que escreven para a corte, dan-
do-lhe qualificações afrontosas? quem es-
creveu as duas cartas que ora transcre-
mos que tanto o maltracem, e que re-
velam bem a que opinião pertencem os
seus auctores, nas injurias que irrogam
á Chronica e aos seus amigos? Oh! o
redactor da Revista hade conhecer como
as palmas das suas mãos, sobre tudo o
estilo da segunda carta datada em 15
de Novembro. E pois que nos promet-
teu um artigo sobre a administração do
sr. Felizardo, em que lhe hade fazer
a justiça que lhe é devida, nessa car-
ta, que os seus amigos da corte tiveram
ainda a imprudencia de publicar, achará
materias abundantes para firmar o seu
imparcial juizo!

As victorias do sr. Ernesto! Certo,
a acreditar-mos as suas participações, to-
das as oito dias alcançava elle uma (desle-
que se pôe em marcha) e em cada uma

dellas, matava-se uma dúzia de rebeldes, e amarrava-se outra dúzia. Tanto nunca fizeram os senhores Falcão, e Henriques, supposto já do primeiro dissesse a Revista que era quem tinha cumprido com os seus deveres nestes ultimos tempos, e do segundo, que era quem mais entendia da guerra que se fazia no interior. Mas para que calla que essas intituladas victorias, amplificadas em ordens do dia, e só testemunhadas pelo sr. Ernesto e subalternos seus, a quem elle nunca falta com os louvores que tornam tudo solidario, para que calla que ellas tem sido alcançadas contra um inimigo inferior, de metade, em numero, sem munições, e sem armamento? Será necessario lembrar ao contemporaneo que nas Aréas, e na Vargem, o sr. Ernesto, não matou nem prendeu os rebeldes ás dúzias? Já se esquece de que na Boa-vista, em 19 de Novembro, tendo o bravo José Thomaz Henriques atacado o inimigo pela frente, o sr. Ernesto que lhe tomou a retaguarda, estando já elle em debandada, não pôde prender senão quatro extraviados? Pois não era uma bella occasião de fazer uma matança terrivel, e sem o trabalho de vencê-los, que já outros tinham feito? E porque o não fez? Seguramente porque havia ali muitas testemunhas, e o senhor Ernesto guarda as suas proezas para quando está só, ou no meio de intimos amigos.

A entrada do sr. Commandante das forças em Caxias! Verificou-se em fim, mas depois de quasi seis mezes de viagem. Ah e porque não teve lugar em Outubro, quando o chamavam os gritos de desesperação dos infelizes que então restauraram aquellas ruínas! Nesse tempo não havia mais difficuldades a superar na viagem, e ia-se ali encontrar uma força de 600 homens, que em pouco tempo duplicaria: quantas victimas se salvariam, quantos horrores se teriam evitados! Mas em quanto a morte devorava a sua presa, cruelmente abandonada, o senhor Sergio desceia para o Rosario com um batalhão, (onde nada mais fez do que dar salvas de alegria á chegada da sua senhora) ia no Marim observar o terreno, ia no Icatú paralisar os esforços dos nossos bravos, e publicava o seu fãcilioso edital, em que ameaçava os lavradores de os tractar como feras, e de arrasar os seus estabelecimentos.

E como entrou elle, em Caxias? apoz de um inimigo inferior em numero, que fugiu diante da guarda avançada, e que quatro dias depois foi completamente aniquilhado pela pequena força do sr. Francisco Dias Carneiro. E para que tivesse lugar esse aparato da entrada, com taes chefes como os sr. Sergio e Ernesto, deixou-se primeiramente ficar em Itapucurá-mirim o honrado major Bezerra, que ha muito fora detalhado para commandar a brigada de Caxias; e depois, estando já a força legal proxima á cidade, não havendo obstaculo algum para a entrada, esteve-se em expectativa, para que podesse chegar o commandante das forças, que queria entrar, como entrou, de estandarte survorado, fazendo ordens do dia e proclamações. Mas toda essa mequinha vaidade não reparou as ruínas da cidade demolida, nem deu vida aos mortos, em cujos cadáveres o sr. Sergio tropeçava quando dizia aos poucos vivos que restavam, e que certo se espantariam de taes palavras: *que aquella dia seria um dos mais fumosos da sua era brilhante!*

O Coque tambem entrou em Caxias, e par do sr. Sergio, que não lhe fal-

tou com os costumados elogios; mas tão bota o seu punhal não foi mais proficuo que a proclamação; está perdida sem regresso a lança de Achilles que abria e sarava as feridas.

Umas das cousas dignas de notar-se é que entrando as forças legaes em Caxias, em 23 de Janeiro, o governo não foi inteirado do successo senão em 10 de Fevereiro. Qual seria a razão de demorar-se esta participação 18 dias na viagem?

Louvor ao governo central que se compadeceu dos Maranhenses, quiz pôr termo a guerra, e despojou do commando militar a quem era delle incapaz. Ao senhor Lima toca a gloria e o trabalho de vir restaurar o Maranhão, sendo, como é, completamente falso, a asserção do contemporaneo, de que restaurou Caxias, está morta a rebelião. Não, a rebelião ainda vive, e forte; ainda occupa quatro commarcas, e algumas por inteiro; ainda ha poucos dias daqui partiram 300 homens á toda pressa, para ir desafrontar os nossos bravos que na Mirilida se acham apertados por um inimigo muito superior em numero; a Revista é a propria que confessa que, ainda necessitamos de mais força. Não; o senhor Sergio não matou a rebelião, ella ha de ser morta por gente mais valente, mais activa, e mais intelligente.

Pede-se-nos a publicação do seguinte

ANNUNCIO.

Licéo Parisiense;

INSTITUIDOR, E DIRECTOR,

Joaquim Martin de Carignan,

Cavalleiro das Reaes Ordens de Christo, e de N. S. da Conceição de Villa Vicoza de Portugal;

Incentar e Professor d'um novo Methodo de Calligraphia, Premiada por uma das Reaes Academias de França, Approbado pelo Governo Hespanhol; e com Privilegio exclusivo de Sua Magestade Imperial o Senhor Duque de Bragança, em Nome de Sua Magestade Fidelissima, a Senhora D. Maria II, para propagar e generalisar nestes Reinos, e seus Domínios o engenhoso Methodo de ensinar a escrever em poucas lições.

PROGRAMMA.

— Dar instrucção, e costumes á mocidade é no sentir de um dos genios mais respeitaveis, e cultos da antiguidade a maior, e a melhor dadiwa, que qualquer Cidadão nacional, ou estrangeiro aquella póde offertar. A Sociedade Civil, que jámais póde deixar de ser útil, e feliz, quando os membros que a compõe estejam entre si unidos pelos laços reciprocos de uma illustração, e religiosa moral; é a mesma que em todas as épocas, e em todos os climas do Universo experimentalmente confessou a verdade. Quaesquer das grandes, e populosas reuniões sociaes, que constituem os Reinos, e Imperios; embora tenham subido ao maior como de grandeza, e gloria pelas armas, conquistas, e riquezas; nunca poderão ser contadas no numero das Nações verdadeiramente civilisadas, quando não cultivem com preferéncia as Sciencias, a Religião, e a Moral. Sem estes alicerces vitais a prosperidade Nacional de qualquer paiz é pelo menos ideal, e quimerica; por

não dizer precursora de uma torrente caudalosa de males irremediaveis, que macula, com negras cores, as paginas da Historia. E' para evitar estes males, e adquirir vantagens de uma verdadeira solidez social, que todo e qualquer Governo do mundo, que aspira á alta gloria de Providente, e Patriótico; não só procura, e promove com preferéncia e desvelo a educação da mocidade; mas até permite, e faculta, com generosa liberalidade, a todo o Cidadão probo, e illustrado, a regalia de ensinar. A mesma politica governativa, que estabeleceu como uma das bases primarias do Systema Representativo a livre communicação dos pensamentos, é aquella mesma que deixa sem tropeços, e como patrimonio commum do Cidadão virtuoso e intelligente, a diffusão das luzes.

De todos os systemas porém admittidos nas Nações cultas para a generalisação e progresso das Artes, e Sciencias, nenhum é considerado como maior vantagem, e reconhecido aproveitamento para os Educandos, como aquelle que reúne collectivamente, e em um só centro, e localidade a Instrucção methodica, e regular das mesmas. Tal é a utilidade reconhecida, e innegavel, que a mocidade tem tirado, desde que se tornou vulgar na Europa, o estabelecimento dos Collegios, Lycéos, e Institutos. Nestes Asylos de solida instrucção elemental, (quando regulados por uma prudente, e judiciosa disciplina; e esta fiscalizada por um Director sabido, e bem morigerado) conseguem na verdade os pais de familia o grande bem de dar a seus filhos por um systema mais perfeito, e seguro, aquellas noções de Sciencia, Religião, e Moral, que essencialmente constituem um filho bem educado. Dalli o Publico recebe o maneocho munido já solidamente de todos os principios de civilisação e de sciencia preliminar, que lhe dão a necessaria capacidade intellectual para empregar o espirito em estudos mais transcendentes. A virtude mesma se compraz muitas vezes de ver sahir desses recintos protegidos de Minerva o genio docil do Alumno preservado do crime, que sabe respeitar como deve, os divinos preceitos, e os sublimes mysterios da Divindade.

Convencido das referidas verdades, é que JACQUES MARTIN DE CARIGNAN tem a honra de annunciar ao Publico, que elle vai instituir um Estabelecimento de educação Moral e Litteraria, á maneira dos Collegios mais bem organisados da França; e onde a Mocidade Portuguesa possa com vantagens superiores a todos os Collegios até hoje estabelecidos nesta Capital, ser instruida, e educada. Esta nova Instituição terá pois como Estatutos, e Bases constitutivas e organicas as seguintes

Disposições Regulamentares.

ALUNOS.

Receber-se-hão no Lycéo PARISIENSE Alumnos, ou Collegiaes, tanto internos, como externos. A respeito dos Collegiaes internos observar-se-ha o seguinte:

Condições. 1.^a — Pagarão 14\$400 rs. em metal por mez, adiantados. 2.^a — Deverão trazer um pequeno enxoval para seu uso; o qual levarão, quando se ausentarem do Lycéo. O Director delle dará uma Lista do seu conteúdo a aquem opportunamente lha pedir.

Regimen do Lycéo. — Todos os Collegiaes estarão debaixo da direcção de um Inspector vigilante, que zale a sua

applicações, e conducta. Para este effeito todos os Collegiaes serão divididos em duas Turmas, ou Classes. A primeira comprehenderá os Pensionistas de 12 annos para cima. A segunda de 12 annos para baixo. Cada uma destas Classes habitará em pavimento separado, e não se reunirão em occasião alguma, excepto nos Actos communs de Religião, e nas Aulas. Terá além disto cada uma das ditas Turmas, ou Classes um Vice-Director, que tenha o particular cuidado de vigiar os Alumnos respectivos, e dar-lhes ao mesmo tempo as instruções, conselhos e advertencias preventivas, tendentes a melhor os educar. Haverá um Refeitório, onde se reunirão todos os Collegiaes ao Almoço, Colação meridiana, Jantar, e Cea, para onde irão, bem como para todos os actos communs do Lyceo, a dois; observando-se ali contudo a separação das Classes. As ditas refeições serão com aquelle acceio, arranjo, e abundancia, que é costume dos melhores Collegios Francezes. Durante o jantar haverá leitura de algum livro instructivo, feita por algum dos Alumnos. Logo que qualquer Collegial adoecerá será tratado com toda a humanidade possível; ficando ao arbitrio dos Pais, ou Tutores, segundo o que se convencionar com o Director, seguir ou não o seu curativo dentro do Lyceo, quando a molestia for prolongada. Se a molestia for porém contagiosa, será o Alumno immediatamente removido com toda a cautela para fora do Lyceo. Ninguém de fora do Lyceo poderá fallar com os Collegiaes sem licença prévia do Director, ou Vice-Director, e lhes é também prohibida toda a familiaridade com os em pregados no serviço do Lyceo. A lingua franceza será a familiar dentro do Lyceo para os Collegiaes.

Disciplina Correccional.—Esta não consistirá em castigos dolorosos; mas tão somente em conselhos, advertencias, e privação de passeios, recreações, e quaisquer entretenimentos admitidos no Lyceo. Terão lugar também algumas vezes certas penas humilhativas, que excitam o brio, e promovem a emenda dos Alumnos. Se estes meios não forem sufficientes, e o Collegial pela sua incorrigibilidade não dever continuar no Lyceo; o Director o fará conhecer ao Pai ou Tutor para lhe dar o destino, que lhe parecer.

Distribuição das horas do dia.—Levantar-se-hão os Collegiaes de Verão ás 6 horas, e de Inverno ás 6 e meia. Vestidos, e passados pela revista do acceio irão para o Oratório, aonde farão as devoções communs e usuas da manhã. Concluidas estas, segue-se o Almoço, que durará meia hora. O intervalo que ficar do Almoço até ás 9 horas, empregarão os Collegiaes no estudo, e recordação das lições, retirados aos seus Aposentos. Neste intervalo poderão alguns dos Collegiaes também extraordinariamente dar lições de musica, dança, esgrima, etc. Das 9 horas até ao meio dia serão os estudos regulares das Aulas de manhã. Ao meio dia será o segundo Almoço, ou pequena Colação, que durará também meia hora, á qual se seguirá outra meia hora de recreação. Da 1 hora até ás 2, haverá estudo particular nos Quartos. Das 2 até ás 4 serão as Aulas regulares da tarde. Das 4 ás 5 Jantar. Das 5 até ás 6 e meia Recreação. Das 6 e meia até ás 8 e meia Estudo. Das 8 e meia até ás 9 Chá. Concluido este irão os Collegiaes ao Oratório rezar algumas de-

voções em commum, e depois se retirarão aos Quartos a dormir. Nos dias feriados, e mesmo em dias lectivos, nas horas compatíveis com as applicações, e exercicios litterarios do Lyceo, procurará o Director com todo o desvelo occupar algumas vezes os Educandos na leitura de livros, que melhor, e mais solidamente os possam instruir nas maximas mais sãs, e mais puras da Religião, Moral, e Civilidade. Para este fim o Director na ultima meia hora da recreação da tarde dos referidos dias entreterá os Educandos mais adiantados, e desenvolvidos em lições repetidas de cor algum conto historico, dito, ou sentença, que naquelles tenham lido. Na Sala da recreação existirá permanentemente para leitura commum dos Collegiaes alguns dos melhores Autores das indicadas materias.

A respeito dos Collegiaes externos se estabelece o seguinte: 1.º pagarão \$800 rs. por mez, adiantados, em metal; advertindo que por este preço poderão aprender tudo o que se ensinar no Lyceo; excepto Desenho de Figura, Musica, Dança, Esgrima, e o Curso do Novo Methodo Calligraphico do Director; que terão ajuste separado. 2.º Deverão achar-se no Lyceo de manhã ás 9 horas para entrarem nas Aulas regulares, donde sairão ao meio dia; e de tarde ás 2 para sahirem ás 4. 3.º Não terão familiaridade particular com os Alumnos internos; e nas Aulas, aonde a instrução será commum, estarão em assentos separados. Isto porém não tira que em tudo sejam considerados com igual distincção, e affabilidade.

N. B. Os Discipulos externos, que frequentarem tão somente o Curso de Calligraphia do Novo Invenção do Director, pagarão (por uma só vez) 9000 rs. adiantados, em metal.

AULAS.

Haverá no Lyceo PARISIENSE as seguintes Aulas, que se comprehenderão de baixo de dois titulos:—Classes Ordinarias.—Classes Extraordinarias. Nas Classes Ordinarias entrarão as Aulas seguintes: 1.ª Leitura, Calligraphia, Arithmetica, Grammatica Portugueza, Desenho linear, e Cathedismo. 2.ª Francez, Geographia, Chronologia, e Historia. 3.ª Inglez. Estas Aulas formam o Curso completo de instrução primaria, e Linguas vivas. 4.ª Lingua Latina. 5.ª Lingua Grega. 6.ª Philosophia Racional, e Moral. 7.ª Rhetorica, Poetica, e Exercicios de Redacção de Estylo. 8.ª Algebra, e Geometria. Estas Classes comprehenderão o Curso completo de instrução preparatoria, e secundaria; em que devem entrar aquellos Alumnos que se destinão á vida das Letras.

Nas Classes Extraordinarias entrarão as Aulas seguintes: 1.ª Cosmographia, Meteorologia, Historia Natural. 2.ª Hygiene, e Economia Domestica. 3.ª Desenho de figura. 4.ª Musica. 5.ª Dança. 6.ª Esgrima, etc.

METHODO, E DIRECÇÃO.

Toda a Instrução litteraria do Lyceo será dividida, e considerada em dois Cursos. 1.º Instrução Primaria e Geral. 2.º Instrução Secundaria e Especial. As primeiras tres Aulas Ordinarias, como já se disse, fazem o primeiro Curso. As cinco ultimas do segundo. As Classes extraordinarias podem servir como parte supplementar a um, ou outro Curso; ou a ambos juntos arbitrari-

amente. Todas as referidas Aulas do Lyceo serão regidas por Professores habéis, e zelosos do adiantamento dos Discipulos; no que o Director terá toda a vigilancia. Adoptar-se-ha nellas aquelle systema de leccionar, que pela sua clareza, Ordem, e simplicidade se tornar mais comprehensivel aos Alumnos. Os adiantados examens parciaes das materias dos Compendios, as Exercitações Escolares, os Ensaes Polemicos entre os Educandos em certos dias nas Aulas, promoverão com efficacia o progresso scientifico dos Alumnos, tanto internos como externos do Lyceo PARISIENSE. O Director também offerecerá no fim do anno lectivo a Exame Publico aquellos Alumnos, que mais se tiverem distinguido nas diferentes Aulas ou deverem passar para outras, distribuindo premios aos mais benemeritos. Além destas Leis geraes todas as Aulas terão um Regulamento particular, que sirva de Directorio aos Professores e Alunos.

A vista do Programma proposto, espera Jacques Martin de Carignan que o Publico illustrado fará justiça aos sinceros desejos, que tem de ser util á Nação Portugueza; cuja Mocidade reconhecerá praticamente não serem exageradas de sorte alguma as vantagens, que lhe promette o Lyceo PARISIENSE. Jacques Martin de Carignan tem a honra de affiançar-lhe que elle não poupará meio algum que possa dignamente contribuir para fazer exequível tudo quanto expõe assim em geral, como em particular no seu Programma.

Advertencia.

O Lyceo PARISIENSE se acha estabelecido em Lisboa, Campo de S. Anna, N.º 23; e recebe Alumnos desde o 1.º de Outubro do corrente anno de 1836. O Director offerece também o Lyceo PARISIENSE aos Cidadãos do Brazil, que nelle se queiram vir educar.

AVISOS.

—Os abaixo assignados fazem publico, que tem instituido nesta Cidade huma Sociedade de Commercio conforme a Escripção que para esse fim celebrarão em 28 de Janeiro do corrente anno em notas do Tabelião Cunha, a qual deve girar debaixo da firma de Miranda, Carvalho, & Viana. Maranhão 6 de Fevereiro de 1840.

Josué Rodrigues de Miranda.

Francisco Ferreira de Carvalho.

José Antonio Ferreira Viana.

—Vende-se huma legoa de terra, em mata demarcada, e confirmada, na beira do rio Meirim da parte do Itapucurá, quem a pertende dirija-se a esta Typographia, que saberá quem é seu dono.

—A 4 de Março ha Procição de Cinzas da Ordem terceira da penitencia; Rogase as Senhoras Maranhenses Catholicas nos queiram ajudar dando um anjo para adorno deste acto de Religião tam util e tam necessario.

—O abaixo assignado faz publico a quem tiver contas aliquidar com o finado Joze Domingues Maia as apresente no prazo de 15 dias as da Cidade, e as de fora no prazo de 1 mez, na praça pequena pois se acha autorizado para esta liquidação, e não as apresentando neste prazo não se reponsabiliza por quantia alguma. Maranhão 14 de Fevereiro de 1840.

Joaquim Domingues Maia.

MARANHÃO: IMPRESSO NA TYPOGRAPHIA IMPARCIAL MARANHENSE. ANNO 1840.

CHRONICA MARANHENSE.

VOL. II.

QUINTA-FEIRA 20 DE FEVEREIRO DE 1840.

N.º 214.

Assigna-se em casa do Redactor, rua do Egypto n.º 12, e na Fabrica de Chapéus de Vidigal Irmão & Co., rua Grande: preço por trimestre 3\$000, por semestre 5\$500, e por anno 10\$000 reis, pagos adiantados. As folhas avulsas vendem-se a 160 reis na sobredita Fabrica, e os avisos imprimem-se a 60 reis por linha, mas os dos assignantes, gratuitamente, com tanto que não excedam a 20 linhas.

MARANHÃO: IMPRESSO NA TYP. IMPARCIAL MARANHENSE. ANNO DE 1840.

RIO DE JANEIRO.

Artigo Oficial.

Decreto n.º 91, de 28 de Outubro de 1839.

—O Regente, em nome do Imperador Senhor D. Pedro II, tem sancionado e manda que se execute a resolução seguinte da assembleia geral legislativa:

Art. 1.º Ficam em vigor por mais hum anno os decretos de 9 de outubro de 1837, n.º 79, e de 12 de outubro do mesmo anno, n.º 129, com declaração de que a suspensão de garantias só poderá ter lugar na provincia do Rio Grande do Sul, e a faculdade de conceder amnistias ás pessoas envolvidas em crimes de rebelião se estende a todas as provincias do Imperio.

Art. 2.º Ficam revogadas quaesquer disposições em contrario.

Francisco Ramiro de Assis Coelho, ministro e secretario de estado dos negocios da justiça, o tenha assim entendido e faça executar.

Palacio do Rio de Janeiro, em 28 de outubro de 1839, décimo oitavo da independencia e do imperio. — Pedro de Araújo Lima. — Francisco Ramiro de Assis Coelho.

(Do Diario do Rio.)

O Processo dos Réos Politicos da Bahia.

—Enfim, depois de tanta demora, de tanto tempo haver excitado a attenção publica, foi ante-hontem julgado na relatoria da corte sobre revista o processo dos 12 réos militares envolvidos na rebelião da Bahia.

Aqui damos algumas particularidades sobre esse interessante processo.

São os réos os seguintes:

1.º O tenente coronel Ignacio Joaquim Pitombo, elevado pelos rebeldes ao posto de coronel, e commandante de hum dos pontos por elles fortificados.

2.º O tenente coronel Manoel Marques Cardozo, ajudante-general dos rebeldes.

3.º O major de artilharia Sergio José Vellozo, general em chefe dos rebeldes.

4.º O major de artilharia Innocencio Eustaquio Ferreira de Araújo, general de divisão dos rebeldes.

5.º O major reformado José Joaquim Leite, coronel, commandante de divisão dos rebeldes.

6.º O tenente Manoel José de Azeve-

do Coutinho, tenente-coronel commandante da 3.ª brigada dos rebeldes.

7.º O capitão Manoel de S. Boaventura Ferraz, coronel e director do arsenal de guerra dos rebeldes.

8.º O tenente de caçadores Pedro Barboza Leal, major e commandante da policia dos rebeldes.

9.º O tenente Alexandre Ferreira do Carmo Sucupira, major, commandante de hum dos batalhões dos rebeldes.

10.º Alferes João da Paixão, capitão e commandante de hum corpo dos rebeldes.

11.º Alferes ajudante Rodrigo Xavier de Figueiredo Ardigulha, major e secretario do commando das armas dos rebeldes.

12.º Alferes Manoel Florencio do Nascimento, tenente e secretario da segunda brigada dos rebeldes.

No conselho de guerra havio todos sido condemnados á morte; e recommendados á imperial Clemencia Pitombo, São Boaventura Ferraz, Ardigulha, Leal e Nascimento.

Submettido o processo á junta militar de justiça da Bahia, foi confirmada essa sentença quanto aos quatro réos seguintes: Sergio, Eustaquio, Leite e Sucupira; e quanto aos mais, alterada por este modo: Coutinho, Boaventura e Paixão, condemnados á prisão perpetua, e os mais a vinte annos de prisão em qualquer das fortalezas que ao governo parecesse.

Todos recorreram para o supremo tribunal de justiça, que concedeu a revista pelo unico fundamento da incompetencia do foro militar para conhecer dos crimes de rebelião, e designou para o julgamento a relatoria do Rio de Janeiro.

Ante-hontem, 14 do corrente, tratou-se da decisão do tão importante processo, que se estende por cerca de duas mil folhas de papel: foram juizes os Srs. Gustavo Adolfo, relator; Lisboa e Chichorro, revisores, Cavalcanti, Sequeira e Verneck, surteados.

Depois do relatorio, claro e lucidamente apresentado pelo Sr. Gustavo Adolfo, tratou-se da questão preliminar proposta pelo mesmo Sr., da incompetencia do foro militar, e depois de prolongada discussão, foi julgado que o crime era militar, e por conseguinte competente para delle conhecer o conselho de guerra: foram destarte vencidos os Srs. Chichorro e relator, que sustentaram a incompetencia.

Outra preliminar chamou ainda a attenção do tribunal, propondo-a o mesmo Sr. relator: foi a seguinte: Ainda sendo o crime militar, seria competente o conselho de guerra para julgar alguns

dos réos que erão milicianos, mas nã haviaõ servido na 1.ª linha e não venção soldo? Fundava-se esta questão em não existirem na época do crime os corpos da milicia, havendo a lei que as extinguiu reservado somente aos officiaes milicianos as honras de que gozavão. Decidiu-se tambem pela affirmativa, ficando vencidos os Srs. Lisboa e relator.

Propostas outras preliminares, que por serem de muito menor importancia preterinios, e que foram unanimemente decididas, procede-se ao exame e julgamento do feito, tendo sido o resultado como segue. Os réos Sergio, Eustaquio, Leite e Sucupira foram de novo condemnados á morte por unanimidade dos votos. A mesma pena foi imposta a todos os outros, mas por simples maioria, havendo discordado os Srs. Lisboa e relator, que votaram para que a esses réos fossem impostas as mesmas penas que lhes havia imposto a junta militar de justiça da Bahia.

Assim, pois, o resultado para esses réos da interposição do recurso foi verosimilagradas suas penas. Estão esgotados os recursos judiciais, só lhes resta invocar o favor do poder moderador.

O processo dos individuos não militares envolvidos na rebelião, Sabino, etc, e outros, está ainda pendente do supremo tribunal.

(Do Jornal do Commercio.)

PIAUHY.

Extracto de hum officio do presidente do Piauí ao presidente da Bahia.

—Relatar minuciosamente a V. Ex. todos os passos dos rebeldes, suas forças, os pontos que occupão, os horrores que tem perpetrado seria superior ás minhas forças porque são innumeráveis. Devo porém dizer que, não havendo ainda apparecido, como já referi, as tropas do Maranhão que, combinadas com as desta provincia, desalojem os sediciosos de suas posições, continuão elles a estar de posse de todo o sertão daquella dita provincia, havendo segunda vez entrado em Caxias, onde renovarão as hostilidades e roubos.

Posso mais asseverar a V. Ex. que nenhum tom politico tem esta infernal revolta: a rapina, acompanhada do assassinio, he só o fim de tal canaglia; assaltando aos incautos, e do mesmo jaez, que o governo do Brazil tem contractado com o de outras nações a venda de milicias do Brasileiros de cor, dando como prova desta asserção o recrutamento que se embarca para o Sul: elles aco-

ditão de prompto em suas discolas palavrões, furiosos correm às armas, e, sem que a nada attendam, levam tudo a ferro e fogo.

A falta de armamento que continho a sofrer me não tem permitido fazer partir uma columna para além do rio, a atacar e perseguir os, pois que não posso deixar as fronteiras, onde se tem accumulado, e já commettam terríveis hostilidades, para batê-los naquelles sertões.

Já não conto com as tropas do Maranhão, por quanto, sendo esperadas desde junho, nem a repetição das malvadezas dos rebeldes lhes tem desafiado o desejo de avançar: e se os auxílios que a aquella capital vão parar das outras provincias viessem aqui ter, talvez já não nos occupassemos senão com o julgamento dos réos.

O Brasil, e não eu, porque o não posso fazer, dará o devido premio ao incansavel zelo de V. Ex. pela cauza da patria; cabendo-me com tudo a honra de agradecer a V. Ex., em nome dos Piauienses, o serviço que tem feito a esta provincia em particular.

Deos guarde a V. Ex. Palacio do governo de Páuby, 31 de outubro de 1839.—Ilm. e Exm. Sr. Thomaz Xavier Garcia de Almeida, presidente da provincia da Bahia.—*Barão da Parnahyba.* (Correio Mercantil de 20 de dezembro.)

—Ilm. Sr.—Tenho a satisfação de communicar a V. Ex. que no dia 4 do corrente no amanhecer fora atacado por grande numero de rebeldes o destacamento do Passo da Cruz, composto de cento e tantos homens do Tenente Coronel Roberto Vieira Passos e da povoação das Barras, coadjuvados pelo destacamento que para ali fez dirigir o Capitão Pedro Paulo, que se achava prestes a partir na referida manhã. Fogo vivo durou por 12 horas, e os acometidos tiveram a vantagem; matando-lhes 14 homens, e tomando-lhes 5 armas, 1 carga de farinha, 1 de sal, e outra de algodão de que havia feito trincheira, posto que perdessemos 1 morto, e 26 feridos, tivemos dous destes gravemente. O valor com que se defenderam he attestado, não só pelo resultado, como pelas minuciosas informações que obtive do Alferes Antonio da Silva Moreira, que confusio a parte, a qual refere, que os rebeldes chegaram a lutar a braços no primeiro impeto do ataque, e tiveram os bravos legalistas que ali se achavam, de cujos nomes ainda não estou informado, a gloria de não ser mister os reforços que de varias direcções lhe foram dirigidos como de São Pedro ao pé do Estanhado, e desta Villa. Com a minha chegada no dia 5, onde terei alguma demora em quanto dou as providencias para se fortificar o dito Ponto, contra o qual com tanto arrojo se atreveram os perversos, cujo fôco dizem existir na Corimatan, que já pelo lado do Estanhado mandei investir. Juntas envio a V. S. a Proclamação, e ordem do dia n.º 7 que á mesma se refere. Deos Guarde a V. S. Acampamento volante na Villa do Campo-maior, Quartel do commando em chefe 8 de Janeiro de 1840.—Ilm. Sr. Tenente Coronel José Francisco de Miranda Ozório, Prefeito do Municipio da Parnahyba.—*José Feliciano de Moraes Cid.*

—Ilm. Sr.—Em execução ao paragrafo nono da ordem do dia doje, que V. S. mandou publicar neste Acampamento,

cumpra dizer a V. S. o que se segue. Tendo marchado com a força de 540 homens no dia 7 do corrente, directamente á atacar os rebeldes na feitoria do Martinho, pertencente ao Tenente Coronel Caldas, infelizmente aconteceu huma minha guerrilha de 6 praças, espantar no dia 8 ás 4 horas da tarde com tiros, á uns Vaqueiros, que da Fazenda Patos, beira da Parnahyba, conduzião gados para a Lagoa, residencia do chefe rebelde Pedro Alexandrino, que fica no centro; acontecimento este que foi sabido na noite do referido dia, por todos os pontos rebeldes, que ficão n'aquelle reconhecido, pelo que se prevenirão os malvades, já escondendo a bagagem, e retirando as mulheres; já mandando espas assumptar onde estavam abarracados a dormir; em fim sciendes de que estavam proximos um quarto de legoa daquelle fazenda, se propuzeram a esperar-nos; e com effeito na manhã de 9 mandando enguerrilhar por tres canhões, que sahem pelos lados e fundos da casa, duzentas e cinquenta praças, ataquei pela frente com a mais força, e artilharia, não encontrando hum só tiro, e nem um só rebelde em casa, não obstante terem nella feito muitos buracos, para intrincheirados fazerem resistencia, escapolizão-se, ao som d'artilharia pelas estradas enguerrilhadas, onde morrerão 6, e pelos matos, em os quaes perecerão com os tiros, para mais de vinte, inclusive 2 Sargentos, que foram mortos a sahir em na chapada: supponha eu que com este choque tratassem unicamente de azeitarem-se, porém enganamo-nos porque na guerrilha direita da casa os rebeldes em porção grande, pois n'aquelle feitoria existião 3 commandantes, e melhor de 300, segundo informações de mulheres, que peguenos, fizeram uma forte resistencia, até a tarde, que me foi preciso mandar 100 praças pela retaguarda, a fim de desaloja-los. Depois do que já mais cessou o fogo nos diferentes pontos, onde apparecia constantemente em grupos a atacar, e a som de caixa trataram de se reunir para nos cercar, sendo o maior, o da Chapada a esquerda, onde mandei 200 praças, que os baterão completamente, não obstante, continuarem. Tivemos de perda neste dia, e no de 10, que continuou o fogo, 2 praças, e alguns feridos, dos quaes morreu um. Estando a 11 pela manhã com 3 dias de necessidade, e principalmente de cartuchame, e de munição de boen, porque depois de 7, não houve mais com que se racoasse a força; a excepção d'alguns pedaços de carne, e alguma farinha, que chegaria a 10 quartas que se achou no Martinho, esta no matto, e canna, que foi o sustento nestes 3 dias, fui obrigado a retirar-me com o designio de vir á Repartição, suppondo que os malvades rompidos se designassem; porém elles em numero, pelo que me pareceu de 1500 ou mais, por terem-se juntado para o cerco todos os commandantes conhecidos desde o Brejo, até para baixo de S. Bernardo, perseguindo-nos por todos os lados, atirando-nos com armas grossas, fizeram-me tomar a resolução de dirigir-me ao ponto do Murcêgo, por ficar distante 4 legoas, e pelo caminho haverem menos picadas no passo, que o da Repartição ficando distante 6, era quasi todo coberto de matto. N'aquella distancia de 4 legoas, terreno sem agonda, suportamos com o calor do sol, e do fogo, que fomos obrigados a fazer a mais terrivel sede, até que chegando ao Murcêgo ás 6 horas da tarde tivemos a dita de depararmos com

um Igarapé quasi de nado, que circulava em proxima distancia aquelle ponto, que foi o mais forte apoio, porque enguerrilhando uma porção de gente, esta sustentou ainda debaixo de uma chuva, que sobreveio, a furia dos malvades, até que se passasse toda a força, e bagagem, ultimamente passou com o favor da noite a mesma guerrilha, postando-se na circumferencia do Igarapé, pelo lado de dentro, até que passassemos o rio no dia 12 sem o menor perigo. Nesta retirada tivemos uma porção de feridos, e em uma picada de meia legoa, onde estavam enguerrilhados, foi preciso fazer fogo por alas, não obstante morrerão 2 cavallos nossos, e ficaram-nos 3 praças feridas, que com as do Martinho, e mortos chegaram a 28; delles vistos nesta picada 4, no campo 9, inclusive um commandante, que com os do Martinho fazem 39, e feridos avalio em numero grande; e confirma este meu calculo a informação de um homem doente (Martinho da Silva Lopes) que habita distante do Martinho meia legoa, por onde passaram d'aquelle fogo, immenses. Achei n'aquelle ponto rebelde a farinha que acima disse, 30 £. de salitre, uma porção de enxofre moído, por estarem fazendo pólvora, uma lata de cila, uma cila, e cabacos de chumbo, em ballas, em pedaços, cartuchos feitos, e uma porção d'animas, que entreguei ao Prefeito o Sr. Tenente Coronel Severino, os que aqui chegaram, e tomamos dos rebeldes mortos uma granadaira, um bacamarite, e algumas armas finas.

Eu seria ingrato, e faltaria aos meus deveres senão expozesse a V. S. o que de heroicidade posero em pratica alguns Officiaes da expedição distinguindo-se sobre todos, o Sr. Joaquim José da Silva Cabaccira, que sustentou todo o fogo da retaguarda, com 25 praças, o Tenente Thomaz José Pereira, que dirigio a linha da direita na qual virão-se 6 mortos, o Alferes Florencio Ribeiro de Brito, que dirigio muito bem a linha da esquerda, e ficou mandando a guerrilha com o Cabaccira, que protego a passagem do Igarapé, também fez os seus deveres, o Tenente Leonardo José de Lima, que sahio baleado na perna direita, e o Capitão Leandro José Alves de Souza, que muito ajudou na retaguarda ao Cabaccira. Tenho satisfeito á V. S., quanto julguei necessario, em cumprimento do paragrafo nono da nomeada ordem do dia. Deos Guarde a V. S. Quartel no Acampamento da Sapucaia, 14 de Janeiro de 1840.—Ilm. Sr. Manoel Antonio da Silva, Tenente Coronel e commandante em chefe das forças do Ceará, e das do Maranhão na commarca do Brejo.—*Pedro Paulo de Moraes Rego*, Capitão e commandante da força.—Está conforme Joaquim Pereira de Souza Jacarandá, Ajudante do Ordens.

—Ilm. Sr.—Accuso recebidos os officios de V. S. datados de 11 do corrente, cujas determinações darei a mais fiel observancia. As 56 praças, e 2 Officiaes Subalternos que sahirão em expedição no dia 11 do presente sob o commando do Capitão João Nogueira Barata, a fim de capturar hum pequeno grupo de rebeldes, que me constou comettio descastos no restante das familias, que ainda existe nas visinhanças da Villa da Totoya, e igualmente observar até esse lugar, qual a posição do inimigo, este foi encontrado em huma picada, cujo lugar se denomina Anajá: apenas os rebeldes que fazião o

piquete avançado, sentiram a nossa força abandonando o posto, deixando huma lazareta, e duas patrões pequenas. Serião 5 horas da manhã do dia 14 do corrente, quando aduzes romperam vivo fogo sobre a nossa tropa, o qual durou huma hora seguramente, sem que se podesse descobrir o numero dos mesmos rebeldes, por estarem metidos em hum bosque bastante espesso, e delle dirigiam com muita vantagem suas pontarias; retirou-se a força, e o resultado deste combate foi ficar ferido gravemente o sobredito Capitão Barata, e ferimentos o Alferes João Diniz d'Almeida, e 4 Soldados. Ouvio-se destitutamente muitos gemidos dentro da mata, por isso julgase que os rebeldes tiveram maior prejuizo. Sendo o commandante da referida expedição pela sua bravura, digno de louvores, não posso deixar de expressar a V. S., que exorbitou da ordem que lhe transmitti, por ter excedido, da Villa da Tutova, e até trilhado outra estrada, deixou d'ir ao lugar indicado. Espero que V. S. se digne mandar-me o armamento, que requisitei no officio ultimo que dirigi a V. S., assim como mais municao de guerra, igualmente preciso de cartuchos proprio para lazaretas, por não ter aqui a competente forma para a factura das balas, e cuja qualidade, ja não ha nenhum. O unico obstaculo, que se offerece a minha marcha, é a falta de armamento, que a maior parte está desconhecido, e o ferreiro me diz que lhe falta lima, e aço para trabalhar.

Ficou em arrecadação as 20 sacas de farinha, que V. S. teve a bondade remetter, para fornecimento das praças do batalhão do meu commando. Deos Guarde a V. S. por muitos annos.—Acanpamento nas Carnaubeiras 17 de Janeiro de 1840.—Ilm. Sr. Tenente Coronel José Francisco da Miranda Ozorio, Prefeito do Municipio da Parnahyba.—*Parnahyba José da Silva Braga, Major e commandante.*

—Lê-se a peça que abaixo transcrevemos; (*) daremos, a proporção que nos permitir a pequenez de nossas columnas, alguns extractos de Periodicos do Maranhão, que publicão as operações das Forças Expeditionarias d'aquella Capital: combinem nestes leitores a presteza com que nesta Provincia um Corpo de pouco mais de 100 homens aprisionou 205 rebeldes, e lhes mata 14, tomando-lhes tudo quanto fazião, com a demora que tem tido o Sr. Francisco Sergio em romper os intructos obstaculos, e combater com nossas Forças nas fronteiras, e conhecerão, que o Major Ribeiro quiz vencer, e ja goza em sua casa o prazer de haver limpado 2 Municipios das arpias, que os devoravam, e o Sr. Sergio entretem suas Tropas com marchas, e contra-marchas, e sua intelligencia combativa, que causaria mayores danos nos soffredores habitantes do Itapucurú, de que os mesmos rebeldes, si o Sr. Felizardo lhes desse sua aprovação in limine.

(Do Telegrapho de Oeiras.)

Extracto de uma carta da Parnahyba, escripta por pessoa fidedigna.

—Chegarão (hoje 15 de Janeiro) a esta Villa os Alferes Antonio de Almeida

(*) E' o officio que refere o ataque do Bebedor, em que foram aprisionados 200 rebeldes.

Portugal e José Benedicto Ferreira de Veras. Estes homens arrependidos do passo errado que tinham dado, procuram ha muito abrigarem-se nas proprias Bandeiras de que tinham desertado, quando proclamaram a rebeldia na povoação das Freixiras (deste Municipio) e da qual se constituirão chefes; mas hum dos seus socios do crime, o mentor d'elles, e origem de toda a revolta d'aquella povoação Domingos Ferreira de Veras, irmão do ultimo acima, era incansavel em empregar todos os meios a estorvar estas intenções dos seus companheiros, e tendo esgotado todos os meios persuasivos que não foram proficuos, usou dos da ameaça, protestando matar a todos quantos se dirigissem para esta Villa a unir-se ás fileiras da legalidade.

Apezar porem disto, os acima mencionados, e o Alferes Luiz Harrozo de Veras, resolvidos a não agravarem mais o seu crime, continuaram no seu projecto dispostos a vencerem todas as difficuldades, mesmo com sacrificios, e cunhados logo de requirer a si as pessoas que possessem, para o que fizessem os necessarios convites. Sendo sabedor o referido Domingos Ferreira, não só reiterou as ameaças nos seus companheiros contra-tou de despersuadir a aquellos dos convitados, que lhes custava terem accedido o convite! Ateou-se por esta forma a intriga entre elles mesmos, e a gente que até então pertencia a hum só partido (o dos rebeldes) se dividiram em dois. Estava marcado o dia 13 do corrente para a reunião e partida para esta Villa dos que queriam abraçar a causa da legalidade, e apezar das ameaças, nunca estes convertidos se capacitaram que seu cunhado, irmão, cunhado, e primo cunhados, se o horroroso atentado contra suas vidas. Esta suspeita porem converteu-se de pressa em realidade, por quanto as 10 horas da noite do dia 14 o dito Domingos Ferreira a frente de 12 ou 15 homens acometeo as casas de seus irmãos, e cunhado que nessa occasião estavam, e arrojando á porta da rua que ali se conservava aberta procurou dar execução ao seu intento. José Benedicto, e Portugal tiveram felizmente tempo de se escaparem pelo quintal, mas a senhora do 1.º cahiu ao fuzil de hum dos assassinos, e bralando que a não matassem (infeliz) recebeu de outro 3 punhaladas, e deo o ultimo suspiro! E assim mais foram mortos 4 dos convitados já reunidos ali, sahindo ferida de uma bala junto ao hombro uma filha de José Benedicto, sobrinha do mentor, e de quem se escapou fugindo também pelo quintal, e cuja noite passou no quarto.

MARANHÃO.

Quartel General na Cidade de S. Luiz do Maranhão, 8 de Fevereiro de 1840.

ORDEM DO DIA N.º 1. (*)

—O Presidente e Commandante das Armas desta Provincia, querendo regularisar a força de hum modo congruente ao bem do serviço, e em forma facil, economica, e legal; determina que a força empregada na pacificação d'ella, forme huma Divisão, que terá por titulo, Di-

(*) Posto que retardada, publicamos esta ordem do dia, por ser interessante.

visão Pacificadora do Norte, e que se dividirá em tantas columnas volantes, quantas sejam indispensaveis para a tranquillização dos rebeldes e segundo a natureza da guerra que se tem a fazer: estas columnas serão compostas de Corpos Provisorios, de 4 Companhias cada hum, organizados em conformidade do plano abaixo transcripto. (*) O Sr. Tenente Coronel do Corpo d'Engenheiros Antonio Nunes de Aguiar fica encarregado de todo o expediente pertencente ás Repartições de Adjuntado e Quartel Mestre General; e por isso toda a correspondencia Militar será enviada ao Presidente e Commandante das Armas, pelo seu intermedio. O Sr. Coronel Manoel de Souza Pinto de Magalhães fica encarregado do Commando da Guarnição d'esta Cidade, assim como da Instrucção de toda a Guarda Nacional. Passa a servir ás Ordens do Presidente e Commandante das Armas, o Sr. Tenente Agostinho Maria Piquet. O 5.º Batalhão Provisorio de Linha, será formado dos contingentes ultimamente chegados das Provincias da Bahia, Pernambuco, Parahyba e Rio Grande do Norte, commandado interinamente pelo Sr. Capitão Luiz Joze Ferreira: destes contingentes serão tiradas 50 praças, que ficarão pertencendo ao Esquadrão de dragões que se tem de organizar, sendo commandadas pelo Sr. Alferes de Cavallaria Pio Guilherme Correia de Mello. Os Srs. Capitão Luiz Pereira do Lago, Tenente Manoel Antonio Marinho Faleiro, Alferes José Justino de Castro Rabello, dito Antonio d'Albuquerque Maranhão, dito da Guarda Nacional Joaquim Lopes da Silveira, e o Cirurgião Adjuntado Dr. Thomaz Cardoso d'Almeida, ficarão pertencendo ao dito 5.º Batalhão.

Quartel do Commando das Armas na Cidade do Maranhão, 15 de Fevereiro de 1840.

Ordem do dia n. 6.

—Sua Exe. o Sr. Presidente e Commandante das Armas da Provincia, manda fazer publico, que tendo se dirigido a povoação do Prão o Sr. Major João Baptista e Mello, no dia 8 do corrente mez, commandando huma força pertencente á columna do Sr. Tenente Coronel Luiz Antonio Favilla, encontrara na distancia de hum quarto de legoa, antes de chegar a referida povoação, hum tropo de rebeldes em grande numero, os quaes foram levados de roço até suas proprias trincheiras, onde depois de soffrer hum vivo fogo, abandonaram o lugar, deixando no campo 20 mortos, alem de grande numero de feridos, que foram pelos mesmos rebeldes contidos; havendo de nossa parte 15 feridos, dos quaes fallecerão 2. Ordena o mesmo Exm.º Sr., que o Sr. Major Antonio José de Carvalho, tome o commando do Deposito do Quartel do Campo de Ourique, e que proponha 2 officiaes, hum para servir de Adjuntado, e outro de Quartel-mestre do referido Deposito.

Ordena outro sim, que o Sargento Quartel-mestre do 7.º Batalhão de Caçadores José Saturnino Gaspar, use dos uniformes de Alferes, entrando em exer-

(*) O plano dá a cada batalhão de 4 companhias 300 praças. Não ha maiores, nem tenentes-coroneis, e apenas um commandante.

cicio, até que venha da Corte resolvida a dúvida que houve a respeito do seu nome na publicação da promoção. S. Ex. manda igualmente publicar, que tem ordenado aos Commandantes das columnas e pontos, para nomearem 2 Cidadãos dos mais graduos do lugar, para conjunctamente com elles, formarem uma comissão, que tenha por fim ajustar, e mesmo avaliar todo o gado que se houver de comprar para fornecimento da tropa; sendo os documentos assignados pelo commissario, e rubricados pelas membros da referida comissão. Publica-se tambem, que o Tenente Coronel do Engenheiros Antonio Nunes de Aguiar, na sua qualidade de Quartel Mestre General está nomeado Presidente da comissão encarregada da compra dos generos para fornecimento do Exército; e exercendo sobre todas estas naturezas a mais escrupulosa fiscalisação. O Sñr. Alfere de 2.ª Linha José Lourenço de Oliveira Diniz, da Provincia da Parahiba, fica pertencendo ao 5.º Batalhão Provisorio de Linha.—Assignado.—Antonio Nunes d'Aguiar, Ajudante e Quartel Mestre General.

CHRONICA MARANHENSE.

—As peças officiaes, que transcrevemos neste numero mostram evidentemente as immensas forças que ainda os rebeldes tem na commarca do Brejo. O municipio da Tutoya ainda está em grande parte occupado por elles; um grupo de 1500 perseguiu a expedição do capitão Pedro Paulo até atravessar o Parnahiba; e na Chapadilha, e outros pontos, por muito que rebatemos o seu numero, não haverá menos de 1000. Se ajuntarmos a estes, os grupos que infestam a Miritiba e o Brejo, que posto pertencam á commarca do Rapuacurá, tem facil communicação com a Tutoya, e por lá para o Brejo, veremos que as forças inimigas para esse lado são avultadissimas.

Por outra parte cõsola ver que as nossas armas tem constantemente batido essas grandes massas indisciplinadas; a victoria recente do Proa até desorganizou as forças rebeldes que na Miritiba davam algum cuidado. O inverno vai a tornar-se rigoroso, e estamos que o governo aproveitará o tempo favoravel para annihilar o bando do rebelde Pedro Alexandrino, o mais numerozo de quantos presentemente existem. Sendo engrossadas as forças do bravo José Thomaz Henriques, como nos consta, poderá elle facilmente avançar, e envolver em dous fogos, obrando de accordo com o capitão Pedro Paulo, os barbaros que devastam o Brejo.

As nossas forças acampadas na Sapucaia e Repartição soffrem grande penuria, tanto de farinha, como de roupas, e medicamentos, sendo ellas não pequeno o numero dos doentes. Não é menor a falta de armamento e munições, e os principaes cidadãos ali reunidos, e que com tantos sacrificios e perigos organizaram aquella força, clamam a grandes brados por soccorros.

Sentimos dizer que o capitão João Nogueira Barata, restaurador da Tutoya, ficava mortal das feridas que gloriosamente recebera; o digno prefeito da Parahiba lhe caviara á toda pressa alguns medicamentos, a ver se se conseguia salvá-lo; mas havia poucas esperanças.

—Do extracto do officio do barão da Parnahiba ver-se-ha como este alto funcionario tam positivamente assevera que a revolta caracter nenhum politico tem. Desse mesmo officio, e de um artigo do *Telegrapho*, periodico escripto sob a influencia do barão, ver-se-ha igualmente o juizo que no Piahy se forma dos feitos e da capacidade do senhor Sergio, ex-commandante das forças. Junte-se isto ao que disseram na corte o Despertador, e o *Diario do Rio*, e venha então o Amigo do Poiz ainda dizer-nos que a causa da dimissão desse official inepto foi o senhor Felisardo! E em que razão se funda essa extravagante opinião? Nas instrucções unicas que deu o ex-presidente ao sr. Sergio, para que *prescrevesse as commarcas intellectas, e tratasse de abrir communicações com as forças do Piahy*, instrucções de que tira a absurda consequencia de que quanto ao mais, tinha ordem expressa para nada fazer, como se o simples bom senso não advertisse que quanto ao mais tinha o sr. Sergio ordem expressa para obrar segundo entendesse, como se as communicações para o Piahy se podessem abrir sem bater-se o inimigo, como se tantos combates que se deram, (e nos quaes o senhor Sergio não teve a menor parte) e tantas ordens que se publicaram do Sr. Felisardo, determinando já a occupação de Caxias, já o ataque do Icaté; &c., não excluíssem inteiramente a idea de ter elle ordenado a vergonhosa inacção do sr. Sergio, e os seus visíveis planos de campanha!

Valtaremos ao assumpto, esperando no entanto que appareça o artigo que já por duas vezes nos prometteu a Revista, acerca da administração do senhor Felisardo.

—O sr. F. de S. N. Cascaes publicou a semana passada contra nós um papel tam cheio de insultuosas infâmias que apparecendo elle com o titulo de—*Supplemento á Revista*, o senhor Sotero, de envergadura, apressou-se a declarar que era um *Xpresso*, e que o titulo de *Supplemento* fora posto por engano. Não responderemos pois a semelhantes insolencias, porque o proprio redactor da Revista deu-lhes a melhor resposta que se lhes podia dar.

AVISOS.

—Havendo-se perdido á annos as Apolices n.ºs 8, 9, 10, 11, e 12 da quantia de quatro centos mil reis provenientes do emprestimo contrahido nesta Provincia em virtude da Carta Regia de 6 de Outubro de 1799; as quaes pertenciam ao finado Sebastião da Silva Lopes: roga-se a quem as tiver achado, ou souber onde existem, de noticiar em a Villa da Parahiba ao Tenente Coronel José Francisco de Miranda Ozorio, e nesta Cidade a Francisco Xavier de Miranda Machado.

—Na Botica de João Joaquim de Castro e Costa, defronte do Theatro União, Rua do Sol, se vende vidros de remédios para lombriças a 2000 rs. cada hum. Maranhão 18 de Fevereiro de 1840.

—Quem quizer comprar a Gloria que foi de Sebastião Pinto venha falar com D. Adelardo Sarmiento.

—*Frederico Guilherme*, faz publico, que se acha prompto a executar toda a lictura do *chepe ou Sincro* com qual-

quer firma que se exija, pois executará com toda a diligencia e promptidão. Outro sim qualquer familia que tenha Talheres para marcar queirão-se dirigir a Casa de sua residencia no *Largo do Carmo* n.º 6.

—O abaixo assignado Francisco Xavier de Souza Caldas tendo, ás instancia de muitas pessoas que o obsequio fixado a sua residencia nesta Cidade, e convencido de que nenhum outro melhor serviço pôde prestar ao publico mais do que instruir a mocidade, offerce aos Senhores Chefes de familias alguma horas, que lhe restão de seus afazeres, para ir leccionar os seus filhos a suas proprias cazas em Grammatica Portuguesa, e Latina, Arithmetica, Geometria, e Geographia Elemental; e aquelles a quem este offercimento convenha o poderão fazer constar na Botica de Manoel Duarte Godinho no largo do Carmo para serem procurados.

Francisco Xavier de Souza Caldas.

—Antonio Francisco Lisboa vende um terreno de 6 braças de frente com 15 de fundo, sito na rua do Passeio, fazendo canto para a do Cemiterio velho. Vende igualmente uma porção de terra (600 braças de frente com uma legoa de fundo) e todos os accessorios de uma lavoura, no districto de Pirapemas, tres legoas no centro do rio Itapucurú, margem direita. Quem pertender comprar, dirija-se ao annunciante, rua das Violas n.º 39.

—Santo Agostinho Luiz, Cirurgião Dentista, facultado pela universidade de Paris, desejando demorar-se por 2 mezes nesta Provincia, avisa aos habitantes desta cidade, que quizerem utilizar-se do seu prestimo, que elle se acha prompto para todos os trabalhos da sua profissão: a saber: por dentes tanto de massa incorruptivel, como naturaes com a maior perfeição possivel: alimpar, chumbar, e tiralos. Tem tambem em sua casa pós de excellente composição para alimpar dentes, e o elixir proprio para a conservação das gengivas. Mora por em quanto nas casas do Sr. Fernando Marcellino da Silva, na rua da Cruz, onde o podem procurar á todas as horas. Maranhão 18 de Fevereiro de 1840.

—William James Ryan, Magico Americano, despede-se saudoso do respeitavel publico desta cidade, a quem agradece os obsequios de benevolencia, e condecoração o que muito o deixa penhorado, offercendo-se na capital do Pará para o que for prestavel.

—Vende-se dous terrenos de 6 braças de frente com 30 de fundo, na rua do Passeio, fazendo hum'delles canto com a Rua de St. Anna; ambos tem muita terra vermelha. Vende-se igualmente outro terreno de 6 braças de frente com 18 de fundo, no fim da Rua Grande, já com obras de pedra e cal; quem os pertender dirija-se a Manoel Gonçalves Ferreira Nina, na Rua de Quebra Costa n.º 10.

—O abaixo assignado Tutor dos Orfãos filhos do finado Capitão-mór Antonio Raymundo da Fonseca Garcez: faz sciencia que se achão na Villa do Paço do Lumiar a quantia de 4000\$000 rs. pertencentes aos mesmos Orfãos afim de serem postos a juros a quem mais der sob 10 por oio ao anno. Maranhão 10 de Fevereiro de 1840.

Alexandre Carlos da Fonseca Garcez.

MARANHÃO: IMPRESSO NA TYPOGRAPHIA IMPARCIAL MARANHENSE. ANNO 1840.

CHRONICA MARANHENSE.

VOL. II.

DOMINGO 23 DE FEVEREIRO DE 1840.

N.º 215.

Assigna-se em casa do Redactor, rua do Egypto n.º 12, e na Fabrica de Chapcos de Vidigal Irmão & C., rua Grande: preço por trimestre 3\$000, por semestre 5\$500, e por anno 10\$000 reis, pagos adiantados. As folhas avulsas vendem-se a 100 reis na sobredita Fabrica, e os acisos imprimem-se a 60 reis por linha, mas os dos assignantes, gratuitamente, com tanto que não excedam a 20 linhas.

MARANHAO: IMPRESSO NA TYP. IMPARCIAL MARANHENSE. ANNO DE 1840.

RIO DE JANEIRO.

Pede-se-nos a publicação do seguinte—

—Ilm. e Exm. Snr.—Os 1400 rebeldes que ainda ha pouco sitiavam apertadamente a villa do Icatú foram desalojados e perseguidos por mais de hum legião: suas trincheiras foram estragadas, e a miseravel bagagem que trazem constantemente, cahiu em nosso poder. Esta a maior victoria que a legalidade tem alcançado contra a rebeldia, quer se compare o numero dos nossos bravos, que apenas entraram 160, com o dos facciosos, quer as posições fortes que estes occuparam, quer ainda o grande prejuizo que tiveram, e ao pouco que soffremos. A marinha teve não pequena parte neste successo, distinguindo-se muito o 1.º Tenente Jesuino Lamego Costa, cumprindo tambem com seu dever os 1.ºs Tenentes José Secundino Guimarães e João Baptista de Oliveira Guimarães. (*) Sobre o 1.º Tenente Lamego ouso chamar a attenção do Governo e emitir meu juizo sobre a justiça, e extrema utilidade de ter quanto antes o premio de tão assignalados serviços. Se o Official que reconhecendo a sabedoria do Governo for recompensado com o posto immediato, outros se prestarão tambem como elle e a causa da legalidade e a honra brasileira de certo que com isto muito ganhará.

Deos guarde a V. Exc. Maranhão 12 de Novembro de 1839.—Ilm. e Exm. Snr. Jacinto Roque de Sena Pereira.—Manoel Felizardo de Souza e Mello.

As Caldas de Goiaz.

—No artigo antecedente fallámos em globo das propriedades e virtudes therapeuticas das caldas de Goiaz, e do auxilio que dellas póde esperar-se no tratamento de diferentes molestias rebeldes a outros meios, e sobretudo morphticas: hoje faremos menção de hum grande numero de factos em que se vê o resultado da applicação das aguas, e que podem servir de balsa aos praticos para poderem julgar dos casos em que ellas convem. Atim de procedermos com ordem, dividiremos a materia em tres paragraphos, relativos ás tres diferentes nascentes apontadas no artigo antecedente, cada hum

(*) Por engano foi mencionado o 1.º Tenente João Baptista d'Oliveira Guimarães, que nunca sahira da cidade, devendo ser o 1.º Tenente Joaquim José da Silva que foi quem se achou no Icatú com o 1.º Tenente Lamego.

a cada hum; em outro paragrapho acrescentaremos as reflexões que a consideração do assumpto nos suscitou.

Entre os factos de que vamos fazer a exposição, ha muitos que foram observados por Vicente Moretti Foggia, a cujo relatório nos iremos constantemente encoando; de outros, porém, só teve elle noticia pela informação, que lhe deu sobre a materia o tenente Antonio Coelho proprietario das Caldas Novas. A respeito destes ultimos, cuja noticia, por nos vir por via muito indirecta, e por ser dada por pessoa leiga na arte de curar, talvez não seja isenta de exaggeração, bastará que acrescentemos ao que fica dito no primeiro artigo, que entre os nove morphticos que se dão por completamente curados, ha tres em que a molestia já tinha feito taes estragos, que nenhuma outra cousa podia restar aos infelizes que a padecião sendo encommendar-se a Deos e morrer. Hum delles, Victorino Duarte Pinto, tinha o corpo todo cheio de chagas, e pelle luzidia e insensível, o rosto diforme á força de tuberculos, o nariz chagado, as extremidades secas a vista quasi perdidas; com sete mezes de uso dos banhos sarou completamente! Os outros dois, hum dos quaes he o capitão José Estores de Andrade, de Minas Gerães, e outro hum Africano de Bento Dias Paes, de S. Paulo, não estavam nem menos doentes, nem obtiverão menos feliz resultado. Occupemo-nos, porém, com o factos examinados por Moretti Foggia, cujas observações devem merecer-nos mais confiança.

§ 1.

Caldas Novas.

N. B. Todas as observações que se seguem foram feitas em julho do anno corrente.

1. O Alferes João Francisco Ribeiro, da Campanha da Princesa, de Minas. Chegou em outubro de 1837 em 12 annos de enfermidade, tendo inclinação, insensibilidade, ulceras nas extremidades, pelle escura, rugosa e secca, tuberculos, orelhas volumosas, falta absoluta de transpiração, aphonía, molestias venereas. Em onze mezes ficou quasi são; porém tendo ido para sua casa, voltaram a maior parte dos symptomas, dos quaes já está melhor, voltando para as Caldas em maio corrente. Usou dos cauterios de fogo.

2. Zeferino Augusto de Paula, do Serro-Frio, de 33 annos, enfermo ha oito. Acha-se desde outubro de 1838 nas Caldas, com a mesma molestia do precedente e falta de vista. Em poucos mezes adquirio melhoras sensiveis, voltando a vista, o suor e a sensibilidade. Usou dos cauterios.

3. José Pedro Torquim, da Jorruca, provincia de Minas, 60 annos de idade e quatro de molestia. Com os mesmos symptomas dos precedentes, menos o defeito da vista e da voz, mas com dores acerrimas nas articulações. Acha-se em curativo ha hum anno. Nos primeiros dois mezes desaparecerão as dores, suppurarão os tuberculos, formando grandes ulceras que presentemente se achão cicatrizadas, excepto quatro; no resto dos incommodos obteve poucas melhoras. Cauterizou os tuberculos.

4. Venancio Ferreira de Moraes, da freguezia do Carmo da villa de Baependy, de 33 annos, enfermo ha 13. Chegou em junho de 1838 em estado deploravel. Grandes tuberculos lhe cobrião quasi todo o corpo; as extremidades inferiores estavam enormemente inchadas, e cobertas de manchas escuras e lozentes; insensibilidade exterior quasi geral, e queda dos pellos. Em hum meiz suppurarão e cicatrizarão-se os tuberculos quasi todos, e alguns resolverão-se. A sensibilidade manifestou-se com o suor, e as melhoras vão progredindo admiravelmente.

5. O estado de D. Venancia Theodora, de Jacuhy, provincia de Minas, de 29 annos de idade, quando chegou em julho de 1838, era o mais lastimoso. Tinha a pelle denegrida, luzente, despida de pellos, arida a ponto de rachar profundamente sobre as articulações; orelhas enormes, insensibilidade quasi geral, tuberculos grandes e numerosos, dores tormentosas nas articulações, voz alterada, quasi cega, largas e profundas ulceras nas pernas, e que ameaçavam a mutilação dos pés; a face inflammada, o nariz diforme. Seis mezes depois do uso dos banhos, principiou seu melhoramento; porém foi tão rapido em seu progresso, que em março deste anno poucos incommodos lhe restavam.

6. D. Maria de Cancergo, de Campinas, provincia de S. Paulo, com 55 annos de idade e 4 de molestia, rosto inchado, pelle aspera e escura, muitas manchas de aspecto oleoso, algumas pretas, outras esbranquiçadas, insensibilidade nas extremidades, hum pé chagado, falta de suor. As melhoras que desde agosto do anno passado até o presente obteve, consistem na diminuição do volume do rosto, em algum indicio de sensibilidade e suor, e em as manchas serem de aspecto mais favoravel.

7. D. Umbelina Maria, da villa das Lavras do Funil, provincia de Minas Gerães. Os incommodos que padecia em outubro de 1838, quando principiou o seu curativo, eram o rosto inflamado com tuberculos, nariz chagado, diminuição notavel da vista, queda dos pellos, pelle as-

pera, secca, lustrosa e escura, extremidades inchadas e insensíveis com pequenas úlceras, obstrução no fígado, amenorrhea. Em dezembro de 1838 foi menstruada: desapareceu então a obstrução e daqui os primeiros signaes de melhora, que progredem até o presente tão satisfactoriamente, que brevemente espera seu completo restabelecimento, tendo já a vista perfeita, e os tuberculos, que com os cauterios tinham suppurado, cicatrizados.

8. D. Delfina Mathildes de Souza, de S. João de El Rei, enferma ha 20 annos. Extremidades inferiores inchadas e insensíveis, com úlceras extensas e profundas, pelle lozente, rosto disforme pelos tuberculos, cega de hum olho, diminuição do vista no outro. Em agosto de 1838 entrou no uso das aguas, e as melhoras que obteve até agora reduzem-se á cicatrização de algumas úlceras, a menos insensibilidade, e a alguma clareza na vista. Cauterizou os tuberculos com vantagem.

9. Jezuína de tal, mulher de 30 annos de idade, enferma ha 10. Pelle tuberculosa, alteração de voz por excessão nas fossas nazares, ulceradas e totalmente insensíveis, afecção erysipelatoza periodica, errante, amenorrhea, constipação de ventre, perda dos pelos, e sem suor. Presentemente he menstruada, a voz quasi natural, a pelle em bom estado, as extremidades mais sensíveis, os tuberculos desvaneceram-se com os cauterios, e acha-se livre da erysipela.

10. José Moreiz de Castilho, da villa de Tanguatê, provincia de S. Paulo. Foi aos banhos com 12 annos de molestia, no seguinte estado: Insensibilidade externa, geral; pelle constantemente arida, grossa, luzente, e sem pelos; extremidades inferiores inchadas e ulceradas tão profundamente, que o ameaçava a queda dos dedos; grande chaga no nariz, voz rouca, diminuição de vista, contracção espasmodica das palpebras, rijesa dos musculos locomotores, extrema debilidad. A melhora manifestou-se muito rapida; em pouco tempo cicatrizaram as úlceras mais perigosas, melhorou a voz, a vista ficou mais clara, a sensibilidade foi-se manifestando com o suor, desapareceu a rijesa dos membros, e tudo lhe fazia esperar hum breve e perfeito restabelecimento. Regressando, porém, para S. Paulo, peiorou, manifestando-se novamente os passadinhos incommodos, e suppuraram-lhe enormes tumores. Em maio tornou aos banhos, tendo já algum melhoramento, precedido de huma erupção escamosa que lhe cobria todo o corpo.

11. José Francisco de Souza Fernandes, da cidade de S. Paulo, moço de 20 annos, doente ha 5. Insensibilidade nos pés e mãos, tuberculos no rosto que lhe cobriam as orelhas, pelle escura, arida e luzente; dores articulares, rouquidão. Em agosto de 1838 entrou no uso das aguas: cessaram totalmente as dores, a pelle fez-se da melhor cor, a voz ficou natural. Viajando porém para S. Paulo, tornou em pessimo estado, e assim se achou.

12, 13 e 14. Generoso Rodrigues dos Santos, natural de Rezende, José Bernardino Rangel e Damasio Alvez de Figueiredo, ambos de Ouro Fino. O mesmo estado do antecedente, o mesmo tratamento, o mesmo resultado.

15. José Antonio de Souza, freguezia do Oruoca, provincia de Minas Geraes, enfermo ha dez annos. Todos os symptomas que caracterizam a morphia existião nelle: as orelhas erao de espantoso volume, a face proeminente por mul-

tos tuberculos, a pelle secca, lozente, insensível e sem pelos; a debilidad extrema, atrophia das extremidades com úlceras e aleijamento. Em março de 1838 começou seu curativo com as aguas, e com o ferro candente, que restituirão as faces e as orelhas ao estado e cor natural. Em menos de hum anno ficou quasi completamente restabelecido, tendo agora unicamente falta de sensibilidade em hum pé.

16. Raphael, Africano, escravo do major Floriano de Campinas, provincia de S. Paulo, com grandes chagas nos pés e mãos, já inveteradas, e com aleijamento destas partes. As chagas cicatrizarão quasi todas em dez mezes.

Poderíamos levar mais longe a enumeração dos factos que provao de humanidade sem replica a efficacia das aguas das Caldas Novas no tratamento da morphia. O relatório de Foggia contém até 60; porém os 16 que ficam expostos são os mais notaveis, e suficientes para a resolução do problema.

(Communicado.)

(Do Jornal do Commercio.)

PIAUHY.

Popel encontrado na bagagem de um rebelde.

—Copia—Gazeta Official na tipographia Constitucional da Cidade do Porto Rua dos mercadores casa n.º 26, 11 de Fevereiro do anno de 1838 subscryve-se a trimestre a 1200, e avulso 120—A Lerta a Lerta Brasileiros denodados cortei Ligeiros as vossas armas e com ellas firmes nas mãos Libertai a escravidão de vossos cativeiros, e sustentai a juperrante Cruz do vosso Joven Suberano que as dezanne Provincias do vosso Territorio se acham o Preenchidas das eguistas Massons Inimigos do sistema Jurado do vosso monarcha de collo pertente, de viva voz de Rubar o Trono e toda Magnificencia do seu Imperador para que se não ifetei a sua coroaço no prolixo tempo de sua idade menos cobando por isso os miseravel Brasileiros a escravidão as suas Liberdades jazendo muitos de vós outros já em cativeiros ex Transgeiros que os Maçons de vossa nação tem herguido com abundancia excessiva os seus Palacios as suas propriedades e com requizimas mulhies muito ouro, e muita prata tudo a custa da sugeição de vossas Liberdades e o primado de vossos Direitos que são emcompativeis sagrados por Jezus Christo, arma defensora da Religião Catolica, elles não dormem velando vivem para o berço extranhavel de hum fardo lenta Republica que he a sua sentinella que esperão. Vede Brasileiros que estais metido nos passos d'ella o ja a Rialça nos tribunais de vossa nação, e a sua marcha vai com exito formidable com passo, a passo avantajados, se vós outros o não cortarem de huma vez xereis todos amantados sem nenhum recurso como hoje muitos devos se veem na Praias estrangeiras lamentando o seu duro cativeiro por, intermedio de huma falcaria recruta marinha de vossa Nação. Vede que os seis milloens de muita prata estrangeiras muito abundão nas vossas Provincias a custa de quem Brasileiros! sem duvida a custa dos vossos cativeiros de dando ven hesses problemas de tanta grandeza, Brasileiros sego! sen

duvida da malvadeza dos mandoens do Partido exattado que é o do partido massom, aterrador da Lei divina e das Instituições com muns, vodes que os 30000 de vós outros gentes menos limpa de cor estão vendidos por atacados aos mexicanos, e aos Perus, e outros estrangeiros com quem se achão tratado este Negocio de tanta importancia e sagazidade por meio da Massonaria, para vós outros não impenetrarem o segredo de huma covarda Republica; que entre Laça nessa gente desdourando com tanta baxeza a sua nação, ja Reconhecida pelas mais extranhas, acusta de tantas victimas e só por hum insollente projecto deitão por terra por hum diminuto preço exportão o seu similhante, a senhorios estrangeiros, tal vez o seu sangue com tanta devacidação dezapiedadamente sem mais hum Limite e de umanidade e nem de Brasileiros natos como se gabão hums figurens.... que não imitarão as suas ideas os seus cobardos planos com a Republica Franceza e outras exemplares que tem sido effectuals a labirinto fogo e a Regrado sangue a hum sem numero de victimas em tais crizes notas em voz Republicueiros com tanta baxeza que para sustentarem a vossa republica em directa seja preciso escravizar aos vossos Irmãos o vosso patricio o vosso concidadão, em huma palavra ao expérito da vossa Patria; e finalmente o Brasil não está no caso de Republica pelas muitas qualidades tão adumesticas na crença da fé catolica e só ella é util para os estrangeiros de magógos por não apreciarem a Ley de Christo, menos a Europa em fim qual será a peçoça que não concorra para a defesa de sua Liberdade! toudos por certo que ninguem quer ser escravo, pois é tempo Brasileiros sabir a campo defender, vós, e as vossas familias, que os vossos inimigos não são menos, e trabalhaõ cuidadosamente para inteirar a soma da escravatura do seu tractado, e do contrario venderei a humo, ou mais Provincias do Brasil por principal, e Juros de 6 milloens adientados, olhai como se achão as vossas Liberdades como se mostrarão essas opinioens tão contraria a Liança de sua mera Independencia, com fertiz Proclamaçoens, Decretos contra a massa portugueza, pondo-lhes as mais infames Labeos de vós escravizar, Labeos tão sinis tratamento nunca intentados e menos praticado por elles que de seus principios forão a Doutrina dessa Paiz, e de sua descuberta: certo que estai conhecidos os Retorguidos planos de vossa a sembleia maquinao instantaneamente des carados para os com fim de huma muito má Republica, e a classe de gente menos Illustrada excravizada para sustentação d'ella. Valhanos Deos Brasileiros, elle nos queira auxiliar para sustentaclos de sua Santa fé e dessetera e setera.

No numaro seguinte sahirá a Luz os pretestos do Decreto agora baixado de Lisboa de 20 de Janeiro do presente anno. Na officina da escripturaço e Constituiçoõ observa o seu Redactor,„

Oeiras 27 de Dezembro.

—Hoje das duas para 3 horas da tarde fomos aqui surprehendidos por uma occurrencia desagradavel.

Por occasião de abrir-se uma prizaõ, que contem parte dos prisioneiros feitos na Campanha, para se lhes dar a comida,

arrojaram-se elles sobre a guarda, que tinha bayonetadas caladas na porta, e armados de achas de lenha, que foram apanhando, e outras que já tinham, depois de ferirem a 3 soldados, e serem alguns feridos, evadiram-se em n.º de 70. No mesmo momento um alarme reuniu em torno da Cadeia todos os Cidadãos desta Capital, que poderão sustentar uma arma de qualquer especie, e debaixo de espessa chuva perseguiram a estes malvados, que em continuos sustos nos trazem. São 6 horas da tarde, e somente 17 rebeldes deixaram de ser até este momento apanhados. No conflicto foram mortos 9, 22 grave, e 3 levemente feridos, escapando somente 13 incoherentes.

Muitas pessoas, que se persuadiam da necessidade de falsas alarmas para conhecer-se na actual crise o espirito dos habitantes desta Capital, e tê-los aberta para qualquer occorrença, ficaram logo convencidas do amor que os Ceirenses consagrao ao publico socieço, e de sua aversão aos dezoito, quando virão que muitos nuncios, e pessoas respeitaveis se apresentarão com a roupa que tinham lavado, e com a primeira arma que encontraram a um inopinado rebate. Uma tal promptidão, e o desejo que tinham todos de verem capturados os fugidos rebeldes, muito agradou ao Exm.º Sr. Presidente, que deo mostras de sua satisfação vendendo-se rodeado de Cidadãos de todas as classes e idades, que se esperavam seu menor aceno a bem da publica tranqüillidade.

(Do Telegrapho de Ceiras.)

Parnahiba 14 de Fevereiro.

Quartel do Commando em Chefe no Acampamento da Sapucaia 3 de Fevereiro de 1840.

Ordem Geral n. 13.

—Chefes, Officiaes, Officiaes Inferiores, Soldados, e mais praças do meu Commando!! Os Rebeldes que no dia 25 do mez passado haviam em sua perda atacado o nosso ponto além do Rio, na Repartição, voltaram de novo na manhã de ontem, com o intento de se apoderarem de hum ponto por nós defendido!! Vias esperanças! Aos bravos abri destacados não cabe o dezar, a defesa foi como sempre, e concludo o Destacamento com os Piquetes que do Acampamento partirão, os rebeldes sahio cara a tentativa, explorou-se o campo, em 3 columnas, e muito sangue, e outros vitigios, privaram a sua completa fuga, e derrota. Ao Sr. Capitão José Francisco Serejo Commandante do ponto da Repartição, e os Srs. Capitão João José do Rego Junior, e Tenente Alexandre de Souza Barboza que partirão na exploração da esquerda, Capitão Antonio Pereira Junior, e Alferes Custodio José de Souza Lima, que partirão na do centro, Capitão Leonardo José de Lima, e Alferes Virissimo d'Azevedo Costa, que partirão na direita sendo os louvores devidos a seu denodo, e prezo de os ter por companheiros.

Não menos contemplo em louvor, e apreço o Sr. 2.º Tenente de Artilharia Manoel Felicio e Silva. O cabo José Raimundo adido a 1.ª Linha, he graduado a 2.º Sargento pela bravura, com que achando-se casualmente na retaguarda do inimigo na occasião em que o ponto foi atacado, matou hum rebelde, que mais fogo fazia sobre as nossas trincheiras, e nellas se recolheu. Os rebeldes alem do

estrado, que soffrerão, na força, perderão tão-bem hum canhão, que está em nossas mãos. O meu Ajudante d'Ordens o Sr. Capitão Joaquim Ferreira de Souza Jacarandá, que mandei a Repartição no acto do ataque, receba os devidos louvores, não só pela exactidão com que cumprio minhas ordens, e disposições, mas tão-bem pelo acerto com que obrou a vista dos factos, e circumstancias que o momento deparou. Tenha pois a força legal completa segurança de seus triumphos, e saiba mais que por noticias se bem que não Officiaes, mas de pessoas acreditadas, sabemos aqui, que a rebelião pelo lado de Caxias, vai em completa decadencia, e que os rebeldes, já se apresentam em grande numero as fileiras da legalidade. Hum grande auxilio d'armas, munições, e fazendas acaba de nos chegar a Parnahiba vindo do Maranhão, e isto junto com o que do mesmo já ali temos, e hein assim mantimentos, que breve nos deve chegar, habilitará a força deste campo a participar activamente da gloria de defender a bella Provincia, que a tanto tempo, em mãos barbaras, e assassinas. — *Manoel Antonio da Silva, Tenente Coronel Commandante em Chefe.* — Está conforme. — *Joaquim Ferreira de Souza Jacarandá, Capitão Ajudante d'Ordens.*

MARANHAO.

Quartel do Commando das Armas na Cidade do Maranhão, 13 de Fevereiro de 1840.

Ordem do Dia n. 7.

—Ordem S. Exc. o Sr. Presidente e Commandante das Armas da Provincia, que as praças recolhidas no Hospital sejam remetidas ao Deposito, acompanhadas das respectivas baixas, em que se declare até quando estão pagas, do qual serão enviadas ao Hospital, e deste ao Deposito logo que tenham alta. Nenhum Militar se apresentará no Quartel do Commando das Armas, sem que seja uniformizado. Fica reintegrado no posto de Capitão do Batalhão Provisorio da cidade de Caxias o cidadão Ricardo Lillo Sabino, que deverá quanto antes seguir ao seu destino.

Antonio Nunes d'Aguilar, Ajudante, e Quartel Mestre General.

Quartel da Presidencia e do Commando das Armas na Cidade do Maranhão, 12 de Fevereiro de 1840.

Ordem do Dia n. 8.

—Ordem S. Exc. o Sr. coronel Presidente e commandante das Armas da Provincia, que a Divisão Pacificadora do seu commando, seja dividida em duas classes, hum de Operações, e outra de guarnições de Fortalezas, Pontos, Villas, e Cidades: a primeira d'estas classes se dividirá em tres columnas principais que serão augmentadas, ou diminuidas de força, segundo as necessidades do serviço, e dos movimentos que se houverem de praticar, as quaes serão compostas de corpos Provisorios de Caçadores, em conformidade do plano publicado na ordem do dia n. 1, e de hum força de Cavallaria, e de Artilharia que as circumstancias do terreno permittirem, para o que se organizarão dous corpos hum de Cavallaria,

e outro de Artilharia, que darão a força precisa para as referidas columnas, como fica determinado: as tropas que se achão occupando Caxias e Pastos-Bons, serão reputadas como pertencentes á primeira columna, que commandará por em quanto o Sr. coronel Francisco Sergio de Oliveira; as que operão sobre a Vargem Grande, formarão a segunda, que será commandada pelo Sr. Tenente Coronel José Thomaz Henriques; e finalmente as que se achão no Icatú, margem do rio Muny, a terceira, que continuará a commandar o Sr. Tenente Coronel Luiz Antonio Favilla: estes commandantes terão hum Offical subalterno de suas ordens, com os vencimentos de empregados de 1.ª classe, os quaes serão igualmente encarregados do detalhe das columnas a que pertencerem. Nenhum commandante de columna terá direito ás gratificações de commandante de Brigada, senão quando a força debaixo do seu immediato commando exceder a mil praças: não terá direito ás gratificações de commandante de corpo, nenhum Offical que tenha debaixo do seu commando menos de trezentas praças; e finalmente não será reputada companhia nenhuma menor de cincoenta. As forças que não ficarem comprehendidas na 1.ª classe, serão reputadas como guarnições e não terão direito ás vantagens inherentes ás que estiverem em operações. Os Srs. commandantes das columnas, e os dos corpos e pontos isolados, ficão autorizados a recrutar nos Districtos em que se acharem, e mesmo nos lugares por onde transitarem, não sendo as praças novamente recrutadas abonadas de sollos, e mais vencimentos sem que primeiro se eavio hum relação ao Quartel do commando das Armas, com todas as declarações para que o Quartel Mestre General a rubrique, e communique ao Sr. Commissario Pagador. As relações de mostra serão igualmente examinadas e rubricadas pelo dito Quartel Mestre General, sendo assignadas pelos respectivos commandantes das companhias, e rubricadas pelos dos corpos, ou os das columnas. Os Srs. commandantes dos corpos, terão alem dos livros de relações de mostra, em quanto se conservarem em operações, quadros em que lancem as ordens do dia, e a carga do armamento e outros objectos distribuidos a cada hum praça, com declaração da epoca em que os receberam, para que se possa proceder aos descontos á aquellas que os extraviarem ou arruina-rem por desleixo, ou antes do tempo marcado por Lei. Ordena outro sim o mesmo Exm.º Sr., que nenhum requerimento sobre objecto militar seja dirigido ás autoridades, sem que passe pelos tramites marcados por Lei.

Todas as praças que girem das columnas ou pontos, quer em serviço, quer doentes, serão acompanhadas da competente Guia, de seus vencimentos, declarando o armamento que trouxeram, e apresentadas ao Sr. Coronel commandante da Guarnição, para terem entrada no Deposito geral. Constando ao mesmo Exm.º Sr., que se tem abonado ração de etape, alem das marcadas na Tabela de 28 de Março de 1823, ordena que taes rações não sejam de ora em diante abonadas, devendo seguir-se em tudo o que dispõe a referida Tabela. He nomeado para servir interinamente d'Ajudante do Deposito o Sr. Alferes José Saturnino Gaspar. He igualmente nomeado para servir interinamente de Quar-

tel Mestre do referido Depósito, o Sr. Alferes Francisco de Assis Barbosa do Godeas.

Antonio Nunes d'Aguilar, Adjuncto, e Quartel Mestre General.

CHRONICA MARANHENSE.

O ex-presidente do Ceará despachado para o Pará!

—Uma das accusações honras que todos os partidos estão na posse e costume de fazer a todos os governos, é o de inaputar a estes todos os males que soffremos, e momentaneamente as desordens, que ordinariamente nascem de oppresses, violencias, e abusos commettidos por seus agentes. Posto que não seja possível, sem extravagancia, attribuir ao illustrado gabinete actual o designio premeditado de perturbar o paiz, devenho com tudo confessar que a nomeação do doutor João Antonio de Miranda para presidente do Pará é bem pouco propria para desreigar os prejuizos que em geral nutre a nossa população contra a auctoridade e o poder.

Quando vimos nomeado para o Ceará o sr. Souza Martins, homem grave e prudente, e para o Maranhão, o sr. coronel Lima, geralmente conceituado, e que com as reformas e economias que tem feito no nosso exercito nos poucos dias da sua difficil administração, vae justificando a escolha do governo central, espantamo-nos grandemente de ver o nome do senhor Miranda na lista de nomes tam serios e acreditados! Mas por certo, foi erro e não desejo premeditado de perturbar o Pará, ainda todo ensopado em sangue das passadas guerras. E' porem muito para lastimar-se que a experiencia do Ceará lhe não abrisse os olhos.

Ha muito que estavamos convencidos de que o sr. Miranda administrava o Ceará pessimamente, no só interesse de uma facção, cujo chefe se pavoneava de ser; a linguagem descomedida, insolente e facciosa dos seus officios e proclamações, as violencias e trapaças sem conta que sob a sua influencia se praticaram nas eleições, as innumeraveis dimissões acintosas dadas a empregados honestos e paes de familia, (*) muitas vezes só porque alguns delles davam nos collegios electores o seu voto silencioso contra o partido a que o presidente despejadamente se ligara; outros muitos factos em fim que fora inoportuno apontar aqui, confirmam a nossa opinião. Mas sômos as nossas repugnancias por semelhante homem, ja em attenção aos socorros que nos mandava contra a anarchia, ja porque a opposição que se lhe fazia passava quasi sempre todas as aias da moderação, merecendo especial menção o facto maudito de lhe mandarem exprobar em face, por uma deputação e mensagem da assemblea, quantos crimes lhe imputavam, verdadeiros ou suppostos. Depois porem da chegada do sr. Miranda ao Maranhão, as

duvidas que ainda aqui tinham alguns, converteram-se em realidade; as maneiras e a linguagem de S. Exc. justificaram completamente a opposição cearense.

Grosserias e incivildade, estoivamento quasi de louco, e uma cynica impudencia em gabar-se dos attentados que praticou no Ceará, eis o que deu a ver o sr. Miranda nos dois dias que aqui se demorou. E' uma verdade que custaria a acreditar quem o não conhecesse; por vezes, em presença de diferentes pessoas que nem sequer conhecia, S. Exc. gabou-se de quanto tinha feito a favor do que elle chamava *o seu partido, os Maranhenses*, apontando, entre outros factos escandalosos, a trapaça que n'um dos collegios se surripitaram 14 listas da opposição, e attribuindo a gloria desse feito ao sr. José Pio Machado, a quem, com muita gargalhada, louvou a expertise e sagacidade! O pasmo revia no rosto dos circunstantes quando tinha logar esta scena, em que um presidente do provincia se jactava de acções tam abjectas, e que ainda os homens mais infimos e despreziveis procurariam occultar!

Alem disto, o sr. Miranda lastimou a cobardia do governo central, pelo não haver mantido na presidencia do Ceará, e em desconto, promettera que ia no Pará brandir a espada do Andrea, e compensar com a sua energia a frouxidão do digno e illustrado sr. Souza Franco, e declarou logo que não havia outro meio de governar, que o povo está muito *desmoralizado*. E é um homem destes que nos falla na desmoralização do povo!

E' nossa opinião que o governo central não pode deixar de mandar outro homem para o Pará; o estado milindroso daquelle provincia, e a sua visinhança com o Maranhão, completamente anarchizado, exigem no seu administrador sôzudeza, prudencia, e religioso respeito ás leis, quando as qualidades que mais sobressaem no Sr. João Antonio de Miranda, são o estoivamento, a irreflexão, o despejo e a audácia de um faccionario. Se o governo central não olhar com attenção para estas coisas, e continuar a confiar as provincias a homens desta estoffa, mal de nós, que teremos de lutar com desordens sem fim; mal de nós Maranhenses, que em tão criticas circumstancias, vamos ter tam mau visinho. O Ceará por pouco que se não viu combatido por uma tormenta como a nossa.

Tendo-nos vindo uma carta da Parnahiba, foi confiada ao sr. João Bernardino Jorge Junior, para que no-la entregasse. Como sômos disso e não apparecia a carta, mandamos indagar do caso, e depois de dois dias de demora, appareceu-nos o sr. Jorge com a carta, dizendo-nos que tendo ido levar outras ao Sr. Fernando Mendes de Almeida, este sr., ou seu filho, o senhor doutor Candido Mendes, pediram tambem a nossa carta, tomando a seu cargo a entrega della. Mas o caso é que o sr. Jorge (segundo nos disse) foi dar com ella já na quitanda do sr. Esperança, e que quando nos veio á mão, estava ja um tanto deteriorada, talvez por ir envelhecendo. Rogamos a esses senhores que não tomem dora á vante o menor encommodo por nosso respeito; sirva quem quiser de secretario a Raimundo Gomes, e escreva cartas para elle no-las dirigir; insulte-nos e calunnie-nos quem quiser sob o nome de—*Amigo do Paiz*; mas nada de encommodos; agradeçamos a boa vontade.

Para descanso dos curiosos, declaramos que a carta não era de rebeldes (que provavelmente andará agora faltos de secretarios,) mas do nosso honrado amigo, o sr. Ozorio, prefeito da Parnahiba.

Aproveitamos a occasião para rogar aos nossos correspondentes que tenham todo o cuidado na remessa das suas cartas; são muitas as que tem sido roubadas.

A curiosa peça que publicamos, e achada pelas forças do Piahy entre a bagagem dos rebeldes, ha-de embarçar um pouco o nosso amado collega da Revista, que com este inesperado incidente vê barateados em pura perda os seus formidaveis argumentos sobre a identidade dos *principios* rebeldes com os da opposição! Ei-los que se dão agora a defender o throno e o altar, ei-los inimigos jurados dos republicueiros! Dirá ainda o collega que esse documento, grosseiro na forma, é fino na essencia? Não cismará sobre o logar em que foi datado?

NOTICIAS.

—Recebemos cartas da Parnahiba datadas em 14 do corrente. Alem das noticias que constam da ordem do dia do tenente-coronel Manuel Antonio da Silva, só temos a acrescentar que o batalhão organizado nas Carnahubeiras, sob o mando do major Firmino Braga, teve ordem de entrar em operações activas, devendo dirigir-se contra os rebeldes das Priguiças e Carrapato, para depois abrir communicações com as nossas forças da Miritiba.

Na provincia do Piahy, um grande numero de rebeldes occupava as matas do Curimatá; mas o tenente-coronel Manuel Antonio ia expedir contra elles uma forte partida.

EDITAL.

A commissão encarregada da compra dos objectos precizos para o Exercito, previne que tem de comprar panos azues para Bonets, gangas azues para Jaquetas, e brins para calças, camizas, e Jaquetas; as pessoas que quizerem vender taes generos poderão comparecer no Quartel do Commando das Armas no dia 24 ao meio dia, munidos das competentes amostras. Maranhão 21 de Fevereiro de 1840.

Antonio Nunes d'Aguilar.

Joze Jansen do Paço.

Joze Ferreira da Silva Santos.

Severino de Barros e Vasconcellos.

AVISOS.

—Vende-se dous terrenos de 6 braças de frente com 30 de fundo, na Rua do Passeio, fazendo hum d'elles canto com a Rua de Santa Anna; ambos tem muita terra vermelha. Vende-se igualmente outro terreno de 6 braças de frente com 18 de fundo, no fim da Rua Grande, já com obras de pedra e cal; quem os pretender dirija-se a Manoel Gonçalves Ferreira Nina, na Rua do Quebra Costa caza n.º 10.

—No escriptorio de Manoel Pereira da Costa, vende-se Bonets de panno fino azul com galão de ouro, bordados do mesmo; Cananás e Talins de polimento com ferragens dcuradas; e Bandas de seda para militares. Tão-bem tem novo sortimento de Dose de calda, e Orchatu, assim como de cabo de cairo &c.

MARANHÃO: IMPRESSO NA TYPOGRAPHIA IMPARCIAL MARANHENSE. ANNO 1840.

(*) Entre os dimittidos conta-se o cidadão Manuel Delemano Paes, inspector da thesouraria provincial, que tinha a seu cargo, a sustentação de uma familia de vinte e tantas pessoas, filhos, irmãs viúvas, e sobrinhos. Não se sabe de outros motivos, alem do seu voto no collegio eleitoral. Estando ja no Ceará o seu successor, ainda o sr. Miranda o não havia dimittido.

CHRONICA MARANHENSE.

VOL. II.

QUINTA-FEIRA 27 DE FEVEREIRO DE 1840.

N.º 216.

Assigna-se em casa do Redactor, rua do Egypto n.º 12, e na Fabrica de Chapéus de Vidigal Irmão & C.ª, rua
Grandes: preço por trimestre 3\$000, por semestre 5\$500, e por anno 10\$000 reis, pagos adiantados. As folhas
atrasas vendem-se a 160 reis na sobredita Fabrica, e os acisos imprimem-se a 60 reis por linha, mas
os dos assignantes, gratuitamente, com tanto que não excedam a 20 linhas.

MARANHÃO: IMPRESSO NA TYP. IMPARCIAL MARANHENSE. ANNO DE 1840.

MARANHÃO.

Artigos Officiaes.

—Ilm.º S.ª. Fica V. S. authorisa-
do para mandar pagar os ordenados, e
soldos atrasados com o dinheiro ultima-
mente chegado da corte, até a quantia de
oitenta contos de reis, a qual não deve
ser excedida, devendo nesta somma com-
prender-se todo o dinheiro que por or-
dem expressa se tem dado, e mais dez
contos de reis que devem ser enviados
para Caxias. Deos guarde a V. S. Ma-
ranhão 11 de Fevereiro de 1840.—*Luiz Alves de Lima*.—S.ª. Inspector da
Thesouraria.

—Ilm. S.ª. Accuso a recepção da no-
ta que, com data de hontem 19 do cor-
rente, por esse consulado me foi dirigi-
da, e na qual V. S. me communica a
suspeita do commandante da corveta In-
gleza —Race-Horse—, sobre a escuna
Brasileira —Amalia—, vinda de Angola,
que por isso offerece indícios de ser em-
pregada no trafico illicito de escravos.—
Logo que recebi esta nota dei as neces-
sarias providencias para que a dita escuna
fosse examinada, pondo a debaixo da guar-
da, e vigilancia do commandante do porto.

Sinto, porém, ter de levar ao conhe-
cimento de V. S., que o regulamento do
porto foi quebrantado pelo commandante
da corveta de S. M. Britanica, fazendo
atracar a escuna Brasileira gente do seu
bordo antes da visita da descarga, ape-
sar das admonições da guarda da alfân-
dega, que manifestava a impossibilidade
de o fazer, sem licença do inspector. Tal
procedimento de nenhum modo pode ser
authorizado pela suspeita acima mencio-
nada, pois que se oppõe ao artigo 2 das
instruções do tratado de 1817, e confir-
mado em 1826 entre S. M. o Impera-
dor do Brasil, e S. M. o Rei do Reino-
unido da Gran Bretanha e Irlanda.

Assim pois tendo o commandante da
corveta —Race-Horse— infringido o tra-
tado, e ao mesmo tempo as leis da alfân-
dega do Imperio, acha-se por este se-
gundo motivo incurso no artigo 135 do
regulamento de 1836, devendo por isso pa-
gar a multa imposta por esse artigo aos
infractores, o que communico a V. S. pa-
ra que, como autoridade de hum potencia
amiga, e respeitadora do direito das
gentes, notifique ao dito commandante, em
quanto pelo primeiro motivo tenho de re-
presentar ao governo de Sua Magestade
Imperial aquem compete como *Huma das*
Altas Partes Contractantes reclamar a
satisfação de humia injuria feita á Nação
Brasileira. Deos Guarde a V. S. Pala-
cio do Governo do Maranhão 20 de Fe-
vereiro de 1840.—*Luiz Alves de Lima*.

Ilm.º S.ª. William Wilson, Vice Con-
sul de S. M. Britanica.

Quartel da Presidência e do Commo-
do das Armas, na Cidade do Mara-
nhão 24 de Fevereiro de 1840:

Ordem do Dia n.º 9.

—S. Exc. o S.ª. Coronel Presidente e
Commandante das Armas da Provincia,
recomenda a todos os Senhores Commo-
dantes das columnas, e Pontos o maior
cuidado, para que as forças legaes não
comettam excessos, por onde transitarem,
fazendo manter a disciplina militar, e res-
peito ás propriedades. Querendo o mes-
mo Exm. S.ª. animar, quanto em si cou-
ber, a lavoura e cultura desta Provincia,
e promover deste modo os seus interes-
ses, determina, que os feitores das faze-
ndas sejam dispensados do serviço de es-
calla, sendo unicamente chamados a el-
le quando as circunstancias o permitti-
rem.—Antonio Nunes d'Aguir Adjutan-
te e Quartel Mestre General.

Communicado.

Autre fois les gens de bien memoient de-
vant les tribunaux les hommes injustes;
aujourd'hui ce sont les hommes justes,
qui y traquent (ou s'avisent d'y traquer)
les gens de bien.

Montesquieu.

—E' cousa já mui sabida, por quão e-
videntemente ha sido demonstrada que o
athleta do *Investigador* arde em odio
contra uma parte numerosa da população
maranhense, assentado de aproveitar-se da
calamidade publica, que nos tem flagella-
do, para descreditar os seus adversarios
políticos, apresentando-os como fautores
d'ella: vexado porém do titulo, e posição,
que tomara, o guerreiro estrategico reti-
ra-se para novo campo, e ali sob a ins-
cripção de *Revista*, angraria a aliança
de um joven campeão, alias pertencente
a uma classe, que mui deprimida fora
pelo orgulho do aliado socorrido! Ainda
bem que o sr. Sotero vio-se obrigado a
descer da sublime altura em que, desvai-
rado pela vaidade, rebaixava os nossos
Bacharéis, para enxergar a um delles,
e solicitar-lhe auxilio: tão extremado é o
afão, tão grave o interesse, que S. S. tem
posto na sua nova empresa difamatória!
oh! sacrificou-lhe uma de suas antipa-
thias mais decididas.

A Chronica que tem por si a allian-
ça da justiça, e da verdade, continuará
sem duvida a levar de vencida o seu con-
trario, apesar da nova posição, e do re-
forço; entantão isso não deve obstar a
que mais de uma voz se levante contra
essa liga odiosa, e que todas as intel-

ligencias não contaminadas do mesmo fu-
ror, que abrasa a taes colligados, cons-
pirem a pór de sobre aviso os nossos
conciadãos contra as calumnias especula-
tivas, com que o desespero da ambição
procura agravar os nossos males. Com-
primos pois um dever.

Já se não accusa artememente a op-
posição, que combatera os erros, o excessos
da actual legislatura da provincia;
assaca-se-lhe expressamente a negra cal-
lumnia de connivencia com a revolta, car-
regando os accusadores por ora o peso de
seus ataques sobre as doutrinas da Chro-
nica, e os sentimentos do seu digno es-
criptor. O redactor da Chronica escre-
veu a um chefe sedicioso; mas essa carta
foi por elle mesmo publicada, e ninguém
ha hi que ignore o ter sido ella escripta de
acordo com o presidente da provincia, (e)
e outros cidadãos mui respeitáveis, de-
vendo esse facto ser apresentado como
um serviço a legalidade; assim pela in-
tencão com que foi praticado, como por
algun resultado, que obteve. A Chro-
nica assignou os defeitos, e a exorbi-
tancia da lei das prefeituras; mas, res-
ponde victoriosamente o accusado, esse
crime foi também commettido pelo senado
brasileiro, e pelo ex-ministro Vasconcel-
los; e si tal opposição legal, e raciocina-
da podesse ser causa da desordem, os ver-
dadeiros autores desta seria os que deram
motivo a tão justa opposição, a não ser
que a Revista quera considerar toda re-
sistencia da razão aos desregramentos da
qualquer poder como uma rebellião, toda
opposição constitucional como uma revol-
ta, ou tentativa d'ella. E taes principios
não estariam em contradicção clamante
com as doutrinas, e actos mui recentes
do redactor mestre, quando ao presidente
que todo empunhado se achava em soc-
correr a legalidade paraense, e cortar a
communicação da anarchia para esta pro-
vincia, oppunha a resistencia mais des-
comedida, infrene, e até então inaudita
entre nós? Não poderia dizer-se com mais
fundamento que foi essa opposição a que
lançou no terreno maranhense as primei-
ras sementes dos fructos amargos, com
que hoje somos envenenados? Notavel in-
coherencia da logica politica das facções!
A opposição para o sr. Sotero ainda rude,
e abusiva, é um dever, uma virtude so-
cial; para os seus antagonistas, por mo-
derada, e decente que seja, é um capitulo
de accusação, um crime contra a ordem,
e segurança publica!

Na mingoa de outras provas, e do-
cumentos, a Revista, ou seus agentes, não
se pejarão de recorrer a coadjvação de

(*) Poderemos produzir documentos de
que escrevemos de accordo com o governo
da provincia. (Nota do Red. da Chronica.)

um ex-caudillo de rebeldes, cuja conversão, ou, segundo outros, cuja forçada entrega si é permitida aproveitar contra os seus camaradas, e commandados de honra, nunca o seu mero depoimento deveria ser solicitado para apoio de um processo accusatorio sobre a desordem, já pela qualidade de cúmplice, que a teria sempre com os que merecessem tal processo, já porque o caracter d'esse converso nenhuma valor pode prestar ao seu testemunho; e relativamente ao redactor da Chronica ainda acresce a circunstancia bem publica de ser esse ex-caudillo das hordas, que infestaram a comarca do Itapucurú, e a de Caxias, mui apadrinhado hoje por um homem, que se tem declarado inimigo rancoroso do accusado. *O Coque, e a sua mala!* Ah! não se abate o sr. Lisboa em responder a tão infame accusador; confiado no proprio merito, e na justiça da grande maioria de seus comprouvenciosos, despreza as emprestadas voçiferações d'esse alquilar, digno patrono do processo da impostura, e da calumnia. E si tocamos n'este triste recurso dos accusadores certo não foi por supplir o enpaz do nem se quer levemente prejudicar ao sr. Lisboa; sua reputação como patriota esclarecido, e generoso, seus recentes serviços a favor da ordem, e sugego publico, mal podem estremecer com artificios mais sagazes, que não absolutamente com esse tão grosseiro, e miseravel; memorando-o sim para fazer sentir a excessiva avidez dos dominadores do nosso poder legislativo provincial em achar pretextos, com que mascarem o iniquo assento de especular sobre a miseria da provincia a prol da sustentação de um triumpho quasi extorquido, e que já lhes parece escapar das mãos ambiciosas.

Rotas as fraquissimas teas, em que a Revista prendera as suas inculpações, ella prossegue então de motivos, e com o frenesi da obstinação accusa, e torna accusar vagamente a Chronica, e os seus amigos; e, por uma estranha theoria de processo, urge com estes para que se defendam, sob pena de condemnação infallivel! como si a obrigação da defesa não fosse precedida pela obrigação de fundamentar a accusação, como si aquella devesse ter lugar sem que esta primeiro se declaro procedente, isto é, sustentada em prova concludente. O sr. Sotero finge maliciosamente ignorar tudo isso em ordem a livrar-se de um onus, que o esmagava. *Proce a Chronica em como não é conculcete*, diz o grave redactor, *nós a accusamos, o seu processo existe*. Oh! si este accusador, já partidario dos fundos secretos, e arbitrarios, defensor da espionagem, e delação, e solicitador de suspensão de garantias para reprimir salteadores, chegasse a ter sob mão um Jefe, ou um Jury tão depravado qual o revolucionario francez de 1794, que modelos de processos monstros não consignaria nos tristes annos da justiça invadida pela politica, e servicial ao furor dos despotas, ou das facções! Quantas victimas não seriam immoladas pelo horrivel principio de accusações dispensadas de provas, e só obrigatorias á innocencia proscripta!

Os terroristas da França depois de qualificarem como provas de *conculcete*, ou *suspeita* de conspiração, o parentesco, a amizade, e quaisquer relações com os proscriptos; depois de responsabilisarem pelas desgraças da patria as cabeças de tais conculcetes; depois de negar-lhes juizes competentes, decretarão finalmente que

aquelle que accusasse, ou prendesse a um *suspeito* não seria obrigado a apresentar motivos (d'expliquer ses motifs). E a Revista que havia já adoptado os mesmos, e ainda mais frivolos fundamentos para as suas accusações, acolheu tambem esse derradeiro insulto do terrorismo contra todos os principios de equidade, e direito. E poderemos nós ouvir de sangue frio reproduzir taes monstruosidades no Maranhão, onde a sociedade se não acha ainda suspensa, onde a razão publica ainda se respeita, só porque barbaros salteadores devastão o nosso interior? o sr. Sotero devera envergonhar-se com taes reproduções, devera estremecer ao copiar originaes tão execrandaes: lembre-se no menos que os facciosos, ou os despotas, que mais falam nação o dominio da justiça para n'elle atear a fogueira da ambição, e da vingança, quasi todos foram tambem devorados pelas chamas da propria iniquidade.

Diz talvez o escriptor da Revista, que elle só accusa diante o tribunal da opinião publica; que só ambiciona o desconceito, e não o sangue, ou a proscriptão dos seus adversarios; que só trabalha por alienar d'estes o favor eleitoral, e perpetuar para si, e para os seus uma supremacia exclusiva sobre a nossa politica. E nós lhe retorquimos que a differença do tribunal não destrua a injustiça da causa; que a calumnia, e a intolerancia frenetica são sempre abominaveis; alem de que lançando-se elle uma vez na carreira fatal das perseguições injustas expõe-se á alternativa de ou segurar em toda a sua extensão, ou ser atropellado e substituido pelos instrumentos subalternos do odio, quasi sempre mais impudentes, e sanguinarios. Quanto ao mais, temos cabal confiança na opinião do paiz, e de seu esclarecimento, e rectidão esperamos remedio seguro contra as machinações de tão ruins accusadores; não recusamos esse juizo, e até contamos ver a Revista por elle condemnada rojar sob o peso da *punição moral*, que merece o calumniador, o adversario sem fé nem generosidade, que só accusa para illudir e ganhar, não para resguardar um direito, ou para servir a verdade, e a essa comunidade, cuja integridade, e bom senso tentara corromper.

Mas não é somente a verdade, e a justiça que a Revista, e seus colaboradores offendem na cruzada contra os seus antagonistas politicos; elles deservem os interesses geraes da provincia, e os recursos da legalidade, da qual no entanto se apregoa pelos defensores unicos. A desordem, derramada sobre uma grande parte da provincia, sustentada pelas levas invasoras, e sempre renovadas do certão fuminto de duas provincias lemitofes, e amparada tambem pelo negrume de uma nuvem horrivel... não pode hoje ser promptamente aniquilada sem o concurso de todas as vontades, e intelligencias, e a reunião de todos os esforços; não nos illudamos com os triumphos obtidos pelas nossas armas; todo valor, honra, e pericia no chefe, com forças regulares duplicadas não bastaria para profligar a nova hydra de lerna, que sopra, e assola diversos pontos do nosso territorio; hemos mister de um recurso mais poderoso, e salvador, e é este o levantamento, e abraço civico da provincia inteira contra o monstro que tala os nossos campos, devora, e incendia as nossas povoações. Vê-se pois o quanto conviria addiar as nossas accusações sobre culpas anteriores,

quando mesmo acompanhadas fossem de convicções, e provas sufficientes; quão politico fora abafar a indignação, que tal convicção inspiraria, para melhor servirmos a causa da legalidade, e da provincia; e esperarmos pelo restabelecimento da ordem, pela volta da calma, e do socego para serem apresentadas então aos tribunales, ou perante a opinião publica essas accusações fundamentadas, contra os perversos, que directamente ouvessem ordenado ou protegido a anarchia. A calma porem, e o socego não convem ao processo monstro que se diz instaurado: a exaltação do momento, as desconfianças do sofrimento, o transtorno das ideas, o dos juizos; eis os auxiliares que procurão os especuladores da accusação.

Os Catilinas podem continuar a trammar: mas o mesmo sr. Sotero, não sabemos porque descuido, confessou que os seus *suspeitos* haviam repudiado a propria obra, e que tornando-se a elles tambem damnosa, se disporão então a combatela. Porque pois se exorça S. S. por destruir essas boas disposições? O Coque arrependido merece-lhe mais do que os seus antagonistas politicos, nos quaes, posto que accusados tão calumniosamente, dignou-se de conceder tambem arrependimento?

Quem pois haverá que deixe de reconhecer não somente a falsidade como a negra má fé, com que a Revista accusa aos seus contrarios? E note-se como o furor calumnioso se lhe vai augmentando com a aproximação das eleições, época em que teremos de ver o seu ultimo paroxismo: felizmente o senso publico deve de achar-se tambem asiás prevenido contra essa explosão furiosa. Oh! como não sentirão então os especuladores a falta do grande meio que solicitarão, um braço de ferro armado de ampla suspensão de garantias contra os seus *suspeitos*, e *Catilinas*!

Ainda por outra razão o jornalista Revisor prejudica a legalidade. Clamando-se em escripturas periodicas que uma classe poderosa pelo seu numero, esclarecimento, e riqueza levantara a desordem, não irão esses clamores sustentar o animo dos revoltosos, e a audacia dos seus caudillos? Não concorrerão assim esses accusadores dispensados de provas a alimentar o fogo, que de odiosos dizem accendido pelos seus contrarios?

O sr. Sotero apreciará bem a justesa das observações, que acabamos de fazer; mas o espirito de partido, e o fanatismo faccioso o forçarão a repellar a razão, por mais que esta o impressione: terrivel conselheiro! acabe-se o genero humano pela mais insignificante verdade; perca-se grande parte do estado pelo menor principio; levantem-se as fogueiras e os tormentos pela mais longe suspeita de incredulidade: tal fora n'outras épocas a linguagem do fanatismo moral, politico, e religioso; e ora o fanatismo de facciosa intolerancia aconselha aos accusadores da Revista o arriscamento de todos os interesses da nossa provincia pelo mofino interesse da vingança, e ambição, que os tortura.

Resumamos. A Revista com o seu processo accusatorio, sem convicções, e desobrigado de provas, demonstra a um tempo *perversidade*, e *impolitica*, offendendo a moral, e a justiça; a razão publica, e os interesses geraes do paiz.

O Amigo da Provincia, e da verdade.

Correspondencia.

Ilm. Sr. Redactor da Chronica.

Resposta ao Sur. *** da Revista
16 de Fevereiro.

—O communicante da Revista em hum art.º em que pertendo desmentir a Chronica calunniando-me atroz e indignamente, e na alluvão de crimes, que me imputa, nem se quer a menor prova se dignou apresentar. De boa vontade entregaria no desprezo o meu anonimo detractor, se infelizmente o Publico não tomasse o silencio por convicção do crime; e apesar da minha repugnancia para entrar em polemica com gente da estofa do tal correspondente, corre-me a obrigação de o desmentir e dar algumas explicações.

O meu illustre calunniador assevera impudentemente, que estive no club de Santa Rita, e que depois de haver concorrido quanto me foi possível para a rebelião tive huma ocasião de salvar Caxias, e não o fiz. Eis o libello famoso, que me faz o Sur. ***.

Admitta comigo o nobre escriptor, que he precisa a existencia de dois factos para se considerar rebelde hum individuo: 1.º a vontade de attentar contra a ordem, 2.º o haver attentado materialmente. Sem a existencia destes dois factos, o conhecimento, e a vontade de praticar hum acto, e hum facto material, que o indique, he impossivel não só a existencia de rebelião, se não de todo e qualquer crime. Se he evidente a verdade destas proposições, se eu demonstrar, que só existio o facto material, haver eu estado por algum tempo com os rebeldes, creio que convencerei ao Communicante da Revista de infame calunniador.

He falso que eu estivesse nesse club de Santa Rita, e nem ao menos S. S. será capaz de provar que eu em tempo algum lá fosse: essa reunião teve lugar a 20 e tantos de Maio de 1839 e a 13 ou 14 de Maio estando em minha fazenda (distante de Caxias 6 legoas) fui cercado pelos rebeldes, como são testemunhas os Srs. Alferes Pacheco, e Graça, que vinham presos, e para livrar a vida fui preciso inculcar-me rebelde. Ali estiveram hum dia, indo depois para o Gaio (legoa e meia distante da minha casa) deixando 3 rebeldes para impedirem a minha fuga, cautela-quasi desnecessaria estando os arredores enfiados de rebeldes. Assim tratavam elles hum seu partidario, que concorria o mais que podia para a revolução!!! Na finissima logica do nobre escriptor he este facto sithum argumento irrefragavel da minha convicção! Eis pois demonstrado, que ja antes do club de Santa Rita andava eu coacto pela força do Balaio, e Getirama, que me ameaçavam com a morte se por ventura eu fugisse; e como eu tal estado iria eu atravessar a Parnahiba para *livremente tramarmos em favor da revolta*. [?] Eu desafio a S. S. para apresentar os documentos da minha presença nesse club. Estive esperando alguma ocasião de evadir-me, e ainda a tentei; porem conhecendo a impossibilidade, e sendo chamado pelo Getirama, e Balaio, fui ter com Ignacio José Teixeira (que apoiava a revolta) para livrar a minha vida, e bens, ja que de outra maneira nem podia impedir a revolução, e nem ao menos escapar com vida, pois os rebeldes assassinavam a todos, que fugião como fizeram com José Francisco Torres, João Pereira da Fonceca e outros infelizes.

Estes exemplos foram sem duvida argumentos capazes de convencer a hum credulo da verdade das ameaças, que faziao. Queria o Sur. correspondente que preferisse a morte, quando este sacrificio não aproveitava, do que o acompanhar rebeldes? He natural; porem nem a todos a natureza com prodiga mão doou de uma coragem tão grande, de hum despego da vida, como a S. S., para sacrificada a vergonha de acompanhar obrigado a filhos ingratos, que obrigavão a Patria sem ao menos com este esforço sustenter-lhe por momento a culpa. Semillante sacrificio fora sem duvida hum brilhante rasgo de patriotismo, com que enecavaria S. S. os antigos Gregos, e Romanos; mas que o não exige a nossa Legislação, e os principios de uma sã Philosophia.

Porem diz o meu nobre calunniador, que estive com os rebeldes, logo sou rebelde, logo não estive coacto! O absurdo de semelhante argumentação salta aos olhos, e sobejá observar, que por semelhante maneira de argumentar S. S. exclue sempre a possibilidade da coacção; talves que siga a absurda máxima—*voluntas coacta semper est voluntas*—e que na sua lumineissima Jurisprudencia Criminal seja o facto material o unico elemento sufficiente para provar a existencia de hum crime. Dirá por ventura S. S., que o facto material dado que por si só não estabeleça o delicto, todavia dá lugar a vehementes suspeitas. Concorro; porem o meu procedimento anterior a revolução, as minhas circunstancias, e a minha fugida dos rebeldes sobejão para destruir toda, e qualquer suspeita. Se hum individuo depois de um assassinato recente for encontrado armado nesse lugar por certo que algumas suspeitas de crime se clavarão á primeira vista contra elle, porem se a vida anterior deste homem fosse sem mancha, se tivesse sempre mostrado respeito ao crime, se o morto he fosse desconhecido, se nem hum motivo de odio, ou lucro existisse, diria S. S., que esse individuo foi o autor do crime? Por certo que não; e por que? Porque não apparecem motivos para determiná-lo a semelhante acto? Ora o mesmo acontece a meu respeito, falta absoluta de motivos para ser rebelde. Tenho sido hum lavorador pacifico, e de uma vida limpa de crimes, e torpezas, tenho alguns bens para perder, e nada a esperar de uma revolução, que por interesse só me offereceria a perda da minha pequena fortuna, e por gloria a infamia do roubo, e do assassinio. Não se pode dizer, que a sede de vingança de inimigos superou os motivos tutelares, que tinha para repellir a revolução, pois que não tinha inimigos, e se hoje os tenho me são desconhecidos. Por consequente, ou S. S. ha-de admittir, que eu fui rebelde sem uma razão sufficiente, ou que as acções humanas não tem hum movel, que as determine, o que he palpavel extravagancia. Una-se ás razões, que tenho expendido o haver eu fugido dos rebeldes, e diga o Publico imparcial, se a coacção está ou não evidentemente provada.

Podia salvar Caxias, e não a salvei; fui hum recadeiro do Balaio, recuzei os obsequios do infeliz Doutor Raimundo da Cruz &c. He admiravel o arrojo, com que o nobre communicante aventura factos tão ponderosos sem ao menos ensuar a mais leve demonstração. Como podia salvar eu Caxias? na opi-

não do habilissimo General *** disendo que os rebeldes não tinham municiões; eis o que só sabia o correspondente da Revista: eu julgava, que os rebeldes tinham não só bastante municião, como também forças superiores ás da legalidade, e que era natural, que o seu numero aumentasse (como aconteceu) e fosse Caxias preza da sua cobicia. Mas demos de barato, que os rebeldes podessem ser batidos; não me podia eu enganar? He sempre facil prever o resultado de um combate? Infelizmente não me enganei, e com o maior despego mente o correspondente da Revista, quando assevera, que eu sabia, que a legalidade podia derrotar os rebeldes, e não o disse.

Recuzei os obsequios do infeliz Dr. Raimundo da Cruz, e passar para a legalidade, esta imputação ja está cabalmente refutada. Se eu estava entre os rebeldes, porque estava persuadido, que ou havia de acompanhá-los, ou perder a vida, como queria S. S. que me passasse para a legalidade, quando eu estava inteiramente convencido, que os rebeldes haviam de entrar em Caxias? se a simples fugida era entre elles crime de morte, como não tratarião aquelle, que sendo mandado em huma commissão se passasse para o partido opposto, e lhe fizesse a guerra? Foi mandado em commissão, e acompanhado por um soldado rebelde para observar se eu a cumpria ou não; não estava coacto segundo o nobre correspondente da Revista.

Diz ainda S. S. que eu fui destruidor da minha Patria, e que ella se envergonha de me haver produzido. Pezame em extremo o haver S. S. escondido o seu patriotismo com o anonimo; por que talves que seja daquelles, que não possão a menor das virtudes baseio para escapar a infamia do crime o manto de huma hipocrita virtude.

Permita o nobre communicante da Revista, que de passagem conteste a calunnia com que quiz infamar a memoria do meo infeliz mano João Baptista Viana. Não procurarei fazer-lhe huma longa defeza. Convido somente a S. S. para apresentar as provas de ter elle estado no Club de Santa Rita, e lembrarlhe-hei, que o meo infeliz mano depois de haver fugido dos rebeldes, morreu miseravelmente de febre escondido nos matos. O communicante da Revista, sabe disto; porem a sua perversidade não poupa os mortos. Não he o tumulo hum azilo sagrado para os tiros da calunnia!...

Tenho demonstrado, que o communicante da Revista, calunniou-me 1.º quando disse, que estive no club de S. Rita, o qual segundo S. S. foi a cauza da tomada de Caxias; 2.º que não estive coacto; de novo reitro a S. S. o convite, que lhe fiz de apresentar as provas da minha estada no Club de S. Rita. Terminarei finalmente pedindo-lhe que se preza a honra, e sabe avaliar, o que he huma boa reputação, declare o seu nome, e me acuze perante o Publico; deixe o anonimo, e não procure algum miseravel testa de ferro para a salvo poder insultar, e calunniar.

Queira Sr. Redactor dar lugar na sua estimavel folha a estas mal traçadas libbas, com que muito obrigará a quem he
S. eza 21 de
Fevereiro de 1840.

De V.

Atte V.º e Cr.º
José Maria Viana.

CHRONICA MARANHENSE.

—O contemporaneo da Revista, tractando da administração do senhor Manoel Felizardo, aventura algumas proposições que carecem de exame. A Chronica (diz elle) faz acres censuras ao presidente dimittido, aquem d'antes lisongeava &c., e ali vem a inevitavel comparação do indio que adora o sol ao nascer, e o apedreja no occaso. Ora é preciso ter toda a coragem da Revista para inculcar que nunca censuramos o senhor Felizardo nos dias do seu maior poder. Ainda mesmo depois da perda de Caxias, quando se estabeleceram relações mais estreitas entre S. Ex. e a opposição, esquece alguém o como fallamos sem reboço ao senhor Felizardo, acerca do seu procedimento injusto para com o major Falcão, e acerca das suas deploraveis condescendências para com o senhor Sergio? E agora o que fazemos? Nem se quer tocamos no nome do S. Ex. quando dispomos duas palavras a cerca dessa escandalosa promoção, tam escandalosa, que nas proprias paginas da Revista se assignalam as suas injustiças.

Conheço-se perfeitamente que a dimissão do senhor Felizardo, no tempo em que chegou, veio contrariar muitas vontades, e surpreendeu desagradavelmente o partido dominante, que na causa de duas mezas tinha inteiramente mudado de intenções a seu respeito. O senhor Felizardo deixava ao senhor Sergio ampla liberdade de obrar como entendia, em prender ou soltar rebeldes, em marchar ou deixar de marchar, em proclamar perdão geral e indistincto ou o arrasamento das fazendas, e a matança dos seus donos, á feição de feras. Se o presidente dava umas tantas ordens, não eram cumpridas; se mandava modificar o falcão editado, o sr. Sergio o ameaçava com a sua calamitosa dimissão, e o seu secretario privado declarava ao Militar que S. Ex. se deixava governar por gazeteiros, mas que havia de amargal-o, porque o Militar se levantava no acampamento só para lhe ensinar o bom caninhão; e a tudo isto respondia o sr. Felizardo com bastos elogios na primeira ordem do dia que publicava! Nós admiramos então (não é hoje, note bem a Revista) a paciência evangelica do S. Ex. Bem era esse thesor de vida, e magnificas eram as esperanças que nutria certa gente de ganhar as eleições a pouco custo, mediante a calmaria e mollativa influencia dos senhores Sergio e Ernesto. Chegaram as dimissões, grande desapontamento! E dali tantas magoas, e pesares, dali essas rebeliões já mortas ou a morrer, dali esses estranhos elogios ao sr. Manoel Felizardo, dali essas discordancias no assignalar as causas da sua dimissão, e a rara modestia com que recusam attribuir a ao milheiro de cartas que escreveram para a corte, e as quaes os seus officios nas imprudentes amigos, tinham logo o cuidado de publicar em todos os Diarios. O senhor Felizardo elogiado pela Revista, que lastima a sua dimissão! E' cousa que custa a acreditar! Como se esqueceu tam depressa o atilado redactor que ainda em 15 de Novembro, em um estilo que elle ha de conhecer como as palmas das suas mãos, se escrevia aqui para a corte que o presidente Felizardo era homem fraco e irresoluto, que pactuava com o crime, que tolhia os vãos do sr.

Sergio, (vãos d'ama) que tinha a propriedade de paralyzar tudo, que outro qualquer homem poderia acabar a guerra com os mesmos meios que então existiam? Aqui nos é forçada a accusação do sol apedrejado; no Jornal do Commercio de 7 de Janeiro publicou-se uma carta do Maranhão; essa carta nos pertence, e pode quem quiser verificar com a sua leitura que não somos daquelles que pensamos uma causa em particular, e escrevemos outra para o publico. Lá encontrará a Revista o juizo que sempre fizemos do senhor Felizardo, e certo não levantaremos clamores contra a imprudencia do amigo que lhe deu publicidade.

Depois desta grossa inexactidão sobre a maneira porque havemos tractado o senhor Felizardo, disserta a Revista um pouco sobre as causas que retardaram a pacificação da provincia, e nota como principal o systema de conciliação pregado pela Chronica em favor dos rebeldes, abandonado o qual pelo governo, que já estava mais experiente, as victorias se seguiram umas ás outras, e tudo foram prodigios. A Revista acrescenta que o editorial que a Chronica tanto censurou (censuramos-lo fortemente, mas em parte) tem produzido admiraveis effeitos, esquecendo-se de que ha tempos, e para outros fins, allegou que esse editorial fora essencialmente modificado, e ficara sem execução.

Examinemos, e ver-se-ha com o jornal da columna costuma confundir as causas para poder dar alguma sombra de justificação ás suas delicias. A doutrina constante da Chronica tem sido que é impossivel punir 6 ou 8 mil homens que tomaram as armas pela revolta, a menos que se não queira perpetuar as desgraças da provincia, e exterminar uma grande parte da sua população; mas foi ella a primeira que criticou o perdão indistincto proclamar pelo sr. Sergio, foi ella quem primeiro declarou que o perdão deveria ser excepcional. Foi ella finalmente que primeiro fez sentir quam desnecessario e prejudicial era para a causa da lei que os chefes das nossas forças estivessem a dirigir recados e mensagens a chefes rebeldes, que recusavam depor as armas, e respondiam com arrogancia.

Cerca de um mez depois é que o Investigador accordou, e se lembrou de repetir o que havíamos dito. (*) Demais, nenhuma incompatibilidade havia entre o perdão offerecido aos rebeldes obscuros que quizessem voltar á resipiscencia, e entre a perseguição armada exercida contra os que fossem tenazes no crime; e debate de pretender a Revista explicar pelo systema das conciliações a inação vergonhosa do sr. Sergio, devida somente á sua incapacidade, ou, o que será peor,

(*) Já que a Revista se acha tam bem informada dos polidos que faziam e alvites que davam os anarchistas disfarçados (como profundamente nos chama o Amigo do Paiz) ao ex-presidente o sr. Felizardo deverá igualmente saber que mostrando nós a S. Ex. a admiração que nos causava o perdão geral offerecido pelo sr. Sergio, que nem a nos exceptuava os principaes chefes, fomos respondido que o governo o não auctorisara para tanto. A Revista no entanto accusa principalmente o sr. Felizardo; seja, porque se elle não auctorisou consentiu ao menos, e haja vista o Co que, que depois do preso se transformou em apresentado, e depois em digno comandante da guerrilha.

á sua pouca vontade de acabar a guerra na primeira campanha. Para prova do que dissemos, ali estão os factos; nestes ultimos tempos mais alguma cousa se tem feito, e nada menos continuam a receber-se nas fileiras da legalidade numerosos grupos rebeldes, e a propria Revista considera uma grande vantagem, a conversão de muitos dos principaes caudilhos. Admiravel contradicção! E porque outros meios tem logar essas conversões, essas apresentações aos chefes, senão pelos conciliatorios, que ainda agora eram tam reprovados?

Em o numero seguinte faremos um particular exame da accusação que se faz á commarca de Alcantara, a quem se chama principado independente, depois de lhe haverem por duas vezes annullado os eleitores, e usurpado violentamente o direito de intervir na organização da assembleia provincial.

—Num dos officios transcriptos no presente numero refere S. Ex. o attentado praticado pela tripulação da curveta ingleza —Racco-Horse, na escuna brasileira—Amalia—que atracou e fez revistar dentro do nosso porto e por suspeita do dar-se ao trafico de Africanos. A nota energica do senhor presidente da provincia nada deixa a desejar; alem de que para não alargar as nossas reflexões, ainda ha o facto de ter o comandante da corveta dado ao nosso governo satisfações verbaes e por escripto, reconhecendo que a sua tripulação infringiu effectivamente os tratados e regulamentos do porto, e lançando toda a culpa do acontecido a um official subalterno. por se não achar elle então á bordo. Nós cremos que o motivo da violencia foi a insolencia que tantas occorrenças semelhantes ha produzido nas relações das nações poderosas com as mais fracas, e que a satisfação, attenuando um pouco a gravidade do facto, não isenta os culpados das penas que lhes impõe as leis que elles quebrantaram.

—O Amigo do Paiz será respondido.

AVISOS.

—Manoel José Martins, morador e estabelecido na Cidade de Caxias, tendo noticia ultimamente que os rebeldes, depois de lhe haverem roubado a maior parte de sua fortuna, lhe roubarão igualmente seus livros commerciaes, obrigações, lettras, e mais documentos, assim como todos os papeis pertencentes a testamentaria do finado Francisco José d'Araujo, que existia enterrados dentro de hum cofre de ferro, e como pretende proceder judicialmente contra os auctores de semelhante roubo, faz publico pelos periodicos desta Cidade, que elle protesta contra quem direito tiver, e previne a todos os habitantes deste Imperio, ou fora d'elle não fação negocio algum com qualquer destes documentos que se lhes possam apresentar; tão-bem previne a seus devedores não paguem quantia alguma a não ser a elle proprio seu credor, ou a pessoa por si legalmente authorizada, certos de que tais pagamentos lhe não serão elevados em conta. Maranhão 24 de Fevereiro de 1840.

Manoel Jose Martins.

—No Armazem que foi do defunto Freitas, na Praya-Grande, tem guaraná á venda, chegado ultimamente do Pará. Maranhão 20 de Fevereiro de 1840.

MARANHÃO: IMPRESSO NA TYPOTYPHIA IMPARCIAL MARANHENSE. ANNO 1840.

CHRONICA MARANHENSE.

VOL. II.

TERÇA-FEIRA 3 DE MARÇO DE 1840.

N.º 217.

Assigna-se em casa do Redactor, rua do Egypto n.º 12, e na Fabrica de Chapéus de Vidigal Irmão & C., rua Grande: preço por trimestre 3\$000, por semestre 5\$500, e por anno 10\$000 reis, pagos adiantados. As folhas avulsas vendem-se a 160 reis na sobredita Fabrica, e os avisos imprimem-se a 60 reis por linha, mas os dos assignantes, gratuitamente, com tanto que não excedam a 20 linhas.

MARANHAO: IMPRESSO NA TYP. IMPARCIAL MARANHENSE. ANNO DE 1840.

PARA'.

Ilm. e Exm. Sr. Doutor João Antonio de Miranda, Presidente nomeado para a Província do Pará.

DANDO a V. Ex. posse da Presidência, eu tenho o prazer de assegurar a V. Ex., que ella goza perfeita tranquillidade. Os rebeldes que por muito tempo a assillaram, desaparecerão das Comarcas da Cidade, e do Baixo Amazonas, onde apenas alguns existem fugitivos, e embrenhados nas matas; e na do Alto Amazonas, ou em magotes elles procurarão ir-se esconder nos Districtos legaes, porém occultos ás vistas dos habitantes; ou pedem, como os que estão nas immedições de Luzerna, paz, e que lhes seja permitido voltarem ás suas Casas. Por toda a parte tem cessado desde alguns mezes as correrias, os ataques, e os crimes, que sóto commetter. Fago votos para que V. Ex. possa conseguir fazer cessar totalmente os receios de que de novo elles voltem ás armas, o que he de esperar da reconhecida pericia, e energia de que V. Ex. he dotado. Pará 20 de Fevereiro de 1840.

Bernardo de Souza Franco.

MARANHAO.

Artigos Officiaes.

—Ilm. Sr.—Entregando hoje a administração desta Província, não me he permitido deixar de render a V. S. meus agradecimentos pela intelligencia, actividade, e desvellos que tem prodigalizado ás praças do Exército que se tem tentado no Hospital Militar.

Este Estabelecimento sob sua direcção tem tomado regular andamento: a pouca mortalidade, que ali se observa, o rapido restabelecimento dos Enfermos são provas exuberantes dos relevantes serviços que V. S. tem prestado na crise terrivel porque tem passado a Província.

Aproveito a occasião para certificar-lhe minha estima e consideração a Pessoa de V. S. a quem Deus guarde. Palacio do Governo do Maranhão 7 de Fevereiro 1840.—Manoel Felizardo de Souza e Mello.—Sr. Dr. José Alves Nogueira da Silva Director do Hospital Militar.

Quartel da Presidencia e do Commando das Armas na Cidade do Maranhão, 24 de Fevereiro de 1840.

Ordem do Dia n. 10.

—S. Ex. o Sr. Coronel Presidente

e Commandante das Armas da Província, manda louvar aos Senrs. Commandante Superior, Commandantes dos Corpos, Officiaes, e mais praças da Guarda Nacional desta Cidade o bom arranjo, acção, e uniformidade com que hontem se apresentaram na revista passada pelo mesmo Exm. Sr. O Sr. Pagador das Tropas prestará quanto antes suas contas á Thezouraria Geral, bem como os Senrs. Commissarios de viveres; cujas contas serão vistas e examinadas pelo Quartel Mestre General, a quem cumpre tal fiscalização. Os Superiores e Soldados enxadados terão mais razão de elap, e se tiverem filhos humes, além das que perceberem em conformidade da Tabella de 28 de Março de 1835. Chegando ao conhecimento do mesmo Exm. Sr. que os Senrs. Commandantes das forças em operações, contão nos seus mappaes com as praças enviadas no Hospital Militar desta Cidade, e com as que se achão em diferentes lugares, independentes de seus Commandos, onde são incluídas; e porque estas mesmas praças possão ter outro destino, não só por assim convir ao serviço, como porque muitas vezes se difficulta fazel-as voltar para o mesmo lugar; ordena, que d'ora em diante tues praças sejam desligadas das forças a que pertencerem, sendo logo acompanhadas das respectivas Guias como está determinado na ordem do dia n.º 8. O Sr. Major José Bernardino da Silva fica encarregado do detalhe da Guarnição desta Cidade.

Antonio Nunes d'Aguilar

Ajudante, e Quartel Mestre General.

Quartel da Presidencia e do Commando das Armas na Cidade do Maranhão, 25 de Fevereiro de 1840.

Ordem do Dia n. 11.

—Sua Ex. o Sr. Coronel Presidente e Commandante das Armas da Província, manda declarar, que a commissão criada pela ordem do dia n.º 6, tendo por fim ajustar, e mesmo avaliar o gado que se houver de comprar para fornecimento da tropa, he igualmente authorizada de ajustar outros quaisquer artigos que sejam precisos. Determina o mesmo Exm. Sr., que nenhum objecto para a tropa seja tomado aos fazendeiros, sem que aos mesmos se entreguem os recibos de taes objectos para a todo o tempo poderem haver o seu pagamento.

Antonio Nunes d'Aguilar

Ajudante e Quartel Mestre General.

Quartel da Presidencia e do Commando das Armas na Cidade do Maranhão 28 de Fevereiro de 1840.

Ordem do Dia n. 12.

—Ordena S. Ex. o Sr. Coronel Presidente e Commandante das Armas da Província, que todos os Senrs. Officiaes Avulsos quer de 1.ª quer de 2.ª Linha sejam incorporados á Commandancia da Guarnição, para serem por ali detachados, ficando por este modo extinto o Corpo de Officiaes Avulsos de 2.ª Linha, que ora existe. Ordena outro sim o mesmo Exm. Sr. que as praças de pret cumprimentem aos Senrs. Officiaes de qualquer Patente que seja, fazendo alto seis passos antes de passar o Official a quem cumprimentarem.

Antonio Nunes d'Aguilar.

Ajudante, e Quartel Mestre General.

CHRONICA MARANHENSE.

—No empenho de caluniar os seus adversarios, de armar de olhos e suspensas metade da população contra a outra metade, de substituir os horrores da anarchia actual pelos de uma reacção tam violenta como ella, o partido dominante ja não escolhe meios, e todos empregam, por objectos que sejam. Cada dia se tornam mais impudentes e ociosos em forjar e propagar embustes grosseiros, e ultimamente a Revista, que promettera ser um jornal sério e grave, se desavergonhou a ponto de estagnar nas suas colunas os pasquins infames que se andaram a affiar nos mezes de Setembro e Outubro. Em um communicado do Amigo do Paiz, publicado em o N.º 16 do citado jornal, depois de fallar-se na benéfica influencia que tiveram esses pasquins para obrigar uns caloteiros misteriosos a pagar dividas, diz-se sem rebuço que a barca de vapor ingleza que ha oito mezes se achava no nosso porto, segundo noticias vindas da Bahia, foi mandada vir por conta dos cabeças mais limpos da rebellião, com 6000 armas que, como é fuma, foram desembarcadas na Tutuya; que ja se pagavam 10 contos (admiravel effeito dos pasquins) mas que ainda se restam outros 40, de que se passaram letras a 2 por cento ao mez, o que a grande e inaudita demora do vapor provém da falta do pagamento total da divida.

Antes de reflexionarmos sobre esta infame impostura, digamos o que ha realmente passado com o Vapor. A barca Glycina foi construida em Inglaterra

por conta de uma companhia da Bahia para ser aplicada a navegação costeira; mas sofrendo terribes contratempos na viagem, a ponto de arribar por duas vezes, uma mesmo em Inglaterra, e outra em Lisboa, depois de estar na altura do Rio Grande do Norte, arribou pela terceira vez ao Maranhão, com a máquina e caldeiras de tal modo arruinadas, que foi julgada incapaz de continuar a viagem, e ficou abandonada por conta dos seguradores. Como houve opposição da parte destes, move-se e move-se ainda em Londres um pleito, e até a sua final decisão, terá a barca de permanecer no nosso porto. Consta-nos também que o governo da provincia tentara compra-la para o serviço della, mas que convencido do seu estado de ruína, desistira do negocio.

A esta explicação natural da demora do vapor, oppõe o Amigo do Paiz umas noticias que lhe mandaram da Bahia, e que se espalharam, a fama do desembarque das armas na Tutoya, e a estúpida suposição de que o vapor se não vai embora porque a divida não foi paga, como se a presença de uma embarcação fosse um grande meio obrigatório! No entanto porque rasmo a facção da calumnia que de tudo sabe, das letras, dos premios que pagam, dos fins e resultados dos pasquins, porque rasmo não accusa os culpados perante os tribunales, ou pelo menos não apresenta todos os seus documentos e noticias ao governo, para que este promova o respectivo processo?

Mas não; um procedimento regular mal pode caber onde só ha desejo de calumniar, especulando sobre os prejuizos, ignorancia e credulidade do povo; e quiz-se aproveitar a um tempo a opinião antiga de que os estrangeiros, e especialmente os Ingleses traçam a nossa ruína por todos os meios, e a recente occorrença havida entre a corveta *Race-Horse* e a escuna *Amalia*.

Quem é o autor dos communicados do *Amigo do Paiz*? ninguém o sabe, e suspeita-se apenas que é um escolar mal-aproveitado, que se fez conhecido na academia onde estudou, pela multiplicidade e rapidez das suas transformações; hoje athe o furioso, amanhã devoto do Santissimo Sacramento, hoje propugnador ardente da liberdade dos africanos, amanhã panegyrista descarado do systema—Andrea, e do exterminio dos que por escarneo chama patriotas. Mas quem quer que elle seja, mascarado, como Nero, com a libré do cocheiro, pode afrontadamente cobrir-se de lama, enfiar-se em orgias, e confundido na turba molecular, arrancar os pasquins das esquinas e grada-las subtilmente ás paginas do jornal que alimenta. O seu desfarce tutelar talvez ainda lhe permita distinguir-se mais neste genero de exercicios, em que sem dvida adquirirá mais gloria, do que em outros em que tenha perdido o tempo. Mas o senhor Sotero consentir taes infamias no seu jornal!... é preciso que de todo tenha perdido a ultima dose de pudor.

Admiremos os progressos que na calumnia vai fazendo o órgão da facção; a principio accusava elle em tom de duvida, e tudo era apellar para as suspeitas do publico, que o proprio Investigador alimentava, citava depois em seu apoio, tornava a alimentar e a citar. Depois passou a afirmar por sua conta e risco, e presentemente está imprimindo pasquins. Devemos crer que os furor-

vão subir de ponto; já se publica o *Legalista*, o *Cometa* foi já annuciado, e com a aproximação das eleições teremos de ver reproduzidas todas as torpezas da Chronica dos Chronistas, e dos avulsos do senhor Leonel. O desforço ha-de naturalmente apparecer, porque essa é a marcha das cousas; e nós desde já tomamos nota da aggressão.

—O senhor Candido Mendes de Almeida explicou a seu modo, e muito a seu salvo, o facto mencionado em o nosso n.º 215—de se haver extraviado uma carta que nos foi dirigida da Parnahiba. O illustre professor de geographia e historia, desconfiando sem rasão alguma de si proprio, assentou que o publico só lhe daria credito, quando se elle de dous atestados, um de um estudante filho-familias, outro de um cocheiro ou socio de uma taberna, ambos os quaes publicou em seguida a uma carta sua em o *Legalista* n.º 2. Julgamos a questão bem pouco interessante, e com tudo fomos forçados a voltar a ella, attenta a manciça porque nos tractou o joven bacharel. Expliquemos o caso novamente. No dia 20 do corrente chegou-nos essa carta da Parnahiba; nesse mesmo dia o honrado sr. João Bernardino Jorge, pae, a deu a seu filho para no-la vir entregar; este joven porem teve a simplicidade de deixa-la em casa do senhor doutor Candido Mendes, ou mais propriamente, na de seu pae, o senhor Fernando Mendes. Quando subimos onde ella parava, e attentamos na demora, mandamos pelo agente, e por um dos distribuidores do nosso jornal, fazer as necessarias diligencias para subtrahi-la a tam boa guarda; e as diligencias produziram tam bons effeitos, que antes das 8 horas da noite o sr. Bernardino Junior se nos apresentou com ella em um estado de perturbação indizivel, dizendo-nos que indo na vespera entregar outras cartas á casa do sr. Fernando, este senhor lhe pedira a nossa, encarregando-se da entrega; e depois recommençando a narração, disse-nos que o senhor Fernando não estava então em casa, que quem pedira a carta fora o senhor doutor Candido, e que instara muito por ella, a senhora sua mãe (que não nomeamos a primeira vez, pela consideração devida á sua qualidade de senhora) allegando até para obtela, que tinha de mandar um rapaz á nossa casa. Que á vista do empenho, entregara a carta, mas que no dia seguinte ao sair do estudo, pela manhã, suspeitara que a carta lhe fora pedida para fins sinistros, e que a não fora reclamar, porque lhe era desniroso mostrar desconfiança. Tudo quanto nos disse o senhor Bernardino Junior foi presenciado por nosso irmão, e pelos senhores Egidio Launé, e Fernando Pereira de Castro Sobrinho, que nessa occasião se achavam em nossa casa. Respondemos simplesmente ao senhor Junior que a carta posto viesse feichada, tinha a obreira deteriorada, e outros signaes de haver sido aberta, o que foi igualmente observado pelo senhores Launé e Castro Sobrinho.

Eis a exacta narração do acontecido; e por mais que o senhor Candido Mendes busque disfarçar a verdade, sempre dará que scismar a lembrança da senhora sua mãe (elle é que o diz) querer encarregar-se de remetter-nos uma carta, tirando-a do poder de quem no-la vinha trazer, para mandar pô-la em uma casa que ficava ainda mais distante da

nossa, sendo bem extraordinario que o senhor Candido Mendes se não oppo- zesse a esta singular velleidade, sabendo que o temos por nosso inimigo. Não são menos para notar algumas contradicções que se encontram nos dous relatorios, porque disendo o sr. Candido que a senhora sua mãe é que mandara levar a carta á taberna por obsequiar o senhor Bernardino, este senhor assevera que quem tal fez foi o senhor Fernando, que se agoniara muito com o passo que dera a sua senhora; um dos dous quer que a carta se demorasse tanto na taberna por esquecimento, e outro, por occupações do cocheiro; um diz que attribuímos o Amigo do Paiz ao senhor Bernardino Junior, o outro, que ao senhor Candido Mendes. E que tal a embrulhada!

Estamos convencidos que o senhor João Bernardino Jorge Junior foi surpreendido na sua boa fé, e ainda que outro fosse o nosso juiz acerca do seu procedimento nesta desagradavel occorrença, não o manifestaríamos, em attenção a seu honrado pae. E por este mesmo senhor fomos rogados e auctorizados a declarar que muito desgosto lhe causou a parte que seu filho teve em tal acontecimento, mas que está persuadido que elle se absterá de escrever para jornaes, sem licença sua.

Terminando, ainda insistiremos na pouca importancia desta questão; e lastimaremos que o senhor Candido Mendes, bacharel formado, preceptor da mocidade, e dissem que candidato á deputação geral, comprometta tam irreflectidamente em factos desta natureza o seu nome, o de sua respeitavel mãe, e o de seus inexperientes discipulos.

—Chegaram de Caxias 50 prisioneiros, todos com o titulo de rebeldes. Estamos informados que d'entre elles muitos foram com effeito aprehendidos com as armas na mão, e em hostilidade declarada; porem que muitos outros são pacificos feitores e famulos das fazendas do Codó, que por não comparecerem promptamente ao chamado de alguns officiaes, foram agarrados, barbaramente espancados com chibata, e postos a ferros como se rebeldes fossem, por quanto quasi todos os prisioneiros são espancados. Consta-nos que S. Exc. o senhor presidente da provincia tem mandado soltar alguns destes infelizes, a reclamações justificadas de seus patões. Honra lhe seja.

VARIEDADE.

Psychologia da embriaguez.

—Pela minha parte, diz o meu amigo Conselheiro de Estado, homem de summa gravidade, e moderação em todas as cousas, nunca me emborrachei senão uma vez na minha vida, e eu vos digo em que occasião foi:

Tinha vindo a Pariz pela primeira vez, e debaixo das primeiras impressões, fui jantar a casa de Very. E' excusado dizer que jantei muito mal. Como não conhecia o costume deste celebre restaurador, dispuz eu á minha vontade o jantar mais extravagante que tenho comido na minha vida.

Por mais de uma vez haveis admirado a minha frugalidade de Musulmano; no fim do jantar notavel por tantos motivos, bebi cousa de meia garrafa de vinho de Chablis.

Depois da janta chamei duas ou tres vezes o creado com este acanhamento tão natural a um provinciano que se vê só jantando n'uma sala d'aquellas toda dourada e illuminada a gaz, e servida por uma multidão de creados notáveis pela sua pronuncia e pelas suas maneiras.

—Senhor, disse eu ao primeiro creado que se apresentou, queira perdoar, faz favor de me dizer quanto devo.

—O Senhor pede a conta, respondeu o creado com uma civilidade ironica que me deixou espantado.

—Justamente, disse eu, a conta, faça favor.

Trouxeram-me a conta. Examinei-a com alguma desconfiança. Li—somma—25 francos; a minha garrafa de Chablis figurava no fim do rol por 45 francos. Fiquei alguma coisa consternado.

Tornei a chamar o figuraço que já me tinha respondido, e mais encarnado do que um pimentão procurei demonstrar-lhe, que só tinha bebido a terça parte da garrafa, e que não devia em boa justiça paga-la toda.

—Senhor, me replicou elle com a mesma civilidade que já me tinha assustado da primeira vez, o vinho de Chablis não se vende por meios garrafas.

Era a segunda lição que recebia deste rapaz, e a vigesima do mesmo genero que me tinham dado nos oito dias que estava em Paris os diversos serventes dos cafés da Capital. Resignei-me com a minha sorte.

—Então queira-se pagar, disse eu, affectando uma indifferença, que a minha vermelhidão compromettia cada vez mais.

Em quanto foram buscar o troco, fiquei coisa de cinco minutos em contemplação diante desta garrafa de Chablis, objecto das minhas reflexões. Aparentou-se de mim uma idéa satânica. Seguindo as regras da boa economia não devia pagar e deixar de beber.

Com um movimento rapido e convulso despejei n'um abridor e feci dar o lhos trez copos. Quando o creado voltou estava consumado o sacrificio e a garrafa tambem. Elle bem o havia de perceber pela maneira com que olhei para elle quando me trouxe a demasia.

—Tento a honra de o complimentar, disse eu.

Nunca me hão de esquecer os olhos com que elle me acompanhava até á saída da porta da sala. Com a agitação extrema destes debates esqueceu-me pagar ao rapaz; mas era já tarde quando me lembrei desta distração involuntaria; outros cuidados muito graves me occupavam n'aquelle momento, acabava de fazer uma descoberta extraordinaria que era uma situação inteiramente nova para mim.

Quando cheguei á galleria do Palais Royal que communicava com a rua Vivienne, conheci com espanto que estava... não alegre mas borracho... completamente borracho...

Quando cheguei a perceber que estava n'aquelle estado, o qual, segundo talvez sabais, não deixa de dar seu prazer, tomei as minhas medidas a fim de disfarçar quanto fosse possível as distrações que daqui se podiam seguir.

Fui andando deste modo, tendo todo o cuidado de me encostar ás paredes, as quaes pareciam dobrar-se quando lhes tocava com a mão, e achei que um homem, seja qual for o seu estado de embriaguez, com algum esforço e boa vontade, é capaz de conservar aos olhos do publico um equilibrio muito decento.

Esta convicção adquirida no fim de cinco minutos de experiencia me deixou socego. Não sentia porém aquella vontade de conversar sem consideração, tão vulgar na embriaguez das pessoas de espiritos fracos. Pareceu-me que as minhas ideas seguissem seu curso ordinario, exceptuando alguns pequenos desvarios, que todavia me não assustaram; e feito o devido calculo, achei, depois de um exame escrupuloso do meu interior, que podia sem o menor inconveniente apresentar-me em casa do Doutor P... amigo de minha familia a quem fui recomendado quando cheguei a Paris.

O Doutor tinha essa noite visitas em sua casa, e não me tinha convidado. Mas apesar desta consideração que n'outro estado me houvera reprimido, achei um prazer irresistivel na lembrança de figurar n'uma sociedade numerosa, e apresentar-nella o meu papel de dissimular com arte as disposições em que me achava.

A novidade de semelhante ensaio, a satisfação que me resultaria do bom successo d'elle, me decidiram.

Atravessi victoriosos a rua Vivienne, a praça da bolsa, o arrebalde dos Italianos, e segui quasi em linha recta a rua Lafitte onde morava o Doutor P...

As salas do Doutor estavam cheias de gente; e esperava com certeza encontrar lá nessa noite uma Senhora muito espirituosa, Madame N... que já tinha provocado a minha attenção em outras occasiões.

Confessarei tambem para nada occultar desta aventura, que me senti fortemente apaixonado por esta Senhora, viuva de cinco annos, dotada de excellentes qualidades, e ainda em cima rica.

O Doutor P... me tinha desfilado muitas vezes para que namorasse a formosa viuva, dizendo-me que talvez não fosse insensivel ao meu amor. Mas esta fleugma Britannica de que me não posso ver livre, e esta frieza apparente que sempre me estais lançando em rosto, junta a um ridiculo acanhamento de Provincia, me haviam sempre conservado a respeitosa distancia de Madame N..., que pela sua parte me não animava. Contudo havia alguns dias que um raio de esperanza tinha penetrado no meu coração, e esperava muito de uma nova entrevista.

—Quem hei de eu annunciar? me perguntou o creado incumbido de introduzir as visitas.

—Ninguém, respondi eu muito satisfeito de minha vida. E entrei sem dar tempo ao creado de saber o que havia de fazer.

Madame P... estava a um canto da sala no meio de uma roda de lindas damas que formavam uma ala defronte da cadeira em que ella estava assentada.

Em outra qualquer occasião á vista de semelhante ajuntamento eu houvera ficado acanhado. Mas sob a influencia que me dominava então não podia parecer mais desbaragado. Adiantei-me muito senhor de mim para complimentar a dona da casa. Depois de dar alguns passos conheci que era involuntariamente arrastado a formar um S; mas esta divagação passageira foi de tal modo imperceptivel e tão bem dissimulada que me pareceu ninguém a perceber.

Fôra deste incidente a minha entrada passou sem novidade, porque me achei confundido no meio de uma sociedade numerosa, e podia disfarçar á mi-

nha vontade as distrações que me escapavam.

Fazei agora idéa do homem de espirito grave e naturalmente inclinado á observação, collocado n'uma posição excepcional como aquella em que eu estava, de continuo exposto a encontros inesperados, e a mil complicações delicadas que resultam de uma reunião de pessoas no mesmo local.

Que prudencia não é necessaria? Que habilidade excessiva? Que equilibrio? Ver-se um homem n'um sobrado que lhe fuge debaixo dos pés, chegar-se a uma cadeira que lhe escapa da mão, e que se transforma em objecto movel se chega a assentar-se, e isto debaixo de um tecto umas vezes quieto, outras impellido n'uma rotação frenetica! Ver-se envolvido em conversações que muitas vezes acabam por incoherencias, ver caras desconhecidas enternecer-se, outras rirem! Que presença de espirito não é necessaria para fugir destes fantasmas, e levar todos ao seu estado normal, andar direito sem dar signaes de perturbação, assentar-se, acertar com o assento da cadeira, cumprimentar a proposito, responder e rir quando convem?

Era este justamente o trabalho que eu tinha emprendido, com todas as probabilidades que lhe são inherentes, mas cuja extensão eu não tinha completamente calculado.

Dizvos hei pois o quanto me custou representar o papel de borracho, e confesso-vos que toda a minha vida me hei de lembrar da maldita garrafa de vinho de Chablis que tão rapidamente me subiu á cabeça.

A reunião era composta de artistas, homens de Estado, escriptores de todo o genero. O Doutor dirigio-se a mim logo que me vio e apertou-me a mão.

—Meu amigo Anselmo, me disse elle, esteja á sua vontade; faça de conta que está em sua casa.

—Meu caro, estou certo d'isso, lhe respondi eu procurando dar á minha voz uma entonação de affectação, e bem vê que não faço cerimonia.

O Doutor olhou para mim admirado:

—Muito folgo de o ver hoje mais desembaragado do que costuma. Parece-me que está muito contente; me disse elle.

Tomei logo um ar mais grave com o fim de dissipar as suas suspeitas, e respondi com sangue frio affectado:

—Sim; a reunião está brilhante.....

Madame N.... está cá?

—Está ali ao canto da sala á direita, me respondeu o Doutor; mas não se esqueça de minha recomendação.

Chegon-se depois a mim o disse-me em voz baixa:

—É o unico partido que lhe pôde convir; viuva, talento e riqueza. Ainda esta noite ella me fallou no meu amigo.

Nesta occasião pareceu-me que se movia o sobrado como se fora o convex de um navio agitado pela tempestade. Foi-me necessario um prodigioso sangue frio, para ficar de pé no meio deste terrivel terremoto.

—E persuade-se, disse eu lançando a mão a uma meza, que se por ventura estivesse ao lado d'ella... persuade-se... que... apesar... bem sabe... a gente ás vezes....

—Está zombando? me disse o Doutor afastando-se, a sua posição convem-lhe por todos os motivos.

—Nesse caso, disse eu comigo, a coisa é mais facil do que eu pensava.

Talvez vos tenha acontecido encostar-vos á parede de algum edificio, e este muro tão solido como parece, mover-se e calar vagarosamente para traz. Quereis fugir e o terreno que se levanta debaixo dos vossos pés vos obriga a seguir a parede na sua queda progressiva; de maneira que passados alguns segundos vindes a achar-vos, em consequencia deste movimento pouco natural, com a cabeça para baixo e os pés para cima.

Foi justamente a situação em que me achei pelo espaço de meio minuto, quando o doutor me deixou.

—Senhor, me perguntou um sujeito que estava ao pé de mim, sabe-me dizer quem é o artista que foi para o piano e que tem os cabellos compridos, magro e de pernas grandes.

—Não o conheço, respondi eu, dissimulado com um sorriso forçado a afflicção em que me achava.

—Talvez seja o famoso L..., acrescentou elle; parece que se assemelha muito a uma certa lithographia que ultimamente vi.

Estava então no maior angustio de alucinação. Tremia o sobrado, fugia a parede, e eu assistia como testemunha imparcial a esta aberração de meu cerebro, cujas consequências podiam produzir uma terrivel catastrofe. Felizmente foi de pouca duração a tempestade.

—Se quer, disse o meu vizinho, passando um momento, podemos aproximar-nos do piano, e ouvir melhor o pedago que elle está tocando.

Estava melhor, muito melhor; a vertigem tinha passado, apenas havia uma pequena oscillação nos objectos que nos rodeavam; aceitei com ar muito notavel a proposta que elle me fez, e aventurei-me com confiança através dos grupos espalhados pela sala, para chegar ao piano, no qual o celebre musico já estava tocando.

Estou vendo que ides perguntar-me, por que singular obstinação, tendo uma perfeita idéa do meu estado, e comprehendendo maravilhosamente os perigos a que me expunha, não tomei o partido de renunciar uma experiencia que podia comprometter-me.

Com effeito duas ou tres vezes tive esta lembrança, mas não me entreguei a ella. Uma das consequências da minha embriaguez devia ser necessariamente cegar-me sobre a estranheza do meu comportamento e inspirar-me mais confiança do que eu houvera tido em outra occasião. E além disso exceptuando os incidentes de que vos faltei e que disfarcei com maior ou menor facilidade, achava um prazer real nesta lucta difficilissima.

Sentia como já vos disse que me catibaleavam as pernas, tambem se me pegava a lingua; e as minhas idéas corriam com uma rapidez incrível os circuitos mais oppositos. Muitas vezes me desaparecia a parte que já tinha visto, e a cadeira que já não via se oppunha á minha passagem. Todas as minhas relações com o mundo exterior a cada instante eram adulteradas por um genio maligno, que zombava das minhas prudentes combinações. Conhecia eu mim por assim dizer dois homens diferentes, um dos quaes procurava sempre enganar o outro. Porisso em quanto conversava com muito proposito ao pé do piano, a minha mão direita despojava sem eu querer uma chavona de chã no meu colete.

Não importa, não edi: disfarcei a

dor, e desculpei-me, com um sorriso, de minha distração que alias foi conhecida de todos; o que mais me occupava todavia eram as diferentes entonações que dava á minha voz para não dar a entender que começava a gaguejar. Raras vezes me acontecia, exceptuando alguns casos extraordinarios, escolher um ponto de apoio antes de haver reconhecido a sua identidade.

Graças a estas cautellas talvez houvesse sahido com honra desta experiencia difficil, se não tivesse commettido uma imprudencia da qual muito tempo me lembrei. Mas ninguém pôde ser senhor das suas propensões, e desta vez enganou-me a minha.

Ahi vai o final da minha aventura. I. * * * acabava de executar um dos seus melhores peifagos. Havia muito tempo que eu tinha os olhos fixos em Madame N..., e uma enleira vasia que vi ao pé d'ella me deu uma terrivel tentação. Não sei se me enganei com este primo esquivo que de quando em quando se collocava ante as realidades que me cercavam, mas parece-me que vi por varias vezes os olhos da viuva seguirem os meus e convidarem-me tacitamente a chegar-me a ella.

Quei para o estado em que me achava e tomei o partido de resistir com valor, apesar do impulso interior que me empurrava.

Quando menos o esperava conheci que meus olhos me não iludião, Madame N... abandonou o seu logar e dirigio-se para mim, vinha acompanhada por outras Senhoras Piz-lha uma cortezia agarrando-me sempre no piano que me servia de ponto de apoio.

Parou dois passos distante do logar em que eu estava, começou a conversar com o artista olhando para mim como quem me convidava a entrar na conversação.

—Não, dizia ella, nunca fiz idéa que se podesse fazer tanto no piano.

Não sei que genio fantastico me inspirou neste momento uma multidão de banalidades ingenhosas acerca das composições do grande Beethoven.

Madame N... voltou-se para mim mostrando a sua satisfação e surpresa; tinha-lhe justamente tocado na corda mais sensível.

—Gentilezas da arte me perguntou ella então.

—Sou entusiasta d'ella, respondi eu gaguejando, mas logo me corrigi, e continuei no meu metal de voz ordinario: é a minha principal vocação.

Não sei o que me responderei; um instante depois Madame N... tinha-me pegado no braço e levava-me para uma gallerya menos frequentada.

Bem vejo que estais rindo de minha confusão: tive dez minutos de intervallo lucido, e quasi que andava desembaraçada; apresentava tal facilidade de locução e ao mesmo tempo tal galantaria, que Madame N... muito interessada na minha conversa estava por extremo admirada. Era a primeira vez na minha vida que elle falava com tanta expansão e familiaridade.

Mas a tranquillidade momentanea em que estava me fazia ser senhor de mim: todavia na embriaguez quando chega ao grau em que a minha estava um momento fatal que não é possível prevenir, nem desviar, e quando o cerebro cede á lucta e se entrega.

Tive um precipitamento rapido deste

estado e devera ter então aproveitado alguns momentos que tive para me retirar. Não o fiz. Vinha justamente de acompanhar Madame N... ao seu logar. Por pouco que me estavam faltando as pernas. Andava-me a cabeça á roda. A cadeira que via ao pé de mim era um terrivel seductor. Cedi, perdi-me.

Infalivelmente Madame N... havia de notar a minha pallidez.

—Está doente, me perguntou ella, que tem?

Ainda pude responder atropalhada-

mente: —Nada, minha Senhora, nada, foi uma lembrança que tive.

O certo é que me cahiu na cabeça um peso enorme: quiz fugir, mas não pude.

Immediatamente e sem que me abandonasse a consciencia do estado em que me achava vi que tremiam todas as paredes, que se multiplicavam os lustres, e vi-me envolvido n'uma aureola immensa: estava n'uma afflicção insupportavel.

Foi a posição mais singular em que me tenho achado em toda a minha vida, uma das scenas psychologicas mais curiosas a que tenho assistido.

Conhecia perfeitamente a minha situação. Personei a confusão de Madame N... involvida de tão boa fé n'uma conversa comigo, a qual eu interrompi por um silencio incivil. A esta preoccupação se reunia a idéa do escandalo publico a que eu ia dar motivo.

Mas não pude deixar de me resignar e curvar a cabeça, estava indubitavelmente incapaz do mais pequeno esforço.

Tinha finalmente chegado o momento terrivel, depois de haver lutado tanto com um heroismo inutil, encostei-me a uma mesa de chã, e repentinamente me achei no meio do chã e sem sentidos.

Acordei no dia seguinte na hospedaria em que estava alojado, deitado na minha cama, a primeira pessoa que me appareceu foi o Doutor, P... que ria como um doido do meu fracasso.

—E Madame N... replicou o ouvinte deste conto: como tomou essa queda inesperada? em que parou o vosso projecto de casamento?

—Ah! ah! replicou o Conselheiro rindo e olha do para sua mulher com malicia; a viuva perdoou-me, e o casamento não se desmanchou por tão pouca coisa.

(Do Nacional.)

AVISOS.

—Em 25 do corrente a 1 hora da tarde desde a Praia-grande, até a rua da Paz eza n.º 35 no baixo andar, se perdeu um par de rosetas de ouro grandes; quem as achasse, digno-se entrega-las na mesma eza, que receberá alvissaras &c.

—Os administradores da eza do falecido Lourenço Antonio da Costa Ricardino, fazem sciente ao Publico que no dia 6 de Março na eza dos Leilões de João Philippe de Carvalho, se hão de arrematar o resto dos bens do dito finado, entrando huma muito boa escrava, e 2 escravos. Maranhão 29 de Fevereiro de 1840.—Constantino de Mello Pereira. Luiz Antonio Correia de Brito Telles.

Maranhão, Typographia Imparcial Maranhense. Anno de 1849.

CHRONICA MARANHENSE.

VOL. II.

SEXTA-FEIRA 6 DE MARÇO DE 1840.

N.º 218.

Assigna-se em casa do Redactor, rua do Egypto n.º 12, e na Fabrica de Chapéus de Vidigal Irmão & C., rua Grande: preço por trimestre 3\$000, por semestre 5\$500, e por anno 10\$000 reis, pagos adiantados. As folhas avulsas vendem-se a 160 reis na sobredita Fabrica, e os avisos imprimem-se a 60 reis por linha, mas os dos assignantes, gratuitamente, com tanto que não excedam a 20 linhas.

MARANHÃO: IMPRESSO NA TYP. IMPARCIAL MARANHENSE. ANNO DE 1840.

RIO DE JANEIRO.

Decreto n.º 39 de 7 de janeiro de 1840.

Revogando o artigo 2.º do decreto de 6 de maio de 1839; e ordenando que a pauta para a percepção dos direitos sobre os líquidos em geral, e a farinha de trigo de produção estrangeira, seja organizada na forma do regulamento das alfândegas do imperio.

O Regente, em nome do Imperador o Sr. D. Pedro II., attendendo nos inconvenientes, que resultam da organização das pautas seminaes, determinada no artigo segundo do decreto de 6 de maio de 1839, para o pagamento dos direitos sobre os líquidos em geral, e a farinha de trigo de produção estrangeira: ha por bem revogar o sobredito artigo, e ordenar que a pauta para o pagamento dos referidos direitos seja organizada na forma do regulamento das alfândegas do imperio, e pela commissão nomeada por decreto de 27 de maio do dito anno.

Manuel Alves Branco, do conselho do mesmo augusto senhor, senador do imperio, ministro e secretario d'estado dos negocios da fazenda, e presidente do tribunal do tesouro publico nacional, assim o tenha entendido, e faça executar com os despachos necessarios. Palacio do Rio de Janeiro em sete de janeiro de mil oitocentos e quarenta, decimo nono da independencia e do imperio.—Pedro de Araújo Lima.—Manuel Alves Branco. (Do Correio Officil.)

Derrota dos rebeldes nos campos dos Coritibanos.—Providencias do Presidente de S. Paulo.—Marcha do General Labatut.

Ministerio da Guerra.

—Ilm. e Exm. Sr.—Apresso-me a levar ao conhecimento de V. Ex. o officio junto do coronel Antonio de Mello e Albuquerque, que veio remettido a sello volante, e bem assim o estandarte tomado aos rebeldes na acção que tiveram com os bravos commandados pelo dito coronel, e na qual assaz ficou reparado o desastre a pouco soffrido no Registo de Santa Victoria. Informado de que, apesar do triumpho obtido pelo dito coronel, a sua posição não he tão vantajosa que dispense todos os socorros possiveis de gente, munição e outros misteres, e que de facto já o tenente-coronel João Feliciano, a instancia do mesmo, procurou socorrer com 100 rezes e alguns outros objectos, e o honrado commandante superior

Silva Machado com ordens e convites aos capitães Valentiniano, Hypolito e Pacheco, para se reunirem com toda a sua gente, que tanto já se tem distinguido; não só approvei esses socorros, e ordenei que se prestassem todos os mais de que precisasse a columna do coronel Albuquerque, mas tambem tratei com o general Labatut, que partisse amanhã desta cidade para Santos, e, depois do escolher e fazer remetter todo o armamento e mais objectos que achasse no armazem de artigos bellicos daquela cidade de Santos, fretasse o vapor que tem de trazer alli o correio, e nelle seguisse a Paranaquá com cerca de 80 praças recentemente recrutadas para o batalhão de caçadores n.º 10, e com os officiaes que o tem acompanhado; e logo que desembarcasse em Paranaquá, seguisse para o Rio Negro, a fim de manter alli o entusiasmo que o recente successo terá despertado, e á vista do estado da força de linha estacionada no Rio Negro, e das noticias que ali colher das forças rebeldes, resolver as operações que sua pericia e prudencia lhe dictar em conformidade com as instrucções que recebo do governo imperial. Permitta-me V. Ex. que eu me congratule com o mesmo governo imperial pelo opportuno successo das armas da legalidade, que veio restabelecer a coragem abatida pela ultima revolta, e que augura novos e promptos resultados, ainda mais decisivos. Desejo guarde a V. Ex. S. Paulo, 29 de janeiro de 1840.—Manuel Machado Nunes.—Ilm. e Exm. Sr. ministro e secretario de estado dos negocios da guerra.

—Ilm. e Exm. Sr.—Depois da infesta acção do Rio Pardo, em a qual foi prisioneiro de guerra com muitos dos meus camaradas, me conservei no municipio da Cruz Alta, de cujas forças eu era commandante, ha quatro annos que dura a luta, á espera do momento opportuno para tornar a impunhar as armas, até que com o apparato da marcha da divisão ao mando do brigadeiro Cunha fizemos a reacção do dito municipio a 2 de dezembro, por ser o natalicio do nosso adorado imperador; e em muito poucos dias me achei á testa de seiscentos homens para a defesa do trono constitucional; e quando me preparava para fazer junção com aquella divisão, tivemos a noticia de haver sido destruido o dito brigadeiro em Santa Victoria, pelas forças do coronel Teixeira, e Aranha. Isolado inteiramente, e na visinhança d'avultadas forças do inimigo, e sem esperanças de poder reunir-me para Porto Alegre ou Rio Grande, desesperado me atirei com a força para o mesmo lado onde se achava o inimigo triumphante da nossa

divisão. Pintar, Exm. Sr., os trabalhos e privações que afrontamos seria tentar hum impossivel. Serras escabrosas e quasi intransitaveis, caudalosos rios, fome, nudez, tudo arrostando, e conseguindo chegar a este ponto dos Coritibanos com quatrocentos homens. Foi neste ponto, Exm. Sr., que o mesmo rebelde Teixeira, á frente de quatrocentos e cincoenta homens, inclusive cento e vinte de infantaria, me offereceu batalha! A posição do inimigo era vantajosa, não só por ser hum terreno escabroso, como pela infantaria que na mesma havia collocado. Não exitei, Exm. Sr.; carreguei sobre as forças, apesar da desigualdade, pois que somente pude conseguir meter em acção trezentos homens, mais ou menos; fui rechagado com perda de hum morto e quatro feridos; e depois de hum longo tiroteio, que durou mais de quatro horas, fingindo huma retirada precipitada, consegui enganar o inimigo que, acreditando real a retirada, carregou-me com energia. Foi nestas circumstancias que todos os bravos da imperial brigada da Cruz Alta a meu mando, tendo á frente dos dous corpos de que se compõe, os bravos coronéis Mello e Padilha, e seus valerosos officiaes, carregaram corajosamente o inimigo e o puzeram em completa derrota. Parece impossivel, Exm. Sr., que tão completo triumpho alcançasse huma tropa fatigada, depois de tão penosa marcha, e com a cavallada em hum estado que se pôde suppor depois das marchas forçadas que fizemos; mas, o cêo, que protege a justa causa, fez com que triumphassemos dos esforços da rebellião. Nunca tivemos nestas provincias huma acção tão disputada. Da nossa parte (com magoa o digo) perdemos cinco homens mortos, e vinte feridos, entre os quaes se encontram o tenente coronel Mello Bravo, o capitão Borges e os alferes Lucas e Machado. A perda do inimigo foi consideravel; perderão 60 mortos, entre estes 5 officiaes, e 3 prisioneiros, que não remetto, por se acharem feridos; e o estandarte republicano, que foi tomado, e que remetto, para ser posto aos pés do trono imperial, em signal de nosso amor e lealdade. V. Ex., em attenção ás nossas actuaes circumstancias, que V. Ex. bem pôde calcular, digno-se melhorar a nossa sorte filha do nosso amor ao imperador e á ordem legal, por quem estamos dispostos a derramar todo o sangue que nas veias nos circula. Para organização desta força, vi-me obrigado a sacar letras contra a provincia do Rio Grande, e o nosso encarregado de negocios em Montevideo. Para melhor arranjo e disciplina da força do meu commando, organizei dous corpos e nomeei

interinamente officiaes. He quanto tenho a honra de participar a V. Exc., afim de que me faça a honra de o levar a presença do regente, em nome do imperador o senhor D. Pedro II, para conhecimento dos sacrificios que fazem seus leaes subditos nestas longinquas partes. Consta-me que o inimigo se está reunindo para atacar-me, tendo-se destacado o coronel Aranha para me meter entre dois fogos; e diz-se tambem que David Canavaro tenta subir a serra e vir a este ponto. Tambem se diz que tentao alguma coisa contra S. Paulo, o que duvido; porém, não se devem desprezar taes noticias.

Deus guarde a V. Ex. muitos annos. Campos dos Coritibaes, 12 de janeiro de mil oitocentos e quarenta.—Ilm. e Ex. Sr. ministro e secretario de estado dos negocios da guerra do imperio do Brasil.—Antonio de Mello e Albuquerque, commandante da imperial brigada da Cruz Alta. (Do Despertador.)

Noticias de Santa Catharina.

—Pelas embarcações chegadas hoje de Santa Catharina recebemos noticias bastante satisfactorias para os que desejão o prompto restabelecimento da ordem no sul do imperio. Não consta que tenha havido algum feito d'armas recente; mas, em geral, tudo caminhava vantajosamente. Os rebeldes, sabendo que marchavam tropas em grande força para os atacar na villa de Lages, evacuação aquelle ponto. A divisão que para alli se dirigia engrossava a cada momento; a impressão de terror causada pelo desastre do brigadeiro Cunha estava desvanecida pelas noticias subsequentes, de que a perda em homens fora muito mais diminuta do que no principio se suppozera, e pela consideração de que aquelle fatal acontecimento fora devido a hum imprudencia; e não á fraqueza das forças imperiaes, nem á bravura superior dos rebeldes: o antigo enthusiasmo achava-se restabelecido, e o desejo de vingança do sangue derramado substituiu nas tropas a dor e o desanimo causados ao principio pela noticia do desastre. O presidente Andréia ia partir em hum barca de vapor para outro ponto da provincia (que todavia elle não havia declarado) para organizar novas forças, e expedir ordens para hum movimento combinado. Esperava-se a cada instante as tropas que a corveta *Regeneração* foi buscar á Bahia, e sabia-se que devia ter partido daquelle porto, ao mais tardar até 18 do corrente. O presidente tinha mandado ao Rio Grande a barca de vapor *Correia*, e outra, com communicações e alguns officios, e assegurava-se que a campanha d'ora em diante principiaria muito brevemente, pelos movimentos combinados das forças destas provincias. A força naval estacionada naquella provincia julgava-se mais que sufficiente para operar aquelle ponto.

Segundo a relação de hum pessoa de credito, chegada da fronteira de S. Paulo, o capitão Hypolito, que escapou do conficto de Santa Victoria, achava-se no Matto Castelhano com 400 homens, juntamente com o tenente Lucio. Missões, Batucuraty e Cruz Alta estavam restituidas á legalidade: no Trombado tinham-se apresentado ás tropas imperiaes 20 officiaes rebeldes, e davão a noticia de que a força rebelde de Lages estava quasi toda dispersa, restando apenas 200

homens. Estas noticias, além de nos vi-rem por correspondencias, constam-nos que são pela maior parte confirmadas pelo commandante da escuna de guerra *Caliope*, e á vista dellas renova-se-nos a esperança, que tinhamos quasi perdido, de ver tentar a campanha na presente estação, e fazer-se neste estio alguma coisa para a extincção da anarchia naquellas provincias.

(Do Despertador de 31 de Janeiro.)

PERNAMBUCO.

—Até 8 do corrente alcançao as folhas recebidas da Capital, onde reina tranquillidade.

Entre tantos artigos, que dellas se têm, deparamos com um, inserto em o numero 548 do Despertador, que por sua natureza nos mereceu toda a attenção, e nos encheo de grande contentamento por vermos esperanças os nossos desejos acerca das infelices victimas da revolução da Bahia; pois assim terão os que são verdadeiramente homens de paupar immensas lagrimas, principalmente os Pernambucanos, por verem isento da morte, quem lhes deu a vida, o Sr. Manoel de S. Beaventura Ferraz. „Suppõe-se, diz o Despertador, que o governo imperial commutará a pena de morte, em que foram sentenciados os delinquentes politicos da Bahia, comprehendidos no accordo da relação desta corte.

Nós compiamos este artigo por inteiro; pois truncal-o, ou mudar-lhe a frase seria diminuir-lhe o merecimento; e desta arte damos ao Despertador um signal do nosso agradecimento.

Vinha, no dia 1 do corrente entrando pela barra do Rio de Janeiro o navio *Saudade*, vindo de Quilimane, e já tinha fallado á fortaleza de Santa Cruz, quando, depois de haver passado a dita fortaleza aborlhou a elle um bote, vindo do fora da barra, no qual navegavam alguns marinheiros inglezes, commandados por um officia da Marinha de S. M. B., apressaram o dito navio e levarão-no para fora da barra, sem que a fortaleza fizesse a menor opposição.

Constava, que o governo imperial havia demittido dos respectivos commandos, e mandava por em conselho de guerra os commandantes da fortaleza de Santa Cruz, do brigão Imperial Pedro, e da escuna *Caliope* por se não terem opposto ao attentado praticado ultimamente pela marinha Britanica contra o dito pataxo portuguez, *Saudade*, apressado pelo pataxo inglez *Tawn*, debaixo das baterias da mencionada fortaleza.

O Commandante de uma fragata franceza, chegada de Caena, disse, que os Francezes não evacuarão a possessão brasileira do Oyapok, em consequencia de lhe ter morrido quasi toda a gente; e que ali se esperava o novo commandante Rosamel para verificar-se a evacuação. E' esta noticia collida do numero 14 da *Liga Americana*.

O governo havia mandado para o Maranhão, no brigue francez Beranger, alguns soldados commandados por seus respectivos officiaes.

O Beranger sahio em 22 de Dezembro, e no dia 25 amotinaram-se alguns soldados, e obrigarão o Capitão a seguir para o sul, e desembarcaram em Maldonado, mas constava terem sido presos ali.

S. Paulo.

—A villa Franca do Imperador se não acha em perfeito socego, depois do primeiro motim, porque os autores dessas passadas desordens foram absolvidos pelo Jury, e as autoridades em exercicio são as mesmas da sedição, que se achão na posse dos empregos, e por consequencia em oppressão os que não partilhão as ideias de assassinios, e desordens.

O general Labatut, acompanhado do coronel Catete, e mais dois officiaes tinha chegado no dia 25 Janeiro.

Bahia, e Sergipe.

—Recebemos folhas da primeira Provincia até 17 do corrente, e da segunda até 18 do passado, e dellas consta, que em ambas as Provincias reina a tranquillidade.

(Do Diario de Pernambuco.)

MARANHÃO.

Artigos Officiaes.

—Ilm. e Exm. Sr.—Havia partido o correio com o meu officio de 16 do corrente quando tive a honra de receber o de V. Exc. firmado em 10 do mesmo no qual V. Exc. me ordena, que faça recolher e ancorar todas as embarcações sob as vistas das sentinellas, a fim de evitar que os rebeldes se transportem de hum a outra parte do rio, e té para prevenir o contrabando; cortando por este modo os recursos aos rebeldes.

Cumprindo-me por tanto responder a V. Exc. tenho a honra de participar a V. Exc. que passei a transmittir a ordem de V. Exc. a respeito, a todos os commandantes dos pontos collocados á uma e outra margem d'este rio, desde o Corotá té a villa do Rozario.

Cumpro-me além d'isso participar a a V. Exc. que o rio Itapicuru desde Caxias té a villa do Rozario está desembaraçado e livre de rebeldes, segundo as communicações que tenho recebido dos diversos pontos; e que por officio hontem recebido do commandante do Gayola soube que o rio Munim está igualmente desembaraçado; e posto me não declarasse té onde supponho ser té a villa da Manga.

Nas explorações que se tem feito por aquelles centros nada se ha descubierto, apenas se aprisionarão dois escravos fugitivos, compareces de hum tal Cosme, chefe d'essa horda que ali existio.

Mandei tambem explorar os centros do Jandihal, onde me constou haviam aquilombados, e rebeldes escravos: já se haviam debandado, aprisionando-se dois, hum d'elles fugida á vinte annos, segundo confessou; os quaes todos enviarei para a capital se V. Exc. assim o ordenar. Deus guarde a V. Exc. Quartel do commando da força do Itapicuru 18 de Fevereiro de 1840.—Ilm. e Exm. Sr. Coronel Luiz Alves de Lima, presidente e commandante das armas da provincia.—Joze Vicente d'Amorim Bezerra, major commandante.

—Ilm. e Exm. Sr.—A Camara Municipal da cidade de Alcantara tem a satisfação, e honra de apresentar a V. Exc. a mais respeitosa felicitação; assim pela prospera chegada de V. Exc. a esta provincia; como pela posse em que se acha da sua administração civil, e militar. Esta Municipalidade Excellentissimo Senhor não

vai satisfazer simplesmente para com V. Exe. uma formalidade official, senão um sentimento de subida consideração, e grande confiança, que pelos precedentes, que tanto avantajam a nomeada de Vossa Excellencia, é dada a depositar no actual governo da provincia. Pois que ainda é ardor, e melindrosa a tarefa, é ella digna de vossa Excellencia, cujas virtudes civis, politicas, e militares saberao vencer a um tempo a barbarie, que ora queima a gloria, e prosperidade maranhense; e as demasias do espirito de partido, e intollerancia, que tanto poderião empecer o grande empenho do governo, e da provincia.

Ao antecessor de V. Exe. deve o Maranhão muito; a Vossa Excellencia elle pode dever mais, coroando com mão segura e prudente a obra gloriosa do restabelecimento da paz, e da lei, primeira base da publica ventura. Digne-se pois Excellencissimo Snr. de aceitar os votos, e protestações da alta estima d'esta Municipalidade; e de segurar-se que a encontrará sempre sollicita no cumprimento das ordens de Vossa Excellencia a quem Deus Guarde. Paço da Camara Municipal da Cidade de Alcantara em 13 de Fevereiro de 1840.—Ilm. e Exm. Sr. Luiz Alves da Lima, Presidente e Commandante das armas desta Provincia.
Joaquim Marianno Franco de Sá.
Manoel Alves Serrão.

Raimundo João Pereira de Mattos.
João Baptista da Silva.

Francisco Marianno Gualarte Teixeira.

—Ilm. e Exm. Sr.—Hum engano muito notável existe no meu officio de 12 de Novembro do anno findo, eu que dando parte da ultima victoria no Icatu, notava os Officiaes que mais se tinham distinguido.

Os 1.ºs Tenentes Jejuino Lamego Costa, e José Segundino Grunensory foram bem indicados; o mesmo porém não aconteceu com o 1.º Tenente João Baptista de Oliveira Guimarães, devendo em lugar deste ser posto o 1.º Tenente Joaquim José da Silva, que a frente da companhia de Imperiaes Marinheiros da corveta Dous de Julho, portou-se com extraordinaria coragem e sangue frio. Rogo a V. Exe. haja de fazer chegar ao conhecimento do Exm. Snr. Ministro da Marinha o engano de que trato, a fim de que por falta de esclarecimento não seja privado o 1.º Tenente Silva do premio que o Governo julgar dever liberalizar aos militares que contribuirão d'uma maneira honrosa para a pacificação desta Provincia. Deas Guarde a V. Exe. Maranhão 1.º de Março de 1840.—Ilm. e Exm. Snr. Coronel Luiz Alves da Lima, Presidente e Commandante das Armas da Provincia.—*Manoel Felizardo de Souza e Mello.*

Consulado Britanico,

24 de Fevereiro de 1840.

—Ilm. e Exm. Snr.—Em referindo-me a meu officio daetado de 21 da corrente, tenho agora a honra de enviar a V. Exe. a inclusa copia de uma nota que nesta data me foi dirigida pelo illustre E. A. J. Harris sobre o assumpto de hum bote ter infelizmente por engano sido mandado de bordo da curveta de sua Magestade Britanica, Race-Horse, abordar a escuna Brasileira Amalia, neste porto.—Tenho a honra de ser

de V. Exe. o mais obediente e humilde criado.—Ilm. e Exm. Snr. Luiz Alves da Lima, Presidente da provincia do Maranhão (Assignado) William Wilson, vice-consul.

Curveta de S. M. B. Race-Horse,
24 de Fevereiro de 1840.

—Senhor.—Tenho a honra de accusar a recepção do seu officio daetado de 21 do corrente, e muito sinto a occorrença que teve lugar respeito a ter-se abordado a escuna Amalia, que vejo ser contrario ao regulamento do porto, assim como igualmente ao tratado ora existente entre S. M. a Rainha da Gran Bretanha, e S. M. I. o Imperador do Brasil.

Pela communicação que pessoalmente esta manhã tive com S. Exe. o Exm. Sr. Luiz Alves da Lima, elle se acha na intelligencia de que eu não tive a mais leve intenção de quebrantar o regulamento da alfandega, nem de offerecer o menor insulto á nação Brasileira, e que inteiramente o erro foi commetido por engano. Sôu senr. seu obediente criado. (Assignado) E. A. J. Harris.

Ilm. Snr. William Wilson, Vice-consul de S. M. B. Maranhão.

CORRESPONDENCIA.

Snr. Redactor.

—Queira fazer-me o favor de publicar esta ordem do Thezouro Publico Nacional, para que vejoz todo a sem razão com que os Snrs. Bruno, Manoel Joaquim, e todos os seus fiéis e constantes Protectores pretendirão que as Snrs. Meirelles pagassem o sello da herança que seu Pay lhes deixou. Foram ainda batidos n'esta campanha os encarnigados inimigos da fortuna das Snrs. Meirelles, assim como o haão de ser em todas as mais; porque pleiteao a favor d'essas senhoras a justiça, e a razão e ninguém felizmente desconhece a louca, e desvairada ambição e a sordida avaricia do celeberrimo Manoel Joaquim d'Azeredo, que n'esta questão tudo tem a ganhar e nada a perder, porque os filhos do Snr. Bruno e sua mulher é que haão de carregar com as enormes despesas que está fazendo este negociante de tanta fé e probidade que não custuma se lembrar do que assignou na vespera.

Creio que está agora sufficiente e competentemente explicada a resolução que desencavou o falecido Desembargador Procurador da Coroa em beneficio do Snr. Bruno, e contra as senhoras Meirelles, e mal pensava aquelle Magistrado que havia de servir a sua resolução não contra as senhoras Meirelles, mas contra o mesmo Snr. Bruno Meirelles, por estar elle, e não as senhoras, incluído na letra da referida resolução, visto terem sido sua mulher e seu cunhado Antonio Pereira de Brito instituidos filhos em testamento. E como é bom que o Snr. Bruno soffra o mal que queria fazer á suas sobrinhas, deo ja chamo sobre este negocio a attenção do Snr. Inspector da Fazenda, que deve fiscalisar os interesses da mesma Fazenda tanto contra o Snr. Bruno e Manoel Joaquim como contra as senhoras Meirelles. A herança que deixou o capitão Manoel Pereira de Brito importa em oitenta e tantos contos de reis.—Ja o Snr. Bruno confessou que não tinha pago a taxa da herança que teve por morte de seu cunhado, e deve-me a Fazenda esses contosinhos de reis que

haão receber ainda que em trapos, porque o grande negociante assenta que n'isto é que consiste o ser homem de bem e negociante honrado e acreditado. Quero continuar á promover os interesses da Nação contra o Snr. Bruno, para lhe fazer conhecer que é melhor a vida socgada e tranquilla do homem de bem, do que a do trapaceiro que anda sempre angustiado e atormentado não só por aquelles a quem persegue, se não pela propria consciencia que é o inimigo mais terrivel. Esta segunda denuncia que dou agora pelo prelo, e que pretendo dar breve com as formalidades necessarias, muito deve servir ao Snr. Manoel Joaquim e a seus Protectores porque, tendo gorado os seus planos relativamente a primeira, pode ser que peguem com esta. O Snr. Inspector quiz obrigar ao Snr. Procurador Fiscal a proceder contra as senhoras Meirelles, para pagarem o decuplo da taxa da herança da primeira denuncia, sem se lembrar que o Commendador Meirelles nunca foi testamenteiro do cunhado do Snr. Bruno, o qual morreu menino; nesta sim é que o Snr. Meirelles era testamenteiro, e anda a brincadeira pelo dobro: são oitenta e tantos contos de reis; e não ao para desprezar mormente quando a Nação tanto precisa, por causa das malditas revoluções que estão devorando o nosso Brasil. Tenha paciencia Snr. Redactor desculpe as minhas impertinencias; mas n'esta publicação Vmc. muito me obzequiará e talvez agrade tambem ao publico, e o faça rir de ver os inimigos das senhoras Meirelles, presos nos mesmos laços que elles tinham armado.

Sou De Vmc.
Amigo e constante leitor
José Jansen do Paço.

—João Pereira d'Andrade precisa por certidão a ordem expedida em 19 de Dezembro a Thesouraria da Provincia do Maranhão declarando a verdadeira intelligencia da resolução de 2 de Julho de 1819.

P. a Vossa Magestade Imperial que assim o mande.

E. R. M.

—Certifico que a ordem que o Supplicante pede por certidão he do teor seguinte.—Numero cento e onze.—Manoel Alves Branco, Presidente do Tribunal do Thezouro Publico Nacional, de conformidade com o voto do Tribunal responde ao officio do Sr. Inspector da Thesouraria da Provincia do Maranhão, de vinte cinco de Outubro deste anno, numero noventa e duas, que a Resolução de 2 de Julho de 1819 está em vigor em virtude da lei de 29 de Outubro de 1823 e he conforme aos principios de legislação que ainda rege; advertindo que os filhos naturaes e illegitimos de qualquer especie, successores, e herdeiros de seus pais por testamento ou ab-intestato, nos casos em que o podem ser, conforme a Ordenação livro primeiro titulo noventa e duas e Decreto de onze de Agosto de mil oito centos trinta e hum só podem ser considerados taes, para serem aliviados de pagamento da taxa da herança, no caso de se mostrarem legitimados na forma da lei de 22 de Setembro de 1823 Art. 2.º § 1.º, ou competentemente habilitados; pois que não basta para esse fim a simples declaração de testamento. Thezouro Publico Nacional em 19 de Dezembro de 1839.—*Manoel Alves Branco.*

—Secretaria do Tribunal do Thesouro Público Nacional em 4 de Janeiro de 1840.
João Maria Jacobini.

CHRONICA MARANHENSE.

—Temos successivamente publicado as ordens do dia de S. Exc. o senhor presidente e commandante das armas da provincia; hoje faremos algumas reflexões acerca dellas, e do impulso, que em geral tem dado o novo presidente á marcha da administração.

Ao ler essas ordens, a primeira coisa que se nota é a sua consição, verdadeiramente militar; ja o dever se não transforma em heroismo, ja os choques e pequenos combates se não transformam em batalhas, ja os elogios se não prodigalizam a este ou aquelle, porque portou-se com *desembarço e intelligencia*, como se a estupidez e o acanhamiento fossem as qualidades ordinarias dos bravos. Admiravel contraste do que se viu em Agosto, no Icatú, onde um concerto de louvores foi entoado a todos, até individualmente, sendo apenas privados delles os que combateram, e combatendo, baratearam o sangue e a vida pela causa da patria.

A economia, e a mais severa fiscalisação começam a reinar; nas ordens do dia se dispõe todos os meios de conseqüências, e de extirpar alguns abusos, e se cortam effectivamente por alguns desperdícios. Quantas vezes, mas em vão, não clamamos contra esses dispendiosos batalhões de 100 praças, e essas brigadas de 300? Com as recentes reformas a este respeito, não se deve ter pouquinho de dinheiro; e ainda mais se poupará com os exames rigorosos sobre o numero de praças reunidas por certos legalistas de circumstancia, e quando S. Exc. possa ir inspecção-las pessoalmente. Então provavelmente se evitára, como fumo, os 200, os 300 homens dos Bogeas, e outros queixados. Os pagadores e commissarios de viveres tiveram ordem de prestar contas á thesauraria, sendo ellas previamente examinadas pelo quartel-mestre general; esta providencia hade produzir effectos salutarres. Já a severidade da fiscalisação produziu o seguinte proveitoso resultado. Ainda ha poucos dias muito deu que fallar uma porção de toucinho que existia ou devia existir no commissariado de Itapucurá-mirim; essas murmuraciones parece que chegaram aos ouvidos do digno commissario, e dado que ha mais de seis mezes lá estivesse o toucinho, eis-lo que agora muy lampeiro dirige um officio ao sr. major Bezerra, ou ao quartel-general, perguntando o que queriam que elle fizesse do maldito toucinho, que, ao que parece, não tinha levado leiteiro que indicasse o seu destino! Conta-nos que a resposta foi dura, que *recolhesse o toucinho ao arsenal de munições*.

Ha alguns mezes a esta parte era um crime de lesa-legalismo o conceber a idéa de que uma partida de tropas podesse praticar este ou aquelle descaço nas fazendas por onde acaso passasse; o menor queixume dava thema para as declamaciones do Investigador, e o governo de então parece que até receava admitir nas suas ordens a possibilidade de crimes de tal natureza, sendo é que fechava os olhos a elles, por lhe parecerem inevitáveis em circumstancias como as nossas. O actual presidente porém ordenou aos commandantes dos pontos que ponham

tudo o desvello em evitar que os soldados se desviem dos seus deveres, attentando contra a propriedade alheia, e que a nenhum fazendeiro se tirem objectos de qualquer natureza, sem que se passem os competentes recibos. Folgamos aqui de dizer que o tenente-coronel Henriques, de cuja probidade pessoal nunca alguem duvidou, vindo no conhecimento de certos extravios feitos por agentes subalternos, prevenira as recommendações do governo, dando providencias para que elles se não repetissem.

Os feitores foram dispensados do serviço esta medida era ha muito reclamada pelas circumstancias; á falta de quem as dirigisse, é que talvez se deva a insurreiçao de algumas fazendas.

Os legalistas e auctoridades da Tutoya, ja oficialmente, ja em audiencias particulares, reclamavam ha mais de seis mezes que se mandasse uma embarcação de guerra para a Tutoya, a fim de auxiliar a restauração, que se premeditava; nunca o poderam alcançar, e ainda hoje ignoramos quaes eram os embarços que obstavam então no governo; todavia, quaesquer que elles fossem, já se acham removidos, porque o novo presidente faz partir para a Tutoya o brigadeiro-cavalleiro Gararapes com armas e munições.

Em fim, no dia 7 do corrente parte S. Exc. para o interior, a fim de inspecção as nossas forças, ver com os seus proprios olhos os abusos que lhe compete remediar, collocar-se á frente do exercito, e dirigilo á victoria. Temos bem fundadas esperanças de que o valor dos nossos soldados, e a pericia dos chefes, não continuarão a ser inutilizados, em quanto por outra parte se negocia. Os senhores tenente-coronel Isidoro Jansen, e major Falcão, acompanham S. Exc., e conta-nos que este ultimo senhor, que se apromptou para marchar sem estar ainda bem restabelecido da sua molestia, tem de ser empregado no serviço activo.

Se a tudo isto houvermos de acrescentar a politica que S. Exc. parece ter adoptado para com os partidos em que a provincia se acha dividida, não teremos se não motivos para aplaudir o seu governo.

A facção dominante por certo não agradará essa politica imparcial; nas paginas da Revista teve o Amigo do Paiz a franqueza de dizer que muito desejava que para cá nos mandassem um André, que fizesse desaparecer o Lisbon; por occasião da proclamação do senhor Lima, nós aconselhámos a esses boacens intolerantes que tivessem paciencia, e soffressem resignados o supplicio de ver os seus adversarios tractados com a mesma afeição que elles, pelo novo administrador. Mas esses homens de ferro para os opprimidos, são de cera adiante do poder, e foram muito, alem das nossas insinuações; o Legalista, e o Amigo do Paiz tem, bolsado todas as suas fozes contra o senhor Felizardo, não achando senão materia para louvar em tudo quanto tem feito o novo presidente; o Legalista o louva, por elle cortar nos desperdícios com que engordavam os zangões! O Amigo do Paiz o louva, porque elle prometteu conservar-se estranho ás paixões dos partidos, e ambos elles ainda em cima da scena á Chronica que as cousas não hão de ir como ella o imaginava, semelhantes ao marido que espancado pela raivinhosa mulher no interior do sanctuario domestico, assomava depois á janella, e

engolindo ás lagrimas, dizia em ar de triunfo e para ser ouvido. *Esta casa ha de cheirar a homem!* Ao menos deulhas para isto. Deos os conserve em tão saudáveis disposições!

Mas a Revista até elogia o sr. Lima, por aquillo que elle não fez, attribuindo-lhe a gloria de haver nomeado o sr. Sergio para commandante da columna de Caxias, quando a verdade é que S. Exc. apenas o conservou ali *por em quanto*, segundo vem expressamente declarado n'uma das suas ordens do dia. O redactor da Revista, que no começo da administração do sr. Felizardo, aproveitou o facto da conservação do senhor Peretti, para declarar todo triunfante que continuavam as cousas da mesma forma que na administração do sr. Camargo, querera agora fazer as mesmas especulações, e mostrar o mesmo júbilo satânico, quando nos actos do governo julgue descobrir o seu comprometimento? Nós o veremos.

NOTÍCIAS.

—Vimos cartas da Vargem-Grande, datadas em 18 de Fevereiro que dão as noticias seguintes. Indo Raimundo Gomes bater os pretos insurreccionados que se achavam reunidos á tropa do caudilho Poderosa, foi por elles derrotado, e disse que fugira depois disso, mas que o caudilho Pedro Alexandrino dera ordem para o matarem. Esta noticia carece de confirmação.

Um rebelde apresentado assegura que os que se acham nas vizinhanças da Chapadilha estão dispostos a deporem as armas, assim que se aproximem as forças do digno tenente-coronel Henriques.

—No dia 3 do corrente entrou do sul o vapor—*Paraense*—trazendo-nos da Bahia cincoenta praças de artilharia. As noticias constam dos extractos que damos.

A barca—*Beranger*, que arribara a Maldonado, depois da revolta de 28 dos 50 soldados que conduzia, ficava a partir daquelle porto para este, no dia 14 de Janeiro passado.

—A grave molestia de que o abaixo assignado foi atacado, e os dias de entredo, que seguirão-se a convalescença, o impedirão de despedir-se de todas as pessoas, que o obsequiarão durante sua residencia nesta Provincia. Roga-lhes portanto hajão de desculpar esta involuntaria falta, e offerece-lhes seu limitadissimo prestimo no Rio de Janeiro.

Maranhão 4 de Março de 1840.

Manoel Felizardo de Souza e Mello.

AVISO.

—Porfirio Aureliano Monteiro, e os mais herdeiros da Caza do finado João d'Almeida Souza Roza fazem publico, que desde a ultimação do Inventario, e Partilhas do mesmo Casal este nenhuma responsabilidade tem nos escravos abandonados para pagamento da Caza do finado Comendador Meireles e mais credores, em fugas, mortes, e o mais que possa occorrer, e aquelle desde 31 de Dezembro do mesmo anno da ultimação por quanto que se achão abelitados, com cautelas passadas pela Testamenteira, avizando aos herdeiros do finado Comendador senão queixem a todo o tempo visto o desleixo ocio e falta de regimen em que se achão os ditos escravos não os requizitando já, ou polos em depozito.

Maranhão, Typographia Imparcial Maranhense. Anno de 1840.

Administração de M. F. Silva

official. Infelizmente não ha tanta justiça e verdade como no juizo, na asserção de que o senhor Felisardo tirasse o commando a este desgraçado official; porque se effectivamente lhe foi tirado o das forças que ficaram no Brejo, foi-lhe dado o da expedição que tinha de descer para a Manga, e isto depois de um revez, que por sua culpa, soffreu o pequeno destacamento do alferes Graça. Ao investi-lo no commando deu-lhe o sr. Felisardo tam disparatados elogios, e a Chronica clamou com tanta razão contra elles e o novo commando, que o investigador, para defender então o governo e o seu affilhado, sahio-se com a estranha correção de que naquello caso os elogios equivaliam a uma forte censura, e eram endereçados a expor os erros do bravo official, que tinha cumprido mal com os seus deveres! Infelizmente para a provincia, esses elogios, o novo commando, e outras circumstancias que mencionamos no relatório desses tristes successos, occasionaram o terrível desastre de 18 de Abril, em que quasi dimentos homens se renderam prisioneiros a uma tropa de bandidos, que com essa victoria inesperada, adquiriram immensa preponderancia material e moral.

A quem devemos esse immenso desastre, o que primeiro encheu de terror toda a legalidade, e abriu porta á perda e destruição de Caxias, que desde logo previmos e annunciámos na Chronica? Ao senhor Felisardo, sim, em parte, porque teve a fraqueza de prestar ouvidos á facção; mas a ella principalmente, pela sua criminosa obstinação em barrear commandos e elogios a um official que n'um governo mais justo seria posto em conselho de guerra. Mas o que foi na vida tam acariado, é na morte desamparado a todas as criticas; os seus amigos politicos não alçaram a voz para defendê-lo. Que dissemos nós! Não ha mesmo entre elles muitos que especulando sobre a deshonra do amigo morto para calumniar os inimigos que ainda vivem, tem assumido e feito crer que o infeliz Pedro Alexandrino foi comprado pela opposição do Brejo para se deixar bater e matar pelos rebeldes?

Desde o principio da revolução (contínua o correspondente) viu o presidente differença entre os boteiros ou opposição propriamente dita, e os balaios ou saltadores; exorçou-se, por augmentar a distancia que entre elles havia; tratou de perseguir os segundos por todos os meios, e de tirar todo o partido dos primeiros. A este trecho da correspondência, (que insistimos em attribuir ao senhor Felisardo) nem uma só objecção da parte da Revista; não é porém menos certo que a politica definida nesses poucas palavras deve a provincia o ter escapado á sua inteira ruína, e o ex-presidente as injurias, calumnias, e maldições com que a facção intolerante o perseguia até principios de Dezembro. O senhor Felisardo salvou a provincia, não campanas de o repetir, recusando servir de cego instrumento ás vinganças daquelles que com a sua marcha errada a tinham perturbado. Em verdade, quem pode calcular a que ponto teriam chegado as cousas, se á irritação, desconfiança, e avidez de pillagem das classes inferiores, as indisciplinas e odiosas perseguições fizessem reunir as riquezas, illustração, e influencia de homens honestos, que para esquivarem os horrores com que os ameaçavam, empregassem todos os

meios, por desesperados que fossem? Falamos em geral, segundo o conhecimento que temos dos homens, e a experiencia de todos os tempos porque, quanto a nós, e muitos amigos nossos, preferiríamos a expatriação, os parões, e os ferros ao triste recurso de uma revolta sem futuro, e cujo presente todo se cifrava em roubos, incendios e matanças. Este mesmo serviço do sr. Felisardo, reconhecido tal, segundo nos conta, pelo governo central, e pelo novo presidente, pede indulgencia, e desculpa para quantos desacertos que se possam notar no periodo da sua curta, mas difficil e trabalhosa administração. E a Chronica, que durante esse tempo, nunca deixou de fallar-lhe com a isenção e dignidade que competem a um escriptor independente, agora que elle se acha dissimulado, e em attenção a tal serviço, aceitará de bom grado a necessidade de calar-se acerca do que se passou nos ultimos dois mezes dessa administração.

Appareça uma prova, uma unica ordem nos commandantes das forças (é o correspondente quem falla) em que se lies insinua demora de operações contra os rebeldes. Determinou-se, sim, por muitas vezes que não se deixasse de espalhar a intriga entre os chefes rebeldes, fazendo-se a um ou outro insinuação que se passasse para a legalidade; mas sempre se recomendoou que estas meios secundarios jamais embarcasssem o rapido andamento das operações de guerra. Se até certo tempo estas não foram brilhantes, se pareceram morosas, nenhuma influencia tiveram sobre isto ordens da presidencia, que nunca cessou de recomendar muita actividade na perseguição dos rebeldes. A este trecho, o mesmo passamos silencio da parte da Revista, nada de observações! No entanto, em o seu n.º anterior (o 16.º) esgotou o presente redactor toda a sua fluencia para provar que a morosidade das operações derivava somente da politica errada do presidente! Como poderemos explicar estas contradicções? Aceso o contemporaneo perdura os primeiros; em attenção aos ultimos tempos? Ainda ha outra contradicção singularissima; em quanto os chefes da facção se mostraram mornos e cabibaios com as dimensões dos senhores Felisardo, Peretti, e Sergio, o vulgacho não iniciou nos altos e profundos mysterios da caballa, tem andado a pular de contente, com a queda do que elles chamam Manuel Balais, protector de rebeldes — 12 está a razão porque tambem se encontra tanto asedume no Amigo do Paiz e no Legalista, e tanta dopura e cõdescendencia no mestre da Revista. Mas admittemos a rara sagacidade com que os cabeças da facção sabem explorar a mina dos embustes, seja em damno dos vivos ou dos mortos, de amigos ou inimigos! Nenhum delles faz o menor esforço para despersuadir os seus da absurda convicção de que o presidente protegia os balaios, porque tem para si que procedendo assim, dão mais voga ao boato de que muita gente de consideração se acha envolvida na desordem. Deploravel politica a que recorre a taes expedientes!

Resumamos. Na Revista apparece um Comunicado, em que se tracta do mau comportamento do fallecido Pedro Alexandrino; em que se assevera que o presidente Felisardo nunca acreditou que a opposição fosse cúmplice da desordem; em que finalmente se nega que a poli-

tica que a Revista chama de conciliação, concorresse em nada para a morosidade das operações, na realidade só devida á ineptia do ex-commandante das forças. Nós tomamos nota de todas estas asserções, e do silencio admiravel que sobre ellas guardou o contemporaneo da Revista.

—O officio do honrado sr. major Bezerra que publicamos neste numero mostra, a não deixar duvida, as fraudes com que se estavam espantosamente absorvendo os dinheiros da nação. Quem acreditaria que um chefe de bandoleiros, depois de convertido, á feição do Coque, houvesse de andar roubando os gados daquelles que o seu bando havia já assassinado, e que depois figurando-se uma serie de vendas fantasticas, se pretendia extorquir da fazenda um preço exorbitante por esses bens roubados? E que diremos da cõdescendencia e bonhomia do sr. Francisco Maximo de Souza, o respeitavel commissario de viçeres, o bem aventurado arrematante do açougue, que lha tam frescamente effectuando o negocio, a não ser a opposição do sr. major Bezerra? Admiravel é tambem como o sr. ex-commandante das forças não soube dar-se a conselho nestas criticas circumstancias, sendo no entanto certo que a aquisição do tal Valerio (Balainho) Coque, e outros cabecilhas deve-se aos seus bem combinados planos. Dar-se-ha caso que o Coque tambem tenha vendido alguma cousa para a fazenda, seja gado, ou outros quaesquer generos que honestamente adquirisse nas excursões que andou fazendo, quando se persuadia que estava prestando serviços á sua patria?

Acuda-nos aqui a Revista, e louve a sabia politica do senhor Sergio que nos obtinha homens como o Balainho, de que tanta utilidade se tirava, armava-os, punha-os á frente das forças, e facilitava-lhes os meios de irem roubar como legalistas ou convertidos os mesmos infelizes que já tinha roubado ou assassinado como rebeldes; no entanto que os rebeldes obscuros, os que nunca foram chefes de bandos, e até feitores pacificos, e miseraveis apanhados em suas casas, eram supplicados com centenas de chibatadas, acorrentados, e remettidos todos para a capital, como se tivessem sido aprisionados com as armas na mão, e commettendo hostilidades!

Quanto ao sr. major Bezerra, continue elle a zelar os interesses da fazenda, e a mostrar a mesma severa probidade que ate agora, que se tornará digno da geral estima como se tem tornado da de todos aquelles que o conhecem; o digno official foi talvez prohibido de apparehar para Caxias, depois de designado para esse destino, porque não contavam que elle approvasse transacções feitas com o Coque ou com outros tam bons como elle.

Graças a Deus que ja o publico vao tendo conhecimento de tantos mysterios! E de presumir que ainda outros muitos se venham a descobrir. E ainda nos dirá a maviosa Revista que o bravo coronel Sergio, e o bravissimo major Ernesto padeceram tres dias de fome, antes da sua entrada em Caxias? A tropa, oh, essa, não o duvidamos, que bem inteirados estavam das misérias dos nozcos soldados, provenientes destas negociações com chefes de rebeldes, e até dessas subitas organizações de exercitos de 1400 homens. São exercitos á Boga, que existem só nas folhas dos prets.

—O senhor Leonel Joaquim da Sebra está agora em maré de insultos; haja vista um novo avulso, em que os senhores Vieira e *Cometa* são mimados com as mais torpes injúrias, e o 1.º n.º do Cometa, em que nos conta o maior quinhão; esse primeiro ou mesmo é uma peça inteira; o senhor Leonel é decididamente inimigo de dividir em paragrafos as suas composições; a não ser pelos insultos, o conheceríamos nós por essa ponta de orelha.

O digno secretario da santa casa chama-nos assassino, ladrão, balaio, tigre, e os mais nomes que tem o costume de expectorador do bem recheado estomago, ou d'onde quer que guarda esta riquissima provisão; e desta vez as suas iras foram excitadas porque nos viu conversar algumas vezes com o novo presidente, e os seus secretario, e ajudante-general. O senhor Leonel e os seus satellites desejariam ver-nos sumido n'algum porão de presenganga, e quando observam que o presidente e os seus empregados nos tractam com distincção, já lhes parece que estão perdidos, gritam ao presidente que se não fie no traidor revolucionario, e cuidam que a pedido nosso estão já nomeados taes e taes coronéis, maiores, e capitães da guarda nacional, e elles privados de especular neste lucroso ramo de negocio. Descansem, nem disso se tracta.

O senhor Leonel diz que antes de entrarmos para os salões do palácio (coisa que tanto o enche de ciúmes) vamos ás cozinhas e estrebarias comprimentar os laçaios e criados de S. Exc. Ninguém se persuada que isto só ha um gracejo, lá ao modo do senhor Leonel, e segundo o seu gosto apurado; nós aqui descobrimos uma alta pretensão politica, e talvez não tarde muito que a mestra Reista não nos venha provar que só os membros da que ella chama maioria parlamentar gozam do precioso direito de communicar com a criadagem do Paço; o mais será uma violação flagrante dos famosos principios do gabinete de setembro.

Este senhor Leonel é um prodigioso insaciavel, como Alexandre, que lastimava que o mundo não fosse mais folgado para elle poder esbanjar-se bem a seu gosto, o senhor Leonel tem invadido successivamente a maçonaria, a legislatura provincial, a casa da misericórdia, o terceiro das tulhas, o thesouro provincial, e agora já ameaça as estrebarias e cozinhas sempre tam avaro que não quer lá ver ninguém. Bom é trancar cada um as suas portas; o progresso é espantoso!

O senhor presidente da provincia, e os mais a quem o senhor Leonel faz a pesada injuria de envolver nos seus torpes libellos, tem no 1.º numero do Cometa uma prova solenne da maneira porque a Recção vai vivendo; de embustes, e imposturas, e nada mais. O veneno da mentira é ministrado em doses mais ou menos fortes, em forma mais ou menos grosseira, segundo o paladar daquelles a quem se pretende illudir. Por isso é que ha Revistas, Legalistas, Cometas, e Pasquins.

Aos insultos, e solennes falsidades do senhor Leonel, respondamos com algumas verdades. O illustre inspector do thesouro, em lugar de ir para a sua repartição, apresenta-se quasi todos os dias na pequena sala de palácio que serve de secretaria militar, e ali se demora horas esquecidas, para inculcar cá por fora

que tem grandes conferencias com a gente da governança. N'um dia, desceudo nós pelo largo do palácio, vimos S. S. aboletado na tal secretaria militar; entramos em casa do senhor *Cometa*, onde nos demoramos mais de meia hora, e dirigindo-nos depois a palácio, ainda encontramos o senhor inspector no mesmo lugar; demoramos ali, com o negocio a que fomos, cerca de uma hora, e quando subimos, ainda se achava no mesmo lugar o inevitavel inspector, e lá ficou! Eai quanto a repartição estava abandonada, em que se occupava S. S.? em nada, ria e conversava com os individuos que o acaso ou o serviço reunia naquella local!

Vá mais o seguinte caso, que sobremos de fonte lúppa. N'uma de suas excursões á secretaria militar, avançou-se o bravo major de legião ao ajudante de ordens de S. Exc., o senhor tenente Piquet, e fez-lhe pouco mais ou menos o seguinte discurso: "Saberá V. S. que estiamos desde muito tempo no senhor presidente por uma maneira tal, que quando ha dois annos se tractou de acrescentar o numero dos representantes desta provincia, assentamos logo de pedra e cal em nomear o senador, e agora que S. Exc. nos veio salvar, cahiu-nos a sota no mel, e encontrou-se a vontade com o desejo. Por tanto se S. Exc. quiser, nomeando-nos senador ou deputado, na primeira occasião; o senhor Secretario, doutor Magalhães, queremo-lo decididamente para deputado, porque tambem ja ha annos a esta parte sympathisamos o nosso boçado com elle. Saberá mais V. S. que os bemevis estão arrenegados com a vinda do Exm. senhor Lima, porque este senhor é homem de bem; e esses monstros, assassinos, revolucionarios, ladroes, &c. &c. são mortaes inimigos dos homens de bem!". Esta *albertura*, burlesca em todas as suas circumstancias, foi, como presumirão os leitores, recebida com o desprezo e mofa de que era digna. Mas o nosso heroe, que não descoroça com qualquer obstaculo, tem continuado a visitar as ante-salas, e a fazer uma ronda vigilante á porta da estrebaria.

Desejamos bem que o *Cometa* continue a publicar-se; esses insultos não podem senão acreditar-nos.

VARIEDADE.

A CARGA DE CAVALLARIA.

HOSPANA — 1812.

...Carlos, me disse meu tio, atica esse lume; faz esta noite tanto frio, como se estivessamos em dezembro. Por mais que me digas, com a tua sciencia da escola polytechnica, não és capaz de me persuadir que, ha 50 annos a esta parte, não tem havido mudança nas estações. Lembra-me muito bem que, antes de 1789, tinhamos na Auvergne lindas primaveras, ardentes estios, e outonos magnificos; agora as vinhas dão frocto no fim de maio, e no mez de setembro vê-se a gente obrigada a fazer fogo. Olha, a 2 de setembro de 1792, faz hoje annos, estavamos acampados na Champagne, paiz tão frio como este, nas alturas de Valmy, e affirmo-te que fazia calor, apesar do nevoeiro.

Ninguém tirava da cabeça a meu tio que se tinha transformado as estações, e estava convencido que a temperatura abaxava em França todos os annos, e

não tardaria muito que o seu clima fosse igual ao de Inglaterra. Muito instruido em outras coisas, erudito e philosopho professava todavia as mais extravagantes doutrinas acerca das sciencias, mas, sustentava-as com taes argumentos, e com considerações tão vastas e elevadas, que muitas vezes me confundia com as suas objecções ás theorias admittidas, e teria confundido outros mais espertos. A di-reccção que dera á sua educação, e o modo de vida que adoptou, foram a causa de que a França perdesse nella hum sabio.

Fôra disso, pelo espaço de 23 annos, pouco vagar teve para observar as variações de temperatura na Auvergne e na França. Sabio do castello paternal em abril de 1792, como dragão do 15.º regimento de cavallaria, e não appareceu senão depois da campanha do Egypto, atacado de hum grave ophthalmia; tornou a sair hum anno depois, e não tornou a casa senão depois da paz de 1814. As suas peregrinações acabarão em War-tello, e por bem pouco que tambem lá não acabou a vida, porque ficou no campo da batalha com 15 cutiladas. Felizmente, dizia elle quando contava as suas campanhas, felizmente que os taes toleirões dos Ingleses davão cutiladas em lugar de estoradas. "Não te esqueças, Carlos, me dizia elle então, que he muito util usar tambem da ponta da espada: á ponta de espada he que a cavallaria abre os quadrados, e faz nas linhas essas bre-chas, que não se tornão a unir. Mas isto não te pertence, és artilheiro, e os artilheiros nunca se servem nem da ponta nem da folha; combatem com a espada na bainha: os artilheiros são os Temistocles das batalhas, impassiveis sempre, deixão dar e respondem com gran-das ou balas razas; mas a cavallaria he necessario que dê de ponta, quando não fazem os cavallos mais do que os cavalheiros."

Quem visse meu tio, quando assim fallava, repetindo com orgulho que nunca tinha largado a arma dos dragões, e que o dragão voluntario de 1792 tinha acabado a sua carreira coconal de dragões em 1815; quem o visse sempre vestido de militar, com o seu boné, e o seu capote verde, abotoado até a barba, havia de julgar que era desses militares como ha muitos, que tocáão superficialmente a carreira militar, e que tem a mania de contar a todos as suas aventuras de guerra. Mas, quem assim pensasse cahia em grande erro. Homem de estudo e experiencia, meu tio conversava raras vezes nestas cousas, e só quando estava de boa catadura he que me contava a mim só alguns destes episodios. Notei tambem algumas vezes que estas recordações, em lugar de o alegrar, muitas vezes o entristecião; fallava do passado como hum homem affectado por hum recordação dolorosa, e que tem precisão de desabafar com alguém. Estas conversações intimas erão abundantes em reflexões justas e observações elevadas. Bem poucos souberão como elle a historia da arte militar antiga e moderna, e ninguém comprehenderá melhor do que elle a philo-sophia da guerra, e a influencia do nosso ultimo periodo de victorias e reveses. Estas guerras, que tinham absorvido parte da sua existencia, não lhe tinham parecido, como a outros muitos, hum magnifico e sanguinoso torneio, destinada a fazer brilhar nos olhos do mundo o valor dos soldados e o genio dos capitães; apor-

tolo vestido de militar, tinha, segundo as suas próprias expressões, aberto com a espada na mão caminho nos princípios revolucionários. Que magestoso papel faziamos nós, dizia elle, interrompendo a narração de alguma campanha, que magestoso papel, meu filho! e ficar nossa obra por acabar, por causa dos erros do hum só homem, pelo desvario desse genio sublime, que nos atirou com hum trono no meio do caminho que tão bem seguido levavamos! A vós manebos cumpre acenhar o que nós começamos, e deixamos em meio; a vós manebos cumpre preparar e consumir a civilização da França! E em quanto assim fallava, brilhavam aquelles olhos amarelhados até então debaixo da sobranceira cor de neve. Parecia aquelle monge sublime, tão bem descrito por Sande, que, quando vio aproximarem-se as brigadas republicanas, exclamou que se haviam cumprido as prophecias. Mas, estas reflexões passavam como o relampago, e via eu que meu tio se fazia contra sua vontade, e só para dar largas a hum sentimento que lhe opprimia o coração, e que elle queria donar. Depois de exclamações como estas, ficava sempre silencioso, e começava a assobiar alguns toques de cavallaria. Se fosse sacerdote da idade media, houvera pregado pelas ruas huma cruzada contra os infieis e os hereges; soldado intrepido, houvera ido oferecer-se á morte em cima das muralhas de Jerusalem; n'huma palavra, meu tio era desses homens de coração franco, e de braço de fogo e braços de ferro, que Deus destinou para ser os martyres de suas crengas, e do seu amor pela humanidade.

Aos olhos do mundo procurava sempre occultar os elevados pensamentos de sua alma. Não gostava de discussões. Para fugir dellas, conversava pouco, ou em coisas indifferentes; e quando por acaso tratava de alguma acção de guerra, cobria-a com hum verniz militar, e procurava conta-la mais como artista do que como historiador. Só não usava desta reserva com dous ou tres camaradas seus vizinhos, que de tempos a tempos vinham visitá-lo. São bons homens, me dizia elle; depois de 30 annos de trabalhos, recebem 1,200 ou 1,500 francos de pensão vitalicia, e estão satisfeitos, julga-se felizes; estão persuadidos que servirão a patria como devião, as suas consciências não os arguem, e he quanto lhes basta. Ves tu, Carlos, que povo he o nosso; os nossos camponeses, sem instrucção, sem conhecimento politico bem determinado, comprimentão espontaneamente esses braços, em quanto põem altivos com o chapéo na cabeça por pé desse emigrado, homem honrado, mas que servio contra a república. Que admiravel instincto! Estes homens comprimentão aquelles do mesmo modo que elles combaterão, isto he, com o coração e não com a cabeça. Deixa fallar esses ignobis professores do sensualismo, apostolos de interesses materiaes; o povo tem a preencher neste mundo missão muito differente daquella de tecer o algodão e a lã. Cada nação tem o seu genio; o da nossa he a industria e a civilização."

Comigo era meu tio, como se vê, mais franco; mas havia pouco tempo que me tratava assim, não me fallou com tanta franqueza senão depois que me vio hum dragona no hombro, e então he que começou a abandonar-se ás suas reflexões philosophicas e á amargura das suas penas. "Mas de entender bem tudo isto, dizia elle, he da nova escola, he do exer-

cito purificado pelo sol de julho." E fitava os olhos em mim, pondo ambas as mãos nos meus hombros, como quem procurava nos meus olhos a certeza do que acabava de dizer.

Apesar desta confiança, ainda estava eu muito longe de saber a historia de meu tio nos seus vinte e tres annos de campanha; fugia pelo contrario de entrar neste assumpto. Todavia, tinha eu toda a certeza que aquella melancolia e tristeza em que sempre andava provinha de algum choque violento, de alguma dessas desgraças que de tal fórma curvao o homem com o seu peso, que nunca mais se pôde levantar. Seria a infidelidade de algum amigo? o despreso de alguma mulher? a inconstancia de huma amante? Nada disto me parecia provavel.

Huma coisa, porém em que meu tio não fez reparo ficou profundamente gravada na minha memoria, e me despertou estas idéas na ultima visita de algumas semanas que lhe tinha ido fazer na sua casa de campo, residencia que nunca tinha deixado desde 1815, e que elle estimava muito.

Era hum castello como ainda ha muitos na Auvergne, situado no cume de hum rochedo, e que ha quinhentos annos pertence a nossa familia. Demolido depois em alguns sitios, tem perdido muito do aspecto feudal. Das tres immensas torres que o flanqueavam, duas forão demolidas no tempo da revolução, e a que ficou não sobia mais acima do nivel do primeiro andar, para o que tinha communicação por huma especie de terrasso. Os fossos estavam entulhados, e já não havia vestigios da muralha exterior, que todavia ha cincoenta annos ainda existia. No interior, pelo contrario, tudo apresentava o cunho dos tempos antigos. A escada de caracol, a sala de armas, com as suas chaminés symétricas, o tecto de madeira de carvalho lavrada, as escarpas, das quaes pendia o noutro tempo armaduras de cavalleiros, a capella, o oratorio, a sala das guardas, etc., tudo se achava taobem conservado, que muita honra fazia a quem assim tinha mantido este monumento do 21.º século. Só hum ornamento, que se encontrava em vinte e cinco ou trinta lugares, por cima das chaminés, das janelas, estava mutilado, não pelo tempo, porque era feito de pedra volcanica, que se endurece mais com o volver dos seculos, mas pelas mãos dos homens: meu tio não quiz se restaurassem os brazões da familia, mutilados em 1793, por ordem da camara municipal da aldeia. O povo poz alli as mãos, dizia meu tio, he necessario respeitar a sua obra; a historia da revolução está escripta naquelles escudos quebrados. Todavia, quem fosse versado na sciencia genealogica, por entre as martelladas revolucionarias podia muito bem descobrir tres dragões com azas.

Nunca eu tinha prestado attenção a este vestigio feudal, quando hum dia, penetrando repentinamente no oratorio, onde meu tio mandou fazer o seu gabinete de trabalho, encontrei-o tendo na mão huma espada, que ordinariamente estava pendurada na parede, n'huma capa de marroquim verde; quando me vio entrar, fez hum movimento muito rapido para escondê-la na capa, e deixou-a cair. Abaixei-me para a apanhar, mas elle preveniu-me e fechou-a logo. Tendes ali huma boa espada, disse eu; se a folha corresponder á bainha, he de preço. Custou-me bem cara, disse elle, e começou

a assobiar o toque de montar. Não he de fabrica franceza, accrescentei eu. Não sei, e continuou a assobiar. Pelo ar saudades de suas respostas, e sobretudo pelos seus assobios, signal certo de enfado, vi que minhas perguntas não lhe agradavam, e calei-me. Fez signal com a mão para que me assentasse, chegou-se á janella, e alli ficou com os olhos fitos no campo, sem dizer palavra. Quando se voltou para mim, levou o lenço aos olhos, e eu vi que lhe corrião algumas lagrimas.

Estava acostumado, sobretudo na época de que fallo, a tratar-me sempre como criança; todavia, a minha curiosidade foi instigada pela cautela com que era guardada aquella espada, e sobretudo pela tristeza profunda que manifestou meu tio naquella occasião.

(Continuar-se-ha)

AVISOS.

—Marcelino José da Silva e Nicolau José Teixeira fazem siente que de suas fazendas do Munim e S. Lourenço lhe forão roubados pelos Rebeldes dez Escravos e huma grande porção de Cavallos, Egoas, Poldros, Burros com os signaes e ferro abaixo declarados. Rogão os annunciantes a todas as pessoas que em seo poder tiverem alguns dos ditos Escravos ou animais os queirão entregar na Vargem Grande a Manoel Joaquim Caparica, e no Munim aos annunciantes do quem receberão por cada Escravo 20\$ e por cada hum animal 4: protestando desde já contra todos aquelles que depois deste aviso os conservarem em seo poder debaixo de qualquer especiezo pretexto. Signaes dos Escravos.

Joaquim Criollo moleque. Severiano Cafas, official de Carapina, bonita figura, rapaz principia a sair-lhe a barba. Al-mendio molato escuro. Anna Flora Cafaza quase preta, muito ladina. Clementino Criollo, idade 24 annos, retinto, estatura proporcionada, grosso, olhos grande, beizos algum tanto grossos, falla bem com principios de Sapateiro, e tem signal de ferida no lado direito no pé do hombro. Thomas Criollo de 15 a 18 annos, meio fulla, cabeça grande, cabello vermelho, falla grossa e embrullhada, com huma marca de ferida no braço esquerdo. Maximino Criollo, idade de 16 a 17 annos, canella comprida, zambro das pernas, com hum signal de ferida no hombro direito, falla bem, e tem o rosto e o nariz chato, e o corpo meio vergado. Fermínio Criollo, idade 26 annos, com principio de Sapateiro, fulla, cabello vermelho, olhos grandes, e muito vivo, estatura proporcionada grossa, e com huma falta de cabello de hum lado da cabeça de huma pancada de pau. Benedito Criollo, de 16 annos, retinto cabeça e olhos grandes, estatura proporcionada grosso. Canuto de 30 a 40 annos, bem retinto, estatura proporcionada, falla muito embrullhada, olhos grandes, e a cabeça chata.

E hum grande n.º de Cavallos, Bestas, e Poldros com os ferros. 7 2 3 N e 12 Burinhos sem ferro.

—No Escriptorio de Manoel Pereira da Costa vende-se vendido rapé Arda Preta chegado ultimamente de Pernambuco.

Tambem tem para vender um escravo com principios de Sapateiro, e proprio para todo o serviço.

Maranhão, Typographia Imparcial Maranhense. Anno de 1840.

CHRONICA MARANHENSE.

VOL. II.

SABADO 14 DE MARÇO DE 1840.

N.º 220.

Assigna-se em casa do Redactor, rua do Egypto n.º 12, e na Fabrica de Chapros de Vidigal Irmão & Co, rua Grande: preço por trimestre 3\$000, por semestre 5\$500, e por anno 10\$000 reis, pagos adiantados. As folhas aculsas vendem-se a 160 reis na sobredita Fabrica, e os avisos imprimem-se a 60 reis por linha, mas os dos assignantes, gratuitamente, com tanto que não excedam a 20 linhas.

MARANHÃO: IMPRESSO NA TYP. IMPARCIAL MARANHENSE. ANNO DE 1840.

MARANHÃO.

Correspondencia.

Sr. Redactor da Chronica.

Esobre o officio do Sr. Major Bizerza, inserido no seu interessante jornal de 11 do corrente mez, que vou importunar, não só para defender da injusta idea que quer dar o Sr. Major Bizerza ao Exm. Sr. Presidente da Provincia, ao Prefeito da Comarca do Itapucurá-mirim (a quem tributo amizade), de lesador dos dinheiros publicos pelos exorbitantes preços por que tem comprado os gados para consumo d'aquelle acampamento, como para mostrar os fins que obrigaria ao mesmo Sr. Major a aproveitar-se da occasião para dizer nelle que os gados comprados tem sido de tão má qualidade que muitos não pesam quatro arrobas.

Quando de parte a honradez de que se jacta o Sr. Bizerza, quando diz que a medida de o nomearem presidente da commissão de ajustar, e avaliar o gado que se houver de comprar, e de escolher dous cidadãos que devem ser membros da commissão é a mais salutar possível por ir cortar immensos abuzos, porque para provar-mos o contrario appellamos para o tempo, temos a declarar que é uma falsidade dizer-se que muitos bois não tem pezoado quatro arrobas. Verdade é que tão diminutas arrobações tem declarado o Sr. Commissario Francisco Maximo de Souza ser a quasi regular do gado; mas porque? E força dizer-se, porque o Sr. Commissario alem de dar muita quantidade de carne, vende quantos lhe vão comprar. O que a este respeito dizemos tivemos occasião de presenciav, e estamos promptos a provar-o quando o Sr. Maximo o queira.

O officio do Sr. Bizerza não tem outro fim senão sancionar estes abuzos, attestando ser o gado até agora morto do pezo de quatro arrobas. Como pois se poderá á vista disto crer na honradez de que se jacta o Sr. Bizerza, e persuadir-mos-nos de que elle não cometerá abuzos, quando estamos vendo correr para elles?! Quanto a nós a commissão é boa para o Sr. Bizerza, e o Sr. Maximo.

Desde já lamentamos aquelles que possuem gados, que os hão de vender pelo preço que lhes taxar o Sr. Bizerza, que será por muito menos do seu valor, para as peçadas poderem, sem escandalo, responder a quatro arrobas!!!

O certo é, Sr. Redactor, que o Sr. Francisco Maximo de Souza, logista quebrado, está com muito boa *solida*.

Quanto avançamos acerca do Sr. Bizerza, não é filho da dezafeição que lhe consagramos, são sim ideas combinadas com o precedente da vida do Sr. Bizerza naquella acampamento, que prezenciamos.

Queira Sr. Redactor ter a bondade de dar publicidade a esta, embora outro seja o juizo que V. S.ª do Sr. Bizerza faça, devido certamente a falsas informações dos carregadores de botes do Itapucurá-mirim, por ordem do Sr. Bizerza, e tangedores de cavallos para a vagem grande, que para sua maior miseria não se peja de dar felicitações aquelle Sr.

Sou Sr. Redactor.
Maranhão 12 de De V. S. Camargo e cria-
Marco de 1840. do obrigado.
José Carlos Pereira de Castro.

CHRONICA MARANHENSE.

—Tem por vezes o redactor da Revista e do Investigador accusado a comarca de Alcantara por não haver prestado o seu contingente de forças para a luta em que se acha empenhada a provincia inteira: porém mal cuida o nobre escriptor que os officios que dirige a população alcantarenses resvalam, e vão somente offender o senhor Camargo, e o synedrio que o domina absolutamente, durante todo o tempo da sua nefandissima administração. Éa verdade, a população alcantarenses em massa não é que se havia de pôr a recrutar ou alistar soldados, e a fazer-lhe marchar para o theatro da guerra, senão as autoridades, e os officios da guarda nacional, escolhidos pelo ex-presidente, ou antes pela camarilha. Se de impetencia ou má vontade tem mescido o mal, não é por certo a população alcantarenses a culpada; accuse a Revista e os seus satellites, se quiserem, a essas autoridades, accuse em particular o Amigo do Paiz os senhores José Leonardo Ribeiro, Labre, e outros, a quem mais de cinquenta vezes tem chamado *estupidos*, seguramente por que a sua pouca experiencia ainda não lhe deu tempo a conhecer todos os amigos e inimigos: não será a Chronica que os hade accusar.

Não duvidamos que a Revista, reproduzindo o Investigador, sustente que em todo o caso somos nós os culpados, porque os senhores Sís e outros cidadãos influentes recusaram as prefeituras, e postos da guarda nacional para que o senhor Camargo os nomeara; mas uma semelhante objecção não merece ser seriamente refutada. Com que jus queria a facção associar ás suas obras aquelles que as combatiam, e torçar reponsaveis pelas

suas fataes consequencias, aquelles que as previam, e não tinham outro empenho, e outro pensamento, senão arredar tantos males iminentes?

E' no entanto para admirar o despejo com que estes senhores se lembram de Alcantara, quando querem exigir della sacrificios, e se esquecem da cruzada que fizeram contra ella nas eleições de 1836, semeando pela provincia inteira essas ideas e divisões funestas de localidades. E com que facilidade não deslembra igualmente que aquella comarca foi por elles violentamente esbulhada do direito de intervir na eleição dos representantes da provincia, quando annullaram as eleições de Santa Helena e Pinheiro, quando expulsaram do collegio da capital por um modo indigno, os electores de S. Bento, e quando finalmente annullaram o collegio inteiro de Alcantara! A esses tres grandes attentados, até hoje impunes, o senhor Leonel se não pôde ter, que não ajuntasse os infames insultos que então prodigalisou a essas cidadãos respeitaveis, em uma das suas costumadas publicações avulsas.

Todavia, apesar de tantas injurias e injusticias, os Alcantarenses não eram, nem são indifferentes a essa luta, gerada pelas attentados da facção: logo que a administração provincial quiz seriamente organizar ali uma força, abriu mão da organização da guarda nacional, a que o povo oppunha constante a só resistencia da inercia, e mandou para ali um capitão de primeira linha para crear corpos provisórios. E tendo começado esse trabalho apenas em principios de Janeiro, se acham já organizadas desenhove companhias, e só do município de Alcantara estão promptos a marchar no corrente mez cerca de 200 homens.

E' aqui a occasião propria de dissesse que a reforma da guarda nacional, não foi mais do que uma deploravel impatura, decretada pela facção, para o fim quasi exclusivo de distribuir patentes com que pagasse serviços, armasse de poder os seus agentes, e trouxesse subjugada com vara de ferro a população que murmurava de tales escandalos. A officialidade escolhida, geralmente fallando, era a mais inepta que se podia imaginar para o serviço militar: quasi toda fugiu sem vez o rosto ao inimigo.

No Rozario para se fer alguma força, foi preciso descrepar o prescrido batalhão de guardas nacionaes, e organizar-se um corpo provisório, que conta perto de 400 praças, e que sob o commando do humilde major Rocha, ha prestado importantissimos serviços, já policiando a villa e os seus arredores, já batendo algumas partidas rebeldes.

Em Guimarães o que tem produzido a guarda nacional? O senhor Torquato é ali prefeito, e chefe de dois pretendidos batalhões; gosa de mais a mais de uma tam prodigiosa influencia, que segundo elle proprio alardeia, naquella commarca só se faz o que quer e manda o senhor coronel-prefeito; e no entanto, tendo o o governo encarregado de mandar 180 homens, ha oito mezes que trabalha o sia, e apenas tem conseguido completar metade deste numero, vindo os recrutas ou guardas nacionais aos 6, e aos 12! Para justificar de tam minguido effeito, assim a miraculosa lei, como o grande homem escolhido para executá-la, teve ja a Revista a triste lembrança de desculpar-se com as manobras dos inimigos da ordem em Guimarães. Mas porque razão deixou o contemporaneo de assignalar as vinganças da opinião, publicando-lhe os nomes, á esses perversos que ousaram perturbar o repouso dos senhores Coelho? Em quanto o não fizer, crea que o publico hade tomar isso apenas como um mal sardiozito remendo.

O que tem produzido a guarda nacional em Viana? nada, inteiramente nada, e ainda relativamente a esta commarca teremos de occupar-nos com a influencia perniciosa da facção. Quando o senhor Manuel Felizardo se resolveu a organizar corpos provisórios na commarca de Alcantara, teve o mesmo pensamento acerca da de Viana, e tencionava nomear nesta commandante do batalhão ao senhor Manuel Antonio de Souza; acreditava-se mesmo que chegou a nomear; mas os chefes da facção só querem escravos submissos, e não queriam ver a frente de um corpo este digno cidadão, um dos mais influentes e abastados de Viana; sacrificaram o interesse da provincia a mesquinhas antipathias; e o senhor Felizardo, tendo a fraqueza de ouvir as suas sugestões, mudou de proposito, sem lhe importar a falta que faziam os importantes recursos que sem duvida o senhor Souza obteria em favor da legalidade. O resultado desta grande proeza, em favor da desordem, foi não sair um só homem de Viana, sem que á facção alguém suscitasse ali o menor embaraço; o coronel e o tenente-coronel da guarda nacional reconhecendo a sua impotencia para o bem, retiraram-se para as suas fazendas, e de presente só existe na villa o major, igualmente encarregado da sub-prefeitura, occupando-se em alimentar a intriga, e em exercer pequenas vinganças sobre homens desvalidos, pelo simples facto de se elles acolherem a protecção dos seus inimigos.

Agora perguntaríamos á Revista e aos seus satellites, porque razão só se lembram de Alcantara, e esquecem Viana, que a julga não ter um só homem, supposto estejam ali investidos no poder os agentes da facção, que demais a mais alardeiam uma prodigiosa influencia?

No Mearim, era quasi recusado falar; ali o agente da facção figurou que tinha feito uma leva de 300 homens, mas ja instruímos o publico de como o snr. Felizardo, certificado do contrario, recusou dar dinheiro para pagamento de um exercito que só existia nas folhas dos prestes.

Nós cremos ter sufficientemente provado primeiramente a má fé, e em segundo lugar, a parcialidade das accusações da Revista, que nunca perde occasião de cevar o seu odio contra os Alcantarenses. E não terminaremos o nosso artigo sem dizer que de Alcantara vieram uns 20 ou

30 recrutas, e que talvez hoje excedessem elles muito ao numero dos que hão vindo de Guimarães, a não ter o presidente mandado parar com o recrutamento, para se poderem mais facilmente organizar os corpos provisórios.

Preferição

—Rogaram-nos para que dissessemos alguma coisa sobre uma das mais escandalosas que houve, qual a do sargento de brigada José Joaquim da Silva Rosa. Este cidadão, muito habil e entendido no serviço militar, conta 18 annos de praça, sem nota alguma, antes se ha sempre portado com honra. Commandando ha quatro annos o destacamento de Monção, de tal modo adquiriu a estima e confiança daquelle povo, que para a sua conservação no mesmo lugar se hão feito por vezes representações. No entanto o senhor Rosa foi esquecido, e se aclam com a patente de alferes e tenentes, sargentos e cadetes de um dia, que em lugar de serviços, apresentaram bons padrinhos. Prouvera a Deos que fosse esta a unica injustiça! Mas infelizmente, ja apontamos outras muitas.

O Amigo do Paiz.

—O Amigo do Paiz tem ainda a audacia, o despejo, e a estupidez de insistir no grosseiro embuste do vapor inglez. O homem que se tem pavoneado de *querer subir, seja como for*, assentou agora de especular sobre os prejuizos e repugnancia da nossa população contra estrangeiros, e nada lhe pareceu tam proprio para facilitar-lhe o ganho, como confundir os estrangeiros com os seus inimigos políticos. Alem das patrañhas que publicou em o n.º 16 da Revista, acrescenta em o numero 18 com grosseiro artificio que nós mesmos insinuamos no ex-presidente o senhor Felizardo que mandasse fazer as indagações necessarias sobre o carregamento de armas do vapor, como se o senhor Felizardo tivesse a intelligencia tam espessa como aquelles para quem o Amigo do Paiz escreve, e inventa suas patrañhas. Este facto *consta-lhe*; *consta-lhe* que do vapor desembarcaram armas; *consta-lhe* que da Bahia se receberam cartas a tal respeito; *consta-lhe* que o governo teve participações de que eram novas as armas de que usavam os rebeldes; *consta-lhe* que se passaram letras na importancia de 80 contos, e *consta-lhe* finalmente que pagam o premio de 2 por 100 ao mez. E de mais a *opinião publica*, como se sabe, ali está que o não deixa mentir....

E com considerações desta natureza que o nosso malandrim pretende destruir os factos que deram causa á vinda e demora da barca Glycila, neste porto; e ainda em cima tem o desceço de perguntar-nos donde colhemos essas informações. Responder-lhe-hemos simplesmente que da respectiva casa ingleza, e para desmascarar de todo ao testa de ferro dos pasquins impressos, citar-lhe-hemos outro facto, de publica notoriedade, e por demais consignado nos registos da alfandega: essa barca veio carregada de maquinas, e outros objectos para a Bahia, os quaes ja foram remetidos em outras embarcações.

O bom do moço nos pergunta ainda se a barca foi abandonada por conta dos seguradores; se os seguradores recusaram estar por isso, e se em consequencia travou-se um pleito em Londres, então po-

conta de quem está agora a barca? A tal pergunta, certo não daremos resposta, e apenas a reproduzimos aqui por vir de um doutor, como o Amigo do Paiz, que se queixa amargamente em um dos seus artigos que já não pode com os trabalhos de professor e advogado. Pois deveras o senhor Candido Mendes advoga? Bom é haverem jornaes noticiosos!

O que aqui ha porém demais admiravel é o sangue frio imperturbavel com que o mestre da Revista vai alimentando o seu jornal das mesmas materias de que constavam os pasquins de Setembro e Outubro do anno passado. Esses senhores querem esgotar a paciencia da opposição; façam-n'o embora, mas depois não se queixem quando apparecer a necessaria e inevitavel reacção. Da nossa parte, continuaremos a tomar nota das aggressões.

Outra vez o Amigo do Paiz.

Procurador, andas tanto,
Tanto daquí para ali,
Procurador, não m'enganas,
Tu procuras para ti.

—Está decidido; o moço é um prodigio no seu genero: com o mesmo desenfado com que em Pernambuco se mostrava ora atleico endurecido, ora devoto papasantos, ora defensor da liberdade dos pretos, ora absolutista enfezado, agora no Maranhão com tudo arremette, ora assignando-se *Amigo do Paiz*, ora *Aristides*, ora *****, e nem duvida confundir-se com a rapaseada cor da noite para grudar o seu pasquin! umas vezes é o proprio redactor da Chronica o alvo das suas colericas especulações; outras os artigos de *Variedades* do nosso jornal; outras os Inglezes e o senhor Henderson; outras os senhores Labre e José Leandro Ribeiro, (dê n'alma ver as bordoadas de cego que nelles tem descarregado) em fim nem a propria mãe lhe escapou! E como *quer subir, seja como for*, não tendo mais de quem fallar, fallou de si proprio, para ficar bem conhecido, em um dialogo que estampou em o n. 18 da Revista. E para ver a finura e ares de indifferença com que o ex-atleico tracta dos trabalhos de advocacia e magisterio que asseverbam o pobre doutor Candido Mendes! E a rara modestia com que nos mette á cara a variedade dos seus interessantes artigos, e sobre tudo o cunho particular do seu estilo! Pela parte que nos toca, supposto conheçamos facilmente quem escreve, só pelo simples exame do estilo, confessamos que é cousa que ainda não encontramos nos escriptos do senhor Amigo do Paiz; e ja que elle tanto se empenha em occultar-se, pode ficar descansado, que pelo estilo ninguem o ha de descobrir.

Vamos ao que nos diz respeito. Publicamos na Chronica n. 214 uma lei que auctorisa o governo geral a suspender garantias, e a conceder amnistias, e eis que o homem que tanto *procura para si* ergue altos clamores, porque o nosso fim é auxiliar indirectamente a desordem, o porque, quando publicamos uma lei de interesse geral (todas costumamos nós publicar) não queremos senão dizer aos rebeldes: *Matai, roubei, e destrui tudo sem susto!* Poderá acaso haver um rabisador ao mesmo tempo mais estúpido e mais perverso? Lembrou-se jamais alguém de que a publicação das leis do imperio poderia ser um auxilio para revoltas? Mas que ha de ser! O Amigo

do Paiz vê fins sinistros em todos os romances e biographias que apparecem na Chronica.

Outra. Em o n.º 218 vem um officio do vice-consul inglez, em que se dá uma meia satisfação pelo attentado praticado a bordo da escuna Amalia, e ja no numero 216 tinhamos dito algumas palavras sobre essa occorrença. Mas o Amigo do Paiz, que desta feita se dirigiu ao Legalista, diz que tivemos um baixa condescendencia, estampando esse officio, que contribuiu por essa forma para a deshonra da nossa patria, e que tudo prohem de não estar ainda saldada a funosa letra dos 80 contos... Ali vai a nossa resposta, bem curta sim, mas que hade encommenda-lo um pouco: "o officio foi publicado por ordem do presidente da provincia, e a Chronica não fez mais do que transcrevê-lo do periodico do governo, o Publicador Official. Logo, no sentir do Amigo do Paiz, o ex.º senhor Lima é quem tem baixas condescendencias com os Inglezes, e quem contribue para a deshonra da sua patria, porque está comprometido nesse negocio do vapor! Esta maldita inexperiencia do pobre moço ainda hade ser causa d'alguma estralada!

Mas como é preciso contentar todos os paladares, fallar ás paixões da multidão ignorante, e á razão dos homens sizados, o nosso boçal malandrim, ao mesmo tempo que força esses embustes grosseiros a cerca do vapor inglez, accusa uma lei do imperio de auxiliar a anarchia, e insulta o presidente da provincia, quando pensa que só nos calumnia, o Amigo do Paiz, dissemos nós, unindo tudo quanto ha de mais infame na calumnia com as apparencias da moderação exprime-se da seguinte maneira no n.º 16 da Revista: "O que nos resta, se já agora nenhuma accusação pode indemitir a provincia dos terriveis estragos que soffreu? E por isso que suspendemos as considerações que tinhamos a fazer sobre a desordem.... A ambição para as falsas honras (shippomos) que falla das patentes) produziu muitos males.... Nenhuma acção, por insignificante que seja (como por exemplo, publicações de lei e officios) escapa hoje á nossa vigilância.... Parece que fazemos mais guerra nos nossos inimigos politicos do que aos ladroes e assassinos....!"

Nestas palavras, e sobre tudo nas ultimas, em que o peccador a si proprio se condena, veremos apenas a mais refinada hypocrisia, uma simples parodia de Ambrosio Lamella, ou antes o grito da consciencia aterrada e pungida de remorsos! Seja como for, o que ninguém ignora é que o advogado professor quer por força subir, e porisso entende com todos e em tudo, afixa pasquins, mente, insulta, e chora arrependido. Nem o procurador de Beage lhe leva as lampas na manhoza actividade!

—Em o numero seguinte diremos quatro palavras acerca da correspondencia do Sr. Jozé Carlos Pereira de Castro.

VARIÉDADE.

A CARGA DE CAVALLARIA.
HESPAÑA. — 1812.

(Continuação do n. 219.)

—A' noite, estando no meu quarto pen-

sando neste acontecimento, reunindo recordações vagas, pareceo-me ter distinguído no punho da espada hum brazão que tinha tres dragões como aquelles dos brazões do castello. Acatelei-me porém, de dar parte disto a meu tio. Por cousa nenhuma no mundo quizera eu tornar a huma conversa que parecia causar-lhe tão viva dôr. Só no dia seguinte pedi-lhe com ar indifferente que me desenhasse o brazão de nossa casa. Pois, não o viste ainda! Verdade ha que tua mãe pouco se importava com essas ridicularias. Canos com hum homem do povo, no qual tambem não dava isso muito cuidado. Tens então muito desejo de conhecer o brazão de teu avô? Eu te faço a vontade. E depois de me ter fallado ainda algum tempo de meu pai e minha mãe, desenhou-me com a penna as armas da minha casa. Fiquei convencido que erão irmãs das que estavam na espada. Mas, que relação podia haver entre isto e as lagrimas que tinham corrido dos olhos do guerreiro? E donde provinha semelhante espada? Não podia pertencer a meu tio, porque não era homem que usasse das armas de seus antepassados, pois que nunca usou do titulo de conde que lhe provinha de seu pai. Tambem não podia pertencer a meu avô, porque tinha sido magistrado: de outro meu tio, que tinha emigrado na idade de 16 annos, tambem não podia ser, porque nunca lhouve noticias delle. Além disso, nenhum outro membro da nossa familia tinha sido militar, havia cem annos.

Ficou este problema sem solução; e dez annos depois, quando, como já disse, estavam ambos assentados ao lume, e meu tio me dizia que ha cincoenta annos a esta parte tinha havido grande mudança na temperatura das estações, ainda não sabia resolvê-lo. De proposito não quiz continuar a discussão das variações do clima, unica talvez em que a contradição lhe não fora desagradavel, e vendendo-o em veia de conversar, aproveitei a occasião de levar a conversação a cousas mais interessantes; envolvidos no discurso, de digressão em digressão, veio meu tio a fallar da guerra da Hespanha, na qual elle tinha tomado parte de 1810 a 1813.

Assentado na sua poltrona, com as pernas estendidas em togo o seu cumprimento, e com o braço direito mettido na sobrecasaca, na direcção do peito, posição muito sua favorita, se dispunha meu tio para entrar em conversa a respeito das suas campanhas. Diante d'elle, do outro lado da chaminé, o estava eu ouvindo; todavia, ainda que não perdia nenhuma das suas palavras, não lhe prestava tanta attenção como costumava. Estava vendo a espada mysteriosa, que ainda se conservava no mesmo sitio, e na qual tocava com a mão estendendo o braço, e por isso a minha alma estava, por assim dizer, fora da conversação; no campo das conjecturas. Mas, não tardou muito que soubesse desta especie de sonho; meu tio, apenas entrou no capitulo das guerras da Peninsula, deixou-se insensivelmente arrebatado; o pensamento politico que lhes tinha dado origem, as consequências que poderiam ter tido, a direcção que lhes tinham dado, as operações dos differentes corpos do exercito, passaram a ser objecto de elevadas observações. Napoleão, Suchet, Marmont, Soult, Wellington, Moor, Castanos, &c., forão analysados, criticados, louvados com notavel criterio, e descritos com cores tão brillantes, que em

toda a minha vida não ouvi nunca cousa mais eloquente, mais clara e mais precisa; ficavão a perder de vista as mais admiraveis paginas dos manuscritos de Santa-Helena. Bem depressa me esqueci da espada, objecto das minhas conjecturas; fiquei cativado, suspenso, magnetizado pelas palavras de meu tio. Passando successivamente das generalidades ás particularidades, fallou da cavallaria em geral e dos dragões em particular. A cerca destes se estendeu com mais vontade, e até, por assim dizer, com effusão tal, que n'outra pessoa a teria eu por pueril e affectada, com tanto cuidado descrevia elle os seus costumes, o seu vestuario, as suas armas! O que mais admirava era que o seu discurso era variado, assim como o objecto delle. "Que aberturas fizemos nas linhas dos Inglezes" dizia elle "com as nossas espadas directas da fabrica franceza! Quantas vezes havemos envolvido debaixo dos pés dos nossos cavallos essa pobre infantaria hespanhola! Não havia cousa que nos podesse resistir! Desgraçados Hespanhoes, que chamarão em seu auxilio os Inglezes, e se armarão contra nós, homens da revolução, que traziamos no peito a liberdade e a igualdade! Bem adiantados estão hoje! Depois do estúpido e sanguinario Fernando, lá estão entregues a hum rei mulher, dirigido por validos, e, o que mais he, roubando pelos Inglezes! Lá se andão devorando hums aos outros, como animaes ferozes.

Aproveitando este entusiasmo, interrompio-o para lhe perguntar se alguma vez se tinha encontrado n'huma carga contra a cavallaria, se tinha visto hum choque de frente entre dous corpos de cavallaria, correndo hum para o outro, e voltendo-se sem ninguem voltar a cara.

—He cousa muito rara, me respondeu elle, e tão rara, que não vi senão hum exemplo, e foi justamente na guerra de Hespanha. Ordinariamente, os mais atrevidos he que alcança toda a vantagem da carga. Os outros, logo em distancia de vinte passos, começam a desunir-se a hesitar e a debandar, e pela maior parte voltão ás costas. Nesse caso, são todos acutilados.

Este de que te fallo foi hum terrivel combate, ainda que curto, e foi tambem o mais brilhante e menos estrondoso a que assisti. Dizendo isto, repentinamente o seu rosto tomou um ar de tristeza, que fazia notavel contraste com o ar animado que dantes mostrara. Tinha olhado para a espada com hum tal expressão de dor, que nunca me ha de esquecer.

Calou-se por alguns momentos; depois, como eu lhe perguntasse onde tinha sido o lugar do combate, continuou: foi tres leguas distante de Madrid, n'huma planicie chamada Las Rosas, perto da aldea de Majabonda, na estrada de Segovia a Madrid.

Eramos quatro regimentos de dragões francezes, contra quatro regimentos de dragões inglezes, duas mil espadas de cada lado. Cruel fatalidade! Estes dous corpos tinham ordem, tanto hum como o outro, de evitar todo o combate, e vierdo ás mãos, e ficariam mortos e feridos para cima de 800 homens. Depois desta reflexão, parou outra vez, como hesitando contar-me esta acção de valor. Todavia continuou.

A divisão ingleza vinha de Segovia, para fazer hum reconhecimento sobre Madrid, para onde se tinha retirado o exercito de reserva, depois da funesta

batalha dos Arapiles. Nós, pelo contrario, iam de Madrid para Segovia, para reconhecer tambem o que se passava para esse lado.

A oito de agosto de 1812, depois de ter andado toda a manha sem ter encontrado viva alma, atravessavamos pelas duas horas da tarde a planicie de Las Rosas, quando repentinamente os nossos batedores, depois de ter passado huma cordilheira de pequenos outeiros, derão signal da aproximação de hum corpo de cavallaria. A pouca distancia estavam hums dos outros, esta casualidade de terreno tinha occultado reciprocamente a nossa marcha. Poucos momentos mais, e estaríamos juntos.

Neste momento chegou hum ajudante de ordens de Madrid, renovando ao general Treillard, que commandava a nossa divisão, a ordem de evitar o combate. Era já muito tarde.

Apenas avistáram os nossos batedores, os Ingleses metêram ao trote, e appareceram nas alturas quasi ao mesmo tempo que elles. Apenas ali chegáram, dous ou tres minutos depois continuáram avançar, mas a passo, marchando por brigadas e em duas linhas. Maravilhado com este acontecimento, que ia contra as instruções que tinha recebido, o general Treillard hesitava entre o desejo de combater e as instruções que tinha. Mas os minutos valiam annos. Alguem o preveniu. A vista das fardas encarnadas, as nossas columnas, rapidas como o pensamento, se desenvolveram espontaneamente como por hum movimento electrico; e logo, sem que ninguém o ordenasse, a nossa divisão tomou a forma que trazia o inimigo. Contudo, ambas as divisões continuáram a avançar a passo, sem que se ouvisse o menor grito. Só quem applicasse hum o ouvido poderia distinguir as imprecações dos nossos soldados contra os Ingleses, e certo zunido de vozes: Carga! carga! para frente! para frente! Estes homens intrepidos vão muito bem que essa terra de Hespanha, tantas vezes regada com o seu sangue, começava a fugir-lhes. A derrota dos Arapiles os tinha desesperado, e estavam anciosos por vingança. O coração lhes dizia que tinham diante de si os verdadeiros inimigos da nacionalidade da França, e querião satisfazer a sua raiva. Na Alemanha, na Inglaterra e no grande exercito, estes sentimentos violentos se terião exprimido por vivas ao imperador e estrondosos clamores; mas, na Hespanha, tanto soldados como officiaes se tinham esquecido destas acclamações; marchavam para o combate silenciosos, o que augmentava o horror das scenas de matança.

Enfim, chegámos de fronte da primeira linha inimiga; já ouviamos o rincar dos cavallos impacientes, tão ardentes na luta como os cavalleiros que os querião reprimir, quando hum major inglez, que estava na extremidade direita da primeira linha, nos disse em muito bom francez: "Avancem, Srs. Francezes, não tenho medo." A esta grossa insolencia responderão os nossos soldados com gritos terriveis: Carga! carga! e o ajudante do regimento 22 de dragões, Pastel se chama elle, avançou logo como hum heróe de Homero; com a espada levantada cahiu sobre o insolente e o atravessou de lado a lado. Toda a linha foi atraz deste valente official, tocáram os clamores e os dos Ingleses responderão tambem.

Era hum espectáculo admiravel ver

estas duas brigadas precipitando-se huma contra outra.

As barretinas brilháram com os raios do sol da Castella a travez da poeira, como o relampago a travez da lua. O terreno secco, abalado pela carga, dava hum som semelhante ao trovão precursor da medonha tempestade. Os cavalleiros, soltando terribes ameaças, com os olhos inflamados, o corpo inclinado para diante, a espada na mão e as esporas na barriga dos cavallos, desses cavallos musculosos que devoráram o terreno, estendendo-se quanto llo permitia a força prodigiosa de seus membros, tudo isto fazia recordar daquellas energicas palavras da escriptura: *Procella Equestris*.

O choque foi espantoso; parecião duas muralhas que batido de encontro, tão certas estavam as linhas, tão unidos estavam os cavalleiros! As duas linhas atravessáram-se reciprocamente; mas, ao mesmo tempo, de cada lado fizeram alto; os Ingleses começaram a cutilar no rosto, segundado o seu costume, e nós apontando ao peito, segundado o nosso costume, com todo o vigor dos nossos braços. Dentro de huma milauto mais de duzentos Ingleses forão ao chão; todavia, nenhum recuou. A segunda linha, vendo a primeira tão maltratada, correu em seu auxilio; a nossa fez outro tanto; e a luta cada vez se tornou mais encarnada e sanguinosa. Verdadeiro combate á antiga! generaes, officiaes, soldados misturados, confundidos, decarregando golpes continuados; quando morria ou cahia do cavallo hum adversario, voltava-se a gente para outro; não se ouvia hum tiro de clavineta ou de pistola; todos combatião com arma branca; não se ouvia outro estrondo mais do que o tinar das espadas, os gritos dos feridos e dos homens pisados pelos cavallos.

Durava esta luta encarnada havia perto de hum quarto de hora, e teria acabado pela exterminação completa dos Ingleses, porque os nossos cavalleiros, leves e adestrados, montados em bons cavallos, tinham notavel vantagem sobre os pesados Bretões, com os seus cavallos difficeis de manobrar, se repentinamente o desalento se não apoderasse do inimigo, que vicia as costas e fugio em debandada. Correram em seguimento delles....

Aqui parou meu tio com a sua narração; corria-lhe as lagrimas dos olhos; levantou-se, apertou-me as mãos tremendo e disse-me: "Ninguém deve saber o que te vou contar. Carlos, promettes...."

Fiquei commovido, consternado, em presença deste nobre velho, compungido por huma recordação dolorosa. Não pude articular huma palavra, mas elle leu nos meus olhos a resposta que me pediu; tornou-se a assentar e continuou: "Assim como os outros, me lancei eu aos esquadrões agora compactos e depois dispersos pela planicie. Já tinha obrigado tres ou quatro dragões a apparem-se, quando a pouca distancia vi hum tenente-coronel que procurava reunir alguns fugitivos, e lhes gritava com voz de trovão: "He necessario morrer aqui." Precipitei-me repentinamente sobre elle, cruzando as espadas, a minha chegon-lhe ao peito, e o desgraçado cahiu do cavallo vomitando sangue... estava ferido mortalmente.... matei-o.... matei meu irmão!"

—Vosso irmão! mas já me tendes dito que nunca mais recebestes noticias delle desde o dia que emigrou.

Meu tio não respondia, os soluços lhe suffocáram a voz; ficou hum momento

com o rosto coberto com as mãos, dando livre curso a sua dor; depois continuou: "Parei movido por hum sentimento de compaixão, á vista daquelle desgraçado que assim rolava na poeira ferido pela minha mão, e, apacando-me do cavallo dirigi-me para elle. Julgo que o queria desarmar, entregou-me a sua espada, pegando-lhe pela ponta e apresentando-me os copos. Recuei quando vi que tinha as armas de minha familia. Pallido e tremulo com a lembrança de huma espantosa desgraça, cheguei-me mais a elle. Acabava de fazer o ultimo movimento, já lhe não batia o coração, tinha morrido.

Não me havia enganado; erao as armas da minha familia que estavam gravadas no punho da espada; mas, na folha estava este nome: Sir Arthur Sonder, tenente coronel do 5.º regimento de dragões." Respirei mais livremente, attribuindo ao acaso esta identidade de armas. Além disso, por mais que examinasse este homem da cabeça até os pés, não podia achar comparação alguma entre elle e meu irmão, que de idade de 16 annos tinha sahido de casa tão magro e delicado que parecia huma senhora. O homem que via junto a meus pés era alto, de bigode preto, cabellos que começáram já a branquear, e feições fatigadas dos trabalhos da campanha; e queimadas pelo sol da Peninsula. Não podia ser o infeliz que, apesar das minhas instancias e dos meus conselhos, me tinha deixado no dia 15 de abril de 1792, para se ir ajuntar aos principes emigrados.

Abri depois a farda do tenente coronel, e descobri, n'huma algaibeira, huma carta com o seguinte sobrescripto: "Se morrer nesta guerra peço a aquelle que mexer nesta algaibeira, que entregue esta carta ao Sr. conde de B... chefe de esquadra no serviço francez. Rompi o sobrescripto, porque a carta tinha chegado ao seu destino; continha só estas palavras: "Perdão a meu irmão o ter combatido contra os seus legítimos reis e contra a religião de seus antepassados. Oxalá Deos lhe perdoe como eu o faço."

"A espada he aquella que ali está pendurada; a carta anda sempre em cima do meu coração. Pobre Luiz!" E as lagrimas do velho correrão com mais abundancia.

—Carlos, és a unica pessoa neste mundo a quem tenho confiado semelhante segredo; nem tua mãe o soube. Todos pensáram que teu tio tinha morrido na emigração, porque elle tratou logo de mudar de nome, apenas chegou á Inglaterra; foi primeiro servir no exercito da companhia das Indias, donde veio para a Europa, com lord Wellington, tomar parte na guerra da Peninsula, e nunca escreveu a ninguém para França. Meu filho, não digas a ninguém este segredo; he huma noção terrena na nossa familia hum homem que morreu combatendo contra a França, debaixo da bandeira ingloza. Compadece-te do soldado velho que matou seu irmão, mas respeitá-o como cidadão, porque fez o seu dever neste funesto encontro.

—Muitas vezes o tinha dito, os soldados da revolução forão os martyres da santa causa dos povos. Padecimentos physicos e moraes, tudo nos deo Deos.

(National.)

Maranhão. Typographia Imparcial Maranhense. Anno de 1840.

CHRONICA MARANHENSE.

VOL. II.

QUINTA-FEIRA 19 DE MARÇO DE 1840.

N.º 221.

Assigna-se em casa do Redactor, rua do Egypto n.º 12, e na Fabrica de Chapéos de Vidigal Irmão & C., rua Grande: preço por trimestre 3\$000, por semestre 5\$500, e por anno 10\$000 reis, pagos adiantados. As folhas avulsas vendem-se a 160 reis na sobredita Fabrica, e os artigos imprimem-se a 60 reis por linha, mas os dos assignantes, gratuitamente, com tanto que não excedam a 20 linhas.

MARANHÃO: IMPRESSO NA TYP. IMPARCIAL MARANHENSE. ANNO DE 1840.

CHRONICA MARANHENSE.

—No dia 15 do corrente partiu para a corte no vapor *Maranhense* o senhor doutor Bernardo de Souza Franco, deputado pela provincia do Pará e ex-presidente da mesma provincia.

Não é tam prodigioso o numero dos bons servidores do estado que não mereçam ser particularmente louvados os que cumprem honradamente os seus deveres, entre os quaes folgamos de contar o senhor Souza Franco. Este digno Brasileiro achou o Pará igualmente assolado pelo despotismo e pela anarchia; a desordem material e moral reinavam soberanamente; a confusão existia em quasi todas as repartições com tal escandalo, que com a ajuda de ordens arbitrarías do general Andrea, tinham-se roubado mais de 200 contos dos cofres geraes e provinciaes, sem que ninguém attentasse por um crime tam estrondoso. O senhor Franco, em circumstancias tam difficeis, restabeleceu, quanto lhe foi possível, a ordem alterada em todos os sentidos; foi dando gradualmente execução ás leis que se achavam suspensas; fez processar os antigos prevaricadores, e deu as providencias necessarias para que nem pelo thesouro, nem por outras repartições, continuasse a repetição de roubos tam monstruosos, o que facilmente aconteceria, mediante os habitos de esprichosa arbitrariedade que ali introduzira o seu antecessor, e poz finalmente remate á pacificação da provincia, cujos certões ainda eram devastados por numerosas hordas rebeldes, ao tempo em que o general Andrea a deixara.

É certo que o senhor Souza Franco encontrou forte opposição da parte de homens ou turbulentos, ou demasiadamente soffregos de restituir o Pará ao estado ordinario, destruindo com precipitação quanto se achava estabelecido pelo despotismo militar; mas como o Pará, no estado em que estava, e por ventura ainda em parte se conserva, o que necessitava era de um homem justiceiro que usasse do poder com intelligencia e discrição (segundo observamos ha dous annos) o senhor Franco resistiu com bom successo a essas tendencias, e teve a satisfação de ver a sua politica comprehendida e aceita pela maioria da provincia.

Commetteu erros o sr. Franco; e quem os não commette? quem os não commetteria em posição tam difficil? mas o que se lhe não pode negar é desejo de acortar, o animo sincero de servir a sua provincia, onde desenvolveu capacidade em nada inferior ao lugar que exer-

cia, o que, digamo-lo por parenthesis, não é muito commum. Quanto não é para lastimar que um tam distincto funcionario fosse substituido pelo sr. João Antonio de Miranda!

Acompanhou o sr. Franco, o sr. coronel Freitas, ex-commandante das armas, que no exercicio do seu emprego mostrou muita capacidade, e muita honra.

Pela nossa parte, folgaremos de ter muitas occasiões de reconhecer e elogiar o merito dos cidadãos que descem de altos empregos, sem os ter deshonrado, como tam poucas vezes acontece, para desgraça das nossas provincias.

—Transcrevemos na ultima Chronica uma carta do Sr. José Carlos Pereira de Castro, em que se diz que o Sr. Altino foi quem, na qualidade de prefeito, comprou bois para fornecimento da tropa na razão de 37 mil reis por cabeça, (sendo o seu primeiro preço 14\$000, segundo assero o sr. major Bezerra) mas que o diminuto pezo de quatro arrobas, que produz cada um, provem, não da sua má qualidade, porem das fraudes praticadas pelo commissario fornecedor Francisco Maximo de Souza. O Sr. José Carlos diz até que está prompto a provar-lhe que elle vende por sua conta quanta carne lhe queiram comprar, e da qual vem a ficar privados os nossos pobres soldados.

Aproveitamos estas declarações do Sr. José Carlos, e seria bom para de-sejar que ellas se continuem a fazer, para que o publico venha a ter perfeito conhecimento da boa ordem em que andava tudo, sob o glorioso commando militar do Sr. Sergio. No que não podemos concordar é no juizo que firma o nosso correspondente sobre o Sr. major Bezerra, e sobre os fins que elle teve em vista ao escrever o officio que deu motivo a sua carta; o digno major entendeu, e com razão, que não devia soffrer a immoralidade de estar um chefe de bandoleiros a fazer altos negocios com a nação, e julgou igualmente do seu dever participar ao commandante das forças, e depois ao governo, que os bois que se compravam por um preço tam exorbitante, pesavam quatro arrobas, e menos. Ao governo compete verificar quaes sejam os delapidadores, e fazer-lhes punir; e se aos bois que peçam 14 ou 15 arrobas o senhor Maximo obriga a pesar só 4 ou 3, ao senhor Altino compete deslindar essa arada, e nós desde ja lhe offerecemos a nossa folha para a sua defeza.

Para não acreditarmos que o digno major Bezerra proteja de forma alguma o Sr. commissario, bastava a participa-

ção que elle fez ao governo acerca do negocio do thesouro, que tanto deu que fallar; mas são tantos os individuos a quem temos ouvido abonar a probidade do Sr. Bezerra, que temos por sem duvida que ella não soffrerá a menor quebra com insinuações tam destituidas de prova. Mesmo aquelles que contestam uma ou outra qualidade ao Sr. Bezerra, não podem desconhecer a honra e delicadeza com que se tem portado.

do cometa
—Sabia á luz o n.º 2 do Cometa, e n'uma só cousa differe do primeiro—em estar cuidadosamente dividido em quasi vinte paragraphos. Já por isto se deve ficar entendendo que o senhor Leonel Joaquim da Serra não é de todo incorrigivel, e esta feliz emenda nos dá grandes esperanças de que com o favor de Deus o homem se irá arrependendo de dia em dia. Quanto ao mais, o Cometa contém os mesmos insultos em phrase de arriero, e é escripto com hum gozo, que ainda a ninguém foi dado imitar do senhor Leonel. O senhor D. Francisco foi desta vez o alvo principal das seus furores.

De envolta com muitos gracejos sobre um pretendido arrependimento deste senhor, sobre confissões que fez, e cartas de recommendação que pediu para os senhores Belleza e Padre Antonio, não se deixa sentir a falta de furibundos insultos. *Sanguiscento italiano, magistrado dissoluto, chefe de assassinos e ladres, ingrato, monstro*, eis os argumentos que contra o digno cidadão emprega o Cometa. Não tocamos na impetração de ter lido á Tutoya fazer desordens, quando foi abrir o tribunal do jury, que effectivamente foi aberto, nem na facta de ter o senhor D. Francisco vindo em Jancira á cidade, não pelos caminhos ordinarios que se achavam infestados de rebeldes, mas pelo Itapucari, facto que o sr. Leonel interpretou como prova de andar elle promovendo a desordem por esses lugares. Essas accusações, que só tem por base a palavra honrada do senhor Leonel, cahiriam por si mesmas, ainda quando não houvessem sido já respondidas.

Nem o nosso fim é responder-lhe; só nos occuparemos em mencionar os seus insultos, e os nomes dos cidadãos respeitaveis a quem elles são dirigidos. Depois de vomitar toda a sua bilis contra o senhor D. Francisco, enche-se o moderno Alexandre de um capcioso furor provincialista, brame desesperado contra os filhos de outras provincias, o de injuria em injuria, chega ás segundas, e memoraveis linhas: *O Maranhão está condemnado a ser parlatório e digredo de*

quanto babiliano farrapilha, e corrupto, ou revolucionario não podem ser tolerados nas outras provincias. Uma parte dos nossos juizes de direito compõe-se de babilianos, a relação é um tecido de lies, e é tal a nossa miséria que ha por ali babiliano tão insolente que se anima a dizer que para o sr. Joaquim Vieira ser despachado desembargador para o Maranhão, foi-lhe preciso justificar que era babiliano. Depois destes insultos prodigalizados em geral á magistratura, e da ridicula patranha com que os termina, dirige-se o energumeno ao senhor desembargador Mariani, a quem designa claramente, e que na sua phrase é o desembargador raposo, legado jesuita de olhos fixos, membro do grande club revolucionario, inimigo dos legalistas honrados, e panegyrista do redactor da Chronica, seu uno....

Os extractos que acabamos de fazer mostram a que excessos é capaz de chegar o senhor Leonel, e que de dia em dia vai se tornando mais numeroso o catalogo dos homens honestos ultrajados por elle. Mas esses ultrajes, ainda o repetimos, só podem prejudicar a quem os derrama com tanta prodigalidade.

Todavia algumas considerações faremos aqui sobre o zelo verdadeiramente admiravel, e todo de circumstancia, que ha dias a esta parte tem desenvolvido a facção contra os Brasileiros, fillos de outras provincias, e até contra os Ingleses. Certo, não seremos nós os que em tempo algum apadrinharemos a protecção que se quer a outros Brasileiros, em prejuizo manifesto dos Maranhenses, e ainda ha pouco demos provas disso, quando tractamos do promocio para o batalhão 7.^o feita sob os auspícios, e mediante as informações do senhor Manuel Felizardo. Reconhecemos mesmo, e já sobre isso escrevemos em 1838, que alguns dos nossos antigos juizes de direito (os quatro da capital) tem sido injusta, e escandalosamente preteridos, em consequencia de transacções ministeriaes. Mas isso não dá direito para que se lance mais um pomo de discordia no meio da população já violentamente agitada por tantos outros motivos; para que se promova a divisão entre as provincias, e se diga que fo o governo da uniao ja esgotado a paciencia da nossa, isto, mormente, não dá direito para que se insulte a classe inteira dos juizes de primeira instancia, e o tribunal da Relação (aliás geralmente acreditado pela sua integridade e rectidão) chamando-lhes *reixão de quanto babiliano farrapilha, corrupto, ou revolucionario não pode ser tolerado nas outras provincias*!

O que torna ainda mais criminosas estas furibundas declamações, é que quasi todos os magistrados que se insultam em massa, são estimados pelas suas excellentes qualidades; é a completa falsidade da asserção, quanto aos de primeira instancia, porque de entre os desceis bachareis que occupam os cargos de juizes de direito, e de orphãos, apenas dois são Babilianos, e outros dois Pernambucanos; é finalmente saber-se perfeitamente que não é o interesse publico quem guia a penna do insolente libellista, mas a consideração de que quasi nenhum dos dignos magistrados pertence á sua grei. O senhor Leonel a lastimar a preterição dos bachareis maranhenses! Isto deveras encurra riso, sendo causasse indignação. Unida a isso esse despejado rabiscador que tem depressa se esquecerá o publico da violenta cruzada que ha pouco mais do

anno tanto elle como o seu digno collega, o sr. Sotero, fizeram contra os nossos bachareis a quem dirigiram toda a casta de insultos, até no recinto da assemblea provincial? Ora para avivar-lhes a memoria enfraquecida, tornamos a publicar a circular abaixo transcripta, assignada por mais tres individuos, alem de Suas Senhorias. E tendo assignado essa circular eleitoral, teve o senhor Sotero a seu cerimonia de estampar na sua Revista de 14 do corrente as seguintes expressões: *somos accusados pelo nosso adversario de inimigo dos bachareis, sem que elle possa apresentar um só facto que comprove a sua asserção!* Oh! o sr. Sotero continuará a afirmar ou negar, seguindo-lhe fizer conta, e de companhia com o seu digno collega Leonel (Cometa de enormissima cauda) talvez não tarde a esgrimir novamente a penna contra bachareis, contra Babilianos, contra Ingleses, contra o mundo inteiro, para ver se com taes espeztezas consegue soste-lo credito, ja mais que muito abalado da facção. Ah! vai a carta circular, com a orthographia e pontuação originaes, religiosamente conservadas.

Illm.^{os} Srs.....

—Presadissimos amigos e Srs. Compre-nos noticiavos que por motivo de tratar-se de Elleições para Deputados Provinciaes se organizou hum terceiro partido nesta Capital composto de hums 20 ou 22 Bachareis d'Olinda os quaes (salvas honrozas excepções) unidos a quasi todos os Juizes de Direito, e de Orphãos estabelecerão hum Club, onde resolverão que, só a elles compete de direito a honra de serem os Deputados Provinciaes; mas conhecendo que para conseguirem seus fins era-lhe mister adequar proselitos e derribar as actuaes influencias do partido da Ordem a que pertencemos, não se pejarão de ilauiar varios Deputados athen conseguem arrancallos do nosso gremio com promessas de serem Candidatos com elles; mas como só conseguissem reduzir hums quatro (dous destes também Bachareis (*)) alem de Cerqueira Pinto, que não nos pertence, levarão a mais seus ambiciozos, e trahidores projectos porque depondo a hipocrita mascara com que se fingirão nossos Amigos, e encobrirão seus simulados planos não se envergonharão, de, unidos a alguns Lavradores de Urubú, a quem engodarão com a promessa, de os fazerem Deputados, hirem miseravelmente prostrar-se aos pés dos Revolucionarios Lisboa, e Abranches e pedir-lhes que os ajudassem neste empenho, ao que de bom grado se prestarão; o certo he, que depois de tão vergonhosa Liga em que também entrarão os Srs tem apparecido na Chronica os mais virulentos ataques e indecentes calumnias contra o Governo, e Assembleia Provincial, interpretando-se arteiramente o mais innocente de seus Actos por huma maneira odiosa, e sinistra; finalmente, este vertiginoso partido tem-se tornado perturbador da paz publica deacreditando escandalosamente o Governo por toda a parte só para verem os seus influentes se no meio da intriga, que iniquamente promovem podem conseguir saciar sua sede de Mundo fazendo-se eleger Deputados Provinciaes; cuja verdade se comprova com a apresenta-

ção da sua Lista ultimamente apurada; n'ella se contão 18 ou 20 Bachareis, Lisboa, Abranches, alguns Srs, dous ou tres Lavradores de Urubú e alguns nossos amigos influentes do interior a quem contemplarão nella por especulação cuidando que assim os tem do seu lado, porem supomos que seus planos lies fallarão na pratica visto que já mais nos podemos persuadir de que os Elleitores de 1836 sejam capazes de descer á ignorancia de votarem hoje por Listas onde estejam Lisboa e Abranches, Listas em fim nas quaes estejam homens que pertencendo outrora ao partido da ordem que os honrou com seus votos, indignamente o trahiu bandecendo-se ao desacreditado e decalido partido deorganizador, e submettendo humides á despozição de hum Lisboa e Abranches que tanto os tem injuriado, e são hoje os Chefes do partido, unidos aos Bachareis José Thomáz Lambao, Balthazar da Silveira e Raphael de Carvalho!!!

Da inclusa Lista que submetemos á vossa approvação conheceréis que illianando alguns individuos da actual Legislatura por assim o haverem pedido hums e desconfiarmos de outros os substituímos por pessoas da confiança dos Districtos assim como não nos esquecemos de contemplar alguns Bachareis amigos da ordem e dignos da estima publica não só por serem credores dos nossos sufragios como para darmos hum testemunho publico de que não queremos excluir da Deputação a classe dos Bachareis: o que queremos he que elles se contenhão nos limites do Justo e que deixem exclusivamente de preponderar sobre as mais classes da Sociedade como os seus indiscretos influentes o tem propalado ameaçando-nos com o que succedeu nas elleições da Bahia onde unicamente são Deputados os Juizes de Direito e Bachareis com geral exclusão dos outros Cidadãos: e o que tem elles praticado ali, apesar dos seus preconizados talentos e instrução? Fallarão muito insultarão se mutuamente, isto na presença das desgraças que acarretou a Guerra Civil sobre aquella Capital e depois de inumeraveis discordias, sem nada concluirem, assentou o Presidente da Assembleia que por bem da tranquillidade publica devia suspender a Sessão e assim o fez. Eix ali os fructos que havemos tirar se consentirmos que a nossa Assembleia Provincial se compoña de imberbes e esturrados Bachareis d'Olinda capitaneados por Lisboa, Abranches, e Estevão Raphael por tanto meditari no que fica exposto e acreditai que só continuando a estarmos unidos e cooperando todos para o triunfo da inclusa Lista he que poderemos conseguir livrar a nossa Provincia das desgraças que lhe prepara essa nurem de ambiciozos meninos e reconhecidos revolucionarios que nos querem tatlar.

Estimamos a vossa Saude e acreditai que somos vossos. Maranhão 3 de Julho de 1838.

Amigos e Patricios afet.^{os}

Leonel Joaquim da Serra.

Francisco Sotero dos Reis.

(*) Pela conta dos senhores Leonel e Sotero, não são menos de 40 os taes bachareis.

—Tocou-nos também um largo quinhão de injurias em o n.º 2 do Cometa; o senhor Leonel prometteu publicá-las ainda mais por extenso, isto é, tem em vista reimprimir todas as torpezas e infâmias com que nos tem ultrajado nos seus avulsos, correspondências, e periodicos, a fim (diz elle) de por mais transparente que o vidro o marion traidor e apostata; o secretario corrupto, infiel, e rebelde; o deputado escravo e roubador dos bens dos frades; o chefe em fim do bando de assassinos e ladrões, que tem assolado esta provincia, que se horrorisa de ser patria desse sanguiscento leopardo!....

Pode o senhor Leonel dar o desenvolvimento que quiser a estas adocicadas proposições, receberemos tudo com a mesma pachorra e sangue frio. E até para poupar-lhe trabalho o aconselhamos a que faça uma collecção de quanto tem até hoje publicado, e reimprima tudo simplesmente, sem mais alteração: o mais será perder tempo, e cançar-se-ha de balde se cedia que com isso nos ha de molestar. Estamos resolvidos a não dar resposta seria a essas explosões de raiva, que pela sua mesma violencia, como as armas que se carregam de mais, causam mais damno aos que as empregam, que aquelles contra quem são dirigidas.

No que porém toca á declaração do senhor Piquet, não guardaremos o mesmo silencio; os dous documentos abaixo transcritos sirvam de resposta. Compete-nos tambem acrescentar que nós mesmos ouvimos a confirmação desse facto da boca de duas pessoas que estavam em posição de saber bem da verdade. Embaracá-nos, bem pouco que fosse ao sr. Piquet, ou a outrem, a quem o sr. Leonel se dirigisse; o certo é que as suas proposições foram recebidas com o desprezo de que eram dignas, bem que S. S.ª tenha inculcado o contrario, tanto a este como a outros respeito. Advertiremos mais que do contexto da declaração do sr. Piquet se collige que elle se julgaria comprometido se com elle tivesse logar o facto a que nos referimos; não fariamos mais outra consideração alguma. Lemm os leitores essas duas cartas.

Illm. Sr. Dr. José Jansen do Paço.

—Tendo apparecido em o n.º 19 da Revista uma declaração do Sr. Agostinho Maria Piquet, contrariando o que eu tinha dito em o n.º 219 da Chronica acerca da embaixada que lhe levou o Sr. Leonel Joaquim da Serra, e como fosse V. S. quem de tal occorrença me informou, sirva-se responder-me por baixo desta o que lhe parecer a tal respeito, a fim de que se não persuaça o publico de que phantasei semelhante caso, em desforra das injurias e calumnias com que fui mimoseado em o n.º 1.º do Cometa.

Tenho a honra de ser,

De V. S.
Patricio, am.º, e Cr.º
João Francisco Lisboa.

Illm. Sr.

—Não tenho a menor duvida, ainda que me venha á custar alguma solemne descompostura, em declarar á V. S. que fui eu que lhe contei o caso que V. S. publicou em sua Chronica, relativamente ao Sr. Leonel.

Quando eu n'isso fallei á V. S. em conversa, não lhe pedi na verdade segredo; fallei ate perante varias outras pessoas; mas confesso que não desejava que o publicasse, não só por que não queria fazer-me lembrado ao Sr. Leonel, á quem respeito por todos os titulos, senão para me não ver na necessidade de declarar a manciã por que vim no conhecimento d'isso, e o nome das pessoas que m'o contaram.

E para que o respeitavel publico nem de leve suspeite que foi fabula inventada por mim, unicamente para discredito do Sr. Leonel, e para viingar-me de alguns obsequios gratuitos que lhe deyo, sou obrigado á declarar que huã Pessoa fidedigna me contou o caso pouco mais ou menos como V. S. o descreveu no seu periodico; e que tocando eu n'isso á outra Pessoa não menos fidedigna, não o negou, antes confirmou tudo. Talvez haja engano sobre a pessoa á quem o Sr. Leonel fallou; eu não o sei, e não o sei, principalmente depois que o Sr. Piquet asseverou que nada se passou com elle; mas acrédito tanto n'aqueles á quem me refiro, que estou intimamente convencido de que foi verdade que o Sr. Leonel conversando com algum de Palacio, esforçou-se por persuadir das suas boas disposições em beneficio do Exm. Sr. Presidente Lima, a quem o Sr. Leonel lembrou-se já de querer fazer Senador, apesar de lhe faltarem ainda seis annos para poder ser Candidato. Eu não me julgo obrigado á publicar o nome das duas Pessoas, por que não devo sacrificar a penha do Sr. Leonel, que fere mais do que o mais agudo punhal; e não o declararei tambem por ser inutil, ainda que me chame o Sr. Leonel mentiroso, pois se o fizer, descartar-se-ha o Sr. Leonel dizendo que a mentira é d'essas pessoas. Antes quero que elle desleixe contra mim só toda a sua bilis.

Sou De V. S.
Am.º e Patricio obr.º
Mar.º 15 de Março de 1840.
José Jansen do Paço.

—Em o numero seguinte começaremos a desenvolver a enorme cauda do Cometa; falo-hemos com decencia, e á vista do documento. Mas não se queixe o sr. Leonel se aquelles que se cansarem de sofrer tantos ultrajes, fizerem uma reacção justa e necessaria. Para que o sr. Leonel e consócios não se queixem de que a opposição foi agressora, quando apparecer algum periodico que rebata os seus insinuos como elles o merecem, continuaremos a tomar nota das aggressões do Cometa, do Legalista, e do Amigo do Paiz.

VARIEDADE.

O ESPIRITO DO SEculo.

—Falla-se muito do espirito do seculo, e este pobre seculo tem, até o presente, deixado todos os nossos grandes escriptores divagar a sua vontade a seu respeito, sem responder-lhe; mas, enfim, importunado com tantas accusações de que he o objecto, appareceu-me esta noite, e escolheu-me, não sei por que capricho, para me encarregar de defendê-lo.

Sei com que delicadeza he preciso sustentar tal causa, e por respeito por hum semelhante cliente não imitarei a

maior parte dos advogados; não me entregarei aos vãos do meu zelo, ás phantasmias da minha imaginação; limitar-me-hei aos meios de defesa que me dictou, e serei curto, ainda que fallo por hum seculo.

Em primeiro lugar, o leitor terá a bondade de observar que o decimo nono seculo, meu cliente, he ainda moço, pois que apenas vio 17 primaveras, e julgo que esta circumstancia devia torná-lo favoravel todo o juiz imparcial.

He terrivel o ver-se na flor da sua idade denunciado á opinião publica por delictos que farão suppor huma corrupção, bem prematura; e na feliz epocha em que ainda se vive para os prazeres innocentes, o ter a temer a severidade das sentenças prebostas, e o ser, enfim, accusado de republicanicismo.

Meu cliente, cujo juiz natural he a historia, espera, entretanto, que não lhe será necessario o apellar para o seu tribunal; julga os magistrados muito escurrecidos e muito rectos, para tener-se de sua deciso. Não suspeita que a calumniaria prima os seus adversarios, mas sim a levianidade, ainda que todos sejam mais velhos que elle, e o accusado, quando devião empregar seus talentos a espalhar verdades, crião phantasmias para combatê-las, e espantão o publico mui credulo com contos do outro mundo.

Ouvi pois, sem prevenção, e mesmo com a indulgencia que lhe é devida, a este joven seculo que falla pela minha voz:

“Deve-se, em primeiro lugar, para julgar este grande processo, diz elle, penetrar-se bem de hum principio geralmente adoptado: a razão quer sempre que as faltas sejam pessoais, e ha pouco tempo que a lei fallava com a razão. Assim, apesar de me ser honroso, e talvez mais facil do que se crê, o defender em muitos pontos a meu pai, o decimo oitavo seculo, objecto das mais graves imputações e das mais violentas declamações, convenio que elle se deixei guiar em muitas cousas pelo espirito do partido: passou a sua vida no meio das tempestades, reunirão-se tantas circumstancias diversas para arrastá-lo, brilha com tanta gloria, disse tantas verdades, causou tantas desgraças, e os inimigos que o perseguem adoptarão tantas das suas maximas, que eu deixo a meus netos o cuidado de vingar a sua memoria, e marcar-lhe para a posteridade a ordem que elle deve occupar na nossa familia immortal. Limite-me, pois, á minha propria defesa; e, para me justificar, bastará o fazer-me conhecer.

“Nasci com humia constituição delicada, o que não me impediu de viver com annos, como muito bem sabeis. Meu pai, nos seus ultimos annos, talvez muito prevenido pelas illusões da philosophia, e do amor da liberdade, tinha, como muitos homens, saltado de hum extremo a outro: no fim da sua vida, só sonhava com batalhas, conquistas, gloria e monarchia absoluta: nascendo, vi-me obrigado a pagar suas faltas; herdeiro de suas dividas, e não de sua fortuna, vi-me na minha infancia opprimido pelos furores de huma guerra quasi universal, e o destino rigoroso me encarrega, depois de tantos desmoronamentos, de estabelecer a ordem no caos, e fazer succeder huma paz duravel ás longas tempestades que abalarão a terra.

“Ris o principio de minha vida: elle basta já, como espero, para confundir meus accusadores. Sabe-se que, na mo-

a família, huma lei eterna quer que cada hum de nós principie a viver no momento da morte de seu pai: assim, he evidente que me não podem exprobrar nem a corrupção, nem os excessos, nem o delirio do decimo oitavo seculo.

"Mesmo no berço expiei suas faltas, paguei suas dividas, e, longe de me accusar de republicanism, poderião antes dizer com razão que, por ambição, eu por muito tempo sustentei o systema muito monarchico, muito pouco liberal e muito conquistador de meu pai.

"Mas, nem sempre deve-se julgar dos principios pelos factos; eu seguia o impulso da torrente, e me era impossivel o parar: hum seculo moço não resiste com successo, no primeiro momento, nos ultimos esforços do velho que acaba de espirar.

"Logo que pude parar naquella ingreme ladeira, que fiz? puz o mundo em paz, e quiz dar-lhe por base a autoridade real limitada pelas leis, e a alliança eterna do trono com a liberdade. Eis o grande e primeiro acto que me caracterisa. Ninguém podia negar este facto; accuso, não minhas acções, mas meu espirito: vejamos, pois, agora o que chama espirito do seculo.

"O espirito do seculo deveria ser facil em conhecer, pois que he o espirito de todo o mundo, mas he muitas vezes estranhamente desfigurado pelo espirito de partido, de seita, de classe, de sociedade, etc. Cada hum o vê com seus olhos, mudo-o pela sua vara, julga-o com a sua opinião, e empresta-lhe a sua cor. He embolçado pelo amor proprio satisfeito, denegrido pelo orgulho de contentente, accusado pela desgraça, defendido pela prosperidade; a mocidade o ama e gaba-o; a velhice o destesta e maldiz; mas, sem se embarçar com a sua censura, nem se ensoberbecer com os seus louvores, o seculo marcha sempre, e arrasta no seu curso tudo o que quer loucamente resistir-lhe.

"Crê-se muitas vezes que alguns homens de genio davão o impulso, movimento e direcção a seu seculo; enganoso, o seu merecimento consiste somente em conhecê-lo bem; elles não podem errar as circumstancias, mas sabem aproveitar-se dellas; aquelle que segue o espirito do seculo vai depressa e longe, e o que quer andar em hum sentido contrario vae-se bem depressa parado, quebrado e arruinado.

"O espirito dos seculos parece-se a hum rio rapido e largo; he difficil o atravessá-lo e impossivel o remontá-lo. Entretanto, a mania a mais ordinaria dos filhos ingratos de cada seculo he gabar os seculos precedentes á custa do seu; o tempo em que vivem he, a seu ver, o seculo de ferro; o de seus avós, a idade do ouro; e eu, por exemplo, se me deixasse gozar por certa gente, remontaria ao seculo do jansenismo e do molinismo; delle ao da fronda; depois, ao da liga; depois, aos das cruzadas e da feudalidade; enfim ao seculo do mais gothico barbarismo.

"Outros, tão pouco razoaveis, não ficarão contentes senão se em quizesse recuar só alguns passos, e tornar a principiar o seculo da loteria publica e das conquistas, entretanto que os mais turbulentos e os mais amedrontados tremem de me ver saltar para traz, e tornar a envolver todo o globo na noite da anarchia democratica.

"Quero, enfim, que os homens que vivem debaixo das minhas leis se descon-

ganem sobre o espirito dos seculos, e particularmente sobre o meu. Os seculos marchão na noite dos tempos, guiados pelo facho da experiencia; quanto mais avançam, tanto mais se esclarecem; evitam os escolhos que encontrão seus predecessores, mas encontram outros; não cahem mais nas mesmas faltas, mas commettem novas; riem das phantasmas que mettêrao medo a seus pais, e não podem ser victimas senão de algum prestigio novo, que tambem por seu turno se desilpa: cada passo os affasta do erro e aproxima-os da razão.

"Em vão o interesse, a paixão, a loucura, se querem oppor a este progresso das luzes; o seculo afflita a antiga venda que querião pôr sobre seus olhos; e, de nossos dias, lhes seria tão difficil o fazer respeitar huma preocupação gothica, ou curvar-nos sob o jugo feudal, como o fazer-nos crer nos feitiços, ou fazer-nos sahir de Paris para tornarmos a sitiá Jerusaleim.

"Quereis pois, enfim, conhecer o meu espirito? ei-lo: he o espirito da razão. Aos 17-anos, eu não me atrevo a dizer que a possuo, mas affirmo que he só a ella que eu busco, que quero e a que dou ouvidos.

"Esclarecido pela experiencia de meus avós, instruido, e sobretudo mui fatigado pelos trabalhos de meu pai, eu rejeitei de todos os erros de meus antepassados, mas guardei com cuidado as verdades que me legarão: renunciei as suas loucas pretensões, mas estou decidido a conservar os direitos que me adquirirão; elles estão gravados em huma carta dada pela sabedoria, elles serão defendidos pela coragem. Quero a liberdade sem licença, a religião sem fanatismo, a creença sem superstição, a philosophia sem atheismo, a igualdade politica sem saturnaes, a monarchia sem despotismo, a obediencia sem escravidão, a paz sem fraqueza, e o descanso sem apathia.

"Este repouso he mais que hum sentimento, he huma necessidade para mim; e eu não temeria sahir delle senão se alguns espiritos, tão exagerados como estreitos, teimassem em querer combater-me, e se quizessem substituir o interesse privado no interesse geral, o orgulho de classe no orgulho nacional, o desejo de vingança no amor da união, a ambição ao patriotismo, e o espirito do partido ao espirito do seculo.

"Conhece-me, pois, e lembrai-vos que aquelle

"Qui n'a pas l'esprit de son siècle
De son siècle a tout le malheur."

(Galeria mural e politica do Conde de Segur.)

Acto aos senhores assignantes.

—Rogamos aos senhores que devem o actual, e os passados trimestres, se sirvam satisfazer-los.

AVISOS.

—O Dr. Miguel Ferreira Tavares não podendo pessoalmente agradecer as visitas com que inuitas pessoas desta Cidade, e de sua amizade o honrão no seu negocio da Corte, nem igualmente tendo tempo para dellas se despedir pela sua rapida partida para a Parnaíba no dia 13 do corrente, visto hir em commisso do Governo da Provincia, lhes pede desculpa, offerecendo ali a continuação da sua amizade e os seus limitados serviços.
Maranhão 12 do Março de 1840.

—Augusto Cezar da Rocha faz sciencia ao respeitavel Publico tanto nesta Cidade como em toda a Provincia, que a sociedade Commercial, que tinha com Antonio de Magalhães Mesquita, e girava debaixo da firma de Rocha & Mesquita finalizou em 3 de Fevereiro do corrente anno, por convenção, e concordata com os credôres da mesma sociedade ficando o dito Rocha obrigado as dividas passivas até aquella data, e lhe ficarão pertencentes tambem todas as dividas activas; por isso roga a todas as pessoas que são devedores aquella caza queirão dirigir os seus pagamentos directamente ao annunciante, ou a seu bastante procurador nesta cidade, seu irmão Francisco do Assis Rocha. Maranhão 22 de Fevereiro de 1840.

Augusto Cezar da Rocha.

—Vende-se hum preto ladino proprio para serviço de Caza ou rossa, quem o portender falla em Caza de Antonio Fernandes Ennes, Rua do Giz.

—José Francisco Pereira, na qualidade de Testamenteiro e interessado no casal de seu falecido sogro o Coronel João Bento de Brito, da cidade de Caxias, faz publico pelo intermedio deste periodico, que recentemente chegou a sua noticia, que o dito falecido, em tempo da fatal invasão pelos rebeldes naquella cidade, assignou huma Letra em data de 13 de Julio de 1839 p. p. a tres mezes perçizes, da importancia de quatro contos de reis, a favor de Livio Lopes Castello Branco e Silva, mencionada com o dinheiro recebido, ao que foi violentado, sob pretexto do contribuição; e porque seja possível apparecer, em qualquer lugar a referida Letra, com o fim pernicioso de se negociar; o annunciante previno por isso mesmo, a todas as pessoas, tanto deste Imperio, como fora d'elle, para que não aceitem negocio, nem transacção de qualquer maneira, a respeito da citada Letra, o que protesta desde já, fazer annular em Juizo competente, os herdeiros daquelle Casal, por virtude do presente annuncio, pois se achão convencidos, de que huma violenta arbitrariedade, immanada de actos criminosos, obrigou tal procedimento: Pela publicidade deste mesmo annuncio, pretendem da mesma forma, os interessados do referido Casal, annular outro qualquer documento ou titulo, que possa apparecer para o futuro, havendo sido verificado pelo supradito Coronel João Bento de Brito, o qual seja tendente a igual sentido e emitante ao espirito do negocio assina referido, mediante o tempo em que os rebeldes estiveram na posse de Caxias e sua Comarca, pois que naturalmente deve ter procedido dos mesmos Crimes.

Maranhão 16 de Março de 1840.

Joze Francisco Pereira.

—O abaixo assignado faz Publico que se lie parden huma Letra da quantia de cento e cinquenta mil reis, assignada por seu devedor João Antonio de Carvalho e endocada por o Conego Joao Ignacio de Moraes Rago, cuja se venceu em 4 do corrente Março, e para que pessoa alguma possa com ella fazer transacção se faz publico, e quem a vier achado roga-se lhe a entrega della ao annunciante.
Maranhão 6 de Março de 1840.

Joze Francisco de Mattos Lima.

Maranhão, Typographia Imparcial Maranhense. Anno de 1840.

CHRONICA MARANHENSE.

VOL. II.

DOMINGO 22 DE MARÇO DE 1840.

N.º 222.

Assigna-se em casa do Redactor, rua do Egypto n.º 12, e na Fabrica de Chapcos de Vidgal Irmão & Co, rua Grande: preço por trimestre 3\$000, por semestre 5\$500, e por anno 10\$000 reis, pagos adiantados. As folhas avulsas vendem-se a 100 reis na sobredita Fabrica, e os artigos imprimem-se a 60 reis por linha, mas os dos assignantes, gratuitamente, com tanto que não excedam a 20 linhas.

MARANHÃO IMPRESSO NA TYP. IMPARCIAL MARANHENSE. ANNO DE 1840.

MARANHÃO.

Communicado.

A Revista não podendo desculpar a incapacidade do partido dominante, cujo orgão é, incapacidade comprovada sobre tudo pela maneira com que se houve em reprimir o miseravel motim da Manga, e o seu digno chefe Raimundo Gomes, tão ignobil que levantando a quadrilha de nove homens, e percorrendo impunemente o nosso territorio nunca podera em todo decurso de sua primeira campanha arrastar a desordem mais do que cento, e cincoenta bandidos!, e pretendendo de mais a mais essa folha da anarquia moral, e civil, da calumnia, e dos odios entre os membros de uma mesma familia, tirar vantagem das proprias culpas, accusa por desespero a seus antagonistas, reproduzindo sempre as mesmas falsidades, e imposturas, tantas vezes, e tão victoriosamente desmascaradas. (*) E por outra parte, em quanto a Revista assim procede silenciosa, ha tambem quem se pergunta que os actuaes dominadores alimentam, e por ventura urdem o primeiro movimento revoltoso, na esperança de uma duplicada vantagem: ostentar o seu poderio, calumniar, e perseguir os seus inimigos politicos, que de dia em dia augmentavão na razão do descredito de taes governadores.

Ora não daremos peso a estas ultimas recriminações, nem tam pouco iremos refutar essas falsidades, ja tão manifestas, com que a Revista injuria a opposição, e a intelligencia publica; mas notaremos em resumo qual a imputação que merece o partido dominante acerca da desordem, que nos tem assolado, nada reservando-o da accusação de haver directamente concorrido para este facto calamitoso.

Onde, e como principiou a desordem? Qual era a posição, e os recursos do partido dominante? Sabes-se que este dirigia o nosso poder executivo, e o legislativo, que occupava todos os empregos, disponia em fim de toda a força publica da provincia; e é igualmente sabido que

(*) Parece que o mesmo redactor da Revista, para que ninguém duvide do que por falta de materia, tanto elle como o seu digno collaborador repetem todas as semanas as mesmas calumnias, assentou agora de extractar os seus proprios artigos, publicados ha dois ou tres mezes. *É a melhor resposta que podemos dar; (diz mais ufano) nós os reproduziremos taes e quaes!*

a revolta começara fraca, e desamparada, em uma villa, onde os agentes d'esse partido, sobre haverem triunfado nas eleições, achavao-se munidos de toda autoridade local, e por consequencia ali possuão todos os meios de influencia popular, e governativa. Si pois a despeito de tanta autoridade, que em geral exercião os dominadores, e em particular sobre o ponto, em que nascera a revolta, ponde esta subsistir, crescer, e conflagrar tão grande parte da provincia, é mais que evidente a culpabilidade do governo, ou, melhor diremos, d'esse partido, em que se elle apoiava, e tudo asoberbava.

Quando os cidadãos (diz um monarquista forte) existem a coberto de toda arbitrariedade, e opressão, o estado não pode ter por inimigos internos se não alguns malditoes que são promptamente reprimidos.... Mas si para ninguém houver segurança... si a propriedade tornar-se a presa do mais audacioso, e as honras o quintão de homens corrompidos, onde existirá o amor da patria? quem se interessará por um governo oppressor, ou fraco? Por agentes elle só terá os instrumentos de sua tyrannia, e por defensores só mercenários, que nenhuma outra garantia darão de seu valor mais do que o amor da pilhagem, e nenhum outro penhor de sua fidelidade se não o odio dos cidadãos. Si a provincia se achava no primeiro caso figurado, si a arbitrariedade, e corrupção a não avexavam, foram excessivamente imperitos os nossos governadores, que não souberão reprimir de prompto os malditoes da Manga; e si estes se tornaram poderosos não obstante a pericia dos dominadores, então devemos concluir que a população se achava na segunda hypothese do autor, que citamos; e que por isso abandonara a defesa dos seus oppressores. Erro muito grave, convimos, commettera sempre o povo, que mais que tudo devera atrechoar-se da desordem, mormente sendo ella dirigida por um chefe sem nome, sem moralidade, e sem intelligencia; mas ao governo ficaria tambem sempre a imputação de ter sido o causador d'esse erro funesto.

Não é possível em todas as circumstancias prevenir os rompimentos populares, e conter os seus terribes effeitos, não o negaremos: merece relevamento o governo que mal sustenta a ordem, e a segurança publica, vendo-se de subito a brincar com uma explosão numerosa, em que surprehendera algum ponto importante do paiz, como ha pouco aconteceu na provincia da Bahia, ou que capitaneada fosse por um chefe prestigioso, como succedera no Rio Grande da Sul com Ben-

to Gonçalves, e na Cisplatina por vezes com Fructo Rivera: porem um governo, uma dominação, que cheios de força e autoridade, no centro de suas influencias, vacilla com o menor abalo, e não sabe, ou não podem desappressar-se de qualquer insulto, e á menor hostilidade sacrificão a primeira condição de sua existencia, o primeiro gozo, e fim da sociedade, qual a publica tranquillidade, e a segurança das vidas, e propriedades dos cidadãos, um tal governo é certamente indigno do lugar, e da alta missão, que lhe fora confiada; essa dominação ou é minimamente dura, ou completamente inhabil. E tal é a especie, tal a imputação bem cabida ao partido entre nós dominador, e que para obscurecer as suas culpas, e divertir o juizo publico dos seus erros, antes, e depois da revolta, esforça-se por lançar a odiosidade d'esse acontecimento sobre os seus adversarios.

Defesa mesquinha! quando fosse ella fundada em verdade, quando fora certo que alguns opposicionistas houvessem ordenado, ou aconselhado o primeiro feito de Raimundo Gomes, nem por isso o partido governante se eximiria de uma das partes da increpação alternativa, que as circumstancias de sua posição, e recursos, e a natureza d'esse mesmo feito justamente lhe devem expor, como julgamos haver demonstrado, e a menor intelligencia o terá já reconhecido. Assim que, ainda n'essa hypothese da calumnia (e só por argumentação concedida) a actual dominação seria considerada, reputavel, ou como muito oppressora, o odiada, ou como perfeitamente inepta, e em qualquer dos casos indigna de permanecer na administração do paiz, que não soubera, ou não podera defender contra um inimigo tão pequeno, e ignobil no seu apparecimento, e em toda a primeira epoca de sua existencia, desde o motim da Manga até o destroço de Raimundo Gomes pelo benemerito prefeito da Parnahiba.

Continue pois o Sr. Sotero a vociferar contra os seus adversarios, repita mil vezes o que uma vez dissera, e fora refutado, faça acreditar aos seus escolares que a Chronica só argumenta com logaras communs, e que os seus amigos só lhe plagião as mesmas banalidades: nós admirando a originalidade do conceito, e da dialectica de tão fecundo escriptor, e pedindo-lhe perdão si alguma vez nos aventuramos a combatel-o, não lhe trataremos os doctos, com que houver de brincar-nos, nem as accusações, que constantemente apresenta contra a opposição. Contentamo-nos de haver provado succintamente que o partido, que S. S. defende, é incapaz de dirigir os destinos da pro-

víncia, e de haver justificado a esta do propósito, em que deve estar de o redimir a nullidade, a que a sua incapacidade o condemna.

VARIEDADES.

Um Feiticeiro.

(Chronica da Inquisição.)

Da-nos ás vezes vontade de suspirar pelos antigos tempos, em que as potencias invisíveis governavam o mundo visível por meio de seus fiéis ministros, os magicos e feiticeiros. Quasi que então chegamos a molhar este nosso século das realidades, em que até descremos do mesmo que vemos e palpamos. Naquelles bons tempos não havia impossivel, que se não realisasse; nem difficuldade, que se não vencesse. Se um cavalleiro deliberava entrar n'uma arriscada empreza, logo tinha quem lhe declarasse se venturoza ou mesquinha seria a sua sorte. Se uma amante desolada morria de saudades pelo seu querido, que improvisas circumstancias demoravam ausente a cem leguas de distancia, por intervenção d'uma fada, ou d'um feiticeiro amigo lhe era apresentado n'om abrir e fechar d'olhos; e ás sós podia saciar-se de vê-lo, e abraça-lo. Se uma inclinação não era bem correspondida; um philtro, preparado por deusa má, convertia o odio, ou a indifferença na mais decidida paixão. Finalmente esses tempos eram os tempos da esperança; e a esperança é só quem adoece os dissabores deste valle de lagrymas. Se não inimiga arrancava do coração do homem a esperança, do mesmo golpe lhe arrancará também a vida.

Nessa idade pois, mais rica de sentimentos que de ideas; nessa idade, em que um cavalleiro armado de ponto em branco, montado no seu corcel, seguido de seu fiel escudeiro, corria o mundo inteiro, e campeava defensor da beldade e deusapetor; nessa idade, a que os que mediam rigorosamente os tempos chamam a *idade média*, era o ser feiticeiro o melhor de todos os officios. Protegidos pelos reis e grandes senhores, acariuados pelas damas, respeitados ou temidos por toda a gente, passavam vida regalada, que nenhum contratempo vinha perturbar. Mas qual impetuosa torrente, que nada deixa em seus logares; assim o tempo em seu interminavel curso transforma continuamente instituições e leis, usos e costumes. Passou a idade média, e com ella passaram os prós de ser feiticeiro. Principalmente depois da invenção da inquisição perdeu este officio cento por cento. Perseguidos como homens perigosos á fé e á sociedade, ficaram os feiticeiros sujeitos á alçada deste tribunal, cujos mysterios interiores e supplicios espalhavam o terror desde o mais elevado palacio até a mais humilde chupana. Hoje porém que a inquisição é já toda da historia; hoje que já ninguém aspira ás honras e privilegios de *familiar*, nem recia os tormentos e as fogueiras; dove ella ser julgada somente por seus proprios actos, e não por mereções vagas de estrangeiros mal informados, ou por declarações exaggeradas ou incompletas das que soffriam os seus rigores. Os seus proprios actos estão registados nos seus processos, nas suas sentenças, nas suas leis e regulamentos. São estes os monumentos, que consultados a par da historia moral e poli-

tica do paiz, podem explicar a verdadeira influencia desta instituição no progresso, ou retardamento da nossa civilização; ponto capital, que deve ser tratado com a imparcialidade d'um historiador philosopho e erudito.

Mas fique embora a cargo do historiador philosopho e erudito, que ainda se não sabe se ha-de apparecer, o tratar a historia da inquisição. Nós diremos apenas o que se passou entre ella e um feiticeiro, d'entre tantos centos d'elles, que lhe correram pelas mãos.

Era o dia 7 de Novembro de 1817, e pelas ruas da antiga cidade de Evora caminhavam alguns homens em direcção ao palacio do tribunal do Santo Officio. Antes porém de transporem o limiar da porta fatal, para além da qual tudo é mysterio [e ai de quem ousou penetra-lo] se lhe offereceu naturalmente nos olhos no alto da mesma porta o branco marmore, em que se vê occupada a cruz, a oliveira, e a espada. Ao fitar a vista neste significativo emblema, um dos da companhia estremeceu, e porque? porque se lhe figurou ouvir do alto daquella cruz uma voz, que dizia, —sabei vós, que entrades, que se de bom coração abraçardes a cruz do Salvador, e seguides a sua fé, tereis a paz, que á minha direita vos offerece a oliveira; se porém descrederdes ou abjurardes sua santa lei, esta espada será até aos copos cravada em vosso perverso coração.—E ao coração deste homem aprazia pouco esta linguagem; porque era elle Luiz de la Penha, o mais famoso dos magicos e feiticeiros, que por aquella porta entrara. Já passa muito de dois séculos que se sumiu da face da terra, e ainda vive na tradição do povo elorense, ainda hoje as velhas avós contam a seus netos proezas e maravilhas de Luiz de la Penha. Nós não contaremos contos de velhas, mas seguiremos a verdade de irrefragaveis documentos.

No magnifico salão, em cujo topo se via [e ainda hoje se vê] um grande e primoroso painel do Santo Christo, estavam os ministros do tribunal da fé sentados por ordem de suas precedencias. Perante elles é introduzido o réu, que acaba de chegar do retirado carcere em que jazia.

Inquisidor—Quem sois, e como vos chamais?

Réu—Luiz de la Penha me chamo, posto que por ali mais conhecido seja pelo nome de João de la Penha. Nesta cidade nasci, e aqui tenho sempre residido.

Inquisidor—Sois accusado de exercitar a dampnada arte da magica e da feitiçaria. Dizei, se tendes, alguma coisa em vossa defeza.

Réu—É verdade, Srs., que ha 19 annos, curto, e adivinho por auxilio d'uma potencia invisivel. Mas, sabeis que esse povo conta por ali muita fabula a meu respeito. A verdade ora vo-la direi toda sem disfarce. Sendo eu ensinado por certa pessoa a fazer uma devoção para invocar o demonio; repetindo-a uma noite me appareceu uma visão negra em figura de mulher, que me assombrou, e sem lhe fallar coisa alguma cabi por terra. Na noite seguinte estando deitado na minha cama ouvi uma voz, sem ver cuja era, que me disse—eu sou o espirito que hontem te appareceu; e te digo que em meu nome hades deitar tres pedras em um poço; e quando estas pedras sahirem d'elle, vós tornareis a ver na tua mão, será signal do pacto e concerto, que comigo fazeis. Se assim o não fizeres, conta que

te heide atormentar, pois que com tua oração me invocaste. Eu sou Asmodeu, e com Asmodeu não se zomba impunemente. Mas, certo de que serás digno dos meus favores, te digo que quando quizeres saber alguma coisa, nas noites de terça e quarta feira deitado na cama de brucos me invocarás dizendo "eu te conjuro da parte de barrabás e satanaz, caiphaz, e lucifer que me appareças em figura de mulher negra, e me digas o que quero perguntar-te", e então adivinharás assim as cousas futuras, como as que acontecem longe; farás vir pessoas de longe em breve espaço de tempo, e ficarás grande propheta de modo que andará todo o mundo apoz de ti.—E com effeito, Srs., cada vez que eu fazia esta invocação, se tinha candeia, me apparecia em figura ás vezes de mulher formosa, e se estava ás escuras não via a figura, mas dizia-me no ouvido o que eu queria saber; como era as doenças, que algumas pessoas tinham, se eram causadas de feitiços ou não, e o lugar em que estavam os feitiços; e por esta ordem adivinhava tudo o que queria. E por outra vez me sahi fora da cidade no oiteiro de S. Bento, aonde o mesmo demonio me appareceu em figura de anjo resplandecente, e na sua presença me feri com uma faca no dedo minimo da mão esquerda: eis-aqui a cicatriz [e apresentei o dedo]; e tirei sangue, e o enterrei em uma cova em signal do pacto e familiaridade, que entre nós ambos ficaria. E me puz de joelhos diante d'elle, dizendo que arrenegava da fé catholica, e renunciava a agua do baptismo, que tinha recebido, e os mysterios da missa; e o fiquei adorando e venerando como a Deus, e por sua honra queimei alecrim, incenso, e outros perfumes.—

A este tempo se descobriram no rosto do réu claros signaes de estar possuido do espirito das trevas; nos inquisidores se arripiaram os cabellos; tremeu a mão ao notario; e a não serem as boas reliquias, de que sempre andavam munidos, não escapariam facilmente d'algun enxovalho do jurado inimigo dos filhos de Adão. Serenada porém esta imminente tempestade, um dos inquisidores, dirigindo-se para o réu, lhe disse em termos affaveis.

—Errado caminho tendes andado por suggestões do mau espirito. A vossa alma está votada á eterna condemnação, se não aproveitares esta unica occasião de vos arrependereis de vossas enormes culpas, detestardes o demonio, e vos converterdes á verdadeira lei daquelle Senhor [e apontou para o crucifixo] que por nós padeceu a morte affrontosa, que vedes representada. Não serve de embargo a vosso arrependimento o sangue mourisco, que ainda vos gira pelas veias.

O réu não deu signaes de compunção. A este tempo uma grave difficuldade attrahia toda a attenção do tribunal. Os bons dos inquisidores entrearam sinceramente na duvida se o seu réo tinha em verdade com o diabo o pacto e familiaridade, que affectara, ou se era um impostor e embusteiro. Descravam mormente esclarecer-se sobre se o culto, que elle tributava ao demonio, era de latria, ou de hyperdolia; e mudamente o interrogaram a esse respeito.

—Certo, Srs., que muito me tem enaado o diabo; mas taes cousas como essas, nem eu as sei, nem creio que elle as saiba.—

—Pois bem, retirai-vos; e já que vos

não movem nossas caritativas admoestações, e continuas na vossa impetentia; no ponto confessareis as vossas culpas.

Não tardou muito que o nosso feitiço estendesse no potro não clausse com voz do moribundo.

—Misericórdia! Suez, misericórdia. Eu sou um embusteiro, um impostor. Nunca tive fé; e se adivinhara, bem vedes, Suez, que me não achára agora neste lugar.

—Soltai-o; que descanse; e que depois venha fora do tormento rectificar perante nós sua confissão. Que bem sabido é que no santo tribunal da inquisição não tem valor confissões em tormento, se fóra dello não são rectificadas.

—Livres dos gumes do potro hia esquecendo ao nosso feitiço sua confissão, e novamente tentou insistir na verdade de suas primeiras declarações. Mas admoestado pelo advogado seu defensor que não levantasse alievas a si mesmo, como cahido em si pediu em mesa perdão de seus erros, e com juramento protestou ser dahi avante verdadeiro christão, e nunca em tempo algum reincidir mais em suas execrandas culpas.

—Aceitámos, responderam os inquisidores, a vossa conversão e arrependimento, que parecem sinceras relevamos-vos da excomunhão maior, em que incorrestes; mas cumpre que façais abjuração em forma no auto de fé, que seja instruído nas cousas necessárias á salvação de vossa alma; e para escarmento publico useis em quanto vivo fordes do habito de penitencia.

Visto foi em Evora o auto da fé de 19 de Maio de 1619. Saliram 120 reus: 84 homens, entre elles Luiz de la Penha, e 36 mulheres; e d'entre ambos os sexos 12 relaxados em carne, que tiveram a honra de ser queimados na augusta presença d'elrei Filipe 3.^o, do príncipe, príncipeza, e infante. A mais aguda presença d'elrei Filipe 3.^o, do príncipe, príncipeza, e infante. A mais aguda presença d'elrei Filipe 3.^o, do príncipe, príncipeza, e infante.

—Está aqui tenes solto o nosso feitiço. Pelas ruas d'Evora gritavam os moços desenvolto—passa fóra cá, feitiço, he-rege—era Luiz de la Penha que passava, cabido e trajando o importuno sambonito, que lhe não recordava sua antiga gloria, se não para lhe fazer mais agra sua actual humilhação. Não pôde Luiz de la Penha supportar tanta exacerção e vilipendio. Com licença do Santo-officio transferiu sua residência para a Villa de Ferreira. Respirou mais livremente, e não se lembrando que a inquisição era omnipotente tornou ao antigo fadario e conversação com o demónio. Segunda vez entrado nos cárceres da inquisição confessou que Asmodeu lhe apparecia não só a elle, mas ás pessoas, que o acompanhavam em figuras extraordinarias de homens, mulheres, cobras e outras similhanças, e novamente lhe concedera os antigos poderes para adivinhar, curar enfermidades, achar thesouros, e outros prodigios.

—O que tudo visto e bem examinado; e como assim pela prova e testemunhas da justiça ratificadas, como pela propria confissão do mesmo réu judicialmente recebidas, se mostra que elle réu depois da dita abjuração tornou a reincidir nos mesmos erros, que tinha abjurado, com o mais que dos autos consta: tendo somente a Deus diante dos olhos, e a irrefragável verdade da fé, o extirpação das heresias: *Christi*

Jeju nomine invocato: julgam e pro-nunciam o réu Luiz de la Penha por verdadeiro relapso no crime de heresia e apostasia; e por tal o declaram, e que incorra em sentença de excom-munhão maior, e em pena de confiscação de todos seus bens applicados para o fisco e camara real, e nas mais em direito contra similhantes estabelecidas. E porque a igreja não tem mais que fazer com o réu, por usar mal da misericórdia, que no primeiro lapso lhe foi concedida, e se fazer indigno della, posto que a pediu, o relaxam á justiça secular, a quem pedem com muita instancia se haja com elle benigna e piedosamente, e não procedam a pena de morte e effusão de sangue.

A inquisição tinha a delicadeza de não proferir sentenças de pena capital; mas a clausula ultima e banal não obstava a que a Relação não mandasse á fogueira os que eram entregues á sua piedade. Luiz de la Penha acabou garro-tendo e queimado no rocio de Evora em domingo 25 de Novembro de 1623, quando contava 45 annos de idade. Dois dias durou este auto da fé, em que sahiram 66 homens, e 66 mulheres; relaxados 4.

(Do Panorama.)

Um pobre.

I.

—No mez de Janeiro de 1833 em Pariz, época em que alli fez um frio rigorissimo, e a neve cahia em abundancia, estavam cavallos, carros, omnibus, e carrogens paradas no canto da rua St. Honoré e da rua Arbre-sec.

—O que é isto? perguntou a seu visinho um manco, que pelo seu accento de voz bem se via que era um habitante do meio-dia da França.

—Não sei senhor, respondeu o outro, dirigindo-se tambem a um terceiro; e obteve d'elle esta resposta:

—Estava para lhe fazer a mesma pergunta.

—É um homem que cahio no gelio, disse um vendedor de laranjas, offerecendo a sua fazenda aos circunstantes... vados meus senhores, tres soldos, dois soldos, quem quer comprar?

—É um bebado, disse um moço de fretes procurando abrir caminho.

—Ora! disse uma velha, aposto que é algum omnibus que atirou ao chão com algem; a toda a hora estamos vendo dessas!

—Valha-nos Deus; estou muito longe do caso, disse um homem embrulhado na sua capa, com as mãos nas algibeiras, e empurrando com os cotovellos a multidão para poder passar; é um pobre homem que teve um ataque de frio e de fome, está morrendo... Coitado, de boa vontade parára para o soccorrer, mas estou com muita pressa e minha mulher está esperando por mim para jantar... com licença deixem-me passar.

Mas o manco empurrou este figura no sentido inverso, e com muito custo, chegou a aproximar-se do desgraçado. Ao pé da fonte no meio de muitas pessoas que estavam todas fazendo os seus comentarios, se divisava um velho coberto de farrapos e estendido em cima do gelio; attendendo só ao seu bom coração este estrangeiro desconhecido, se abaixou para este homem e pegando-lhe no braço, quiz ver se o podia levantar, quando no meio da silenciosa attenção que os especta-

res prestavam a esta scena se ouviu uma voz branda...

—É o meu pobre!...

E uma menina atravessando a multidão veio juntar seus fracos esforços aos do desconhecido.

—Conhece-lo, lhe perguntou elle, sem olhar para ella, e tratando de evitar que ella carregasse com o peso.

—Sim e não, respondeu a menina levando um frascinho ao nariz do velho, cujo veneravel rosto mostrava os vestigios de todas as idades.

Veio uma terceira pessoa interromper esta scena, exclamando:

—Olhem, é o velho Gerardo, sabiu provavelmente esta manhã; ha quatro dias que se não mecia do quarto. Trazei-o para aqui, mora perto, n.º 30, em sua o porteiro da casa. Tira-vos d'ahi, disse elle á menina, e pegou nas pernas do velho para ajudar o manco a levá-lo... assim... de vagar... foi a miséria que o reduziu a este estado... aposto que ha vinte e quatro horas que não come... são tão soberbos estes homens... creio que já foi rico... os ricos é que se deixam morrer de fome quando chegam a ser pobres... não liji de eu fazer similhante loucura... vai a gente á Camara Municipal... diz logo o que é... até julgo que tem outro nome... mais dous andares... tenha paciencia... moro lá em cima... no fim deste corredor... aqui está a porta... empurrai, não tem preciso de chave o pobre homem para guardar os trastes... O que procurais? uma cama? é cousa que aqui não ha... um mollo de palha e uma poltrona... nada mais.

—Este homem está morrendo de frio e de fome, disse o manco, que depois de haver collocado o velho em cima da palha lhe tinha tomado o pulso; era necessario lume, um caldo, ou um copo de vinho. Amigo, disse elle ao porteiro, agredes dinheiro, idel... Oh meu Deus que me esqueci da minha bolsa, acrescentou elle, depois de ter procurado nas algibeiras.

—Eu vou! disse uma voz suave.

Era a menina que tinha seguido sem ninguem ver e se tinha introduzido no quarto. Sabiu, e appareceu logo, porque ella bem sabia que toda a demora era prejudicial. Vinha com uma mulher que trazia lume e um mollo de lenha que logo depoz na chaminé, e sahio a rapariga vinha com uma garrafa de vinho, um pão pequeno, e um quarto de gallinha embrulhada n'um fragmento de um jornal, por tudo ao pé do velho; depois foi a chaminé, desatou o mollo de lenha, e fez fogo.

O calor foi pouco a pouco animando o velho, e os alimentos que lhe deram com toda a cautella acabaram de o fazer tornar a si; mas não estando ainda em estado de agradecer aos seus bemfeitores, apenas olhava para elles de modo que bem expressava a sua gratidão, e ao mesmo tempo exprimia uma especie de adoração quando fitava os olhos na menina, cuja apparencia tinha parecido ao manco desconhecido uma visão celeste.

O porteiro olhando para ella com ar de riso dizia:

—É bem bonita!

O manco estava pensativo parecendo-lhe tudo um enigma, que procurava decifrar; porque a rapariga que parecia tão caritativa mostrava pelo seu vestuario, que tinha tambem precisa da caridade dos outros.

Fazia um frio de 14 graus abaixo de zero, e ella trazia um fraco chapco de palha; as luvas de seda velhas, muito bem concertadas, não a resguardavam do rigor da estação, um chaile de toquim muito velho por cima de um vestido de seda também muito usado, indicavam a miséria de vestidos para resistir ao frio. Quem era esta rapariga? Donde vinha? Um ar de interessante pudor se dividia em todas as suas feições. O mancebo não reparou de certo na beleza desta rapariga mas ha nas mulheres certas cousas que agradam mais do que a belleza, e a bondade, e a modestia.

Logo veioz disse: ella no polre aproximando-se á palha em que estava deitado, e tornando a pegar n'uma boceta que alli tinha posto quando entrou.

Depois cumprimentando o desconhecido sem levantar os olhos dirigiu-se para a porta, e deitou rapidamente a escada.

—Eu não voltarei, disse o mancebo, porque parto esta noite e apertou a mão do velho dizendo: logo receberás noticias minhas.

Apenas chegou á rua apesar de ter perdido as esperanças de tornar a ver a mulher que tanta impressão lhe fizera, procurava por toda a parte quando a viu parada indecisa defronte da loge de um graveto.

Parou ella a certa distancia, e depois de um momento de consulta abriu a porta e entrou depressa. Sem se fazer cargo da sua curiosidade o desconhecido se aproximou das vidraças da loge: vio que a rapariga tirou a luva; e em quanto elle durava a impressão causada pela abertura da mão delicada, vio também que ella arrancara do dedo um anel e o offerecia ao curvies.

Pegou o anel o negociante, voltou por todos os lados, espiou-o na boceta de toquim, peon-o methodicamente nas balanças; e depois, tendo provavelmente efferecido por elle um preço que a rapariga aceitou, o que percebeo o desconhecido pelo signal de assentimento que ella fez com a cabeça, pegou n'um dinheiro o lio entregou; e esta tendo escripto o seu nome e morada no registo, atirou elle com o anel para um montão de joias de todas formas e valores.

Apenas ella sahia da loge entrou logo o desconhecido. (Continuar-se ha.)

Preços correntes dos generos na praça em 21 de Março de 1840.

IMPORTAÇÃO.		
Arroz de Milho...	125000 a	135000 qtl.
Aguardente de cana...	8	não ha garr.
Portugali...	145000 a	105000 frang.
Portugali...	8	não ha garr.
Portugali...	55000 a	55500 garr.
Portugali...	8	não ha barr.
Portugali...	8	8900 gal.
Portugali...	15000 a	18200 ane.
Portugali...	3200 a	3300 arr.
Portugali...	2800 a	2900 "
Portugali...	3500 a	4800 "
Portugali...	55000 a	75000 daz.
Portugali...	25500 a	45000 pole.
Portugali...	135000 a	145000 arr.
Portugali...	307000 a	339000 daz.
Portugali...	16500 a	175000 pe s.
Portugali...	22000 a	105000 "
Portugali...	22000 a	25000 40L
Portugali...	8	85000 a.
Portugali...	16050 a	18100 L.
Portugali...	8550 a	8900 "

Chá perola...	12500 a	13500 "
Hyson...	15000 a	16300 "
Cravo do Pará...	8400 a	8500 "
Cabre de ferro...	8	8600 "
Cabo em velas...	8220 a	8240 "
Cominhos...	8	8 arr.
Chouriços...	11800 a	128000 "
Charutos...	88000 a	85000 milh.
Cabo Inglez...	203000 a	215000 qtl.
Cairo...	25000 a	245000 "
Chumbo em grão...	155000 a	165000 "
em pasta...	135500 a	145000 "
Chapéus finos de Seda...	25000 a	35500 hum.
ordinarios de Braga...	8450 a	8550 "
Capatos bozerra de Lisboa...	16100 a	18200 por.
de Seda para S...	15200 a	18380 "
Cordão e duraque...	8740 a	18000 "
Carne secca de Somaca...	8	não ha arr.
Perbudas grandes...	8500 a	8600 uma.
pequenas...	8400 a	8450 "
Erva doce...	8480 a	não ha err.
Estribos...	8480 a	8550 par.
Espingarda de L...	35560 a	45800 uma
Farinha Ameri...	8	a 245000 barr.
Inglez...	não ha	"
Flamburguza...	"	"
Franciza...	"	"
Folha de Mandioca...	185500 a	205000 caixa
Ferro da Suécia...	8	105000 arr.
dito Inglez...	8	78500 "
Fio Porrete...	98000 a	108000 "
de vella...	8400 a	8500 L.
de capatiro...	8400 a	8500 L.
Folhas de roça...	8450 a	8400 uma.
meia dita...	8340 a	8360 "
Frutos estanhados...	8560 a	8600 um.
Escuduras de porta...	8280 a	8560 uma
de broca...	8760 a	8960 "
Felizes d'ouzo...	8800 a	16000 um.
guarda...	55000 a	65000 garr.
Genbrá...	8240 a	8260 uma.
Garrofos empachados...	8830 a	15000 hum.
Gangas Azues da India...	38200 a	38400 pess.
Amarelas...	2900 a	15000 pess.
Guaraná...	8	não ha bom um.
Licor surtido de Lisboa em garr...	55000 a	55500 daz.
Linha de roiz...	2000 a	2400 mais
Linhas surtidas...	8	1800 "
Lona da Rússia...	18000 a	20000 pess.
Ingleza...	18000 a	20000 L.
Massas surtidas...	não ha	"
Machados de roza...	450 a	550 hum.
de meia dita...	400 a	440 "
Manteiga Inglez...	450 a	500 L.
Prezando Portu...	9500 a	10000 arr.
Papel de yezo...	2400 a	4000 resma
Ataça 1. sorte...	4200 a	4500 "
dito de 2. e 3...	3600 a	4000 "
dito Brapco...	2400 a	2800 "
dito Florete...	2000 a	2200 "
dito d'embrulho...	500 a	1000 "
dito marca grã...	1200 a	1400 "
Palos de Lisboa...	2400 a	2500 daz.
Passos...	3200 a	3500 caixa
Panno de Linho da feiva...	550 a	560 vara
dito de Taboas...	400 a	450 "
Preços de Coxer...	8	não ha milh.
de meia dita...	8	ideia "
de ferro...	8	10500 "
de meio dito...	8	5000 "

de Batel...	8	3000 "
de meio dito...	8	2000 "
de Rhyar...	8	1100 "
de Coibrar...	4500 a	5000 "
de Coizar...	8	210 L.
Pimentada India...	200 a	520 "
Palvora...	400 a	520 "
Queijos Flamengos...	não ha	hum.
De ginha...	"	L.
Roye Princeza de Lisboa...	5000 a	5000 "
de Pernambuco...	1800 a	1600 "
Rollas surtidas...	750 a	800 milh.
Retroz...	7000 a	7500 L.
Sabão Inglez e Americano...	8	315 "
Hespanhal...	8	"
Salsa parrilha...	não ha	arr.
Servija Ingleza...	3200 a	4200 daz.
Franciza...	não ha	"
Spermaceti em velas...	750 a	800 L.
Sal de Portugal...	8	alq.
Tomancos surtidos...	320 a	400 por.
Tiracolos...	600 a	640 hum.
Tubaco em pó da Bahia...	880 a	920 L.
Tobacco de flandes...	920 a	160 yé.
Tonclino de S...	3200 a	3400 arr.
de Portugal...	7100 a	7500 "
Taplaco do Pará...	1600 a	2000 "
Violas...	480 a	500 p. o. o. cala.
Vinagre Portug...	50000 a	54000 pipa.
Vinho P. RR...	95000 a	100000 "
Lisboa...	90000 a	95000 "
outras marcas...	115000 a	120000 "
Branco...	90000 a	100000 "
Poço...	75000 a	80000 "
Cette...	70000 a	75000 "
Barcellona...	5500 a	6000 daz.
Porto engarraf...	4000 a	4200 "
Muscatel...	14000 a	16000 "
Champagne...	6400 a	6600 err.
Alg. 1.º qualid...	5400 a	5600 "
Serra...	70000 a	80000 pipa.
Aguardente da terra...	1550 a	1600 arr.
Arroz de vajor...	1200 a	1280 "
outras fabricas...	800 a	1100 alq.
em casca...	8	L.
Atapados...	510 a	550 qrt.
Azite de Carra...	4000 a	5000 err.
Carne secca do Minho...	2000 a	2240 cent.
Acuraci...	135 a	140 L.
Chifres de Bol...	160 a	200 um.
Couros vulgares...	1200 a	1300 alq.
Cabra curtidos...	1400 a	1600 "
Farinha de Mandioca...	1400 a	1600 "
Feijão da terra...	2400 a	4000 arr.
Fumo de molho...	2000 a	15000 arr.
Fumo de corda...	8	"
Gengibre em vella...	3500 a	4000 alq.
Gomma...	400 a	600 err.
Grude de peixe...	700 a	800 alq.
Milho...	240 a	260 qrt.
Mel de cana da terra...	27000 a	30000 roll.
Panno d'algodão largo...	26000 a	28000 "
estretto...	3200 a	3400 err.
Sabão da terra...	260 a	280 alq.
Sal pimentado...	200 a	240 pul.
Tubo do de cos...	16000 a	20000 daz.
tudo...	14000 a	16000 "
Bacori...	10000 a	14000 "
Cedro...	5000 a	5400 "
Louro...	1500 a	1800 uma.
Papayuba...	8	"
Vaqueta...	8	"

Assigna-se em casa do Redactor, rua do Egypto nº 12, e na Fabrica de Chapros de Vidigal Irmão & C., rua Grande: preço por trimestre 3\$000, por semestre 5\$500, e por anno 10\$000 reis, pagos adiantados. As folhas avulsas vendem-se a 160 reis na sobrelita Fabrica, e os avisos imprimem-se a 60 reis por linha, mas os dos assignantes, gratuitamente, com tanto que não excedam a 20 linhas.

MARANHÃO: IMPRESSO NA TYP. IMPARCIAL MARANHENSE. ANNO DE 1840.

RIO DE JANEIRO.

Decreto. n. 40, de 6 de fevereiro de 1849, designando as conferencias semanarias que devem haver nas relações do imperio.

O regente, em nome do Imperador o Sr. D. Pedro II, ha por bem decretar o seguinte:

Art. 1.º Nas relações do imperio haverão unicamente duas conferencias semanarias, nos dias de terça feira e sabado; e quando estes forem legalmente impedidos, nos dias immediatamente anteriores, em que se não der igual impedimento.

Art. 2.º Fica alterada nesta parte a disposição do artigo 5.º do regulamento de 3 de janeiro de 1833:

Francisco Ramiro de Assis Coelho, ministro e secretario de estado dos negocios da justiça o tenha assim entendido e faça executar. Palacio do Rio de Janeiro, em 6 de fevereiro de 1840, decimo nono da independencia e do imperio. —Pedro de Araújo Lima.—Francisco Ramiro de Assis Coelho.

Decreto n. 41, de 27 de fevereiro de 1840.

Ordenando que do principio do anno financeiro em diante a escripturação e contabilidade do thesouro, thesourarias, e mais repartições de recebimento e despesa, seja feita e estabelecida por exercicio, e não por anno, como até agora.

—O Regente, em nome do imperador o Sr. D. Pedro II, ha por bem determinar o seguinte:

Art. 1.º Do principio do anno financeiro de 1840 a 1841, os balanços e contas do thesouro, thesourarias e mais repartições de recebimento e despesa, serão organisadas por exercicio, e não por anno como até agora.

Art. 2.º Entender-se-ha por um exercicio o tempo a que são affectos os creditos abertos por huma lei annual do orçamento, e que se prolonga desde o 1.º de julho de cada anno até o ultimo de junho do anno seguinte.

Art. 3.º Cada exercicio tomará seu nome do anno regido pela lei que lhe for relativa, e terá seu jogo distincto e particular de livros, onde serão exclusivamente assentadas todas as transações de receita e despesa que lhe pertencerem.

Art. 4.º São só consideradas como pertencentes a hum exercicio as transações relativas aos serviços feitos, e

aos direitos adquiridos ao estado e a seus credores, dentro do anno que dá seu nome ao exercicio.

Art. 5.º Findo o anno do exercicio, continuarão abertos por mais seis mezes os creditos da lei, e nos mesmos livros se assentarão todas as transações relativas á cobrança do resto da renda, á liquidação, ordenação e realisação de restos de pagamentos dos serviços feitos dentro do anno do exercicio, afim de poder-se a final tirar huma conta completa delle.

Art. 6.º Dentro desses seis mezes se procederá a hum balanço que somente comprehenderá as transações de receita e despesa effectuadas no anno financeiro, como actualmente se pratica; este balanço será considerado provisório, e de todos os do imperio se organizará o geral, que deve ser presente ás camaras no tempo e forma marcada nas leis.

Art. 7.º No fim dos seis mezes destinados ao complemento das operações relativas á cobrança dos productos, liquidação, ordenação e pagamento das despesas do exercicio, será elle definitivamente encerrado, fechando-se todas as contas escripturadas em seus livros, verificando-se os saldos em caixa, suas especies, restos a arrecadar ou a pagar, com declaração nominal dos credores, e finalmente lavrando-se de tudo termos, na forma actualmente praticada.

Art. 8.º Os saldos e livros das repartições subalternas serão logo remetidos, na corte ao thesouro, nas provincias ás thesourarias respectivas; remetendo porem estas a aquelle copia dos termos lavrados em seus livros e nos livros que receber.

Art. 9.º Encerrado assim o exercicio, serão transportados para aquelle que então estiver em andamento todos os saldos e restos a arrecadar do exercicio findo ou para pagamento, do atrazado passivo do exercicio findo, ou para augmentar os recursos que por ventura fultem no corrente, debitando as especies creditando a conta de exercicios findos.

Art. 10.º Todos os creditos que não tiverem sido empregados em pagamentos effectivos do exercicio findo ficarão definitivamente annullados; com a differença porem que os que não tiverem sido empregados em consequencia de economias sobre os serviços, ou porque esses serviços exigissem menos do que importavam os creditos, não passarão para outro exercicio; e os que forem realmente empregados, mas não pagos por falta de fundos, ou porque os credores não procurassem seu embolso, ou por qualquer outra razão; assim como aquelles a que estão destinados fundos particulares, se-

rão transportados para o exercicio seguinte.

Art. 11.º Não obstante essa transference e transporte, não se poderá fazer pagamento algum no thesouro e thesourarias por conta do exercicio anterior sem nova ordem do ministro competente e autorisação do tribunal: o emprego porem dos creditos a que forem consignados fundos especiaes poderá ter lugar logo no principio do exercicio corrente.

Art. 12.º Os pagamentos do atrazado passivo poderão ser feitos no thesouro e thesourarias a que pertencerem, segundo o resolver o tribunal; mas as ordens e autorisação para os pagamentos não terão força por mais de hum anno, findo o qual deverão ser reformadas até a época da prescrição.

Art. 13.º Antes de serem approvadas pelo corpo legislativo as contas ministeriaes, poderão estas ordens ser cumpridas pelos fundos do exercicio corrente até á importancia dos direitos transportados; e depois da approvação das mesmas contas pelo corpo legislativo, até á importancia designada na lei; as ordens que excederem os restos da receita transportada, ou os creditos que ainda ficarem do exercicio, ou a reserva da lei das contas, só serão mandados pagar pelo tribunal depois de se obter credito suplementar ou fundação da divida.

Art. 14.º A importancia dos pagamentos effectuados por conta do exercicio, ou exercicios findos, durante o curso de cada anno, deverá ser levada ao debito da conta de—exercicios findos—, e de baixo desta rubrica pedir-se-ha por cada ministerio hum credito sem consignação especial em todas as futuras leis de orçamento, o qual será comprehendido no balanço entre os creditos legislativos.

Art. 15.º Depois do encerramento, proceder-se-ha á formação do balanço definitivo do exercicio, tanto no thesouro como nas thesourarias, devendo o daquelle apromptar-se, e os destas serem remetidos ao tribunal até ao fim dos primeiros seis mezes que se seguirem ao encerramento.

Art. 16.º Dos diversos balanços do exercicio organizar-se-ha o thesouro o balanço geral definitivo do mesmo exercicio, o qual, depois de examinado e conferido pelo thesouro, será apresentado com o relatório de suas observações ao corpo legislativo na sessão que se seguir a aquella em que devem ser remetidos ao mesmo thesouro.

Art. 17.º Este balanço ou conta geral do exercicio comprehenderá não só toda a receita e despesa realisaada e por realisar por conta do exercicio, como tam-

ben a comparação do total de cada artigo della com o total de cada artigo do orçamento e fixação da lei, e hum quadro que apresente para cada hum dos exercícios findos os creditos annullados e transportados, as dividas que tenham sido objecto de creditos complementares, os pagamentos effectuados por conta até ao termo da prescrição.

Art. 18. Tudo quanto fica disposto acerca do balanço provisório e do encerramento e balanço definitivo do exercício, será applicado ao anno financeiro corrente de 1839 a 1840, salvo se o corpo legislativo decretar a annullação da divida anterior, porque neste caso passará logo como receita do exercício, que tem de principiar em julho, todo o saldo e resto a arrecadar dos annos anteriores; as transações a respeito destes saldos e restos serão em todo o caso scripturadas, debitando-se ou creditando-se as especies, e creditando-se ou debitando-se a conta de—Annos anteriores.

Art. 19. Se acaso em hum exercício houverem despesas urgentes a fazer, para as quaes não haja sufficiente receita do mesmo, o tribunal do thesouro ou thesauraria poderão resolver hum supprimento pelo saldo ou fundos dos annos ou exercícios anteriores; este supprimento será restituído pelos fundos do exercício que o recebeu, logo que haja bastantes para isso, ou por credito complementar, que será pedido na primeira occasião.

Art. 20. Não estando expressamente revogado o capitulo 209 das ordenações de fazenda de 17 de outubro de 1516, será elle guardado em todas as suas partes a respeito das dividas passivas do estado que tiverem mais de cinco annos, contados da abertura do exercício a que pertencerem, salvo tão somente aquellas que dessa regra exceptuar a assemblea geral legislativa.

Manoel Alves Branco, do conselho do mesmo augusto Senhor, senador do imperio, ministro e secretario de estado dos negocios da fazenda, e presidente do tribunal do thesouro publico nacional, assim o tenha entendido e faça executar com os despachos necessarios. Palacio do Rio de Janeiro, em 20 de fevereiro de 1840, 19.ª da independencia e do imperio.—*Pedro de Araújo Lima, Manoel Alves Branco.*

(Do Jornal do Commercio.)

PIAUHY.

—Ilm. Sr.—Acabou de me ser entregues os 4 Offícios de V. S. de n.º 33, 67, 73, e 77; o 1.º acompanhado de Proclamações, e ordem do dia n.º 7; o 2.º accusando a recepção do meu de 2 deste mez; e o 3.º em que me faz ver os convenientes meios que podem contribuir para o mais prompto exito do bater os rebeldes desta Provincia, mas sem comprometter a do Piahy, communicando-me no mesmo tempo o que tem occorrido por esse lado acerca do inimigo; e o 4.º finalmente sobre o mesmo objecto, de que fico intelligenciado, podendo asseverar a V. S. que não peço de vista os interesses de minha Patria, e que jamais a sacrificarei ao amor da gloria, ou a qualquer outro interesse particular.

Darei á Proclamação a devida publicidade, assim como execução a ordem do dia n.º 7, o que ja se acha providenciado por este lado em virtude da mi-

nha Proclamação de 28 de Novembro do anno proximo findo, e tanto assim que já se achão reunidos 250 homens entre emigrados, e rebeldes (entrando nesse numero, dous Chefes) que arrependidos se me tem apresentado, os quaes se achão empregados, e repartidos pelos diversos Pontos.

Tenho organizado desta gente duas Companhias, sendo a primeira Commandada pelo Cidadão Antonio Carneiro da Silva, por impedimento do Tenente José da Costa Neiva; a segunda pelo Alferes Leocádio da Costa Nunes. Além disto tenho passado para a Provincia do Piahy desde as Queimadas até os Veados 50 familias, que tem procurado as Forças da Legação, conjuvando com tudo quanto está ao meu alcance, tanto para segurança de suas vidas, como mesmo com a necessaria provida de boca.

Tendo-me posto de marcha, como participei a V. S. em Officio de 25 do vigente, e ao chegar ao lugar denominado—Taboleiro alto—no dia 29 a guarda avançada da minha Coluna, tendo encontrado hum piquete dos rebeldes, sustentou com elles hum pequeno fogo, de que resultou ficar ferido hum voluntario com 9 caracões de chumbo, sem que se podesse colher fructo algum, por se terem logo evadido por humas grutas, e emvenencia de huma Serra, que os favoreceu; e no dia d'ontem seguindo directamente para esta Povoação, onde me constava acharem-se os Chefes Pedro Polidoro, e Luiz Inácio com humas forças de rebeldes, tomando todas as cautellas, a fim de prevenir qualquer extratagem, e com especialidade n'uma pequena matta de côco, proxima a mesma Povoação, pude com felicidade chegar até dentro della, e depois de hum fogo activo, que duraria hum hora pouco mais, ou menos, cederao-me o terreno, perdendo elles 9 mortos, 3 prisioneiros, além de hum escravo; e da Legalidade tivemos 3 feridos, e deste hum gravemente, que é o Sargento da Guarda Nacional de Jormentha Basilio Francisco da Rocha, que tendo avançado com a maior intrepidez, recebeu hum tiro no peito. Não obstante todos os meus esforços conjuvados pelos bons desejos que sempre tenho dividido nos meus Officiaes, e Soldados, não pude obter maior vantagem pela falta de conhecimento do terreno que pizamos; por isso que o inimigo sempre se pode evadir. Sem embargo da pouca saúde, que de presente gozo, continuo a minha marcha a reunir-me com o Tenente Coronel Diogo Lopes de Araújo Salles, como já anteriormente communicuei a V. S., a fim de impedir o destino dos rebeldes que estão tomando a direcção de Grajalus.—Deos Guarde a V. S. Acampamento volante na Povoação dos Pates. Quartel do Commando da Coluna d'Oeste 31 de Janeiro de 1840.—Ilm. Sr. Tenente Coronel José Feliciano de Moraes Cid, Commandante em Chefe das Forças do Piahy.—(Assignado) José Martins de Souza, Major Commandante da Coluna d'Oeste.

(Do Telegrafo de Oeiras.)

MARANHAO.

—Ilm. Sr.—Tenho a communicar a V. S. que as Armas Legaes a 24 do corrente, occuparão o territorio desta Villa. A cauboneira fica fundada no porto do Paçificá. Até o dia 23 ainda aqui es-

teve um grupo de saltadores, sendo o principal fim dos ditos de enterrar uma peça de calibre nove, (que achamos) e fabricar agoardente no Tamancão. Com actividade tem saído expedições na diligencia de capturar, ou dispersar alguns bandos que infestão os mais proximos lugares, e brevemente será batida completamente a horda do Anajá. Acaba de apresentar-se uma mulher, vinda do Carrapato, e noticia que os rebeldes esperão um grande reforço de tropa de pretos, os quaes ontem devião chegar ao Morro Branco e que hoje estariam com elles, e já tinham edificado uma trincheira. Reenvio a V. S. a minha requisição tendo a bondade de mandar-me fornecer de munição de guerra, que se faz muito necessaria. Reitero a V. S. as minhas expressões, exaradas no meu officio de 20 do presente mez de baixo do n.º 14.

Deos Guarde a V. S. por muitos annos. Acampamento na V.ª da Tutoia 26 de Fevereiro 1840.

Ilm. Sr. Tenente Coronel José Francisco de Miranda Ozório Prefeito do Municipio da Parnahiba.—Firmado José da Silva Braga, Major e Commandante.

Acampamento na Villa da Tutoia 27 de Fevereiro 1840.

Ordem do dia.

—O 1.º sargento da 1.ª Companhia Manoel Antunes de Andrade receba os meus agradecimentos pelo bem que desempenhou a commissão de qual foi encarregado, assim como as mais forças que compozerão a expedição, pela obediencia e respeito, com que se portarão na certeza de que, o commandante conta sempre com o patriotismo, e valor dos seus commandados nas occasiões mais arriscadas. Assignado Firmado José da Silva Braga, Major e Commandante.

Acampamento na Villa da Tutoia 29 de Fevereiro 1840.

Ordem do dia.

—O Major, e commandante dirige os seus elogios, e louva o brioso procedimento do Senr. Alferes João Diniz de Almeida, assim como a todas as forças que compozerão a partida que sob o seu commando ontem marcharão, afim de atacar o piquete do Anajá, cujo resultado foi o ferimento de alguns rebeldes, e pôr em completa fuga, desalojando-os do referido ponto. Assignado Firmado José da Silva Braga, Major e Commandante.

Acampamento na Villa da Tutoia 8 de Março de 1840.

Ordem do dia.

—Penetrado da mais viva satisfação pelo feliz resultado, que conseguirão os bravos que foram atacar o ponto do Carrapato, em cujo combate ferirão a muitos rebeldes, os quaes foram inteiramente destruidos, e desalojados do mencionado ponto; não lhes vallendo o temivel lugar que guarnecião, nem suas fortes trincheiras; por este triumpho das armas Legaes, congratulo-me, e dou os devidos louvores ao Sr. Tenente—Alexandre Portugal de Almeida, que commandou a força, bem como ao Sr. Alferes Manoel Rabello Borges; ao Sargento Quartel-Mestre João Bizerra de Menezes, que voluntariamente se ofe-

forças, e aos distintos Inferiores, cabos, e soldados, que d'esta arte tanto concorrem para o restabelecimento da Lei, e da paz.—Assignado *Firmino José da Silva Brago*, Major e Commandante.

CHRONICA MARANHENSE.

Noticias do Sul.

—Pelo vapor—Paraense—entrado neste porto a 22 do corrente, recebemos cartas e jornais até a data do 1.º do mesmo mez. No Rio Grande do Sul nada havia ocorrido de importante, quanto a operações militares; mas o digno presidente continuava a fazer economias, e a cortar pelas escandalosas ladrocinhas em cujo gozo ali se achavam muitos pretendidos legalistas.

Santa-Catharina se achava em risco de soffrer uma nova invasão; Bento Manuel, de quem erradamente se presumia, que tinha abandonado a causa rebelde, estava agora á frente de crescidas forças na fronteira dessa provincia, e o general Andrea tomava todas as medidas necessarias para poder resistir-lhe.

Na corte esperava-se pela remissão das camaras no dia 1.º de Abril, e supunha-se que o ministerio não se sustentaria em presença dellas.

Na Bahia, a opposição contra o presidente era forte e animada; contava um grande numero de jornaes, e ao que parece, a maioria na assemblea provincial. Nesta tinha passado por 22 votos contra 10 uma indicação para que se dirigisse uma representação ao poder moderador para que commutasse a pena de morte imposta aos 12 réos militares da rebelião de 7 de Novembro.

—Recebemos cartas da Parnahiba, e fomos por ellas informados de que os rebeldes da nossa provincia passando em grande numero para o Piahy, se tem ajuntado no lugar das *Frecheiras*, e ultimamente no do *Bonito*,—doze legoas em distancia da villa. Calculava-se que este ultimo grupo constava de mais de 200 homens. Alguns receios havia entre os habitantes por taes motivos, mas o digno prefeito, o senhor coronel Osorio, dispunha forças que fossem bater o inimigo, e confiava no bom resultado da empreza.

Pessoa fidedigna nos escreve que nas remessas de generos que daqui se fazem para aquella villa, por conta e ordem do governo, ha sempre uma enorme differença entre o que accusam os officios e relações, e entre o que effectivamente vai. Faltam calças, fardas, a farinha mingon tanto no numero como na medida dos alqueires; no patacho—Boa Lembrança—acusavam-se 4000 pedras de fogo, e só appareceram 400, e no Neptuno accusavam-se 6000, e só appareceram 600! Para que isto aconteça, deve sem duvida haver muita relaxação ou muita prevaricação; as autoridades da Parnahiba hão-de participar tudo ao exm.º presidente desta provincia, que sem duvida fará verificar a responsabilidade dos prevaricadores.

Além destas, as unicas noticias de mais interesse que temos do Piahy, constam do officio que publicamos no lugar competente.

Noticias do interior.

—Tatoya. Recebemos dali cartas com

data de 8 do corrente; os principaes successos constam das ordens do dia, e officio que publicamos. O sr. major Firmino Braga tem desempenhado os seus deveres, e merecido a estima dos habitantes. Com tudo as forças existentes naquella villa não são bastantes para sua defesa, se o inimigo, acossado em outros pontos, carregar para lá em grande numero; todos entendem que o governo deve para ali mandar 100 homens de 1.ª linha. A escuna Gararapes tinha chegado á barra do Parnahiba.

—Itaiti. Deste ponto, logo que ali chegou o sr. presidente da provincia, marchou o sr. major Falcão á frente de 500 homens, sem saber-se no certo para onde se elle dirigia. A noticia não é de fresca data, mas pareceu-nos que merecia especial menção o facto de se achar decididamente empregado este distincto official. Fallaram as prophcias da Revista que ja tinha condemnado o senhor Falcão ao esquecimento, e a não participar da gloria de pacificar a provincia; a gloria era já uma propriedade exclusiva do sr. Ernesto, nas suas batalhas escriptas.

—Vargem e Chapadilha. Recebemos do primeiro deste lugares noticias que alcançam até 8 do corrente. O bravo e honrado tenente-coronel Henriques achava-se na Chapadilha, onde se lhe haviam apresentado 112 rebeldes, dos quaes 70 com armas. Aprehendeu-se uma carta de Raimundo Gomes a outro chefe rebelde, em que lhe participava que se disponha a fugir por falta de forças.

—Caxias. No Morro Agudo foi dispersado um grupo rebelde pela força do mando do senhor capitão Bastos. Foi nessa occasião morto, entre outros, o chefe Lamego.

Rozes em Miriliba.

—Hentem, 23 do corrente, chegou a esta capital a noticia do desastre acontecido ás nossas forças em Miriliba. Um grupo de rebeldes, cujo numero se avaliava em 200, surpreendeu o destacamento ali estacionado, matou-nos o capitão Castro, (do Pará), o bravo e infeliz alferes Manoel Joze dos Santos Amaral, muitos soldados, e a gente que existia na povoação, inclusive mulheres, e crianças; as casas foram incendiadas. Ignoramos ainda o dia em que teve lugar este fatal acontecimento, bem como, ao certo, a perda que soffremos, em soldados mortos e feridos, em armas e munições. Diz-se porém que as nossas forças na Miriliba excediam a 150 praças; que destas, haviam sahido 50 para uma expedição, que 20 ou 30 se achavam em destacamento no Preá, a uma legoa de distancia, e que os 70 ou 80 restantes é que foram derrotados. Diz-se igualmente que havia ali grande relaxação na disciplina, que os soldados andavam occupados em fazer pequiros, um dos habitos da conquista do Pará. O certo é que fomos surpreendidos, e os rebeldes por aquellas paragens devem de estar insolentes.

Não desejamos carregar a mão sobre um homem morto; mas os leitores estarão lembrados de que ja tivemos occasião de fallar em desabono do capitão Castro, que tendo abandonado, em Outubro, 30 e tantos dos seus soldados, e toda a força do capitão Simão, no meio do mato, deixando-a arriscada a ser cortada pelo inimigo, por meio de falsas participações quiz lançar a culpa de tudo ao capitão Simão. O certo é que

este senhor foi preso, e o senhor Castro ainda em cativeiro elogia. Esalt agora os fructos do patronato.

Uma perda verdadeiramente lamentavel é a do alferes Amaral. Este intrepido Maranhense foi ferido por tres vezes nesta guerra, e poucos dias antes de acabar miseravelmente nas mãos dos assassinos, á frente de 60 homens os tinha batido, matando-lhe quatro homens, e aprisionando outros quatro.

Este desastre, occorrido logo no principio da administração do senhor Lima, não pode de nenhuma forma depôr contra o seu credito, porque não estava na mão de S. Ex.º o preveni-lo, ignorando elle a incapacidade do official, e o como as cousas por la iam; que nem tudo podia ver desde já com os seus olhos, e estaria de mais mal informado.

De resto, o revez pode ser facilmente reparado, e seria conveniente que o senhor commandante da guarnição mandasse publicar a participação official respectiva, a fim de evitarem-se exagerações, sempre perniciosas.

VARIEDADES.

Um pobre.

(Continuado do N.º antecedente.)

II

Anna tomou pela rua do Santo Honório até á Igreja de S. Roque cujos degraus ella subiu. Depois de ter occultado a boceta debaixo do chaile, entrou e foi-se inclinar defronte do altar de Nossa Senhora; ali se demorou um momento como quem cedia ao peso de uma dor profunda; depois levantando-se e limpando algumas lagrimas que lhe corriam pelas faces, dirigio-se para a sahida da Igreja do lado da Sacristia, e depois de ter dado alguns passos na rua, entrou para uma casa de pouca apparencia, abriu precipitadamente e entrou dizendo em altas vozes:

—Aqui estou, minha mãe? deve ter estado com muito cuidado. E pegando-lhe na mão levou-a com ternura aos beijos.

Madame Revial, a quem a rapariga dirigia as suas caricias, parecia mais velha pelos cuidados do que pela idade. Estendida n'uma cadeira parecia inteiramente paralytica; animou-se o rosto pallido desta mulher com a presença da rapariga; depois ficou ainda mais triste e afflicta.

—Querida Anna, lhe disse ella, tenho que te dar uma triste noticia, talvez por isso tenha desejado tanto a tua vinda.

Anna depois de lançar em cima da cama o chaile e o chapéo foi ajoelhar defronte da cadeira de Madame Revial.

Passando a mão descarnada e fria por cima dos cabellos de sua filha, como quem a queria animar Madame Revial continuou:

—Sabes muito bem que teu pai antes de morrer tinha prometido a tua mão ao filho de M. Barsac de Bordeaux. A morte de teu pai, a perda dos nossos bens, a terrivel molestia que aqui me tem tolhida nesta cadeira, extinguindo-me as forças, me tem feito perder o animo; a esperança do teu casamento, a idea de te procurar um protector, de te ver rica e feliz um dia me sustentavam... ainda esta manha se destruiu essa perspectiva de felicidade... Aqui tens uma carta que foi dirigida ao nosso antigo palacio, e que eu deverei ter recebido hontem... Anna pegou na carta que sua mãe

lha deu e foi logo ver a assignatura.

—E' de Julio Barsac, disse ella, e passou a lê-la em voz alta:

"Minha Senhora:—Em quanto a fortuna me foi propicia pensava com fervor na união que o Sr. Revial e meu pai tinham formado; mas a quebra da casa Dardenas deu causa á nossa: devo como homem de bem restituir-vos a minha palavra. Se nos conhecessemos vossa filha e eu, se o amor fosse a base desta união projectada, eu me lançaria a vossos pés para vos pedir esperanças que tivesse reparado este desastre e houvesse rehabilitado a honra de meu pai; mas devo ao caso chamar outra pessoa a participar da minha miséria e associar-se a meus trabalhos? Nem eu sei que tempo será necessário para adquirir uma fortuna digna de vos offerecer, e que fosse reparar aquella que perdestes. Mademoiselle Anna educada por vós é amável e formosa, segundo me dizem: e quem não se reputará feliz de poder dar-lhe um honrado nome e uma posição social igual aquella em que ella nasceu?... Eu já não tenho nada disto... Vou pois por este modo romper laços que seriam muito pesados para vossa filha. Perdoai se não de Paris sem vos ter ido cumprimentar; mas depois de ver vossa filha receava muito levar comigo tal saudade que perturbasse a minha vida hoje inteiramente dedicada ao trabalho."

"Adieu, minha Senhora, sou etc."

"Julio Barsac."

Depois da leitura desta carta seguiram-se as reflexões da mãe e da filha acerca dos sentimentos de homem honrado que patenteava o auctor d'ella. Anna confessou que só por esta franqueza sympathisava com elle, sua mãe chegou a dizer que muito desejava chamar-lhe filho. Repentinamente battem á porta muito devagar, foi Anna abrir e entrou um mancoço que ella conheceu ser o mesmo que a ajudara a socorrer o pobre. Tomou logo o resto da donzella uma expressão grave e severa.

Anna era tão modesta que não tinha dado parte a sua mãe da boa acção que tinha feito. Mas o objecto da visita do mancoço era tal que não foi possível occultar por mais tempo este segredo. Vinha depositar na mão de sua companheira na caridade a somma de cem francos para comprar uma cama ao desgraçado velho, visto que não se podia demorar nem mais uma hora em Paris. Madame Revial ficou muito contente por ver como sua filha se portava com aquelle infeliz velho, e declarou ao desconhecido que agradecendo a confiança que nellas depositava accitava a somma offerecida para lhe dar o devido destino.

Depois de dadas as devidas desculpas o mancoço declarou que não se retirava sem saber o nome da pessoa que assim o queria ajudar n'aquelle acto de beneficencia.

—Mademoiselle Revial, respondeu ella. Um grito de espanto sahiu involuntariamente da boca do mancoço.

—Mademoiselle Revial filha de Revial de Bordeaux, que enganado por um homem que julgava seu amigo, perdeu toda a sua fortuna e morreu de paixão?

—Sim Senhor e donde o conheceis?

—Sou Julio Barsac, respondeu o estrangeiro com uma voz que apenas se ouvia. Anna tornou-se pallida e foi encostar-se á cadeira de sua mãe. Succedeu a isto um prolongado silencio, e afinal foi Julio que o rompeu.

—Ah! Senhora! disse elle levantando-se com impeto, vejo agora que vos enviei hontem a minha renuncia á felicidade; esta carta (o foi busca-la acima da meza). esta carta, repetio elle, haveis de me dar licença que a... (e amarrando a nas mãos a lançou ao fogo.)

Depois pondo um joelho em terra diante de Madame Revial, que já sorria de esperança e alegria, olhando ora para sua filha, ora para o seu futuro genro, continuou deste modo:

...Quero destruir esta carta, esquecei-vos do seu conteúdo, e lembrai-vos sómente destas palavras—se nós nos conhecessemos, vossa filha e eu—Pois bem Senhora conheço-nos como se sempre houvessemos vivido juntos, peço-vos que não queirais desunir dois corações que a caridade juntou; consenti que dê o sagrado nome de esposa áquella que pela ecção que comigo praticou houvera dado o nome da irmã.

—Já lhe não posso offerecer riquezas; mas sinto augmentar a minha coragem e minha esperança; nunca mais vos abandonarei, com meu trabalho hei de alcançar o que for necessário, e seremos felizes. Oh! respondei-me, Sr. ... Mas vós chorais! ... Então consentis! ...

—E tu Anna que dizes, perguntou Madame Revial a sua filha.

—Ah! a minha vontade é a vossa, respondeu Anna beijando a mãe.

—Visto isso consentis; então peço-vos licença para vos offerecer um anel em penhor da nossa alliança.

E dizendo isto apresentou um anel a Anna.

—E' o anel de Anna! exclamou Madame Revial admirada.

—Sim, minha mãe, replicou Anna, vendi-o para substituir o dinheiro do bordado que fiz.

—Quando o comprei, é que descobri a vossa morada, apesar de só terdes dado ao ourives o nome de Anna. A este anel devo ter-vos encontrado, disse Julio mettendo-lho no dedo.

Nessa mesma noite afim de executar as intenções de Barsac, que tinha partido para Bordeaux, Anna voltou a casa do pobre... Tinha desaparecido sem dizer a sua nova morada.

III

Um mez depois na modesta casa da rua nova de S. Roque alguns amigos reunidos esperavam um tabellião que não tardou; vinha em companhia de um homem muito bem vestido. Não disse quem era e também ninguém se importou disso pensando que era amigo do tabellião. Madame Revial estava assentada na sua poltrona com sua filha ao lado, Julio Barsac estava em pé junto d'ella.

O tabellião chegou-se á meza, abriu uma pasta, e tirou a escriptura de casamento que começou a ler.

Depois das formalidades do costume chegaram ao dote da noiva e disse:

—A viuva Madame Revial constitue a sua filha uma renda de dez mil francos.

—Enganei-vos, acudiu Madame Revial, n'outro tempo sim, agora não tenho nada.

Sem fazer caso desta interrupção o tabellião continuou.

—Dez mil francos de renda em duas apolices de cinco por cento; e ellas aqui estão.

E como dizendo isto parecesse com effeito as apolices em cima da meza, Mad. Revial, sua filha e Julio fizeram um movimento para folhar. Mas o homem idoso e accedo, que tinha vindo com

o tabellião, fez signal com o mão para que se calassem, e exclamou olhando para Anna:

—E' possível, minha, que já vos tenhais esquecido do vosso pobre?

Em quanto Anna admirada não tirava os olhos desse homem a ver se descobria as feições do pobre, continuava elle:

—Esqueceste-vos de quatro annos dos vossos benefícios de todos os dias! esquecesteis do dia 3 de Janeiro, do vinho, e da ara de frango embrulhada n'um pedaço de Jornal! pois esse pedaço de Jornal é causa de terem acabado todas as minhas desgraças. Era um fragmento do Siecle onde vinha a parte—Noticias Diversas,—e ali vi que um Francez por nome François Dechazel que tinha enriquecido muito na America, depois de ter procurado em vão seu irmão Jacques Dechazel, que assim como elle tinha perdido tudo com a revolução, acabava de morrer em Londres, sem filhos e sem parentes proximos, deixando uma riqueza immensa. Esse Jacques Dechazel sou eu. Parti immediatamente para Londres, e ainda cheguei hontem; o meu tabellião é o velho, disse elle dirigindo-se a Madame Revial, sube do casamento de vossa filha e como devo a vida a esse anjo não admira que reparta com ella uma riqueza que se não fossem os seus auxilios eu não houvera alcançado.

—Mas Sr. talvez tenhais familia, disse Madame Revial muito comovida.

—Tenho se me quizerdes admitir na vossa, respondeu elle fazendo uma reverencia.

—Ah vós já fazeis parte da nossa familia havia muito tempo, disse Anna apertando nas suas as mãos de Dechazel.

E depois com um gesto que indicava toda a sua grã e candura, continuou em voz mais baixa apontando para o noivo.

—Elle é que vos levantou; conhecei-lo? Ah dizis que me deveis a vida; mal sabeis quanto vos devo... eu vou-lhe dizer... tenho tempo para isso porque nunca haveis de sair da nossa companhia.

Julio foi apertando a prima á noiva, e assignaram ambos a escriptura de casamento que feita sob tão bons auspícios terá sem duvida escriptura de felicidade.

(Do Nacional.)

Errata.

—No aviso do doutor Miguel Ferreira Tavares, impresso em o n.º 22, onde diz—no seu negocio da corte—leia-se—no seu regresso &c.

AVISOS.

—Para a Granja a sahir impreterivelmente athe o dia 30 do corrente Março, o muito veleiro e bem construido Patacho "Joven Maranhense"; quem nelle quizer carregar derija-se ao Escrip-torio das Senhoras Meirelles, ou ao Capitão José Mendo de Souza.

—Carne seca de Sumaca, boa, vende-se em Casa das Senhoras Meirelles em grandes e pequenas porções, athe huma arroba, e por preço o mais commodo possível. Maranhão 22 de Março 1840.

—Hum preto de nome Paulo, nação Angola, escravo das Senhoras Meirelles e que o foi á tempo dos herdeiros do fallecido Sr. Lourenço de Castro Belforte fugio da Casa das ditas Senhoras em dias do mez de Março corrente; seus signaes mais notaveis são os seguintes. Rosto hum pouco picado de bixigas; estatura baixa, canellas delgadas; idade 40 annos pouco mais ou menos; e levou algumas mudas de fato, calças e camizas do riscado, e no corpo humna calça de Zarte; Quem o prender e entregar nesta Cidade a suas Senhoras receberá indemnisação do seu trabalho. Maranhão 22 de Março 1840.

Maranhão, Typographia Imparcial Maranhense. Anno de 1840.

CHRONICA MARANHENSE.

VOL. II.

DOMINGO 29 DE MARÇO DE 1840.

N.º 224.

Assigna-se em casa do Redactor, rua do Egypto n.º 12, e na Fabrica de Chapcos de Vidigal Irmão & C., rua Grande: preço por trimestre 3\$000, por semestre 5\$500, e por anno 10\$000 reis, pagos adiantados. As folhas avulsas vendem-se a 160 reis na sobredita Fabrica, e os artigos imprimem-se a 60 reis por linha, mas os dos assignantes, gratuitamente, com tanto que não excedam a 20 linhas.

MARANHÃO: IMPRESSO NA TYP. IMPARCIAL MARANHENSE. ANNO DE 1840.

RIO DE JANEIRO.

Pauta das avaliações dos líquidos em geral e farinha de trigo, organizada na conformidade do que dispõe o decreto de 7 de Janeiro de 1840, pela comissão nomeada no decreto de 27 de Maio de 1839.

O Regente, em nome do Imperador o Sr. D. Pedro II., attendendo aos inconvenientes que resultam da organização das pautas seculares, determinada no art. 2.º do decreto de 6 de maio de 1839, para o pagamento dos direitos sobre os líquidos em geral e a farinha de trigo de produção estrangeira, ha por bem revogar o sobredito artigo, e ordenar que a pauta para o pagamento dos referidos direitos seja organizada na forma do regulamento das alfândegas do imperio, e pela comissão nomeada por decreto de 27 de maio do dito anno.

Manuel Alves Branco, do conselho do mesmo augusto Sr., senador do imperio, ministro e secretario de estado dos negocios da fazenda, e presidente do tribunal do thesouro publico nacional, assim o tenha entendido e faça executar com os despachos necessarios.

Palacio do Rio de Janeiro, em 7 de janeiro de 1840, decimo nono da independencia e do imperio.—Pedro d'Araujo Lima.—Manuel Alves Branco.

Pauta das avaliações dos líquidos em geral, e farinha de trigo.

Aguardente de França, cognac, pipa de 180 medidas.....	300\$000
Dito qualquer, pip. de 180 med.	160\$000
Dito de França, cognac, em garrafa ou em botijas, duz. de 3 med.....	10\$000
Dito qualquer, em garrafa ou em botijas, duz. de 3 med.....	5\$000
Dito qualquer, em garrafas, pip. de 180 med.....	160\$000
Alcohol, lib. de 16 onças de 33. Cartier para mais.....	1\$200
Azeite doce em cascos ou botijas, pip. de 180 med.....	200\$000
Dito em garrafas, duz. de 3 med.	6\$500
Azeite de qualquer materia vegetal não especificada, pip. de 180 med.....	180\$000
Dito de qualquer substancia animal não especificada, pip. de 180 med.....	110\$000
Dito de peixe, bafio e espermacti, pip. de 180 med.....	150\$000
Cerveja, pip. de 180 med.....	160\$000
Ditas em garrafas ou botijas, duz. de 3 med.....	4\$000

Cidra, pip. de 180 med.....	30\$000
Dito em botijas ou garrafas, duz. de 3 med.....	4\$000
Farinha de trigo, barrica de 6 arr.....	16\$000
Genebra em pipa, pip. de 180 med.....	160\$000
Dito em garrafas ou francos, duz. de 3 med.....	3\$400
Dito em botijas, duz. de 3 med.	3\$000
Dito em garrafas, pip. de 180 med.....	160\$000
Licores, duz. de 3 med.....	7\$200
Vinagre, pip. de 180 med.....	60\$000
Vinho de Champaña, pip. de 180 med.....	360\$000
Dito de Xeres, pip. de 180 med.	280\$000
Dito da Madeira superior, pip. de 180 med.....	280\$000
Dito muscatel, pip. de 180 med.	240\$000
Dito do Porto leitoria, pip. de 180 med.....	240\$000
Dito da Sicília, marsala, pip. de 180 med.....	180\$000
Dito de Portugal, jurupiga, pip. de 180 med.....	150\$000
Dito de Bordéus superior, pip. de 180 med.....	132\$000
Dito de Lisboa, pip. de 180 med.	120\$000
Dito do Porto e da Sicília, á imitação do da Madeira, pip. de 180 med.....	110\$000
Dito da Figueira, Vianna, verde ou da Madeira common, pip. de 180 med.....	100\$000
Dito de Hespanha, pip. de 180 med.....	85\$000
Dito qualquer não especificado, pip. de 180 med.....	80\$000
Dito de Champaña e Costancia, ou á sua imitação, duz. de 3 med.....	18\$000
Dito da Madeira, muscatel, Xeres, Rheno branco, ou tinto, e de Bordeaux de qualquer qualidade, duz. de 3 med.....	12\$000
Dito muscatel Frontignan, duz. de 3 med.....	4\$500
Dito qualquer não especificado, duz. de 3 med.....	9\$000

Quanto á verificação da capacidade das vasilhas, abatimento para atostos, quebras e vestorias, nenhuma alteração soffrerá o systema até agora seguido.

Nas avaliações dos líquidos em cascos, garrafas, francos, e botijas, estão incluídas as vasilhas.

Nos preços d'esta pauta estão comprehendidos os direitos, e por isso quando se fizer a arrecadação dos mesmos se fará o calculo sobre a quantia liquida, que, sommada com os direitos que a mercadoria tiver de pagar, e com o abatimento

para atostos e quebras, prefaza os preços dados.

Instruções para a execução pratica da pauta dos líquidos em geral, e da farinha de trigo.

Art. 1.º Quando o genero que se despachar houver de pagar 48 $\frac{1}{2}$ por cento de direitos, e 5 por cento de expediente e armazenagem adicional, por pertencer a nação com quem o Brasil não tem tratados, ajuntar-se-hão tres cifras ao preço da pauta, e dividir-se-ha este assim augmentado por 1485; multiplicar-se-ha o quociente d'esta divisão por 535, e o producto, separados tres algarismos á direita, será a importancia dos direitos e expediente que se ha de pagar.

Art. 2.º Quando o genero tiver de pagar tão somente os direitos de 15 por cento, e mais 5 por cento de expediente e armazenagem adicional, se dividirá o preço da pauta, augmentado de duas cifras, por 115, multiplicar-se-ha o quociente d'esta divisão por 20, e o producto, separados dois algarismos á direita, será a importancia dos direitos e expediente.

Art. 3.º Se porém o genero for despachado por baldeação, ou reexportação, o preço da pauta augmentado de duas cifras será dividido por 102, o quociente multiplicar-se-ha por 35, e o producto, separadas tres cifras, será a importancia de taes direitos e expediente.

Exemplos.

Preço da pauta para aguardente qualquer, 1608.

Exemplo do calculo para o primeiro caso de pagar o genero 53 $\frac{1}{2}$ por cento:

160000000	÷	1485
11500		
11050		107744
6550		535
6100		
160		538720
		323232
		538720
		5763200

Exemplo do calculo para o segundo caso de pagar o genero 20 por cento:

160000000	÷	115
450		
1050		139130
150		20
350		
50		2782000
40		

Exemplo do calculo para o terceiro caso

de pagar o genero de 3 1/2 por cento:

160000000 ÷ 102	
380	
700	156862
880	35
640	
28	784310
	470586
	5430170

N. B. Quando o genero se reexportar de uma para outra provincia, ou para fora do imperio, se ajuntará á importancia dos direitos e expediente mais 1/2 por cento de armazenagem no mez, calculado sobre o mesmo quociente, á qual estão sujeitos todos os generos reexportados, na conformidade do alvará de 26 de maio de 1812, não revogado pela legislação posterior.

Rio de Janeiro, 29 de fevereiro de 1840.—Manuel Alves Branco.

(Journal do Commercio.)

Manoel Alves Branco, Presidente do Tribunal do Thesouro Publico Nacional participa ao Sr. Inspector da Thesouraria de Maranhão, que nesta data remette ao Sr. P. da P. para terem a devida execução os Decretos de 7 do corrente mez, um pondo em inteiro vigor o de 12 d'Agosto de 1837 por que foi promovido a Official maior da Secretaria Francisco José Cesar d'Amaral, e outros nomeando a J. T. J. Frasso para o lugar de Official maior da Contadoria, João Antonio da Costa, e E. S. C. Lobão para o de Official maior da Secretaria, e Joaquim Antonio Cantanhede e Raimundo João d'Azevedo para os de Amanuenses, e que aprova os nomeados para a Contadoria conforme a relação inclusa.

Desta maneira, providos como ficão todos os lugares da Thesouraria e de crer que se possa vencer e pôr em dia os seus trabalhos, não obstante se o expediente for tal que para elle não bastem estes empregados, e os das Repartições extintas já tidos, o Sr. Inspector aditará os outros que por ventura existão ainda na Provincia e estejam na caso de poder prestar serviço, e quando ainda assim se der a necessidade de maior numero de braços engajará colaboradores como lhe foi permitido pela ordem de 28 de Junho de 1839, não excedendo já mais o numero de tres, e far-lhes-ha abonar hum vencimento igual ao ordenado de 2.º Escripturario; convem advertir que cessando a necessidade delles devem ser immediatamente despedidos do serviço. Tendo pois o Sr. Inspector com esta providencia, e com a que lhe dá a Lei de 4 de Outubro de 1831, de prorogar as horas do expediente, os meios precisos para acabar com o atraso em que se achão os negocios da mesma Repartição, poderão proceder contra os Empregados negligentes e incorrigíveis pela maneira com que as Leis lhe facultão, e representar ao Governo contra os que devam ser punidos por meios mais severos; não lhe será d'ora em diante desculpada qualquer omisso no serviço, o que é de esperar se não d'ora só pelos recursos que ora se põem a sua disposição como pelo zelo que é de esperar que o Sr. Inspector empregue no desempenho dos objectos que estão a seu cargo. Haverá por muito recommendado tudo quanto pertence também ás outras Repartições de Fazenda, entrando no exame da parte administrativa e pessoal

para indicar ao Governo o que deva ser reparado ou alterado. Quanto a Thesouraria, remetterá com a brevidade possível um relatório do estado della ate a data do recebimento desta ordem, declarando circunstanciadamente qual seja o atrazo em que se acha cada um dos negocios, e fazendo chegar ao conhecimento do Thesouro a marcha e progresso que vão tendo. O official da Secretaria Lobão continuará a servir na Contadoria, e se for mister que algum outro Empregado da Secretaria passe a servir naquella Repartição o Sr. Inspector o poderá remover. Pelas razões expendidas em seu officio de 13 de Março deste anno, n.º 30, cumpre dimittir Joaquim José de Moraes Rego do lugar de 3.º Escripturario da Contadoria, que exerceia.

Em solução ás duvidas propostas em seu officio de 30 de Junho ultimo, n.º 67, declara-se-lhe que a authorização concedida pela ordem de 28 de Junho n.º 54 era somente relativa ao provimento dos lugares vagos, nos termos da tabella que acompanhava a ordem de 12 de Outubro de 1833, dos que fossem vagando, e á admissão d'alguns colaboradores, quando fossem absolutamente indispensaveis, para a tomada das contas, e por em dia a escripturação; authorização que ora fica sem vigor em consequencia de se haverem providos os lugares vagos, e das outras providencias que por esta se dão.

São tão obvias as razões que justificão a impossibilidade de fazer-se com accio e exactidão precisa a escripturação do Diario, sem ter antes lugar em hum borrador, que oocio he reforil-as, e o Sr. Inspector ficará na intelligencia de que he inadmissivel a pratica que parece querer se siga a este respeito na Thesouraria, e de que trata o seu officio dirigido na data de 29 de Outubro do anno passado ao respectivo Contador, accrescendo que nem a Lei de 4 de Outubro nem o Regulamento se oppõe a que haja borradores. Rio 28 de Fevereiro de 1840.—Manoel Alves Branco.

MARANHÃO.

N.º 185.—Ilm. Sr.—Levo ao conhecimento de V. S. que por alguma falta de vigilancia que houve em o Acampamento da Miritiba, e por se achar aquelle Ponto guardado unicamente por quarenta e duas praças; achando-se em explorações, e diversos serviços fora do Acampamento mais de cento e cinquenta, foi invadido pelos rebeldes ás onze horas da noite do dia 19 do corrente sendo victima de sua facilidade o Capitão João Luiz de Castro da Gama, commandante daquelle Destacamento, e mais o Alférez Amaral que morreu afogado, e tomarão uma pequena porção de armamento e munições por estar quasi todo distribuido á tropa que andava fora. Felizmente estamos outra vez de posse d'aquelle Ponto para onde mandei já uma força commandada por trez Officiaes e munições de Guerra e boca, marchando n'este numero voluntariamente a maior parte dos que tinham vindo fugidos d'aquelle Povoação, para se reunirem a cento e vinte e tantas praças que alli se achão sob o commando do Capitão Manoel José da Fomeca. O que communico a V. S. a fim de que não cause na Capital sobresalto algum tal acontecimento, ficando na certeza de que já depois d'esta catástrofe, se foi ao encontro dos rebel-

des em o lugar Cruz Alta, e forão batidos em debandada. E mesmo no acto da entrada da Povoação elles perderão seis mortos e muitos feridos pelo fogo dos nossos soldados, e da canhoneira, não podendo elles fazer o seu costumado massacre em taes casos por se entregarem todos a pillagem, e darem tempo ao pequeno numero dos nossos, depois de uma hora de fogo embarcaram-se na Canhoneira Promptidão, e no lanchão Victoria; voltando depois a sua raiva para estas duas Embarcações, toda a sua furia fazendo-lhe fogo por mais de onze horas matando, e ferindo algumas mulheres e crianças; e cahindo muitos d'elles pelo fogo de metralha que do bordo se lhe fazia. De cinco soldados nossos que tinham ficado prisioneiros já se apresentão dois n'este Acampamento, e julgo que os trez já lá estarão unidos a seus companheiros. Deos Guarde a V. S. Quartel do Commando da 3.ª columna em o Icatú 23 de Março de 1840.—Ilm. Sr. Manoel de Souza Pinto de Magalhães, Coronel e Commandante da Guarnição da Capital—Luiz Antonio Pavilla, Tenente Coronel Commandante da 3.ª Columna.

CHRONICA MARANHENSE.

A cauda do Cometa.

—E' esta cauda tam monstruosamente estirada que para desenrola-la ha-se mister mais trabalho, que o que teve certo figuração em desenrolar a corda com que o carrasco enforcou o preto Lino em Maio do anno passado. Assim, iremos trabalhando conforme as nossas forças, o dando noticia da cauda na proporção que o Cometa for apparecendo.

Por hoje apresentamos aos nossos leitores o documento abaixo transcripto, que a todos os respeitoes é digno da mais seria attenção. A camara municipal desta capital recebeu da thesouraria peculiar a quantia de quatro contos de reis, que foi entregue ao senhor Leonel Joaquim da Serra, para, na qualidade de administrador das tulhas, comprar e vender este senhor a farinha de mandioca pelo preço do mercado, evitando-se de tal arte que os atravessadores comprassem a farinha por um preço, e a vendessem pelo dobro ao pobre povo. Quando teve logar a tal instituição do terreiro das tulhas (por cuja administração percebia o senhor Leonel a bagatella de 800\$000) e esse abono de quatro contos que o cofre provincial fez á camara, estava a farinha a cinco e seis patacas ao alqueire, e prometiam os interessados em toda essa trama que ella baixaria a dez tostões, e a menos talvez. Mas infelizmente para o povo, que ainda então vivia illudido, o senhor Leonel ia ganhando os seus 800 mil reis, a farinha subiu a 10 e 11 patacas; por pretendidas infracções do monstruoso regulamento das tulhas, apprehendia-se diariamente um grande numero de alqueires de farinha aquelles que a haviam feito com o trabalho dos seus braços. O clamor publico atroou então os ares; aboliu-se o terreiro das tulhas, e immediatamente a farinha baixou a quatro e cinco patacas! Como se poderaõ explicar estas rapidas differenças nos preços, quando não havia irregularidade alguma nas estações, senão por manobras fraudulentas dos atravessadores, pagos ou não pagos pelo estado?

O senhor Leonel é um homem predestinado! Nas suas mãos o bem se converte em mal; do thesouro provincial passaram 4.000\$000 de reis com o fim de melhorar a sorte das classes consumidoras; mas a sorte das necessidades empiorou excessivamente, e depois de mais de um anno de demora, apenas voltaram para o cofre provincial 1508\$352 reis! Cerca de 2.500\$000 reis se evaporaram em diferenças de preços, com as transações do senhor Leonel e em furibundas que apodreceram, sob a benéfica influencia do Cometa! E advirta-se que esta explicação do enorme desfalque, é dada cá por fora, e vagamente, porque tendo nós requerido que na certidão relativa a este desgraçado negocio, se transcrevessem os officios, contas, e guias competentes, tudo nos foi negado, ao que parece, porque nada existe.

Como é possível que o senhor Leonel Joaquim da Serra, que fez esta extranha administração, não tenha publicado até hoje coisa alguma para justificá-la, ou quando menos, explicá-la? Julga acaso a sua reputação tão bem estabelecida, que não necessite de defesa? Ou antes a tracta com o mesmo desprezo com que as reputações alheias? O Cometa que tem frequentemente prodigalisa os epithetos de malvado, assassino, corrupto, revolucionario, e outros tanto ou mais afrontosos que estes, a individuos respeitáveis, e por ultimo ao tribunal inteiro da razão, e tudo por uma maneira desordenada e quasi delirante, sem um só raciocínio, sem um só documento, como destruirá agora, em defesa do senhor Leonel (seu intimo amigo) as conclusões que tiramos de um documento, posto que incompleto, ministrado pela propria repartição de que elle é chefe? Seguramente encherá quatro paginas de insultos, e fallar-nos-ha muito de desordens, de Raimundo Gomes, e Balão; unico campo a que desejariam todos os devoristas que se limitasse toda a discussão, a ver se assim evitam que as suas mazellas se patentessem.

Lê-se o nosso requerimento, e a certidão; e veja-se que houve uma demora de cinco mezes em passar-se-a, prova evidente de quanto isso custava ao respeitavel ex-administrador das tulhas. Ainda assim foi necessario que dirigissemos novo requerimento de queixa, sendo a demora ainda seria maior. Nos seguintes numeros continuaremos a desenvolver a cauda do Cometa.

Requerimento.

Ilm. Sr. Inspector interino.

Passe Maranhão 25 de
Junho de 1839.

Lopes.

Servindo de Inspector.

—João Francisco Lisboa, quer por certidão qual foi a somma que se entregou á Camara Municipal desta Cidade, ou a Leonel Joaquim da Serra para este empregar na compra das farinhas que foram vendidas nas Tulhas; quizes as quantias entradas por conta da mesma somma, com especificação do tempo das entradas; transcrevendo-se finalmente, na exigida certidão, os officios, contas, e guias concernentes a este objecto organizadas pelo dito Leonel.

P. ao Ilm. Sr. Inspector interino do Thezouro Publico Provincial, haja de mandar passar a requerida certidão.

E R. M.

Maranhão 25 de Junho
de 1839.

João Francisco Lisboa.

Certidão.

—Em virtude do despacho retro certifico, que do lançamento de despeza numero quatrocentos e oitenta e trez a folhas cento e vinte do Livro Caixa de moeda efectiva do anno financeiro de mil oitocentos trinta e sete a mil oitocentos e trinta e oito, pertencente a extinta Thezouraria Pecuniária, consta haver recebido a Camara Municipal desta Cidade por seu Procurador Gregório Thaumaturgo Correia da Silva, em data de vinte e dois de Fevereiro, a quantia de um conto de reis, por conta da de dois contos de reis, recebendo outra igual quantia em vinte e nove de Março do mesmo anno, pelo lançamento de despeza numero quinhentos e setenta e dois, a folhas cento e quarenta e trez do mencionado Livro, em virtude da ordem do Governo da Provincia de vinte e um de Fevereiro de mil oitocentos e trinta e oito; e bem assim pelo lançamento de despeza numero oito, a folhas onze, do Livro Caixa de Bilhetes de Direitos d'Alfandega recebeu mais a mesma Camara por seu Procurador ja mencionado, em data de vinte e seis de Janeiro do indicado anno financeiro, a quantia de duas contos de reis, em virtude da ordem do Governo da Provincia de vinte e tres de Janeiro de mil oitocentos e trinta e oito. Do lançamento de receita numero cincoenta, a folhas cincoenta e cinco do Livro Caixa de moeda efectiva deste Thezouro, do anno financeiro de mil oitocentos e trinta e oito a mil oitocentos trinta e nove, consta haver entregado Gregório Thaumaturgo Correia da Silva como Procurador da Camara Municipal desta Cidade, ao Thezourario desta Repartição Francisco Antonio Rodrigues Franco, a quantia de um conto quinhentos e oito mil quinhentos e cincoenta e dois reis, por saldo da quantia de quatro contos de reis que havia recebido a referida Camara para empregar em compras de farinha que devia ser rendida por minado no seu Municipio; cuja entrega foi effectuada em quinze de Março de mil oitocentos e trinta e nove, corrente. A vista da presente Petição é quanto posso certificar, e aos mesmos Livros me reporto. Thezouro Publico Provincial do Maranhão 23 de Novembro de 1839.

O Escriptuario

Manoel João Serra.

—Neste numero publicamos uma portaria do ministro da fazenda, datada em 23 de Fevereiro, e dirigida ao inspector da thezouraria desta provincia, o respeitavel senhor Manoel Gomes da Silva Bel-fort. O assado varão ficou sem duvida ardendo com a sua leitura, mas cumpre fazer algumas breves explicações, para que o publico possa conhecer os motivos do encommodo deste homem eminentemente serio.

Sua Senhoria, que tem memoria te-naz, e parece que se lembrava ainda de

questões que tinha do quando era thezourario com o primeiro escriptuario, o sr. Ignacio Tolentino, assento de tirar a sua desforra, quando galgou o logar de inspector, com preterição de seus honrados funcionarios que tinham mais direitos que elle. Começou pois a perseguir o senhor Tolentino com reprehensões, imputando-lhe a elle particularmente o atraso do serviço, que é geral, fazendo-o trabalhar mais uma hora que os outros empregados, e achando-o de inepto e desleixado em documentos officinaes, tudo para justificar a sua proposta, em que excluía, contra o voto e parecer do honrado contador, ao senhor Tolentino do logar de official maior da contadoria, que lhe competia por accesso. Mas o ministro, inteirado da verdade, despresou por esta vez as intrigas daquelles que lhe emphaticaram os votos, e o senhor Tolentino foi despedido official-anterior, em despeito do furor encarniçado com que o senhor Manoel Gomes o perseguia, e perseguirá ainda.

O ministro resolveu que continuasse a pratica de escrever-se em minutas ou borradores, antes de se passar a escripturação a limpo. Ora o sr. inspector, para justificar a preterição do senhor Tolentino, tinha-o chamado estúpido, inepto, e incapaz, num officio, porque usava escrever previamente em minutas; ao que, mesmo nesse tempo, retorquiu o contador, o senhor José Firmino, dizendo-lhe que se tal pratica denotava ineptidão, elle que a tinha sempre seguido (bem como todos os seus antecessores) agradecia ao senhor inspector a parte que lhe tocava do elogio. O ministro decidiu a questão, e machucou mais esta vez o orgulho cego do senhor Manoel Gomes. —Nós desejamos agora saber quem é o estúpido, o incapaz de servir, ou como escriptuario, ou como chefe de repartição, o empregado que segue uma pratica antiga, trivial, e commun em todas as repartições, ou o chefe que insulta os seus subordinados, e os quer preterir, por seguirem essa mesma pratica? Quem é o ignorante, o digno até de ser demittido, o subalterno que cumpre com os seus deveres, ou o superior que transforma em ineptidão o cumprimento desses deveres? Com que cara ha de agora o senhor Manoel Gomes apparecer aos seus subordinados, se até n'uma questão de borradores e minutas elles se mostraram mais entendidos do que elle?

O ministro, provendo certos logares vagos, declara igualmente ao sr. inspector que lhe não admittirá mais desculpas do atraso acerca da escripturação. Ainda isto necessita de explicação. E de saber que o senhor Manoel Gomes, entre outras causas a que attribue o atraso da escripturação, aponta essa excomungada pratica dos borradores. Que atilado inspector!

Pretendem alguns que, visto o nobre orgulho de que é dotado o sr. Manoel Gomes, elle dará sem duvida a sua dimissão, mal podendo tolerar que o ministerio decida contra elle, e a favor dos seus subordinados, em questões tão simples, como a da pratica dos borradores. Nós porem que conhecemos o respeitavel financeiro muito mais do que os celeberrimos estilos do *Asiogo do Paiz*, poderemos afontadamente dizer á patria que descanse, e não tenha medo de perder um tam habil e accomodado servidor. Quando mais não fosse, elle se não demittiria só para ver no que isto parava. O seu orgulho consiste todo em tractar mal

os seus subalternos, em carregar-se no semblante, e em affectar uma importancia, que realmente não tem; mas com ministros, não haja medo. O sr. Candido Baptista reprehendeu-o por vezes por alguns erros commettidos, mas S. S. nem se dá por achado. O sr. inspector ha de ver agora meios e modos de tirar a sua desforra com os empregados que lhe são inferiores, em escala; os sr. T. V. e os sr. Tolentino, e outros, que andam vigilantes; é verdade que o sr. M. Gomes tem dado mostras de engolir esse pelão amargo sem fazer a cara feia; mas lembrem-se da serpente que guardava as tres eirdas encantadas; quando parecia dormir, estava bem acordada e experta. Cantella com o ar prazenteiro e satisfeito do senhor Manoel Gomes!

Ah! ninguém sabe quanto nos custou escrever estas linhas a respeito do senhor inspector, por quem temos as mais vivas sympathias, tão vivas como as que elle tinha pelo sr. Joaquim Franco de S. M. Mas tanto nós como S. S., somos victimas immoladas aos nossos inexoraveis deveres. Cruel necessidade!

O revez soffrido na Miritiba não foi tamanho como se espalhou nesta capital, e não erramos, quando dissemos que elle podia ser promptamente reparado: a Miritiba já se acha novamente occupada pelas nossas forças. No officio do sr. tenente-coronel Pavilla ao senhor commandante da guarnição encontraram os leitores a exposição succinta desse desgraçado acontecimento. Parece que a nossa perda foi de cinco homens, incluindo os dous officiaes, mas sem contar a gente da povoação que foi assassinada fora do combate.

VARIEDADE.

MICROSCOPIO SOLAR.

—Nilil mortalibus arduum est, clama-va com enthusiasmo o lyrico romano admirando as maravilhosas conquistas da intelligencia humana com a mesma exclamação começaremos nós este artigo, em que pretendemos dar conta de hum dos mais bellos inventos do espirito do homem, o microscopio solar. Levados os mais tenues objectos a esse instrumento, huma gota imperceptivel de agua, a extremidade da penugem do beija-flor, o pó que nutria as asas da borboleta, multiplicam ao infinito seu tamanho e revelam ao sabio todo o mysterio de sua composição, e satisfazem a curiosidade com hum espectáculo inesperado e sublime. A pulga sobe no tamanho do elephante, o macio cabelo do menino he humo brenha de taquaras e cipós, o delgado tecido da seda hum mato virgem onde ramos e troncos se confundem, se embaraçham; o pingo d'agua que cahie de hum palito torna-se hum oceano pavendo de mil entes, que vivos se agitam, se revolvem, correm apressados, e succumbem enfim secando o elemento em que vivem.

Somelhante espectáculo excede tudo o que a mais hyperbolica imaginação pôde conceber, e deixa-nos a alma penetrada do sentimento profundo da magnificência da criação e da magnificência do Creador; pois se o sol, se as estrelas narram sua grandeza, não deixamos tambem de admira-lo vendo-o tão completo, tão perfeito em suas mais pequenas obras.

Felicitemos pois o publico desta capital, que quasi ao mesmo tempo em que a Europa culta está admirando semelhante invento, pôde aqui melhor desfructa-lo; melhor dizemos, por quanto dependendo a realisação desses phenomenos da intervenção do sol, este em nossa bella patria apresenta-se com toda a sua força, toda a sua magnificência, e torna mais prestigiosas as maravilhas que opera. He de esperar que nossos patricios, e mais ainda nossas formosas patricias, não percaão esta tão rara occasião de deliciar-se, e ao mesmo tempo instruir-se.

(Do Jor. do Com. de 27 de Fev.)

ANNUNCIO.

—No principio do mez de Abril proximo sahira á luz o periodico intitulado—**QUAJAJARA**—destinado á combater os Cometas, Legalistas, Amigos do dinheiro do Paiz, em huma palavra, todo o partido dos gavieiros. Publica-se na Typografia do sr. Ignacio José Ferreira, rua do Sol, n. 51. O preço da assignatura por trimestre de 26 n.ºs he 1500 reis, a folha avulsa vende-se a 60 reis.

AVISOS.

—O Banco Commercial do Rio de Janeiro recebe em deposito moedas de ouro, prata, joias, titulos do governo, e de estabelecimentos publicos, ou particulares, mediante a commissão de meio por cento do valor do objecto depositado, pago por huma só vez na occasião da entrada.

Abre conta corrente com os depositadores de fora da Corte de moedas circulantes recebendo e pagando, sem que por isso exija commissão alguma; com a clausula porem de que os saques sobre o Banco, por semelhantes depositos, não deverão ser com menor prazo que o de quinze dias vista precisos.

Faz adiantamentos sobre titulos de valores, a prazo fixo, e não fixo, pelo tempo, modo, e juro que se convencionar.

Encarrega-se por conta alheia, da compra e venda de metaes, de Apolices da Divida Publica, de todos e quaisquer outros titulos de valor, da cobrança de dividendos, mediante a commissão de meio por cento sobre quaisquer destas operações. Tambem se encarrega, e gratuitamente, da compra no mercado de suas proprias Ações, e da cobrança e remessa dos respectivos dividendos.

Recebe dinheiro a premio segundo as condições que se convencionarem.

As pessoas a quem a presente publicação possa interessar podem dirigir-se, para quaisquer informações que desejem, ao correspondente do referido Banco nesta praça José Rodrigues Roxo no largo do Palácio.

—O abaixo assignado faz sciente ao respeitavel Publico que possui alguma fazenda de qualquer natureza, com sua mulher Rosa Clara Palheiro, sobre os bens do casal que o Annunciante legitimamente administra; embora a dita

sua mulher, aporetexto de um falso contracto Espousalicio, já obtivesse, pelo Juizo da 1.ª vara do civil escrivão Francisco José Nunes, um Despacho injustissimo, para ser empossada como Administradora daquelle casal, para o que se citaram os inclinos, afim de a reconhecerem como tal; assim como para fazer sequestro em quatro escravos que se diz serem os unicos que o annunciante possuia quando se cazou, dous dos quaes já se achão depositados em poder de Victorino José Rodrigues; sem a tudo isto ter precedido Inventario, e partilha, e ainda se achar letigioso o intitulado contracto; por quanto declara todos nulos, protestando proceder judicialmente contra os que contractarem a despeito deste annuncio, e da mesma sorte previno a todos os inclinos, e devedores do casal não paguem a referida sua mulher por não ser pessoa legalmente authorizada para taes contractos, e cobranças. Maranhão 16 de Março de 1840.

Manoel Antonio Alves Loureiro Vianna.

—Vende-se hum escravo molato official de alfaiate, sadio, de bons costumes, de idade de 20 a 21 annos: quem o pertender dirija-se a rua da Cruz, enza n.º 3.

—O abaixo assignado vende as suas casas de sobrado de pedra o cal n.º 33, sitas na rua de São João, as quaes são de dous andares da varanda até os fundos, que foram feitos para vir a frente; e declara que faz toda a qualidade de negocio sobre o seu pagamento. Maranhão 23 de Março de 1840.

Marcolino Severina da Silva

—Quem quizer comprar legoa e meia de terra no Rio preto, onde estão situados os libertos herdeiros no Testamento do Major Feliciano Henrique Franco; e assim mais duas legoas de terras na paragem dos Moquens, distante da beira da Parnahiba humo jornada, que estão despovoadas de braços agricultores, e occupadas por Asseneiros, bandidos, e salteadores pertencentes a Quadrilha de Raimundo Gomes, Balaio, Cosme &c.; e duas legoas nas Freixiras perto do Codó infestadas de Gentoio, que são os unicos bens da herança do dito Major, fale com o seu 2.º Testamenteiro abaixo assignado assistente em Alcantara, que lhas pôde vender por preço deminuto para pagar primeiramente aos Credores da dita herança que nellas tem direito a hypoteca publica especial e geral, e se restar satisfazer-se 4 pequenos legados que devem pagar o Sello Imperial, em que a Fazenda publica poderá interessar com mil reis pelo zelo do Doutor Fiscal.

Manoel Paixão Santos Zacheo.

—José Maria Faria de Mattos precisa comprar hum escravo de bons costumes; ou hum rapaz que tenha disso algum principio. O mesmo tem no seu escriptorio, rapé princeza chegado proximo de Lisboa, a tres mil e duzentos a libra. Maranhão 27 de Março de 1840.

—Em Casa de José da Cunha Braga & C. na Rua da Palma vendem-se charutos curtos a imitação dos de Abana por preço comodo.

—No Hospital Militar compra-se Panos velhos, sendo de Lido a 320 reis, e de Algodão a 160 reis a Libra. Hospital da Cidade do Maranhão em 26 de Março de 1840.

José Joaquim Ferreira,
Capitão.

Maranhão, Typographia Imparcial Maranhense. Anno de 1840.